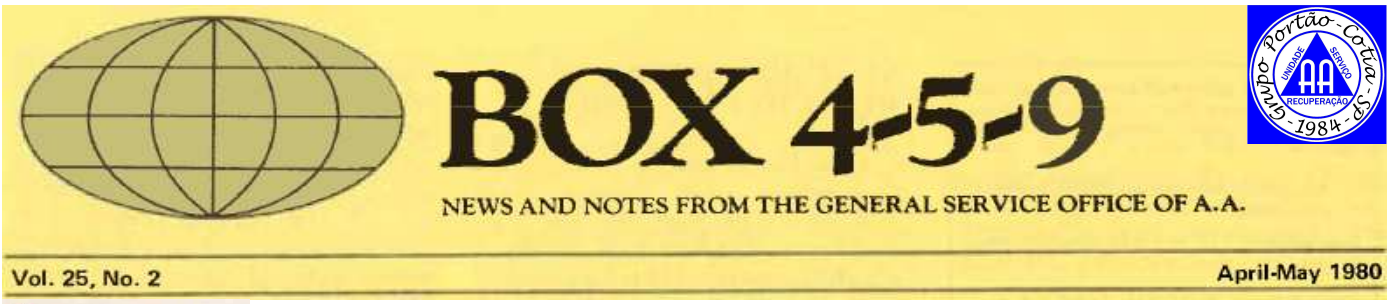


November, 1956
AA EXCHANGE BULLETIN
News and Notes on Alcoholics Anonymous Worldwide
Volume 1 Published by General Service Headquarters of A.A., P. O. Box 459, Grand Central Annex, New York 17 Number 7

Pequena Viagem Ao Mundo de A.A. Através dos Artigos do Box 4-5-9

Desde Maio de 1956.

"Grátis: informação sobre A.A. que você não obterá nas reuniões"

http://www.aa.org/newsletters/es_ES/sp_box459_holiday06.pdf

box 459

Este exemplar pertence a

Edição setembro **2014**

Introdução

"É possível que a resposta a qualquer pergunta que lhe possa ocorrer referente a Alcoólicos Anônimos apareça em algum número do **Box 4-5-9.** *Neste boletim, os Grupos contam seus problemas e soluções coletivos, os membros falam de seu entendimento pessoal do programa, e os servidores compartilham formas inovadoras de levar a mensagem. Os artigos variam desde reportagens do acontecido na Conferência de Serviços Gerais até a informação a respeito das pessoas e eventos que deram forma à Irmandade no passado, e um panorama fascinante de temas.…".*

http://www.aa.org/newsletters/es_ES/sp_box459_holiday06.pdf

Muito importante: os textos contidos nesta apostila ***fazem parte da literatura de A.A.*** aprovada pela Conferência de Serviços Gerais dos EUA/Canadá (exceto os artigos não extraídos do *Box 4-5-9*). Entretanto, se por ventura houver alguma posição já tomada ou que venha ser adotada pela Conferência de Serviços Gerais de A.A. do Brasil, JUNAAB, ou ESG no Brasil, através de seus relatórios e boletins oficias, com interpretação diferente dos assuntos nesta apostila tratados, sua versão deverá sempre preceder e prevalecer aos textos aqui transcritos.

As transcrições foram feitas por um AA unicamente para membros e amigos de A.A. Seu propósito é levar aos novos membros um mínimo do conhecimento básico da fascinante história de A.A. que além de educativa, pode ser muito útil no processo de recuperação e incentivá-los a se aprofundarem na pesquisa e divulgação de nossas raízes e na preservação de sua linguagem universal.

Esta apostila é uma coletânea de artigos recolhidos do boletim oficial do GSO – Nova York, ***Box 4-5-9,*** nas edições publicadas a partir de novembro de **1956**, traduzidos da sua versão em español e divulgados com autorização de **© Alcoholics Anonymous World Services, Inc., 2014,** conforme notificação na página **8**, da qual qualquer membro de A.A. ou órgão de serviço poderá fazer uso. O critério de seleção dos artigos por este transcritor foi intuitivo visando primeiro sua própria informação e a hipótese dessa informação poder ser útil ao seu Grupo base e/ou a quaisquer outros membros ou Grupos que a desejarem. Boa parte dos títulos dos artigos foi modificada para adequá-los ao formato pretendido pelo transcritor e ilustrações a alguns artigos foram introduzidas; entretanto, os títulos originais foram respeitados e aparecem junto aos créditos dos artigos.

Não se pretende absolutamente dizer a quem quer que seja o quê e como fazer nem obriga a concordar com todo ou parte dos textos, nem contestar, questionar ou desqualificar opinião já formada, mas auxiliar na formação de opinião daqueles que a procuram, através da informação correta, livre de distorções, interpretações personalistas terceirizadas ou conveniências momentâneas e contribuir para a afirmação dos membros na Irmandade e sua inclusão nos órgãos de serviço – Grupo e estrutura.

"As experiências compartilhadas são como os rios que vão parar no mar, que é o conhecer... O conhecer que leva à mensagem correta e oportuna, que leva à ação, que leva à sobriedade serena e feliz...".

Tudo de graça veio de grata-graça está indo. Se o conteúdo lhe for proveitoso, passe adiante nesse espírito. Obrigado.

Índice

Introdução
Apresentação

1. A origem d…

1.1. A origem da Declaração de Unidade
1.2. A origem da Oração da Serenidade
1.3. A origem da Reserva prudente
1.4. A origem das Áreas e dos Painéis
1.5. A origem das ilustrações nos materiais de A.A.
1.6. A origem de *"90 reuniões em 90 dias"*
1.7. A origem do café e das bolachas nas reuniões de A.A.
1.8. A origem do mês da Gratidão
1.9. A origem do termo de Responsabilidade
1.10. A origem dos Arquivos Históricos
1.11. Um passeio pela história: Os Arquivos Históricos do ESG-NY
1.12. A origem dos Escritórios de Serviços

2. O Grupo / A vida em Grupo

2.1. A transição das instituições de tratamento para os Grupos de A.A.
2.2. As finanças do Grupo
2.3. Como podemos ajudar? *(em desastres naturais)*
2.4. Fazer os novos se sentirem especiais – não diferentes
2.5. O Coordenador de Literatura no Grupo
2.6. O dilema dos Grupos de A.A.: Aquelas outras adições
2.7. O Grupo base
2.8. O Grupo de A.A... Onde tudo começa
2.9. Os enviados pelos Tribunais: A comunicação facilita sua transição para A.A.
2.10. Os AAs enfrentam o problema dos enviados pelos Tribunais
2.11. Perturbadores de reuniões
2.12. Por que devemos pagar para assistir aos eventos de A.A.?
2.13. Seu Grupo está preparado para grandes eventos?
2.14. Sobre os problemas de um Grupo de A.A.
2.15. Todo Grupo de A.A. tem o direito de errar

3. Reuniões / Consciência de Grupo

3.1. A Reunião de Serviço
3.2. O que é uma consciência de Grupo esclarecida
3.3. Consciência Coletiva – Texto do Dr. Lair Marques
3.4. Onde se origina a consciência de Grupo Esclarecida
3.5. Na *"anarquia benigna"* de A.A., a consciência de Grupo esclarecida é a última autoridade
3.6. Reuniões de A.A. abertas e fechadas: há uma diferença
3.7. Reuniões de A.A. em instituições de tratamento

4. Grupos especializados / Minorias

4.1. A Conferência Internacional de Jovens em A.A. (ICYPAA)
4.2. Os Internacionalistas e Solitários
4.3. Círculos de sobriedade na Convenção dos Nativos Americanos
4.4. Como A.A. pode servir melhor às minorias
4.5. O que são os Grupos Especiais de A.A. Porque são necessários
4.6. Como fazer para que os idosos em A.A. continuem voltando
4.7. Os Jovens definem seu papel como o futuro de A.A.
4.8. Os Jovens em A.A.

5. Anonimato

5.1. A respeito de colocar a tradição do anonimato em primeiro lugar
5.2. Fotografias nos eventos de A.A.: Pensar antes de clicar
5.3. Mais perguntas sobre o anonimato
5.4. O anonimato – a humildade em ação
5.5. O anonimato diante do público
5.6. O anonimato e as redes sociais
5.7. O anonimato e os meios de comunicação
5.8. O anonimato nas reuniões *"on line"*
5.9. Quando abrir seu anonimato não é quebra de anonimato
5.10. Reflexões sobre o anonimato

6. Apadrinhamento / Décimo Segundo Passo / Mensagem

6.1. Apadrinhamento: Como éramos
6.2. Apadrinhamento: Outra forma de dizer A.A.
6.3. Apadrinhamento em A.A.: Suas obrigações e suas responsabilidades
6.4. Apadrinhamento: Uma via de mão dupla
6.5. Buscamos os principiantes onde eles estão?
6.6. Como fazer uma visita de Décimo Segundo Passo à moda antiga
6.7. Levar a mensagem, ou, a arte do Décimo Segundo Passo
6.8. O apadrinhamento no ingresso em A.A. evita que os principiantes saiam pelas rachaduras
6.9. Onde começamos a levar a mensagem e onde não fazê-lo
6.10. Para os Servidores do Décimo Segundo Passo: O que se deve e o que não se deve fazer

7. Organização / Historia

7.1. A Aprovação da Literatura pela Conferência
7.2. Literatura aprovada pela Conferência
7.3. A evolução da Convenções Internacionais de A.A.
7.4. O que é uma Convenção para você?
7.5. A evolução da Convenções no Brasil
7.6. A exclusão do Circulo e do Triangulo como símbolo oficial de A.A.
7.7. Usos e abusos dos símbolos de A.A.
7.8. A experiência dos Washingtonianos e o propósito de A.A.
7.9. A identificação – a essência do nosso vinculo comum

7.10. A primeira Conferência de Serviços Gerais
7.11. A respeito dos direitos autorais do Livro Azul
7.12. A.A. nunca deve ser organizada
7.13. Al-Anon e os laços que nos unem
7.14. Alcoólico recuperado ou em recuperação?
7.15. Alcoólicos Anônimos – o livro, um ícone cultural
7.16. O Livro Grande faz 50 anos como o *"padrinho"* mais eficiente de A.A.
7.17. O Livro Grande: pioneiro de A.A. impresso
7.18. Uma celebração do Livro Grande
7.19. Alcoólicos Anônimos e a lei
7.20. Alcoólicos Anônimos e os alcoólicos com necessidades especiais
7.21. Algumas perguntas de membros e respostas do ESG
7.22. As "doze promessas" de A.A.
7.23. As Doze Tradições de A.A.
7.24. As Doze Tradições de A.A., ou, Os Filhos do Caos
7.25. Breve história do Escritório de Serviços Gerais – ESG
7.26. Celebremos o 80º aniversario de A.A. em Atlanta, Geórgia
7.27. Como A.A. escolhe alguns dos seus servidores
7.28. Os membros de A.A. funcionários do ESG
7.29. Seleção de pessoal para o ESG
7.30. Como o triângulo invertido faz funcionar a Irmandade
7.31. Como são feitas as traduções da literatura de A.A.
7.32. É preciso ser *"alcoólico puro"* para ser membro de A.A.?
7.33. Membros de A.A. Pesquisa 2011
7.34. Membros de A.A. que trabalham no campo do alcoolismo
7.35. Preenchendo o vazio entre o profissionalismo e A.A. (dois chapéus)
7.36. Meu nome é ..., e sou alcoólico/a
7.37. O espirito de cooperarão entre A.A. e NA (Narcóticos Anônimos)
7.38. O propósito único de NA
7.39. O Grupo de Oxford: Precursor de A.A.
7.40. *"O homem na cama"* ou, a abordagem ao AA nº 3
7.41. O membro de A.A. Medicamentos e outras Drogas
7.42. Para alguns alcoólicos, os medicamentos são necessários
7.43. O princípio da pobreza corporativa
7.44. O programa de A.A. não é religioso, mas espiritual
7.45. A espiritualidade se conhece pelas obras
7.46. Alcoólicos Anônimos e as orações
7.47. Os Doze Conceitos para o Serviço Mundial
7.48. Os livros eletrônicos (e-books), ou: Como levar a mensagem em um mundo digital
7.49. Um propósito único
7.50. Unicidade de propósito de A.A.
7.51. *Website* redesenhado é uma *"mão amiga"* para levar a mensagem de A.A.

8. Em memória de...

8.1. Dr. William Duncan Silkworth
8.2. Reverendo Samuel Shoemaker
8.3. Ruth Hock Crecelius
8.4. Dr. Harry M. Tiebout
8.5. Dr. Harry Emerson Fosdick
8.6. Clinton T. Duffy
8.7. Irmã Inácia
8.8. Padre Edward P. Dowling
8.9. Jack Alexander
8.10. Bernard B. Smith
8.11. Dr. John Lawrence Norris (Dr. Jack)
8.12. Nellie Elizabeth Wing (Nell Wing)
8.13. Pastor Professor Joaquim Luglio
8.14. Tributo a Anne R. Smith **(1881-1949)**
8.15. Tributo ao Dr. Bob **(1879-1950)**
8.16. Despedida do Dr. Bob
8.17. Tributo a Edwin T. Thacher (Ebby T.) **(1896-1966)**
8.18. Tributo a Bill W**. (1895-1971)**
8.19. Última mensagem de Bill W.
8.20. Tributo a Lois B. Wilson **(1891-1988)**

Apresentação

O que é ***Box 4-5-9***

***Box 4-5-9*, Out. Nov. / 2002 (pág. 1-2) => http://www.aa.org/newsletters/es_ES/sp_box459_oct-nov02.pdf**
Título original: "***Informa a tu grupo acerca del secreto mejor guardado de A.A.* - Box 4-5-9"**

... O boletim informativo ***Box 4-5-9*** tem quase o mesmo tempo de existência que o Escritório de Serviços Gerais. O primeiro número foi enviado no dia 11 de novembro de **1940**, datilografado em formato de carta em uma folha de papel mimeografado, tamanho oito polegadas e meia por onze polegadas e no cabeçalho estava escrito ***"Boletim de A.A.".*** Foi criado para satisfazer a necessidade de comunicação entre o que então se chamava a Sede Central e os aproximadamente 150 Grupos conhecidos, e sua declaração de propósito refletia claramente as condições em que A.A. se encontrava naquela época; *"Este boletim foi criado para fomentar o intercambio de ideais com o fim de estabelecer um sentimento mais intimo de amizade entre os Grupos de A.A. da Costa Leste e Oeste e esperamos evitar a secessão de nossas fileiras do Grupo de São Francisco que ameaçou com chamar-se '***Dipsômanos Incógnitos'*** *a menos que tenham noticias nossas com mais frequência. Desde faz algum tempo vem-se considerando a possibilidade de criar um boletim porém a ideia foi sendo postergada devido à falta de pessoal e de espaço no escritório. Ao menos agora temos a equipe e esperamos poder fazer deste boletim uma publicação periódica"*.

O boletim estava assinado por Ruth Hock, a secretária não alcoólica de Bill W., e finalizava com um post-scriptum: *"devido a que no momento não nos é possível fornecer copias suficientes para distribuir a todos os membros de A.A. talvez seja aconselhável que leiam este boletim em voz alta na reunião"*.

Ao longo dos anos, ***Box 4-5-****9* passou por uma série de mudanças e renovações. Em maio de **1956**, recebeu o nome de ***A.A. Exchange Bulletin*** - *Boletim de Intercambio de A.A.,* e seu formato foi ampliado para um boletim de quatro páginas com cabeçalho, títulos e artigos. O primeiro número com o novo nome descrevia seu propósito em termos vigentes até os dias de hoje: "The Exchange Bulletin *foi criado para satisfazer inúmeras petições para ter uma publicação concisa e para todo o movimento onde apareçam noticias da Sede, informação básica sobre A.A. em geral e comentários breves que expliquem a maneira com que os Grupos de A.A. de todas as partes do mundo resolvem determinados problemas"*. Eram conclamados os RSG´s e secretários dos Grupos a *"informar à Sede de como o Boletim podia ser cada vez mais útil nos assuntos dos Grupos"*, e avisava que *"devido às óbvias limitações de espaço, somente poderiam ser tratados assuntos de interesse geral"*. As noticias da Conferência de Serviços Gerais daquele ano incluíam a informação de que existiam 6.249 Grupos nos EUA e Canadá totalizando 135.905 membros. Na página dois aparecia um destaque com um artigo titulado *"Zig-Zag"*, que oferecia algumas ideias a respeito de uma determinada maneira de levar a mensagem: *"Um membro de A.A. de Porto Rico informa que enviou literatura a um homem em Madrid a pedido de um padrinho a quem originalmente lhe havia pedido*

sua colaboração um membro irlandês que conhecia o padrinho através de uma mulher membro de Boston, Massachussets... Bom, o importante é que chegou lá”.

Beth K., membro do pessoal do ESG que se aposentou em **1983**, lembrava que tinha que fazer à mão a montagem do boletim no começo dos anos de **1960**. *“Publicar o boletim era um assunto de azar, de último minuto. Tudo era feito no escritório, exceto a impressão. Todos estavam muito atarefados e parecia nunca haver tempo suficiente para fazer adequadamente o trabalho”.* Outra funcionária do ESG, a antiga arquivista não alcoólica Nell Wing, disse: *“O escritório ficava num prédio bastante lúgubre no número 415 da Avenida Lexington e se nos pagava mais com amor do que com dinheiro. Em **1966**, criei coragem e pedi um aumento. Consegui, $5,00, e com isso a responsabilidade de publicar o boletim. Aquele aumento me custou muitas dores de cabeça”.*

Por sugestão de um membro, a partir da edição de natal de **1966**, foi mudado o nome do boletim para o número da caixa postal do ESG que então era, e continua a ser, **459**, passando a se chamar ***Box 4-5-9***. Agora uma publicação ilustrada de doze páginas, com uma apresentação clara e moderna, o boletim é enviado a mais de 52.000 Grupos do mundo todo e também a milhares de indivíduos, esta disponível em inglês, francês e español. Os dias de montagens apressadas feitas à mão, já são coisa do passado. Atualmente, esse trabalho está nas mãos do Departamento de Publicações do ESG: o/a chefe de redação planeja a colocação dos artigos e das ilustrações, e a composição final e feita num equipamento de edição eletrônica de última geração. A impressão e a remessa de aproximadamente 60.000 exemplares ficam a cargo de uma empresa terceirizada.

Desde seu começo, ***Box 4-5-9***, tem refletido a situação da nossa Irmandade, e na medida em que A.A. foi-se expandindo também foi sendo acompanhado pelo conteúdo do boletim. Atualmente, nos artigos se incluem noticias relacionadas com o serviço de A.A., particularmente no campo das instituições correcionais e de tratamento, de informação ao público e de cooperação com a comunidade profissional. Os artigos compartilham a experiência dos membros nos assuntos básicos – apadrinhamento, a prática dos Passos e das Tradições, problemas dos Grupos base e soluções, e ampliam a nossa experiência com as notícias da Irmandade nos EUA e Canadá e outros artigos a respeito dos acontecimentos de A.A. no mundo todo. Há relatórios de Distritos e programas e projetos de Área que ajudam a levar a mensagem ao alcoólico que sofre, informação sobre a estrutura de serviço para os membros que se estão iniciando no serviço – e para os experientes também. Aos leitores são dados a conhecer os novos Custódios não alcoólicos da Junta de Serviços Gerais e os novos funcionários do ESG...

Em outras palavras, a próxima vez que você queira saber qualquer coisa a respeito de Alcoólicos Anônimos procure nas páginas de ***Box 4-5-9.*** Se não encontra a resposta, escreva umas linhas para a OSG: sua pergunta pode servir de inspiração para um futuro artigo.

Notificação de Direitos autorais

© Alcoholics Anonymous World Services, Inc., 2014. Os artigos que aparecem no ***Box 4-5-9*** podem ser reimpressos em publicações locais de A.A. (incluindo sítios de A.A na Web), sempre que se reimprimam em sua totalidade e se inclua a seguinte declaração: *"Reimpresso do **Box 4-5-9** (data do número, página) com permissão de A.A. World Services, Inc."*

Para saber mais:

O ***Box 4-5-9*** é uma publicação trimestral - Primavera (março), Verão (junho), Outono (setembro) e Inverno (dezembro) do **GSO – General Services Office,** ou, *Escritório de Serviços Gerais de Alcoólicos Anônimos (ESG)* 475 Riverside Drive, New York, N.Y. 10115 - **©2014 Alcoholics Anonymous World Services, Inc.**

Endereço postal: P.O. Box 459, Grand Central Station, New York, NY 10163

Endereço eletrônico): www.aa.org

Ou, na Web => ***http://www.aa.org/pages/es_ES/box-4-5-9-news-and-notes-from-gso*** => Escolha no canto superior direito o idioma => ***inglês, francês ou español*** - os três idiomas da estrutura de Conferência Sênior (EUA/Canadá). Você terá acesso direto a todas as edições do boletim ***Box 4-5-9*** publicadas desde o exemplar de ***Maio/1956*** **(1),** quando recebeu o nome ***AA Exchange Bulletin*** – anteriormente, desde sua criação em novembro de **1940**, chamava-se ***Boletim de A.A.***; passou a se chamar ***Box 4-5-9*** a partir da edição de Natal de **1966**. Poderá selecionar as matérias de seu interesse ou que possam ser úteis ao seu Grupo, comissão ou órgão de serviço onde se doe.

N.T. (1): No momento do envio desta apostila encontram-se disponíveis no endereço as seguintes edições:

Em **inglês,** desde a edição de maio de **1956.**

http://www.aa.org/pages/en_US/box-4-5-9-news-and-notes-from-gso

Em **francês,** desde a edição Julho/Agosto de **1966.**

http://www.aa.org/pages/fr_FR/box-4-5-9-news-and-notes-from-gso

Em **español,** desde Janeiro de **1962.**

http://www.aa.org/pages/es_ES/box-4-5-9-news-and-notes-from-gso

1. A origem d…

1.1. A origem da Declaração de Unidade

***Box 4-5-9*, Fev. Mar. / 2009 (pág. 7-8) => http://www.aa.org/newsletters/es_ES/sp_box459_febmar09.pdf**
Título original: ***"¿Por qué tenemos una Declaración de Unidad?"***

Em julho de **1970**, onze mil membros de Alcoólicos Anônimos reunidos em Miami Beach, Florida, EUA, fizeram a seguinte promessa em onze idiomas diferentes:
"Uma Declaração de Unidade:

O futuro de A.A. depende de ser colocado em primeiro lugar, o nosso bem-estar comum, a fim de manter a nossa Irmandade unida. Da unidade de A.A. dependem as nossas vidas e as vidas daqueles que virão".

A aceitação desta declaração na Convenção de **1970** selou a aprovação final à campanha iniciada por Bill W. algumas décadas atrás, para estabelecer como prioridade a preservação da unidade para assegurar o futuro de A.A. Vinte anos antes, na primeira Convenção Internacional, em Cleveland, mais de três milhares de membros de A.A. votaram pela aceitação das Doze Tradições que Bill havia redigido e proposto com o propósito específico de assegurar a sobrevivência de A.A. como sociedade. A aceitação oficial da Declaração de Unidade serviu para reforçar isso.

Por que foi necessário fazer essa declaração? Quase desde os primórdios de A.A., Bill havia colocado como foco a importância de manter a unidade da Irmandade. Trabalhando juntos poderemos alcançar e manter a sobriedade que não pudemos encontrar quando estávamos sozinhos. Mesmo quando A.A. não tinha mais de cem membros, em sua maioria concentrados em Akron e Nova York, Bill e o Dr. Bob tinham a visão de uma irmandade unificada que poderia alcançar os alcoólicos em todas as partes da América do Norte e inclusive do mundo. Bill W., nas suas palestras e artigos, sempre destacou a necessidade de preservar a unidade para que nós mesmos pudéssemos manter a sobriedade e preservar A.A. para *"os milhões que ainda não nos conhecem"*.

Ao apresentar as Tradições, Bill escreveu: *"Enquanto os vínculos que nos unem demonstrem ser mais fortes que as forças que pudessem nos dividir, tudo irá bem...estaremos seguros como movimento; nossa unidade essencial continuará a ser algo seguro"*.

Quais eram as forças que poderiam nos dividir? Ele mencionava com frequência a luta pela propriedade, o poder e o dinheiro. Sentia ser absolutamente necessário que A.A. como sociedade teria que evitar as controvérsias sobre a política e a religião. Também acreditava que o anonimato era um fator decisivo para manter a unidade e que a ajuda de A.A. deveria estar disponível para todos sem favoritismos nem prejuízos.

Bill descreveu as Doze Tradições como sendo *"Doze pontos para assegurar o nosso futuro"*. Ele as considerava tão essenciais para a preservação da sociedade quanto os Doze Passos para a recuperação do membro individual. Escreveu que o mais urgente e estimulante interesse de A.A. era *"preservar entre nós, os AAs, uma unidade tão sólida que nem as debilidades pessoais nem a pressão e discórdia desta época turbulenta possam prejudicar nossa causa comum. Sabemos que Alcoólicos Anônimos tem que sobreviver. Se assim não for, exceto contadas exceções, nós e nossos companheiros alcoólicos em todas as partes do mundo recomeçaríamos nossa desesperada viagem rumo ao esquecimento"*.

Bill estava doente e lhe restava menos de um ano de vida quando foi adotada oficialmente a Declaração de Unidade. Mesmo assistindo à Convenção numa cadeira de rodas e fazendo uma breve aparição no palco, não pode fazer a longa palestra que costumava fazer nas Convenções anteriores. Porém, certamente deveu sentir um merecido orgulho ao ver aprovada esta declaração por parte da convenção, da mesma maneira que a Convenção Internacional de **1965**, em Toronto, emitira a declaração do Termo de Responsabilidade.

De acordo com informação encontrada nos Arquivos Históricos de A.A., o autor do texto da declaração provavelmente foi Al S., o mesmo membro de A.A. e assessor que tinha redigido o Termo de Responsabilidade. Também reflete os esforços do Comitê que organizou e trabalhou na Convenção Internacional de **1970** – 35º aniversário de A.A. O lema da Convenção, apropriadamente, foi *"A unidade dentro da nossa Irmandade"*.

Na cerimônia de sábado à noite, o então gerente geral do ESG, Bob H., convidou para subir ao palco vários antigos delegados e membros de ultramar para participar da adoção da Declaração; dizendo que, *"a unidade de A.A. é a qualidade especial que faz com que nossa Irmandade seja única. É o cimento que mantém unida nossa sociedade, a plataforma que faz possível o* 'Serviço' *de A.A. É mais que um acordo sobre os princípios básicos, mais que a liberação da discórdia destrutiva. É um vínculo criado pela experiência compartilhada, como a que compartimos aqui, nesta noite. A unidade é nossa mais prezada posse, nossa melhor garantia para o futuro de A.A. Que todos a valorizemos e a preservemos, hoje e todos os amanhãs que estão por vir"*.

Bob H. pediu então a todos os participantes que se encontravam no palco que recitassem a Declaração de Unidade, que foi iniciada pelo Dr. John L. Norris, o diretor clínico da Eastman Kodak e amigo e Custódio não alcoólico durante muitos anos.

Conforme informação disponível, devido ao agravamento da saúde, Bill não pode assistir a essa cerimônia. Porém, conseguiu subir ao palco na manhã seguinte para proferir um brevíssimo discurso de quatro minutos, que foi acolhido com uma grande ovação com todos os presentes em pé. Isto, nos últimos meses de vida de Bill, foi uma comovedora lembrança do também breve discurso do Dr. Bob na primeira Convenção Internacional, em julho de **1950**, em Cleveland, quando instou a todos a ter presente que os Doze Passos se reduzem a amor e serviço, sua última mensagem antes de morrer em novembro daquele ano.

1.2. A origem da Oração da Serenidade

***Box 4-5-9*, Natal 2003 (pág. 3-4) =>http://www.aa.org/newsletters/es_ES/sp_box459_holiday03.pdf**
Título original: ***"La Oración de la Serenidad: Tanta substancia de A.A. en tan poca palabras"***

Para os AAs de todos os lugares, a querida Oração da Serenidade é um mantra para toda ocasião imaginável; uma brisa refrescante em um rosto avermelhado pela ira, uma curta canção de gratidão por boas noticias, um guia consolador diante das más noticia, - a segurança reconfortante de que o mundo vai-se desenvolvendo como deve ser.

David R., de Oakland, Califórnia, diz: *"Quando, num dia de calor escaldante, me encontro na rodovia 101 no meio de um congestionamento quilométrico, com centenas de caminhões parados devido a um acidente à frente, começo a recitar a Oração da Serenidade para me proteger contra a fúria da estrada, e obtenho o efeito desejado"*. Karen M., de Richmond, Virgínia, diz que, *"quando*

tenho que fazer alguma coisa que ameaça com um ataque de nervos, como por exemplo, pedir ao meu chefe um aumento no salário ou pedir desculpas por não ter feito bem alguma coisa, recito a Oração da Serenidade várias vezes e isso me tranquiliza como se fosse uma arte de mágica". John D., de Chicago, diz que a oração *"me ajuda tanto nos bons momentos quanto nos maus. Sempre aflora nos meus lábios de forma natural quando as coisas estão muito ruins, mas também trato de lembrá-la para agradecer a Deus quando as coisas estão indo bem, como no meu aniversário de A.A. ou nas raras ocasiões em que passo um fim de semana com a minha mulher"*.

Mother—God grant me the serenity to accept things I cannot change, courage to change things I can, and wisdom to know the difference. Goodby.

Este é o recorte do texto que apareceu em 1941 no New York Herald Tribune.

Bill W., cofundador de A.A., disse: *"Nunca tínhamos visto tanta substância em tão poucas palavras"*. *No livro "Alcoólicos Anônimos atinge a maioridade"*, Bill conta que no começo de **1942**, Ruth Hock, a primeira secretária nacional de A.A., não alcoólica, mostrou a ele e a outros que se encontravam aglomerando o pequeno escritório de Nova York um pequeno obituário que tinha aparecido no Herald Tribune de Nova York que finalizava com estas palavras: *"Deus, concede-nos a serenidade para aceitar as coisas que não podemos mudar, a coragem para mudar as coisas que podemos e a sabedoria para reconhecer a diferença"*. (**N.T.:** a imagem que ilustra o parágrafo acima não faz parte da transcrição deste artigo).

Alguém sugeriu que essas linhas fossem impressas em pequenos cartões de visita e incluí-los na correspondência emitida pelo escritório e assim a Oração da Serenidade começou a fazer parte integrante da vida de A.A. Desde então, foi traduzida para os muitos idiomas falados pelos AAs no mundo todo e é proferida em voz alta nas reuniões e silenciosamente nos corações. Durante mais de meio século a oração veio se entretecendo tão intimamente na filosofia de A.A. que perece difícil aos membros lembrar que não teve origem na experiência de A.A.

Entretanto, a pesar de anos de investigação por parte de historiadores e inúmeras conjeturas por parte de amadores, a exata origem da Oração da Serenidade continua a ser um mistério. O que parece indiscutível é a reclamação de autoria feita pelo teólogo Reinhold Niebuhr, que numa entrevista disse haver escrito a oração como nota final de um sermão a respeito do cristianismo prático. Mesmo assim, Niebuhr admitiu alguma dúvida ao acrescentar *"supostamente, é possível que tenha estado muitos anos, inclusive séculos, aparecendo aqui e acolá, porém não acredito. Acredito sinceramente que eu próprio a escrevi"*.

Com sua permissão, durante a Segunda Guerra Mundial a Oração da Serenidade foi impressa em cartões que foram distribuídos aos soldados americanos. Até então já tinha sido impressa pelo Conselho Nacional de Igrejas assim como também por Alcoólicos Anônimos.

Ao sugerir que a oração poderia ter aparecido aqui e acolá durante séculos, parece que Niebuhr estava certo. De acordo com Bill W.: *"Ninguém pode dizer com segurança quem foi o primeiro a escrever a Oração da Serenidade. Alguns dizem que veio dos antigos gregos; outros que saiu da pena de algum poeta inglês anônimo e outros que foi escrita por um oficial da marinha americana"*. Sua origem também foi atribuída a antigos textos sânscritos e aos distintos filósofos Aristóteles, Santo Agostinho, Tomás de Aquino e Espinosa. Um companheiro de A.A. encontrou entre "Os seis erros do ser humano" do escritor romano da antiguidade, Cícero, a seguinte frase: *"A tendência a se preocupar com coisas que não podem ser mudadas ou corrigidas"*.

De fato, ninguém encontrou o texto da oração entre os escritos destas supostas fontes originais. O que certamente são muito antigos, como a citação de Cícero, são as questões da aceitação, a coragem para mudar o que pode ser mudado e a disposição para se desprender daquilo que está fora da nossa capacidade para ser mudado. Com certeza, a busca da origem dessa oração tem sido como descascar uma cebola e às vezes é preciso recomeçar de novo. Por exemplo, em julho de **1964**, a Grapevine recebeu o recorte de um artigo publicado no Herald Tribune de Paris onde o correspondente informava ter visto em Koblenz, Alemanha, uma placa gravada com as seguintes palavras: *"Deus, concede-me o desprendimento para aceitar as coisas que não posso alterar; a coragem para alterar as coisas que posso alterar; e a sabedoria para distinguir uma coisa da outra"*.

Finalmente parecia haver aqui uma prova concreta com citação, autor e data da Oração da Serenidade. Más não. Quinze anos mais tarde, em **1979**, Peter T., de Berlim, disse a Beth K., membro do pessoal do ESG à época, que na sua primeira forma, a oração teve origem no filósofo romano Boécio **(480-524),** autor de *"Os consolos da filosofia"*.

Existem mais reclamações e, sem dúvida, irão continuar as descobertas nos anos vindouros. Entretanto, uma ideia compartilhada por muitos é a de que, a Oração da Serenidade, seja qual for sua origem, antiga ou moderna, parece ter surgido de uma percepção humana fundamental e de uma sabedoria nascida do sofrimento.

Fora o Pai-Nosso e a oração de São Francisco, não há outras palavras e conceitos, ao mesmo tempo práticos e espirituais, que tantos membros de A.A. levem gravados nas suas mentes e em seus corações na sua viagem de sobriedade em direção a uma nova maneira de viver.

Bill W. referiu-se a este fenômeno ao agradecer um amigo de A.A. que o presenteou com uma placa onde estava escrita a oração: *"Na criação de A.A., a Oração da Serenidade foi um bloco de construção muito valioso, realmente uma pedra angular (*)"*.

E falando em pedras angulares, mistérios e coincidências, um trecho da rua 120 de Manhattan, que ladeia o prédio onde se encontra o ESG, entre as ruas Riverside e Broadway, é conhecido pelo nome Reinhold Niebuhr Place.

(*) N.T.: Pedra angular (ou fundação de pedra) *é a primeira pedra conjunto na construção de uma fundação de alvenaria, importante, pois todas as outras pedras serão definidas em referência a essa pedra, determinando assim a posição de toda a estrutura.*
http://pt.wikipedia.org/wiki/Pedra_Angular

Para saber mais:

Leia o artigo *"A espiritualidade de A.A. tem espaço para todas as religiões, ou nenhuma"*, no ***Box 4-5-9*** Natal/**2002** (pág. 6-7) =>http://www.aa.org/lang/sp/sp_pdfs/sp_box459_holiday02.pdf

1.3. A origem da Reserva Prudente

***Box 4-5-9*, Natal / 2008 (pág. 7-8) =>http://www.aa.org/newsletters/es_ES/sp_box459_holiday08.pdf**
Título original: ***"¿Qué es una reserva prudente?"***

Não se costuma aplicar a palavra *"prudente"* aos alcoólicos na ativa. Porém, para um grupo de alcoólicos sóbrios reunido, a palavra ganha um novo significado. Conscientes das muitas

dificuldades que se podem apresentar na vida, os membros de A.A. costumam ser a própria definição da prudência na hora de organizar, apoiar e manter um Grupo de A.A.

Ao perceber a importância do Grupo para a manutenção da sobriedade dos membros individuais, a maioria dos AAs se dispõe a deixar de lado as diferenças pessoais e se focar na sobrevivência do Grupo em longo prazo. Já desapareceram a temeridade autodestrutiva e a irresponsabilidade que costumam caracterizar o alcoolismo ativo e em seu lugar surgem o desejo de estabilidade e a boa disposição para colaborar com bem comum.

No que se refere ao bem comum e à sobrevivência do Grupo em longo prazo, entre as coisas mais prudentes que o Grupo pode fazer está a de estabelecer uma reserva econômica – a providencial poupança para épocas de vacas magras, para ajudar o Grupo a atravessar e superar tempos difíceis. Assim, se as contribuições declinam ou se apresentam gastos inesperados, o Grupo estará fortalecido e sempre na possibilidade de manter suas portas abertas.

Cada Grupo tem gastos fixos que deve cobrir regularmente para se manter na superfície – o aluguel, água, luz, impostos, literatura, produtos de higiene, limpeza e copa e as contribuições aos órgãos de serviço. Estes gastos são pagos com as contribuições regulares dos membros do Grupo. Porém, a maioria dos Grupos trata de guardar algum dinheiro para se proteger contra eventualidades, com a intenção de acumular uma reserva prudente equivalente aos gastos operacionais de um até três meses, em média. Estes fundos contribuem para assegurar a sobrevivência do Grupo e a realização do seu objetivo primordial que é o de levar a mensagem ao alcoólico que ainda sofre.

A contribuição com dinheiro nunca foi um requisito para se tornar membro de A.A.; entretanto, sempre foi um ingrediente essencial no trabalho do Décimo Segundo Passo. Como é dito no folheto ***"A autossuficiência – onde se misturam o dinheiro e a espiritualidade"*** *: "O trabalho do Décimo Segundo Passo é o sangue vivificador de Alcoólicos Anônimos através do qual é transmitida a mensagem ao alcoólico que ainda sofre. Se não o tivermos, a Irmandade murcharia e morreria. E este contato vital entre um alcoólico e outro, inclusive nos seus aspectos mais simples, supõe um investimento de tempo e dinheiro".*

Isto se verifica em todos os níveis da estrutura de serviço de A.A.: Distritos, Áreas, Escritórios de Serviços Locais (ESL´s), e até no Escritório de Serviços Gerais de A.A. (ESG), não poderão funcionar sem dinheiro e dele precisam para poder cumprir suas responsabilidades com a Irmandade.

Conforme Gary Glynn, Custódio não alcoólico, emérito e antigo presidente e tesoureiro da Junta de Serviços Gerais, *"Um fundo de reserva prudente e estável e uma boa capacidade para sua administração são tão espirituais quanto práticos"*. Como Irmandade não almejamos acumular grandes quantias de dinheiro nem ter tão pouco que fiquemos impossibilitados de cumprir com nossas responsabilidades e pagar nossas contas. Não é nem espiritual nem prático acumular ou gastar mais do que o necessário, assim como também não o é ficar sem dinheiro. Bill W. chamava isso de bom senso econômico.

Do mesmo modo que muitos Grupos dos EUA e Canadá e ao redor do mundo, a Junta de Serviços Gerais de A.A. tem uma reserva prudente estabelecida para proporcionar à Irmandade, numa situação de emergência, os recursos econômicos necessários. O Fundo de Reserva da Junta de Serviços Gerais de A.A. foi criado em **1954** para garantir que os serviços básicos do Escritório de Serviços Gerais e da Revista Grapevine continuassem a ser prestados mesmo no caso de haver uma redução imprevista e substancial dos ingressos regulares da organização, seja esta redução motivada

por grave recessão econômica, uma perturbação interna na Irmandade, uma mudança na forma de publicar e distribuir a literatura de A.A., ou por outra razão qualquer.

O assunto do dinheiro sempre foi um tema de interesse para a Irmandade. Nos primeiros dias de Alcoólicos Anônimos, já existiam alguns que sonhavam com acumular grandes quantias de dinheiro e ansiavam por consegui-lo de qualquer maneira para que o milagre de Alcoólicos Anônimos pudesse ser difundido o mais rápido possível. Estes pioneiros demoraram um pouco para perceber sabiamente que se a Irmandade não fosse totalmente autossuficiente corria o perigo de se perder para sempre. Na medida em que A.A. crescia e se desenvolvia, podia-se notar com clareza que uma das maneiras mais seguras para manter a existência da Irmandade era a de assegurar que continuarias a ser autossustentável negando-se a receber contribuições de fora, mesmo devido a necessidade urgente ou através de doações de simpatizantes.

No livro *Doze Passos e Doze Tradições*, no capítulo referente à Sétima Tradição, consta o relato de um debate ocorrido durante uma reunião da Fundação do Alcoólico, precursora da Junta de Serviços Gerais, em **1948**, sobre a questão de um legado de dez mil dólares deixado em testamento por uma senhora que havia morrido. *"Na ocasião, a Fundação estava em reais dificuldades financeiras; os Grupos não estavam contribuindo com o suficiente para o sustento do Escritório; todos os nossos rendimentos provenientes da venda do Livro Azul, vinham sendo utilizados e as reservas derretiam-se a olhos vistos. Precisávamos daqueles dez mil dólares.*

Depois se manifestou a oposição. Argumentaram que a Fundação tinha conhecimento de um total de meio milhão de dólares que pessoas ainda vivas já haviam reservado para doar a Alcoólicos Anônimos. E só Deus sabia quanto mais haveria e que não era do nosso conhecimento. Se as doações externas não fossem recusadas, inteiramente cortadas, a Fundação tornar-se-ia rica um dia.

Então, nossos Custódios escreveram uma página brilhante da história de A.A. Declararam que, por princípio A.A. tinha que permanecer pobre. Tão apenas as despesas correntes mais uma reserva prudente resumiriam dali em diante a política financeira da Fundação. Embora não fosse fácil, declinaram os dez mil dólares e adotaram a decisão formal de que no futuro todas as doações desse tipo não deveriam ser aceitas. Acreditamos que naquele instante o princípio da pobreza coletiva enraizou-se de forma definitiva na tradição de A.A."

Gary Glynn diz que pobreza coletiva reflete mais *"um estado de ânimo do que propriamente o saldo da nossa conta bancária. Todos nós conhecemos indivíduos e organizações que gastam dinheiro que não têm, que vivem acima de suas possibilidades, seja por fazer caso omisso de suas circunstâncias econômicas reais ou por dar como assegurado um amanhã rosado. Por isso pode-se ser pobre sem colocar em prática a pobreza corporativa... O contrário também é possível, podemos ter uma reserva prudente sem cair na tentação de gastar desnecessariamente simplesmente porque temos recursos".*

Atualmente, o Fundo de Reserva da Junta de Serviços Gerais **(*)** tem imposto por recomendação da Conferência de Serviços Gerais um limite equivalente aos gastos operacionais de um ano da combinação de A.A. World Services, Inc. (Serviços Mundiais de A.A.), a Grapevine de A.A. *(a revista similar da Vivência),* e o Fundo Geral da Junta de Serviços Gerais de A.A., Inc. O Escritório de Serviços Gerais e o Comitê de Finanças da Junta de Custódios monitoram constantemente o saldo do Fundo de Reserva com o intuito de assegurar a administração ordenada

dos recursos econômicos da Irmandade, sempre tendo em mente que o objetivo primordial é o de levar a mensagem ao alcoólico que ainda sofre.

Com autorização outorgada pela Junta de Custódios, pode-se utilizar o Fundo de Reserva para cobrir outros gastos; por exemplo, foi utilizado para sufragar os gastos relacionados com a mudança, e reforma do Escritório de Serviços Gerais e da Grapevine assim como para financiar importantes melhorias tecnológicas. Também foi autorizada sua utilização para financiar o desenvolvimento de *"La Viña"*, a revista em español da Grapevine, por um determinado período de tempo.

Refira-se a um Grupo, um Distrito, uma Área ou à Junta de Serviços Gerais, o estabelecimento de um Fundo de Reserva é um elemento chave do princípio da autossuficiência de A.A. e que pode ter consequências importantes, sendo a mais significativa, a de assegurar que os serviços de A.A. estarão disponíveis a todos aqueles que contam com a ajuda da Irmandade para alcançar e manter a sobriedade.

(*) *Estas informações se referem à estrutura de Serviços Gerais dos EUA/Canadá. A Conferência de Serviços Gerais de cada país membro têm autonomia para determinar esses procedimentos, metas e limites.*

1.4. A origem das Áreas e dos Painéis

***Box 4-5-9*, Primavera/ 2010 (pág. 6-7) => http://www.aa.org/newsletters/es_ES/sp_box459_spring10.pdf**
Título original: "***¿Qué son* 'áreas' *y* 'paneles'*?*"**

Em qualquer discussão sobre o tipo de bebida que se pode servir num evento de A.A., e muito provável que se mencione café, leite e açúcar. Da mesma maneira, em qualquer conversa a respeito da Conferência de Serviços Gerais, há três palavras que seguramente serão das mais citadas: delegados, áreas e painéis.

Para um membro de A.A. novo, recém-chegado aos serviços gerais, esse tipo de conversa poderá parecer tão estranho quanto uma reunião familiar em que primos irmãos, primos em segundo grau e primos distantes tratam de se colocar nos galhos da árvore genealógica da família. *"Oi, você serviu com João, o delegado da Área 49? Painel 35? Você é da Área 48? Conhece Maria? Ela não é da Área 48, é da Área 44, mas foi delegada no Painel 35 também"*. Outros membros recitam números de painéis, números de área e a história dos delegados regionais com a facilidade de um leiloeiro, e ao mesmo tempo asseguram ao novato que *"se estão mantendo simples"*, e que não deve se preocupar porque logo, logo, as palavras painel e área lhe irão sair facilmente. Aos recém integrados no serviço costuma-se dizer *"a única coisa que precisa é continuar voltando"*.

Porém, neste ponto, depois de navegar por uma sopa de siglas de RSG, MCD, CIC, CIT. CIP, CCCP, os recém-chegados aos serviços gerais continuam a duvidar que qualquer explicação a respeito de áreas e seus números sejam tão simples assim. E perguntam *"porque se criaram primeiro as áreas? O que é uma área e como chegaram a ter números?"*. Felizmente, na vasta literatura de A.A. pode-se encontrar resposta para quase todas as perguntas que um membro ainda confuso possa fazer, e, ao dar uma olhada no passado podemos jogar um facho de luz sobre o uso de *"áreas"* em A.A.

As áreas foram formadas para facilitar a representação dos grupos na Conferência de Serviços Gerais, a qual foi criada para colocar a Irmandade de Alcoólicos Anônimos nas mãos de seus

membros e assegurar que *"seja ouvida a voz de A.A. em sua plenitude"*. Com a criação das áreas veio a criação do encargo de delegado para representá-las. *"Uma área pode ser constituída por um estado ou província (*), ou parte de um estado ou província, ou por várias partes de mais de um estado ou província, conforme seja necessário para servir a população de A.A. e satisfazer suas necessidades"*. As áreas são numeradas pela ordem alfabética de suas sedes (com algumas exceções), começando pelos estados de EUA; por exemplo, Área 1 é Alabama e o Noroeste da Flórida, Área 2 é Alaska; Área 3 é Arizona.

Em alguns estados ou províncias existe uma grande população de A.A. e por isso são divididos em várias áreas; por exemplo, é o caso de Ontário, que inclui as Áreas 83, 84, 85 e 86. Desde a primeira Conferência foram sendo criadas áreas adicionais nos estados e províncias, até um total de 93.

Assim, também para muitos, as conversas a respeito dos *"painéis"* é um tanto quanto desconcertante. Cada Conferência é composta por dois painéis, ou, grupos de delegados eleitos para servir por dois anos.

Os painéis têm numeração par e ímpar. Os números pares incluem o grupo de delegados que iniciam o serviço nos anos pares e os números ímpares aqueles eleitos que iniciam o exercício nos anos ímpares.

O Painel 1, composto por 37 delegados, foi o da primeira Conferência em **1951**. O Painel 2, composto por 38 delegados, foi o da segunda Conferência. Assim, da segunda Conferência participaram 75 delegados no total. Bill W. explicou que este método *"dá continuidade à Conferência, com a metade de seus membros saindo a cada ano e seus lugares ocupados pelos novos eleitos gerando, assim, a rotatividade"*.

Dando continuidade a este modelo, a 60ª Conferência, em **2010**, incluiu o Painel 59 (os delegados de segundo e último ano que iniciaram em **2009**), e o Painel 60 – os delegados de primeiro ano que estavam iniciando em **2010**.

Porém, se você ainda não pode falar com facilidade a respeito de painéis, áreas ou delegados, assista aos próximos eventos do Distrito, mesmo que apenas seja para tomar um café com leite e açúcar e falar com alguns companheiros. Como escreveu Bill W. *"… um serviço em A.A. é tudo aquilo que nos ajuda a alcançar uma pessoa que sofre - o chamado Décimo Segundo Passo propriamente dito - pelo telefone ou por uma xícara de café, assim como o Escritório de Serviços Gerais de A.A. para ação nacional ou internacional. A soma total de todos esses serviços é o nosso Terceiro Legado de Serviço"*.

(*) **N.T.:** O texto acima se refere à estrutura de A.A. nos EUA e Canadá, onde a divisão territorial e constituída por ***estados*** – EUA, e ***províncias*** – Canadá.

1.5. A origem das ilustrações nos materiais de A.A.

***Box 4-5-9*, Abr. Mai. 2008 (pag. 4) => http://www.aa.org/newsletters/es_ES/sp_box459_april-may08.pdf**

Título original: ***"Imágenes de la Conferencia anual"***

Durante muitos anos, quando não eram permitidas câmaras fotográficas nas salas de Justiça da Cidade de Nova York, Al H., artista e membro de A.A., assistia aos processos e desenhava os

notórios e notáveis para os programas de noticias de televisão. Essa época chegou ao fim já faz alguns anos quando foi levantada a proibição de fazer fotografias nos julgamentos.

Al, que tem 36 anos de sobriedade em A.A. e estudou Arte no Arts Students League de Nova York e no Colorado Springs Fine Arts Center, faz já muitos anos que trabalha para a A.A.W.S – Serviços Mundiais de A.A.

Seus desenhos podem ser vistos também em *"Os Doze Passos Ilustrados"* e "A.A. *é para mim?"*.

Faz trinta anos que tem o trabalho regular de fazer os desenhos na Conferência de Serviços Gerais de A.A. anual que são publicados no Relatório Final da Conferência.

Al começou a trabalhar como ilustrador através de um contato no seu Grupo base. Um membro do pessoal do Escritório de Serviços Gerais – ESG, que também era membro do mesmo Grupo, onde quase todos conheciam a profissão de Al. No ESG estava sendo considerada a possibilidade de incluir ilustrações no Relatório Final. Obviamente, não se podiam publicar fotografias. Quando foi sugerido o uso de desenhos, esse membro do pessoal do ESG disse, *"Conheço alguém que ganha a vida desenhando"*.

Ao lembrar essas primeiras Conferências, uma das diferenças que Al observa são as roupas de vestir. *"As pessoas vestiam-se com roupa casual e alguns usavam grandes chapéus de cowboy. Agora os participantes vestem num estilo mais formal"*.

Al trabalha a maior parte do ano pintando a óleo, que é muito diferente de fazer desenhos lineares que aparecem no Relatório da Conferência.

"Alguns meses antes de começar a Conferência assisto a algumas aulas de rascunho. Desenhar é parecido com tocar piano – é preciso praticar. Trabalho com pena e tinta porque é mas expressivo que lápis ou carvão. As aulas me ajudam a aperfeiçoar a técnica".

Al faz alguns poucos desenhos durante o ano, mas não é a preparação ideal para os trabalhos da Conferência.

"Vou ao Parque Central e desenho algumas árvores que não se mexem. Captar uma pessoa num desenho é algo muito diferente. As pessoas na Conferência não estão posando para quadros".

Al foi artista comercial antes de ser artista das salas de Justiça, trabalho que começou depois de alcançar a sobriedade. *"A grande diferença entre trabalhar como artista sóbrio e artista bêbado é que quando consegui minha sobriedade me tornei responsável. Chamaram-me de uma emissora às seis da tarde e me disseram* 'queremos que se apresente amanhã de manhã na câmara do Senado'. *E ficava completamente maravilhado de que confiassem em que eu estivesse lá; mas não me conheceram antes de conseguir a sobriedade. Neste ponto da minha carreira as pessoas podiam confiar em mim. Antes, quando bebia, não podia confiar sequer em me apresentar num encontro para salvar a minha vida"*.

Durante os primeiros dias em A.A., Al encontrou-se com Bill em algumas reuniões em Manhattan. Mas Bill morreu antes que Al começa-se a trabalhar nas Conferências. Al fez alguns retratos de Lois que comparecia regularmente aos jantares da Conferência. *"Ao folhear alguns dos Relatórios dessas Conferências, vi no Relatório de 1964 um desenho que fiz de Lois. E lembro que não foi do seu agrado"*.

Que outras mudanças percebeu durante os anos que trabalhou para o ESG? *"Espero ter chegado a ser um artista melhor*" diz Al. *"Os velhos desenhos parecem-me um pouco apertados e carregados. Hoje trato de mantê-los simples e abertos. Gosto de considerar os desenhos como um espaço para respirar entre todo o texto"*.

1.6. A origem de *"90 reuniões em 90 dias"*

***Box 4-5-9*, Abr. Mai./2007 (pág. 6) => http://www.aa.org/newsletters/es_ES/sp_box459_april-may07.pdf**
Título original: "***Los oscuros orígenes de '90 reuniones en 90 días'"***

Ninguém pode afirmar com total segurança a respeito das raízes de *"90 reuniões em 90 dias"*. Nenhuma das pessoas que trabalham no Escritório de Serviços Gerais pode dizer onde se originou esse conselho ouvido em algumas reuniões de A,A, No Livro Azul ou no livro Doze Passos e Doze Tradições, não aparece nenhuma sugestão neste sentido. Entretanto, nos anos **1950** apareceu na Grapevine a menção de 90 dias como um ponto importante da sobriedade. Um artigo na edição de janeiro de **1959** - parte de uma série a respeito de palestras nas reuniões de novos, tinha o título *"A prova dos 90 dias"*. Nesse artigo é sugerida a possibilidade de dizer ao iniciante: *"Gostaria de lhe propor que tome a decisão de se afastar da bebida por 24 horas por dia durante os próximos três meses. E também assistir a muitas reuniões, todas as noites, se for possível.. Sem dúvida, você pode dedicar 90 dias de sua vida a essa experiência. Podem resultar os 90 dias mais úteis de toda sua vida. Pode determinar se é alcoólico, e se o é, é bom sabê-lo"*.

Para alguns membros da Irmandade, faz muito sentido sugerir aos iniciantes que entrem plenamente no programa de A.A. nos primeiros meses. Os iniciantes que seguem esta sugestão estão livres de decidir se vão ou não assistir a uma reunião. Vão assistir e pronto.

Entretanto, outros acreditam que o conceito de *"90 reuniões em 90 dias"* vai contra o enfoque de A.A. de um dia de cada vez e, sugerir aos iniciantes que façam planos para daqui a três meses é pedir demais. Um membro de A.A. escreveu numa carta publicada pela Grapevine em março de **1988**: *"Se me houvessem exigido fazer qualquer coisa durante um período superior a 24 horas, provavelmente teria ido embora"*.

Por outro lado, alguns membros de A.A. com vários anos de sobriedade dizem que estão assistindo a *"90 reuniões em 90 dias"* para reforçar seu programa.

No geral, os membros e os Grupos têm boas intuições para encontrar o que lhes dá resultado para manter a sobriedade. Obviamente, não há regras que determinem a quantas reuniões alguém deva assistir. O essencial é o que funciona para o indivíduo.

1.7. A origem do café e das bolachas nas reuniões de A.A.

***Box 4-5-9*, Abr. Mai. / 1993 (pág. 8) => http://www.aa.org/newsletters/es_ES/sp_box459_april-may93.pdf**
Título original: "***¿Sabias…"***

Sabia como o café, as bolachas e outros tipos de doces e salgados chegaram a ser para as reuniões de A.A. (quase) o que os Doze Passos são para a recuperação?

Aconteceu no final dos anos 1930, durante a Grande Depressão (**N.T.:** *A Grande Depressão foi uma severa crise econômica mundial na década que antecedeu à Segunda Guerra Mundial. O*

*calendário da Grande Depressão varia entre as nações, mas na maioria dos países começou por volta de **1929** e durou até o final da década de **1930** ou início dos anos **1940**.)*. Quando começaram a se celebrar as primeiras reuniões na *King School*, em Akron, alguns membros juntavam-se depois da reunião na cafeteria próxima *Kistler´s Donuts*, na esquina das ruas Aqueduct e West Market, para tomar unos refrescos e mais camaradagem. Outros membros menos abastados não podiam permitir-se esse luxo e daí foi sugerido que levassem café e bolachas para a reunião para poder compartilhar entre todos. Muito rapidamente os refrescos passaram a ser uma parte integral das reuniões de A.A. em todos os lugares.

A *Kistler´s* já faz tempo que não existe mais, o que não acontece com a Décima Terceira Tradição, para cuja criação contribuiu. Ao longo dos anos, muitos bêbados *"desesperados"* ficaram para sua primeira reunião de A.A. porque tinha o atrativo do café quente e das bolachas grátis.

1.8. A origem do mês da Gratidão

***Box 4-5-9* - Out. Nov. 2002 (pág. 3-4) => http://www.aa.org/newsletters/es_ES/sp_box459_oct-nov02.pdf**
Título original: "***En A.A. - Noviembre es el Mes de Gratitud"***

Já faz muitas décadas que a Irmandade tem formalmente reservado o mês de novembro como um período para a expressão de agradecimento coletivo pela nossa sobriedade individual. Embora pareça obvia sua conexão com a ***Ação de Graças*** (*), não há registro de dados que possam afirmar com segurança a sua origem. Durante algum tempo, Bill W., acreditou ter conseguido a sobriedade nesse mês porém e posteriormente, um cálculo mais minucioso fixou a data do começo de sua sobriedade no dia 11 de dezembro de **1934**, ou seja quando ingressou no Hospital Towns para sua última internação.

O que se sabe com certeza é que, desde a década de **1940**, e ao longo dos anos à frente, novembro tem sido considerado o Mês da Gratidão, e a partir de então, nosso agradecimento compartilhado foi tomando formas diversas e assim seguirá acontecendo na medida em que nossa Irmandade continue a se desenvolver e ampliar.

Bill W. acreditava que as Tradições de A.A. eram a âncora de nossa vida sóbria quando escreveu: *"O que poderia ser, então, mais apropriado do que reservar a semana de Ação de Graças para dedicá-la à discussão dos valores práticos e espirituais que podemos encontrar em nossas Tradições*?" Em novembro de **1949**, escreveu: *"As Tradições são a destilação da nossa experiência de viver e trabalhar juntos. Servem para aplicar o espírito dos Doze Passos de recuperação à vida e à segurança do Grupo"*.

O primeiro reconhecimento aprovado e oficial de uma *"Semana de Gratidão"* de A.A., especificamente designada para coincidir com a semana de Ação de Graças, data do ano de **1956**. Nesse ano, os delegados à Sexta Conferência de Serviços Gerais aprovaram uma moção a tal efeito, estipulando que *"esta ação apareça publicada nas petições anuais feitas aos Grupos antes do dia de Ação de Graças, para que contribuam com a manutenção dos Serviços Mundiais de A.A."*

Durante a década de **1960** celebravam-se, sempre no mês de novembro, vários *"Almoços de Gratidão"*. Estes encontros eram motivados pelo desejo de levar a mensagem e expressar gratidão, assim como também mostrar nosso agradecimento pelos numerosos artigos e livros publicados, e pelas entrevistas na rádio e na televisão feitas durante os últimos doze meses. Estes almoços

aconteciam no Hotel Roosevelt, em Nova York (quando, dito seja, os representantes dos médios de comunicação, nos convites presenteados pelo presidente da Junta de Serviços Gerais, o Dr. John Norris – não alcoólico, nos quais se assegurava aos bebedores que *'os coquetéis seriam servidos na Biblioteca às 12:15 e o almoço terminará pontualmente às 14:00h'*).

Estes almoços, muito concorridos, atraiam uma substancial e diversa representação dos meios de comunicação e tinham basicamente dois objetivos: agradecer aos escritores e comentaristas presentes sua colaboração com a Irmandade no decorrer daquele ano e, para citar um memorando da OSG (ESG, no Brasil), daquele então, para *"favorecer as relações públicas de A.A. reunindo editores, redatores, escritores e locutores e colocando-os em contato com fontes fidedignas de informação sobre o movimento"*. Numa típica lista de convidados, por exemplo, os do almoço de **1965**, figuravam os nomes de pessoas que tinham publicado artigos e livros a respeito da Irmandade, profissionais dos quadros ou relacionados com o *New York Times, Medical World News, McCall's Magazine, Editorial Macmillan, The Christian Science Monitor,* e outras muitas agencias de notícias e publicações.

Bill W., assim como o Dr. John Norris, sempre falavam nesses encontros e, no final, sempre era efetuada uma sessão de perguntas e respostas. Além disso, os convidados tinham à sua disposição uma grande variedade de literatura de A.A. para levar consigo. Em **1965**, Bill presenteou cada convidado que compareceu ao almoço com um exemplar autografado do livro recém-publicado *A.A. Atinge a Maioridade.*

Embora os participantes desses encontros os achassem úteis e produtivos, a Junta passou a considerá-los como uma forma muito onerosa de dizer obrigado, uma vez que uma carta pessoal de Bill W., para agradecer um artigo ou um programa de TV - recém escrito ou levado ao ar, teria sido suficiente. Outros manifestavam a opinião de que seria mais conveniente oferecer nossa colaboração para cooperar mais amplamente na preparação de artigos ou programas de rádio ou TV. Fosse qual tenha sido o motivo, estes almoços deixaram de ser celebrados a partir de **1968**.

Gratidão. Todos sabem o quanto ela é útil se a mantivermos viva tanto nas nossas vidas pessoais quanto na nossa consciência de Grupo. Inúmeros Grupos têm percebido essa realidade e a cada mês de novembro aproveitam a oportunidade para abrir ainda mais a porta da gratidão. É uma forma acertada de assegurar a sã e continua sobriedade, a unidade do Grupo, a autossuficiência e evitar o engessamento. Muitos Grupos observam o Mês da Gratidão celebrando reuniões de estudo das Tradições e recolhendo contribuições especiais destinadas ao Escritório de Serviços Gerais – ESG *(no Brasil, tradicionalmente os Grupos contribuem, nesse mês, com o dinheiro arrecadado em uma reunião previamente definida para esse fim),* para a manutenção de nossos serviços. Todos AAs têm a oportunidade de desenvolver novas formas de expressar e compartilhar sua gratidão.

Por exemplo, durante esse mês, os Grupos poderão realizar reuniões temáticas focadas na força e nos diversos aspectos da gratidão: *"O quanto somos gratos" "A gratidão não é passiva"* etc.

Porque não tentar algo novo – algo que seu Grupo nunca tenha feito e que poderá tornar mais tangível e real a gratidão de seus membros?

As reuniões de Tradições sempre nos relembram a riqueza de nossa herança de A.A. e reforçam, não apenas nossa gratidão, mas também a sobriedade alcançada, tanto pelos veteranos quanto pelos recém-chegados.

Para aprofundar nossa compreensão e apreço às Tradições de A.A. durante a Semana de Ação de Graças, Bill escreveu: *"Poderíamos assim reforçar nossa fé no futuro através destes prudentes*

médios; poderíamos mostrar-nos dignos de seguir recebendo esse dom inapreciável de unidade que Deus com sua sabedoria nos concedeu tão generosamente a nós, os Alcoólicos Anônimos, durante todos estes anos tão importantes da nossa infância".

(*) Para entender melhor.

N.T.: *O Dia de Ação de Graças, conhecido em inglês como* Thanksgiving Day*, é um feriado celebrado nos Estados Unidos e no Canadá, observado como um dia de gratidão, geralmente a Deus, pelos bons acontecimentos ocorridos durante o ano. Neste dia, pessoas dão as graças com festas e orações.*

Os primeiros Dias de Ação de Graças na Nova Inglaterra - região natal de Bill W. e do Dr. Bob, eram festivais de gratidão a Deus, em agradecimento às boas colheitas anuais. Por esta razão, o Dia de Ação de Graças é festejado no outono, após a colheita ter sido recolhida.

*O primeiro deles foi celebrado em Plymouth, Massachusetts, pelos colonos que fundaram a vila em **1620**. Após péssimas colheitas e um inverno rigoroso, os colonos tiveram uma boa colheita de milho no verão de **1621**. Por ordem do governador da vila, em homenagem ao progresso desta em relação a anos anteriores, uma festividade foi marcada no início do outono de **1621**. Os homens de Plymouth mataram patos e perus. Outras comidas que fizeram parte do cardápio foram peixes e milho. Cerca de noventa índios também participaram da festividade. Todos comeram ao ar livre em grandes mesas.*

Nos EUA este dia é comemorado na quinta-feira da quarta semana de novembro. No Canadá a segunda-feira da segunda semana de outubro.

*No Brasil, o presidente Gaspar Dutra instituiu o Dia Nacional de Ação de Graças, através da lei 781, de 17 de agosto de **1949**, por sugestão do embaixador Joaquim Nabuco, entusiasmado com as comemorações que vira em **1909**, na Catedral de São Patrício, quando embaixador em Washington. Em **1966**, a lei 5110 estabeleceu que a comemoração de Ação de Graças se daria na quarta quinta-feira de novembro. Esta data é comemorada por muitas famílias de origem 'americana, igrejas cristãs, universidades confessionais metodistas e cursos de inglês.*

pt.wikipedia.org/wiki/Ação_de_Graças - 43k -

1.9. A origem do termo de Responsabilidade

***Box 4-5-9*, Out./Nov. 2008 (pág. 9-10) => http://www.aa.org/newsletters/es_ES/sp_box459_oct-nov08.pdf**

Título original: "***La declaración de la responsabilidad: un tema que perdura"***

Sob qualquer padrão de medida que se queira utilizar, Alcoólicos Anônimos tinha alcançado em **1965** um sucesso que parecia superior ao que pudessem ter imaginado seus dois cofundadores trinta anos antes. Com aproximadamente 350.000 membros no mundo todo, a Irmandade tinha-se convertido numa instituição bem conhecida na América do Norte, e muitos profissionais que trabalhavam na área da recuperação acreditavam que A.A. era a mais clara e melhor solução para o tratamento do alcoolismo. No começo de julho de **1965**, aproximadamente 10.000 membros congregaram-se em Toronto, Canadá, para participar da IV Convenção Internacional que resultou ser uma boa ocasião para alardear e se recrear nos logros de A.A.

Entretanto, a Convenção também se dedicou a fazer um destemido inventário e, especialmente, ao tema da responsabilidade. Bill W. introduziu oficialmente o Termo de

Responsabilidade que diz ***"Eu sou Responsável... quando qualquer um, seja onde for, estender a mão pedindo ajuda, quero que a mão de A.A. esteja ali. E por isto: eu sou responsável".***

O autor dessa declaração foi Al S., que contou a historia de sua concepção na VI Convenção Internacional de Denver em **1975**; *"buscava-se uma declaração (sobre a responsabilidade), que tivesse o efeito de captar emocionalmente os AAs sem impor nenhum dever"*, lembrou Al. Depois de varias tentativas, teve a ideia de que deveria ser uma decisão e uma responsabilidade pessoal – *"Eu"* no lugar de *"nós"*. Dez mil membros de A.A. juntaram-se e, de mãos dadas fizeram pela primeira vez a declaração desse Termo na Convenção de Toronto, e desde então se tem distribuído por toda a Irmandade e se reimprime nos folhetos de A.A. e na Revista Grapevine.

Porque a essa declaração foi escrita e aceita naquele momento? Uma possível razão é que Bill W. e outras lideranças em A.A. haviam detectado alguns problemas que poderiam afetar a capacidade futura de A.A. ajudar os alcoólicos.

Em **1963**, uma revista nacional tinha publicado uma matéria de capa muito crítica em relação a A.A. a qual sugeria que a Irmandade já não dava tão bons resultados. Os profissionais no campo do alcoolismo, não alcoólicos, sentiam-se inquietos diante das atitudes e ações de alguns membros de A.A. – um deles inclusive iria falar na Convenção de Toronto. Alguns insinuaram que estava na hora de A.A. *"fazer seu inventário"*.

Bill W. considerou detidamente o tema num artigo intitulado *"Nosso lema: a Responsabilidade"*, publicado no número de julho de **1965** na revista Grapevine. Disse ser possível que estivéssemos alienando alguém devido à nossa arrogante convicção de sempre estar com a razão e nossa solução para o alcoolismo ser a única. Tínhamos que corrigir essas atitudes e esse comportamento para continuar a alcançar o alcoólico que estava sofrendo.

Bill W. disse: *"Se fizer um inventário dos defeitos de A.A., podem estar seguros de que também estarei fazendo o meu próprio. Sei que meus erros de ontem ainda têm repercussões, e meus erros de hoje podem igualmente afetar nosso futuro. Assim acontece com todos e cada um de nós.*

Nossa próxima responsabilidade será a de apadrinhar, de maneira inteligente e carinhosa, cada homem e cada mulher que recorra a nós em busca de ajuda. O empenho e o amor com que nos dispormos a realizar essa tarefa, individual ou coletivamente, terão importância decisiva"

Complemento:

Houve duas Ações Recomendáveis da Conferência de Serviços Gerais em relação ao termo de Responsabilidade. A primeira, em **1971**, a Conferência, recomendou que o Comitê de Literatura reafirmasse nas suas publicações o texto *"Eu sou responsável"* conforme a Convenção Internacional realizada em Toronto em **1965**. A segunda, em **1977**, a Conferência recomendou que o texto dessa declaração nunca fosse mudado.

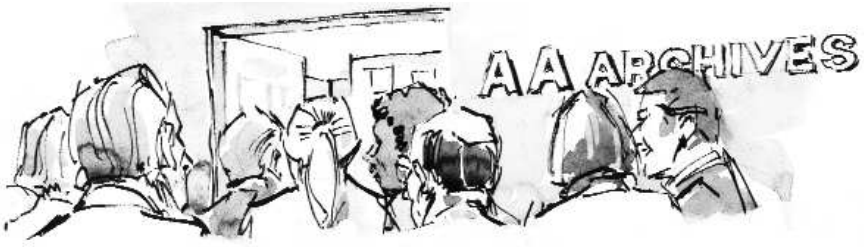
1.10. A origem dos Arquivos Históricos

***Box 4-5-9*, Out. Nov. 2005 (pag. 3 a 5) =>http://www.aa.org/newsletters/es_ES/sp_box459_oct-nov05.pdf**

Título original: ***"Los Archivos Históricos de A.A. cumplen 30 años"***

Se aos visitantes do Escritório de Serviços Gerais lhes fosse perguntado o que gostariam de ver em primeiro lugar, a grande maioria diria os Arquivos Históricos. Os AAs estão cada vez mais fascinados com a história da Irmandade. Assim como percebemos a importância de manter fresca a

lembrança da nossa vida pessoal, também percebemos a necessidade de conhecer e compreender o nosso passado coletivo para poder assegurar nosso futuro.



Em novembro (**2009**) será celebrado o 30º aniversário dos Arquivos de A.A. Os Arquivos Históricos, que estão abrigados no Escritório de Serviços Gerais – ESG, num espaço muito maior e mais impressionante que os três pequenos cômodos onde se instalaram originalmente em **1975**; são o depósito principal de milhares de documentos, histórias orais, fotografias e outros artigos que contam a história do nosso passado.

Na entrada, os visitantes se deparam com uma galeria recheada com dúzias de fotografias de pessoas e lugares importantes da história de A.A. Têm a oportunidade de ver tesouros tais como a carta que o famoso psiquiatra, o Dr. Carl Jung, escreveu a Bill em **1961**, exemplares de todas as impressões das quatro edições do Livro Grande (nosso Livro Azul), o Premio Lasker, outorgado a A.A. em **1951**, e o sofá original do escritório de Bill. Uma das coisas favoritas dos visitantes são os livros de recortes de artigos da imprensa a respeito da Irmandade publicados na época dos seus primórdios a partir de 1939. A primeira arquivista do ESG, Nell Wing – não alcoólica, os descreveu como sendo tesouros de *"valor inestimável, não apenas porque nos oferecem uma visão panorâmica dos acontecimentos de A.A., mas também porque nos revelam como o público em geral e os repórteres viam o alcoolismo e a Irmandade e o que diziam a respeito ao longo dos anos"*.

De vez em quando, os visitantes se mostram obviamente comovidos e inclusive choram de emoção ao descobrir aspectos de suas histórias pessoais. Agora que a Irmandade tem 70 anos de existência (**2005**), há membros de segunda e terceira geração e não é estranho que alguns encontrem alguma referencia aos seus pais e até aos seus avós que receberam ajuda dos membros fundadores. Pessoas de outros países encontram coisas que ativam lembranças comovedoras dos primeiros dias de A.A. nos seus países, como por exemplo, a chaleira utilizada nas primeiras reuniões ou um prato feito a mão enviado por um membro polonês quando A.A. estava na sua infância na Polônia.

Mas estes artigos, embora tenham grande significado, constituem apenas um capítulo da história dos Arquivos. Judit Olah, arquivista não alcoólica, diz que durante os últimos anos colocou-se uma forte ênfase em fazer com que os AAs não considerem os Arquivos apenas com um armazém de coisas colecionáveis, mas como um depósito de coisas de grande importância histórica. Ela e o seu pessoal ajudante junto com o Comitê de Arquivos Históricos dos Custódios, estão-se concentrando em disponibilizar da maneira mais fácil possível a vasta coleção para os membros da Irmandade e dos pesquisadores científicos interessados em A.A. Fizeram um trabalho de preservação de áudio, digitalizando materiais de áudio das décadas dos anos de **1950** e **1940**; Conferências de Serviços Gerais anteriores, palestras de alguns dos nossos primeiros Custódios, etc. Também está sendo melhorada a organização de cartas e folhetos criando bases de dados para que cada vez estejam mais disponíveis. No decorrer dos cinco últimos anos foi implementado um sistema computadorizado de escaneamento.

Com a mesma finalidade, e de acordo com o recomendado pela Conferência, foi mudada a perspectiva editorial do boletim *Markings*; de um intercâmbio entre os arquivistas locais e de Área,

passou a ser uma reflexão sobre temas que servem para aprofundar nossa familiaridade com as raízes da Irmandade. O novo enfoque foi iniciado com um número dedicado às filosofias e os movimentos precursores de A.A.; e foram publicados outros dois números: um a respeito da relação de A.A., no seu começo, com o mundo dos negócios e outro a respeito dos membros do clero e da medicina que tiveram influencia nas primeiras etapas do desenvolvimento de A.A. Ademais, os Arquivos estão disponibilizando gradualmente para a Irmandade vários recursos de áudio dos primeiros tempos: alguns CD´s com breves anedotas narradas por Bill W. e palestras de alguns dos primeiros Custódios, foram apresentados na Conferencia e em vários Fóruns Regionais em **2004**.

Fez-se cada vez mais necessária a utilização de tecnologias mais sofisticadas na medida em que os pedidos de informação por parte da Irmandade foram-se incrementando a passos gigantescos. Devido à generalização do uso do correio eletrônico por parte dos membros, por exemplo, e o esforço do Escritório para ajudar os AAs a encontrar a informação que procuram o pessoal sempre está muito atarefado. Junto com Judit, o pessoal é composto pelas seguintes muito trabalhadoras pessoas não alcoólicas: Michelle Mirza, arquivista ajudante, Noella Jordan e Maureen Carthers, pesquisadoras assistentes e dois ajudantes temporários. Judit informa que recebe 100 correios eletrônicos a cada semana, e o restante do pessoal responde aos pedidos que chegam, a maioria dos quais supõe que se realizem pesquisas antes de poder dar uma resposta.

Uma das responsabilidades do pessoal dos Arquivos Históricos é a de cuidar e preservar os arquivos dos primeiros Grupos, as histórias das Áreas, manuscritos originais, livros, folhetos e jornais. O papel das velhas cartas, por exemplo, pode ser muito frágil devido ao alto conteúdo de ácido. Primeiro é necessário retirar o ácido destes documentos, depois são colocadas em pastas livres de ácido; algumas são cobertas com Mylar para mais proteção **(N.T**.: ***Mylar*** *é a marca registrada de uma forte película de poliéster que tem resistência térmica e propriedades de isolamento. O Mylar é utilizado em fitas magnéticas, dielétricos do capacitor, empacotamentos, blueprints e em baterias magnéticas).* Por motivos de segurança, muitos documentos estão armazenados fora desse lugar, e os Arquivos ampliaram sua capacidade de armazenamento fazendo uso do espaço do porão do prédio onde o Escritório de Serviços Gerais – ESG tem os escritórios, e em outros espaços em Nova Jersey e nas Catskills **(N.T.:** *serie de montanhas localizadas a 100 km ao norte-noroeste da cidade de Nova York).* Estes documentos podem ser disponibilizados aos pesquisadores conforme se fizer necessário.

A abundância e a variedade dos recursos são extraordinárias e ainda mais se levarmos em consideração seu começo precário. Nell Wing, a secretária de Bill durante muitos anos, frequentemente contava a história de seus esforços para assegurar que fossem guardados e preservados os documentos de grande importância histórica. Seu trabalho, não oficial, como arquivista começou já em **1955**, quando Bill estava considerando a possibilidade de escrever uma historia de A.A. Ele, Nell e Ed. B., um escritor contratado para ajudar a realizar o projeto, reuniam-se nos fins de semana em Stepping Stones (a casa de Bill e Lois em Westchester, Nova York) para os trabalhos preliminares de investigação e redação. Numa entrevista com vários membros do pessoal da *Grapevine,* Nell disse: *"A Ed não lhe parecia necessário guardar todo esse material. Na medida em que ele ia revisando os folhetos e as cartas, a maioria deles era jogada no lixo; e eu lhe dizia: 'Ed, não podemos jogar tudo isso no lixo. Eu sabia por experiência que cada carta continha pelo menos cinco boas ideias. Mas, Ed acreditava que grande parte daquele material já não tinha importância alguma. Assim, deixei de discutir com ele. Mas quando Ed ia embora depois da sessão, eu apanhava o material jogado no lixo e voltava a coloca-lo no seu lugar. Se não tivesse feito assim,*

posso lhes assegurar que se teriam perdido muitos materiais. E também de interesse que, nos fins da década de 1980, por não dispor de muito espaço, um dos gerentes do escritório decidiu jogar fora tudo que tínhamos acumulado nos últimos dois anos. Protestei com veemência. Disse a ele: 'Traga-os para mim e eu verei o que pode ser feito'. *Senão, quem sabe? Mas, as pessoas do nosso país não aprecia a importância dos arquivos históricos. Somos pessoas do agora; não pensamos no futuro. Isso é o que Bill tinha de extraordinário, o reconhecer com tanta clareza a importância do passado".*

De acordo com Nell, *"Bill percebeu a necessidade de preservar os documentos de A.A. desse quase o começo da Irmandade. No começo dos anos de **1950**, Bill viajou a Akron, Cleveland e Chicago com um gravador para entrevistar os membros pioneiros e os amigos não alcoólicos"*. O objetivo imediato era recolher uma seleção de histórias para uma proposta segunda edição do Livro Grande, mas a vantagem em longo prazo foi criar uma base para uma biblioteca histórica no ESG. Numa carta escrita em **1954** com a finalidade de pedir histórias orais, Bill disse: *"Peço-lhes que façam uma gravação das suas experiências e lembranças dos primeiros dias... Podem fazer um bom começo contando sua historia pessoal... Espero que entrem em detalhes a respeito das dificuldades desses dias assim como do estado de humor, e relatem tantas anedotas quanto lhes seja possível. Não é difícil preparar uma lista de dados. O difícil é captar o ambiente onde tudo acontecia, e os materiais anedóticos irão fazer com que essas experiências ganhem vida"*.

Bill sempre teve uma compreensão profunda da história e acreditava que os Arquivos de A.A. eram necessários *"... para assegurar que a informação seja correta e que o mito não prevaleça sobre os fatos no que se refere à história da Irmandade"*. Infelizmente, como contou Lois, a mulher de Bill, na cerimónia de abertura dos Arquivos, grande parte da correspondência e outros documentos dos primeiros anos não foram guardados *"porque estávamos muito ocupados tratando de levar ajuda aos alcoólicos e as suas famílias"*. Bill sempre percebeu a importância teórica dos Arquivos, disse Lois, *"mas não era muito bom na hora de coloca-lo em prática"*. E Tom S., antigo Custódio, lembra-se de ter ido visitar Bill no escritório num dia em que ele estava procurando alguma coisa em seus arquivos e não conseguindo disse *"sou um desastre"*.

Tais experiências motivaram a Tom S. e ao seu companheiro Custódio George G., a recomendar enfaticamente que fossem estabelecidos os Arquivos Históricos. No começo da década de **1970**, um incêndio no edifício onde então se encontrava o ESG, serviu para chamar a atenção dos Custódios de forma dramática, sobre os perigos de perder documentos e artigos de vital importância histórica. Foi formado o Comitê de Arquivos Históricos dos Custódios em **1973**, e no outono de **1975**, foi celebrada a abertura oficial dos Arquivos localizados em três salas do oitavo andar da 468 Park Avenue South de Nova York, onde se encontrava o Escritório de Serviços Gerais – ESG. George G., coordenador do Comitê de Arquivos Históricos, presidiu a cerimonia, e Lois, Tom S., e o então presidente da Junta de Serviços Gerais, o Dr. John L. Norris pronunciaram algumas palavras.

Uma das primeiras responsabilidades do Comitê dos Custódios foi a de aumentar a coleção de experiências gravada dos membros pioneiros. Ao mesmo tempo, Nell Wing ia recolhendo histórias dos Grupos, escrevendo aos Grupos perguntando-lhes como tinham começado e quem foram seus fundadores **(*)** *"como cresceram, quais pessoas ajudaram, datas, anedotas a respeito das pessoas e eventos, cooperação com a comunidade, problemas dos Grupos – qualquer coisa que pudessem ter guardada na memória"*. As histórias dos Grupos também são um importante recurso para os muitos arquivos locais e de Área que surgiram por toda a Irmandade nas últimas décadas. A grande maioria

das Áreas tem agora seus próprios Comitês de Arquivos Históricos e muitos publicaram a história das suas Áreas.

Os princípios espirituais de acordo com os quais vivemos, foram evoluindo ao longo de anos de provação. Nossos fundadores cometeram todos os erros possíveis e milagrosamente aprenderam com eles para criar um conjunto de tradições que nos podem ajudar a superar qualquer tipo de dificuldade na atualidade. Os Arquivos Históricos desempenham um papel vital nas nossas vidas, preservando as lições do passado e colocando-as à nossa disposição, lembrando-nos não apenas o que aconteceu, mas também porque aconteceu.

Num artigo no número de maio de **1995** do Box 4-5-9, Frank M., arquivista anterior, comentou sobre o papel da história na vida de A.A.: *"Não é uma questão de venerar cegamente o passado, mas de apreciar a importância que o passado tem no presente. Na atividade de colecionar as lembranças de A.A. percebe-se um forte elemento de competição. Vivemos numa sociedade materialista, e as coisas* 'colecionáveis' *– seja figurinha de jogadores de beisebol ou folhetos de A.A., chegaram a ser muito cobiçadas. Temo que tenhamos começado a idolatrar as* coisas *e perder de vista o* conteúdo*. Os Arquivos Históricos têm outro propósito – o de esclarecer a importância que o passado tem para as nossas vidas e de aprofundar nossa gratidão por aquilo que nos foi dado. Não tem a ver com as coisas, mas, sim com a gratidão"*.

(*)PARA SABER MAIS:

Material de Serviço do Escritório de Serviços Gerais (EUA/Canadá)

COMO PESQUISAR A HISTÓRIA DOS GRUPOS DE A.A.

Reproduzido com autorização: **www.aa.org/assets/es_ES/smf-169_sp.pdf**

Título original: ***"Cómo investigar la historia de los grupos A.A."***

O departamento de Arquivos do Escritório de Serviços Gerais recebe com frequência perguntas a respeito de como os Grupos de A.A. podem escrever a história de seu Grupo. Abaixo, seguem algumas das perguntas mais habituais que o Departamento de Arquivos utiliza ao escrever a história de um Grupo. É sugerido que os Grupos tentem responder estas perguntas e, se necessário, se ponham em contato tanto com os Arquivos do Escritório de Serviços Gerais como com seus Arquivos locais para obter informação. Se os Grupos estão desenvolvendo uma história oral, os Arquivos do ESG disponibilizam um *Kit de História Oral* que pode ser utilizado como guia. A experiência demonstrou que muitos Grupos acham ser esta ferramenta de grande utilidade. O Kit de História Oral está disponível dos Arquivos no sítio web do ESG de A.A. em www.aa.org.

- Quem ou quais foram os fundadores do Grupo?
- Onde e quando foi realizada a primeira reunião? Na ordem cronológica, enumere onde foram realizadas as últimas reuniões. Inclua cidade, Estado, prédio, residência, igreja, clube, etc.
- O Grupo já estava inscrito no ESG quando os membros se reuniram pela primeira vez?
- Qual é o nome do Grupo? O nome do Grupo foi modificado ao longo dos anos?
- O fato que deu origem às reuniões: ... foi o desmembramento de um Grupo de origem; uma divisão causada por desavenças ou simplesmente a decisão de alguns membros de A.A. de começar um Grupo na sua localidade, etc.

- O que fizeram os membros fundadores para informar à comunidade que se estava formando uma nova reunião de A.A.?
- Quantos membros assistiram à primeira reunião do Grupo?
- Descreva a composição dos membros, por exemplo, somente homens, mulheres, jovens, etc.
- Como o Grupo foi crescendo ao longo dos anos?
- São feitos frequentemente inventários do Grupo, e têm sido úteis?
- Quem ou quais foram os primeiros servidores do Grupo? Indique, por exemplo, RSG, Contato do Grupo, Coordenador/a, Secretário/a do Grupo, etc.
- O Grupo criou um Comitê de Serviço?
- Algum membro do Grupo já teve participação no Distrito, na Área ou outro serviço da Irmandade?
- Qual é a frequência das reuniões e como foi modificada ao longo dos anos?
- Que tipo de reuniões o Grupo celebra: fechadas, abertas, de debate, etc.
- Descreva os conflitos e controvérsias que foram surgindo durante o crescimento do Grupo.
- Como o Grupo celebra os aniversários de sobriedade de seus membros?
- Como o Grupo celebra o aniversário da sua própria fundação?
- Descreva como o Grupo colabora com as entidades profissionais (assinando fichas ou cartões emitidos por Tribunais, apoiando reuniões de caráter institucional, colaborando com os plantões telefônicos nos Escritórios de Serviços Locais, etc.)
- O Grupo tem participado de eventos de A.A. especiais, locais ou regionais, tais como Convenções, Conferências, Ciclos de Estudo, Seminários, Fóruns, Oficinas, etc.?

1.11. Um passeio pela história: Os Arquivos Históricos do ESG-NY

***Box 4-5-9*, Março 2014 (pag. 5-6) => http://www.aa.org/newsletters/es_ES/sp_box459_spring14.pdf**
Título original: "***Una caminata por la historia: los Archivos Históricos de A.A. de la OSG "*.**

Eles vêm de lugares tão distantes quanto a Ucrânia e tão próximos como o bairro do Brooklin, em grupos de até vinte pessoas ou na forma de apenas um Solitário; chegam com muita motivação e boa vontade, e ás vezes por sugestão feita por seu padrinho, para visitar as instalações

da *"Sede de A.A."*. Dia após dia, em números a cada vez maiores, chegam os visitantes ao Escritório de Serviços Gerais – ESG, localizado no *"Upper West Side"* de Manhattan. Muitos dos que fazem o percurso das instalações ficam surpresos com a amplidão do espaço e igualmente impressionados pelo alcance e a variedade dos trabalhos empreendidos e os serviços oferecidos diariamente pelos escritórios da Irmandade. Muitos se interessam especialmente pelas tradições e a história de A.A., e assim, a maioria das visitas começa – e frequentemente termina - nos Arquivos Históricos de A.A. do ESG.

Ansiosos por informação a respeito de Bill W., o Dr. Bob, os membros pioneiros e os primeiros amigos e defensores da Irmandade, os visitantes costumam se sentir entusiasmados com a vasta coleção de literatura de A.A., que inclui uma impressão de cada edição do Livro Grande (no Brasil, Livro Azul). A riqueza do passado do A.A. está refletida no contexto histórico, nas fotografias penduradas nas paredes, fotos dos cofundadores e dos primeiros amigos de A.A., entre eles, o padre Ed Dowling, o sacerdote jesuíta a quem Bill W. considerava um dos seus conselheiros espirituais e John D. Rockefeller, cujo exemplo e perspectiva sobre as finanças assentaram as bases da Tradição de Autossuficiência de A.A. Fotos de Lois W. e Anne S., esposas dos cofundadores e das suas casas em Bedford Hills, Nova York e em Akron, Ohio, oferecem uma visão mais ampla sobre as vidas dos dois homens responsáveis pela criação e o desenvolvimento de A.A.

Os visitantes também podem ver o Prêmio Lasker, outorgado a A.A. pela Associação Médica Americana em **1951**; exemplares de números atrasados e recentes da Grapevine; livros de recortes de artigos sobre A.A. publicados em jornais de **1939** até a década de **1950** e fotos de pessoas, lugares e acontecimentos de importância histórica para A.A. Há também uma exposição internacional com fotos de locais de reuniões e cópias de traduções de literatura de A.A. As primeiras traduções do Livro Grande incluem: alemão **(1952),** espanhol **(1952)** e francês **(1963).**

Outros itens de interesse especial são a máquina de escrever que foi usada para datilografar o manuscrito do Livro Grande; uma cópia emoldurada da carta escrita pelo Dr. Carl Jung, endereçada a Bill W. em **1961** - carta que aparece na página 330 do livro *"A Linguagem do Coração"* (Junaab, código 104), uma coleção de escritos de Bill publicados na Grapevine; e o sofá em que Bill W. costumava se sentar no ESG. Sentados neste sofá em contemplação, procurando na biblioteca a multiplicidade de fotografias e amostras de objetos dos primeiros dias de A.A., os visitantes frequentemente dizem se sentir profundamente gratos e conectados com o extraordinário e improvável passado de A.A.

Um dia típico nos Arquivos Históricos é um dia muito ocupado, porque uma das funções principais dos Arquivos Históricos é a de responder aos aproximadamente 1.600 pedidos de informações e pesquisas que chegam anualmente feitas por membros de A.A., funcionários do ESG e o público em geral. Além disso, o pessoal dos Arquivos Históricos está fazendo um esforço constante para catalogar e armazenar as novas aquisições e para avaliar, organizar e preservar outras coleções de materiais. O pessoal também monta e mantém amostras dos arquivos e passa uma quantidade considerável de tempo digitalizando documentos importantes para sua coleção.

Algumas perguntas que chegam aos Arquivos Históricos são bastante fáceis de responder, mas para responder outras é necessário fazer pesquisas mais minuciosas. Entre as solicitações de informação mais comuns incluem-se as que tratam da origem e desenvolvimento dos Passos e as Tradições de A.A.; histórias de Grupos, Áreas e estruturas internacionais; números atrasados e

edições anteriores de boletins, folhetos e outras publicações; o desenvolvimento da estrutura do serviço e as ações das Juntas corporativas e da Conferência de Serviços Gerais desde **1951**.

Entre as principais propriedades dos Arquivos Históricos incluem-se os registros escritos da Fundação do Alcoólico, organizada no final da década de **1930** para atender às necessidades do incipiente movimento e precursora da atual Junta der Serviços Gerais. Inclui a correspondência entre o ESG e os membros e Grupos pioneiros da América do Norte e outras partes do mundo, e detalha as dificuldades com as que A.A. foi confrontada e que foram superadas a través de tentativas e erros. Os Arquivos Históricos também tem arquivadas as atas das reuniões da Junta der Serviços Gerais, das Juntas corporativas de A.A.W.S., Inc., e Grapevine e tem uma coleção substancial de materiais de áudio, incluindo entrevistas gravadas e gravações de eventos de A.A., tais como as Conferências de Serviços Gerais e as Convenções Internacionais. Há também uma coleção de literatura produzida pelo ESG e outras entidades de A.A. e uma quantidade considerável de registros de Grupos.

Também está abrigada nos Arquivos Históricos uma vasta coleção de recortes de imprensa e de livros que tratam tanto de A.A. como de alcoolismo e oferecem aos interessados a oportunidade de formar uma ideia do desenvolvimento e a evolução da percepção e compreensão do alcoolismo, e como ele tem mudado desde a Fundação de A.A.

Com alguma frequência, o pessoal dos Arquivos Históricos recebe pedidos de cópias das cartas de Bill W. contendo textos citados no livro *"Na Opinião de Bill"* – Junaab, código 112; a resposta a estes pedidos apresenta grandes dificuldades para o pessoal, porque, como Bill explicou no prefácio a este livro, as citações foram retiradas de seus contextos originais para a sua publicação, e tem sido necessário revisar alguns textos e até mesmo retornar a escrevê-los no interesse da clareza; é por isso que é difícil encontrar a fonte original de várias citações. Em casos muito raros, é possível encontrar a carta solicitada, e por isso quem apresentou o pedido recebe extratos relacionados da carta e não uma cópia da mesma. Ao tomar estas decisões, o pessoal dos Arquivos Históricos segue as Normas para Fotocopiado que foram criadas para proteger a integridade física e intelectual da coleção. Além disso, o objetivo dessas normas também é o de proteger o anonimato e a privacidade de nossos membros e cumprir as leis de Direitos Autorais dos EUA quando forem aplicáveis à nossa coleção.

Além disso, cada ano vem aos Arquivos Históricos vários profissionais interessados em fazer pesquisa e estudar os vários aspectos da história de A.A. Alguns querem aprender sobre indivíduos importantes para a Irmandade. Outros querem saber mais sobre o programa de A.A. propriamente, incluindo suas raízes filosóficas, psicológicas e espirituais. Embora o número possa variar, geralmente ocorrem a cada ano por volta de uma dúzia de pesquisadores que após pedir e obter a aprovação do Comitê de Arquivos Históricos dos Custódios tem acesso a determinada propriedade inédita.

O pessoal dos Arquivos Históricos recebe por telefone, correio postal ou eletrônico, pedidos de ajuda dos arquivistas ou Comitês de arquivos locais (Áreas, Distritos, Grupos, etc.) que precisam de conselhos sobre quais materiais selecionar. Para ajudar os arquivistas locais, os Arquivos Históricos do ESG lhes oferecem o *Libro de Trabalho dos Arquivos Históricos* **(1),** *Guia dos Arquivos Históricos* **(2),** e outros guias relacionadas com preservação e digitalização, um kit de histórias orais e outros materiais.

Três vezes por ano os Arquivos Históricos publicam um boletim intitulado *Marcas* com artigos sobre vários aspectos da história do A.A., bem como artigos sobre preservação e manutenção

da coleção nos arquivos. *Marcas* (o nome é provisório, já que ainda não é publicado em português) está disponível em espanhol **(3),** inglês **(4)** e francês **(5)** e pode chegar diretamente pelo correio eletrônico para aqueles que se inscreverem no *website* de A.A. do ESG - www.aa.org.

Os visitantes dos Arquivos Históricos frequentemente estão interessados especificamente na história de Grupos individuais e muitos acabam encontrando-se, no final de sua turnê pelas instalações, na biblioteca dos Arquivos Históricos – talvez sentados no sofá de Bill - folheando velhos livros de recortes, artigos publicados no passado na Grapevine ou diretórios remanescentes procurando informações sobre o seu Grupo base ou o Grupo onde conseguiram sua sobriedade. Profundamente curiosos a respeito de A.A. e seu desenvolvimento, os visitantes também fazem perguntas relacionada com a literatura de A.A., especialmente sobre o Livro Grande, os lemas e as orações dos dias pioneiros. Alguns fazem perguntas sobre o uso de medalhões e logotipos, e outros querem se informar sobre costumes e práticas que se desenvolveram nas reuniões.

Não importa qual seja a pergunta: os dedicados membros do pessoal dos Arquivos Históricos irão fazer tudo o possível para responder aqueles que desejam aprender sobre A.A. e sua extraordinária história.

NT (1): http://www.aa.org/lang/en/pdf/products/m-44i_archivesworkbook.pdf (Inglês)
http://www.aa.org/lang/sp/pdf/products/sm-44i_archivesworkbook.pdf (Espanhol)
http://www.aa.org/lang/fr/fr_pdfs/fm-44i_archivesworkbook.pdf (Francês)
NT (2): http://www.aa.org/lang/en/en_pdfs/mg-17_archives.pdf (Inglês)
http://www.aa.org/lang/sp/sp_pdfs/smg-17_archives.pdf (Espanhol)
http://www.aa.org/lang/fr/fr_pdfs/fmg-17_archives.pdf (Francês)
NT (3): http://www.aa.org/lang/sp/subpage.cfm?page=24 (Huellas)
NT (4): http://www.aa.org/lang/en/subpage.cfm?page=24 (Markings)
NT (5): http://www.aa.org/lang/fr/subpage.cfm?page=24 (Archivages)

1.12. A origem dos Escritórios de Serviços
A vanguarda de A.A.

Box 4-5-9, Ag./Set. 2007 (pág. 1-2) => http://www.aa.org/newsletters/es_ES/sp_box459_aug-sept07.pdf
Título original: "***Las oficinas centrales/intergrupales: la vanguardia de A.A.***

Em **1946**, quando ainda havia muito poucos escritórios de serviços centrais e intergrupais em funcionamento – somente Califórnia, Colorado, Illinois, Maryland, Nova York e Ohio, Bill W., comentou no número de junho da Grapevine: "*Seguramente, Deus tem reservado um lugar no céu para cada um deles*". Nesse mesmo momento estavam-se abrindo centros de serviços em Massachusetts, Michigan, Mississipi, Wisconsin e Alberta – o primeiro escritório de serviços no Canadá.

Ainda no começo, Bill W. e o Dr. Bob perceberam que "*...para evitar a confusão em regiões inteiras, era necessário estabelecer pequenos escritórios, instalar telefones e contratar algumas secretárias assalariadas...se isso não fosse feito, aquele que batesse á nossa porta pedindo ajuda não teria a oportunidade de se recuperar*". Os centros de serviço desses tempos sofreram com a

falta de dinheiro, espaço e mão de obra e com a superabundância de opiniões contraditórias; entretanto, sobreviveram.

Assim, quando representantes de muitos dos 500 escritórios de serviços dos EUA e Canadá – junto com vários Custódios da Junta de Serviços Gerais e diretores e membros de A.A. World Services e da Grapevine, venham se congregar nos dias 04 a 09 de outubro de **2007** para o 21º Seminário Anual dos Escritórios de Serviços / A.A. World Services no hotel Crowne Plaza de Oklahoma City para compartilhar o espírito e a essência do serviço, irão ter presente que a eficiência é devida em grande parte ao compartilhamento coletivo das dificuldades que atravessaram seus predecessores. Como lembra Jan D., antiga gerente do Escritório Central de Serviços de Edmonton, Alberta: *"Hoje dia não em há nada original em A.A. Tudo que sabemos e fazemos para ajudar o alcoólico que ainda sofre a encontrar a sobriedade, foi-nos legado por nossos predecessores, sejam eles do Grupo de Oxford ou os trabalhadores dos Escritórios de Serviços que nos antecederam e compartilharam livremente suas experiências espirituais, o senso comum e o resultado de seus trabalhos".*

Nos primeiros dias de A.A., muitos dos escritórios de serviços, senão todos, tais como Chicago e Los Angeles, começaram com um número de telefone da casa de um membro de A.A. Outras, na cidade de Nova York, Newark, Nova Jersey, Toronto e Ontário, para citar algumas, começaram em salas de clubes que serviam como centros de atividades de A.A. Às vezes esses clubes eram utilizados como centros de distribuição da literatura de A.A. e mais tarde começaram a oferecer outros serviços. Com o passar do tempo, as entidades de serviços chegaram a separa-se dos clubes. Hoje em dia, os clubes não estão afiliados a A.A. Num surpreendente número de lugares, notadamente no norte da região central dos EUA e no Canadá, os comitês de serviços dos escritórios existiram muito antes de se estabelecerem os próprios escritórios – e muitos ainda são constituídos dessa maneira.

No começo existia o Comitê Central de Cleveland, Ohio, onde, em outubro de **1939**, pouco mais de quatro anos depois do encontro histórico de Bill W. e o Dr. Bob, um grupo de sete membros se reunia mensalmente para coordenar os trabalhos de hospitalização e apadrinhamento. O Dr., Bob não somente apoiava como também participava de suas atividades. Conforme conta Dan K., de Akron, *"O Dr. Bob desempenhava um papel muito importante nesse comitê. De vez em quando, nas reuniões os participantes se metiam em debates acalorados e gritavam como se fossem bêbados num bar. Certa vez o Dr. Bob fez o grupo se calar e disse:* 'Cavalheiros, tranquilos. Ainda somos membros de A.A. Apliquemos os princípios de A.A. nestas **reuniões de negócios (N.T.:** *é assim que se designam as* ***reuniões de serviço*** *nos EUA).* Os senhores são servidores do grupo e estão aqui presentes para ouvir as ideias formuladas pelo comitê. Deixem que cada um fale na sua vez e sem interrupção. Celebremos esta reunião de negócios como um serviço ao Senhor e aos nossos companheiros'. *Depois disso, não houve mais entreveros na presença do Dr. Bob".*

Pouco tempo depois, em **1943**, Columbus, Ohio, estabeleceu um centro de serviços que hoje é conhecido como o Intergrupo da Irmandade. Na cidade próxima, Akron, onde nasceu A.A., foi aberto um escritório Intergrupal em abril de 1954. Seu primeiro boletim mencionou o dia 18 de novembro daquele ano como *"Dia da Gratidão"*. A capa do boletim, com letras escritas a mão, testemunha a dedicação do pequeno escritório, o qual, com um mínimo de ajuda econômica, estava disposto a fazer tudo o que fosse preciso para levar a mensagem de sobriedade de A.A.

Bill W. relata que o primeiro centro de serviços organizado surgiu em Chicago, onde uma AA chamada Silvia aproveitava seus cheque mensais da pensão alimentícia equivalentes a $700 dólares (uma quantia bastante grande numa época em que Bill e Lois tinham que se manter com $55 dólares por semana) para alugar um apartamento em Evanston, um subúrbio de Chicago, e também local da primeira reunião de A.A. celebrada naquela área. Chegaram tantas chamadas telefônicas àquele escritório que a secretária de Silvia, Grace Cultice, não alcoólica, logo chegou a ser utilizada para todos os serviços.

Em **1941**, depois da publicação do artigo de Jack Alexander relacionado com A.A. no semanário Saturday Evening Post, o apartamento de Silvia converteu-se em algo parecido com a *Gran Estação Central*; então alugaram um pequeno escritório no Loop, e Grace foi instalado ali um Intergrupo para levar aos solicitantes as atenções do Décimo Segundo Passo, hospitalização e outras ajudas.

O primeiro centro de serviços de Nova York funcionava de maneira oficiosa num clube na Rua 24 em Manhattan. Estabeleceu-se o primeiro Comitê Central, mas não se estabeleceu o Intergrupo até junho de **1946** quando já havia 22 grupos na área metropolitana. De acordo com o arquivista Wally P., *"Devido aos constantes conflitos no clube, o Intergrupo mudou-se em novembro para um armazém na Rua 75 oeste, e a partir desse momento, a ordem começou a surgir do caos"*. No começo, apenas a metade dos grupos se inscreveram no Intergrupo e contribuíram para sufragar os gastos. Porém, em **1951** todos os grupos do distrito estavam cumprindo a promessa de ajudar a manter o escritório.

Na ata de uma reunião dos delegados da Associação Intergrupal de Nova York, em janeiro de **1950**, aparece uma anedota narrada por Bill W. Diz que *"uma mulher chegou ao programa dizendo* 'meu nome é Toodles e apenas me restam meus últimos três milhões de dólares'. *Toddles alcançou a sobriedade, mas morreu subitamente de diabete e legou a A.A. dez mil dólares. A fundação do Alcoólico (desde **1954**, conhecida como Junta de Serviços Gerais de A.A.), tinha aprovado anteriormente uma resolução para não aceitar dinheiro de indivíduos nem de entidades alheias à Irmandade – diferentemente de hoje em que se permite aos membros contribuir com a quantia máxima de três mil dólares ao ano e legar em testamento a mesma quantia uma única vez, não em perpetuidade. Entretanto, uma vez que o dinheiro tinha sido legado ao Intergrupo"*. Bill W. Foi da opinião de que *"o dinheiro é seu e podem fazer com ele o que bem entenderem"*.

O Escritório Central de Los Angeles teve início em **1944**. Um veterano, sóbrio desde **1940** conta que *"naqueles dias não era fácil encontrar A.A. e fazíamos o possível para que continuasse assim. Um grupo cuidadosamente selecionado entre clérigos, juízes e policiais sabiam da existência de A.A.; nosso número de telefone não aparecia na guia telefônica e somente podia ser obtido chamando a informação. Sabíamos assim, que todo iniciante que conseguiu nos encontrar tinha feito o suficiente esforço para nos convencer de que sinceramente desejava a sobriedade"*. Em Newark, onde tinha sido compilado o Livro Azul no escritório de Hank P., sócio de Bill W. durante algum tempo. Hank foi o primeiro secretário assalariado, trabalhando em tempo integral no Intergrupo de New Jersey, desde **1944** até **1949**. Em Charleston, Carolina do Sul, foi utilizada a palavra Intergrupo pela primeira vez em **1953**. A associação teve origem no primeiro centro de tratamento do estado, o Centro Alcan, Inc., alcunhado de *"espelunca dos treme-tremes"*.

Em abril de **1951**, quando se celebrou a primeira Conferência de Serviços Gerais, existiam pelo menos 16 escritórios centrais e intergrupais que serviam aos grupos locais. Uma vez que

nasceram antes da estrutura de serviços gerais ser criada e desempenharam funções diferentes, na formaram parte da estrutura de A.A. (com exceção de Chicago, onde o Escritório de Serviços da Área e o Comitê de Área, são efetivamente a mesma entidade). Às vezes, ao longo dos anos, vários serviços coincidiram parcialmente, especialmente nos casos em que as duas entidades prestavam serviços semelhantes; entretanto, com o tempo, devido à experiência compartilhada e à melhor comunicação, em muitos lugares os Intergrupos e os Serviços Gerais chegaram a trabalhar harmoniosamente em equipe.

Uma vez que os escritórios centrais e intergrupais são estabelecidos e mantidos pelos grupos, não têm autoridade própria. Cada escritório é único e reflete as necessidades e os desejos da comunidade onde se localiza e é responsável ante os grupos a quem serve. De forma geral, cada grupo tem um representante de intergrupo, e estes representantes se reúnem para eleger um comitê diretivo ou uma diretoria encarregada da administração do escritório e manter informados os grupos. Um fluxo constante de informação é essencial porque os grupos são totalmente responsáveis pela manutenção financeira do escritório que lhes serve, e os membros dos grupos locais se responsabilizam e se oferecem para fazer o trabalho do Décimo Segundo Passo.

Os escritórios centrais e intergrupais e os serviços gerais se mantém unidos em razão do nosso Segundo Legado, a Unidade. Porém, o que inicia essa cooperação e harmonia – vitais para levar a mensagem ao alcoólico que ainda sofre e ser sensíveis às necessidades de que se está recuperando em A.A., é a comunicação. Muitos escritórios locais publicam folhetos e outros materiais informativos que comunicam a experiência compartilhada dos intergrupos e escritórios centrais dos EUA e Canadá e internacionais. Nestes guias define-se o intergrupo como *"um escritório de serviços de A.A. que supõe um interesse e um esforço comuns entre os grupos de uma comunidade – tal como os grupos de A.A. o supõem entre os membros individuais. Estão estabelecidos para levar a termo certas funções que podem ser desempenhadas com maior eficácia através de um escritório centralizado.... Existe para ajudar os grupos a realizar seu objetivo primordial de levar a mensagem ao alcoólico que ainda sofre"*.

2. O Grupo de A.A. / A vida em Grupo

2.1. A transição das instituições de tratamento para os Grupos de A.A.

***Box 4-5-9*, Out. Nov. / 1987 (pág. 8-9) => http://www.aa.org/newsletters/es_ES/sp_box459_oct-nov87.pdf**
Título original: "*Transición do los Centros de Tratamiento en el Mundo de Afuera*"

Para o alcoólico que começa uma vida de sobriedade, fazê-lo através de uma instituição de tratamento tem vantagens como, ficar durante algumas semanas num ambiente protegido, isolado das responsabilidades cotidianas ou ser *"convidado"* a uma nova vida sóbria, seguindo uma rotina de assessoramento entremeada com reuniões, Passos e lemas de A.A. É um mundo relativamente seguro. Entretanto, por estranho que possa parecer, há também desvantagens originadas por essa mesma segurança. Para o principiante que vive em um ambiente regulamentado e protegido, o mundo lá fora, que a toda pessoa recentemente sóbria lhe parece ameaçador, tende a ser ainda mais assustador. Com frequência, ele ou ela dizem, *"Não posso voltar a tudo isso sem tomar um gole"*. O

desafio de ir para casa e retomar seus assuntos pode-lhes intimidar e desanimar. Muitos não têm sucesso.

Entretanto, outros são bem-sucedidos e conseguem passa por este difícil período de transição por várias razões, das quais poucas são fortuitas. Com muita frequência, através de assessoramento, de seus esforços para compreender os três primeiros Passos de A.A., da assistência assídua às reuniões que os Grupos locais levam à instituição e da relação com seu padrinho interino ou de contato, os principiantes encontram menos dificuldades neste período de transição. Ainda assim, frequentemente os principiantes não chegam a aproveitar alguns ou muitos destes fatores. Como parte de um esforço para nos informar sobre o que funciona – e não funciona, solicitamos a alguns AAs sóbrios de todas as partes dos EUA e Canadá que haviam estado internados em instituições de tratamento, que compartilhassem suas experiências com nós.

Todos com quem falamos já tinham algum pequeno conhecimento de A.A. antes de ingressar na instituição – uma visita de Décimo Segundo Passo que não surtiu efeito, uma conversa com um amigo membro da Irmandade, um encontro fortuito, etc. Na instituição todos se informaram de uma forma mais significativa a respeito de A.A., em quase todos os casos, através da assessoria e das reuniões que os Grupos locais levavam à instituição. Com menos frequência, aos pacientes lhes era possível ampliar sua experiência visitando Grupos de fora.

A maioria dos que responderam o questionário disse que alguns de seus conselheiros na instituição eram também membros da Irmandade. Porém, em poucos casos existia um programa de apadrinhamento de contato regular ou eficaz. De maneira geral, os Grupos que iam à instituição pouco se esforçavam para incentivar a ideia de padrinhos interinos.

"É uma pena, porque ao ser dado de alta a pessoa se sente solitária e nervosa", diz Buck T., de Atlanta, Geórgia. Na instituição em que esteve nunca foi feita menção ao padrinho interino nem ao de longo prazo. *"Teria sido muito útil para mim ter um padrinho de contato mesmo que fosse apenas que me levasse a uma reunião"*. Esperou umas seis semanas para conseguir um padrinho, e o fez *"porque um amigo me disse que assim o fizesse"*.

Dave P., de Las Vegas, Nevada, escreveu: *"Na instituição nos diziam que era uma boa ideia conseguir um padrinho entre os membros dos Grupos de A.A. que conduziam as reuniões, mas não diziam como fazê-lo. Naquele então, não sabia escolher"*. Dave diz que voltou a beber, e passados alguns anos, retornou a A.A. e conseguiu um padrinho imediatamente.

"Lá lhes falta o apadrinhamento", diz Robert B. de Little Rock, Arkansas, *"é por isso os perdemos"*. A instituição onde ele esteve faz sete anos, ainda não tem um programa de apadrinhamento de contato. *"Eu fui o único a conseguir um padrinho, e até agora nenhum dos meus antigos companheiros do Grupo da instituição se encontra sóbrio"*. Robert informa que frequentemente trata de iniciar programas de apadrinhamento de contato em várias instituições e que *"funciona durante algum tempo, mas depois falha"*.

Alguns membros compartilharam conosco uma experiência diametralmente oposta. Nancy K., de Rogers, Arkansas diz: *"Na instituição onde estive, se insistia muito no básico de A.A. Obrigavam a ter um padrinho antes de sair"*. Pediu a uma amiga, membro de A.A. já fazia muitos anos, que fosse sua madrinha; mas, se não houvesse sido possível, diz, poderia ter escolhido entre as muitas candidatas que havia nas reuniões a que assistia, dentro e fora da instituição.

De forma parecida, Alberta B., de Scarborough, Ontário, Canadá, conseguiu uma madrinha antes de ser dada de alta numa instituição que salientava a importância do apadrinhamento. De fato,

pediu à pessoa que lhe fez uma visita de Décimo Segundo Passo que aceitasse ser sua madrinha; entretanto, *"poderia ter conseguido uma imediatamente na instituição"*, diz. *"Recomendavam-no, e eu queria ter uma madrinha para assegurar-me que estava fazendo o apropriado"*.

Cada um dos tiveram um padrinho ao receber a alta disse que ter um amigo durante as primeiras semanas ou meses de sobriedade facilitou a transição. Uns poucos disseram que sem um padrinho teriam voltado a beber. Alguns informaram que as instituições que não tinham um programa de apadrinhamento quando eles estavam em tratamento, agora têm, e eles participam desse programa.

Sem exceção alguma, entre os que responderam, os Grupos de fora acolheram esses pacientes com sinceridade, generosidade e bondade. *"Deram-nos as boas vindas calorosamente"*, diz Ellis C., de Southbury, Connecticut. *"Ainda lembro esses dias como algo maravilhoso. Nunca fomos mais de cinco ou seis a um Grupo; a instituição não queria inundar as reuniões com pacientes, e o secretário sempre sabia que íamos assistir à reunião"*.

Sempre havia quem, para recebê-los, fazia com que sentissem que A.A. era tanto para eles como para outros principiantes. Em alguns casos, os principiantes provenientes das instituições locais constituíam a maioria na reunião, mas, mesmo assim, não havia dúvida de que eram bem-vindos.

A maioria dos que responderam, disseram que o problema principal que tinham era o álcool. Alguns que tinham problemas com o álcool e as drogas, disseram que não encontraram dificuldade em chegar ao entendimento do programa de A.A. tendo em conta a Quinta Tradição. *"Comecei com a bebida, acabei com a bebida; não me envolvo em nenhuma controvérsia. A.A. é* 'o' *programa; os demais derivam dele"*, diz Dave P., de Las Vegas, Nevada. Robert B. de Little Rock, Arkansas, um médico que tinha também problemas com drogas, está de acordo. *"Meu padrinho me fez entender que se resolvia meu problema com o álcool, os outros problemas se resolveriam por si mesmos, e assim foi"*.

A transição da instituição de tratamento para a vida de A.A. lá fora parece ser mais fácil para os principiantes se a instituição está localizada na área onde residem, mesmo que apenas seja porque já *"quebraram o gelo"* assistindo às reuniões locais. Mas este não é o fator principal no *"alisamento do terreno"*. O que mais ajuda é as boas vindas calorosas dos Grupos locais, de que falava Ellis G. Nenhum dos que responderam nos comunicou nenhuma experiência negativa, embora alguns tenham dito que eram *"solitários"* e resistiam a se *"agregar"*.

Nossos comunicantes também disseram que não sentiam *"nenhum conflito"* de lealdade ao receber a alta, entre a instituição de tratamento e A.A. Todos explicaram que sua instituição era *"pro-A.A."* e por isso não podia surgir conflito algum. Pelo contrário, Donna H., de Las Vegas, disse que enquanto participava do programa de postratamento, que dura nove semanas, dirigido pela sua instituição *"aprendi a compartilhar com franqueza. Meu conselho é fazer o mesmo nas reuniões de A.A. De outra maneira, não iria conseguir abrir a boca"*.

Muitos disseram que as experiências daqueles primeiros dias infundiram neles um forte desejo de ajudar todos os principiantes, especialmente àqueles que estavam tratando de orientar-se no terreno pouco conhecido da sobriedade, no ambiente protegido de uma instituição de tratamento.

"Acredito que o mais importante é ser amigável e acolhedor, e demonstrar interesse e carinho profundos", disse Laure C., de Woodbury, Connecticut. *"Toda vez que falo numa*

instituição, ouço os comentários dos pacientes. Ofereço-me imediatamente como amigo, para que percebam que lá fora há pessoas dispostas a ouvir e ajudar".

2.2. As finanças do Grupo

***Box 4-5-9*, Dez. /2013 (pág. 6) => http://www.aa.org/newsletters/es_ES/sp_box459_holiday13.pdf**
Título original: "***Finanzas del grupo"***

A *"responsabilidade fiscal"* não é um termo que muitos alcoólicos ativos houvessem podido aplicar a si próprios antes de encontrar a recuperação. Mas uma vez que alcançam a sobriedade e se integram a A.A., muitos experimentaram uma transformação no que se refere ao dinheiro e à responsabilidade e chegaram a reconhecer a importância da autossuficiência ao executar o serviço do Décimo Segundo Passo.

É preciso pagar o aluguel, comprar literatura, publicar listas de reuniões locais. Sem dinheiro, estes serviços básicos – e outros, não poderão ser realizados e é possível que os alcoólicos que buscam a recuperação nunca encontrem o caminho de A.A.

Como disse Bill W.: *"...Nossa maneira de vida espiritual estará assegurada às futuras gerações se, como Irmandade, não cairmos na tentação de aceitar dinheiro de fontes alheias. Mas isto nos deixa com uma responsabilidade – que todo membro deve compreender. Não podemos ser tacanhos quando o tesoureiro do nosso Grupo passa a sacola. Nossos Grupos, nossas Áreas e A.A. na sua totalidade não funcionam a menos que disponhamos de serviços adequados e sejam pagos os gastos consequentes"* (*"A Linguagem do Coração"* – Junaab, código 104, pág. 261/3).

Com o aumento do número de membros, manter estes serviços requereu uma contínua responsabilidade fiscal. Em alguns casos, os Grupos vêm-se enfrentados com assuntos financeiros inesperados relacionados com a manutenção das contas bancárias do Grupo e a obtenção de um seguro apropriado para os lugares de reunião.

Por exemplo, cada vez com mais frequência os bancos pedem aos Grupos de A.A. dos EUA que apresentem um número federal de identificação (*equivalente ao CNPJ no Brasil*) ao abrir uma conta corrente ou de poupança. E os proprietários dos locais podem pedir que os Grupos de A.A. tenham cobertura de seguros.

A Conferência de Serviços Gerais e o Escritório de Serviços Gerais – ESG prepararam uma série de procedimentos para ajudar os membros e os Grupos de A.A. a tratar de maneira eficiente muitas destas responsabilidades fiscais e legais, reconhecendo, entretanto, que no referente às finanças do Grupo, as formas de agir costumam variar de acordo com as leis, regulamentos e costumes locais.

O primeiro passo para obter um número de identificação federal para os Grupos dos EUA, é preencher e apresentar o formulário SS-4, que pode ser obtido em qualquer posto do Serviço de Arrecadação de Impostos ou no sítio Web do IRS em www.irs.gov. Cada Grupo de A.A. deverá solicitar seu próprio número; é possível que o Grupo ache conveniente solicitar a isenção de impostos. Para obter mais informações, ver a publicação 557 do IRS *"Tax-Exempt Status for Your Organization"* - http://www.irs.gov/publications/p557/ch01.html. De maneira geral, pode ser conveniente consultar um contador local para se inteirar melhor sobre estes assuntos.

Na parte que se refere aos seguros, muitos Grupos cooperam com a administração do local em que se reúnem adquirindo uma cláusula de responsabilidade na apólice de seguro do prédio; mas,

para obter informações mais precisas sobre os regulamentos locais, será útil consultar uma agencia de seguros da localidade.

"A autossuficiência: onde se juntam a espiritualidade e o dinheiro" (SF-3) => http://www.aa.org/lang/sp/catalog.cfm?category=5&product=85, e o *"Guia de A.A. sobre as Finanças"* (SMG-15) =>http://www.aa.org/sp_pdfs/smg-15_finance.pdf, oferecem informação detalhada a respeito de como abrir uma conta bancária, conseguir um número de identificação de impostos e obter cobertura de seguros para o Grupo.

"Todos e cada um dos serviços de A.A. estão encaminhados para tornar possível a realização de mais e melhores trabalhos de Décimo Segundo Passo, seja para tratar de um local de reunião de Grupo, de um Escritório Central de Intergrupo para facilitar a hospitalização e o apadrinhamento, ou a Sede de Serviços Mundiais para manter nossa unidade e assegurar a eficácia em todas as partes do mundo.

Estas agências de serviços, embora não sejam muito custosas, são absolutamente essenciais para o nosso desenvolvimento - para a nossa sobrevivência como Irmandade. Seus gastos são uma obrigação coletiva, que recai diretamente sobre todos nós. Manter nossos serviços é, de fato, reconhecer que A.A. deve funcionar em todas as partes com potência total – e que, de acordo com nossa Tradição de autossuficiência, nós vamos pagar a conta", escreveu Bill W. no artigo *"A Tradição de Autossuficiência de A.A."* na página 412 do livro *"A Linguagem do Coração"* - Junaab, código 104.

Bom, ***isso é*** responsabilidade fiscal.

2.3. Como podemos ajudar? (em desastres naturais)

***Box 4-5-9*, Outono / 2013 (pág. 8-9) => http://www.aa.org/newsletters/es_ES/sp_box459_fall13.pdf**

Título original: ***"¿Como podemos ayudar?"***

Os desastres são fatos na vida de todas as pessoas do mundo. Os tornados, as tormentas e as chuvas torrenciais, os terremotos, os furacões, as guerras, todos eles têm o poder de mudar a vida que conhecemos. As famílias podem ficar desabrigadas, as comunidades destruídas e as paisagens mudadas para sempre. E, para os que estamos em A.A. muitas das coisas que nos são tão queridas, também podem ser perdidas – nossas salas de reunião podem ser danificadas ou destruídas, nossos contatos com outros alcoólicos sóbrios cortados, nossa literatura danificada ou perdida.

Depois dos desastres, o ESG costuma ser inundado de perguntas a respeito de como podemos ajudar os membros de A.A. das áreas danificadas – áreas como Oklahoma, que foram afetadas por vários tornados que deixaram um rastro de destruição no seu caminho. Cada situação tem sua própria série de circunstâncias, e costuma ser difícil estabelecer as necessidades mais imediatas. Em muitos casos, as necessidades mais prementes são os artigos de sobrevivência – comida, agua, alojamento, remédios, coisas que A.A. não proporciona e, frequentemente, leva tempo à comunidade local de A.A. determinar precisamente o que necessita para que os Grupos possam reiniciar suas funções.

De acordo com Harold C., Delegado da Área 57, oito membros de Oklahoma perderam seus lares e, infelizmente, um morreu por causa dos recentes tornados. Por estar ele mesmo familiarizado com os desastres, depois de ter sobrevivido a um incêndio logo após a ocorrência dos tornados, Harold sente-se muito impressionado com o espirito de doação que é tão evidente em toda

comunidade de A.A. *"Minha esposa e eu recebemos chamadas, cartas, notas e. ainda mais importante, orações"*, disse ao falar do fogo. *"Não apenas do nosso Estado, mas também de outras partes dos EUA e Canadá"*.

Com ironia continua, *"quando estávamos começando a nos recuperar, chegaram mais tornados. E os mesmos membros que tão gentilmente nos haviam dado sua ajuda pessoal, voltaram a se colocar novamente à nossa disposição perguntando como poderiam ajudar a comunidade de A.A. oferecendo o mesmo apoio de amor e orações"*.

A experiência compartilhada de A.A. sugere que os Escritórios de Serviços Locais e os Grupos de A.A. precisam poucas contribuições em dinheiro ou literatura. Em muitos casos, os ESL´s e os Grupos locais vem nestas circunstâncias uma oportunidade de fazer o trabalho de Décimo Segundo Passo e procuram satisfazer as necessidades da comunidade local de A.A. antes de pedir ajuda ao ESG ou outras entidades de A.A. Ademais, devido às condições locais, é possível que muitas áreas afetadas não disponham de serviço de correio, energia elétrica ou espaço apropriado para armazenar os materiais enviados.

"Felizmente" diz Harold, *"o clube mais próximo à zona do desastre não sofreu danos foi convertido num centro de informações para conhecer as necessidades dos nossos amigos"*.

Depois destes desastres, muitos membros de A.A. querem enviar dinheiro ao ESG para ajudar especificamente nas atividades de apoio e resgate, mas o ESG não aceita fundos destinados a apoiar algum projeto específico. No lugar disso, de maneira mais geral, graças às continuas e generosas contribuições dos Grupos de A.A. dos EUA e Canadá durante o ano todo, o ESG responde em qualquer momento que exista uma necessidade manifesta substituindo a literatura danificada ou perdida durante um desastre.

Pessoalmente, como cidadãos e indivíduos particulares, muitos membros de A.A. decidem ajudar as organizações não A.A. de apoio e resgate depois de alguns desastres, por se sentirem na obrigação de ajudar nos trabalhos de distribuição da água, abrigo e medicamentos nas áreas afetadas. De acordo com as Tradições de A.A., estes membros colaboram voluntariamente sem envolver o nome de A.A.

Em Oklahoma. Diz Harold, *"os Grupos locais de A.A. ajudaram a população desabrigada com roupas, com roupas, comida e abrigo. Sei de pelo menos dois membros que estão alojados em casas de amigos da Irmandade até que consigam um lugar mais permanente. Ademais, nosso ESL ofereceu para substituir gratuitamente a literatura danificada doas membros, e algumas Áreas colocaram-se em contato comigo para repor a literatura dos Grupos locais.*

No geral, o espirito solidário continua vivo e ativo em Oklahoma", conclui Harold.

2.4. Fazer os novos se sentirem especiais – não diferentes

***Box 4-5-9*, Oct. Nov. / 1998 (pág. 4) => http://www.aa.org/newsletters/es_ES/sp_box459_oct-nov98.pdf**
Título original: "***Hagamos que los principiantes se sientan especia1es - no diferentes"***

"'Se você é recém-chegado ou está retornando', *disse o secretário do meu Grupo base pouco antes do intervalo da reunião,* 'não se incomode em fazer alguma contribuição. Precisamos de você, não do seu dinheiro'.

"Devo ter ouvido estas palavras centenas de vezes e nunca gostei", diz um membro da costa Leste, *"mas esta vez percebi repentinamente do porquê. Está-se dizendo aos recém chegados que*

são diferentes e únicos e não tem que participar da Sétima Tradição de A.A. 'Meu Deus', *disse para mim* 'aqui temos toda essa gente nova que já se sentem como sendo de outro planeta e lhes dizemos que fiquem – seja diferente, você não é um dos nossos. Que maneira triste de excluí-los do que se supõe que vai ajuda-los a se sentir incluídos!'"

"A Sétima Tradição", destaca este membro, *"não trata apenas da autossuficiência, mas da participação também:* 'Admitimos... Entregamos nossas vidas... Somos autossuficientes... Claro que muitos chegamos quebrados (embora, milagrosamente, sempre dava um jeito para comprar um trago)'. *Naquele então, colocava na sacola moedas de cinco ou dez centavos e guardava as notas de Dólar para comprar cigarros; mas pelo menos participava. Ninguém me disse para não fazê-lo, mas se esperava que o fizesse. Ao colocar as moedas na sacola me sentia como uma parte importante do Grupo – como se fosse um personagem rico que estava colocando uma nota de mil dólares. Estava participando do meu Grupo base e sobre esta base estava construindo minha sobriedade.*

Minhas ações me converteram e uma parte de A.A. Tinha a sensação de pertencer. Era membro porque eu assim o dizia e fazia. Pela primeira vez este egoísta, egocêntrico queria dar não apenas aos principiantes, mas à totalidade de A.A. – ao meu Grupo, minha Área, meus Escritórios de Serviços Locais e Gerais, dar de todo coração e do meu bolso. Como disse Bill W., 'há um lugar onde se misturam o espiritual e o material: a sacola'. *Em nossa Irmandade, o dinheiro é espiritual: uma moeda de dez centavos que coloco na sacola, me é devolvida transformada em amizades, em família e na oportunidade de servir. Todos ao meu redor faziam o mesmo, e percebi que estava em meu lugar. Em poucas palavras, dizer ao recém-chegado* 'precisamos de você e não do seu dinheiro' *é uma bobagem. Necessitamos os dois: os recém chegados e que eles saibam que forma parte da nossa Irmandade e que a totalidade de A.A. precisa ser autossustentada.*

E todas as vezes que os alcoólicos mesquinhos que já levamos algum tempo sóbrios deixamos passar de longe a sacola, parecendo que o ato de enfiar a mão no bolso é um exercício muito violento? Muitos de nós evitamos a sacola, mas no fim do ano renovamos o contrato com a academia ou saímos com nossos amigos a tomar cappuccinos *de cinco Dólares. Sei que quando bebia gastava de 40 a 100 Dólares por noite; agora que estou sóbrio tornei-me poupador Às custas de A.A.*

"Uma vez que não sou o único, meus queridos amigos, o que lhes parecem as seguintes palavras para abrir a reunião? 'Em A.A. não temos nem cotas nem honorários, mas temos gastos e, se você é recém-chegado ou está retornando agradecemos sua participação – sua contribuição ajuda este Grupo autossustentável e a manter abertas as portas de A.A. a todos que sofrem de alcoolismo'".

2.5. O Coordenador de Literatura no Grupo

***Box 4-5-9*, Outono (Set.) / 2013 (pág. 1-2) => http://www.aa.org/newsletters/es_ES/sp_box459_fall13.pdf**
Título original: ***"¿Tiene su grupo um coordinador de literatura?"***

Desde a publicação do Livro Grande *(nosso Livro Azul - Junaab, código 102)* em **1939**, a literatura de A.A. tem levado a mensagem a incontáveis alcoólicos ao redor do mundo – e o fez sem as costumeiras estratégias mercadológicas e de publicidade que editoras alheias costumam empregar, e que são consideradas fundamentais para qualquer empreendimento editorial.

Então, como isso foi conseguido? Os livros, os folhetos e outros materiais de serviço chegam às mãos dos alcoólicos agradecidos que precisam deles. Nossa mensagem básica na forma impressa é levada eficazmente de uma comunidade de A.A. para outra. A literatura facilita soluções de forma clara e concisa àqueles que sofrem nas garras do alcoolismo.

Há muitos que digam que – como a maioria das coisas em A.A., tudo começa no Grupo, onde os principiantes, céticos e ainda tremendo, são introduzidos aos muitos recursos úteis de A.A. Por isso cabe perguntar, seu Grupo tem um coordenador de literatura? Alguém que possa ensinar aos seus companheiros de Grupo a ampla variedade de materiais aprovados pela Conferência de Serviços Gerais, recomendar materiais aos principiantes interessados que procuram uma identificação imediata, e instalar expositores de literatura ou reunir materiais em um pacote especial para os recém-chegados?

A Conferência de Serviços Gerais de **1968** *(EUA/Canadá),* reconhecendo a importância de incentivar os Grupos a indicar coordenadores de literatura, aprovou uma Ação Recomendável que diz: *"Com a finalidade de reforçar nossa rede de representantes de literatura e assegurar que a literatura esteja disponível nas reuniões, incluindo catálogos e formulários para fazer pedidos de livros e cassetes que os membros individualmente desejem conseguir, é sugerido que os Grupos nomeiem coordenadores de literatura".*

Porém, a alguns Grupos não conseguem sempre seguir esta sugestão com facilidade. Em uma assembleia celebrada em 2011, Laura V., Delegada da Área 38 descreveu a situação a situação do seu Grupo base em Sikeston, Missouri, situação esta que ela espera ver mudar.

"Deixem-me começar dizendo alguma coisa a respeito do meu Grupo base. Somos aproximadamente de 20 a 25 membros e, no máximo, de seis a oito participam da reunião de serviço mensal. Na época das eleições costuma ser difícil preencher todos os encargos e o de coordenador de literatura não é considerado prioritário. A compra de literatura é difícil porque o Escritório de Serviços Locais mais próximo fica a 240 km de distância e, ás vezes acrescentamos o nosso pedido ao de outros Grupos do Distrito. Além disso, frequentemente andamos curtos de dinheiro e temos apenas o suficiente para pagar o aluguel e cobrir outros gastos; por isso, temos que aguardar juntar fundos suficientes para fazer um pedido.

Não digo isto para ganhar simpatias, mas para passar-lhes uma imagem realista dos desafios que muitos Grupos rurais da nossa área enfrentam e talvez alguns pequenos Grupos metropolitanos também".

Entretanto, Laura não está satisfeita com essa imagem de A.A. no seu povoado e continua dizendo: *"Mas, como seria meu Grupo se tivesse um coordenador de literatura que pudesse participar do comitê de literatura onde teria condições de coordenar um pedido de literatura junto com outros coordenadores de literatura de seus Grupos. E, se estes coordenadores de literatura de Grupo e Distrito pudessem participar de um comitê de literatura da Área com seus companheiros e ajudar os membros a se informar a respeito da literatura disponível aprovada pela Conferência e a participar no serviço da Área? Acredito que a literatura chegaria a ser uma parte mais acessível e dinâmica dos nossos Grupos",* concluiu Laura.

De acordo com o comentário de Laura, pedir publicações aprovadas pela Conferência e outros materiais ao Escritório de Serviços Gerais o ao Escritório de Serviços Locais e assegurar que estejam adequadamente expostos nas reuniões de A.A. é apenas um aspecto do serviço de literatura. Estas atividades podem ser ampliadas ao nível de área e Distrito para incluir exposições de literatura

focadas no serviço para uma ampla variedade de eventos, entre eles, assembleias de Distrito, fóruns e oficinas. Alguns coordenadores de literatura de Grupo de Distrito podem-se reunir para organizar oficinas e fóruns focados em algum aspecto particular da Irmandade. Uma ideia seria passar uma tarde compartilhando a respeito da história de A.A., tal como é contado no livro *"A.A. Atinge a Maioridade"* (Junaab, código 101) ou *"O Dr. Bob e os Bons Veteranos"* (Junaab, código 116). Alguns Grupos organizam sessões para assistir vídeos e filmes de A.A. para celebrar o aniversário do Grupo, come está descrito no seguinte estrato de um artigo publicado no número de janeiro de 2001 da revista Grapevine a respeito do Grupo Aceitação de Montreal, Canadá:

"Faz alguns anos, para comemorar o nono aniversário do nosso Grupo, a última quarta-feira do mês de maio, decidimos celebrar de uma maneira especial, diferente do que costumam fazer outros Grupos da Área de Montreal. No lugar de comprar um bolo enorme e convidar para falar um membro de tropecentos *anos de sobriedade, convidamos nosso cofundador, Bill W. para vir a contar sua própria história.*

Pedimos ao Escritório de Serviços Gerais de Nova York uma cópia em 16 mm do filme "A História de Bill"*, alugamos uma sala grande e servimos batatas fritas, pipoca, refrigerantes, chá e café. Assistiram entre 75 e 100 companheiros alcoólicos que tínhamos convidado através do boletim da Área. Na semana seguinte, o filme foi o nosso tema de discussão. Para vários membros, esta experiência foi muito comovente e ao ouvir falar o homem que nos tinha salvado a vida, muito não contiveram as lágrimas.*

Animados por esta experiência, no ano seguinte passamos o curta "Rap With Us"*, um filme aprovado pela Conferência destinado especialmente aos jovens. E no ano seguinte, pusemos o vídeo* "Esperança: Alcoólicos Anônimos"*. Em cada ocasião, falamos a respeito do vídeo depois de assisti-lo e convidamos os espectadores para fazer comentários a respeito".*

Há muitas maneiras de levar a mensagem através da literatura de A.A. e ter um coordenador de literatura é uma maneira de abrir a porta.

Para mais informações sobre o encargo de coordenador de literatura, consulte o folheto *"O Grupo de A.A. – Onde tudo começa"* (Junaab, código 205), ou visite o sítio da Web de A.A. do ESG em www.aa.org para ver os guias sobre a literatura de A.A.

Para ver o Catálogo digital das publicações da Junaab, acesse:

http://www.alcoolicosanonimos.org.br/publicacoes/literatura/catalogo-digital.html

2.6. O dilema dos Grupos de A.A.: Aquelas outras adições

Box 4-5-9, Natal / 1988 (pág 3-4) => http://www.aa.org/newsletters/es_ES/sp_box459_april-may82.pdf

Titulo original: ***"Aquellas Otras Adicciones. El Dilema De Los Grupos De A. A."***

O afluxo dos drogadictos não alcoólicos às reuniões de A.A. é um assunto que está crescendo e preocupando os Grupos de A.A. dos EUA e Canadá. Os Grupos também estão preocupados com o efeito que os alcoólicos com dupla ou múltiplas dependências podem causar e alterar a essência das reuniões de A.A.

Emma G., de Springfield, Missouri, escreveu a respeito da *"infiltração dos drogadictos que têm problema de dupla dependência, de narcóticos e álcool, porém mais inclinados para a adição*

aos narcóticos. Nas reuniões identificam-se como ‘dependentes químicos’ *e* ‘drogadictos’. *Percebemos que aquele originalmente alcoólico, cujo problema maior é o álcool, está-se tornando cada vez menos visível”.*

“Aquele originalmente alcoólico?”. Sim, parece haver uma impressão bastante difundida entre os membros de que o problema da dupla dependência é novo em A.A. Mas no livro *“Dr. Bob e os Bons Veteranos”* (Junaab, código 116, R$ 28,70), pode-se ler *“Em vez de tomar o drinque matinal, pelo qual ele ansiava, Dr. Bob mudou para o que descreveu como* ‘grandes doses de sedativos’, *a fim de acalmar as tremedeiras que o afligiam terrivelmente. Ele contraiu o que nos anos seguintes seria chamado de dependência de remédios ou dupla dependência”* (pág. 36/2).

Nem era o álcool o único problema do cofundador Bill W. No artigo da edição de novembro de 1945 da Grapevine titulado *“Essas bolinhas que enlouquecem”,* Bill dizia o seguinte: *“A morfina, codeína, hidrato de coral, Luminal, Seconal, Nembutal, Amital, estes, e outras drogas semelhantes mataram muitos alcoólicos, e uma vez quase me mato com o hidrato de coral. Nem é única no seu gênero a minha própria experiência, uma vez que muitos dos antigos AAs pode discorrer com convicção e fervor sobre o tema das* ‘bolinhas que enlouquecem’”.

Aparentemente, as mudanças que estão ocorrendo fora da nossa Irmandade, fazem com que o problema pareça mais urgente. Referindo-se a uma instituição de tratamento local, uma recém-chegada a A.A., Katherine L., da Califórnia, escreveu ao Escritório de Serviços Gerais – ESG, o seguinte: *“Os médicos e conselheiros deram ênfase ao fato de que todos os adictos, fossem adictos ao álcool ou a outra substância química, eram semelhantes em suas personalidades e situação. Somos todos adictos; o que varia é a nossa droga de escolha”.* Ela continuou manifestando sua crença de que a razão do porque se dava tanto ênfase ao álcool no começo da história da nossa Irmandade foi porque era a droga mais comumente usada. As outras drogas não eram tão fáceis de conseguir.

Nos anos recentes, chegaram ao ESG numerosas cartas nos contando a respeito das instituições de tratamento onde o pessoal trata tanto o alcoólico com dupla dependência como ao drogadictos não alcoólico como *“dependentes químicos”.* Essas instituições podem aconselhar estes dois tipos de pacientes que assistam às reuniões de A.A.

Alguns Grupos, através do seu Comitê para Instituições de Tratamento – CIT, trataram de explicar a essas instituições que não é a intenção de A.A., como Irmandade, ser exclusivista; más que, afim de ser efetivos com os alcoólicos que procuram ajuda, A.A. evita as atividades de propósito múltiplo. Deixa claro que os alcoólicos que têm dupla dependência estão qualificados para ser membros de A.A. e podem receber ajuda para o seu problema alcoólico nas reuniões de A.A. Também indicam que existem Irmandades ou associações que prestam ajuda aos que têm problemas com drogas, por exemplo, como Narcóticos Anônimos e outras.

Com frequência, são ouvidas queixas vindas dos Grupos de A.A., que os alcoólicos com dupla adição têm a tendência a dominar as reuniões de A.A. colocando ênfase no seu problema com a droga. Alguns membros de A.A., que não têm essa dupla dependência, se ressentem porque não conseguem se identificar; também sentem que as reuniões se desorganizam e se dividem. Os membros de A.A. ressentem-se também com os drogadictos não alcoólicos que também tem a tendência a dominar as reuniões. Estas duas inquietações refletem-se nas seguintes citações extraídas da correspondência recebida pelo ESG:

De Minneapolis, Minnesota, G.J.L. refere-se à *"infiltração"* de drogadictos não alcoólicos: *"Muitos dos nossos bons membros vão embora desgostosos porque, dia após dia, está-se tornando mais difícil encontrar um autêntico grupo de A.A. onde a filosofia não esteja diluída até o ponto onde* 'nosso problema comum' *tenha virado uma frase do passado"*.

Brian S., de Sydney, Austrália: *"Podem falar numa reunião aberta de A.A. as pessoas adictas às drogas e que não tenham problemas com o álcool?"*.

De Lindsay, Ontário, Canadá, Ted H.: *"Podem levar a mensagem de A.A. ao alcoólico que ainda sofre as pessoas que deixam por entendido que usam drogas além do álcool?"*.

Ao ESG chega inúmeras cartas solicitado um posicionamento, ou *"sentença"*, em relação a estes problemas e a muitos outros, esperando que o Escritório dite uma sentença – até uma carta dirigida ao *"Corpo de Governo"*. Certamente a Segunda Tradição se aplica tanto aos *"servidores de confiança"* do ESG como aos membros dos Grupos. Quando ao pessoal do ESG é pedido uma *"sentença"*, frequentemente apenas indicam onde pode ser encontrada ajuda na literatura de A.A. aprovada pela Conferência, a qual está baseada na experiência da Irmandade acumulada ao longo do tempo.

O livro *"Doze Passos e Doze Tradições"* é citado com frequência e o folheto *"As Tradições de A.A. – Como se desenvolveram"*, proporcionam uma introdução de fácil compreensão. *"O Grupo de A.A.... Onde tudo começa"* é outra fonte valiosa. Por exemplo, faz a distinção entre uma *"reunião"* e um *"Grupo"* e até indica que as *"reuniões especiais"* podem satisfazer as necessidades especiais dos membros com dupla dependência.

No folheto *"Outros Problemas Além do Álcool"*, Bill W. manifesta sua convicção de que o drogadictos com história de alcoolismo ativo está qualificado para ser membro de A.A., mas, também conclui que *"não há nenhum meio possível para fazer não alcoólicos tornarem-se membros de A.A. Temos que limitar nossa Irmandade aos alcoólicos e também nossos Grupos de A.A. a um único propósito. Se não nos agarrarmos a estes princípios, certamente fracassaremos. E se fracassarmos, não poderemos ajudar ninguém"*.

"Outros Problemas Além do Álcool" é a reimpressão de um artigo que foi publicado pela primeira vez na Grapevine em fevereiro de **1958**. Os princípios que Bill recomenda não mudaram, mas o alcance do problema sem dúvida aumentou, como demonstram as estatísticas dos nossos membros.

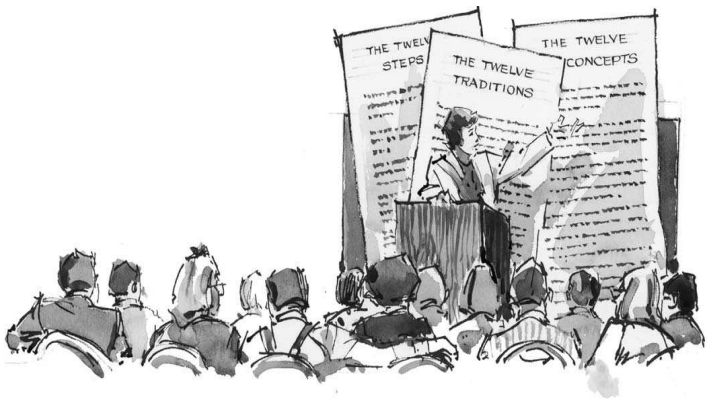
Entre **1977** e **1980**, a porcentagem de AAs que responderam nosso questionário dizendo que tinham dupla dependência aumentou de 18% para 24%. Entre os que chegaram a A.A. durante esse período de três anos, 27% identificaram-se como adictos com dupla dependência.

Mais uma vez, nem o ESG, nem a Junta de Serviços Gerais (no Brasil, a JUNAAB), nem a Conferência de Serviços Gerais irão ditar *"sentenças"*. O ESG agradece todas as cartas que fazem surgir perguntas vitais para a Irmandade. Mas, as respostas deverão vir da mesma fonte, a experiência dos Grupos autônomos.

Seu Grupo encontrou maneiras efetivas para fazer frente a este problema complexo?

2.7. O Grupo base

***Box 4-5-9*, Fev. Mar. 2004 (pag. 3-4) => http://www.aa.org/newsletters/es_ES/sp_box459_feb-mar04.pdf**
Título original: *"**El grupo base: El elemento básico de A.A.**"*



"Ao longo dos anos, a essência mesma da força de A.A. residiu no Grupo base, o qual, para muitos membros é como a prolongação da sua família", conforme as palavras do livreto *"O Grupo de A.A... onde tudo começa"*. O Grupo base é o lugar onde os novos membros podem mais facilmente conhecer os companheiros de uma maneira genuína, e onde os veteranos podem conhecer os novos. Ouvir os outros falar com franqueza dos seus temores e contar histórias um dia vergonhosas de suas vidas de bebedores são uma experiência libertadora para o cauteloso ou desconfiado iniciante.

Chris S. diz que *"o pertencer a um Grupo base torna possível sentir-se mais cômodo. Você tem a sensação de que os companheiros o conhecem e o aceitam"*. É verdade que todas as reuniões a que um alcoólico assiste contribuem de maneira importante para sua recuperação seja em seu Grupo base ou em outro. Porém, os que chegam em A.A. têm muitas coisas em comum, frequentemente incluindo a sensação de *"nunca ter sido parte de nada"*.

No Grupo base aprende a se orientar no caminho novo da sobriedade. Depois de passar tanto tempo à margem, o alcoólico recém sóbrio aprende a fazer as primeiras incursões na vida plena. È muito provável que no Grupo base o membro faça os trabalhos de serviço e experimente a desejada sensação de pertencer, junto com o sentimento de responsabilidade, que, milagrosamente, se origina nas tarefas simples como arrumar as cadeiras e fazer café.

O Grupo base firma o membro de A.A. no programa e talvez a chave esteja no compromisso de participar no serviço. O membro assiste a uma reunião à qual em outras circunstâncias não iria, simplesmente porque não quer que o seu Grupo base se decepcione com ele. Ao continuar assistindo, os companheiros acabarão percebendo. Se o membro deixa de assistir às reuniões, é muito provável que alguém do Grupo base sinta sua falta. Para aqueles que têm a infelicidade de recair, o Grupo base é o lugar natural e lógico para retornar. Os membros estão ali para receber o iniciante ou a pessoa que retorna.

Para aqueles que têm muito tempo de sobriedade, o Grupo base pode ter a mesma importância. Enquanto os iniciantes se desdobram para assistir o maior número de reuniões possível nos primeiros tempos, pode ser que as pessoas com muito tempo de sobriedade já não tenham a mesma participação. Para essas pessoas, o Grupo base é o elo que as mantém ligadas à Irmandade, um lugar onde sabem que irão ao menos uma vez por semana. A assistência dos veteranos às reuniões, semana após semana, ano após ano, dá substância ao Grupo e sua presença pode ser inspiradora de maneiras inesperadas. Conforme uma história, um alcoólico que ficou muitos anos na periferia de A.A. sem alcançar a sobriedade, observou que havia um veterano que sempre sentava no mesmo canto da sala. Diz que um dia, sem ainda saber se iria entrar, acabou por decidir que, segundo suas palavras, *"se aquele vovozinho ainda estivesse ali, naquele mesmo assento, vou entrar"*. Desde essa reunião, tem se mantido sóbrio.

O Grupo base ativo também contribui para a saúde de A.A. na sua totalidade. É o elemento básico da Irmandade. Produz os representantes de serviços gerais – RSG´s, e fixa o rumo de A.A. como um todo. O Grupo base vincula o membro à Irmandade.

Uma questão gerada relacionada com os Grupos de base é a que trata do desenvolvimento de Grupos dirigidos para homens, mulheres, jovens, homossexuais, etc. Na 40ª Conferência de Serviços Gerais, em **1990**, um grupo de trabalho tratou especificamente deste tipo de grupos. Entre as vantagens, segundo os participantes do grupo de trabalho, está a de que estes grupos oferecem um acesso a A.A. ao alcoólico que, *"se não tiver esta opção, não assistiria às reuniões"*. Desta forma podem servir como ponte em direção à corrente principal de A.A. Uma desvantagem é que *"estas reuniões podem fomentar um sentimento de ser diferente, de isolamento e de segregação"*.

O mais importante, conforme o observado por esse grupo de trabalho, e que, de conformidade com a Quarta Tradição, os Grupos de A.A. são autônomos e têm o direito de conduzir seus assuntos da maneira que melhor lhes convir *"exceto em assuntos que possam afetar outros Grupos ou A.A. em seu conjunto"*.

Em A.A. aprendemos o básico de uma nova vida. O Grupo base pode ser uma parte importante disso. Como diz o prefácio de *"O Grupo base: a batida do coração de A.A."* publicado pela Grapevine. *"É o lugar onde os alcoólicos começam a adotar os princípios de Alcoólicos Anônimos como realidades que dão resultados em suas vidas sóbrias"*.

2.8. O Grupo de A.A... Onde tudo começa

***Box 4-5-9*, Outono (Set.) / 2012 (pág. 3-4) http://www.aa.org/newsletters/es_ES/sp_box459_fall12.pdf**

Título original: ***"El grupo de A.A.… donde todo empieza"***

Conforme diz a Terceira Tradição de A.A. – forma longa, *"Devem fazer parte de nosso quadro de membros todos que sofrerem de alcoolismo. Não podemos, portanto, recusar pessoa alguma que deseje recuperar-se. Tampouco o ingresso em A.A. deve jamais depender de dinheiro ou formalidade. Um grupo qualquer, formado por dois ou três alcoólicos, pode chamar-se Alcoólicos Anônimos, conquanto que, em conjunto não estejam filiados a outra entidade."* Entretanto, no entender dos membros de A.A., a vida do Grupo supõe muito mais que dois ou três companheiros. Portanto, o folheto aprovado pela Conferencia, titulado *"O Grupo de A.A... onde tudo começa"* nos oferece 41 páginas *(a edição 2012 no Brasil, tem 64 páginas)* de experiência compartilhada, sem contar os Doze Passos, as Doze Tradições e os Doze Conceitos.

Folheto secreto?

Embora houvéssemos tido o folheto *"O Grupo de A.A... onde tudo começa"* durante muitos anos – foi publicado pela primeira vez em **1965** – e passou por revisões importantes conforme ações recomendadas da Conferencia de Serviços Gerais em **1990** e **2005**, as chamadas telefônicas e correios eletrônicos que chegam ao Escritório de Serviços Gerais partindo dos membros dos Grupos podem-nos causar a impressão de que muitos Grupos de A.A. continuam sem saber das riquezas que se encontram nas páginas deste folheto. Nas palavras de um membro do pessoal do ESG, *"Provavelmente é o recurso mais citado do ESG em termos de experiência de A.A. compartilhada, mas às vezes parece ser uma publicação secreta"*.

Assim, como formar um novo Grupo de A.A.? Se você está lendo este número do Box 4-5-9, é possível que já seja membro de um Grupo estabelecido. Mas pode chegar o momento em que

parece que outro Grupo poderia estar servindo melhor à sua comunidade. É possível que tenha ouvido alguém mencionar o refrão de A.A. que diz que tudo o que se necessita para formar um novo Grupo é uma cafeteira e um ressentimento. Segundo informação do folheto *"O Grupo de A.A."*, não é necessário nenhum ressentimento, mas, talvez seja conveniente comprar uma cafeteira. O mais importante é determinar que se precisasse um novo Grupo na vizinhança; pedir a colaboração de outros membros de A.A.; encontrar um local que possa ser alugado para celebrar as reuniões; e conseguir um sortido de literatura de A.A., listas de reuniões e material de escritório.

Depois de se planejar bem a criação do Grupo – dois ou três meses pelo menos, é conveniente divulgar sua existência aos Grupos vizinhos, ao Escritório de Serviços Locais - ESL, (ou a entidade que elabora e divulga as listas de reuniões, e o Escritório de Serviços Gerais – ESG. Registrar um Grupo novo de Alcoólicos Anônimos no ESG (dos EUA/Canadá), costuma supor o preenchimento de um formulário apropriado que pode ser baixado no sítio Web de A.A. – www.aa.org, ou pedido pelo correio postal a: GSO, Box 459, Grand Central Station, Nova York, NY 10163.

De acordo com Susan Donnor, não alcoólica, principal administradora de registros do ESG, o Escritório recebe de 50 a 60 Formulários de Grupo Novo por dia. As veteranas do Departamento de Registros podem tramitar a grande maioria destes anúncios de Grupo novo sem problema, mas, alguns são encaminhados a um membro do pessoal do ESG para dar seguimento.

Problemas com os formulários de um novo Grupo.

Duas das razões pelas que se pode pedir um seguimento têm a ver com o nome do Grupo em questão e sua data de fundação. Uma das partes do anúncio de um novo Grupo é a escolha de um nome para ele. E em A.A. é possível equivocar-se a este respeito a menos que se procure experiência compartilhada relacionada com a maneira de fazê-lo. Um breve aviso acima do espaço para o nome do Grupo no Formulário de Grupo Novo, diz *"As tradições de A.A. sugerem que não se dê ao Grupo o nome de uma instituição ou de uma pessoa – viva ou morta, e que o nome do Grupo não implique afiliação com nenhuma religião ou seita religiosa, organização ou instituição alguma"*. Por isso, os nomes propostos que podem provocar uma chamada de atenção amigável por parte do ESG podem ser semelhantes aos exemplos seguintes (fictícios): Grupo Camelo Arenoso (instituição); o Grupo Memorial Tomás Platero; inclusive Grupos cujos nomes incluem os de Bill W. e do Dr. Bob (antepor os princípios às personalidades); Doze Passos em Direção a Buda (religião); ou o Grupo Lobato (organização).

Ademais, *"Nossa consciência de Grupo de A.A., manifestada pela Conferência de Serviços Gerais, tem recomendado que reuniões de* 'família', 'duplos problemas' *e de* 'álcool e pílulas' *não devem ser relacionadas nos diretórios de A.A. O uso da palavra* 'família' *pode levar à confusão com os* Grupos Familiares Al-Anon, *uma Irmandade inteiramente separada de A.A.*

...É um engano insinuar ou dar a impressão de que A.A. resolve outros problemas, ou que sabe o que fazer a respeito da adição a drogas". (*"O Grupo de A.A.... onde tudo começa"*, página 22/4-5, Junaab, código 205, R$ 10,00)

Os nomes que podem induzir a uma chamada telefônica são os que contém algum palavrão ou um duvidoso ***acrônimo*** **(N.T.:** *palavra formada pelas letras ou sílabas iniciais de palavras sucessivas de uma locução),* embora estes casos representem uma percentagem mínima nos Formulários de Grupo Novo.

Outra preocupação surgida em anos recentes é o uso de *"recuperação"* no nome proposto pelo Grupo. Isto pode ocasionar um pedido de esclarecimento para determinar se o Grupo está focado exclusivamente na recuperação do alcoolismo ou em outros problemas diferentes do alcoolismo. No primeiro caso seria melhor que o Grupo utiliza-se a palavra *"sobriedade"* no seu nome, o que indicará de alguma maneira que o Grupo está aderido ao propósito primordial de A.A. No segundo caso, o ESG não poderá inscrever o Grupo.

O problema da *"data de início"* é causado pelos Grupos que enviam o formulário com uma data de início futura ou com apenas poucas semanas antes que chegue o formulário. Isto resulta numa amigável lembrança de que é melhor não enviar o formulário até que o Grupo tenha feito um *"bom começo"* – de dois a três meses. Os Grupos novos, naturalmente estão desejosos de se inscrever no ESG. Ao fazer as chamadas para dar seguimento, às vezes ficamos sabendo que estes formulários foram enviados por membros de A.A. – e outras pessoas, que acreditam que precisam de autorização prévia do ESG para a formação de um novo Grupo. Carece dizer que isto não está de acordo com a Terceira Tradição de A.A.

Independente que o formulário apresente problemas ou não, o Escritório aguardará 30 dias antes da tramitação, para que a estrutura de serviços gerais da sua Área tenha a oportunidade de se colocar em contato com o Grupo e dar-lhe as boas-vindas se é costume na Área.

O número de serviço de Grupo – com frequência mal entendido

Uma vez que foi feita a tramitação do formulário do Grupo, será enviada uma carta com seu *"número de serviço de Grupo"*. O que significa este número? Há pessoas que se comunicaram com o ESG para se referir a Grupos que pretendem ser *"reconhecidos"* como Grupos oficiais de A.A. por ter recebido tal número. Porém, o *"número de serviço do Grupo"* não implica aprovação desse tipo. Nem constitui ou implica a aprovação do enfoque do Grupo ou a maneira com que tal Grupo coloca em prática o programa tradicional de A.A.

De acordo com Rick W., membro do pessoal do ESG: *"Estar* 'inscrito' *no ESG, significa apenas que o Grupo pediu que sejam inscritos seu Representante de Serviços Gerais – RSG, e o endereço para fins de contato e comunicação. Aparecer na lista do ESG não significa que este seja um Grupo oficial de A.A.; apenas torna possível estar em contato com o Grupo para compartilhar informação a respeito do que acontece em A.A., especialmente através do boletim do ESG, Box 459.*

Para ser um Grupo de A.A. não é preciso estar inscrito nos registros do ESG. Quando um Grupo pede sua inscrição em nossos registros, o sistema informático lhe assigna um número único chamado de 'número de serviço de Grupo'. *Faz-se o mesmo com qualquer indivíduo ou entidade, como, por exemplo, o Delegado de Área, o membro do Comitê de Distrito, o coordenador de um Comitê de Área ou Distrito, um Escritório de Serviços Locais, um Escritório de Serviços Gerais de outro país, etc. Todos têm assignado um* 'número de serviço de Grupo'. *Já que este identificador é assignado a indivíduos ou outras entidades além dos Grupos,* 'número de serviço de Grupo' *não é um termo descritor muito exato, mesmo assim, é utilizado.*

O 'número de serviço do Grupo' *foi criado como um instrumento útil para manter o registro das contribuições ou os pedidos de literatura. Por exemplo, o tesoureiro de um Grupo pode enviar as contribuições do Grupo* 'Doze e Doze'. *É possível que este Grupo aparecesse originalmente na lista como o Grupo* 'Doze e Doze da Segunda-feira à tarde'. *O número de serviço do Grupo facilita perceber que as comunicações se referem ao mesmo Grupo. Outro exemplo: muitos Grupos têm*

nomes parecidos – há 357 Grupos inscritos nos nossos registros que têm como parte do nome o refrão 'Vá com Calma'. *O* 'número de serviço de Grupo', *também nos ajuda a diferenciar estes Grupos".*

No próximo número, *"A respeito dos problemas dos Grupos de A.A."*.

2.9. Os enviados pelos Tribunais: A comunicação facilita sua transição para A.A.

***Box 4-5-9,* Out. Nov. / 1989 (pág. 9-10) => http://www.aa.org/newsletters/es_ES/sp_box459_oct-nov89.pdf**
Título original: "***Los enviados de las cortes: la comunicación les facilita su transición a A.A."***

A experiência indica que inúmeros alcoólicos enviados a A.A. pelos Tribunais durante a última década estão hoje comodamente sóbrios na Irmandade. Isto aconteceu com regularidade principalmente onde os Comitês de Comunicação com a Comunidade Profissional – CCCP´s, e os funcionários dos Tribunais mantiveram uma comunicação clara e aberta.

Como enfrentaram estes Comitês os problemas que se apresentaram – desde a chegada de muitos principiantes a um único Grupo até as quebras de anonimato ocasionadas por assinar as fichas de presença? Alguns Grupos informam que muitos dos enviados pelos Tribunais (e pelas instituições de tratamento) assistem às reuniões manifestando má vontade, não têm *"o desejo de parar de beber"* e perturbam as reuniões. Outros Grupos procuraram meios para cortar totalmente esta afluência. Em um Estado, os Grupos viram-se inundados pelos enviados até o ponto de a assembleia de Área votar por não assinar as fichas de presença.

Estas e outras preocupações aos CCCP´s. A seguir, aparecem algumas abordagens que parece terem dado certo para alguns Comitês que entraram em contato com o Escritório de Serviços Gerais – ESG, com o objetivo de compartilhar suas experiências:

1. Facilitar ao Juiz e aos funcionários do programa uma lista contendo todas as reuniões de A.A. dentro da Área sob jurisdição do Tribunal e pedir que enviem pessoas às reuniões de acordo com um plano rotativo para evitar a superlotação das reuniões.
2. Pedir aos oficiais dos programas de DWI (***driving while intoxicated,*** ou, livremente, *"dirigir embriagado"),* que enviem as pessoas unicamente às reuniões abertas onde há mais possibilidades de que *"tirem as tampas dos ouvidos e as coloquem na boca"* e tem menos chances de serem inconvenientes. Depois que saibam como funciona A.A., podem tomar suas decisões pessoais a respeito de participar das reuniões fechadas.
3. Realizar reuniões semanais de orientação de A.A. no local do Tribunal, com oradores representantes de todos os Grupos do Distrito seguindo um plano de rotatividade. Ou, cooperar com os Tribunais e os funcionários do programa de liberdade vigiada para celebrar reuniões nas *"escolas"* de DWI.
4. Nos casos em que o Tribunal ordenou os réus que consigam a assinatura de provas de assistência às reuniões de A.A.: Alguns Grupos não assinam essas fichas ate o encerramento da reunião para ajudar no controle dos que vão embora antes do fim da reunião. Outros Grupos têm um carimbo com o nome do Grupo para proteger o anonimato pessoal. Um Grupo apresenta aos enviados *"fichas de desejo"* por cada incremento de 24 horas e ao invés

de considerar o cartão do Tribunal uma *"sentença"*, a considera um *"certificado de presente"*.

5. Acima de tudo, e preciso se comunicar com os funcionários do Tribunal. Dizer-lhes que estamos dispostos a cooperar com eles; ao mesmo tempo, não fazer nenhum comentário a respeito do seu programa nem lhes dizer como devem fazer seu trabalho. Se alguns dos programas do Tribunal estão causando problemas aos Grupos de A.A. de determinada Área, devem ser estudadas possíveis soluções e trabalhar com os funcionários para implantá-las. O ESG disponibiliza dois Guias para os CCCP´s, (ainda [2013] não publicados no Brasil) **(*)** *"Cooperação com os Tribunais e Programas Semelhantes"* e *"Formação de Grupos Locais de Cooperação com a Comunidade Profissional"*, resultara ser de grande utilidade tanto para os CCCP´s, quanto para os membros individuais que trabalham com os Tribunais e as pessoas que nos enviam.

Sue J. de Westchester, Nova York, num artigo publicado em *"The Link"*, boletim da Área Sudeste de Nova York descreve a visita que seu comitê fez recentemente ao escritório local de liberdade vigiada: *"Fomos acolhidos não apenas calorosamente, mas também com muito entusiasmo"* Embora lhes tivessem pedido para limitar o tempo de A.A. a "menos de uma hora", resultou que os membros do Comitê ficaram quase duas horas. *"Os encarregados da liberdade vigiada demonstraram muito interesse e aceitaram muito agradecidos os folhetos e outra literatura que lhes levamos"*.

Richard B., membro do pessoal do ESG lotado no departamento de Cooperação com a Comunidade Profissional, observa: *"Em outras Áreas onde os membros dos Comitês de CCP se entrevistaram e trocaram ideias com os funcionários dos Tribunais e outros profissionais interessados, o resultado foi de cooperação e compreensão mutua. Uma vez que cada vez mais AAs são enviados atualmente pelos profissionais, a comunicação aberta, no espirito de cooperação amigável é mais importante que nunca. Haverá mal-entendidos, mas estes não terão porque nos distrair de* 'colocar a semente de A.A. à disposição de todos' *– como dizem os Guias, ficando sempre atentos à nossa Tradição de não afiliação e lembrando-nos sempre que o único inventário que fazemos é o nosso"*.

(*) Para saber mais:

Você encontra todos os Guias de A.A. em:
http://www.aa.org/lang/sp/subpage.cfm?page=36

2.10. Os AAs enfrentam o problema dos enviados pelos Tribunais

Box 4-5-9, Abr. Mai. 1984 (pág. 3) => http://www.aa.org/newsletters/es_ES/sp_box459_april-may84.pdf
Titulo original: "***A.As. Se Enfrentan Con el Problema de los Enviados de las Cortes"***

Um grupo pequeno, mas dedicado, de AAs em Maryland deu inicio a um programa bem sucedido de reuniões especiais para preencher o vazio que existia entre os enviados pelos Tribunais e

A.A., para dar aos infratores alcoólicos a oportunidade de desfrutar o nosso modo de viver, encaminhando-os à Irmandade.

Tudo começou faz alguns anos, quando os Tribunais de Maryland começaram a enviar seus infratores alcoólicos para A.A., e assim, sem querer, abriram uma caixa de Pandora **(*)** de maus entendidos e desunião que fez aparecer um sem-número de problemas dentro e fora da Irmandade, os quais inclusive chegaram aos meios de comunicação. Em grande parte isto aconteceu, de acordo com Ed E., um antigo Delegado (de A.A.), porque os enviados não compreendiam o era A.A. e consideravam-no como uma extensão do braço punitivo da lei.

Em consequência disto, seu comportamento nas reuniões, às quais assistiam sob mandato judicial, era de desconfiança e de franca hostilidade ao ponto que alguns membros de A.A. pediam a viva voz que fossem retirados da sala de reunião.

"Devido a essa situação", diz Ed, *"comecei uma reunião informativa em março de **1983**. Foram informados os Tribunais de Maryland e suas agencias de que esta reunião seria vantajosa para todos. Pedimos que os enviados dos Tribunais assistissem* primeiro *a esta reunião antes de entrar na corrente principal de A.A. Isto está sendo feito, e para mim, e outros AAs interessados é algo muito gratificante"*.

Apenas durante o ano passado (**1983**), aproximadamente 1.200 enviados pela Justiça assistiram estas reuniões informativas especiais que facilitam a transição para A.A. (são celebradas três reuniões a cada segunda-feira à noite em várias partes do Estado). Calcula-se que as agencia que enviam os infratores alcoólicos para A.A., irão enviar aproximadamente 30.000 cidadãos de Maryland durante o próximo ano, diz Ed, *"e é melhor que estejamos preparados para recebe-los"*.

De vez que estas reuniões especiais não são reuniões de A.A., Ed explica, *"o Estado e os Municípios nos cedem locais gratuitos em Centros de Saúde, Bibliotecas e salas dos Tribunais. Não tivemos problema algum e é um prazer para nós ver como estes jovens – a maioria entre 18 e 25 anos, vão relaxando. A recompensa é vê-los entrar na corrente principal de A.A. e tornarem-se RSG´s, MCD´s, etc."*.

Baseada na experiência e nas tentativas, com o mínimo de erros, os AAs de Maryland elaboraram o formato para as reuniões informativas apresentado a seguir:

1. Dar as boas vindas aos enviados e fazê-los sentirem-se cômodos. (A maioria chega guardando um certo ressentimento).
2. Explicar a relação de *"cooperação sem afiliação"* que A.A. tem com os Tribunais que sentenciam.
3. Explicar o que é A.A., lendo o preâmbulo, os Doze Passos e as Doze Tradições.
4. Ler, do Guia de Reuniões, o que A.A. é e o que não é.
5. Explicar a Tradição da autossuficiência de A.A.
6. Explicar a Tradição do anonimato.
7. Descrever a diferença entre reuniões abertas e reuniões fechadas, assim como os diferentes tipos de reunião existentes.
8. Falar, de maneira geral, do comportamento que se espera dos membros durante as reuniões; dos problemas que a interrupção das reuniões – provocada, por exemplo, por alguns membros que conversam no fundo da sala, podem ocasionar; da importância de chegar pontualmente às reuniões.

9. Pedir a três médicos, membros de A.A. que, alternadamente, falem dos aspectos físicos e mentais do alcoolismo.
10. Fazer uma explanação a respeito das *"doze perguntas"* do folheto *"Você deve procurar A.A.?"*, o qual deverá ser distribuído junto com outra literatura e a lista de Grupos e Reuniões.

Para aplainar ainda mais o caminho até A.A., o Município de Baltimore distribui aos enviados pelos Tribunais que participam do programa de *"pena alternativa"*, Guias de conduta para as reuniões de A.A. Alguns desses Guias – como, por exemplo, *"Dormir durante as reuniões não é conduta adequada"* e *"Se que fumar cigarros ou tomar café, por favor, seja atento, limpando o lugar que ocupou finalizada a reunião"*, seriam bons conselhos para todos os membros de A.A.

Entendendo melhor:

(*) N.T.: *A Caixa de Pandora é um artefato da mitologia grega, extraído do mito da criação de Pandora, que foi a primeira mulher criada por Zeus. A "caixa" era na verdade um grande jarro dado a Pandora, que continha todos os males do Mundo. Então Pandora, com sua curiosidade, abriu o frasco e todo o seu conteúdo, exceto um item, foi liberado para o mundo. O item remanescente foi a esperança. Hoje em dia, abrir uma "caixa de Pandora" significa criar um mal que não pode ser desfeito.*

2.11. Perturbadores de reuniões

***Box 4-5-9*, Outono 2010 (pág. 4-5) => http://www.aa.org/newsletters/es_ES/sp_box459_fall10.pdf**
Título original: "***Los miembros perturbadores en las reuniones de A.A.***"

No capítulo do Livro Azul *"Trabalhando com os outros"*, aparece uma lista de coisas que podem acontecer quando um AA toma a atitude de *"Ajudar a outros é a pedra fundamental da sua própria recuperação"*. Ajudar um bêbado pode supor inúmeras visitas a *"delegacias, sanatórios, hospitais, presídios e manicômios. Em outras ocasiões pode acontecer de ter que chamar a polícia ou uma ambulância. Ocasionalmente, estas situações terão que ser enfrentadas"*. Em resumo, ao assentar a pedra fundamental da recuperação e ajudar a outros, um membro de A.A. poderá se ver defrontado com alguma pessoa problemática seja membro também ou não. Nas reuniões onde AAs encontram bêbados com os quais poderão trabalhar também se apresentam as possibilidades descritas anteriormente quando se trate de ajudar essas pessoas e, algumas vezes, os membros mais ponderados terão que interferir para que a reunião possa prosseguir com sucesso.

Embora os membros de A.A. se esforcem para adotar certas atitudes e condutas como a de *"Amor e tolerância é o nosso lema"*, às vezes o comportamento de um indivíduo perturbador é tão agressivo e ameaçador que resulte difícil ou impossível ao Grupo alcançar seu objetivo primordial que é o de levar a mensagem. Além disso, a Primeira Tradição lembra ao grupo que, *"Cada membro de A.A. não é mais do que uma pequena parte da totalidade. É preciso que A.A. sobreviva, caso contrário a maioria de nós irá morrer. Por isso, nosso bem-estar comum deverá vir em primeiro lugar"*.

A maneira como o Grupo resolve encarar esses membros perturbadores e ameaçadores podem causar conflitos e controvérsia e devido a isso muitos membros e Grupos recorrem à experiência

compartilhada de outros que conseguiram superar situações semelhantes. Com frequência, um Grupo, ou um membro, se põe em contato com o Escritório de Serviços Gerais referindo a conduta perturbadora de alguém em alguma reunião de A.A. O ESG, além de fazer com que se realizem as ações recomendadas pela Conferência e pela Junta, também serve como depositário da experiência acumulada dos Grupos de A.A.

Alguns Grupos têm enviado sugestões a respeito de formas para enfrentar o comportamento perturbador. Um Grupo recomenda que algum membro mais experiente se dirija ao indivíduo de maneira informal e pessoalmente fale com ele no sentido de lhe comunicar o problema e procurar sua solução. Os membros do Grupo lembram uns aos outros que as Doze Tradições devem conduzir toda linha de comunicação e todos deverão se esforçar sempre para antepor os princípios às personalidades e tratar todos com paciência, tolerância, compaixão e amabilidade.

Outro Grupo contou como enfrentou essa questão com esse tipo de membro que, porém, não aceitou responder às solicitações amáveis nem aceitou conversar pessoalmente com nenhum membro designado pelo Grupo. O Grupo organizou uma reunião de serviço onde a consciência coletiva foi consultada e os membros decidiram seguir este formato:

1) Cada membro poderia falar unicamente duas vezes a respeito de um determinado tema.
2) Cada membro somente poderia falar dois minutos a cada vez.

Resultou muito útil ao Grupo definir o membro perturbador como:

1.1 Uma pessoa que interrompe o bom andamento de uma reunião de maneira a não poder transmitir a mensagem de A.A.

2.1 Uma pessoa cuja conduta intimida ou assusta os participantes da reunião ao ponto de não poder escutar a mensagem de A.A.

Quando tal situação seja produzida, esse membro será convidado a assistir uma reunião de serviço convocada para esse fim. Com a presença do membro ou não, o Grupo considera o problema. Se ele está assistindo se lhe explicam os procedimentos a serem adotados. É possível que lhe seja pedido para não assistir às reuniões durante um tempo determinado.

Nesse caso, o Grupo não está expulsando o membro de Alcoólicos Anônimos mas apenas lhe pede para que não assista às reuniões daquele Grupo. A Primeira Tradição de A.A. assegura aos seus membros que, *"Nenhum membro pode obrigar outro a fazer alguma coisa; ninguém poderá ser punido nem expulso"*. Entretanto, é de se esperar que o membro em questão veja a dificuldade como uma oportunidade de desenvolvimento e continue a assistir suas reuniões em outros Grupos na região para manter a sobriedade. De maneira geral, esta ação representa o último recurso depois de esgotadas todas as tentativas de pedir ao indivíduo que mude sua conduta e seu comportamento.

Bill W., que sempre recalcou a importância de que os membros se tratem uns aos outros de maneira tolerante, carinhosa e prestativa, escreveu numa carta em **1969**: *"Este comportamento não pressupõe que não possamos excluir aqueles que perturbam as reuniões ou interferem seriamente no bom funcionamento do Grupo. Temos que lhes dizer que se calem ou que vaiam a outro lugar para voltar quando estejam em melhor condição para participar"*.

E, de fato, a Bill não lhe eram estranhos os alvoroços, as controvérsias e as perturbações nas reuniões de A.A. Porém, confiava em que as dificuldades poderiam resultar em desenvolvimento e progresso. No livro *"A.A. atinge a maioridade"*, diz, *"Imagino que, dentro de A.A., sempre vamos ter desacordos e discussões. A maior parte das vezes, estas discussões irão tratar de qual a melhor*

maneira de fazer o maior bem para o maior número de alcoólicos. Superar este tipo de problemas na escola da dura experiência de A.A. é um exercício salutar".

2.12. Por que devemos pagar para assistir aos eventos de A.A.?

***Box 4-5-9*, Setembro 2014 (pag. 5-6) => http://www.aa.org/newsletters/es_ES/sp_box459_fall14.pdf**

Título original: ***"¿Por qué debemos pagar para asistir a los eventos de A.A.?"***

Por que - alguns membros de A.A. nos perguntam - temos que pagar para assistir a uma Conferência, Convenção ou outro evento especial de A.A.? Nas palavras de um membro de A.A. da Califórnia: *"A alguns de nós parece-nos pouco apropriado ver o nome de A.A. associado a um evento para o qual é preciso pagar. E, além disso, o preço de participação em alguns desses eventos não é nada barato"*. E, nesta carta para o Escritório de Serviços Gerais – ESG: *"Como são cobertas as despesas de viagem e alojamento de alguns oradores especiais?"*. É verdade que não custa nada ser membro de A.A., e assim como as reuniões, uma parte dos eventos de A.A. são autossustentados com a Sétima Tradição. Mas existem outros tipos de reuniões de maior escala, por exemplo, banquetes e encontros de fim de semana - ao nível de Área, estaduais, regionais e internacionais - que envolvem meses de planejamento, preparações e depósitos pagos antecipadamente para os hotéis e outras entidades comerciais. Pode ser necessário também fazer arranjos para os membros de A.A. com necessidades especiais – procurar locais com acesso para cadeirantes, contratar intérpretes de linguagem por senhas para surdos e, às vezes fornecer programas em *braile* para cegos. Outras despesas incluem a impressão de folhetos e calendários, selos postais e materiais de escritório, locação de espaço para reuniões, apólices de seguro e despesas de viagem e alojamento para os oradores convidados, muitos dos quais moram a mais de mil quilômetros de distância do local da Convenção. Não se paga aos AAs para compartilhar a sua experiência, mas geralmente são cobertas as despesas dos convidados a uma Convenção ou Conferência. De acordo com os Guias de A.A. sobre Conferências, Convenções e Encontros, disponíveis no ESG-NY: *"Devem ficar muito claras ao contratar os oradores as disposições que foram tomadas para cobrir as suas despesas. A menos que especificado em contrário, os oradores convidados têm o direito de presumir que todas as despesas de viagens, alojamento e alimentação decorrentes de sua participação serão cobertas pela organização do evento"*.

Como são cobertos os gastos de uma Convenção e o que pode ser feito para evitar acabar no vermelho? As taxas de inscrição cobrem as despesas de eventos especiais e aqueles que desejam participar da Convenção pagam suas próprias despesas de acordo com a Sétima Tradição. De acordo com os Guias acima: *"Aqui não há nenhum substituto para o bom senso: é imperativo que o Comitê Organizador se comporte de maneira séria e metódica com as finanças, e nunca permita que as despesas excedam a uma estimativa moderada da receita prevista... Desde que a taxa de inscrição pode ser definida em uma quantidade suficiente para cobrir todas as despesas, isto não deve implicar em qualquer despesa real por parte dos Grupos. No entanto, é conveniente colocar as inscrições à venda antecipadamente e saber quantas deverão ser vendidas para cobrir as despesas"*.

Em nível de Área, parece haver dois métodos sensatos para cobrir as despesas: (1), os Grupos cobrem os custos do evento: como já mencionado, a taxa de inscrição pode ser definida em uma quantia suficiente para cobrir todas as despesas, e isso não deve implicar em qualquer despesa real

para os Grupos; e (2), os Grupos podem contribuir com prestações durante o ano para um fundo da Convenção; nesse caso, não é cobrada nenhuma taxa de inscrição, exceto talvez aos visitantes de outros Estados.

O critério para o uso do nome de A.A. costuma exigir que o evento seja realizado por membros de A.A. para membros de A.A. e trate de A.A. Embora um torneio de golfe ou um baile não esteja no âmbito do objetivo primordial de A.A., tais funções costumam ser programadas como atividades sociais separadas das reuniões e grupos de trabalho.

Quando Al-Anon participa de uma Convenção de A.A., o relacionamento e o regime económico geralmente tendem a seguir dois modelos: quando um Comitê de Convenção de A.A. convida Al-Anon para participar com seu próprio programa, A.A. pode cobrir todos os custos (salas de reunião, café, etc.) e manter todas as receitas de registro, etc., em um único fundo para pagar todas as contas da Convenção; A.A. fica com a quantidade restante. Ou, Al-Anon pode cobrar sua própria taxa de inscrições e cobrir todas as despesas diretamente e também cobrir parte das despesas comuns. Neste caso, Al-Anon recebe sua própria quota de receitas do registo e cobre a parte correspondente em eventuais prejuízos.

2.13. Seu Grupo está preparado para grandes eventos? Os AAs da Geórgia injetam hospitalidade sulista nos Jogos Olímpicos

***Box 4-5-9,* Abr. Mai. / 1996 (pág. 2) => http://www.aa.org/newsletters/es_ES/sp_box459_april-may96.pdf**
Título original: "***Los A.A. de Georgia infunden hospitalidad sureña en los Juegos Olímpicos"***

Que comecem os Jogos… E as reuniões de A.A.! Durante o ano passado (**1995**), os membros da Assembleia de Serviço do Estado da Geórgia trabalharam, até fazendo horas extras, para facilitar o acesso à Irmandade dos visitantes e dos atletas participantes dos Jogos Olímpicos de **1996**. Era prevista a chegada de quatro milhões de pessoas para assistir os Jogos que iriam acontecer na cidade anfitriã, Atlanta, e visitar ou se hospedar nas cidades vizinhas de Albany, Athens, Augusta, Columbus, Macon, Milledgeville, Rome e Savannah.

Joyce W., Delegada de Geórgia – Área 16, diz: *"Em **1995**, a Assembleia criou um Comitê de Hospitalidade, composto por membros de Atlanta e das outras cidades onde seriam realizados eventos e foi-lhes pedido que que elaborassem propostas sobre as melhores formas de colaboração e serviço de A.A. Recebemos uma tremenda ajuda de pessoas entusiasmadas, assim como das várias Intergrupais (ESLs) e do Escritório Central de Atlanta. Ademais, também fomos inspirados pelo exemplo dos AAs noruegueses que fizeram um trabalho magnífico ao colocar a Irmandade à disposição dos visitantes e participantes dos Jogos Olímpicos de Inverno em Lillehammer, em **1994**".*

Joyce conta que para começar o Comitê produziu um folheto muito fácil de ser utilizado nas cores coral, cinza e branco. Na capa diz: *"Alcoólicos Anônimos: Onde encontrar a Irmandade durante sua visita à Geórgia"*. Ao abrir o folheto aparecem as palavras *"Bem-vindos à Geórgia e a nossa Hospitalidade Sulista"* e, a continuação segue uma lista com números de telefone, em caracteres fáceis de ler, onde os visitantes podem chamar para se informar sobre as reuniões de

Alcoólicos Anônimos que se realizadas nas cidades participantes de várias partes do Estado. As notas de rodapé dizem: (1) que haverá reuniões em diversos idiomas – assim como algumas na linguagem por sinais para alcoólicos surdos; e (2) que os números de telefone são *"apenas para sua informação e conveniência. Nossa Sexta Tradição diz:* 'Nenhum Grupo de A.A. deverá jamais sancionar, financiar ou emprestar o nome de A.A. a qualquer sociedade parecida ou empreendimento alheio à Irmandade, a fim de que problemas de dinheiro, propriedade e prestigio não nos afastem do nosso objetivo primordial'.

A resposta ao nosso pedido de voluntários foi extremamente gratificante. Os voluntários, entre outras coisas, irão atender aos vários telefones para fornecer informações sobre as reuniões. Os membros facilitarão o transporte para as reuniões quando possível. Um motivo importante de inquietação são os atletas participantes que também são membros de A.A. As medidas de segurança a que estarão submetidos é possível que afetem seus deslocamentos. Somos muito afortunados por ter reuniões programadas no Escritório Central de Atlanta e no recinto universitário de Geórgia Tech que ficam dentro do círculo de segurança máxima. Entretanto, parece ser que não poderemos realizar reuniões no recinto da Vila Olímpica. Fomos informados que o Comitê Olímpico precisou rejeitar várias outras solicitações semelhantes devido a considerações de segurança e outros fatores. Mesmo assim, continuamos nos comunicando com os organizadores para ver o que pode ser feito.

Os visitantes que não são atletas terão maior mobilidade e irão encontrar nossas portas abertas. Ficamos muito emocionados por ter esta gratificante oportunidade de servir nossos membros e possíveis membros do mundo todo e de compartilhar a maravilhosa hospitalidade de A.A. da Geórgia, com carinho e companheirismo", disse Joyce.

2.14. Sobre os problemas de um Grupo de A.A.

***Box 4-5-9*, Inverno (Dez.) 2012 (pág. 7 a9) => http://www.aa.org/newsletters/es_ES/sp_box459_holiday12.pdf**
Título original: ***"Acerca de esos problemas del grupo de A.A."***

Um pouco mais à frente da metade do folheto *"O Grupo de A.A. ...onde tudo começa"* (Junaab, cód. 205, R$ 10,00), no final da seção *"Princípios acima das personalidades"*, o membro de A.A. pode encontrar alguns curtos parágrafos sob o título ***"Sobre os problemas do Grupo de A.A.".*** Essa seção, na página 38, começa dizendo aquilo que a mais de um membro – a primeira vista, lhe pareceu ser uma declaração um tanto quanto estranha *"Os problemas do Grupo são evidência de uma saudável e desejável diversidade de opiniões entre os membros do mesmo"*.

Quer dizer então, que os problemas do Grupo são bons e desejáveis? Como isso pode ser? Esse parágrafo continua dizendo *"Eles nos dão a chance, nas palavras do Decimo Segundo Passo, para* 'praticar estes princípios em todas as nossas atividades'".

Também lemos que *"Os problemas do Grupo podem incluir questões comuns em A.A. como: O que deveria fazer um Grupo quanto aos membros que voltam a beber? Como poderíamos estimular o comparecimento às reuniões? Como podemos ter mais pessoas para ajudar nas tarefas rotineiras do Grupo? O que podemos fazer sobre a quebra do anonimato de um membro ou alguma tentativa de interesse romântico de novatos? Como podemos nos desviar daqueles veteranos que dizem que sabem o que é melhor para o Grupo? E, como podemos estimular esses veteranos a compartilharem mais suas experiências para resolver dilemas do Grupo?"*.

Quase todos os problemas do Grupo podem ser solucionados através do mecanismo de uma consciência de Grupo esclarecida. Em alguns Grupos o RSG ou MCD podem ser de grande ajuda. Vale citar que o senso de humor, tempo para se acalmar, paciência, cortesia e disposição para ouvir e esperar – além do senso de equanimidade e confiança num *"Poder superior a nós mesmos"*, resultaram ser mais eficazes que os argumentos legalistas ou acusações pessoais.

Consciência de Grupo esclarecida
e Reunião de Serviço

Então, se *"quase todos os problemas do Grupo podem ser solucionados através do mecanismo de uma consciência de Grupo esclarecida"*, o que é exatamente esse mecanismo e no que se diferencia de uma Reunião de Serviço? Talvez não surpreenda que na mesma seção de *"Princípios acima das personalidades"*, do folheto *"O Grupo de A.A. ...onde tudo começa"* se incluam títulos como *"O que é uma consciência de Grupo esclarecida?* - página 35, *"Reuniões de Serviço de A.A."* - página 37, separados por outro título *"Inventário do Grupo"*, na página 35.

A experiência compartilhada no folheto e na correspondência que chega ao escritório de Serviços Gerais – ESG sugere que as práticas dos Grupos variam amplamente. Alguns Grupos consideram que uma reunião de consciência de Grupo e uma Reunião de Serviço são a mesma coisa. Outros Grupos celebram Reuniões de Serviço para os assuntos cotidianos dos Grupos tais como: a rotatividade dos servidores de confiança; orçamentos para as despesas do Grupo – aluguel, literatura, café, etc.; distribuição de fundos do Grupo para ajudar a levar a mensagem de A.A. e contribuições aos Órgãos de Serviço – Distrito, ESL, Área, ESG. Para decidir estas questões cotidianas pode-se recorrer a uma votação por maioria simples.

Pode ser feita uma reunião de consciência de Grupo no lugar de uma Reunião de Serviço para os assuntos que afetem o Grupo e naqueles que não se possa chegar a uma decisão através do método da maioria simples. Alguns exemplos: decidir se o Grupo vai mudar de uma reunião aberta para uma reunião fechada; mudar a forma de encerramento das reuniões; ou fazer um inventário de Grupo programado.

A dificuldade de separar os dois procedimentos pode ser demonstrada no mesmo folheto, que inclui um processo de *"consciência de Grupo"* entre a seção dedicada às Reuniões de Serviço.

Correspondência do ESG
a respeito dos problemas dos Grupos

De vez em quando, um Grupo de A.A. entra em contato com o ESG pedindo ajuda para resolver algum problema do Grupo. Alguns Grupos têm suas raízes nos primórdios de A.A. e outros surgiram com a tecnologia e a cultura atual.

Uma pergunta que vem sendo repetida ao longo do tempo – e, por conseguinte dispomos de farto material no nosso arquivo de correspondência *"Experiência compartilhada"*, refere-se à diferença entre as reuniões *"fechadas"* e as reuniões *"abertas"*. Alguns membros de A.A. têm dito que uma reunião de A.A. *"aberta"* significa que qualquer pessoa que esteja assistindo pode falar a respeito de qualquer coisa que lhe venha em mente – incluindo problemas relacionados com drogas e outras adições, e as reuniões *"fechadas"* são as que se dedicam ao assunto da recuperação do alcoolismo. Quando é pedida uma resposta, os membros do pessoal do ESG encaminham a quem

lhes pergunta à seção correspondente a esta questão no folheto *"O Grupo de A.A. ...onde tudo começa"*, onde na página 15 diz:

"Reuniões fechadas: *são apenas para membros de A.A., ou para aqueles que têm problemas com a bebida e* 'têm o desejo de parar de beber'.

Reuniões abertas: *são disponíveis a qualquer um que esteja interessado no programa de recuperação do alcoolismo de Alcoólicos Anônimos. Não alcoólicos podem participar de reuniões abertas como observadores.*

Em ambos os tipos de reuniões, o coordenador do Grupo de A.A. pode solicitar aos participantes que restrinjam seus depoimentos às questões pertinentes à recuperação do alcoolismo.

Sejam abertas ou fechadas, as reuniões de um Grupo de A.A. são coordenadas por membros de A.A., que determinam o formato das reuniões".

Assuntos relacionados com seguros de responsabilidade de terceiros e a abertura de contas para o Grupo, são, com frequência, problemas novos que se apresentam aos Grupos, e têm a ver com a relação entre os Grupos de A.A. e as entidades externas, tais como o proprietário do imóvel ou a instituição financeira local. Quando um Grupo pede assessoramento, o ESG orienta o Grupo a utilizar-se de recursos tais como os *"Guias de A.A. sobre as Finanças"* (*). Este material de serviço pode ser encontrado no sítio Web de A.A. do ESG; pode ser impresso e usado por todos os membros do Grupo em uma Reunião de Serviço ou de consciência de Grupo.

Além das respostas extraídas da experiência compartilhada sobre perguntas como *"Como podemos saber o tipo de impostos que incide sobre nossa conta corrente"* ou, *"O proprietário nos pediu para fazer um seguro de responsabilidade civil. O ESG pode ajudar?"* Os Guias de A.A. sobre Finanças oferecem respostas a outros tipos de problemas dos Grupos tais como "*Nosso tesoureiro acaba de fugir com o dinheiro. O que fazer?"*. Já que os Guias de A.A. são materiais de serviço ao que se podem acrescentar novas experiências quando há um novo aspecto da vida de um Grupo, o conteúdo dos Guias é uma boa referência para todo tipo de problemas dos Grupos.

Uma questão que há anos vem-se apresentando no ESG, e para a qual ainda não há muita experiência compartilhada, diz respeito aos *cães de serviço*. Diferentemente dos *cães-guia* para cegos, que a maioria de nós já vimos com frequência, os cães de serviço ajudam os membros de A.A. que têm uma variedade de incapacidades tais como os veteranos de guerra com transtornos por estrese pós-traumático, outros com transtornos convulsivos, impedimentos auditivos e diabetes, são apenas alguns. As chamadas telefônicas e os correios eletrônicos que chegam aos membros do pessoal do ESG indicam que pode haver uma agitada *"diversidade de opiniões"* nos Grupos de A.A. a respeito desta questão, que pode ter a ver com as alergias de alguns membros do Grupo, etc. Qualquer experiência dos Grupos que enfrentaram este problema e encontraram uma solução será bem recebida pelo ESG.

Amor e tolerância

Voltando a ideia de que uma forma de resolver os problemas dos Grupos é *"senso de humor, tempo para se acalmar, paciência, cortesia e disposição para ouvir e esperar – além do senso de equanimidade e confiança num* 'Poder superior a nós mesmos'*"*, James S., um membro de A.A. de Manhattan com mais de trinta anos de sobriedade, compartilha as seguintes experiências pessoais:

"Fico espantado porque tenhamos chegado tão longe. Na semana passada estava no meu Grupo base e durante a reunião olhei à minha volta. Um homem na última fila estava lendo um

jornal. Duas pessoas estavam cochichando e dando risadinhas enquanto o orador falava. Uma moça na primeira fila estava tuitando ou enviando textos no seu celular. Um indivíduo no meio da sala fazia barulho enquanto sorvia através de um canudo e agitava gelo num copo. Também havia uma mulher com um cachorrinho sentado no colo que grunhia de vez em quando à pessoa sentada ao lado.

Comecei a sentir dentro de mim essa indignação virtuosa que quase sempre é a precursora de um furioso diatribe guiada pela ânsia de poder, fosse ele real ou apenas imaginário, até que lembrei a frase do Livro Azul – no capítulo 'Entrando em Ação', ' O amor e a tolerância para com os outros é o nosso código' *(página 113/1/11).*

Isto me acalmou o suficiente para poder ver o homem na última fila olhar de vez em quando por cima do jornal para absorver alguma particularidade da história do orador; ver os que estavam cochichando deixar de fazê-lo e prestar atenção na reunião; ver a moça na primeira fila fechar o celular e coloca-lo na bolsa; compreender que, mais cedo ou mais tarde, o gelo iria se derreter no copo daquele que estava sorvendo; e perceber que o cachorrinho não tinha mordido ninguém – ainda".

Situações como estas acontecem nos Grupos dos EUA/Canadá todas as noites. Algumas vezes os assuntos e se referem à duração ou o conteúdo da fala da pessoa que compartilha, interrupções do orador pelos ouvintes, linguagem chula e grosseira nas reuniões, membros que falam a respeito do uso de drogas ou outros assuntos semelhantes que podem ser ofensivos para algumas pessoas.

Mas, de alguma maneira, A.A. tem podido superar estas dificuldades ao longo dos anos, com o reconhecimento de que *"Nós, os alcoólicos, percebemos que temos que trabalhar juntos e manter-nos unidos ou caso contrário a maioria de nós irá perecer",* como diz Bill W. na introdução da forma longa das Tradições. Precisamos uns dos outros, com todos nossos defeitos, e a unidade de A.A. acaba triunfando sobre os pecadilhos que os membros trazem às reuniões.

De maneira alguma isto representa um problema novo; Bill W. descreveu a situação das reuniões de A.A. por volta de **1946** desta maneira: *"Os aproveitadores aproveitavam-se, os corações solitários enlevavam-se, os comitês discutiam, os novos clubes tinham dificuldades insólitas, os oradores não paravam de falar, os membros tornavam-se profissionais, algumas vezes Grupos inteiros se embebedavam e as relações públicas ficavam fora de controle".* Parece que nós, os alcoólicos, podemos testar a paciência de qualquer pessoa.

"Percebo", diz James, *"que não posso obrigar o homem da última fila a deixar o jornal ou legislar contra o uso do celular nas reuniões. Mas, posso-me manter focado no porque estou na reunião. Tratar de controlar o comportamento das pessoas nunca funcionou muito bem em A.A. e não preciso ser o monitor de uma reunião. Apenas tenho que seguir o código. Como indicado na Nona Tradição* 'Grande sofrimento e grande amor são os disciplinadores de A.A.; não precisamos de quaisquer outros'" (Doze Passos e Doze Tradições, pág. 158/2/6, Junaab código 105, R$ 23,70)

(*) http://www.aa.org/lang/sp/sp_pdfs/smg-15_finance.pdf

2.15. Todo Grupo de A.A. tem o direito de errar

***Box 4-5-9*, Ago. Set./1986 (pág. 4-5) => http://www.aa.org/newsletters/es_ES/sp_box459_aug-sept86.pdf**

Título original: ***"Todo Grupo de A.A. Tiene el Derecho de Equivocarse"***

Frank M., diretor dos Arquivos Históricos de A.A. colocou à nossa disposição um valiosa intercâmbio de correspondência entre o cofundador Bill W. e Katie W., membro de A.A. de Shaker Heights, Ohio. Estas cartas, escritas em **1963**, confirmam o refrão que diz *"Não há nada de novo sob o sol"*. Quanto aos problemas dos Grupos de A.A., e as soluções que continuam sendo aplicadas, o dito manifesta a pura verdade. *"Durante 15 anos"* escreve Katie, *"o* 'Grupo de Mulheres da Sexta-feira à Tarde', *floresceu sob os lemas* 'Vá com Calma' *e* 'Mantenha-o Simples', *com uma atitude de gratidão e o sentimento de que a harmonia sempre prevalece porque Deus reina... Agora nos encontramos lutando com a nossa primeira dúvida"*.

O problema, como explica Katie, derivou do fato de que *"mulheres vestidas de várias cores, desejam se tornar membros do nosso Grupo fechado. Algumas são apenas alcoólicas (um número que com o tempo vai diminuindo); algumas têm problemas com a bebida e com as pílulas; algumas são alcoólicas que têm problemas mentais; outras não têm problemas com a bebida, mas apenas psiquiátricos; outras mais têm problemas unicamente com drogas. Algumas pararam de beber mas, ainda se encontram sob os efeitos de sedativos"*.

Katie cita dois casos: A Sra. A. *"canta elogios a A.A.; assiste assiduamente às reuniões; serve como madrinha; coordena; fala quando não deve; e toma pílulas"*. A Sra. B., que foi paciente num hospital psiquiátrico, deixou a bebida, mas continua tomando medicamentos, *"Não apenas dorme durante a reunião, mas também ronca. Deve-se aguardar até que possa manter-se acordada para assistir às reuniões?"*.

Katie se preocupa principalmente com *"o bem-estar do Grupo. Percebemos claramente que qualquer um que o diga é membro de A.A.; a questão está em saber se estas pessoas têm o direito de assistir às reuniões se, como consequência de ingerir demasiados medicamentos, incomoda aos demais"*.

Diz que se sente perplexa, oprimida, desanimada. *"Podemos ajudar o alcoólico porque podemos identificar-nos"*, responde Bill. *"Mas, não podemos ajudar quando se trata de uma pessoa com problemas mentais ou problemas com pílulas"*. Depois, se faz uma pergunta: *"Devem assistir às nossas reuniões fechadas aqueles que precisam de ajuda, mas que não são alcoólicos?"*. E encerra a carta com as palavras *"Nossa gratidão pela sua contínua sobriedade..."*.

Ao responder, Bill observa que *"Em geral, A.A. tem que tratar com alcoólicos não importando quaisquer complicações que possam ter. Certamente você admitirá o fato de que não existe alcoólico que não tenha alguma* 'complicação' *emocional. Assim, a questão se reduz a isto: Deve A.A. tratar de ajudar aos que têm graves problemas mentais e de adição conquanto sejam alcoólicos? A resposta é ,* 'Sim', *devemos tratar"*.

Entretanto, como Bill assegura a Katie, *"esta caridade não quer dizer que não possamos excluir aqueles que perturbam as reuniões ou que interferem seriamente no funcionamento do Grupo. A estas pessoas lhes podemos pedir que se acalmem ou vão embora – ou que voltem quando sua condição lhes permita participar das atividades"*.

Não pode haver uma *"resposta preparada"*, diz Bill. *"Como você sabe, cada Grupo de A.A. tem inclusive o direito de errar"*. Entretanto, *"A.A. nunca foi de utilidade alguma para os drogadictos e assemelhados que não são alcoólicos. Não podem identificar-se conosco nem nós com eles. Tentar trazê-los e incluí-los como membros de A.A., seria desviar-nos do nosso objetivo primordial, a obtenção da sobriedade. Embora alguns AAs, individualmente, com frequência possam*

ajudar estas pessoas, os Grupos de A.A. pouco podem fazer além de lhes permitir que assistam a suas reuniões abertas, sempre e quando não causem complicações". Finalizando a carta, Bill aconselha a Katie *"improvisar sobre a marcha. Não tenha medo de errar. O método das tentativas, segundo as circunstâncias, provavelmente é o melhor"*.

3. Reuniões / Consciência de Grupo

3.1. A Reunião de Serviço do Grupo: Onde o serviço começa

***Box 4-5-9*, Fev. Mar. / 1990 (pág. 4) => http://www.aa.org/newsletters/es_ES/sp_box459_feb-mar90.pdf**
Título original: *"**La reunión de negócios del grupo: Donde empieza el servicio"***

Os 75.000 Grupos que atualmente (**1990**) compõem A.A., têm o que Bill W. chamou *"a responsabilidade final e a autoridade suprema pelos serviços mundiais de A.A."* Mas, onde começa esta cadeia cada vez mais longa de responsabilidade? Quem tem autoridade para tornar isso realidade?

A estrutura de A.A. em sua totalidade começa com o Grupo individual; e a maneira com que cada Grupo conduz seus assuntos, por efeito de ondas, influi na totalidade da Irmandade. A orientação do Grupo é essencialmente estabelecida em suas Reuniões de Serviço *(dependendo do lugar, esta reunião tem outras denominações:* business meeting *ou, reunião de negócios, reunião administrativa, etc.)* onde a consciência informada do Grupo se manifesta respeito a diversas questões, desde a política e as finanças do Grupo até assuntos do Escritório de Serviços Locais e Serviços Gerais.

Considerando a importância das Reuniões de Serviço dos Grupos, a Área de Sacramento, Califórnia, preparou uma serie de diretrizes sugeridas referentes ao tema, para sua discussão numa Mesa de Trabalho dos servidores dos Comitês de Serviço dos Grupos realizada no ano passado.

A seguir aparece uma adaptação dos extratos destas diretrizes. Burke D., membro do Comitê de Distrito disse que *"as compartilhamos com a esperança de que nossos companheiros encontrem tanta utilidade como tem tido para nós"*.

Quem convoca e organiza a Reunião de Serviço?

Para a maioria dos Grupos esta é uma função do RSG (ou do coordenador, secretário ou tesoureiro do Grupo, ou o Comitê de Serviços, se houver). A experiência demonstrou que as Reuniões de Serviço regulares, realizadas normalmente a cada mês o a cada trimestre, contribuem de maneira significativa para a unidade e a identidade do Grupo.

Quando se celebram?

Uma vez que cada Grupo é autônomo, não existe uma única resposta: porém, podemos oferecer algumas ideias que tem dado bons resultados: anunciar que a Reunião de Serviço irá começar 30 minutos ou uma hora antes de abrir a reunião regular, conforme a quantidade de assuntos que irão ser discutidos. Ou pode ser feita imediatamente depois da reunião regular. Em alguns casos, celebra-se a Reunião de Serviço ao mesmo que a reunião regular, em outra sala separada e da mesma forma com que alguns Grupos realizam sua *"mesa de Passos"*. Outros Grupos fazem sua Reunião de

Serviço durante um *"jantar improvisado"* numa noite diferente às dedicadas a suas reuniões regulares.

Quem assiste?

Geralmente, apenas os membros do Grupo podem participar das Reuniões de Serviço. Alguns Grupos convidam outras pessoas que não fazem parte do Grupo, mas, pedem que se abstenham de votar nos assuntos relacionados com as atividades do Grupo.

Que tipo de serviços são tratados?

A agenda varia de Grupo para Grupo, e conforme os temas que deverão ser considerados. Entretanto, eis alguns aspectos de serviço de Grupo que permanecem constantes: a eleição de novos servidores; a programação de novos e diferentes tipos de reuniões; a apresentação e discussão do relatório financeiro do tesoureiro; a apresentação de informações sobre o andamento dos trabalhos realizados pelos servidores do Grupo; a destinação de fundos excedentes ao necessário aos órgãos de serviço, etc. Além disso, programar reuniões de unidade com outros Grupos ou organizações para intercambio de experiências e estabelecer a consciência de Grupo no que se refere a assuntos que serão discutidos e/ou submetidos a votação na Assembleia de Área.

Independentemente de realizar suas Reuniões de Serviço, muitos Grupos fazem periodicamente um *"inventário de Grupo"* – uma franca e honesta discussão relacionada com os pontos fortes e fracos do Grupo. Também são de utilidade as *"sessões de compartilhamento"*, onde os membros podem ventilar qualquer problema ou oferecer soluções para evita-los.

Procedimentos da Reunião:

Geralmente as Reuniões de Serviço são pouco formais. Entretanto, conforme a necessidade poderão se remeter a *"Robert's Rules of Order"* **(N.T.:** "Regras de Ordem de Robert" *é o título de um livro escrito em* ***1876*** *pelo Coronel Henry Martyn Robert* ***(1837-1923),*** *que contêm regras de ordem destinadas a serem adotadas por uma autoridade parlamentar para uso por uma assembleia deliberativa),* sempre que não se crie nenhum conflito com as Tradições. A maioria dos membros tem pouca experiência nos procedimentos parlamentares e é possível que alguns se possam sentir intimidados no momento de falar.

Antes que se possa definir a consciência de Grupo, é essencial que todos os membros conheçam toda informação pertinente ao tema em questão. Em muitos casos, é pedido a um membro individual ou a uma pequena comissão estabelecida para esse fim, que estudem os prós e contras relacionados com o assunto e que apresentem suas conclusões perante a Reunião.

3.2. O que é uma consciência de Grupo esclarecida

Box 4-5-9, Out. Nov. 1984 (pág. 1-2) => http://www.aa.org/newsletters/es_ES/sp_box459_oct-nov83.pdf

Titulo original: "***¿Qué es una Conciencia de Grupo Bien Informada'?"***

- Quando A.A. tinha apenas dois anos de existência e Bill W. estava quebrado, um amigo, com boas intenções, ofereceu-lhe um posto tentador como terapeuta leigo, com seu próprio

consultório, uma conta corrente à vista no banco e uma generosa parte nos benefícios. Entusiasmado, Bill foi para a sua casa; era noite de reunião no salão de baixo e Bill diz *"Apressei-me a contar-lhes a história da oportunidade que se apresentava a mim*". Mas, os demais membros resistiram a que seu cofundador se convertesse num AA profissional, e Bill não o fez. Foi exercida a consciência de Grupo.

- Quando seu Grupo elege um coordenador, e não escolhe Joaquim L., um veterano popular que já desempenhou bem essa função, favorecendo Rosa N., sem tanta graça talvez, mas uma mulher de confiança é exercida a consciência de Grupo.
- Talvez os membros do seu Grupo não possam decidir se deve ou não mudar o formato de uma reunião ou pagar cotas ao clube onde se reúne para celebrar seus aniversários. Ninguém tem razão necessariamente. Mas quando a questão é colocada para discussão e votação é provável que a consciência de Grupo vá prevalecer.

Embora nem sempre compreendida, a consciência de Grupo, como definida na Segunda Tradição, é, entretanto, um conceito básico e poderoso que possibilita que indivíduos de procedência e temperamento diversos possam ir além das suas ambições pessoais e se unirem num objetivo comum: manterem-se sóbrios e ajudar o alcoólico que ainda sofre a alcançar a sobriedade.

Não era fácil consegui-lo. Como Bill W. contou: *"Poucos obstáculos foram mais difíceis de eliminar do que aqueles que fecharam o passo à ideia de que a consciência de Grupo de A.A. deve ser a única e última autoridade nos nossos assuntos"*.

No decorrer dos anos, a experiência, o trabalho por tentativas, demonstrou que os Grupos de A.A. não quiseram que os diretores dos assuntos que se referem aos seus princípios e ao serviço, fossem escolhidos por outros; queriam dirigir seus assuntos por si próprios. Ademais, ficou claro que eles podiam realizar este desejo de uma maneira muito eficaz. Como disse Bill: *"A consciência de Grupo adequadamente esclarecida sobre os fatos, os problemas e os princípios em questão, frequentemente era mais assertiva que qualquer líder nomeado por ele mesmo ou pelos outros"*

Na maioria dos casos não é tão fácil chegar à consciência de Grupo. Recentemente, Lawrence H., de Orornocto, NB, Canadá, formulou este problema ao Escritório de Serviços Gerais – ESG: *"Numa reunião de eleição da nossa Assembleia de Área, alguns membros que haviam servido como MCD´s faz uns dez anos, deixaram que seus nomes ficassem incluídos entre os candidatos para Delegado, inclusive depois de uma discussão que durou uma hora. O problema é que o atual* 'Manual de Serviço de A.A.' *diz:* 'Podem-se candidatar os membros do Comitê atuais ou antigos'. *Anteriormente dizia* '... podem ser membros do Comitê em exercício, ou que se demitem ou ambas as coisas'".

Na resposta, o ESG assinalou que *"o Manual de Serviço não é um conjunto de leis inflexíveis, mas, apenas uma compilação de sugestões que podem ser utilizadas da maneira que se deseje para estabelecer guias para a elegibilidade de candidatos a qualquer encargo"*.

Continuando, o ESG ofereceu outras sugestões: *"Estas decisões devem ser tomadas e submetidas a votação antes das eleições. Se, por exemplo, sua Área decide que os MCD´s que exerceram o encargo há muitos anos atrás não são elegíveis, esta decisão deve ser tomada em uma reunião de assembleia amplamente divulgada antes da eleição. Quando estas questões são submetidas a votação, os membros deverão ouvir as razões de ambas as partes e ter a oportunidade de manifestar suas preocupações. A Quarta Garantia do Decimo Segundo Conceito, recomenda* 'que todas as decisões importantes sejam tomadas através de discussão, votação e, sempre que possível, por substancial unanimidade'". Em outras palavras, a responsabilidade de tomar a decisão foi devolvida a quem pertencia – à consciência de Grupo esclarecida da Área de New Brunswik, Nebraska.

Dutch O., de Fort Lupton, Colorado, apresenta uma questão relacionada com o assunto: *"Quando é o momento apropriado para buscar a consciência de Grupo? Com quanto tempo de antecedência deve ser avisada a reunião para discutir a questão antes de agir sobre ela? E, quantos membros deverão estar presentes para que se possa começar a trata-la?"*.

Respondendo a estas perguntas, o ESG sugeriu que seria apropriado buscar a consciência de Grupo quando houver um problema que devesse ser submetido a votação. A frase *"consciência de Grupo esclarecida"*, geralmente significa que todas as informações necessárias foram estudadas e todos os pontos de vista foram expressos antes que o Grupo vote.

As experiências de Grupo compartilhadas com o ESG, indicam que é uma boa ideia que sejam notificados todos os membros do Grupo que possam fazer parte com uma boa antecedência; geralmente duas semanas é o suficiente. Alguns Grupos dizem que dois terços dos membros deverão estar presentes, mas nem sempre é possível reunir tantas pessoas. Cada Grupo baseando-se na sua própria experiência estabelece suas próprias regras com relação à proporção necessária de votos, mas, sempre com o objetivo de alcançar uma *"substancial unanimidade"*.

Como escreveu Bill em relação à Quarta Garantia: *"Quando uma decisão que foi tomada por substancial unanimidade resulta equivocada, não pode haver recriminações acaloradas. Todos poderão dizer*: 'Bom, debatemos a questão, tomamos a decisão, mas resultou ser uma decisão ruim. Que tenhamos mais sorte a próxima vez! '".

3.3. Consciência Coletiva

Texto do Dr. Lair Marques, Ex-Custódio e Presidente da JUNAAB

"Consciência Coletiva: como AA se organiza e decide seus caminhos"

"... um Deus amantíssimo que Se manifesta em nossa consciência coletiva".
"... que todas as decisões importantes sejam tomadas através de discussão, votação e, sempre que possível, por substancial unanimidade".

O que é consciência coletiva?

É um estado ao qual se chega por meio da participação de todos os membros que compõem um grupo, em especial nas reuniões de serviço, no processo em que se busca o conhecimento de algum assunto ou problema que esteja em estudo e se estende também às decisões que eventualmente irão ser tomadas.

Como se desenvolve o processo?

Dando oportunidade e até solicitando que todos os membros presentes participem que ofereçam as suas contribuições tanto para o estudo do problema quanto para a sua solução.

Isto significa que ninguém deve ser excluído, que ninguém deve ficar de fora. É indispensável que o coordenador seja capaz de conter os que procuram impor as suas vontades e pontos de vista, limitando a oportunidade de participação e o tempo disponível para apresentar as suas contribuições e, por outro lado, oferecer aos mais retraídos, a eles em especial, bem como a todos os membros presentes, a mesma oportunidade e o mesmo espaço de tempo para participar no processo de busca da consciência coletiva. Não só oferecer, mas, muitas vezes, é preciso até solicitar que os mais tímidos apresentem os seus pontos de vista. O poder coletivo contendo o poder individual, a grandiosidade do alcoólico.

Numa primeira rodada, pode ocorrer que as opiniões fiquem muito distantes umas das outras, mas, quando se faz uma nova rodada de opiniões na qual se buscam novos entendimentos e posições acerca do assunto em estudo, o que se observa é que, após pensar e meditar por algum tempo acerca do que já havia sido colocado por todos os companheiros anteriormente, as opiniões vão tendendo para uma área mais central, vão ficando menos distantes entre si, vão se aglutinando em torno de uma ideia ou decisão que, num certo momento, surgirá como sendo apoiada por uma substancial unanimidade. As opiniões vão gradativamente tendendo para um ponto central. Não há limitação quanto ao número de rodadas nem quanto ao tempo necessário às exposições. O processo deverá demorar o tempo que for necessário.

Como todos devem ser ouvidos, porque deve haver uma ampla participação e também porque os assuntos precisam ser estudados por completo e detalhadamente e ainda porque também as decisões a serem tomadas são sempre importantes, este processo pode exigir um longo tempo de participação e de maturação e pode igualmente exigir um esforço prolongado.

É importante que não haja pressa.

Talvez a reunião se prolongue bastante e é possível que poucos itens de uma agenda sejam abordados ou que poucas decisões sejam tomadas, mas o que é preciso ter em mente é que o processo em si é o fato mais importante e isso ocorre porque ele tem valor terapêutico. Ele vale, em primeiro lugar, pela evolução e pelo crescimento espiritual que propicia. A Irmandade de Alcoólicos Anônimos não é uma empresa em que a eficiência e o uso do tempo ficam em função dos resultados esperados e dos objetivos fixados pelo próprio processo administrativo.

Em Alcoólicos Anônimos, tempo não é dinheiro; é saúde, é recuperação, é crescimento espiritual, sobretudo. A Irmandade de Alcoólicos Anônimos é, antes de tudo, uma Irmandade em que todos procuram deter a sua doença e entrar num processo de cura, não física, mas psicológica e espiritual e a participação no serviço, especialmente no processo que leva à consciência coletiva, tem grande importância para a recuperação e para que se possa alcançar a serenidade. O próprio processo da busca da consciência coletiva é, pela sua natureza, uma maneira de diminuir a velocidade que impomos às nossas vidas, de evitar o estresse. Nele tudo se desenvolve sem obsessividade e cada membro participante vive um agora mais longo, mais demorado.

Por que é importante chegar à consciência coletiva?

Porque é um processo sábio por meio do qual não sairão vencedores nem vencidos. Porque, pela ampla participação, todos aceitam, ao final e ao cabo, e sem resistências psicológicas, as decisões que foram acordadas e ainda porque, em face da ampla participação, todos se sentem igualmente responsáveis pelas ações que serão tomadas e também pelas suas consequências e, numa visão maior, até mesmo pelos destinos da Irmandade de Alcoólicos Anônimos.

O usual é que procuremos ser mais espertos e controlar uns aos outros em função de objetivos individuais ou do interesse de pequenos grupos e isso costuma ocorrer ao nos comportarmos seguindo o estímulo psicológico que recebemos no decurso das nossas vidas.

Por meio da consciência coletiva, os conflitos podem ser resolvidos sem derramamento de sangue físico ou emocional e mais ainda, com sabedoria.

Sempre que se busca adequadamente chegar à consciência coletiva, os gladiadores baixam as armas e os escudos e se tornam hábeis em ouvir e entender e, sobretudo, em respeitar e aceitar os dons dos outros, bem como as suas limitações. Ao longo da busca da consciência coletiva, aceitamos que somos diferentes, mas que, por outro lado, estamos ligados aos demais membros pelas nossas feridas e pelo fato de estarmos aprendendo a lutar juntos mais do que uns contra os outros. Os conflitos são resolvidos. Os membros aprendem a desistir de facções e de compor pequenos subgrupos. Aprendem a ouvir mutuamente e a não rejeitar.

O silêncio de quem escuta representa uma abertura, uma disponibilidade em relação ao outro. É como criar uma zona de silêncio que traduz a confiança no outro. Dar um lugar aos outros é indispensável para que possamos desenvolver a nossa relação existencial. A amabilidade do acolhimento, da abertura, não exclui a personalidade de quem escuta daquele que procura o verdadeiro em meio a múltiplas verdades. Só assim se chega à plenitude do diálogo. É como viver as tarefas do mundo tais como elas se apresentam. A vida é então realizada e confirmada na concretude de cada instante, de cada dia.

A busca da consciência coletiva é uma experiência importante para por fim aos conflitos humanos, pois, durante o processo de busca, não procuramos tirar a energia dos outros companheiros. Sempre que alguém sai vencedor, o perdedor fica deprimido, em baixa. Mas se procuramos a consciência coletiva, estaremos então recebendo energia de outra fonte, do Poder Superior.

Na consciência coletiva está contida uma filosofia do diálogo, da relação entre os membros de A.A. Importa uma relação desenvolvida no diálogo, na atitude existencial da face-a-face. Há uma vibração recíproca na face-a-face. O diálogo assim desenvolvido abre novas perspectivas em relação ao sentido da existência humana de cada um dos membros participantes porque está voltado para um novo projeto de existência e não para um passado nostálgico. O processo da busca da consciência coletiva estabelece uma nova relação entre os membros de AA e, numa visão maior, entre os seres humanos.

Se consultada a consciência coletiva, as decisões são realistas?

A ampla participação assegura que a realidade seja conhecida nos seus mais diferentes aspectos, que nenhuma particularidade seja omitida, que nenhuma consequência das decisões a serem tomadas deixe de ser considerada. O estudo resulta sempre completo porque é o resultado da soma de todas as experiências, de todas as visões. Significa que se estuda e se decide com segurança.

Frequentemente, o nosso narcisismo nos faz sentir que somos os guardiões de uma estrutura frágil e ameaçada e que, se não fosse por nós, tudo já estaria perdido. Isso é a manifestação de que algo está errado com a nossa saúde mental e espiritual e que é preciso colocar, lado a lado, a nossa realidade com a que é percebida pelos irmãos em quem confiamos. O fato é que a verdade compartilhada é poderosa e eleva o espírito e é por isso que compartilhamos quando participamos das atividades do grupo ou das que são mais ligadas ao serviço.

Frequentemente a verdade é um processo, o resultado de uma relação entre nós mesmos e os outros, a qual dá à verdade maior clareza e brilho. Precisamos de coragem para ver a verdade, mas ela nos fortalece, e estar dentro da realidade significa não estar alienado. Ocorre uma confiança no diálogo, na busca comum da verdade.

No conjunto, o grupo sempre aprecia melhor porque inclui membros com muitos e diferentes pontos de vista e com a liberdade assegurada de expressá-los por meio do processo que busca a consciência coletiva.

Incorpora-se o claro e o escuro, o sagrado e o profano, a tristeza e a alegria, a glória e a lama e é por essa razão que as decisões são bem elaboradas. Não é provável que se deixe de apreciar algum aspecto importante. Como cada membro representa um padrão de referência e, se eles são muitos, o grupo de trabalho se aproxima mais e mais da realidade. As decisões são realistas e usualmente seguras.

Não ao totalitarismo!

É comum pensar que as diferenças possam sempre ser resolvidas por uma autoridade maior. No passado de cada um de nós, era costumeiro apelar para a intervenção do pai ou da mãe para o entendimento de situações e para a solução de problemas. Procura-se frequentemente até apelar para um ditador benevolente. Mas Alcoólicos Anônimos, em favor da maturidade dos seus membros, nunca pode ser totalitária.

Nós nos acostumamos, ao longo da nossa vida, a aceitar certas formas de autoridade que sempre serviram como orientação para definir a realidade em que vivemos e sem ela nos sentimos confusos e perdidos. Mas a busca da consciência coletiva passa a ser o exercício através do qual sempre, e em grupo, encontramos a orientação, sempre conhecemos de uma maneira mais completa a realidade e, é bom acentuar, sem a necessidade de qualquer autoridade que não a do Poder Superior. No decurso do processo de busca da consciência coletiva acontece o retorno da sensação de segurança, agora sob uma forma mais espiritualizada, a segurança espiritual.

A maneira menos primitiva de se resolverem as diferenças individuais é a de apelar para o que chamamos de democracia. Pelo voto, determina-se o lado que prevalece. A maioria governa. Mas este processo exclui as aspirações da minoria. Pelo contrário, o processo de tomada da consciência coletiva inclui as aspirações da minoria. É como transcender as diferenças pessoais de modo a incluir, na mesma medida, a minoria. Entrar no processo que leva à consciência coletiva é ir além da democracia. Recorrer ao voto não é a solução. Apenas o consenso integra as minorias e, em realidade, até evita a formação delas. O processo pelo qual se chega ao consenso é uma aventura porque não se pode antecipar o que vai resultar, é algo quase místico e mágico, mas que funciona.

Durante o processo de busca da consciência coletiva, a autoridade fica descentralizada. Não há líderes e, ao mesmo tempo, todos são igualmente líderes. Há um verdadeiro "fluxo de liderança". Os membros se sentem livres para se expressar e para oferecer as suas contribuições e o fazem no

seu exato momento e na devida dimensão. Há lideranças. É o espírito de comunidade que lidera e não o individualismo.

O desenvolvimento da Humildade

O processo de busca da consciência coletiva atenua o individualismo áspero que leva à arrogância e isso se faz por meio da limitação da participação, ao evitar preponderância e excessos - a velha prepotência e a conhecida manipulação. O poder individual só é contido, só é limitado, pelo poder coletivo. Este é um principio fundamental. Isto é exatamente o que acontece no processo de busca da consciência coletiva.

Desenvolve-se, nos membros do grupo de trabalho, um individualismo ameno que leva à humildade. Durante o processo, as dádivas de todos são apreciadas e também reconhecidas as suas próprias limitações e isso está na base da aceitação das nossas próprias imperfeições. *"Conhece-te a ti mesmo"* é uma regra segura para chegar à humildade.

Nesse momento, fica muito claro que o problema não é a dependência e sim a real interdependência. Não só os membros se tornam mais humildes, mas também o grupo como um todo.

O grupo como um lugar seguro

As pessoas se tornam mais amenas quando participam do processo de busca da consciência coletiva porque se olham através das lentes do respeito. O grupo se torna um lugar seguro porque há aceitação e compreensão, e as pessoas sentem com uma intensidade nova o amor e a confiança. Desarmam-se. Passa a haver a paz e, sobretudo, os membros aprendem a fazer a paz.

É também um lugar seguro porque no grupo ninguém está tentando curar, converter ou mudar o outro e, paradoxalmente, é exatamente por isso que a cura e a conversão acontecem. No grupo, as pessoas são livres para serem elas mesmas, livres para procurar a própria saúde psicológica e espiritual. Tudo isso faz do grupo um lugar seguro em que as pessoas podem abrir mão das suas defesas, das suas máscaras, dos seus disfarces. Aceitamos ser vulneráveis, expor as nossas feridas e fraquezas, e assim fazendo, aprendemos também a ser afetados pelas feridas dos outros. O amor que surge neste compartilhar só é possível porque abrimos mão da norma social de pretender ser invulneráveis.

Num lugar seguro as pessoas se desarmam e aprendem a fazer a paz, que nasce do processo de busca da consciência coletiva.

Um estado de espírito muito especial

Quando nos preparamos psicologicamente para participar de uma reunião de serviço em que se vai à busca da consciência coletiva e nos sujeitamos ao processo que leva a ela, desenvolve-se uma atmosfera tal que, paradoxalmente, nela as pessoas falam mais baixo e, no entanto, são mais ouvidas. Nada é agitado e não se forma o caos.

Pode haver discussão e luta, mas ela é construtiva e move-se em direção do consenso. Em realidade, entra-se no processo de formação de uma verdadeira comunidade.

Esse estado de espírito é indispensável para que se possa estar aberto para a manifestação do Poder Superior. Para a inspiração e para a voz do Espírito Santo.

Quando nos dirigimos para uma reunião de serviço, não podemos imaginar qual será o resultado dos trabalhos nem devemos interferir nele. O processo de formação da consciência coletiva é verdadeiramente um mistério.

O estado de espírito de quem vai para uma reunião de serviço

Quando se vai para uma reunião de serviço, é preciso ter em mente que a intenção, a ideia, é levar tão somente uma contribuição, uma experiência pessoal. É preciso lembrar sempre que o todo é formado pelas partes e que cada um de nós não é senão uma parte, mas uma parte realmente importante. Cabe ainda lembrar que as nossas experiências são tanto o fruto das nossas vivências, e por isso são muito ricas, mas também limitadas à esfera pessoal. Ao mesmo tempo, precisamos ter a consciência do valor da contribuição que podemos dar, mas também de que ela será parte de um todo, de um conjunto maior, que se formará a partir das contribuições de cada um dos presentes à reunião.

O que fica dessas considerações é que a atitude de humildade é indispensável se se deseja chegar à consciência coletiva. É aceitar que, pelo menos diante do fato de se estar frente a uma manifestação do Poder Superior, a prepotência, a arrogância, o narcisismo e a agressividade possam dar lugar à humildade e à aceitação daquilo que irá resultar da soma de todos os conhecimentos e contribuições, mas, sobretudo aceitar que ao final se chegará ao melhor caminho, à melhor solução, à melhor decisão.

O que acontece quando não se busca a consciência coletiva

Muitas coisas podem acontecer. A realidade pode ser distorcida e as conclusões ou decisões podem não ser as mais sábias ou convenientes. Parte dos que compõem o grupo pode ficar excluída dos trabalhos, por ser constituída de membros mais tímidos ou por estarem dominados pelos mais prepotentes, pelos que melhor fazem uso da palavra.

Pode ocorrer que, antes de uma reunião, os componentes do grupo procurem contatar outros membros para lhes convencer acerca das suas pretensões ou postulações ou, simplesmente, conseguir adesões ou fazer acordos. Obviamente a consciência coletiva estará sendo manipulada e aí poderiam os mais doentes chegar ao seu *"dia de glória"*, pois teriam manipulado até mesmo o Poder Superior. No entanto, nessas condições, a consciência coletiva não se estabelece e Ele não fala. Talvez falem outras vozes menos divinas.

Quando não se busca a consciência coletiva, o que usualmente acontece é correr o sangue emocional e até mesmo o físico. Usualmente a luta se estabelece, mas ela não leva a nada porque é caótica, é barulhenta e não construtiva.

As agressões tornam as reuniões cansativas e os resultados são nulos ou diminutos. As reuniões se tornam tanto desagradáveis quanto improdutivas. É um conflito sem frutos e que vai para lugar nenhum. As pessoas tornam-se prisioneiras das suas raivas, dos seus ressentimentos e das suas ambições pessoais desmesuradas. Outros procuram concertar as cabeças, convencer ou curar os seus companheiros e isso, muitas vezes, pode até parece ser coisa de amor, mas o fato é que fazem isso para o seu próprio conforto, em seu favor.

É fundamental que busquemos a complementação sempre que opiniões diferentes ou contrárias às nossas forem apresentadas. Devemos buscar, nessas situações, o sentido de existir, de ser. Devemos identificar, na existência dos opostos, o sentido da complementaridade. Sempre que

nos incompatibilizamos uns com os outros é porque estamos medindo forças e assumindo posições antagônicas. Se buscarmos o sentido do complementar, poderemos reverter o antagonismo e somar as nossas potencialidades em torno de um propósito único. Desse modo, não perdendo o nosso ponto de vista, identificamos um sentido maior que é a grande manifestação da Consciência Coletiva.

A insensatez

Quando não se busca a consciência coletiva, a insensatez se estabelece no grupo. Isto é, ele passa a agir de forma contrária aos seus próprios interesses, de forma contrária à apontada pela razão. Exatamente ao contrário da sabedoria que está no exercício do julgamento atuando com base na experiência e no uso das informações disponíveis.

No caos e na manipulação, buscam-se as atitudes contrárias aos próprios interesses da Irmandade de Alcoólicos Anônimos, não obstante as advertências desesperadas de alguns e da existência de alternativas melhores e viáveis. A busca da insensatez torna-se trágica e, dolorosamente, um comportamento dominante. Dominados pelas paixões, os membros do grupo abandonam o comportamento racional, tornam-se passionais. A mitologia grega tinha uma figura para representar a cegueira da razão, o desvario involuntário, de cujas consequências os companheiros depois se arrependem, chamada Ate, filha de Eris, deusa da discórdia e da disputa. Tomados de cega insensatez, as vítimas da deusa se tornam incapazes de realizar uma escolha racional, de distinguir entre atos morais e imorais.

Onde e como o Céu e a Terra se tocam

O homem, desde tempos imemoriais, vem procurando fazer contato com as forças criadoras, com o sagrado. Procurou lugares e objetos em que o céu e a terra se encontrassem. Concebeu a montanha e a cidade sagradas, a residência real, a árvore da vida e da imortalidade, a fonte da juventude, etc.

De acordo com crenças indianas, o monte Meru seria uma montanha sagrada e sobre ela brilharia a estrela polar. Na crença iraniana, a montanha Elburz seria o ponto em que a terra estava ligada ao céu. A população budista do Laos considera sagrado o monte Zinnalo. No Edda, o Himinbjorg, que quer dizer *"montanha celestial"*, é considerado o ponto em que o arco-íris alcançaria a parábola do céu.

Para os povos mesopotâmicos, o Zigurate era a montanha cósmica. Na Palestina era o Monte Tabor. Para os cristãos, a montanha cósmica era o Gólgota, o lugar onde Adão tinha sido criado e sepultado e o sangue do Salvador teria sido derramado sobre o crânio de Adão, servindo para a sua redenção. Esta crença ainda permanece entre os cristãos orientais. A cidade da Babilônia, como indica o próprio nome, era tida como a *"porta dos deuses"*, pois era por meio dela que os deuses desciam para a terra.

A ideia de que o santuário reproduz o Universo, na sua essência, passou para a arquitetura religiosa da Europa cristã e para as basílicas dos primeiros séculos, do mesmo modo que as catedrais medievais reproduziam simbolicamente a *"Jerusalém celestial"*.

O lugar sagrado, o *"Centro"*, seria a zona da realidade absoluta e lá estariam os seus símbolos: a árvore da vida e da imortalidade, a fonte da juventude, etc. daí a ideia de que a estrada que leva ao *"Centro"* é um *"caminho difícil"*. Difícil também a peregrinação aos lugares sagrados como Meca, Hardwar e Jerusalém, feita em viagens cheias de perigos e realizadas por expedições

heróicas. As mesmas dificuldades encontra aquele que procura caminhar em direção ao seu ego, ao *"Centro"* do seu ser. A estrada é árdua e cheia de perigos porque representa um ritual de passagem do âmbito profano para o sagrado, do efêmero e ilusório para a realidade e para a eternidade, da morte para a vida, do homem para a divindade. Chegar ao *"Centro"* equivale a uma consagração; a existência profana e ilusória dá lugar a uma nova existência, a uma vida real, duradoura. Na busca da consciência coletiva o grupo de trabalho procura chegar ao *"Centro",* ao ponto mais elevado.

Eu, pessoalmente, considero que é através do processo de formação da consciência coletiva, após percorrer um caminho muitas vezes árduo e difícil, é que estabelecemos um contato entre o céu e a terra. É por meio do processo de busca da consciência coletiva que o céu e a terra se tocam. A consciência coletiva é a voz do Poder Superior.

O conceito de substancial unanimidade e a ideia da formação de uma verdadeira comunidade centrada na busca da manifestação do Poder Superior está na base de uma nova dimensão de divindade e permitirão que a Irmandade de Alcoólicos Anônimos se aperfeiçoe de maneira progressiva e que, por meio da busca da consciência coletiva, os seus membros conquistem a mais absoluta liberdade espiritual, ficando então livres de preconceitos e de sentimentos negativos em relação aos demais companheiros.

3.4. Onde se origina a consciência de Grupo Esclarecida

Box 4-5-9, Abr. Mai./1984 (pág. 4-5) => http://www.aa.org/newsletters/es_ES/sp_box459_april-may84.pdf
Titulo original: "***Donde se Origina em Realidad la Conciencia de Grupo Informada"***

"Lembro que certa vez, quando eu era ainda principiante e crítico, disse a um veterano que o Grupo estava louco. Disse-me que fosse para um canto da sala e fala-se aquilo para mim mesmo. Ainda demorou muito tempo para perceber que naquele momento começava a entender que uma consciência de Grupo esclarecida inicia-se no próprio indivíduo".

Assim iniciou David L., um Delegado do Novo México, uma discussão sobre *"A importância de uma consciência de Grupo esclarecida",* o tema de apresentação no Fórum Regional do Sudeste, em Denver, Colorado, em dezembro passado.

Fazendo observar que *"esclarecer"* significa *"instruir",* ou *"guiar"* ou *"iluminar";* David disse que o conceito oposto é *"ocultar". "Enquanto à minha própria conduta, embora nunca oculte alguma coisa a nenhum principiante intencionalmente, faço o mesmo deixando que o principiante divague, adiando discussões sobre a necessidade de ter um Grupo base ou de assisti uma reunião de consciência de Grupo. Irrito-me quando este mesmo principiante - sem consultar a consciência do Grupo, pinta a sala de reunião de roxo. A verdadeira bobagem é que se pintasse a sala de branco ou azul ou outra cor do meu agrado, e possível que eu não disse-se nada a respeito da consciência de Grupo. Assim, que o processo da consciência de Grupo esclarecida, comece com a intenção de cada pessoas estar o melhor informada possível; somente desta maneira, eu posso conceder este privilégio ao principiante. De acordo com a minha experiência, A.A. raramente tem problemas que não sejam procedentes de uma consciência de Grupo não esclarecida, por exemplo, não contribuir com os órgão de serviço; ou ter caciques ao invés de servidores de Grupo".*

Para que a consciência de Grupo se mantenha verdadeiramente esclarecida, David oferece as seguintes sugestões:

1. **Como indivíduos devemos nos assegurar de estar bem informados a respeito do modo de vida de A.A., ler sua literatura e nos dispor a compartilhar com os principiantes.** *"Temos que estar bem informados sobe as nossas Doze Tradições: o futuro da Irmandade depende da nossa compreensão das mesmas. Considere o que aconteceu cos os Washingtonianos* (um movimento de esforço pessoal muito promissor, que existiu entre os alcoólicos na década de **1840**). *Se houvessem tido nossas Tradições, esta sociedade ainda estaria viva e com boa saúde"*.
2. **Devemos conhecer e participar da nossa estrutura de serviço.** *"Em A.A. me ensinaram a acreditar que o serviço é* 'dar para ter', *aquele velho paradoxo de A.A. que se manifesta nas diversas atividades, desde arrumar a sala ou faze visitas de Décimo Segundo Passo, até se assegurar de que a mensagem seja levada aos presídios e hospitais. Não posso separar a recuperação do serviço"*.
3. **Compreender a necessidade de celebrar reuniões de consciência de Grupo.** *"Não estou dizendo reuniões às quais comparecem dois ou três veteranos membros do Comitê de Serviços, que tomam todas as decisões pelo Grupo. Quero dizer uma reunião separada, planejada para tomar a consciência de Grupo referente a assuntos que afetam o Grupo ou A.A. na sua totalidade. Se um par de veteranos faz tudo, como podemos dizer aos principiantes que não temos um sistema de hierarquia em A.A.?"*.
4. **Ter consciência de que realmente há líderes em A.**A. **– servidores fieis que não mandam, como se explica em nossas Tradições e com mais detalhe no "*Manual de Serviço de A.A.*".** *"Tomei conhecimento de que é possível que eu não seja bom para o meu Grupo; é possível que eu tente satisfazer minhas próprias necessidades egoístas. Ou posso me entregar ao Grupo com vontade de servir. Por outro lado, um Grupo também pode não ser bom para mim. Certa vez um padrinho me disse:* 'David, se o seu Grupo permite que você vire um *'peixe gordo'*, o Grupo não é apropriado para você'. *Ele tinha razão"*.

Concluindo, David L. falou de sua crença de que, *"defrontar-se com a consciência de Grupo se torna mais fácil se confiarmos na Oração da Serenidade. A serenidade a coragem e a sabedoria foram sempre essenciais. Conforta-me saber que nosso Poder Superior, ou Deus como eu quero chama-lo, na realidade se manifesta em nossa consciência de Grupo. Quero que A.A. sobreviva para mim, para meu filho e para os membros futuros que ainda não viram a luz; e isto exige que eu me torne responsável. Deus cuidará de nós"*.

3.5. Na "*anarquia benigna*" de A.A., a consciência de Grupo esclarecida é a última autoridade.

***Box 4-5-9*, Fev. Mar. 1989 (pág. 5) => http://www.aa.org/newsletters/es_ES/sp_box459_feb-mar89.pdf**
Título original: ***"En la* 'anarquía benigna' *de A.A. la conciencia de grupo informada es nuestra última autoridade"***

Ao cofundador Bill W., comparar A.A. com uma *"anarquia benigna"*, com razão, A.A. é um movimento espiritual e, como diz claramente a Segunda Tradição, nossa última autoridade *"é um Deus amantíssimo que se manifesta em nossa consciência coletiva"*.

Mas, o que é exatamente a consciência de Grupo? No que se diferencia de uma opinião de Grupo ou de uma votação majoritária? E, qual é a melhor maneira de alcançá-la?

De maneira geral tem-se entendido que a consciência de Grupo busca a unanimidade através do esclarecimento espiritual e o apego aos nossos Passos Tradições e conceitos. Ao tratar assuntos delicados, o Grupo trabalha lentamente – evitando apresentar moções **(*)** formais até que apareça uma definição clara do ponto de vista coletivo. Antepondo os princípios às personalidades, o Grupo se previne contra as opiniões dominantes. Ouve-se a sua voz quando o Grupo bem informado chega a uma decisão. O resultado dessa decisão está fundamentado em algo mais que uma simples contagem de votos *"sim"* ou *"não"* – precisamente porque é a manifestação espiritual da consciência do Grupo.

O falecido Dean K., que serviu um período como delegado do interior da Califórnia e depois como diretor do Escritório Central de Seattle, disse que há duas maneiras de chegar à consciência de Grupo. *"A maneira competitiva permite a quem tem a voz mais alta promover sua ideia, pedir votos e chegar a uma decisão* 'majoritária'. *Isto não é a consciência de Grupo esclarecida. A forma cooperativa permite ao Grupo reunir-se com confiança mútua para tomar uma decisão de Grupo que não é a vitória pessoal de um único indivíduo"*.

A fórmula de Dean para uma consciência de Grupo cooperativa e esclarecida requer que se apresentem os fatos desde todos os ângulos ao tratar de qualquer questão. Enfaticamente, Dean disse: *"Não se abre à discussão geral. Isso permitiria aos membros mais barulhentos dominar o debate. Sugere-se que o coordenador peça a cada membro dar sua opinião durante um tempo de dois minutos. Ninguém deveria ter uma segunda oportunidade de falar até que todos tenham falado; assim, inclusive o membro mais calado terá a mesma oportunidade de se manifestar. O coordenador não dá sua opinião até que todos demais tenham manifestado a sua.*

È importante ouvir sempre a voz da minoria; entretanto, é preciso ter em mente o fato de que a voz minoritária, embora às vezes tenha razão, pode frequentemente não tê-la. A não ser que seja muito convincente, deveria ser considerada como o que é – ou seja, uma voz minoritária. Permitir que a minoria sempre influenciasse a maioria é permitir que o rabo mova o cachorro".

Para além do nível de Grupo, A conferência de Serviços Gerais de A.A. tem a responsabilidade de atuar como a consciência de Grupo coletiva da Irmandade. A Conferência, a entidade de A.A. mais parecida com a voz coletiva, produz opiniões a respeito de assuntos importantes de política que podem afetar A.A. na sua totalidade; aprova a seleção de alguns dos candidatos à Junta de Serviços Gerais e elege outros. Entretanto, nem a Conferência nem a Junta podem dar ordens a nenhum Grupo ou membro de A.A.

Nem sempre bem compreendido como conceito, a consciência de Grupo esclarecida, tal como está expressada na Segunda Tradição, é uma poderosa ideia espiritual que torna possível a indivíduos dos mais diversos temperamentos e procedência, superar a ambição pessoal e unir-se para realizar nosso propósito comum: mantermo-nos sóbrios e estender a mão de A.A. ao alcoólico que ainda sofre.

(*) N.T.: ***Moção*** => Do inglês e do francês *motion*. Proposta. Proposta, em uma assembleia, acerca do estudo de uma questão, ou relativa a qualquer incidente que surja nesta assembleia.
Moção em A.A.: Ocorre nas assembleias e nas tomadas de consciência dos Grupos quando um membro apresenta uma proposta *(moção)*, normalmente divergente, como alternativa àquela que

está em pauta ou sendo votada. Também pode ser uma proposta complementar. A proposta é aprovada se conseguir a aprovação de dois terços dos presentes, seja através de votação secreta ou de mãos levantadas.

3.6. Reuniões de A.A. abertas e fechadas: há uma diferença

***Box 4-5-9,* Fev. Mar. / 1998 (pág. 3 a 5) => http://www.aa.org/newsletters/es_ES/sp_box459_feb-mar98.pdf**
Título original: "***Las reuniones abiertas y cerradas: Hay una diferencia"***

Qual a diferença entre reuniões abertas e fechadas? Do que se fala em cada uma delas? Há exceções que ampliam os limites? Um dependente de drogas pode assistir às reuniões fechadas de A.A.? Quem determina as regras? E mais: o recém chegado sabe a diferença que há entre uma e outra?

Como diz a Quarta Tradição, *"Cada Grupo de A.A. deve ser autônomo, salvo em assuntos que digam respeito a outros Grupos ou a A.A. em seu conjunto".* Dessa forma, como podemos supor, as reuniões que nossos milhares de Grupos realizam têm cada uma, seu caráter particular. No geral, porém, a maioria das reuniões - desde as reuniões de novos até as de Passos e Temáticas - classificam-se em duas categorias: abertas e fechadas, como define o folheto *"O Grupo de A.A."*

Qualquer pessoa interessada no programa de A.A. para a recuperação do alcoolismo pode assistir às reuniões abertas. As reuniões fechadas são unicamente para os membros de A.A., ou para aqueles que tenham um problema com a bebida e tenham "o desejo de parar de beber". Sejam abertas ou fechadas, as reuniões dos Grupos de A.A. são realizadas e coordenadas por membros de A.A. Nas reuniões abertas, pode-se convidar aos não AAs para falar, conforme determinar a consciência de Grupo.

Ao longo dos anos, têm surgido vários mal-entendidos sobre ser ou não apropriado falar de certos temas nas reuniões abertas. A importância dada a esse assunto era tamanha que os membros da Conferência de Serviços Gerais de **1987** continuaram discutindo sobre o tema até altas horas da noite e em seguida emitiram uma declaração disponível para os Grupos que se interessassem: *"Esta é uma reunião aberta de Alcoólicos Anônimos. Estamos encantados com a presença de vocês aqui, especialmente os principiantes. Em conformidade com nossa unicidade de propósitos e nossa Terceira Tradição, que diz que,* 'para ser membro de A.A., o único requisito é o desejo de parar de beber'*, pedimos a todos os participantes que* ***limitem*** *seus comentários a seus problemas com o* ***álcool".***

Tradicionalmente as reuniões abertas são para qualquer pessoa que deseje assisti-la. Não obstante, a experiência nos indica que não se deve deixar ao sabor do acaso a escolha dos temas de discussão; muito pelo contrário, a sugestão é de que as reuniões se realizem segundo um formato e procedimento cuidadosamente preparados com a finalidade de que a discussão fique centrada nos problemas relacionados com o álcool. Ironicamente, parece ser mais importante reafirmar o propósito primordial de A.A. nas reuniões abertas do que nas fechadas. **É preciso recordar a alguns participantes que estão em uma reunião aberta de Alcoólicos Anônimos**, **e não em uma reunião genérica de um "Grupo de Doze Passos".**

Membros de A.A. de todas as partes do mundo têm enviado cartas ao Escritório de Serviços Gerais – ESG, pedindo informações sobre diversos aspectos das reuniões abertas e fechadas e

compartilhando suas próprias experiências e opiniões. Apresentamos a seguir alguns exemplos em forma de perguntas e respostas:

O que acontece se um profissional ou outra pessoa que não seja membro de A.A. resolve identificar-se como tal a si mesmo numa reunião fechada de A.A.?

Existem duas soluções que têm dado resultado:

1) Alguns Grupos imediatamente consultam a consciência coletiva e declaram que a reunião é ***"aberta"*** para que o visitante possa ficar e observar como é uma reunião de A.A. (um membro comentou que é provável que o alcoólico de primeira vez não tenha a mínima ideia do que é uma reunião aberta ou fechada e, a menos que haja disputa, não se sentirá prejudicado com a troca de formato).
2) Outros Grupos, no intuito de proteger o anonimato dos AAs presentes, levam o visitante para um canto e recomendam outras reuniões abertas de A.A. nas vizinhanças, ou pedem a um voluntário que o leve para tomar um café a fim de explicar-lhe pessoalmente como funciona o programa.

Deve-se permitir que pessoas com outros problemas além do alcoolismo - em particular o abuso das drogas, assistam às reuniões fechadas de A.A.?

A Conferência de **1997** aprovou uma definição revisada da declaração da Unicidade de Propósito de A.A. que oferece uma possível solução: *"O alcoolismo e a drogadicção podem ser classificados como* 'abuso de substâncias químicas' *ou como* 'dependência de substâncias químicas'. *Por conseguinte, às vezes se permite, em A.A., tanto a introdução dos não alcoólicos como a dos alcoólicos e lhes é feita a recomendação de que assistam às reuniões. Qualquer pessoa pode assistir às reuniões abertas de A.A. Mas unicamente os que têm um problema com a bebida podem assistir às reuniões fechadas ou tornarem-se membros de A.A. As pessoas que têm outros problemas diferentes do alcoolismo podem se tornar membros de A.A. somente se tiverem um problema com a bebida".*

O que vocês acham dos AAs que falam nas reuniões sobre sua experiência com as drogas, assim como a relacionada com o álcool?

Cada vez mais gente que chega em A.A. hoje em dia é adicta ao álcool e outras drogas. Dessa forma, não é de se estranhar que falem nas reuniões sobre sua drogadicção. As pessoas podem falar com franqueza nas reuniões fechadas de A.A. e mencionar seu problema com drogas, mas o importante é não perder de vista o fato de que é uma reunião de A.A. Nas nossas reuniões, da mesma forma que em nossa literatura, colocamos como foco principal o vínculo que temos em comum - nosso alcoolismo - e não nossas diferenças.

É preciso identificar-se como alcoólico nas reuniões para poder participar?

Quando cheguei em A.A., há muitos anos, não existiam normas rígidas a respeito da forma como cada um de nós devia se apresentar. A mim me parece que hoje em dia, se você não diz quem você é, alguém logo pode perguntar, aos gritos: *"Quem é você?"* E, para dizer a verdade, acredito que o fato de que uma pessoa esteja ali, na reunião, indica claramente que tem o desejo de parar de beber. Por que não deixar que os principiantes sejam eles mesmos, por que temos que forçar as pessoas a

dizer a mesma coisa? Sempre tive a impressão de que simplesmente estar ali já era o suficiente. Nunca ouvi alguém falar sobre a existência de uma norma que diga que você tem que se identificar como alcoólico para poder participar. Não obstante, é à consciência coletiva do Grupo que corresponde uma tomada de posição.

Deve-se permitir que as crianças assistam as reuniões fechadas?

Muitas pessoas trazem criancinhas às reuniões porque, de outra forma, não poderiam assistir - ou porque não têm dinheiro para pagar uma pessoa que tome conta ou porque não encontram quem possa fazer isso. A decisão corresponde ao Grupo. Costuma-se decidir cada caso conforme se apresente; às vezes, no entanto, o Grupo cria certas diretrizes a serem seguidas.

Ensinaram-me em A.A. que todas as reuniões de Passos e Tradições devem ser fechadas. Isso está correto?

A experiência compartilhada de A.A. demonstra que a maioria dos Grupos decide ter suas reuniões de Passos e Tradições fechadas. No entanto, cada Grupo tem autonomia para decidir sobre o assunto.

É permitido o comparecimento às reuniões de pessoas que não sejam membros de A.A.?

Sim. Desde os primórdios de A.A., os Grupos têm contado com a presença de não AAs como participantes e oradores em suas reuniões abertas. De fato, Bill W. pedia constantemente a médicos, clérigos e outros não AAs para que comparecessem às reuniões. Naturalmente, a decisão de fazê-lo fica por conta da consciência do Grupo. O bonito da autonomia é que não há regras que possam limitar o Grupo em sua capacidade de levar a mensagem. Inclusive, se não estamos de acordo com o que fazem outros Grupos, estes têm o direito de guiar-se por sua consciência de Grupo. Ao ler a literatura de A.A. encontramos muitas coisas que parecem ser contraditórias e pouco consequentes; mas acredito que essa é a verdadeira natureza de A.A., uma vez que se trata de uma comunidade espiritual que não pode ser definida específica e rigidamente. A ideia de autonomia é também espiritual e deixa que as questões sejam resolvidas por um Poder Superior a nós mesmos.

Como começaram as reuniões fechadas?

As raízes de A.A. remontam ao Grupo Oxford, um movimento evangélico cristão que surgiu nos anos 20. Além das reuniões regulares, havia *"esquadrilhas de bêbados"* que se reuniam separadamente. Nos primeiros dias de A.A., quando todos os membros eram homens, suas esposas costumavam assistir às reuniões, segundo diz Lois W. (esposa de Bill W., o cofundador de A.A., e fundadora de Al-Anon). Conta ela que começaram a realizar-se reuniões fechadas porque os maridos se cansaram de suas esposas os acompanharem a todas as reuniões.

3.7. Reuniões de A.A. em instituições de tratamento

***Box 4-5-9*, Ago. Set. / 1987 (pág. 8) => http://www.aa.org/newsletters/es_ES/sp_box459_aug-sept87.pdf**
Título original: "*Los que Abusan de Sustancias Quimicas, y las Reuniones de A.A.*"

Um problema enfrentado pelos AAs que levam a mensagem às instituições de tratamento é a quantidade, cada vez maior, de adictos não alcoólicos que se tratam nesses centros. Com frequência, os procedimentos que tratam da assistência a estes pacientes nas reuniões de A.A. não estão suficientemente claros, e esta falta de precisão pode causar problemas a estes membros que levam a mensagem. A política de A.A. respeito aos adictos não alcoólicos, frequentemente não é conhecida pelos responsáveis pela instituição e os membros do Comitê de Instituições de Tratamento – CIT vem-se obrigados a lhes falar a esse respeito.

Algumas instituições de tratamento têm a tendência a reunir alcoólicos e os que abusam de outras substâncias químicas numa só categoria, supondo que sofram da mesma adição, e o tratamento reflete este enfoque. Certamente, as instituições têm suas razões e os motivos adequados para conduzir o tratamento dessa maneira. Entretanto, os AAs que levam a mensagem com frequência descobrem que os responsáveis por estas instituições incentivam os adictos não alcoólicos a assistir as reuniões de A.A. dentro de suas instalações. Ademais, devido à eficácia do programa de A.A. ao prestar ajuda e apoio aos alcoólicos no postratamento, com frequência aconselham também os adictos não alcoólicos a procurar A.A. após receberem alta da instituição. Neste caso, os métodos da instituição de tratamento se contrapõem às Tradições de A.A.

O Comitê de Instituições de Tratamento – CIT tem a responsabilidade de informar os administradores e o pessoal clínico das instituições sobre a unicidade de propósito de A.A. Compete também a estes Comitês instruir estes profissionais sobre a política e as Tradições de A.A. As reuniões de A.A. que se realizam dentro de uma instituição de tratamento não podem ser *"reuniões sobre o abuso de substâncias químicas"*, mas, apenas para alcoólicos – incluindo os alcoólicos com outras adições. Mesmo sendo difícil e levando muito tempo para explicar ao pessoal das instituições de tratamento a necessidade de se ater à política de A.A. referente a esta questão, a experiência nos demonstra que a comunicação é mais efetiva quando os AAs o fazem de maneira generosa e com espírito de cooperação.

Extraído do Livro de Trabalho com as Instituições de Tratamento

4. Grupos especializados / Minorias

4.1. A Conferência Internacional de Jovens em A.A. (ICYPAA)

***Box 4-5-9*, Abr. Mai. / 2005 (pág. 6-7) => http://www.aa.org/newsletters/es_ES/sp_box459_april_may05.pdf**
Título original: "***ICYPAA - casi cinco décadas de alcanzar a los jóvenes alcohólicos"***

ICYPAA – *The International Conference of Young People in A.A.,* ou, *A Conferência Internacional de Jovens em A.A.,* cujos membros são cada vez mais jovens – atualmente entre 14 e 35 anos de idade, continua dando provas de boa saúde: o fim de semana do Dia do Trabalho, de 01 a 04 de setembro de **2005** irá acontecer no Hotel Sheraton de Nova Orleans, Louisiana, sua 48ª Conferência, e está prevista a presença de membros dos EUA, Canadá e de outros países.

Conforme Keith H., Delegado de Oahu, Havaí, que foi coordenador do conselho assessor da ICYPAA desde **1995** até **2002**: *"Um ano assistiram 16 pessoas do Japão, foi muito emocionante vê-los identificados com outros jovens; parecia não haver barreiras linguísticas"*.

1ª Conferência Internacional de Jovens em A.A. realizada em Niágara Falls, em abril de 1958. Embora organizada por jovens, a participação sempre foi aberta a todos os membros da Irmandade e cidadãos da comunidade (observe as "cabeças-brancas").

Os Grupos de Jovens começaram a aparecer em **1945** em Los Angeles, Cleveland e Filadélfia, e agora estão presentes em todas as partes da América do Norte. Em **1957**, um Grupo de Jovens em A.A. dos EUA/Canadá fundou a ICYPAA com a ideia um ambiente onde os jovens poderiam celebrar a sua sobriedade anualmente. Dois anos depois, na Convenção do 25º aniversário da Irmandade, celebrada em Long Beach, Califórnia, Bill W. fez a observação de que os novos membros eram mais jovens do que quando ele e o Dr. Bob fundaram A.A. em **1935**. Em uma carta dirigida à ICYPAA, datada no dia 15 de junho de **1969**, Bill escreveu: *"... em anos recentes não houve nada que me tenha inspirado mais do que o saber que amanhã a Irmandade estará segura, nas mãos de vocês, a geração de jovens de A.A."*.

Desde o início da ICYPAA, cada vez mais pessoas que no começo não se consideravam *"jovens"* têm assistido regularmente à Conferência Internacional e aos Grupos de Jovens. Keith, que chegou em A.A. aos 16 anos, e depois teve recaídas constates até tampar a garrafa aos 19 anos, em 1990, lembra que, *"nos YPG* - Young People Group*, ou,* Grupos para Jovens*, como no meu Grupo Base* 'Bad Brains'*, havia pessoas com quem me podia identificar, e ninguém me dizia que era jovem demais para ser alcoólico. Não vou apenas aos Grupos de jovens. Vou a muitos Grupos diferente e isso contribui para o enriquecimento da minha sobriedade de muitas maneiras"*.

Os Grupos de Jovens tentam fazer com que o recém-chegado compreenda que não é preciso passar 20 anos ou mais bebendo e perder a família, os amigos e a estabilidade econômica para optar pela sobriedade. Os Grupos de Jovens integram o iniciante na corrente principal de recuperação, unidade e serviço de A.A. através dos Passos, Tradições e Conceitos para o serviço mundial. Membros de A.A. da mesma idade que os recém-chegados, lhes ensinam que usando os princípios de A.A. nas suas próprias vidas e participar do serviço poderá conduzi-los a uma sobriedade duradoura e cômoda. Keith diz: *"No meu Grupo base estamos sempre procurando mais e melhores maneiras de levar a mensagem. No inventário do Grupo, fazemos este tipo de perguntas: O Grupo atrai pessoas de diferentes classes e condições? Percebemos em nossas reuniões uma boa amostra representativa da nossa comunidade? Normalmente não é assim e então tratamos de fazer as mudanças necessárias"*.

De vez em quando é perguntado ao Escritório de Serviços Gerais se a ICYPAA e os Grupos de Jovens são *"parte de A.A."*. A resposta, obviamente, é sim. ICYPAA e seus membros estão comprometidos com alcançar os iniciantes – nunca se rejeita um alcoólico em razão da sua idade, e participar em todos os aspectos do serviço em A.A. Na maioria das Listas de Endereços as reuniões de jovens aparecem listadas junto com as demais, mesmo que em algumas Áreas possam aparecer destacadas com asterisco para identificá-las como YPG – *Grupos para Jovens*. Os membros destes

Grupos servem em nível de Grupo, Distrito, Área e nacional. As convenções e conferências da ICYPAA são atividades vitais de A.A. e aparecem no calendário de eventos do Box 4-5-9.

Na Grapevine do mês de outubro de 1989, Robin F., de Los Angeles, fazendo eco dos sentimentos da gente jovem de todos os cantos, escreveu se referindo à sua experiência de ser uma jovem de 18 anos em A.A.: *"Sei de uma coisa com segurança: nenhum jovem quer ouvir que alcançou a sobriedade antes de passar por muitos sofrimentos; já sofreu muito. Quer ouvir o que todos recém chegados ouvem ao chegar na Irmandade:* 'Bem vindo. Isto é A.A. e o único requisito para ser membro é querer parar de beber'".

(*) Para saber mais:

Leia o artigo "*Os jovens em A.A.*" nesta coletânea, ou, "*Llegar joven a A.A. y mantenerse sobrio*" no endereço => **http://www.aa.org/lang/sp/sp_pdfs/sp_box459_oct-nov07.pdf**

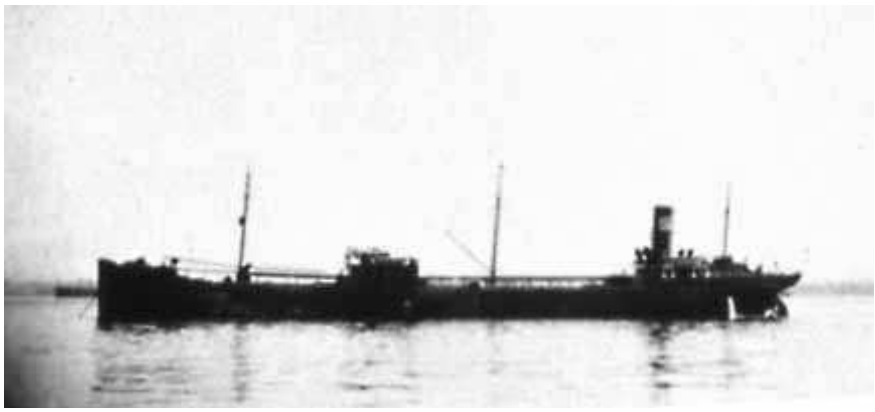
4.2. Reuniões de A.A. para Internacionalistas e Solitários

(Loners – Internationalist Meetings, LIM)

***Box 4-5-9*, de Ago. Set./ 2008 (pág. 3-4) => http://www.aa.org/newsletters/es_ES/sp_box459_aug-sept08.pdf**

Título original: "***El Capitán Jack: el marinero solitario que inició un movimiento"***

Em janeiro de **1946** apareceu na revista *The Reader's Digest* um artigo escrito na primeira pessoa com o título *"A minha volta do submundo do alcoolismo"*, um relato de recuperação condensado da *A.A. Grapevine.* Chegou no momento mais oportuno às mãos de Jack S., um homem de meia idade, oficial da marinha mercante, que, depois de anos de luta estava-se afundando num mar de álcool. Impressionado com o relato, escreveu uma carta ao Escritório de Serviços Gerais – ESG, em Nova York solicitando informação, assistiu reuniões em Boston e embarcou numa viagem pessoal que acabaria por beneficiar milhares de alcoólicos em todas as partes do mundo.



O **Capitão Jack** se manteve sóbrio durante 14 meses a bordo deste petroleiro trocando correspondência com o ESG e fazendo o trabalho de 12º Passo com outros marinheiros

O Capitão Jack, como é conhecido nos círculos de A.A., foi a figura chave para dar início às ***Reuniões de Solitários e Internacionalistas – RSI (*)*** (Loners – Internationalist Meetings, LIM), um serviço de correspondência confidencial que chega aos membros de A.A. do mundo inteiro que se encontram impossibilitados de participar das reuniões regulares. Um boletim bimensal é coordenado por um membro do ESG.

Os ***Solitários*** são membros de A.A. que residem ou trabalham em zonas isoladas onde, numa distância razoável, não há reuniões de A.A. Os marinheiros são conhecidos como ***Internacionalistas***, e podem organizar grupos a bordo de seus barcos. Os AAs que estão confinados em suas residências devido a enfermidade ou impedimento físico chamam-se ***Residentes.***

Os membros do RSI compartilham suas experiências, forças e esperanças uns com outros através de correio eletrônico ou correio postal e com frequência estabelecem amizades duradouras.

Ainda em seus primeiros anos, A.A. tentava ajudar pessoas em condições de isolamento que não contavam com o contato frequente de outros membros da Irmandade. Bill W. e os poucos membros do ESG de Nova York, tentavam solucionar este problema trocando cartas com os solitários da mesma maneira que o faziam com os membros que estavam iniciando grupos regulares em suas comunidades locais. A finalidade desta correspondência era a de que homens e mulheres pudessem manter sua sobriedade mesmo sem ter contato pessoal com outros AAs, e, não podendo se reunir pessoalmente podiam se corresponder entre eles e com o ESG. Isto funcionou e nos Arquivos Históricos de A.A. existem numerosas cartas de solitários que conseguiram se manter sóbrios nas mais difíceis situações.

O Capitão Jack residiu em Sharon, Massachusetts durante seus muitos anos de marinheiro. Escreveu sua primeira carta ao ESG (então conhecido como *Fundação do Alcoólico*), em 28 de março de **1946**, numa época em que a Irmandade, mesmo pequena, crescia muito rapidamente. Esse foi o começo de uma correspondência regular entre ele e seus novos amigos de ESG a quem logo iria conhecer pessoalmente. Bill W. parecia estar impressionado com a recuperação deste marinheiro que tinha exercido a carreira de bebedor pelos *"sete mares dos cinco continentes"*.

Jack foi oficial da Marinha de Guerra dos EUA durante a Primeira Guerra Mundial e depois começou a trabalhar como oficial na marinha mercante. A economia do país estava passando por uma fase ruim e Jack teve de começar como simples marinheiro embora tivesse licença de capitão. Quando os EUA entraram na Segunda Guerra Mundial, encontrava-se a bordo de um petroleiro no Atlântico Norte. Ao final da guerra estava a bordo de um navio no Pacífico Sul, quando leu o artigo que iria mudar sua vida.

Em outubro de **1947** visitou o ESG pela primeira vez e conheceu Bill W. *"Disseram-me que se tinha A.A., poderia ir a qualquer lugar do mundo e me manter sóbrio. Bill me ajudou a colocar alguns livros na minha sacola de marinheiro",* ele disse. Ele ganhou um prêmio numa loteria que consistia de três exemplares do Big Book; deixou um em Xangai, outro em Singapura com um, médico e o terceiro com um agente de Abadam, uma ilha no Irã.

Enquanto levava a mensagem de A.A. a portos distantes, Jack começou a adquirir certa reputação por seu trabalho pela Irmandade. O engenheiro de um dos portos visitados por Jack disse que o capitão se manteve sóbrio durante 14 meses a bordo de um petroleiro trocando correspondência com o ESG e fazendo o 12º Passo com outros marinheiros e estava-se convertendo *"num verdadeiro Internacionalista"*. Jack consultou o dicionário e ficou sabendo que internacionalista é uma pessoa que tem algo em comum com dois ou mais países do mundo. Escreveu ao ESG sugerindo que fosse dado o nome de ***Internacionalistas*** ao grupo mundial de Solitários. O ESG começou a lhe remeter cartas com essa denominação.

Jack costumava visitar o ESG quando passava por Nova York e os funcionários tinham por ele grande carinho e admiração. Charlotte L., uma secretária do ESG, foi quem respondeu sua primeira carta. Ela lhe enviou uma lista de membros e grupos nos possíveis portos que ele iria visitar, e, por ela mesma ser alcoólica, lhe assegurou que compreendia o que era ser solitária no programa. *"Quando comecei estava sozinha e as cartas tinham um valor incalculável"* disse, e acrescentou que tinha havido ocasiões em que se encontrando distante dos grupos, a correspondência com outro

membro foi muito importante para ela. *"Portanto, continue a nos escrever se isso lhe fizer bem. Inclusive, e mesmo sem os grupos, é possível que possa ajudar outra pessoa"*.

Também fez viagens a Palembang, na ilha de Sumatra, que agora faz parte da Indonésia, porém à época fazia parte das Índias Orientais Holandesas. Nessa cidade contatou um Solitário de A.A. chamado Frank F., cujos dados tinha recebido no ESG. *"Sempre me lembro de Frank porque ele era o que eu precisava e eu o que ele necessitava"*, disse Jack. *"Desde então fui distribuindo literatura por onde passava Xangai, Cidade do Cabo, Bornéu, Singapura, Madras"*.

Continuou a viajar entre Bombaim, na Índia e o Golfo Pérsico e outros portos petrolíferos da Austrália, África do Sul e Ásia, Porém, o tempo que passava nesses portos costumava ser entre oito e dezoito horas e sendo assim, grande parte de seus contatos com AAs era através do correio. Na maioria de suas cartas falava de como A.A. funcionava para ele e inclusive lhe ajudava na sua função de Capitão de navio. A visitar vários portos se lembrava das experiências infelizes de visitas anteriores quando ainda bebia.

Desde **1946** até **1948** escreveu muitas cartas enquanto sulcava os mares ou desde portos longínquos. Numa delas, escrita numa viagem de Calcutá a Palembang no dia 15 de julho de **1948** dizia *"Pela Graça de Deus, ontem completei dois anos de sobriedade"*. Durante esse tempo todo manteve em seu camarote uma garrafa de uísque sem abrir, e assim continuou fechada a pesar das tormentas e outras dificuldades. Na etiqueta dessa garrafa tinha escrito, *"É meu desejo que esta garrafa somente seja aberta para ajudar a tirar a embriaguez de bêbados que queiram que essa bebedeira seja a última. Se os funcionários da alfândega a querem, pode ficar com eles. Eu não a quero"*.

A partir do número de setembro de **1948**, a Grapevine começou a publicação, em três edições subsequentes, da história de recuperação do Capitão Jack com o título de *"Um solitário em alto mar"*.

A cada visita aos portos ele ia acrescentando nomes na sua lista de contatos de Solitários/ Internacionalistas e compartilhando-as com o ESG. Cooperou com o escritório na preparação do "*The Internacinalist Round Robin"*, publicado em **1949** e enviado a todos que constavam na lista de Internacionalistas. Isto se converteu no "*LIM Bulletin"*, um boletim de seis páginas de cor amarela, onde apareciam cartas de Jack e outros Internacionalistas notificando onde se encontravam e como funcionava o programa para eles. Embora originalmente fosse destinado aos Internacionalistas – principalmente aos marinheiros, membros de A.A., este serviço foi ampliado em **1976** para incluir outros solitários. O serviço chegou a ser de tanta importância para os solitários, internacionalistas e residentes que atualmente o ESG produz um diretório confidencial especial apenas para os membros do RSI.

Jack continuou trabalhando a bordo de navios petroleiros até a idade estabelecida pela companhia para sua aposentadoria, em **1961**. Então, o Capitão Jack Já não era mais um solitário; mudou-se com sua mulher para ***Cabo Elizabeth,*** Portland, Maine onde fixou residência.

Não é de surpreender que o Capitão Jack tenha-se transformado no patriarca dos grupos de Portland, onde fez uma multidão de novas amizades. Jack viajou à Convenção Internacional de Montreal e também assistiu a uma "Reunião de Veteranos" organizada por Lois em Stepping Stones

O Capitão Jack morreu em 28 de dezembro de **1988** aos 91 anos, poucos meses depois de comemorar seu 42º aniversário de sobriedade em AA. Era capitão de navios petroleiros de uma das

grandes companhias petrolíferas. Viajou a muitos portos do mundo e levou a mensagem de A.A. a lugares remotos raramente visitados por poucas pessoas. Hoje em dia é lembrado com carinho por seu papel na criação deste serviço de A.A. que é RSI. Até os últimos dias de sua vida nunca deixou de se corresponder com seus amigos de A.A.

(*) A sigla RSI é uma liberalidade do transcritor para indicar LIM.

Para saber mais:

Material de Serviço do Escritório de Serviços Gerais.
Solitários Internacionalistas – Serviço de Correspondência

(Transcrito com permisão do artigo recolhido em* www.aa.org/en_pdfs/smf-123_en.pdf *e datado em 28/05/2002)

A ***Reunião Solitários-Internacionalistas (LIM) é*** um boletim bimestral *confidencial*, enviado para Solitários, Residentes, Internacionalistas, Padrinhos de solitários e Contatos de Porto. O boletim contém trechos de cartas de membros LIM e inclui nomes completos e endereços. LIM é distribuído unicamente para os membros acima mencionados que precisam de confidencialidade da partilha pessoal por meio de correspondência.

Um membro da equipe do ESG coordena o serviço de correspondência dos Solitários, Residentes e Internacionalistas que é aberto aos membros de A.A. listados numa das categorias abaixo.

Categorias:

1) ***Solitários:*** são membros de A.A. que residem ou trabalham em zonas isoladas onde, numa distância razoável, não há reuniões de A.A.
2) ***Residentes:*** são membros de A.A. que estão confinados em suas residências devido a enfermidade ou impedimento físico
3) ***Internacionalistas:*** são membros de A.A. trabalhando em navios de mar por longos períodos.
4) ***Contato de Porto:*** é um membro de A.A. disposto a servir de contato para Internacionalistas quando da sua chegada aos portos.
5) ***Padrinho de Solitários:*** é um membro de A.A. com presença ativa nas reuniões de A.A. locais e compartilha as experiências e atividades desses grupos com Solitários, Residentes e Internacionalistas por meio de correspondência.
   Obs.: *um padrinho de solitários não é um Solitário ou um "padrinho" no sentido tradicional de A.A.*

Para participar, um membro de A.A. precisa:

1) Ler e escrever em inglês.
2) Fornecer um endereço permanente para correspondência.
3) Estar disposto a compartilhar suas experiências, forças e esperanças através de correspondência. A maioria dos membros ***LIM*** se corresponde via correio postal, mas também podem fazê-lo via correio eletrônico.

Para receber o Boletim confidencial bimestral ***Reunião Solitários-Internacionalistas (LIM),*** o ***Box 4-5-9*** além do ***Diretório anual de Solitários, Residentes, Internacionalistas***, e listas de membros ***LIM,*** publicados pelo GSO, os membros de A.A. interessados que se enquadram nas

categorias ***LIM,*** deverão entrar em contato com o ***Escritório de Serviços Gerais, PO Box 459, Grand Central Station, New York, NY 10163,*** ou correio eletrônico: ***lim@aa.org***

Uma visão geral da historia *LIM*

O primeiro boletim *LIM* foi impresso em **1949** com o título de *"Os internacionalistas Round Robin"* e continha umas poucas páginas e continha alguns excertos de cartas recebidas no ESG e enviado a um pequeno grupo de Internacionalistas decididos a ficarem sóbrios, não importando o quanto estivessem isolados.

Em **1963**, o boletim consistia de cinco ou seis páginas mimeografadas em azul. Em **1976** os Solitários e os Internacionalistas fundiram-se numa única *Reunião.* Desde março-abril de **1980** o boletim passou a ser impresso nas hoje familiares páginas amarelas.

LIM começou através dos esforços do Capitão Jack S., um marinheiro que encontrou a sobriedade em A.A. e para mantê-la compreendeu que precisava se corresponder com outros membros da Irmandade.

Inicialmente, o Capitão Jack procurava contatos nas cidades portuárias. Numa carta datada em 28 de março de **1946**, o Capitão Jack solicitou ao ESG informações a respeito de contatos porque ele estava *"anda no mar, em um navio petroleiro onde tenho servido por dez anos. Tenho alguns contatos em terra com membros de A,A, e somente posso cofiar no livro e no andar de cima"*. Então, um membro do pessoal do ESG enviou uma lista de contatos nos portos e cidades nas quais poderia chegar e o encorajou a escrever para outros membros trabalhadores no mar, e foi o que ele fez.

Após a publicação pela Grapevine de um artigo de três partes, a partir do número de setembro de **1948**, contando a história de recuperação do Capitão Jack com o título de *"Um solitário em alto mar"*, começou a tomar forma a ideia de começar uma reunião de Internacionalistas através por correspondência e foi solicitado ao ESG que indicasse um coordenador com essa finalidade. Foi sugerido o nome do Capitão Jack para iniciar um grupo a quem ele deu o nome de ***"Grupo Internacionalista do Extremo Oriente",*** alegando que esse nome *"...iria deixar a Irmandade aberta aos membros solitários estacionados em terra no Extremo Oriente e também aos navegadores dessas águas sob bandeiras de diferentes nações"*.

Alguns AAs atribuem parte do crescimento fenomenal de A.A. no mundo todo durante esses anos, ao Capitão Jack e a centenas de Internacionalistas como ele, que, navegando pelos sete mares, levou a mensagem de A.A. onde quer que ancorasse.

4.3. Círculos de sobriedade na Convenção dos Nativos Americanos

***Box 4-5-9*, Ago. Set. / 1998 (pág. 1-2) => http://www.aa.org/newsletters/es_ES/sp_box459_aug-sept98.pdf**
Título original: ***"Círculos de sobbriedad cada vez más amplios caracterizan la Convención Nativoamericana"***

"Comecei bebendo com os índios, ri muito com os índios, desesperei-me com os índios. Agora é apropriado me recuperar com os índios – o círculo está completo".

Estas palavras se destacavam na nota que um membro pôs na mão de um orador na cerimónia de abertura da Sétima Convenção Internacional dos Nativos Americanos em A.A. (NAI-AA). O

evento, celebrado em Reno, Nevada entre os dias 9 e 12 do passado mês de outubro (**1997**) atraiu mais de 300 membros de A.A. e Al-Anon dos EUA e Canadá e foi organizado por membros das tribos Paiute, Washoe y Shoshone. O objetivo, segundo expressado pelo Comitê da Convenção, era oferecer aos Nativos Americanos a oportunidade de participar da sua própria sobriedade, praticando os Doze Passos de A.A. para que *"todos possamos levar a mensagem aos nossos povos e aos que ainda sofrem da doença do alcoolismo"*.

Kenneth **"Ken"** S., um Lakota de South Dakota, coordenador do Comitê de Oradores, disse: *"Ouvi muita gente dizer que tinha encontrado na Convenção algo que haviam buscado durante toda sua vida. Foi muito impressionante ver neste lugar tantos índios sóbrios em A.A. Acredito que desde o ponto de vista espiritual, um dos aspectos mais importantes da Convenção foi que facilitou a identificação dos índios de todas as tribos"*. Juan V., da Califórnia, antigo coordenador da Convenção, comentou: *"Neste círculo da vida todas as criaturas aportam alguma coisa. Tenho muito respeito e gratidão por Bill W. e pelo Dr. Bob por fundar A.A. que salvou minha vida. E tenho os mesmos sentimentos para com a minha cultura e a minha herança"*.

Um dos oradores, Jack B., de Erhart, Minnesota, mencionou que nas reuniões ou Convenções de A.A que tinha assistido ao longo dos anos, de vez em quando alguém comentava: *"vejo que no auditório se encontram alguns nativos que alcançaram a sobriedade. È muito bom vê-los aqui"*. Daí seu comentário, *"Vejo que no auditório se encontram alguns amigos não nativos. É muito bom ver que alcançaram a sobriedade"*, que provocou risadas.

Ken diz: *"por ter-me criado em uma cultura que era hostil aos índios e vivido tantos anos ocultando minha identidade por medo à rejeição e à violência e de repente entrar em uma Convenção NAI-AA e experimentar a tremenda sensação de celebração por reclamar essa parte de nós que tivemos reprimida por tanto tempo... foi uma experiência muito emocionante. Muitos voltaram às suas raízes e dedicaram-se a reaprender os costumes e idiomas de suas tribos que tinham-se perdido durante gerações de alcoolismo. Para muitos esta foi a peça que faltava no quebra-cabeças da sua sobriedade"*.

Acrescenta que *"a pergunta mais ouvida na Convenção era* 'são bem-vindos os que não são índios?' *Quero reforçar que a Convenção NAI-AA está aberta a toda família mundial de A.A. Todos são bem-vindos"*.

Entre as diversas atividades foram incluídas reuniões tipo maratona, danças, *"powwows"* sociais, *(N.T.: um **pow-wow** [também **powwow** ou **Pow Wow**] é uma reunião dos povos nativos da América do Norte. A palavra* powwow *deriva do* Narragansett, *e significa* "líder espiritual". *Um moderno pow-wow é um tipo específico de evento em que os americanos nativos e não-nativos se reúnem para dançar, cantar, socializar e homenagear a cultura indígena americana)* e mesas redondas de discussão para homens e mulheres que ofereciam a oportunidade de falar sobre o que o Programa da Convenção descrevia como *"inquietações sociais e assuntos de intimidade"*. No sábado à noite foi celebrado um banquete onde foram servidas especialidades do Sudoeste e comidas típicas das tribos. A oradora, Rosa Y., de Alberta, Canadá, falou de sua longa experiência de levar A.A. às Instituições Correcionais. Insistiu na *"responsabilidade que temos de cuidar dos nossos jovens:* 'Quero que a mão de A.A. sempre esteja ali, e por isto, sou responsável'".

O domingo, último dia da Convenção, as atividades começaram com uma reunião espiritual de oradores e terminaram com a Cerimónia de Clausura a qual culminou com uma contagem regressiva do tempo de sobriedade dos presentes, desde alguns meses ate 45 anos de recuperação.

Caracterizada e a unidade, a Convenção foi uma evidência tangível dos esforços que A.A. tem feito durante mais de uma década para alcançar os Nativos Americanos. Com essa finalidade, a Conferência de Serviços Gerais de **1985** recomendou que fosse recolhida informação a respeito deste setor da população. Para isso, o ESG realizou duas pesquisas, uma dirigida aos Delegados de Área e outra a 600 profissionais do campo do alcoolismo. Responderam 55% das 91 Áreas; delas, 45% informou que tinham pouco ou nenhum contato com os Nativos. Os resultados indicaram também que há em uso centenas de idiomas e dialetos usados por essa população. Nos anos de **1990** cada vez mais americanos nativos dos EUA e Canadá chegaram em A.A. e ficaram. Entretanto, diz Ken, *"não havia onde se reunir para contar a historia da viagem que estavam fazendo"*. Então, faz quase oito anos, um jovem índio da tribo Paiute, Earl L., de Bishop, Califórnia, sonhou com uma grande assembleia dos povos nativos, com o tema central da sobriedade. Sentindo-se muito emocionado e também inquieto, recorreu ao pajé que lhe disse que o sonho tinha sido uma visão do que o futuro poderia estar reservando. Earl sentiu-se animado e, na próxima assembleia de Área anunciou que no outono de **1991** iria acontecer uma reunião nacional/internacional de nativos americanos sem ter a menor ideia do que supunha organizar um evento.

Armado de inspiração e determinação e com a ajuda de amigos entusiastas de A.A. de outros lugares, Earl conseguiu converter seu sonho em realidade: a primeira Convenção NAI-AA em Las Vegas, Nevada, atraiu centenas de participantes, e na medida em que as vozes foram correndo, as Convenções seguintes foram cada vez maiores. Depois das três primeiras Convenções em Las Vegas, decidiram mudar de lugares e no futuro poderiam ser celebradas nas diversas comunidades indígenas mais densamente povoadas de outras partes do país com a finalidade de atrair aqueles que não pudessem custear a viagem ate Las Vegas todos os anos. A quarta e a quinta convenções ocorreram em Rapid City, South Dakota, pra onde se pode viajar facilmente de carro desde as reservas indígenas de Montana, Minnesota, Nebraska, Iowa, Wyoming e os Dakotas; a sexta Convenção foi realizada em Seattle, Washington pela sua proximidade com mais de cem tribos indígenas do Noroeste. Somente no Estado de Washington há 21 tribos que vivem em 22 reservas.

Nessas primeiras Convenções NAI-AA, diz Ken, que ingressou em A.A. em **1986**, *"por fim me sentia como se estivesse no coração de Alcoólicos Anônimos: um lugar onde os índios tinham a oportunidade de falar sobre suas vidas a pessoas que os ouviam com respeito e que podiam relacionar as histórias com a sua própria experiência. A.A. tem uma solução universal para um problema muito antigo. Não foi fácil para os nativos americanos confiar no programa e aceita-lo. Costumava-se acreditar que para ter sucesso em A.A. era preciso trair a própria cultura. Agora, os índios percebemos que em A.A. há lugar para todos os povos"*.

A Oitava Convenção NAI-AA acontecerá no Hotel e Casino Flamingo Hilton de Reno, Nevada, do dia 29 de outubro até o 1º de novembro de **1998**. Para mais informações ou inscrições ver homepage da NAI-AA (http:/www.nai.aaconvention.org).

Atualizando:

22ª Convenção Internacional dos Nativos Americanos em A.A.

Nos dias 13-14-15 -16 de setembro de **2012**

Radisson Fort McDowell Casino and Resort - Scottsdale, Arizona

Este é um evento de A.A. Todos os membros são bem-vindos

Mais informações: *www.nai-aa.com/*

4.4. Como A.A. pode servir melhor às minorias

***Box 4-5-9*, Ago. Set. 1986 (pág. 8)=> http://www.aa.org/newsletters/es_ES/sp_box459_aug-sept86.pdf**
Título original: ***"Cómo Puede A.A. Servir Mejor a las Minorias".***

Um dos focos principais de discussão da sessão de compartilhamento da Junta de Serviços Gerais de A.A. na sua reunião de fevereiro foi: Como alcançar com maior eficiência mais pessoas que pertençam às minorias?

A discussão foi impulsionada por um relatório apresentado pelo Comitê de Informação Pública – IP, e publicado no número de outono do velho *P.I.-C.P.C. Bulletin.* Foi baseado nas respostas a uma carta que tinha sido enviada a todos os Comitês de IP com o pedido de que compartilhassem sua experiência e dessem sugestões sobre como poderia ser melhorada a comunicação com as minorias.

Aos que responderam, não lhes faltaram ideias. Elas incluíam a de formar Grupos nos bairros; realizar reuniões de Informação Pública nas comunidades onde exista uma alta concentração de pessoas pertencentes às minorias, e destacar na lista de Grupos os *"especiais"*, de uma maneira mais fácil de identificar, para, assim, atrair as pessoas. Embora nem todos que responderam estavam a favor da *"especialização"*, a maioria considerou os Grupos especiais como um instrumento realístico. Muitos acreditam que estes Grupos não serão apenas essenciais para os principiantes, mas quer irão servir como tributários da corrente normal de A.A.

De acordo com o relatório, embora muitos membros manifestem grande interesse em levar a mensagem às minorias, também manifestam frustração e perplexidade. *"As sugestões para levar a termo este trabalho foram menos do que as perguntas sobre como fazê-lo"*. Ademais, *"as respostas indicaram que, embora os membros individuais faziam esforços para levar a mensagem às minorias, quase não existiam atividades organizadas pelos Comitês de IP relacionadas com esse assunto"*.

Repetidas vezes, diz o relatório, a pessoa que respondeu realçou a necessidade de basear-se nos princípios de A.A. de amor, tolerância, partilha e cuidado, sendo estes a única maneira de superar os problemas e frustrações com os que se defrontam as pessoas em quase todos os trabalhos do Décimo Segundo Passo – e mais ainda, no caso de trabalhar com minorias. Uma pessoa negra captou isto de forma sucinta dizendo: *"Não deixe que o enganem com o pretexto de que* 'eu sou diferente'. *Todos nós somos diferentes. A nossa doença nos assemelha – torna-nos singulares"*.

Embora o relatório tenha sido redigido há cinco anos, ainda tem aplicação na atualidade e apresenta ideias que talvez o ajudem a alcançar as minorias da sua área. Podem pedir cópias (em inglês) no Escritório de Serviços Gerais – ESG.

4.5. O que são os Grupos *"Especiais"* de A.A. Porque são necessários

***Box 4-5-9*, Ago. Set. 1981 (pág. 1 e 6) => http://www.aa.org/newsletters/es_ES/sp_box459_aug-sept81.pdf**
Título original: ***"¿Que son grupos* 'especiales' *de A.A.? ¿Por que se necesitan?".***

Todos conhecemos pessoas pertencentes a uma variada gama de profissões, com variadas preferências, que estão sóbrios porque têm *"o único requisito para ser Membro de Alcoólicos Anônimos é o desejo de parar de beber"*.

Alguns AAs, entretanto, parecem ficar alarmados com a onda de Grupos *"especiais"* para médicos, mulheres, homens, jovens, homossexuais, advogados, membros do clero – que parece indicar uma tendência à exclusividade.

Esta carta, enviada pelo secretário de um Grupo, é típica das muitas que chegam ao Escritório de Serviços Gerais – ESG: *"Numa reunião recente, anunciei o aniversário de um Grupo de A.A.* 'somente para mulheres'. *Na Reunião de Serviço seguinte alguém perguntou a respeito das condições de um Grupo que restringe seus membros. Continuou citando a Terceira Tradição. Houve uma discussão pró e contra, mas não se conseguiu chegar a nenhuma resolução. Poderiam nos ajudar-nos nesta questão?"*.

Esta simples pergunta traz à tona uma variedade de temas de discussão. Pode-se registrar como um Grupo de A.A. um grupo que exclui *qualquer* alcoólico? A Conferência de Serviços Gerais responde *não* a este assunto, e assim, o ESG faz a distinção entre um Grupo (inscrito nos diretórios – ou listas, de A.A.) e uma reunião (não inscrita)

O Dr. John L. Norris, coordenador da Conferência naquele então, fez essa distinção durante uma apresentação em **1977**:

"Em geral, nos inclinamos para este raciocínio: Quando são acrescentados outros requisitos que poderiam excluir outros alcoólicos, estas deveriam ser consideradas reuniões de A.A. e não Grupos de A.A. Nunca desanimamos os AAs que criem reuniões com um propósito especial de qualquer índole que possam preencher as necessidades dos indivíduos interessados, mas, vacilamos em considerar como grupos aqueles que poderiam excluir algum alcoólico, por qualquer razão.
Muitos membros sentem que nenhum grupo deve ser qualificado como tal, ou ainda dar a impressão de que é especial. Entretanto, o fato é que estes Grupos existem, e sentem que os 'rótulos' (dupla identificação) *servem de atração e não querem dizer que implicam exclusão de outros alcoólicos"*.

Realmente, entanto que Grupos especiais são formados para satisfazer as necessidades de certo grupo dentro de A.A., geralmente não são exclusivos, mas abertos a qualquer membro de A.A. (um homem que encontrou a sobriedade aos 70 anos de idade assistiu sua primeira reunião em um Grupo de jovens – e pode se identificar!).

Existe verdadeira necessidade de que existam Grupos especiais? Em um artigo na *Grapevine* de outubro de **1977**, K. S. disse:

"Quando falei a respeito do propósito de tais Grupos com as pessoas que participam deles, demostraram que definitivamente acreditavam que não podiam se abrir totalmente ao falar de si próprios na maioria dos Grupos de A.A. Os homossexuais acreditam que sua orientação sexual e as características de suas relações afetivas não seriam compreendidas ou aceitas nas reuniões de A.A. regulares. Os jovens estão convencidos de que os membros de mais idade não compreende sua maneira de viver. E os profissionais notam que encontram melhor compreensão entre seus colegas, particularmente em assuntos relacionados com sua conduta profissional quando eram alcoólicos na ativa.

Os membros desses grupos especiais estão convencidos que muitos deles não teriam ficado em A.A. se tivessem que ingressar através de um Grupo regular.

Concordemos ou não com esta maneira de pensar, a realidade é que muitos alcoólicos acreditam nisto. E acreditam com tanta firmeza que formam estes Grupos e fazem-nos funcionar".

Para mais informação a respeito de como se constitui um Grupo de A.A., favor observar a seguinte declaração nos diretórios:

Muitos Grupos especializados encontraram benefícios ao se organizar a nível internacional, com um comitê executivo centralizado e um endereço postal onde os AAs interessados podem escrever solicitando informações. Os Escritórios de A.A. têm uma lista dos Grupos especiais internacionais com informação atualizada para quem queira contatá-los.

Alguns deles: *Birds of a Feather* – BOAF (para pilotos e profissionais da aviação); Conselho Internacional de Jovens; Conselho Internacional de homens Homossexuais e Mulheres Lésbicas; Grupos Internacionais de Médicos, de Advogados, Etc.

Alguns deste Grupos não só compartilham informação e experiência, mas também realizam Conferencias ou Encontros anuais **(*)**. Outros Grupos funcionam apenas através de correspondência, como os Grupos por Correspondência para Surdos, World Hello – um serviço aos membros que têm problemas auditivos ou não pode participar das reuniões regulares. *(Outro tipo de Reuniões por correspondência criado em **1946** para trabalhadores no mar é* Internacionalistas e Solitários*).*

Entretanto, seja qual for a finalidade secundária, qualquer Grupo de A.A. – organizado ou não, tem um único propósito primordial: a recuperação do alcoolismo. **<= *Fim da transcrição.***

(*) N.T.: Em **2012** celebraram-se entre outros eventos: a ***54ª** Conferência Interacional de Jovens em A.A.;* a ***48ª** Conferência Internacional de Mulheres em A.A.;* a ***7ª** Conferência Internacional de Idosos Sóbrios em A.A.; a **62ª** Reunião Internacional Anual de Médicos em A.A.;* a ***37ª** Conferência Internacional de Advogados em A.A.;* a ***22ª** Conferência Anual Intencional de Nativos Americanos em A.A.* etc.

PARA SABER MAIS:

N.T.: O livreto *The A.A. Group... Were it begins* ***(O Grupo de A.A. ...Onde Tudo Começa)*** – na sua última edição revisada, **2006,** e distribuído aos Grupos dos EUA/Canadá - em inglês, francês e español, no terceiro parágrafo da página 12 diz:

"Alguns AAs se reúnem em Grupos especializados **(*)** *– para homens, mulheres, jovens, médicos, homossexuais e outros. Se todos os membros são alcoólicos, e se mantém a porta aberta a todo alcoólico que procure ajuda, seja qual for sua profissão, sexo, idade, etc., e se cumprem com os demais requisitos que definem um Grupo de A.A., podem se chamar um Grupo de A.A."* **http://www.aa.org/pdf/products/sp-16_theaagroup.pdf**

(*) Originalmente estes Grupos eram nomeados de *"propósitos especiais"*. Por recomendação da Conferência de Serviços Gerais de **1977** – EUA/ Canadá, passaram a se nomear Grupos de *"composição especial", "especiais"* ou *"especializados"*, para que sua denominação não fosse confundida com o *"propósito único"* de todos os Grupos de A.A.

O GSO (Escritório de Serviços Gerais) através do seu boletim oficial ***Box 4-5-9*** de Fev./ Mar. **2008 - http://www.aa.org/newsletters/es_ES/sp_box459_febmar08.pdf,** na página 9 respondeu a seguinte pergunta:

Pergunta: *Fazem parte de A.A. os Grupos especiais para mulheres, negros, jovens, homossexuais, médicos, advogados, nativos, etc.?*

Resposta: *Os Grupos de composição especial, com tanto que não tenham outra afiliação ou propósito, fazem parte de A.A. e têm uma longa história na Irmandade. Existem reuniões especiais para membros com determinadas profissões, tais como médicos, advogados, agentes da ordem pública ou profissionais da indústria aeronáutica que não aparecem nas listas publicadas pelos órgãos de serviço, uma vez que não se destinam aos membros de forma geral nem para o público. Com tanto que não tenham outra afiliação ou propósito, são consideradas reuniões de A.A. De acordo com nossa experiência, estas reuniões especiais podem ser úteis aos iniciantes que no começo podem sentir-se incomodados nas reuniões normais de A.A. O GSO (Escritório de Serviços Gerais, em Nova York), inclui estes Grupos especiais nas suas listas deixando claro que não será negada a entrada a qualquer alcoólico que chegue a um Grupo desse tipo por não ter o recurso imediato de participar de uma reunião normal de A.A. Por exemplo, um Grupo de mulheres pode abrir sua reunião para acolher um homem numa reunião se não há disponível outra reunião de A.A. num lugar próximo.*

Conheça alguns Grupos especializados:

http://www.barefootsworld.net/aaspecialgroups.html *e outros*

Em junho de **1941** foi fundado em Cleveland, Ohio, por ***Vi S.***, e outras companheiras, o primeiro Grupo de A.A. exclusivamente para mulheres. Imediatamente, o exemplo foi seguido por outras mulheres em San Diego, Kansas, Nova York, etc. Em 14 de fevereiro de **1964**, Bernadette O'K., e mais outras mulheres em A.A., organizaram em Kansas City a ***Primeira Conferência Nacional de Mulheres em A.A.*** Desde então e nessa sequência ininterrupta, nos dias 16, 17 e 18 de fevereiro de **2012** foi celebrada em Washington DC, a ***48ª Conferência Internacional de Mulheres em A.A.***

Seguiu-se o primeiro Grupo para negros, na Carolina do Norte, fundado em **1945** por Jim Scott. Logo após, em janeiro de **1946**, começou outro Grupo em Los Angeles, que no prazo de um ano já contava com vinte membros. A formação do primeiro Grupo de negros em Cleveland girou ao redor de uma mulher; assim duas minorias estavam envolvidas. Tratava-se de uma mulher negra que trabalhava em uma boate e chamou Oscar W., às três horas da madrugada dizendo-se revoltada com a vida. No dia seguinte chamou de novo dizendo que estava sóbria e querendo saber o que fazer. Oscar W. Levou-a ao Grupo Lake Shore. Disseram que ela poderia frequentar A.A., mas teria que participar de um grupo diferente. *"Apesar de todas as atitudes liberais, ainda não se podia aceitar uma mulher negra"*, admitiu Oscar. O administrador do prédio disse que se ela ficasse todos deveriam sair. Assim, foi formado um Grupo próximo à casa dela em um bairro negro, na Cedar Avenue. Em junho de **1946**, o ESG registrou o Grupo *Outhwaite,* em Cleveland, Ohio; tinha oito membros. Um mês depois, havia notícias de Grupos para negros em Charleston, Carolina do Sul. No mesmo período, também começaram em Kansas City, Missouri e Toledo, Ohio. Como nenhum esforço foi feito pelo ESG para fazer alguma distinção entre os Grupos para

negros e os Grupos regulares, é praticamente impossível rastrear seu crescimento durante as décadas intermediárias, ou estimar seu número atual. Sabe-se que, obviamente, sua presença é muito relevante no norte de Ohio, Washington, DC, Atlanta, Geórgia e em muitas outras cidades com importante concentração de população negra.

Obs.: o logotipo capitular acima não pertence a A.A. nem representa os Grupos de Negros em A.A. Foi subtraído, para ilustração, da logomarca do ***Ano Internacional dos Afrodescendentes,*** promovido pela ONU e celebrado ao longo do ano de **2011**.

O primeiro Grupo para jovens conhecido *"para homens e mulheres abaixo dos 35",* foi formado em janeiro de **1946** na Filadélfia. Grupos de Jovens, juntamente com os jovens dos Grupos regulares, uniram-se em **1958** para formar a *International Conference of Young People in A.A.,* ou, ICYPAA (pronuncia-se "icky-pa"), nos dias 26 e 27 de abril daquele ano em Niágara Falls, Nova York. A 54ª *Conferência Internacional de Jovens em A.A.* foi realizada entre os dias 13 e 16 de setembro de **2012** em St. Louis, Missouri.

Um dos primeiro médicos a ultrapassar a barreira do ceticismo em relação a A.A., foi o já falecido, ***Dr. Clarence Pearson,*** que ingressou em Alcoólicos Anônimos em Cabo de São Vicente, Nova York, em **1946** e logo percebeu que havia mais médicos com problemas com a bebida e que aceitariam ajuda desde que não fosse em um Grupo de A.A. convencional. Assim uma primeira reunião foi celebrada na garagem da casa do Dr. Pearson em Clayton, Nova York, em **1947**, com a presença de dez médicos. Estes médicos começaram, também a frequentar reuniões nos Grupos regulares de A.A. Devido ao fato de que três desses médicos eram canadenses, essas reuniões já passaram a ser consideradas *"Internacionais"* desde o início. Em seguida, o Dr. Pearson fez um convite através da *Grapevine,* que resultou em uma reunião de 25 médicos na primeira semana de agosto de **1949**. Nessa reunião, concordaram em realizar um encontro anual realizado em diferentes lugares dos EUA/Canadá, que serviria como um aditivo desejável à sua assiduidade as reuniões em seus Grupos base regulares para o restante do ano, e se definiram como *Médicos Internacionais em A.A.- IDAA*

A ***Loners/Internationalist Meeting*** - LIM, ou ***Reunião para Solitários-Internacionalistas (RSI),*** é um boletim bimestral *confidencial*, enviado para Solitários, Residentes, Internacionalistas, Padrinhos de solitários e Contatos de Porto. O boletim contém trechos de cartas de membros LIM e inclui nomes completos e endereços. LIM é distribuído unicamente para os membros acima mencionados que precisam de confidencialidade da partilha pessoal por meio de correspondência.

Um membro da equipe do ESG coordena o serviço de correspondência dos Solitários, Residentes e Internacionalistas que é aberto aos membros de A.A. listados numa das categorias abaixo.

Categorias:

6) ***Solitários:*** são membros de A.A. que residem ou trabalham em zonas isoladas onde, numa distância razoável, não há reuniões de A.A.
7) ***Residentes:*** são membros de A.A. que estão confinados em suas residências devido a enfermidade ou impedimento físico
8) ***Internacionalistas:*** são membros de A.A. trabalhando em navios de mar por longos períodos.
9) ***Contato de Porto:*** é um membro de A.A. disposto a servir de contato para Internacionalistas quando da sua chegada aos portos.
10) ***Padrinho de Solitários:*** é um membro de A.A. com presença ativa nas reuniões de A.A. locais e compartilha as experiências e atividades desses grupos com Solitários, Residentes e Internacionalistas por meio de correspondência.

Obs.: *um padrinho de solitários não é um Solitário ou um "padrinho" no sentido tradicional de A.A.*

Para participar, um membro de A.A. precisa:

4) Ler e escrever em inglês.
5) Fornecer um endereço permanente para correspondência.
6) Estar disposto a compartilhar suas experiências, forças e esperanças através de correspondência. A maioria dos membros ***LIM*** se corresponde via correio postal, mas também podem fazê-lo via correio eletrônico.

Para receber o Boletim confidencial bimestral ***Reunião Solitários-Internacionalistas (LIM),*** o ***Box 4-5-9*** além do ***Diretório anual de Solitários, Residentes, Internacionalistas***, e listas de membros ***LIM,*** publicados pelo GSO, os membros de A.A. interessados que se enquadram nas categorias ***LIM,*** deverão entrar em contato com o ***Escritório de Serviços Gerais, PO Box 459, Grand Central Station, New York, NY 10163,*** ou correio eletrônico: ***lim@aa.org***

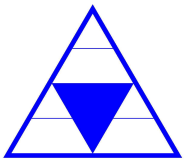
LIM começou através dos esforços do Capitão Jack S., um marinheiro que encontrou a sobriedade em A.A. e para mantê-la compreendeu que precisava se corresponder com outros membros da Irmandade.

Inicialmente, o Capitão Jack procurava contatos nas cidades portuárias. Numa carta datada em 28 de março de **1946**, o Capitão Jack solicitou ao ESG informações a respeito de contatos porque ele estava *"anda no mar, em um navio petroleiro onde tenho servido por dez anos. Tenho alguns contatos em terra com membros de A,A, e somente posso cofiar no livro e no andar de cima"*. Então, um membro do pessoal do ESG enviou uma lista de contatos nos portos e cidades nas quais poderia chegar e o encorajou a escrever para outros membros trabalhadores no mar, e foi o que ele fez.

GAL-AA
Gays and Lesbians in Alcoholics Anonymous

Em **1947**, três homens de Boston pediram a opinião de Bill W., a respeito de iniciarem reuniões exclusivas para homossexuais naquela cidade. Bill perguntou-lhes se, nessas reuniões, estariam também dispostos a receber qualquer alcoólico que os procura-se em busca de sobriedade. Diante da resposta afirmativa, Bill W., disse-lhes, *"então vão em frente"*. E assim, em San Francisco, em **1967**, alguns setores manifestaram sua vontade de criar um Grupo para homossexuais. Formou-se, então o primeiro Grupo para gays numa sala de uma Igreja Episcopal, no centro de San Francisco.

O primeiro Grupo indígena nos EUA foi iniciado em Oneida, Wisconsin, em **1953**; atualmente é conhecido como Grupo de Hobart. Em uma carta recebida por Hazel R., em **1966**, o GSO comunicava a existência de 26 Grupos indígenas nos EUA e 11 no Canadá. Em **1985**, este número já se aproximava de 100.



O primeiro Grupo especificamente para agnósticos aconteceu, oh, ironia, numa igreja. Na Igreja Unitária Universalista, em Chicago. Isso foi no dia 7 de janeiro de **1975**. Seu fundador, ***Don W.,*** agnóstico, era membro de A.A. desde **1970** e foi convidado a proferir uma palestra no outono de **1974** à qual deu o título *"Um agnóstico em A.A. Como funciona para mim"*. Ele definiu seu agnosticismo muito simplesmente: *"Eu nunca poderia acreditar em um Deus suficientemente pequeno para caber dentro da minha cabeça"*. A palestra fez tanto sucesso que lhe foi pedido para repeti-la em outras filiais daquela Igreja. Um dos ministros o encorajou a iniciar reuniões de A.A. especialmente para agnósticos e ateus e para isso estava cedendo um espaço naquele local.

O primeiro Grupo credenciado para idosos parece ter começado em **1978**, em North Hollywood, Califórnia. Nas últimas décadas surgiram em todo o país muitos outros Grupos, *"mais de 60"*, *"anos dourados"*, *"idosos sóbrios"*, *"melhor idade"* etc. Atualmente esses Grupos e reuniões atendem pela sigla ***SIS*** – ***Seniors In Sobriety,*** ou algo como ***Idosos Em Sobriedade,*** ou ainda, ***Idosos Sóbrios.*** A ***Primeira Conferência Anual de Idosos Sóbrios*** foi realizada em Kona, Havaí, em maio de **2005**.

NO BRASIL

N.T.: A edição do livreto ***"O Grupo de A.A. ...Onde Tudo Começa"*** publicada pelo CLAAB - Revisão Fev. **1980** – reimpressão 08/**92** autorizada pelo A.A.W.S (Serviços Mundiais de A.A.), na sua página 40/4/1 dizia: *"Por outro lado, existem Grupos de propósitos especiais – para homens, mulheres, homossexuais, jovens, médicos, padres, surdos etc., que realizam reuniões dedicadas exclusivamente à recuperação do alcoolismo, conforme o programa de A.A. propõe"*.

A Conferência de Serviços Gerais de **1995**, realizada em Santos, SP, a Comissão de Normas e Procedimentos emitiu a Recomendação N° 12 nos seguintes termos:

"Que as Reuniões de Propósitos Especiais continuem como tal, isto é, não podendo transformar-se em 'grupos' *e sejam incentivadas e apoiadas pelos grupos e órgãos de serviço estaduais e locais, a fim de garantir o pleno acesso ao nosso Programa da Recuperação às mulheres, jovens, homossexuais e outros segmentos vítimas de discriminação pela sociedade"*.

As edições do livreto ***"O Grupo de A.A. ...Onde Tudo Começa",*** publicadas no Brasil posteriores a **1995 –** incluindo a edição revisada em **2012**, (Junaab, código 205, R$ 10,00) excluíram o parágrafo referente aos Grupos *"especiais"*.

4.6. Como fazer para que os idosos em A.A. continuem voltando

***Box 4-5-9,* Abr. Mai. / 1986 (pág. 4 a 6) => http://www.aa.org/newsletters/es_ES/sp_box459_april-may86.pdf**
Título original: "***¿Cómo Podemos Hacer que los A.A. Mayores de Edad Sigan Viniendo?".***

Como os jovens em A.A. já observaram, o alcoolismo não é uma idade; é uma enfermidade. E assim como os jovens em A.A. se deparam com problemas característicos da sua idade, também os idosos encontram os seus.

A maioria dos AAs idosos quer participar ativamente nas reuniões, mas, com frequência o processo natural do envelhecimento – as doenças, a crescente debilitação, os escassos recursos econômicos, a menor mobilidade e independência, constituem obstáculos intransponíveis, e aos poucos deixam de participar.

"O alcoolismo é bastante abrangente entre os idosos" diz Rick D., coordenador de C.C.C.P. da assembleia da Área do sul da Califórnia. *"Não se trata apenas dos alcoólicos muito* 'veteranos'*; num extremo da escala se encontram os alcoólicos que se mantiveram sóbrios já faz muito tempo, e no outro as pessoas que abusaram do álcool durante muito pouco tempo. A raiz é a depressão. Talvez tenham perdido um ser querido – uma perda maior do que se possa suportar; sentem-se sozinhos e vulneráveis. Perdem-se na depressão, no álcool e nas drogas. É a síndrome de 'esperar a morte', que infelizmente impera nos nossos dias".*

Na sua Área, como diz Rick *"o Comitê de C.C.P. está ampliando seu programa de Contato de A.A., já estabelecido, que facilita o apadrinhamento temporário a pessoas que receberam alta em hospitais e instituições de tratamento, para incluir também as pessoas enviadas tanto pelos programas de assistência aos empregados como pelas instituições para idosos e por profissionais que prestam serviços a essas pessoas – geriatras, assistentes sociais e conselheiros".*

Com o objetivo de entrar em contato com esses profissionais, o Comitê de C.C.P. formou *"grupos de apresentação". "Nossos trabalhadores vão diretamente às clínicas, às instalações de lazer pessoas de idade avançada, e às casas de repouso para aposentados, e ali distribuímos o Cartão de Contato com A.A. àqueles que manifestem o desejo de chegar à Irmandade, mas que não tenham uma ideia clara de como fazê-lo. O pequeno cartão, dobrado, cabe no bolso do peito. Explica o que A.A. pode fazer e o que não pode, e contem um número de telefone para contato. Com isso, os alcoólicos têm um ponto de partida. O telefone está conectado a um equipamento de atendimento automático, o qual conferimos com assiduidade. Embora o programa seja novo, já começamos a receber chamadas por parte dos idosos".*

O Programa de Contato de A. é facilitado pelo apoio que começa nos Grupos. Nas reuniões os RSG´s pedem aos membros que se ofereçam para servir como padrinhos – principalmente aquele que tem bom conhecimento das Doze Tradições. Os membros dos comitês de hospitais e instituições, trabalhando em equipes de quatro ou cinco AAs fornecem informação sobre o programa a todas as instituições do sul da Califórnia. Os servidores destes comitês coordenam estas ações tanto com o Escritório de Serviços Gerais – ESG, como com os Escritórios Centrais de Serviço em Los Angeles.

"Nem sempre foi assim", acrescenta Rick *"Por muito tempo, os esforços para coordenar o trabalho de contato feito com essas entidades eram, como muito, esporádicos. Agora, em grande*

parte devido ao trabalho de Ann G., temos feito grandes progressos para encontrar formas de cooperação mais eficiente e coloca-las em prática. E continuamos progredindo".

A C.C.C.P. do sul da Califórnia não é a única entidade de A.A. que se esforça para alcançar os alcoólicos de idade avançada. Em Nova York, o Comitê de Instituições do Intergrupo realizam uma reunião semanal na clínica local do Bronx – depois de superar algum ceticismo por parte do pessoal, e estão tratando de iniciar outra. A experiência do comitê faz destacar a importância de estabelecer uma comunicação contínua com as instituições para pessoas da terceira idade – a fim de ajuda-las a compreender como A.A. pode servir de salva-vidas para o alcoólico de idade avançada.

Gerry G., coordenador da C.C.C.P. da Área de Washington, DC, informa que um questionário cujo objetivo principal era determinar as necessidades de um grupo especial para surdos, converteu-se num instrumento para reunir informações sobre as instalações e o aparato de auxilio disponíveis para os que sofrem de qualquer outro impedimento físico, inclusive as pessoas com idade avançada. O questionário, que foi enviado a 330 Grupos da Área pelo Comitê de Serviços Especiais, faz perguntas como: Quantos degraus precisa subir para chegar à sala de reunião?... Há banheiro no mesmo andar onde se celebram as reuniões? Há estacionamento? Há reuniões separadas para fumantes e não fumantes?

Até a data, diz Gerry, aproximadamente sessenta Grupos responderam o questionário e, *"continuamos pedindo a participação e compilando os resultados. Anotamos os dados recebidos em cartões de 3,5x1,3cm e os arquivamos conforme o código postal deixando-os à disposição dos Escritórios de Serviços Locais – ESL´s."*. Munidos destas informações, podem conduzir com mais facilidade aos idosos e aos que têm impedimentos físicos, a reuniões onde estas limitações são reconhecidas.

Em San José, Califórnia, Dave C. encontrou uma maneira de ajudar os idosos. *"Iniciei um Grupo de veteranos que se reúne semanalmente na casa de uma senhora que, devido à sua doença, não pode sair. A mais recente reunião assistiram nove AAs (com tempo de sobriedade entre 26 e 37 anos), e três veteranos de Al-Anon. De todos eles apenas quatro podem conduzir veículos, inclusive um membro de Al-Anon cujo marido é cego, e por isso adotamos algumas disposições a respeito do transporte"*. Os membros diferem tanto em idade como em condições físicas. Todos já fizeram muito trabalho de Décimo Segundo Passo. Um fator que também contribui para a evidente popularidade destas reuniões é que nelas encontram *"uma oportunidade de socialização. A solidão é um problema com o que se defrontam muitos AAs de idade avançada"*.

Faz algum tempo, no boletim *Golden News*, da Área de San José, um membro de A.A. com 82 anos de idade e 29 de sobriedade, compartilhou suas ideias a respeito dos problemas enfrentados pelos AAs da terceira idade:

- *"Embora um idoso disponha de recursos econômicos que lhe permitam ter um carro, pode encontrar dificuldades em dirigir à noite, por exemplo. Seria muito bom se alguém me chamasse e me levasse a uma reunião"*.
- *"Às vezes os jovens estão tão ocupados com seus próprios assuntos que, involuntariamente, excluem os idosos do seu compartilhamento, antes e depois dar reuniões. Algumas vezes considerei não assistir às reuniões porque me sentia excluída"*.
- *"Aos membros idosos de A.A. parece-nos que os temas das reuniões estão-se distanciando cada vez mais dos princípios de A.A. Nós também temos problemas emocionais, embora sejam ligeiramente diferentes dos das pessoas mais jovens. A necessidade que temos de*

compartilhar e participar nunca desaparece; talvez a solução se encontre nos Grupos 'Anos Dourados' *ou naqueles apenas para maiores de 62 anos".*

Muitos membros de A.A. idosos se ajustam de uma maneira criativa às mudanças e às perdas que fazem parte da experiência do envelhecimento. Marion B., de Manson, Iowa, escreve: *"Sofro de enfisema pulmonar e, durante mais de um ano não pude assistir às minhas reuniões devido ao fato de que as salas estão cheias de fumaça e também porque tenho que subir uma escada para chegar a elas. Estive a ponto de abandonar tudo. Mas, pela graça de Deus e através do LIM (Reuniões de Solitários e Internacionalistas), tenho mais reuniões do que nunca, no boletim do LIM e nas cartas que me chegam de todos os lugares do mundo. Como costuma se dizer: se tem uma dificuldade, procure ajuda".*

De outro membro do LIM, Lily P., de Albuquerque, Novo México, uma mulher de 80 anos, conhecida por alguns de seus amigos como *"Caracas Lil",* nos chega uma manifestação de gratidão: *"Embora tenha passado muito tempo, não esqueci meus amigos do LIM. Estive gravemente doente sofrendo de uma complicação cardíaca e de outros problemas físicos; mas agora estou de novo em casa, tratando diligentemente de recuperar-me. Agradeçamos a Deus as pequenas graças que nos concede. Estou viva, posso pensar e posso manipular uma caneta – embora me leve muito tempo para escrever uma carta breve".*

Milhares de AAs idosos têm uma rica experiência de vida em sobriedade que podem compartilhar. Em troca, é possível que eles precisem da mão de A.A. para emprestar-lhes um pouco dessa força que os membros mais jovens dão por suposta.

Quando falemos da velhice, devemos ter presente que falamos do nosso próprio futuro. Estamos dispostos a nos contentar com a simples sobrevivência quando podemos alcançar muito mais?

Como milhares de membros de A.A., Betsy M., de Chicago, faz tudo o possível para ajudar, pessoal e individualmente, aos membros idosos de A.A. *"Tenho 43 anos agora. Se chegar à terceira idade e fico doente ou debilitada pelo passo dos anos, vou precisar da mão de A.A. O trabalho do Décimo Segundo Passo que faço agora é na verdade um depósito, um investimento para o meu próprio futuro".*

4.7. Os Jovens definem seu papel como o futuro de A.A.

***Box 4-5-9*, Fev. Mar./1986 (pag. 3-4) http://www.aa.org/newsletters/es_ES/sp_box459_feb-mar86.pdf**

Título original: ***"Los Jóvenes Definen Su Papel Como el Futuro de A.A."***

"Como membros dos Grupos de Jovens em A.A. somos diferentes de outros Grupos de interesse especial", disse Larry Y., em uma sessão de compartilhamento da Junta de Serviços Gerais.

"As mulheres continuarão a serem mulheres, os médicos, médicos, etc.; mas os jovens têm um costume muito particular: tendem a ficar maduros e a tornar-se membros normais de A.A., inclusive veteranos".

Um dos três membros dos Grupos de Jovens em A.A. convidados pra se dirigir à Junta na sua sessão de compartilhamento em novembro no Hotel Roosevelt na Cidade de Nova York, Larry alcançou a sobriedade em **1972** com a idade de 27 anos, e desde então tem estado no serviço ativo. Atualmente é coordenador do Conselho de Assessoria da Conferência Internacional de Jovens em A.A.

Observando que se espera que mais de 2.000 membros acudam à Conferência de **1986**, em Miami, no próximo mês de maio, Larry disse que, *"A Conferencia somente é realizada em cidades que tenham muitos RSG´s. Incentivamos os jovens a fazer parte da estrutura de serviço de A.A."*.

Jim M., fazendo eco destas palavras disse: *"Era muito jovem para ser um bêbado quando cheguei em A.A. com a idade de 24 anos"*. Jim tornou-se membro em **1979** ao completar 31 anos. Ele ressaltou o fato de que os GJ (Grupos de Jovens) trabalham totalmente dentro do marco de A.A., se atendo estritamente a seu único propósito primordial.

Os recém-chegados com idade abaixo dos 31 anos, já não são um fenômeno entranho, dizem Larry e Jim. De acordo com os resultados do estudo sobre os membros de A.A. nos EUA e Canadá, feito em **1983**, a percentagem elevou-se de novo para 20%, um aumento notável sobre os 15% de **1980**, e quase três vezes o 7% obtidos dos anos **1968** a **1977**. O estudo mostrou também que entre os membros com menos de 31 anos o índice de incidência de adição a outras drogas além do álcool foi de 58% para os homens e 64% para as mulheres em **1983**, (comparado com 31% do índice geral para todos os membros). As pesquisas sobre os que têm menos de 21 anos, analisadas pela primeira vez, mostraram que 74% dos homens e 68% das mulheres tinha dupla dependência.

Na sessão de compartilhamento Jim comentou: *"No que se refere à atitude de A.A. em relação aos jovens, e em particular à literatura, temos que esclarecer a situação dos alcoólicos que usam outras drogas"*. Respondendo à pergunta de como A.A. pode alcançar com maior eficácia os jovens com sua literatura, Jim sugere que essa pergunta deve ser feita diretamente aos jovens: *"Reúnam os jovens em grupos com um objetivo bem definido e perguntem-lhes o que os atrai e o que não lhes atrai no programa"*.

Recentemente, Jim, Larry e outros membros dos GJ, foram convidados a compartilhar suas ideias a esse respeito numa reunião do Comitê de Informação Pública. *"Dissemos-lhes que convidassem os jovens para participar e que utilizassem sua ajuda e seus consideráveis recursos"*.

Dara, uma jovem esbelta e loira de 22 anos, poderia ser considerada um exemplo do que muitos jovens sentem na atualidade. Na sessão de compartilhamento da Junta de Serviços Gerais, Dara disse: *"Comecei a beber e a tomar drogas na minha pequena cidade natal no Meio Oeste aos 12 anos. Fiz uma cura geográfica em Nevada aos 13 anos. Alcancei a sobriedade em Madison, Wisconsin, aos 15 anos, a pesar de que os veteranos continuavam me dizendo que era muito jovem e que deveria ir para Alateen. Entretanto, permaneci lá"*.

Dara disse que no seu GJ lhe ofereceram a primeira oportunidade, na sua vida de sobriedade, de ser parte de um Grupo deste tipo. *"Continuo ouvindo minha própria história e isto me ajuda a manter a sobriedade e lembrar que o alcoolismo não é uma idade – é uma enfermidade"*.

Larry disse que as conferencias de fim de semana de Jovens em A.A., nas que participam uns vinte membros, são realizadas com regularidade nos EUA e Canadá. *"Nelas, celebramos reuniões,*

bailes nos sábados à noite, assembleias espirituais no domingo, tudo como em qualquer outra conferencia de A.A. num fim de semana". Estas conferências começaram a ser realizadas porque, de acordo com Larry, *"queríamos manter-nos sóbrios e, além do mais, como jovens, precisávamos uma forma de diversão dentro de A.A."*.

Jim disse isso mesmo com outras palavras, qualificando, com certa ironia, a exuberância de alguns GJ de *"espiritualidade incontrolada"*.

Essencialmente, entretanto, os GJ se interessam no trabalho do Décimo Segundo Passo, nos hospitais e instituições, na informação pública, no Serviço Geral e nos demais aspectos do serviço em A.A. Aos recém-chegados, pessoas da mesma idade lhes ensinam que usar os princípios de A.A. no se cotidiano e se comprometer com o serviço de A.A., podem leva-los a uma sobriedade cômoda e duradoura.

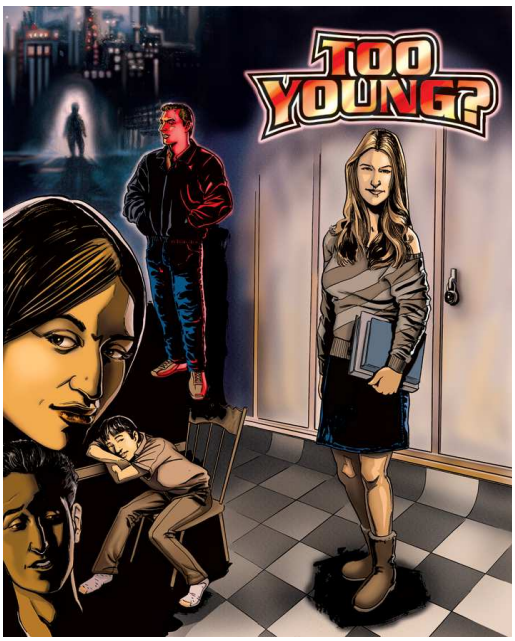
Para mais informação a respeito dos Grupos de Jovens e da Conferência Internacional, escreva a: *ICYPAA Advisory Council, Box 19312, Eastgate Station, Indianapolis, IN 46219.*

4.8. Os Jovens em Alcoólicos Anônimos, ou, Como chegar jovem e manter-se sóbrio

***Box 4-5-9*, Out. Nov. /2007 (pág. 1-2) => http://www.aa.org/newsletters/es_ES/sp_box459_oct-nov07.pdf**
Título original: *"**Llegar joven a A.A. y mantenerse sobrio".***

Desde já faz várias décadas, um número cada vez maior de adolescentes bebedores problema está-se recuperando em Alcoólicos Anônimos.

Numa carta a um companheiro, escrita em **1960**, Bill W. diz: *"Para nós, os pioneiros, a chegada de tantos membros jovens em A.A. é uma das mais profundas satisfações que possamos experimentar. Pensar que muitos deles vão se livrar desses dez anos extras de sofrimentos infernais pelos que tantos de nós passamos..."*



Devido a que o programa depende da capacidade de identificação com os demais membros, uma diferença grande de idade pode ser um obstáculo. Entretanto, há membros em A.A. que alcançaram a sobriedade quando jovens e tem-se mantido assim.

Bob S., chegou em A.A. faz 34 anos, com a idade de 19, tinha sido um bebedor que experimentara apagamentos desde os doze anos. *"Passei por uma desintoxicação num pavilhão psiquiátrico quando estava com 16 anos e, dois anos mais tarde disseram-me que quase estava com cirrose"*.

Não lembra da primeira vez que ouviu falar de A.A. *"ninguém me disse nada a respeito de A.A. e não posso lembrar de onde partiu a ideia. Porém, quando chamei A.A. a primeira vez, estava sentado no meu sofá com um rifle, e tinha a ideia de me dar um tiro"*.

Naquele tempo Bob morava em Akron, Ohio, e diz que uma das pessoas que salvou sua vida foi um membro de A.A. de 73 anos.

"Não ouvi nada a respeito de que alguém bebia mais do que você bebia. Dois homens de A.A. vieram me recolher e levaram-me à minha primeira reunião. Tinha sangue seco no cabelo e um olho roxo e fechado, e ninguém me disse que tinha errado o lugar".

Bob diz que, quando ele chegou, A.A. era muito mais *"direcionado";* hoje, os adolescentes têm maiores possibilidades de alcançar a sobriedade porque há mais gente jovem com quem possam se identificar.

"Fui a uma reunião de jovens quando iniciante, e a pessoa mais jovem tinha dez anos mais que eu. Lá todos tinham quase ou mais de 40 anos", diz Bob. Nos dias de hoje é muito mais fácil para os jovens encontrar gente da sua idade".

Becky P., que alcançou a sobriedade 17 anos atrás, em Billings, Montana, quando tinha 14 anos, acredita que segue sendo difícil para um jovem alcançar a sobriedade. *"Não vi nada para poder dizer que é mais fácil chegar em A.A. aos 14 anos. A pressão dos companheiros segue sendo a mesma". Adverte-se ao recém chegado para evitar "pessoas, lugares, coisas"*. No entender de Becky isso pode resultar impossível para o adolescente cujo mundo social está centrado na escola local. *"Os companheiros e colegas sempre cruzam seu caminho nos corredores, salas, quadras, e não há forma de serem evitados. Eles não entenderão que você está tratando de alcançar a sobriedade"*.

Ela também percebe que a Irmandade que a impulsionou para o caminho da sobriedade, e possível que não exista em todos os lugares. Ao falar dos membros de seu primeiro grupo base, diz: *"Quando não saiamos a tomar um café, íamos ao boliche ou ao cinema. Eram pessoas de trinta ou quarenta anos e a mim parecia-me velhos demais. Sentia-me envergonhada se meus companheiros me vissem com eles; porém, a minha sobriedade tinha que ser mais importante que a minha vida social"*.

Hoje em dia acredita que é preciso que os recém-chegados também se disponham a estender a mão para que outros mais antigos possam conduzi-los. Quando ela alcançou a sobriedade, seu pai era membro de A.A. e sua mãe frequentava Al-Anon. Constatou que outros jovens de sua mesma idade que estão em busca de sobriedade têm com frequência o pai ou a mãe em recuperação.

Embora tivesse apenas 14 anos ao chegar em A.A., disse ter longa experiência em bebedeiras. Inevitavelmente percebe que há muitos aspectos nas historias dos membros de maior idade que são muito diferentes dos seus. Ela nunca perdeu um lar ou destruiu um casamento. Os membros de seu Grupo base lhe sugeriram que se identificasse com os sentimentos, o qual, ela disse, não supôs nenhum problema. *"Pude me identificar completamente, totalmente"*.

Sal B., que alcançou a sobriedade faz 11 anos, quando tinha 19 anos de idade, lembra-se de ir às reuniões com sua avó desde a idade de sete anos. *"Estava encantada. Íamos aos jogos, às corridas de cavalos, a restaurantes com membros de A.A.. Eram como uma grande família"*. Porém, não recebia informação principalmente quanto a recuperação. *"Ouvia todas aquelas histórias e pensava no quanto queria ser maior para fazer todas aquelas coisas"*. Não teve que esperar muito. Sal começou a beber aos 14 anos, e na sua curta carreira de bebedor teve vários episódios de intoxicação alcoólica, foi internado em um centro de reabilitação e foi preso por porte de drogas. *"Aos 16 anos acreditava que poderia ter um problema e tentei várias maneiras de parar de beber,*

porém, não sei o porquê, não procurei A.A. Finalmente, depois de vários meses numa comunidade terapêutica, fui ao lugar que conheci de criança, A.A., e me conectei"

Sal era o mais jovem de seu Grupo base, em Nova York, conseguiu um padrinho, começou a participar e a praticar os Doze Passos.

Na sua visão, *"agora A.A. está muito diferente, com mais gente jovem chegando, e cada vez mais jovens. A Irmandade é mais conhecida, aparece na televisão, faz parte das novelas da tevê. É mais aceitável e mais popular, e oferece melhor acolhida aos jovens".*

Quando **Nate T.** alcançou a sobriedade, faz seis anos, com a idade de 16, inicialmente *"me sentia mais incômodo que antes porque eu no me encaixava em lugar nenhum"*. Chegou em A.A. pela primeira vez aos 14 anos, porém, "todo mundo tinha pelo menos dez anos a mais do que eu", e não ficou. *"Continuei a me meter em problemas incluindo o ser preso por porte de drogas"*.

Aos 16 já estava farto. *"Não acreditava que fosse alcoólico, Porém sabia que tinha que estar com pessoas que estavam sóbrias. Não podia ficar com meus velhos amigos, os que bebiam e se drogavam, inclusive aqueles que não bebiam mas que não estavam em recuperação; sabia que mais cedo ou mais tarde acabaria em uma reunião, uma festa onde houvesse bebidas e, seguramente, acabaria bebendo"*.

Procurou uma reunião de jovens em Bethseda, Maryland, onde morava, *"e na medida em que assistia regularmente, ia-me encontrando cada vez mais cômodo. Chegar jovem em A.A. não é um obstáculo porque a doença espiritual é tão real aos 16 anos quanto numa idade mais avançada"*.

Sheila S. tinha 16 anos quando alcançou a sobriedade em **1981**, e na sua primeira reunião *"tinha pessoas que me conheciam de toda a vida, vizinhos que me conheciam desde que eu era bebê. Senti-me bem-vinda. Foi um alívio saber que havia uma razão para sentir-me como me sentia e fazer o que fazia"*. Passaram-se dois anos antes de encontrar alguém de sua idade. "*o que mais me incomodava era ouvir alguém dizer* 'eu jogava fora *(dar para o santo),* mais do que você bebi'. *Meu fundo de poço sofria de falta de credibilidade apenas pelo fato de ser mais jovem"*.

Porém, foi bem aceita pelas mulheres do seu Grupo base e isso foi crucial porque, *"não podia estar com as pessoas da minha idade com que tinha bebido*". Ela mora numa cidade universitária da Flórida e diz que, *"hoje em dia A.A. está mais acessível e mais aceitável pelos jovens. Eles podem chegar e conseguir a ajuda que precisam e por ser mais numerosos sentem-se mais cômodos. Os problemas quando se tem 16 anos são muito diferentes daqueles que já têm 30 anos"*.

Lizz H. começou a beber com a idade de nove anos e alcançou a sobriedade cinco anos mais tarde, ou seja, aos 14 anos. Agora sóbria há 12 anos, diz que em seus anos de bebedora, sentia-se com frequência terrivelmente sozinha. *"Não há muitas crianças no quinto ano do ensino fundamental que colocam vodca na garrafinha de suco que levam para a escola"* disse Lizz, que passou os dois primeiros anos de sobriedade numa instituição de tratamento para meninas. Seu maior problema quando assistia às reuniões de A.A. na Califórnia, seu Estado de origem, era que não a levavam muito a sério como alcoólica. Embora sua história inclui-se ter bebido muito, internação por alcoolismo e quatro prisões – incluindo duas por porte de drogas, *"passou muito tempo antes que as pessoas me aceitassem realmente como membro do Grupo. Mantive minha sobriedade durante dois anos por despeito"*.

Inclusive a relação madrinha-afilhada ficou comprometida devido à diferença de idades. Ao invés de ser tratada como uma afilhada normal recebia um tratamento maternal. Atualmente, quando seus conselhos são solicitados quando é preciso falar com adolescentes recém-chegados sua resposta

é que, *"todos somos alcoólicos, todos temos a mesma doença e que a mensagem de A.A. não deve ser adaptada por questões de idade ou demográficas"*.

La recuperação é para aqueles que a desejam e muitos adolescentes não querem saber nada que diga respeito a A.A.

John P. tem 18 anos e esteve bebendo menos de dois anos. Entretanto, nesse curto período de tempo, por duas vezes foi encontrado pela policia caído e desacordado em lugares públicos e levado ao hospital. A primeira vez foi na estação subterrânea de Times Square, em Nova York, no meio da noite. Também foi preso duas vezes, uma delas por porte de drogas.

Os pais de John são membros de A.A. e ele conhece as reuniões desde que era uma criança. Entretanto, ao considerar o que significaria deixar de beber em A.A., ele diz: *"Acredito que se eu fosse para A.A. e me mantiver sóbrio, terei que deixar de fazer parte do meu círculo social. Indo para A.A. terei que mudar as coisas que valorizo. Teria que decidir que, ir à casa de um amigo para passar o tempo e talvez tomar uns tragos, é algo que não merece a pena. Teria que ver alguma coisa em A.A., alguma coisa que fosse mais importante"*.

Para o bebedor problema jovem, a Conferência de Serviços Gerais produziu literatura dirigida aos alcoólicos jovens.

Os Grupos de A.A. para Jovens começaram a aparecer em **1945** em Los Angeles, Cleveland e Filadélfia e atualmente podem ser encontrados no país todo (EUA/Canadá). Em **1957**, um grupo de membros jovens de A.A. dos EUA e Canadá iniciou a Conferência Internacional de Jovens em A.A. (ICYPAA – International Conference Young People in A.A.) **(*)** para oferecer uma oportunidade anual de celebração da sobriedade dos jovens em A.A. Neste mês de setembro (**2007**), foi celebrada a 49ª conferência anual.

(*) Para entender melhor:

O alcoolismo não tem barreiras, idade incluída. Jovens que sofrem de alcoolismo têm se voltado para os Alcoólicos Anônimos e encontraram ajuda lá desde os primórdios de AA. Em 1945, um dos primeiros grupos de jovens em Alcoólicos Anônimos foi formado em Los Angeles para ajudar a levar a mensagem de recuperação para outros jovens.

O número de jovens que sofrem de alcoolismo, que procuram A.A. pedindo ajuda, continua a crescer. Na convenção de A.A. em **1960**, Bill W. observou que a idade de novos membros era muito menor em **1960** do que quando ele e Dr. Bob fundaram a Irmandade 25 anos antes. Uma pesquisa interna feita com membros de A.A. em **2007** relatou que 11,3% dos entrevistados tinham menos de 30 anos de idade e desses 2,3% tinham menos de 21 anos de idade.

O objetivo dos grupos de jovens é ajudar os recém-chegados a entender que eles não precisam de anos de experiência no sofrimento causado pelo uso da bebida e de perdas familiares sociais e financeiras, para estar prontos para a sobriedade. Eles ajudam a trazer os recém-chegados para o ciclo da Recuperação, Unidade e Serviço através dos 12 Passos, 12 Tradições e 12 Conceitos para o Serviço Mundial, levando a mensagem de AA ao alcoólico que ainda sofre.

Grupos de jovens não são uma organização separada de Alcoólicos Anônimos como um todo. Seus membros estão envolvidos e comprometidos com o trabalho do Décimo Segundo Passo em hospitais, instituições penais e de tratamento, Informação Pública, de Serviços Gerais, e todas as outras facetas de Serviço AA. Os recém-chegados são apresentados a pessoas da sua idade que os

iniciam nos de princípios de AA em suas vidas diárias e os motivam a se envolver no serviço de A.A. que pode levar a uma sobriedade duradoura e confortável.

O propósito dos grupos de jovens, é levar a mensagem de Alcoólicos Anônimos para outros alcoólicos, não importa qual seja sua idade. www.acypaa.org .

Estes Grupos de Jovens são conhecidos nos EUA e Canadá, onde se originaram em **1945**, pela sigla ***YPAA***, de ***Young People in A.A***., ou, ***Jovens em A.A.*** e uma de suas principais atividades é a de organizar encontros em forma de seminários, fóruns e conferências, de âmbito setorial, regional, nacional e internacional cujos programas enfocam o compartilhar de assuntos relativos a tais Reuniões nos respectivos Grupos. Este movimento, que constitui parte integrante da Irmandade, ultrapassou as fronteiras de sua origem e atualmente encontram-se Grupos YPAA espalhados por países, além dos EUA e Canadá, como México, Austrália, África do Sul, Índia, Alemanha, Suécia, Dinamarca, Holanda, França, Inglaterra, Escócia, Irlanda, etc.

No Brasil, um grupo de pessoas composto por membros e amigos de A.A. preocupados com o pequeno número de jovens que chegam em nossas salas, foi buscar subsídios e informações a respeito desse movimento de Jovens para poder instalar em nosso país esse tipo de reunião. Numa reunião realizada no dia 15/10/2011 em Petrópolis, RJ, decidiram criar duas reuniões experimentais, uma na Cidade do Rio de Janeiro e outra em Petrópolis. Prometem resultados.

Leia também o artigo *"A Conferência Internacional de Jovens em A.A"* nesta coletânea, ou, "*ICYPAA - casi cinco décadas de alcanzar a los jóvenes alcohólicos"* no endereço

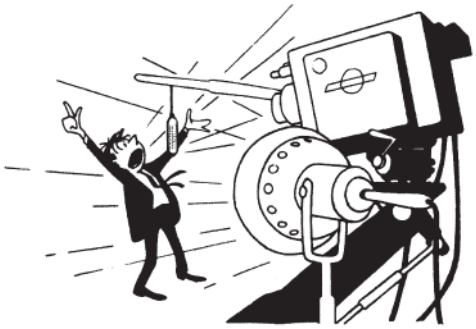
=> **http://www.aa.org/lang/sp/sp_pdfs/sp_box459_april-may05.pdf**

5. Anonimato

5.1. A respeito de colocar a tradição do anonimato em primeiro lugar

Box 4-5-9, Natal / 1988 (pág 10-11) => http://www.aa.org/newsletters/es_ES/sp_box459_holiday88.pdf

Titulo original: "***Respecto a colocar en primer lugar la tradición de anonimato".***



Recentemente, em uma reunião de Grupo celebrada em Nova Jersey, um dos participantes propôs uma modificação de grande monta na literatura de A.A. Provocou alguma comoção.

A proposta era que a Décima Segunda Tradição, também conhecida como a tradição do anonimato, fosse *"elevada"* da última da lista para ser dali em diante a Primeira Tradição.

Um dos temas tratados nessa reunião, foi como reativar a consciência interna da Irmandade a respeito da importância do anonimato para o futuro desenvolvimento e sucesso de A.A. O membro em questão usou o seguinte argumento: Se o anonimato é de primeira importância para o bem estar de A.A. – e certamente é, então a tradição do anonimato deve ser a primeira e não a última e por conseguinte deve encabeçar a lista.

Considerando o mal compreendido que devem estar o significado e o propósito por parte dos membros em geral, esta sugestão parecia ter seu mérito. Efetivamente, esta nova lógica quase nos estava gritando que o *"álcool"* e o *"anonimato"* eram as palavras-raízes do nome da Irmandade. Portanto, já que o *"álcool"* e o tema e o impulso principal do primeiro dos Doze Passos, não seria justo e apropriado que *"anonimato"*, com a mesma importância no que diz respeito à Irmandade, fosse o tema e o impulso principal da primeira das Doze Tradições?

Parece fazer sentido. Mas, realmente o tem?

Alguns dias depois dessa reunião em Nova Jersey, o subcomitê de Informação Pública dos Custódios foi informado desta proposta – e seguiu-se uma discussão muito instrutiva da qual surgiu, aliás, com grande rapidez, evidência incontrovertível de que a Decima Segunda Tradição, a tradição do anonimato, é a décima segunda e última porque assim deve ser. De acordo com a exposição do membro do comitê, na mente da maioria dos principiantes – inclusive na de grande parte de membros com vários anos de sobriedade, e com certeza para a maioria das pessoas de fora da Irmandade, *"anonimato"* equivale a *"vergonha"* ou *"medo"*, e praticar o anonimato é esconder-se. Esta é, de fato, a impressão provocada pela palavra *"anonimato"* quando não é devidamente explicada, principalmente no que se refere aos membros de A.A.

Se o mero ou simples anonimato, não explicado, fosse o tema da Primeira Tradição, não iria ser convidativo para o leitor explorar as outras onze, nas que se baseia a tradição do anonimato. Pelo contrário, poderia causar repulsão e, portanto privá-lo, talvez para sempre, de um dos verdadeiros tesouros de A.A.

Portanto, os motivos do anonimato estão explicados cuidadosa e individualmente nas onze tradições que lhe precedem, com a finalidade de que o membro de A.A. ao chegar à Décima Segunda tenha plena consciência das lições que aprendeu, assim como o consolo, a tranquilidade e outros benefícios derivados da prática do anonimato.

De acordo com o comitê, ninguém propôs que o Décimo Segundo Passo, que começa dizendo *"Tendo experimentado um despertar espiritual, por meio destes Passos..."* – quer dizer, os onze anteriores, deveria mudar de lugar na série, passar do último para o primeiro. De forma semelhante, as lições, os objetivos e os benefícios descritos nas primeiras onze tradições estão resumidos e consumados na Decima Segunda Tradição que diz *"O anonimato é o alicerce espiritual das nossas Tradições, lembrando-nos sempre da necessidade de colocar os princípios acima das personalidades"*.

Teria algo de ruim (ou *"anti-programa"*) pôr em dúvida a colocação da tradição do anonimato e depois dedicar uma séria discussão ao assunto? Definitivamente, não. Desde tempos remotos, quando a literatura básica de A.A. começou a ser publicada, sempre houve membros que encontraram palavras ou locuções que, no seu modo de ver, deveriam ser mudadas. Talvez algumas frases inteiras deveriam ser riscadas ou alguns parágrafos suprimidos, ou reorganizados – ou removê-los para outro lugar. Por muito acertada que possa parecer alguma correção ao primeiro olhar, uma consideração mais aprimorada demonstra, a maioria das vezes, que, com relação ao que precede e segue, o conteúdo é precisamente o que deve ser e está onde deve estar sem possibilidade de *"melhorá-lo"*. Aos que propuseram a mudança, assim como aos demais, a discussão lhes ensinou o raciocínio original que colocou a tradição do anonimato como a décima segunda e última, e ainda deu a este raciocínio uma nova e viva força.

5.2. Fotografias nos eventos de A.A.: Pensar antes de clicar

***Box 4-5-9*, Fev. Mar. / 2007 (pág. 3-4) => http://www.aa.org/newsletters/es_ES/sp_box459_febmar07.pdf**
Título original: "***Fotos en los eventos de A.A. Pensar antes de pulsar".***

Atualmente, quando se podem bater fotos dos nossos amigos de A.A. com um rápido movimento de *"focalizar e clicar"* a partir de qualquer telefone celular, está mais fácil que nunca esquecer a Decima Primeira Tradição de A.A. que diz: *"Nossas relações com o público baseiam-se na atração em vez da promoção; cabe-nos sempre preservar o anonimato pessoal na imprensa, no radio e em filmes"*. E de fato, esta Tradição resistiu às provas do tempo.

Na Conferência de Serviços Gerais de **1974**, Ruth H., então Delegada do Sudeste de Nova York, disse: *"Recentemente um membro local tirou fotos de todos os assistentes a um aniversário pessoal, sem perguntar a ninguém se queria ou não ser fotografado. O participante de honra (que está sóbrio há muitos anos em A.A.) foi fotografado junto com os oradores e cortando o bolo, como se fosse um casamento. Quando perguntou ao fotógrafo se havia pedido permissão aos assistentes para tirar fotos, ele disse:* 'É o meu Grupo e a câmera é minha'". Em outro caso, relatou Ruth, um membro que tinha sido fotografado na reunião de seu aniversario, "*ingenuamente colocou a fotografia na mesa da sala de estar da sua casa. Um vizinho entrou, olhou e indicou com o dedo outra pessoa na foto dizendo* 'não sabia que ele era membro de A.A.'".

Esse assunto, disse Ruth, *"foi apresentado na assembleia de Área. Alguns disseram:* 'todo mundo me via bêbado, porque haveria de me esconder em A.A.?'". Outros opinavam que se poderia afugentar os principiantes, ou, pelo contrário, os principiantes podem pensar que ficaria bem chegar na próxima reunião de aniversário munido de uma câmera. Depois de discutir o assunto, Ruth disse, *"a assembleia aprovou a moção de que nosso comitê de Área* 'sugere energicamente' *que não sejam feitas fotografias em nenhuma reunião de A.A. – para proteger o anonimato de todos os presentes e não afugentar os participantes, uma vez que fazer fotos viola* 'o espirito da Primeira, Décima Primeira e Décima Segunda Tradições'".

Atualmente, a decisão de fazer ou não fazer fotos de membros de A.A. nos eventos de A.A. é um assunto de consciência de Grupo. Por exemplo, antes ou depois do último café da manhã/almoço da Conferência de Serviços Gerais, são feitas muitas fotografias – mas não durante nenhuma das sessões plenárias. De acordo com um membro do pessoal do Escritório de Serviços Gerais – ESG, a experiência coletiva de A.A. indica que deve ser consultada a consciência de Grupo antes de tomar uma decisão desse tipo. Se a consciência de Grupo não aprova que se façam fotos, seria prudente anunciar essa decisão de forma reiterada a todo o Grupo. E em todos os casos, antes de fazer uma fotografia de um ou mais membros, é sugerido pedir permissão tanto a eles como ao servidor indicado pelo Grupo para lidar com esse assunto.

Repetidamente, a experiência demonstrou aos AAs que estar no foco do público é perigoso para a nossa sobriedade pessoal – e para nossa sobrevivência coletiva se quebramos o anonimato diante do público e depois nos embriagamos. Mas, como disse Bill W., nosso cofundador, *"era preciso dar a conhecer A.A. de alguma maneira. Assim, recorremos à ideia de que seria muito melhor deixar que nossos amigos o fizessem por nós"* – entre eles, nossos sete Custódios não alcoólicos (no Brasil são quatro). Podem ficar na frente das câmeras ou utilizar seus nomes completos sem risco para si próprios ou para a Irmandade. Assim, fazem chegar a mensagem de A.A. a muitos alcoólicos doentes e aos profissionais que os assessoram e cuidam deles.

Numa seção do Livro de Trabalho de Informação Pública são oferecidas sugestões *"Para levar a mensagem através dos meios de comunicação"*. Sugere que quando um membro de A.A. aparece na TV, o rádio ou internet, e se identifica como tal, *"será prudente fazer alguns acertos anteriores com o entrevistador para que seja utilizado apenas o primeiro nome, e para que sua imagem apareça em forma de silhueta, sem possibilidade de ser identificada. Na Conferência de Serviços Gerais de* ***1968****, foi manifestada a opinião de que* 'aparecer na TV de uma maneira que se possa ver todo o rosto é uma quebra de anonimato ainda que não seja revelado o nome completo'*"*. Entretanto, se um membro de A.A. aparece publicamente como um alcoólico em recuperação, mas não revela que é membro de A.A., *"não há nenhum problema com respeito ao anonimato. O membro aparece como qualquer outro convidado pode utilizar seu nome completo e sua imagem pode ser reproduzida normalmente"*.

É importante ter em conta que *"um membro de A.A. que apareça como tal, com o anonimato protegido, em um programa de entrevistas deve explicar com antecedência ao entrevistador que os AAs tradicionalmente limitam seus comentários ao programa de A.A. O membro não se apresenta como um especialista nem fala a respeito da doença do alcoolismo, as drogas, o índice de suicídios, etc."*. Tradicionalmente, *"os AAs falam por si próprios, não pela Irmandade em seu conjunto*". Geralmente costumam ressaltar que *"o único interesse de A.A. é a recuperação e a sobriedade continuada"* dos alcoólicos que procuram a Irmandade em busca de ajuda. E que, *"quando falamos como membros de A.A. nos asseguramos de dizer que A.A. não opina sobre assuntos alheios à Irmandade"*.

Ao refletir sobre as nossas Tradições de anonimato no número de outubro de **1948** da *Grapevine*, Bill W. expressou com franqueza e um toque de humor, uma ideia que ainda tem ressonância na atualidade: *"Temos bons amigos à direita e à esquerda, tanto entre os proibicionistas como entre os anti proibicionistas. Como a maioria das sociedades, às vezes somos escandalosos – mas nunca em público... Nossos amigos da imprensa e do rádio superaram-se a si próprios. Qualquer um pode ver que parecemos estar mimados. Nossa reputação já é muito melhor que o nosso caráter real"*.

5.3. Mais perguntas sobre o anonimato

Box 4-5-9**, Primavera (Mar.) 2013 (pág 1-2) => http://www.aa.org/newsletters/es_ES/sp_box459_spring13.pdf**
Título original: **"*Más preguntas sobre el anonimato*"**

No número de outono (Set.) de **2012** do ***Box 4-5-9*** apareceram várias perguntas e respostas relacionadas com o anonimato a nível pessoal – por exemplo, durante as reuniões de A.A. e diante do público, baseadas na Décima Primeira Tradição de A.A. **(N.T.:1).** Como indicado no primeiro parágrafo desse artigo, aquelas perguntas e respostas era apenas uma pequena parte das indagações que chegam ao Escritório de Serviços Gerais – ESG, em Nova York. Neste artigo trataremos de algumas mais.

***Pergunta.* –** Faz pouco tempo, num artigo da imprensa (ou Internet ou vídeo) apareceu a fotografia de um membro de A.A. acompanhada do seu nome completo. O ESG irá encaminhar a esse membro algum comunicado para indicar-lhe que isso é uma violação da Tradição do anonimato?

***Resposta.* –** A resposta do membro do pessoal do ESG lotado na seção de Informação Pública é muito provável que seja algo parecido com o seguinte: *"Permita-me que lhe explique como tratamos as quebras de anonimato aqui no ESG. Quando chega ao ESG uma noticia de quebra de anonimato documentada e pode ser identificada a Área onde mora o membro em questão, enviamos uma cara ao Delegado dessa Área, com cópias do artigo ou transcrição e umas cartas-modelo de resposta adaptáveis à situação. O Delegado normalmente escreve ao membro. Este procedimento está baseado numa Ação Recomendável da Conferência.*

De maneira geral, não contatamos os profissionais da mídia com referência a quebras de anonimato quando suas reportagens foram baseadas em informações facilitadas por um membro de A.A. Pedimos a colaboração da imprensa naquilo relacionado com manter nossa Tradição de anonimato, mas esses profissionais não são obrigados a seguir nossas Tradições a esse respeito. A responsabilidade de respeitar a Tradição do anonimato não cabe aos profissionais da mídia, mas ao membro individual de A.A.

Tratamos sempre de nos comunicar de uma maneira não punitiva e que não possa ser interpretada como tal de maneira a não provocar ainda mais controvérsia escrevendo alguma coisa que possa ser publicada mais tarde num jornal, revista, etc. como sendo 'A opinião de A.A.'*"*

***Pergunta.* –** O membro do pessoal do ESG envia a mesma carta de *"Quebras de Anonimato"* ao Delegado quando num obituário está indicado que o falecido era membro de A.A. e também são publicados os nomes completos de outros membros de A.A.?

***Resposta.* –** De maneira geral, aos membros de A.A., parece-lhes pouco sensato quebrar o anonimato de um membro inclusive depois de morto, mas em todo caso, a decisão final sobre essa questão cabe à família do membro. Entretanto, os membros de A.A. concordam com que deva ser respeitado o anonimato dos membros vivos citados nos obituários ou em qualquer folheto comemorativo ou nota necrológica.

***Pergunta.* –** Tem A.A. em seu conjunto uma política geral que se refira ao anonimato póstumo dos cofundadores, Bill W. e o Dr. Bob?

***Resposta.* –** Não. Mas no ano de **2001** a Junta de Serviços Gerais aprovou a seguintes normas para servir como guia aos AAs em toda atividade de informação publica relacionada com os cofundadores de A.A.:

"As normas de informação pública do ESG devem servir para guardar ao máximo possível o anonimato dos membros de A.A. vivos ou mortos, incluindo os cofundadores.

A seção de Informação Pública existe no que se refere ao público em geral, como uma fonte de informação relacionada com o programa de recuperação da Irmandade de Alcoólicos Anônimos, não como fonte de informação sobre membros individuais de Alcoólicos Anônimos, vivos ou mortos.

Na medida em que já se encontra na nossa literatura de A.A. informação não anônima sobre os nossos cofundadores, a qual está disponível ao público em geral, podem ser dirigidas as solicitações de informação a estes textos. A seção de Informação Pública pode facilitar copias dessa informação aos meios de comunicação. Não deve ser oferecida voluntariamente nem facilitar informação adicional, por respeito aos princípios tradicionais de anonimato de A.A., ou pela alta estima que os cofundadores, como membros da Irmandade de Alcoólicos Anônimos. Tinham por estes princípios.

Não deve ser facilitada informação sobre outros membros de A.A., antigos ou atuais, sob nenhuma circunstância".

Pergunta. **–** Os cofundadores fizeram, eles mesmos, algum comentário a respeito do anonimato póstumo?

Resposta. **–** No livro *"A.A. Atinge a Maioridade"*, Bill escreve: *"O Dr. Bob era essencialmente uma pessoa mais humilde que eu. De alguma forma era uma pessoa espiritual 'natural' e o anonimato lhe resultava fácil. Não podia entender porque algumas pessoas precisavam de tanta publicidade. Nos anos que precederam à sua morte, seu exemplo pessoal de respeito ao anonimato ajudou-me muito a guardar o meu próprio. Lembro particularmente, uma comovente ocasião que acredito que todos Aas deveriam conhecer. Quando foi comunicado que tinha uma afecção mortal, alguns de seus amigos sugeriram que se erguesse um monumento ou mausoléu na sua honra e na da sua mulher Anne, alguma coisa digna de um fundador e sua esposa. Certamente, este foi um tributo muito natural e espontâneo. O comitê criado para esse fim chegou inclusive a lhe mostrar a maquete do monumento proposto. Comentando isto comigo, o Dr. Bob sorriu e disse: 'Deus os abençoe. Têm boas intenções. Mas pelo amor de Deus, Bill, Porque não nos enterram a você e a mim como aos demais?*

Um ano depois da sua morte visitei o cemitério de Akron onde repousam os restos mortais do Dr. Bob e Anne. A simples lápide mortuária não diz uma única palavra a respeito de Alcoólicos Anônimos. Algumas pessoas podem pensar que este casal maravilhoso levou longe demais o anonimato pessoal ao recusar, com firmeza, usar as palavras 'Alcoólicos Anônimos' *até na lápide. Da minha parte não acredito que seja assim. A mim parece-me que este último e comovente exemplo de humildade tem um valor mais duradouro para A.A. que qualquer publicidade espetacular ou mausoléu majestoso"*.

Pergunta. **–** Já sei que na literatura de A.A. Bill escreveu muito a respeito do anonimato, mas estou seguro que ele não poderia ter previsto a explosão tecnológica moderna. Como protegemos o anonimato on-line?

Resposta. **–** A comunicação em A.A. nos dias atuais flui de um alcoólico para outro através da tecnologia de ponta, de uma maneira relativamente aberta que vai evoluindo com muita rapidez. A proteção do anonimato é a preocupação principal dos membros, cada vez mais numerosos, que acessam a Internet.

Um recurso orientador da experiência compartilhada de A.A. referente aos sítios da Web é o artigo de serviço do ESG *"Perguntas frequentes a respeito dos sítios Web de A.A."* **(N.T.:2).** A pregunta de número 7 diz: *"E, enquanto ao anonimato?"*. Sua resposta: *"Observamos todos os princípios e Tradições de A.A. em nossos sítios Web. Uma vez que o anonimato é* 'o alicerce espiritual das nossas Tradições', *praticamos o anonimato em todo*

Comprendiendo el anonimato
NEWS
"El anonimato es la base espiritual de todas nuestras tradiciones, recordándonos siempre anteponer los principios a las personalidades".
Esta literatura está aprobada por la Conferencia de Servicios Generales de A.A.

Este folheto foi atualizado pela 61ª Conferência de Serviços Gerais em maio de 2011. No passado outono (Set. 2012), o Comitê de Informação Pública dos Custódios pediu que fosse atualizada a capa para comunicar melhor os membros a respeito do conteúdo de uma ampla variedade de informação a respeito do anonimato nos meios eletônicos e nas redes sociais, sobre o anonimato póstumo e como falar do anonimato aos membros da sua família.

momento em todos os sítios Web de A.A. Um sítio Web de A.A. é um meio de comunicação público que tem a capacidade de alcançar a audiência mais diversificada e numerosa possível e, portanto, é necessário valermo-nos da mesma proteção que utilizamos diante da imprensa, do rádio e o cinema.

Ao utilizar os meios digitais, os membros de A.A. são responsáveis pela proteção do seu próprio anonimato e o dos demais. Quando enviamos mensagens de texto ou escrevemos num blog devemos assumir que estamos fazendo uma divulgação pública. Quando quebramos nosso anonimato nestes fóruns, é possível que, inadvertidamente, quebremos o anonimato de outros". (Ver *"Guia de Orientação na Internet"*, Junaab, código 245).

Para mais informação sobre o anonimato *"on-line"*, ver o folheto *"Compreendendo o Anonimato"*, (ao lado) **(N.T.:3)** recém-reimpresso com nova capa contendo arte e símbolos para representar a grande variedade de recursos para que os membros de A.A. protejam seu anonimato e o dos seus companheiros.

5.4. O anonimato – a humildade em ação

***Box 4-5-9,* Ago. Set. / 1996 (pág. 1-2) => http://www.aa.org/newsletters/es_ES/sp_box459_aug-sept96.pdf**
Título original: "***El anonimato: la humildad en acción".***

Nesta década de **1990**, na que se considera Alcoólicos Anônimos como uma força do bem, parece que cada vez mais membros bem-intencionados, incluindo uma multidão de celebridades bem conhecidas, revelam seus nomes como membros de A.A. nos meios de comunicação e fazem alarde da sobriedade alcançada na Irmandade – sempre com a intenção de ajudar o alcoólico que ainda sofre. Talvez não conheçam a Tradição do Anonimato, ou a considerem como algo fora de moda ou, ainda, que acreditem que o mais importante é procurar que a mensagem seja difundida.

Isto não é novidade. Como escreveu Bill W., cofundador de A.A., faz mais de 40 anos, no número de janeiro de **1955** na revista *Grapevine: "Os velhos arquivos da Sede de A.A. contém dúzias de experiências de rupturas de anonimato parecidas. A maioria delas ensinam-nos as mesmas lições. Nos ensinam que nós, os alcoólicos, somos os maiores racionalizadores do mundo; que fortalecidos com o pretexto de fazer coisa boas por A.A., quebrando nosso anonimato, poderemos estar reiniciando nossa velha busca desastrada pelo poder e prestígio pessoal, as honras públicas e o dinheiro – os mesmos impulsos implacáveis que antes, ao serem frustrados, fizeram-nos beber; as mesmas forças que atualmente desgarram o mundo. Além do mais, deixam muito claro o fato de que uma quantidade suficientemente grande de pessoas que quebraram seu anonimato de forma sensacionalista, poderia arrastar consigo a nossa Irmandade inteira para uma rua sem saída"*.

Como nos indica a literatura de A.A., as Doze Tradições pedem-nos repetidamente que renunciemos a nossos desejos pessoais em favor do bem comum, e assim levem-nos a compreender que o espirito de sacrifício, simbolizado pelo anonimato, é a base de todas as nossas Tradições. Tudo isto é muito bom, mas, como indivíduos e como membros de um Grupo, qual é a melhor maneira de colocar em prática este princípio? Quais os critérios que utilizamos para abrir o anonimato? E, o que podemos fazer para evitar as quebras do anonimato?

Em **1988** uma onda de quebras de anonimato conduziu à formação de um subcomitê especial do Comitê de Informação Pública da Junta de Serviços Gerais. Sua tarefa, que não tinha nada a ver com culpar os meios de comunicação e tinha muito a ver com o fato de que a Irmandade deveria fazer seu próprio inventario, tinha duas facetas: elevar a consciência dos membros *"a respeito do*

propósito do anonimato e porque é vital nossa sobrevivência como Irmandade; e pedir aos AAs de todos os lugares que ajudem a proteger esta salvaguarda". Faz alguns meses, enquanto o subcomitê estava-se preparando para se dissolver depois de seis anos de esforços intensos, seus membros chegaram à conclusão de que quantos mais Distritos, Áreas e Grupos de A.A. compartilhem sua experiência a respeito da Tradição do Anonimato, mais saudável ela se tornará e mais saudáveis ficaremos nós. Com essa finalidade, o comitê sugeriu uma série de temas de discussão. A seguir, aparecem alguns deles, acompanhados de algumas das muitas respostas encontradas na literatura de A.A.

Pergunta: *Qual é a relação entre o anonimato e* "o egoísmo - o egocentrismo... a raiz de todos nossos problemas" *como Bill W. descreve no Livro Grande?*

Resposta: Bill W. com frequência advertia que se nos esquecermos do princípio do anonimato, iria se abrir a caixa de Pandora **(*)** do egoísmo, liberando os espíritos da ambição mundana tão perniciosos para nossa sobrevivência. Portanto, explicava, *"a essência espiritual do anonimato é o sacrifício dos nossos desejos pessoais em prol do bem comum"*.

Pergunta: *Como tratamos o assunto do anonimato dentro do Grupo?*

Resposta: De maneira geral, não escondemos de ninguém a nossa identidade nos nossos Grupos e reuniões. Entretanto, cada individuo e cada Grupo têm o direito de utilizar seus próprios métodos. Porém, de acordo com o espirito das Tradições, é necessário que percebamos que o principio do anonimato é bom para todos nós; devemos sempre ter presente que a segurança e a eficácia futuras de A.A. dependem da sua conservação. Ao mesmo tempo, todos os membros de A.A. devem ter o privilégio de vestir-se de tanto anonimato pessoal quanto desejem.

Pergunta: *E o anonimato pessoal a nível público?*

Resposta: A nível pessoal, o anonimato assegura que os membros não sejam identificados como alcoólicos; a nível da imprensa, a radio, a televisão e o cinema, ressalta a igualdade de todos os membros ao colocar um freio naqueles que poderiam se aproveitar de sua afiliação a A.A. para conseguir reconhecimento, poder e ganância pessoal. De acordo com a Décima Primeira Tradição – forma longa, *"Nossa relações com o público em geral devem caracterizar-se por um anonimato pessoal. Acreditamos que A.A. deve evitar a publicidade sensacional. Nossos nomes e fotografias, na qualidade de membros de A.A., não devem ser divulgados pelo radio, cinema ou imprensa. Nossas relações com o público devem orientar-se pelo princípio da atração e não da promoção. Nunca há necessidade de elogiarmos a nós mesmos. Achamos melhor deixar que nossos amigos nos recomendem"*.

Pergunta: *Colocamos e um pedestal alguns AAs?*

Resposta: Em um artigo publicado no número de outubro de **1947** da revista *Grapevine*, Bill W. falou da síndrome do pedestal: *"Por alguma razão, parece que qualificativo* 'fundador' *chegou a se aplicar exclusivamente ao Dr. Bob e a mim... Este sentimento nos é muito comovedor... entretanto, começamos a nos perguntar se, no longo prazo, tal ênfase exagerado será bom para A.A."* Sua resposta a este situação esta na declaração explicita de *que "como membros particulares de A.A. devemos ser anônimos perante o público em geral... o Dr. Bob e eu acreditamos que esta saudável doutrina também deve aplicar-se a nós. Não pode haver nenhuma boa razão para abrir uma exceção com* 'os fundadores'.

"Quanto mais tempo os pioneiros de A.A. ficarmos no centro do cenário, mais possível será que sentemos perigosos precedentes para estabelecer uma liderança personalizada e permanente.

Para assegurar o bem futuro da Irmandade, não é precisamente isto que devemos evitar?... Embora sempre gostaríamos de ter a satisfação de ser lembrados entre os originadores, esperamos que vocês comecem a considerar-nos apenas como pioneiros e não como 'fundadores'. Assim, poderemos também nos juntar a A.A.?"

O Dr. Bob morreu em novembro de **1950**; Bill W., em janeiro de **1971** – e seu nome, fotografia e história apareceram pela primeira vez nos meios de comunicação do mundo todo. Na primavera daquele ano, a Conferência de Serviços Gerais determinou que *"não é prudente quebrar o anonimato de um membro inclusive depois da sua morte, mas, em cada situação cabe à família tomar a decisão final"*. A Conferência de **1992** reafirmou esta opinião acrescentando que *"os Arquivos Históricos continuarão protegendo o anonimato dos AAs falecidos assim como o dos demais membros"*.

Considerando o atual (**1996**) numero de membros de A.A. – aproximadamente dois milhões no mundo todo, as quebras de anonimato ante o público, embora preocupantes quando acontecem porque podem representar perigo, de fato são relativamente poucas e incomuns. De acordo com um relatório com o título *"As Origens do Anonimato"*, apresentado pelo Comitê de Arquivos Históricos da Junta de Serviços Gerais à Conferencia de Serviços Gerais de 1989, *"é possível que isto se deva ao fato de que, na medida em que a Irmandade vai amadurecendo, os membros alcançam uma compreensão cada vez mais clara do valor que tem o anonimato a nível publico para eles mesmos"*.

> **(*) N.T.: Caixa de Pandora** *é um artefato da mitologia grega, extraído do mito da criação de Pandora, que foi a primeira mulher criada por Zeus. A* "caixa" *era na verdade um grande jarro dado a Pandora, que continha todos os males do Mundo. Então Pandora, com sua curiosidade, abriu o frasco e todo o seu conteúdo, exceto um item, foi liberado para o mundo. O item remanescente foi a esperança. Hoje em dia, abrir uma* "caixa de Pandora" *significa criar um mal que não pode ser desfeito.*
>
> http://pt.wikipedia.org/wiki/Caixa_de_Pandora

5.5. O anonimato diante do público

***Box 4-5-9*, Fev. Mar. / 2004 (pág. 8-9) => http://www.aa.org/newsletters/es_ES/sp_box459_feb-mar04.pdf**

Título original: ***"El anonimato ante el público".***

Uma figura de muita visibilidade do cinema se interna em um centro de tratamento; sai e aparece em um programa de televisão falando em termos elogiosos de *"minha nova vida em A.A."* Poucos meses mais tarde sai publicada a noticia de que *"novamente foi encontrado embriagado"*. Um político apanhado em maus lençóis protesta, *"o álcool me fez atuar desse jeito, porém agora assisto reuniões de A.A."* Ou, um escritor, bem intencionado, mas excessivamente entusiasmado, fala de sua *"cura em A.A."* e promete publicar a sua história para *"ajudar outros iguais a mim"*. Passados seis meses aparece a noticia da sua *"recaída"*.

O que faz a Irmandade frente a quebras de anonimato como estas e outras que acontecem a cada ano às centenas? O que fazem individualmente os membros de A.A. para ajudar? E, a quem cabe a responsabilidade? Como se percebe claramente nas cartas enviadas ao Escritório de Serviços Gerais, ESG, muitos membros de A.A. estão realmente preocupados, e de fato, alguns ficam com raiva devido a essas rupturas da Tradição do anonimato, à qual Bill W., chamava *"a chave de nossa*

sobrevivência espiritual". Entretanto, muitos desses companheiros desconhecem o que faz o ESG a respeito, nem como eles próprios podem ajudar e contribuir para um efeito decisivo.

A cada ano o Comitê de Informação ao Público da Junta de Custódios envia uma carta aos representantes dos meios de comunicação para lhes explicar a Tradição do anonimato de A.A. perante o público. Muito apropriadamente em nossa época de computadores, e diferentemente da primeira missiva um tanto verbal enviada em **1949**, o texto, que aparece que aparece no sítio de A.A. – www.aa.org, é breve e conciso. No entanto, apesar das ligeiras revisões cosméticas feitas ao longo dos anos, a mensagem não mudou. Primeiro, há uma expressão de gratidão *"pela ajuda que nos deram nossos amigos dos meios de comunicação que nos ajudaram a salvar inumeráveis vidas"*. Logo pedimos às agências de mídia que continuem nos ajudando, apresentando os membros de A.A. unicamente por seu nome no registro civil sem divulgar fotos em que o membro possa ser reconhecido. *"O anonimato tem uma importância fundamental para nossa Irmandade e oferece aos nossos membros a segurança de que sua recuperação será um assunto confidencial. Com frequência, o alcoólico ativo evita qualquer fonte de ajuda que possa revelar sua identidade"*.

A carta de anonimato mais recentemente redigida, em fevereiro de 2004, como de costume será publicada em três idiomas – inglês español e francês, e enviada a aproximadamente 10.000 jornais periódicos e emissoras de rádio e televisão nos EUA e Canadá, com a esperança de que os editores gerentes, repórteres, apresentadores de rádio e TV e muitos outros que trabalham nesse campo, especialmente os entrevistadores e que fazem reportagens sobre celebridades que são membros de A.A., a vejam, a leiam e a levem em conta. À carta e juntado um cartão de resposta com porte pago e outro cartão com informações básicas de A.A. Em muitas Áreas o Comitê de Informação ao Público local fazem copias do texto em papeis com seu timbre e as enviam aos representantes dos meios de comunicação locais.

Embora façamos todo o possível para informar os meios de comunicação sobre nossa Décima Primeira Tradição, normalmente não mantemos contato direto com os profissionais que fazem suas reportagens baseados em informações fornecidas por membros de A.A. No folheto de A.A., *"Compreendendo o anonimato"*, nos é lembrado que não é da responsabilidade dos meios de comunicação manter nossas Tradições; é nossa responsabilidade pessoal. Portanto, quando o ESG toma conhecimento de uma quebra de anonimato diante do público, a Conferência de Serviços Gerais recomendou que o membro do pessoal locado do escritório de informação pública comunique o fato ao Delegado da área onde o incidente aconteceu. Dessa maneira, um membro local pode entrar em contato com o companheiro cujo anonimato foi violado para falar-lhe amigavelmente sobre a importância da Décima Primeira Tradição.

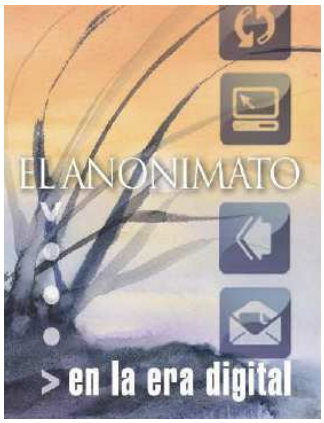
O modelo de carta que se ajunta à nota dirigida ao Delegado diz o seguinte: *"Talvez esta quebra de anonimato tenha ocorrido sem o seu consentimento ou sem você saber; entretanto, se for entrevistado no futuro, ficaremos muito gratos se tiver a gentileza de mencionar nossas Tradições de anonimato aos profissionais de mídia. Às vezes não as compreendem, mas, quase sempre as respeitam"*.

Ao final das contas, a experiência de A.A. indica que os que têm maior probabilidade de proteger nossas Tradições são os Grupos e os membros individuais. Cada vez que um Grupo realiza uma reunião focada nas Tradições, o cimento que mantém unida nossa Irmandade, ou lembra aos participantes ao abrir a reunião *"o que aqui é dito, não sai daqui"*, o conceito que vamos formando do anonimato diante do público vai ficando mais forte. A cada vez que um padrinho reforça ao

iniciante a importância do anonimato diante do público, explicando-lhe, com palavras da Décima Primeira Tradição, que *"a ambição pessoal não tem lugar em A.A."*, se torna mais forte o nosso anonimato coletivo. Talvez seja este o nosso meio principal para antepor a tudo nosso bem-estar comum.

5.6. O anonimato e as redes sociais

***Box 4-5-9*, Inverno (Dez.) 2009 (pág. 8-9) => http://www.aa.org/newsletters/es_ES/sp_box459_holiday09.pdf**
Título original: ***"El anonimato y el Internet"*** (Também traduzido e adaptado pelo CATI-JUNAAB para o Brasil)



No mundo atual com o ritmo acelerado da alta tecnologia, os membros de A.A. estão acessando a Internet em número cada vez maior e de forma que não poderia ter sido imaginado até dez anos atrás. O bate-papo online de membros em todo o mundo se tornou comum, e uma quantidade enorme de informações sobre o alcoolismo e AA é obtida apenas com um clique do mouse. Portanto, com a amplitude do alcance da Internet vieram desafios, preservar as Tradições de A.A. no universo online é um assunto importante para todos na Irmandade**.**

Tal como acontece com vários temas que são abordados pelo AA, o Escritório de Serviços Gerais – ESG compilou um conjunto de Orientações sobre a Internet (MG-18) (no Brasil os Guias de orientação de A.A. na Internet aprovadas pela XXXIV CSG) com base na experiência compartilhada dos membros de A.A., através de seus comitês e comissões, que cobrem muitas das questões que esta nova tecnologia nos trás. Uma dessas áreas de preocupação é a questão do anonimato online, particularmente no que se refere aos sites de redes sociais, o que levou-nos a ter um olhar mais atento para a literatura de A.A. e como as Tradições de A.A. podem ser mais bem aplicadas neste meio popular de comunicação.

"Qual é o propósito do anonimato em Alcoólicos Anônimos?" e, *"Por que é frequentemente referido simplesmente como a melhor proteção que a Irmandade tem para garantir a sua existência e crescimento?".*

Para estas perguntas a Conferência de Serviços Gerais de A.A. aprovou o panfleto, *"Entendendo o anonimato"* (EUA/Canadá), que esclarece sobre anonimato e as Tradições de A.A., trata da publicação em artigo de jornal/revistas ou sites na Internet, sobre o nome completo ou fotos de membros de A.A..

*"Se olharmos para a história da AA, desde o seu início em **1935** até agora,"*, diz o folheto, *"é claro que o anonimato serve para duas funções diferentes, mas igualmente vitais:*

Ao nível pessoal, o anonimato fornece proteção para todos os membros identificados como alcoólatras, um salvaguarda de segurança, muitas vezes de importância crucial para recém-chegados.

Ao nível da imprensa, rádio, TV, filmes e novas tecnologias de mídia como a Internet, o anonimato sublinha a igualdade na Irmandade de todos os membros, colocando um freio sobre aqueles que poderiam explorar sua filiação em AA para conseguir o reconhecimento, poder, ou ganho pessoal".

Quanto à pergunta específica, *"Sobre o anonimato online?"*, os Guias de Orientações de A.A. na Internet dizem: *"Um Web Site é um meio público, que tem o potencial de atingir o público mais amplo possível e, por conseguinte, exige as mesmas garantias que usamos ao nível da imprensa, rádio e cinema".*

No entanto, o ESG recebe numerosas comunicações de membros preocupados com quebras de anonimato online, uso inadequado do nome e direitos autorais e marcas registradas de A.A., matérias sendo indevidamente usados em sítios de redes sociais como *Facebook, MySpace, Twitter, Orkut* e outros. Estes sítios oferecem aos indivíduos a oportunidade de postar uma grande quantidade de informações pessoais (e outras), e também permitem que os usuários criem redes sociais de *"grupos"* ou *"eventos"* para pessoas com interesses afins.

Alguns membros não publicam em seus perfis nada que seja relacionado ao A.A., enquanto outros entendem que é correta a publicação, desde que não seja especificamente mencionado A.A., já outros colocam abertamente a condição de membros de A.A.

Um membro nos escreveu o seguinte: *"Digitei* 'Alcoólicos Anônimos' *num desses sítios de redes sociais e surgiu uma comunidade com mais de 6.600 membros. Entendi que parecia ser um lugar seguro para frequentar por isso achei que estava tudo bem. Então entrei para ver quem eram os membros e quando a página abriu vi o nome e o sobrenome dos membros dessa comunidade, muitos com fotos. A partir daí, dependendo das configurações de privacidade das pessoas, pude ver facilmente informações pessoais sobre essas pessoas, suas famílias e amigos"*.

"Eu fui apadrinhado sobre a importância de nossas tradições", continua dizendo o membro de A.A. *"e de manter nossa Irmandade da mesma maneira que a encontramos... Em minha opinião esta página não reflete o que é de A.A."*.

Na sua resposta a outro membro de A.A. que escreveu ao ESG expressando inquietações semelhantes, o membro do pessoal do ESG responsável pela seção de Informação Pública diz: *"Alguns membros de A.A. acham que sítios de redes sociais são um espaço privado; outros membros discordam fortemente e os entendem como um ambiente público. Os guias de Orientação de A.A. na Internet definem que os sítios de redes sociais são de* 'natureza pública'".

Quando é alertado sobre eventual quebra de anonimato a nível público – em revistas, jornais, televisão, etc., e depois de comprovar que realmente se tratava de uma quebra de anonimato, o ESG normalmente encaminha o caso para o Delegado da Área onde reside o membro para que se encarregue de resolver esse assunto da maneira que lhe pareça oportuno (o Delegado da Área geralmente envia um lembrete amigável para esse membro falando a respeito da importância da Décima Primeira Tradição).

Em relação à Internet, o método atual de abordar a quebra de anonimato de um membro em nível público *"não se aplica bem aos sítios das redes sociais"*.

Dada a popularidade alcançada pela Internet e o grande número de pessoas envolvidas. A questão do anonimato passou a ser preocupante, e procuramos na experiência compartilhada acumulada dentro da Irmandade a respeito deste meio de comunicação em rápida evolução, observar as palavras de Bill W. quando descreve o anonimato como *"o alicerce espiritual das nossas Tradições"*.

Como a maioria dos assuntos em A.A., independentemente de como a Internet e novas tecnologias possibilitem um e outro membro compartilharem, há grande benefício ha ser alcançado se tivermos um cuidado e uma avaliação prudente sobre esse assunto que causa preocupação para

muitos membros. Falar com os padrinhos em A.A. e outros companheiros a respeito de como aplicar as Tradições *"on line"*, possivelmente oferecerá aos membros que utilizam esta tecnologia uma melhor compreensão de como nos apresentar como membros de A.A. diante de qualquer pessoa – seja ou não membro de A.A., que possa *"entrar"* sem avisar nas salas dos muitos sítios das redes sociais

Conforme apresentado no panfleto *"Entendendo o Anonimato"* (EUA/Canadá), a respeito do anonimato online, a consciência coletiva de AA expressa através de Conferência (EUA/Canadá) aprovou, na sua literatura sugestão que *"os lugares de acesso público da Internet, como sites da Web com texto, gráficos, áudio e vídeo deve ser considerados como uma forma de* 'meios de comunicação pública'. *Assim, eles precisam ser tratados da mesma maneira como a imprensa, rádio, TV e filmes. Isto significa que os nomes completos e os rostos não devem ser usados, nem dados de identificação. No entanto, o nível de anonimato, nos correios eletrônicos, reuniões* on-line *e salas de* chat *serão uma decisão pessoal"*.

5.7. O anonimato e os meios de comunicação

***Box 4-5-9,* Primavera (março) 2010 (pág. 9) => http://www.aa.org/newsletters/es_ES/sp_box459_spring10.pdf**
Título original: ***"Carta de Anonimato a los medios de comunicación".***

A cada ano, desde **1949**, o Comitê de Informação ao Público da Junta de Custódios envia uma *"Carta de Anonimato"* anual aos meios de comunicação.

A singela carta agradece aos membros desses meios – repórteres de notícias, diretores de fotografia e apresentadores de rádio e de televisão, o apoio que sempre prestaram a Alcoólicos Anônimos no sentido de respeitar e proteger o anonimato dos membros de A.A. e pede que esta colaboração mantenha sua continuidade. Além disso, a carta solicita que ao apresentar os membros de A.A. utilizem apenas o nome, sem o sobrenome, e que não sejam feitas fotografias nas que possam ser reconhecidos seus rostos. Também explica que: *"O anonimato tem uma importância central para a nossa Irmandade e oferece aos nossos membros a segurança de que sua recuperação será um assunto confidencial. Com frequência, o alcoólico ativo evita qualquer fonte de ajuda que possa revelar sua identidade"*.

Neste mês de fevereiro (**2010**), foram enviadas aproximadamente 9.000 cartas aos meios de comunicação dos EUA e Canadá (incluindo os meios em español dos EUA e em francês de Québec). A carta também está na Web, no sitio do GSO.

Apesar do alcance da Carta de Anonimato e do cuidado dos membros e grupos de A.A. de todas as partes e lugares, ocorrem quebras de anonimato, algumas ocasionadas por celebridades bem-intencionadas ansiosas por *"ajudar outros alcoólicos como eu"*. O que é feito para responder a essas quebras de anonimato e às dezenas que ocorrem a cada ano? Como indicam as cartas que se recebem no Escritório de Serviços Gerais, os membros têm expressado uma constante preocupação por estas violações à Décima Primeira Tradição, *"Nossas relações com o público baseiam-se na atração em vez da promoção; cabe-nos sempre preservar o anonimato pessoal na imprensa, no rádio e em filmes"* a qual Bill W., chamou de *"a chave da sobrevivência espiritual de A.A."*

Quando ocorre uma quebra de anonimato, os membros de A.A. pedem com frequência ao ESG que envie uma carta aos responsáveis pelos meios que veicularam a notícia. Porém, desde faz bastante tempo, o consenso da Conferência de Serviços Gerais tem sido que a responsabilidade de

proteger a Tradição do Anonimato a nível público e de responder às quebras de anonimato nos meios de comunicação, cabe aos indivíduos, grupos e órgãos de serviço da Irmandade. Assim, quando ocorre uma quebra de anonimato a nível público o gabinete de Informação ao Público do ESG, envia uma carta ao delegado da Área pertinente informando sobre os detalhes e sugerindo que o delegado ou outro servidor de confiança s ponha em contato com o membro. O ESG apenas escreverá a carta se o delegado assim o solicitar.

5.8. O anonimato nas reuniões *"on line"*

***Box 4-5-9*, Fev. Mar. / 2004 (pág. 7-8) => http://www.aa.org/newsletters/es_ES/sp_box459_feb-mar04.pdf**
Título original: ***"El anonimato em las reuniones em línea"***

A internet é um lugar sedutor para os AAs. Consideramos as reuniões on-line como entidades de extensão global por estar na Web; mas, e o anonimato on-line? É bastante natural que os AAs, sentados na frente de seus computadores, tenham a impressão de estar compartilhando individual e pessoalmente em um ambiente íntimo, especialmente por não se encontrar entre uma multidão de companheiros numa grande sala de reunião. Entretanto, há que se fazer uma advertência, a experiência de A.A. sugere que: a internet é um meio de comunicação internacional e nem todos que *"escutam"* têm a mesma amplitude de conhecimento a respeito do que A.A. é e não é e por isso precisamos nos lembrar, e a nossos companheiros, que o que fazemos é levar a mensagem de A.A. e não a nossa mensagem pessoal.

A maioria dos AAs informados pelas lições da nossa história compartilha a crença de que, entre outras coisas, o anonimato tem dois importantes objetivos: a segurança e a espiritualidade. A certeza de que será respeitada sua privacidade é o que torna possível a participação franca nas reuniões de A.A.; e nos lembra, conforme a Décima Segunda Tradição, de "*colocar os princípios acima das personalidades*". Adaptar o princípio do anonimato para ser utilizado em nossas incursões na internet ainda é um trabalho em curso e muitos AAs. Recorrem ao Escritório de Serviços Gerais – ESG, para pedir orientação.

Um membro escreveu: *"É adequado que os membros utilizem seus nomes completos nos intercâmbios de mensagens?"* A resposta do ESG: *"Nossa experiência indica que a maioria dos membros utiliza seu nome completo e, de fato, quando escrevem para este Escritório – onde o anonimato é protegido, pedimos não apenas que utilizem seu nome completo, mas também a Área ou região de onde escrevem. É possível interceptar qualquer correio, eletrônico ou de tartaruga, e os que estão preocupados com esta possibilidade podem optar por não revelar sua identidade. É uma decisão pessoal"*.

No artigo de serviço muito popular chamado *"Perguntas frequentes sobre a Web site de A.A."*, o ESG diz que em seu próprio Web site (www.aa.org), que tem quase 5.000 visitantes por dia, o escritório *"observa todos os princípios e Tradições de A.A."* Enquanto ao anonimato, a experiência da Irmandade indica que *"um web site de A.A. é um médio de comunicação público que tem capacidade para alcançar a audiência mais diversa e numerosa possível e portanto, é necessário nos valer da mesma proteção que utilizamos diante da imprensa, a rádio e o cinema"*.

O Grupo on-line dos *Lamplighters* (www.aa-lamplighters.org), estabelecido em **1991**, e que agora tem quase 700 membros em mais de 30 países, adota a seguinte postura referente ao

anonimato: *"O Grupo Lamplighters (acendedores), aluga um* 'servidor de lista', *o equivalente eletrônico a um porão de igreja. Através disso controlamos a entrada às nossas reuniões e pedimos aos iniciantes apenas que nos façam uma declaração de intenção baseada na Terceira Tradição* – 'Para ser membro de A.A., o único requisito é o desejo de parar de beber'. *As pessoas que ficam navegando à toa não podem casualmente numa reunião nossa. Precisam ser* 'membros' *dos Lamplighters e ter feito a inscrição anteriormente. A inscrição, por suposto, é gratuita".*

Os Lamplighters explicam também que, *"devido à configuração eletrônica do nosso servidor de lista, o anonimato costuma estar mais bem protegido na internet do que nas reuniões regulares de A.A. A muitos de nós nos parece que o fato de ignorar a raça, a idade, as características físicas, o sotaque, a vestimenta, ou até o sexo dos companheiros torna mais fácil antepor os princípios às personalidades. É claro que continuamos pedindo aos nossos membros que respeitem o anonimato de todos seus companheiros. E os alcoólicos que por qualquer razão que seja, queiram mais segurança, podem entrar com pseudônimos para proteção adicional do seu anonimato".*

5.9. Quando abrir seu anonimato não é quebra de anonimato.

***Box 4-5-9,* Outono (Set.) 2012 (pág. 1-2) => http://www.aa.org/newsletters/es_ES/sp_box459_fall12.pdf**
Título original: "***Cuando romper tu anonimato no es ruptura de anonimato".***

Embora se tenha escrito muito a respeito do anonimato na literatura de A.A. – ver, por exemplo, o folheto aprovado pela Conferência de Serviços Gerais *"Entendendo o Anonimato"* (JUNAAB, código 216), a julgar pelos comunicados que chegam ao Escritório de Serviços Gerais por parte dos membros da Irmandade, parece que ainda há muitas dúvidas e confusão relacionadas com a *"base espiritual de todas as nossas Tradições"*. A seguir aparece um apanhado das perguntas que recebemos por telefone e por correio postal e eletrônico, e algumas respostas extraídas da literatura de A.A.

***Pergunta.* -** Temos um membro que recentemente veio de outra cidade e que usa seu sobrenome nas reuniões. Devemos dizer a esta pessoa que está violando a Tradição do Anonimato?

***Resposta.* -** Em *"A linguagem do coração"*, p. 16, Bill W. escreve: *"Deve ser o privilégio de cada membro de A.A. se abrigar com tanto anonimato pessoal quanto deseje. Seus companheiros de A.A. devem respeitar seus desejos e ajuda-lo a guardar seu anonimato no grau que lhe pareça apropriado"*. Portanto, cabe a cada indivíduo decidir até que ponto quer ser anônimo abaixo do nível público. Usar seu sobrenome numa reunião de A.A. não é *"violar"* a Tradição de A.A. De fato, o autor de um artigo publicado no número de fevereiro de **1969** da revista Grapevine, atribuiu ao Dr. Bob as seguintes palavras referentes à Decima Primeira Tradição. *"Já que nossa Tradição sobre o anonimato designa com precisão o nível em que se deve manter o anonimato, deve ser evidente a todos que conseguem ler e entender nosso idioma que manter o anonimato em qualquer outro nível é definitivamente uma violação dessa Tradição". "O AA que esconde sua identidade perante os companheiros Aas com o emprego de um nome suposto, viola a Tradição tanto quanto o AA que permite que seu nome apareça na imprensa em conexão com assuntos pertencentes a A.A.". "O primeiro esta mantendo seu anonimato* **acima** *do nível da imprensa, do radio e de filmes, o último está mantendo seu anonimato* **abaixo** *do nível da imprensa, do radio e de filmes – enquanto a*

Tradição estabelece que devemos manter nosso anonimato **no** *nível da imprensa, do radio e de filmes"*. (O Dr. Bob e os Bons Veteranos, p. 271/7/1-272).

Pergunta. - O que devo fazer se vejo uma personalidade de renome em uma reunião, como por exemplo, um ator, uma atriz ou o Delegado da Polícia local.

Resposta. - Como todos os demais, as personalidades públicas devem desfrutar da proteção do anonimato no grau que desejarem.

Pergunta. - Vi num jornal um anúncio publicado por um Grupo de A.A. que dava o endereço de onde o Grupo se reunia e outras coisas. Vocês não deveriam entrar em contato com esse Grupo por ter quebrado o anonimato a nível público?

Resposta. - Suponhamos que um alcoólico enfermo nunca tenha tido a boa sorte de conhecer um membro de A.A. Como essa pessoa nos poderia encontrar? Seria uma busca muito dura se o Grupo local acredita que também deve ser anônimo. Há que lembrar que a Decima Primeira Tradição trata do anonimato pessoal. Os alcoólicos não irão se sentir atraídos a A.A. se não sabem que existe... (As Doze Tradições Ilustradas).

Pergunta. - Não me sinto envergonhado pelo meu alcoolismo e não me parece necessário guardar segredo do fato de ser membro de A.A. Ao contrário, acredito que minha história pode ajudar outras pessoas. Acredito que deva poder usar meu nome completo no meu livro (entrevista televisada, blog, sítio na Web, etc.), ao compartilhar minha experiência em A.A. Por que isso causaria problemas a outra pessoa?

Resposta. - Revelar publicamente ser membro de A.A. em qualquer médio acessível pelo público é considerado uma violação da Tradição de Anonimato de A.A. Em um ar5tigo publicado em *"O melhor da Grapevine"*, Bill W. diz: *"Os velhos arquivos da Sede de A.A. contém dúzias de experiências de rupturas de anonimato parecidas. A maior parte delas nos ensinam as mesmas lições. Nos ensinam que nós, os alcoólicos, somos os maiores racionalizadores do mundo; que, fortalecidos pelo pretexto de fazer boas ações para A.A., quebrando nosso anonimato, podemos recomeçar nossa velha busca desastrosa pelo poder e prestígio pessoais, das honrarias e do dinheiro: os mesmos impulsos implicáveis que anteriormente, ao serem frustrados, nos fizeram beber..."*

Pergunta. - Por que dizemos que *"o anonimato é a base espiritual de todas as nossas Tradições?"*.

Resposta. - *"... Essas experiências nos ensinaram que o anonimato é a verdadeira humildade em ação. Trata-se de uma qualidade espiritual na vida de A.A. envolvendo tudo, em todo lugar, hoje em dia. Movidos pelo espirito do anonimato, tentamos deixar de lado os nossos desejos naturais de ganhar distinções pessoais como membros de A.A., tanto entre os nossos companheiros como entre o público em geral. Ao colocarmos de lado essas aspirações muito humanas, acreditamos que cada um de nós toma parte da confecção de um manto protetor que cobre toda a nossa Irmandade e sob o qual nos é dado crescer e trabalhar em conjunto"*. (Os Doze Passos e as Doze Tradições, p. 170/3/1)

5.10. Reflexões sobre o anonimato

***Box 4-5-9*, Ago. Set./1988 (pág. 1 a 3) => http://www.aa.org/newsletters/es_ES/sp_box459_aug-sept88.pdf**
Título original: ***"¿Ha pensado recientemente en el anonimato?"***

Uma recente onda de rupturas de anonimato levou à formação de um subcomitê especial do Comitê de Informação Pública dos Custódio. A este comitê foi-lhe designada uma tarefa interessante e um tanto curiosa.

Como disse um membro do novo grupo na sua primeira reunião: *"estaremos procurando um meio para lembrar aos alcoólicos de todos os lugares, algo que a maioria de nós já sabe – mas do qual raramente falamos, ou seja, que, para os alcoólicos sóbrios, a prática do anonimato deveria ser tão agradável e emocionante quanto a própria sobriedade"*

Tendo iniciado os trabalhos em abril do presente ano (**1988**), os dez homens e mulheres do subcomitê estão estudando as diversas maneiras em que se quebra o anonimato, assim como os possíveis meios através dos quais essas quebras, tanto as intencionais – se as houver, como as não intencionais – como parece ser a maioria delas, podem ser evitadas.

Além do mais, diferentemente da maior parte dos esforços acordados que no passado focavam o anonimato, esta campanha não está dirigida aos meios de comunicação nem a nenhum indivíduo ou grupo fora da Irmandade, mas, unicamente aos membros de A.A. Desta vez, a proposta a de considerar com carinho o presente brilhante do anonimato, e de solicitar a ajuda dos AAs de todos os lugares, para que perdure a proteção de sua promessa, seu prazer e seu poder.

Ao abordar o problema, alguns membros do comitê se lembraram de ocasiões em que seu próprio anonimato poderia ter sido quebrado, ou quase. Conseguiram mantê-lo porque perceberam de repente o que estavam fazendo, ou o que estavam a ponto de fazer.

Um membro, por exemplo, falou da sua associação com uma universidade onde, como alcoólico e membro de A.A., servia como membro de uma junta consultiva que tinha planejado um novo curso que iria fazer parte do programa de estudos da instituição – o estudo e o tratamento do alcoolismo.

"Depois de aprovado o curso", disse este membro do comitê, *"seria publicado um panfleto a respeito do mesmo onde iria constar meu nome como membro da junta consultiva. Uma funcionária da universidade me telefonou querendo saber quais eram minhas credenciais – por suposto, minha credencial profissional.*

Infelizmente, nessa mesma semana perdi meu posto; entretanto, para atender à funcionária, assim como à universidade, dei como subsidio minhas 'credenciais' *em A.A. – coordenador de tal comitê ou tal junta, etc., o qual nos pareceu satisfatório tanto à universidade como a mim próprio.*

Passados alguns minutos após desligar o telefone, tive a estranha sensação de que havia alguma coisa inadequada naquilo que tinha feito. De repente, 'a ficha caiu'*... Telefonei à funcionaria e lhe disse que não poderia utilizar as credenciais que lhe tinha dado, uma vez que ao fazê-lo estaria quebrando meu anonimato diante do público. Não havia inconveniente algum em que ela soubesse minha afiliação a Alcoólicos Anônimos; mas, esta afiliação não deveria aparecer num panfleto disponível ao público. Sua resposta foi:* 'sabia que me ligaria prontamente. Essas credenciais de A.A. tampouco me pareceram indicadas'".

Uma lição que pode ser extraída desta anedota é que se não temos sempre presente a ideia, o propósito e o valor do anonimato, qualquer um de nós pode, inadvertidamente, quebrar seu anonimato.

Entre outras experiências compartilhadas na sala, foi contada uma bastante curiosa que tinha a ver com um artigo a respeito das mulheres e o alcoolismo publicado na revista *Family Circle*. O Escritório de Serviços Gerais – ESG tinha pedido ao membro em questão para participar de uma

entrevista e documentar o artigo, e ela consentiu com prazer. *"De fato"*, disse, *"estava pessoalmente encantada por ter sido escolhida para essa importante tarefa*".

De acordo com a companheira, o escritor, por respeito ao seu anonimato pessoal, lhe deu outro nome e idade e mudou todas as informações pessoais, de tal maneira que, quando apareceu o artigo *"tinha outro nome – Ruth, uma idade diferente – 53 anos, e um tempo de sobriedade um pouco mais curto que o verdadeiro. Na realidade, todo o que se referia a mim tinha mudado, com exceção da minha história de desespero e libertação que foi apresentada com todo detalhe e fidelidade"*.

Agora vem o curioso desta experiência: *"Pouco tempo depois da publicação do artigo, uma mulher que já me tinha ouvido falar várias vezes, me chamou e, a pesar de todas as mudanças dos dados específicos, perguntou-me* 'é sua a história que aparece na revista *Family Circle*? *'. Ela soube quem tinha sido entrevistada.*

Passado um mês, chegou uma carta ao ESG encaminhada à minha atenção. Vinha de uma mulher canadense e na carta dizia que seu nome também era Ruth e que também tinha 53 anos e queria agradecer à tal Ruth da história publicada na Family Circle porque tinha recebido tanta inspiração que agora tinha o que descreveu como 'três belíssimas semanas de sobriedade'*"*.

Depois surgiu o poderoso significado deste breve relato: *"Obviamente, o verdadeiramente importante da minha história manifestou-se sem envolver meu ego nem meu nome pessoal. Ajudei outra pessoa e mantive meu anonimato. Entretanto, foi uma felicidade que quase estraguei porque estive planejando responder pessoalmente à mulher; recomendaram-me que não o fizesse. Recomendação acertada!"*.

"Entretanto", o membro do comitê disse concluindo *"ainda sinto uma grande satisfação toda vez que lembro que um artigo a respeito de mim própria – mas que não expunha minha identidade, atraiu atenção e teve efeitos positivos. E cada a cada vez que me lembro volto a sentir a alegria misteriosa, mas poderosa, do anonimato"*

Alguns outros membros do subcomitê tinham histórias interessantes para contar, todas relacionadas com o fato de ter revelado a outra pessoa o fato de serem alcoólicos ou membros de A.A. Um deles, seguindo a recomendação de um companheiro de A.A., advertiu seu dentista que, por ser alcoólico, não poderia tomar determinado medicamento sem correr perigo. A única resposta do dentista foi a de insistir no pagamento integral antes de continuar com o tratamento. (Fica claro que, embora tenha comunicado o aviso apropriado, este acabou sendo distorcido por quem o recebeu).

Outro membro do subcomitê relatou uma situação parecida onde houve uma resposta diferente. Seu chefe imediato na empresa em que trabalhava sabia desde o início que ele era membro de A.A. e que era tão atuante no serviço de A.A. que em determinados dias não podia fazer horas extras. Mais tarde, quando surgiu um problema alcoólico com um alto executivo da companhia, esse chefe pediu, e prontamente recebeu permissão, para dizer ao presidente que a ajuda de A.A. encontrava-se à disposição na empresa mesmo.

Depois de se entrevistar com o presidente, o chefe voltou para informar a resposta daquele alto executivo à noticia de que havia entre os funcionários um membro de A.A. Era (e o citou diretamente) *"Eu sabia que esse tipo tinha algo de especial"*.

Certamente, alguns de nós revelamos a outras pessoas que tínhamos feito algo a respeito do nosso alcoolismo sem precisar dizer palavra alguma. Simplesmente se percebe. Assim foi com um

membro do subcomitê que relatou uma comovente história que tinha começado com uma chamada feita pelo porteiro do deu edifício através do interfone do seu apartamento. O membro em questão morava no prédio desde cinco anos antes de ingressar em A.A. e agora contava cinco anos de sobriedade.

Falando pelo interfone, o porteiro disse com alguma hesitação: *"Não sei precisamente como lhe dizer, mas, parece que faz alguns anos o senhor tinha um problema que agora não tem. Espero que não se sinta ofendido se lhe perguntasse se tenho razão, e se a tenho, me permitiria que lhe perguntasse o que fez a respeito daquele problema? Temos um funcionário no prédio que tem um problema e talvez o senhor possa ajuda-lo"*.

O seguinte e feliz episódio desta história diz que, é claro, que tinha o problema obteve ajuda; e o feliz resultado, pelo menos até a data, conta como agora aquele funcionário, depois de uns quantos anos ainda está sóbrio e é um membro dedicado de A.A.

Tão significativo quanto este, é outro aspecto da história. O anonimato deste membro de A.A. não foi quebrado, nem sequer a nível pessoal, pelas suas palavras, mas, simplesmente por estar sóbrio. Foi a mudança de comportamento e da sua aparência que o *"denunciaram"*. Este é o caso de um membro que leva a mensagem *sendo* a mensagem, sem dizer uma palavra a respeito dele. Não fez nada até que lhe foi pedida ajuda.

Na medida em que continuava a discussão, outro membro do subcomitê explicou como, em algumas situações de trabalho, a quebra do anonimato pode causar problemas graves. Este alcoólico, um produtor de televisão, ofereceu-se para documentar um programa proposto a respeito do alcoolismo e a adição às drogas.

Ao apresentar quase sem demora material suficiente parta uma dúzia de episódios, o chefe da produção perguntou-lhe como se havia tornado erudito com tanta rapidez, e ele respondeu um pouco relutante, que era membro de A.A.

"Formidável!", respondeu o chefe. *"Assim, podemos focar o assunto desde dentro"*.

Embora a proposta preocupasse o membro, podia racionalizá-lo – e ao que parece, com bastante razão, pensando que as precauções que se referem à quebra do anonimato ao nível da imprensa, da rádio, da televisão e do cinema, apenas têm a ver com, por exemplo, aparecer na televisão, não trabalhar na mesma. E o seu trabalho era simplesmente redigir o roteiro, indicar os participantes convidados, etc.; ele não iria aparecer na tela.

Entretanto, conforme ia realizando sua tarefa percebeu que não podia ser objetivo enquanto à matéria. Por exemplo, não podia tolerar opiniões a respeito de A.A. e o alcoolismo que diferiam das suas e da experiência de outros membros do programa. Isto levou a argumentações acaloradas, por vezes desagradáveis, e, sem duvida improdutivos com o chefe da produção.

Para resolver o problema, foi necessário encomendar o projeto a outro produtor, uma pessoa que nunca tinha trabalhado em um programa a respeito do alcoolismo e que sabia muito pouco a respeito da doença. Entretanto, conforme lembra o membro de A.A., o novo produtor era um profissional muito competente, que aprendeu rapidamente, e o programa acabou tendo muito sucesso. *"Um exemplo de reportagem televisiva de primeira categoria que ajudou muitas pessoas"*. Ao que acrescentou, "Eu *não poderia tê-lo feito melhor"*.

Atualmente, este membro ainda é produtor, mas já não se mete na corrente principal da preparação e produção de programas a respeito do alcoolismo. Cada vez mais colegas de trabalho sabem que é membro de A.A., porém oferece suas opiniões ou sugestões apena se lhe forem pedidas.

“Já não trato de fazer reportagens objetivas a respeito de Alcoólicos Anônimos. Consegui perceber com clareza que não há maneira de ser objetivo quando se trata de algo que salvou a minha vida”.

É possível que os membros do subcomitê, pelo fato de haverem tido experiências no anonimato muito diferentes umas das outras, tenham uma ampla variedade de opiniões sobre como se dirigir à Irmandade com referencia a esse assunto. Entretanto, um ponto que o subcomitê esta de acordo por unanimidade é que a nível de Grupo – o nível mais importante dentro de A.A., parece que se dedica pouco tempo e pouca discussão ao anonimato e à sua importância tanto para o programa como para os membros individuais. Assim, o plano inicial do subcomitê será o de procurar e colocar em pratica algumas formas de provocar *“um pequeno renascimento do entusiasmo”* a respeito do anonimato, e baseados nisso ampliar os esforços.

Para começar, o subcomitê espera poder recolher uma pequena *“biblioteca”* de histórias, contadas por membros, que tratem das suas experiências de anonimato: as quebras que por pouco não aconteceram; as não intencionais tanto a nível pessoal como ao nível público, e as consequências destas revelações. Espera-se também obter histórias daqueles que descobriram os benefícios do anonimato, a verdadeira alegria que vem de passar a mensagem de uma maneira serena e discreta, e a grande satisfação que sempre segue ao ato de dar sem esperar nada em troca, nem sequer o reconhecimento.

Tem alguma história para contar a respeito do anonimato? Uma experiência pessoal a esse respeito que queira compartilhar? Escreva a: *Subcommittee on Anonymity, Box 459, Grand Central Station, New York, NY 10163*. Os membros do comitê aguardam suas noticias. Precisamos da sua ajuda. E parece que o anonimato também.

6. Apadrinhamento / Décimo Segundo Passo

6.1. Apadrinhamento: Outra forma de dizer A.A.

***Box 4-5-9*, Fev. Mar./ 2002 (pág. 8-9)=> http://www.aa.org/newsletters/es_ES/sp_box459_feb-mar02.pdf**

Título original: “***El apadrinamiento es outra forma de decir A.A.”***

O apadrinhamento tem muitos aspectos, muitas formas, cada uma delas única em suas nuances de identificação, esperança e ajuda. Porém, ao se olhar de perto pode se ver que cada uma é parte integrante da recuperação em A.A.; e para cada alcoólico que se mantém sóbrio, a essência do apadrinhamento costuma ser a união inseparável de *“meu programa/eu”*.

Desde seu começo, o apadrinhamento tem sido descrito de diversas maneiras, como um indulto espiritual, uma colaboração do Quinto Passo, um trabalho do Décimo Segundo Passo e uma benção dos céus. É tão antigo quanto a relação que tinham os cofundadores Bill W. e o Dr. Bob para se manter sóbrios quando se conheceram em Akron, Ohio, em **1935**; é tão novo quanto a relação que está sendo forjada, neste mesmo momento, entre um veterano, ou um Grupo inteiro, e um recém chegado doente e desconcertado.

Descrevendo sua relação com o Dr. Bob nos primeiros dias, Bill disse certa vez: *“O Dr. Bob não me necessitava para sua instrução espiritual... o que sim necessitava quando nos vimos pela primeira vez era a deflação profunda e a compreensão que somente um bêbado pode dar a outro. O que eu necessitava era da humildade do esquecimento de mim mesmo e o sentimento de parentesco com outro ser humano da minha própria índole”*.

Nos primeiros dias em Akron, o apadrinhamento costumava começar com a hospitalização do doente alcoólico e sua rendição, esta última, muitas vezes conduzida pela amiga de A.A. não alcoólica, Irmã Inácia, a qual em tom áspero instava seus pacientes a dobrar os joelhos em vez dos cotovelos. Em outras ocasiões, começou na cozinha do Dr. Bob com sua receita caseira de tomates, chucrute e xarope de milho *(Karo)* que se misturava numa panela grande e se deixava cozinhar a fogo lento. *"Ao tomá-lo, os homens quase vomitavam"* disse Ernie G., um membro pioneiro. *"Finalmente, o Dr. Bob retirou o chucrute e durante muitos anos continuou com os tomates e o xarope de milho"*.

Hoje em dia, essa desagradável beberagem agridoce foi substituída por batidas de leite, mel e caldo concentrado, e o punhado de *"candidatos"* se converteu em mais de dois milhões no mundo todo. Porém, não mudou em nada o fato simples de que a melhor forma de manter nossa sobriedade é ajudar o alcoólico que ainda sofre a alcançá-la. O falecido Custódio Webb J., do Oeste do Canadá, levou este conceito ainda mais longe. Falando na Conferência de Serviços Gerais de **1991**, disse: *"Você tem que presenteá-la para mantê-la, mas, não pode dar o que não tem"*. Percebeu isso quando, recém-saído de uma instituição de tratamento, tentou apadrinhar alguém e acabou de volta à garrafa.

Sem dúvida, o apadrinhamento, o estar ali sem julgar durante todos os Doze Passos do caminho para ajudar outro alcoólico sem buscar em troca a gratificação do ego, nem sempre é fácil. Além do mais, *"os membros de A.A. diferem em seu entusiasmo pelo apadrinhamento, na sua capacidade de fazê-lo e no tanto de tempo que podem lhe dedicar. Os membros que desejem e possam apadrinhar a vários iniciantes ao mesmo tempo não devem ser dissuadidos. O apadrinhamento é, em certo sentido, um privilégio que deve ser compartilhado por tantos membros quanto seja possível e é uma atividade que ajuda todos os membros a fortalecer sua sobriedade"*.

Guy F., antigo Delegado de Maine, nos oferece outra perspectiva sobre o apadrinhamento. Falando diante da Conferência de Serviços Gerais a respeito do lema da mesma, *"O apadrinhamento, a gratidão em ação"*, disse: *"A forma de corresponder a essa gente que me deu a ajuda e a esperança de que eu precisava é seguir passando adiante, continuar participando no serviço e expressar minha gratidão. Para mim, isto é apadrinhamento"*. Depois contou uma história que havia muitos anos tinha sido relatada a ele por uma mulher nativa norte-americana, que explicava alegoricamente, ele acreditava, os conceitos do apadrinhamento: *"Antigamente diziam que uma águia – uma ave muito especial que representa a liberdade e a coragem, que remontava ao céu até onde não podia ser vista, levava suas orações ao Criador. Quando novamente podia ser vista, trazia consigo a resposta. Se você ferir a Águia, cairá no chão e ficará com a boca para cima. Faz isso para se proteger. Mesmo se você trata de ajudá-la, irá resistir. Não percebe que você quer ajudá-la, e tem medo"*.

Guy explicou: *"Essa história me faz pensar no bêbado tombado na rua com a boca virada para baixo. Se você trata de levantá-lo, ele resistirá, não porque seja ruim, mas porque tem medo e não percebe que você somente quer ajudar. No caso da águia, você pode embrulhá-la com a sua camisa e dar-lhe algum medicamento para a ferida, o Criador irá curá-la e novamente poderá voar livre como o vento. Porem, para ajudar o homem caído na rua, pode se valer da sua própria experiência. Se está trilhando o caminho dos Doze Passos na sua vida, você pode conduzir este homem a uma nova vida. O homem chegará a ser livre como uma águia, livre para amar e para ser quem o Criador tenha disposto que seja"*.

Na mesma Conferência, aos 91 Delegados dos EUA e Canadá, lhes foi feita esta pergunta: *"Quantos de vocês chegaram ao serviço de A.A. com a ajuda de um padrinho?"*. Todos os Delegados levantaram a mão. Como é explicado no folheto "*Perguntas e respostas sobre o apadrinhamento"*, seja um alcoólico ajudando outro alcoólico na sua recuperação pessoal ou chegar a prestar serviço no Grupo, *"o apadrinhamento em A.A. é basicamente o mesmo. Os dois tipos de serviço brotam dos aspectos espirituais do programa"*. Um padrinho de serviço, diz o folheto, poderá familiarizá-lo com as Doze Tradições, os Três Legados – Unidade, Recuperação e Serviço, e os Conceitos; pode esclarecer o princípio da rotatividade e ajudar os membros novos a perceber que o serviço é o nosso produto mais importante depois da sobriedade. De posse deste conhecimento, podemos compartilhar esta visão com outros e assegurar o futuro de Alcoólicos Anônimos.

6.2. Apadrinhamento: Como éramos

***Box 4-5-9*, Abr. Mai. 2003 (pág. 3 a 5)=> http://www.aa.org/newsletters/es_ES/sp_box459_april-may03.pdf**

Título original: "***El apadrinamiento – como éramos***
"

"Assista às reuniões e consiga um padrinho". Duas enérgicas sugestões que são dadas a quase todos AAs em sua primeira reunião. Tanto para o recém chegado com a clássica tremedeira quanto para o veterano bem experiente, o apadrinhamento tem sido um fator crucial da sobriedade sólida, e este ano (**2003**), o lema da Conferência de Serviços Gerais *"Vivendo os princípios de A.A. através do apadrinhamento*", oferece à Irmandade em sua totalidade uma oportunidade de examinar a eficácia do apadrinhamento nos dias de hoje. Os membros da Conferência irão considerar detidamente o quão aplicados temos sido em cumprir nossa responsabilidade de apadrinhamento, e se perguntarão se talvez está desaparecendo; também irão falar de possíveis formas de fornecer informação aos médicos e a outros profissionais.

Nossa experiência nos revela a evolução do apadrinhamento que passou de um sistema por vezes rígido de doutrinamento para este arranjo pouco formal e individual que hoje conhecemos. As raízes do apadrinhamento são mais antigas que a própria Irmandade de A.A. Em novembro de **1934**, Ebby T., velho companheiro de Bill W., veio visitá-lo. Ebby estava sóbrio pela primeira vez em muito tempo, que Bill pudesse lembrar; e estava muito desejoso de falar a respeito de sua nova maneira de viver. Em um artigo comemorativo publicado na edição de junho de 1966 da revista Grapevine, Bill escreveu: *"Como é do conhecimento da maioria de vocês, Ebby, me falou da libertação do desespero que havia conseguido no Grupo de Oxford como resultado do autoexame, a reparação, a doação aos outros e a oração. Em poucas palavras, estava-me propondo as atitudes e princípios que mais tarde seriam usados para formular os Doze Passos para a recuperação em A.A."* Bill demorou algum tempo para alcançar a sobriedade, e a Ebby lhe resultou difícil manter a sobriedade por períodos de tempo mais longos, porém, para Bill essa foi a primeira experiência do poder do intercâmbio entre um alcoólico e outro e ao longo de toda sua vida Bill continuou a chamar Ebby de *"meu amigo e padrinho"*.

O surpreendente poder do compartilhamento pessoal sempre tem sido a força motriz, o coração mesmo, da vida e do desenvolvimento de A.A. No fim da primavera de **1939**, Bill W., longe do seu lar e sua família, sentindo-se desesperadamente desejoso de manter sua recém encontrada sobriedade, se dispôs a procurar outro bêbado e acabou por levar a mensagem ao cofundador, o Dr. Bob S. Seu encontro marcou o começo real da Irmandade de A.A. e juntos, estes dois homens

encontraram-se com outros bêbados e lhes levaram a mensagem de esperança. Nossos membros fundadores de Akron e Nova York se puseram imediatamente em ação fazendo o trabalho do Décimo Segundo Passo, levando a mensagem a alcoólicos nos hospitais e onde queira que estivessem, assegurando que eles também praticassem os passos que a incipiente Irmandade estava formulando como programa de recuperação.

Este pequeno grupo de ex-bêbados de Akron, e depois de Nova York, se manteve unido por absoluta necessidade e enviaram membros sóbrios para fazer visitas a possíveis membros e acompanhar seu progresso. Nos primeiros dias, os bêbados com frequência se hospedavam nas casas dos membros sóbrios até alcançar um mínimo de estabilidade. Porém, passados alguns anos, e depois de várias experiências desagradáveis, perceberam que muito poucos *"hospedes"* alcançavam a sobriedade, e da possibilidade de que não lhes estiveram fazendo favor algum.

No livro *O Dr. Bob e os bons Veteranos* é descrito o crescimento lento de A.A. em Akron justamente no período que se seguiu ao retorno de Bill a Nova York. *"Em fevereiro de **1937** voltamos a calcular o número de membros e tinham ingressado mais sete subindo o total para 12. Também havia algumas dezenas que tinha que tinham algum conhecimento do programa. Durante esse período, o Dr. Bob e os membros pioneiros elaboraram juntamente com os mais novos um procedimento que foi muito rígido no começo, porém com o passar dos meses e dos anos foi-se tornando mais flexível e aberto"*.

Primeiro, iam falar com a esposa, e lhe perguntavam se o seu marido realmente queria parar de beber. Então, o Dr. Bob ia pessoalmente falar com o homem e lhe assegurava que, se realmente levava o assunto a sério, eles poderiam lhe ajudar. Clarence S., um dos pioneiros, disse que, *"em Akron e Cleveland você não podia simplesmente chegar e se apresentar numa reunião tal como hoje é feito. Você precisava ser apresentado por um companheiro. A esposa chamava primeiro e eu ia falar com ela. Contava-lhe minha história. Eu precisava saber alguma coisa a respeito do possível novo membro. Então eu saberia como abordá-lo. Talvez lhe cria-se uma armadilha. Assim teria no que me apoiar"*.

Warren C. disse que, *"não sabíamos nada de atração. Começávamos falando sua esposa, ou talvez procurávamos seu chefe, e quando íamos falar com homem já tínhamos um bom conhecimento dele"*. Depois dessa entrevista preliminar, o possível membro era internado em um hospital para se desintoxicar. Quando o iniciante estava suficientemente restabelecido, todos os membros que moravam na cidade iam visitá-lo diariamente, três ou quatro no começo e 20 ou mais alguns anos mais tarde. Se o iniciante concordava em se juntar a eles, tinha que admitir que era impotente perante o álcool e entregar sua vontade a Deus na presença de um ou mais membros.

O apadrinhamento pessoal e individual, tal como o conhecemos hoje, parece ter-se originado no Grupo de Cleveland. Em outubro de **1939**, foi publicada no Cleveland Plain Dealer uma série de artigos a respeito de A.A. que marcou o começo de uma nova época para Alcoólicos Anônimos, a época da fabricação em série da sobriedade. Bill W., escreveu em *A.A. atinge a maioridade, "a central de atendimento do jornal foi inundada por chamadas que eram remetidas ao pequeno Grupo de Cleveland. Semana após semana, os companheiros saiam correndo apreensivos a fazer visitas do Décimo Segundo Passo aos cada vez mais numerosos candidatos. Logo ficou claro que seria necessário elaborar um sistema de apadrinhamento pessoal para os novos. Um membro mais antigo era designado para visitar o mais novo na sua casa ou no hospital, explicar-lhe os princípios de A.A. e acompanhá-lo à sua primeira reunião. Porém, ao ver-se rodeados de tantos pedidos de ajuda,*

percebiam que não havia suficientes veteranos para satisfazer a demanda. Recém chegados que tinham um mês ou apenas uma semana sóbrios tinham que apadrinhar alcoólicos que ainda estavam se desintoxicando nos hospitais".

Quando o primeiro Grupo chegou a ter bastantes membros, iniciou-se outro Grupo e logo se estabeleceu o terceiro Grupo. Felizmente o Big Book tinha saído da gráfica já havia seis meses e também havia disponíveis alguns folhetos, com o qual foi evitado que aquela situação frenética levasse à confusão e a anarquia.

Os pioneiros de Akron e Nova York tinham graves dúvidas. Como seguir em frente? Ninguém sabia. Porém, um ano depois ficaram sabendo; tendo chegado a 30 Grupos e várias centenas de membros, os pioneiros de Cleveland tinham demonstrado três coisas essenciais: a importância do apadrinhamento pessoal, a importância do Big Book para informar os iniciantes e o maravilhoso feito de que, uma vez que as boas-novas se difundissem suficientemente, A.A. seguramente poderia crescer até chegar a ser muito grande.

Na medida em que A.A. ia se desenvolvendo, muitos Grupos começaram a elaborar programas para ensinar os recém-chegados e a meados da década de **1940**, os editores da nova revista nacional de A.A., a Grapevine, pediram aos seus leitores que compartilhassem a experiência de seus Grupos em seus projetos para apadrinhar os iniciantes. No número de junho de **1945** foram descritas quatro reuniões educativas, às quintas-feiras à noite, realizadas pelo Wilson Club, um dos Grupos de St. Louis. A primeira reunião foi dedicada à história de Bill, bêbado e sóbrio, e o desenvolvimento de A.A. até chegar a St. Louis. Durante um intervalo de 15 minutos era pedido a cada participante para escrever algumas palavras explicando o que ele considerava ser alcoólico. Depois disso, um médico explicava os aspectos clínicos do problema.

Na segunda reunião era tratado o aspecto espiritual e os Doze Passos, e para concluir, era lido um discurso do jesuíta padre Dowling, que foi quem iniciou os Grupos em St. Louis. Na reunião da terceira semana se falava do restante dos capítulos do Big Book e havia uma palestra proferida por um pastor protestante. Na última reunião era feito um breve repasse da literatura de A.A. e se explicava o funcionamento do Wilson Club.

Para ser considerado um membro ativo e com pleno direito do Wilson Club, era necessário assistir essas quatro reuniões educativas. Depois de feito, o candidato recebia um cartão de ingresso na cor branca que o identificava como membro. Ao completar um ano de sobriedade, o membro recebia um cartão dourado.

Na edição de setembro desse mesmo ano, a Grapevine publicou correspondência do Grupo Genesee de Rochester onde comunicava que também havia desenvolvido um programa educativo que, à semelhança do Wilson Club, também constava de quatro partes, porém, antes de assistir à primeira reunião no Grupo, os principiantes, ou novatos como eram chamados, deveriam passar por uma entrevista em forma de sabatina ou teste conduzido pelos padrinhos. Conforme a experiência relatada por aquele Grupo, a integração de pessoas indiscriminadamente no Grupo, sem a suficiente informação e um treinamento preliminar poderia provocar grandes dificuldades e causar dano na moral do Grupo. Em sua opinião, o novato tinha que aceitar o programa sem reservas antes de se tornar membro: *"Cada iniciante progride até este ponto no seu próprio ritmo, conforme sua capacidade mental, seu desejo de aprender e a honestidade de seu autoexame. O Grupo aceita como palavra final o veredicto do seu padrinho a respeito de quando o novato está pronto para ingressar, e o próprio padrinho o conduz à primeira reunião"*.

Na edição de julho de **1945**, a Grapevine publicou uma lista com 19 características do bom apadrinhamento elaborada pelo Grupo de Minneapolis. Feito um resumo de algumas sugestões – que poderiam muito bem ter sido retiradas do atual folheto *"Perguntas e respostas sobre apadrinhamento"*, as relacionadas nos números de 15 a 18 oferecem uma lição a respeito do caráter do alcoólico:

"15-. Quando um bêbado recorre a outro padrinho para lhe contar histórias de perseguição, se este padrinho não consulta o primeiro, o assunto se converte numa questão de personalidades, e o segundo padrinho acabará por perceber que foi enganado pelo reincidente.

16-. Não dê atenção às fofocas dos reincidentes.

17-. O segundo padrinho deverá conversar com o primeiro para se informar do acontecido e evitar que aquilo volte a se repetir com ele.

18-. Se um membro novo começa a apresentar desculpar pela sua ausência nas aulas e nas reuniões, depois de um breve período de tempo, o padrinho devera lhe reforçar a importância do comparecimento. Se a situação permanecer, o novato criou uma condição na qual o padrinho não pode fazer nada. Melhor deixá-lo. A semente foi plantada; o padrinho deverá procurar outra atividade. Mais cedo ou mais tarde chegará o dia em que o novato volte porque 'deseja' *A.A."*

Em números posteriores da Grapevine, foram mostradas as experiências dos Grupos de St. Paul e Chicago, onde era reforçada a necessidade de reuniões educativas para os novos membros. Os Grupos de St. Paul tinham um programa de três reuniões começando com os três primeiros Passos, depois falavam do inventário e reparações e finalizavam com os aspectos espirituais do programa.

Em Chicago foi criado um sistema de Grupos de bairro iniciado por dois veteranos que tiveram a ideia de conversar informalmente com seus afilhados e convidá-los a visitar suas casas para falar a respeito de qualquer problema que pudessem ter. A experiência teve sucesso e a cidade foi dividida em dez áreas; em cada uma delas formou-se um grupo de discussão que se reunia regularmente às quintas feiras à noite.

Num desses artigos da Grapevine descreve a experiência das reuniões de terça feira à noite no Chicago Loop: *"Conforme o tempo passava, o crescente número de participantes parecia justificar a criação de uma reunião especial de instrução. A primeira foi realizada num canto do grande salão de reuniões: um veterano voluntário reuniu os novatos para lhes falar e responder suas perguntas. Este modelo improvisado foi tão bem sucedido que, a partir de então, foi criada uma reunião nesse formato que precedia à reunião principal"*.

O artigo que mais atenção atraiu nessa série publicada pela Grapevine apareceu em setembro de **1947** com o título *"O modelo de Little Rock está dirigido aos possíveis membros"* e descreve um sistema muito rigoroso e formal.

Acredita-se que o *"Modelo Little Rock"* foi o primeiro (*) desse tipo no país. Simplesmente seguindo conscienciosamente esse modelo foram atraídas centenas de pessoas para A.A. Não era fácil ser membro daquele Grupo. Quando alguém manifestava o desejo de alcançar a sobriedade e se lhe designava um padrinho, tinha que deixar seu posto de trabalho por um período mínimo de duas semanas. Normalmente, o candidato era obrigado a passar esse tempo nas salas de reunião, estudando, preparando a história de suas experiências e cumprindo as tarefas impostas pelo padrinho.

Se, depois de duas semanas o padrinho estivesse satisfeito com o aproveitamento de seu afilhado, o apresentava ao comitê executivo do Grupo e fazia a solicitação de ingresso como novo

membro. Se aceito, o padrinho o acompanhava à próxima reunião onde lhe eram dadas as boas vindas e recebia uma copia do *"Programa de acolhimento"* e dos Doze Passos.

Porém, isso não bastava. Não era dito simplesmente "Agora siga seu caminho e que Deus o abençoe". Recebia um pequeno diário onde, durante 28 dias, deveria escrever suas impressões diárias sempre finalizando com *"Hoje não bebi"* e sua assinatura.

No final desse período entregava o diário ao Comitê, recebia de novo as boas vindas e somente então era considerado efetivamente como membro. Depois, sob a orientação de um veterano, lhe eram destinadas tarefas concretas e recebia incentivo para trabalhar com novos candidatos.

Dois meses depois da publicação deste artigo, a redação da Grapevine começou a receber cartas indignadas: *"Isto parece um plano da polícia e do departamento de liberdade condicional. Há apenas um único modelo em A.A., e ele se encontra no libro (Livro Azul). Sem organização. Sem regras"*, escreveu A. M. desde Los Angeles. Desde Detroit, H. E. T. disse iradamente, *"Por Deus! O que tem em Little Rock? Um campo de concentração? De onde lhes vem a autoridade para deixar alguém fora do Grupo? Imaginem! Alardear obstáculos para se juntar a A.A.!"* e, E. B. T. de Boston, protestou: *"Dá a impressão de que Little Rock se orgulha de ser rígido e, obviamente, no artigo publicado, parecem ter mais orgulho das poucas recaídas do que ajudar àqueles que peçam a ajuda de A.A. Isto pode ser algum tipo de grupo; mas não parece um Grupo de A.A."*

O modelo de Little Rock pode parecer excessivamente extremado para a grande maioria dos membros de A.A., porém, sempre houve tantos tipos de apadrinhamento quantos padrinhos e iniciantes tem havido. Alguns membros puderam superar os dias difíceis do começo da sobriedade somente porque seus padrinhos lhes impunham uma disciplina estrita – "meu padrinho nunca me fez sugestões", ouve-se de alguns atualmente. Outros somente conseguiram prosperar com um grau de tutela mais suave de padrinhos sempre disponíveis, porém, que deixavam que seus afilhados se conduzissem à sua maneira. Na sua essência, como tantas outras coisas em A.A., o apadrinhamento, frequentemente, é eficaz apesar dos participantes. Como escreveu um colaborador anônimo na página de discussão de grupo da Grapevine, em maio de **1948**: *"A.A. oferece a possibilidade de dar a Deus a oportunidade"*.

(*) **N.T.:** Alguns historiadores registram que *o primeiro trabalho escrito sobre apadrinhamento foi o panfleto "**Apadrinhamento em A.A. suas Obrigações e Responsabilidades".** Foi escrito por Clarence H. Snyder em **1944** e impresso pelo Comitê Central de Cleveland. Veja-o a seguir.*

6.3. Apadrinhamento em A.A.: Suas obrigações e suas responsabilidades

***Importante:** O material a seguir é uma tradução feita pelo **Dr. Lais Marques da Silva**, ex-Presidente da Junta de Custódios, do panfleto que foi o primeiro trabalho escrito sobre apadrinhamento e o seu título original era "**Apadrinhamento em A.A. suas Obrigações e Responsabilidades".** Foi escrito por Clarence H. Snyder (*), em **1944** e impresso pelo Comitê Central de Cleveland. Este transcritor apenas adaptou o formato ao conjunto.*

(*) Clarence H. Snyder, **(1902-1984),** ficou sóbrio em Cleveland-Ohio, no dia 11 de fevereiro de **1938** com a ajuda do seu padrinho, cofundador, o Dr. Bob. Em 18 de maio de **1939**, fundou o grupo nº. 3 de A.A. em Cleveland-Ohio e este foi o primeiro grupo a usar o nome *"Alcoólicos Anônimos"*.

Faleceu na Flórida, em 22 de março de **1984**, com 46 anos de sobriedade.

Sua história, *"A Casa do Mestre Cervejeiro"* está publicada nas 1ª, 2ª. e 3ª. edições do Big Book, nas páginas 297/303

Fonte: http://silkworth.net

Prefácio

Cada membro de A.A. é um padrinho em potencial de um novo membro e deveria reconhecer claramente as obrigações e deveres de tal responsabilidade.

A aceitação da oportunidade de levar o plano de A.A. para aquele que sofre no alcoolismo compreende responsabilidades muito reais e criticamente importantes. Cada membro, ao praticar o apadrinhamento de um alcoólico, deve lembrar que está oferecendo o que é, frequentemente, a última chance de reabilitação, de sanidade, ou mesmo, de vida.

Felicidade, saúde, segurança, sanidade e vida de seres humanos são as coisas que temos que manter em equilíbrio quando apadrinhamos um alcoólico.

Nenhum membro é suficientemente sábio para desenvolver um programa de apadrinhamento que possa ser aplicado, com sucesso, a todos os casos. Nas páginas seguintes, no entanto, delineamos um procedimento que é sugerido e que, suplementado pela própria experiência do membro, tem-se mostrado bem sucedido.

Ganhos pessoais de ser um padrinho

Ninguém colhe todos os benefícios de qualquer irmandade a que esteja ligado a menos que, de coração, se engaje nas suas importantes atividades. A expansão de Alcoólicos Anônimos para campos mais largos e o benefício maior para um número crescente de pessoas resulta diretamente do acréscimo de uma nova pessoa, de membros ou associados que são de valor.

Qualquer membro de A.A. que não tenha experimentado as alegrias e satisfações de ajudar outro alcoólico a retomar o seu lugar na vida, ainda não terá percebido completamente os benefícios que pode auferir desta irmandade. Por outro lado, deve ficar claramente guardado na mente que a única razão possível para levar um alcoólico para o A.A. é o benefício daquela pessoa. O apadrinhamento nunca deve ser feito para:

1) aumentar o tamanho do grupo;
2) satisfação ou glória pessoal ou, ainda,
3) porque o padrinho sente, como sendo do seu dever, refazer o mundo.

Até que um membro de A.A. tenha assumido a responsabilidade de colocar um trêmulo e impotente ser humano de volta no caminho para se tornar um membro saudável, útil e feliz da sociedade, ele não terá desfrutado a completa sensação de ser um membro de A.A.

Fonte de nomes - indicações para apadrinhamento

A maior parte das pessoas tem, entre os seus próprios amigos e relações, alguém que se beneficiaria dos nossos ensinamentos. Outros têm seus nomes dados por igrejas, por doutores, empregadores ou por algum outro membro que não pode fazer um contato direto.

Por causa da ampla gama de atividades do A.A., os nomes frequentemente chegam de lugares não usuais e inesperados. Esses casos deveriam ser contatados assim que todos os dados como: estado civil, relações domésticas, estado financeiro, hábitos de beber, emprego, e outras informações facilmente acessíveis, estivessem em mãos.

É o cliente potencial um candidato?

Muito tempo e esforço poderiam ser poupados ao se conhecer, tão cedo quanto possível, se:

1) A pessoa realmente tem um problema com a bebida?
2) Sabe que tem um problema?
3) Deseja fazer alguma coisa acerca do seu beber?
4) Deseja ajuda?

Às vezes, as respostas a essas questões não podem ser obtidas até que o candidato potencial tenha tido alguma informação sobre o A.A. e de ter uma oportunidade de pensar. Frequentemente são dados nomes, que depois de uma verificação, mostram que o candidato potencial não é, de forma nenhuma, um alcoólico ou ainda que está satisfeito com o atual modo de viver. Não deveríamos hesitar em descartar esses nomes das nossas listas. Devemos estar certos, no entanto, de fazer com que o potencial candidato saiba onde pode nos alcançar em qualquer data futura.

Quem deveria se tornar membro?

O A.A. é uma irmandade de homens e mulheres ligados pela sua inabilidade de usar o álcool em qualquer forma razoável com proveito ou prazer. Obviamente, qualquer novo membro introduzido poderia ser do mesmo tipo de pessoa, sofrendo da mesma doença.

A maior parte das pessoas pode beber razoavelmente, mas estamos somente interessados naquelas que não podem. Bebedores de festas, bebedores sociais, festeiros e outros que continuam a ter mais prazer do que dor no seu beber, não são de interesse para nós.

Em alguns casos, um indivíduo pode acreditar que é um bebedor social quando ele definitivamente é um alcoólico. Em muitos desses casos, mais tempo deve passar antes que a pessoa esteja pronta para aceitar o nosso programa. Pressionar tal pessoa antes que esteja pronta pode arruinar as suas chances de, em algum momento, se tornar um membro de A.A., com sucesso. Não se deve excluir a possibilidade de uma ajuda futura ao se pressionar demais no início.

Algumas pessoas, embora definitivamente alcoólicas, não têm desejo ou ambicionam melhorar o seu modo de viver e, até que elas o façam, A.A. não tem nada a oferecer.

A experiência tem mostrado que idade, inteligência, educação, situação ou a quantidade de bebida alcoólica ingerida tem pouco, se tem, a ver com o fato de uma pessoa ser ou não um alcoólico.

Apresentando o projeto

Em muitos casos, a condição física de uma pessoa é tal que deveria ser hospitalizada, se possível. Muitos membros de A.A. acreditam que a hospitalização, com tempo suficiente para planejar o futuro, livre das preocupações domésticas e das preocupações com negócios oferece uma vantagem significativa. Em muitos casos, o período de hospitalização marca o início de uma nova vida. Outros membros são igualmente confiantes no fato de que qualquer pessoa que deseje aprender sobre o projeto de vida de A.A. pode fazer isso em seu próprio lar ou enquanto engajado nas ocupações normais. Milhares de casos são tratados de cada modo, que tem-se mostrado satisfatórios.

Passos sugeridos

Os seguintes parágrafos delineiam um procedimento sugerido para apresentar o projeto de A.A. ao possível candidato, em casa ou no hospital.

1) Qualificar-se como um alcoólico

Ao atender a um novo possível candidato, tem-se mostrado melhor que o padrinho se qualifique como sendo uma pessoa normal que tem encontrado felicidade, contentamento e paz por meio do A.A.. Deve tornar claro, imediatamente, que você é uma pessoa engajada nas coisas da vida, em ganhar a vida. Fale que a única razão para acreditar que é capaz de ajudá-lo é que você mesmo é um alcoólico que tem tido experiências e problemas que podem ser semelhantes ao dele.

2) Relate a sua história

Muitos membros têm achado desejável iniciar imediatamente com a sua história pessoal com a bebida como um meio de obter a confiança e cordial cooperação do possível candidato. É importante relatar a história da sua própria vida de bebedor e fazê-lo de um modo que irá descrever um alcoólico, mais do que falar de uma série de situações humorísticas de bêbados em festas. Isso capacitará a pessoa a ter uma visão clara de um alcoólico e deveria ajudá-lo a decidir definitivamente se é um alcoólico.

3) Inspire confiança no A.A.

Em muitos casos, o possível candidato irá tentar vários meios de controlar o seu beber, incluindo atividades de recreio, igreja, mudança de residência, mudança de associações e várias outras atitudes visando o controle. Esses meios irão, naturalmente, se mostrar sem sucesso. Focalize a sua série de esforços malsucedidos para controlar o beber... Os resultados infrutíferos e ainda o fato de que você se tornou capaz de parar de beber com a prática dos princípios de A.A.. Isso encorajará o futuro candidato para olhar com confiança a sobriedade em A.A., a despeito dos muitos fracassos anteriores que tenha tido com outros planejamentos.

4) Fale de vantagens adicionais

Fale francamente ao possível candidato que ele não poderá entender rapidamente todos os benefícios que estarão chegando por meio do A.A.. Relate a felicidade, a paz de espírito, saúde e, em muitos casos, os benefícios materiais que são possíveis através do entendimento e da aplicação do modo de viver de A.A..

5) Fale da importância de ler o livro

Explique a necessidade de ler e de reler o livro de A.A.. Destaque que esse livro dá uma descrição detalhada das ferramentas do A.A. e dos métodos de aplicação dessas ferramentas para construir um fundamento de reabilitação para viver. Esse é um bom momento para enfatizar a importância dos doze passos e dos quatro absolutos.

6) Qualidades necessárias para o sucesso em A.A.

Faça saber ao possível candidato que os objetivos de A.A. são prover os meios e modos para um alcoólico voltar ao seu lugar normal na vida. Desejo, paciência, fé, estudo e aplicação são o mais importante em determinar cada planejamento individual de ação para ganhar inteiramente os benefícios de A.A..

7) Reintroduza a fé

Desde que a crença em um Poder Superior a nós mesmos é o coração do projeto de A.A. e de que o fato de que essa ideia é frequentemente difícil para uma nova pessoa, o padrinho deveria tentar introduzir o início de um entendimento acerca dessa importante característica. Frequentemente, isso pode ser feito por um padrinho ao relatar a sua própria dificuldade de captar um entendimento espiritual e falar sobre os métodos que usou para superar suas dificuldades.

8) Ouça a sua história

Enquanto falando ao recém chegado, ganhe o tempo para ouvir e estudar as suas reações a fim de que você possa apresentar a sua informação de um modo mais efetivo. Deixe-o falar também. Lembre ... vá com calma.

9) Leve a diversas reuniões

9-Para dar ao novo membro um quadro amplo e completo do A.A., o padrinho deveria levá-lo a várias reuniões a conveniente distância da sua casa. Assistir diversas reuniões dá ao novato a oportunidade de selecionar um grupo em que se sinta mais feliz e confortável e é extremamente importante para deixar que o possível candidato tome a sua própria decisão em relação a que grupo irá se juntar. Acentue que ele será sempre bem-vindo a qualquer reunião e que pode mudar de grupo se assim desejar.

10) Explique o A.A. à família do possível candidato

Um padrinho bem sucedido aceita o esforço e faz qualquer empenho necessário para ficar certo de que as pessoas próximas e com interesse maior no seu doente (mãe, pai, esposa, etc.,) sejam inteiramente informadas acerca do A.A., seus princípios e seus objetivos. O padrinho cuida para que essas pessoas sejam convidadas para reuniões e as mantém informadas, a todo o momento, da situação corrente do possível candidato.

11) Ajude o possível candidato a se antecipar às experiências a serem vividas em um hospital.

Um possível candidato irá ter mais benefício de um período de internação se o padrinho descrever a experiência e ajudá-lo a se antecipar a elas, preparando o caminho daqueles membros que irão chamá-lo.

12) Consulte os membros antigos de A.A.

Essas sugestões para o apadrinhamento de uma nova pessoa nos ensinamentos de A.A. não são completas. Elas pretendem somente dar uma moldura e um guia geral. Cada caso individual é diferente e deveria ser tratado como tal. Informação adicional para o apadrinhamento de uma nova pessoa pode ser obtida a partir da experiência de um companheiro mais experiente nesse tipo de serviço. Um co-padrinho, com experiência, trabalhando com um novo companheiro no apadrinhamento de um possível futuro membro tem-se mostrado satisfatório. Antes de assumir a responsabilidade de apadrinhamento, um membro deveria estar certo de que é capaz de realizar a tarefa e de estar disposto a dar seu tempo, esforço e meditação que uma tal obrigação implica. Pode acontecer que ele queira selecionar um co-padrinho para compartilhar a responsabilidade ou pode sentir necessário solicitar a outro companheiro que assuma a responsabilidade pela pessoa que ele tenha localizado.

13) Se você vai ser um padrinho, seja um bom padrinho.

6.4. Apadrinhamento: Uma via de mão dupla

***Box 4-5-9*, Abr. Mai. 1998 (pág. 1-2)=> http://www.aa.org/newsletters/es_ES/sp_box459_april-may98.pdf**
Título original: "***El apadrinamiento es uma calle de doble dirección"***

O programa de recuperação de A.A. é espiritual, mas a ação dos bêbados – um sóbrio e outro enfermo apoiando-se um no outro é o que o fundamenta, conforme o que logo descobriram nossos cofundadores. Alguns anos mais tarde, ao considerar sua relação com o Dr. Bob, Bill W. comentou: *"O Dr. Bob não precisava de mim para sua instrução espiritual... O que precisava quando nos encontramos pela primeira vez era a profunda deflação do ego e a compreensão que somente um bêbado pode oferecer a outro. O que eu precisava era da humildade para esquecer de mim mesmo e do sentimento de parentesco com outro ser humano da minha própria índole"*.

Nos primeiros dias, em Akron, Ohio, o apadrinhamento costumava começar com a hospitalização e a admissão da derrota do alcoólico, esta última, induzida algumas vezes pela Irmã Inácia, que animava seus pacientes a dobrar os joelhos ao invés de dobrar os cotovelos. Outras vezes começava na cozinha do Dr. Bob com sua receita caseira: tomates, chucrute e xarope de milho (Karo), tudo misturado e colocado a ferver no fogo lento. *"Os homens quase tinham náuseas ao tomar aquela coisa"* lembrava mais tarde o pioneiro Ernie G. *"Finalmente o Dr. Bob retirou o chucrute, mas continuo durante muitos anos com tomates e xarope de milho"*.

Atualmente aquela beberagem foi substituída por batidos de leite, mel e consomê (uma espécie de sopa com textura bem aquosa), e aquele punhado de *"possíveis candidatos"* converteu-se em mais de dois milhões de membros no mundo todo. Mas a verdade simples de que para manter nossa sobriedade é entrega-la a outro alcoólico que ainda sofre, essa não mudou. No seu discurso inaugural sobre o tema *"Apadrinhamento: Gratidão em ação"*, na Conferência de Serviços Gerais de **1991**, o falecido Custódio alcoólico Webb J., do Oeste do Canadá disse a esse respeito: *"Você deve dá-lo para mantê-lo, mas não pode dar o que não tem"*. Ele percebeu isso quando recém-saído de uma instituição de tratamento, tentou apadrinhar alguém e acabou *"de volta à garrafa"*.

Quinze meses depois, disse Webb, *"voltei para A.A. e fiquei. Entrei em serviço na segunda reunião, quando o pessoal me escolheu para receber as pessoas na porta de entrada. Fazia todas as tarefas domesticas do Grupo, tais como arrumar as cadeiras, fazer café, limpar os cinzeiros – tudo menos limpar o piso. Tínhamos um companheiro que antes havia sido gangster e se alguém ousava tocar na bassoura ele o olhava de tal jeito que fazia pensar em sapatos de concreto... Depois de um tempo, encontrei alguém que aceitou ser meu padrinho, com a condição de que ficasse um ano na cidade enquanto consertava os problemas que tinha criado, que me juntara a um Grupo, que praticasse os Passos e as Tradições e que participasse das atividades do Grupo. Fiz tudo isso e, como consequência, disfrutei de uma carreira de serviço muito variada, emocionante e interessante e, provavelmente, salvadora. Como é dito no nosso Terceiro Legado: '*A.A. é algo mais que um conjunto de princípios; é uma sociedade de alcoólicos em ação. Temos que levar a mensagem, pois se não o fizermos, nós mesmos podemos murchar e aqueles a quem não lhes foi levada a verdade podem perecer'*"*.

Na mesma Conferência, a então Delegada do Sul de Indiana Dorothy M., disse, *"Quando um principiante estende sua mão pedindo ajuda, quero que a mão de um membro disposto a ser padrinho esteja ali mesmo"*. Ela ressaltou que *"nossos vínculos não vem de ter um desastre em comum, mas de ter uma solução em comum"*.

A experiência demonstra que desde a ajuda própria até o serviço, os membros de A.A. dos EUA e Canadá voltaram a se comprometer com o apadrinhamento. Nas cartas recebidas no Escritório de Serviços Gerais – ESG, formulam-se variadas perguntas (muitas têm sua resposta no folheto *"Perguntas e Respostas sobre Apadrinhamento"*, Junaab, cód. 211, R$ 4,70).

A seguir aparecem algumas dessas perguntas resumidas e as respostas que ofereceram os membros do pessoal do ESG:

Pergunta: *Bill W. teve um padrinho?*

Resposta: Sim. De fato Bill escreveu em várias ocasiões a respeito da profunda influência que teve em sua vida seu amigo de infância e companheiro de bebedeiras Ebby T. *"E ali estava sentado meu padrinho Ebby, o qual foi o primeiro a me trazer as palavras que me tiraram do poço do alcoolismo"*, escreveu Bill em *"A.A. Atinge a Maioridade"*. Bill sempre se referiu a Ebby como seu padrinho, embora houvesse tido muitas recaídas. Ao longo dos anos, Bill tratou de transmitir a mensagem ao seu amigo, da mesma maneira que Ebby a tinha passado a ele.

Pergunta: *Enquanto estava hospitalizado depois de três meses de sobriedade, sofri uma infecção muito grave na garganta e o médico me receitou um medicamento para a dor. Meu padrinho disse-me que deveria mudar a data da minha sobriedade para o dia em que deixei de tomar o medicamento. Vocês concordam?*

Resposta: Alguns membros dizem que não confiam em seus próprios procedimentos para chegar a tomar decisões e dependem totalmente de seus padrinhos. É possível que ainda me reste algum vestígio do bebedor típico de bar, mas posso compartilhar com você que não dependo do meu padrinho para obter conselhos a respeito de assuntos legais ou de médicos. Como é dito no folheto *"O membro de A.A. os medicamentos e outras drogas"* (Junaab, código 214, R$ 4,20), a experiência demonstra que é melhor que *"nenhum membro de A.A. faça o papel de médico";* nem tampouco meu padrinho iria gostar que eu o coloca-se nessa situação. Meu padrinho não me deu a data da minha sobriedade e, pelo que eu sei, tampouco pode tirá-la.

Pergunta: *Há uma maneira* "correta" *para que o padrinho possa conduzir alguém no programa?*

Resposta: A experiência de A.A. demonstra que o apadrinhamento é algo muito pessoal. Tanto o padrinho como o afilhado tem bastante margem ao escolher a pessoa que vai ser seu padrinho e como irão utilizar essa relação... Eu pessoalmente não acredito numa relação de apadrinhamento parecida com cuidar de um bebê. Acredito que a minha tarefa é introduzir a pessoa no programa de recuperação de A.A., ajuda-la a trabalhar os Passos até o ponto em que esteja disposta a fazê-lo, e tratar de introduzi-la a um poder superior tal como ela o conceba. Depois, acredito que seja importante que eu vá *"saindo do trabalho"*, por assim dizer, e estimular o afilhado a depender de seu poder superior mais que de mim. Há outros que têm uma opinião totalmente diferente; mas para mim, isso não representa nenhum problema.

Pergunta: *Meu padrinho e eu tivemos um desentendimento, e agora tenho o sentimento de não poder participar do mesmo Grupo. O que devo fazer?*

Resposta: Os problemas que envolvem personalidades costumam ser os mais difíceis de resolver, mas ao praticar os princípios de A.A. em todas as nossa atividades e antepor esses princípios às personalidade, podemos chegar a superá-los até certo ponto. Esperamos que considere a possibilidade de ir a outras reuniões e conseguir outro padrinho. Em A.A. costuma-se dizer que ter um padrinho no começo não quer dizer que nos tenhamos casado com essa pessoa. Às vezes a

relação não funciona e procuramos outra pessoa. O que é importante é ter um padrinho com mais tempo de sobriedade que o seu, alguém com quem você se sinta bem para compartilhar com sinceridade e honestidade e que possa ajuda-lo a praticar os Passos e as Tradições.

Pergunta: *Dei o Primeiro Passo e admiti que sou impotente perante o álcool. O que devo fazer agora? O que devo procurar num padrinho?*

Resposta: Bom, sempre pode dar o Segundo Passo. A respeito de segunda pergunta, quando cheguei em A.A. me foi sugerido que procura-se alguém que, (a) tivesse mais de dois anos de sobriedade, (b) fosse mulher, como eu, e (c) desse a impressão de disfrutar a sobriedade**.** Dessa maneira encontrei uma madrinha, e sempre serei muito agradecida a essa mulher maravilhosa que foi minha primeira verdadeira amiga em A.A. e ao longo dos anos continuou sendo uma amiga muito querida.

Pergunta: *Estou sóbrio há dois anos e pela primeira vez comecei a apadrinhar alguém. Poderiam me dar algumas sugestões?*

Resposta: Talvez o mais importante do apadrinhamento é o poder dar sem esperar nada em troca. Como disse Bill W. num artigo da revista Grapevine em janeiro de **1958**: *"Observe qualquer AA com seis meses de sobriedade enquanto trabalha com um caso novo de Décimo Segundo Passo. Se o candidato lhe diz,* 'vá para o diabo'*, apenas sorri e vai trabalhar com outro. Não se frustra nem se sente rejeitado. E se o próximo caso responde com amor e atenção para com outros alcoólicos sem dar atenção a ele, o padrinho, entretanto, dá-se por satisfeito e se alegra porque seu antigo candidato está sóbrio e feliz... Mas, também percebe claramente que sua felicidade é um subproduto – um dividendo resultante de dar sem esperar nada em troca".*

6.5. Buscamos os principiantes onde eles estão?

***Box 4-5-9*, Fev. Mar 1983 (pág. 1-2) => http://www.aa.org/newsletters/es_ES/sp_box459_feb-mar83.pdf**
Título original: **"*¿Encontramos a Los Principiantes* 'Dónde Ellos Están'*?*".**

As necessidades que tem o alcoólico recém recuperado que vem de um presidio, de um hospital ou de uma instituição de tratamento, são as mesmas que tem um principiante *"comum"* ? Se é assim, de que maneira?

No Fórum Regional do Oeste do Canadá, em Winnipeg, Manitoba, Phil C., Delegado de Manitoba, falando desta questão fundamental, disse: *"Acredito que necessitam a mesma paciência, amor, compreensão, exemplo e informação que qualquer outro participante"*. Entretanto, fez notar: *"É possível que alguns tenham passado tanto tempo numa instituição que agora não possam pensar por si mesmos e devemos ajuda-los a* 'dar os primeiros passos' *da mesma maneira que faríamos com uma criança.*

Na maioria dos casos, o alcoólico recém-saído de uma instituição toma remédios – Antabuse ***(*)*** *ou outro medicamento, e possivelmente esteja em um programa de terapia para doentes não internos. É possível que a paciência e a compreensão do padrinho sejam postas a prova até o limite.*

Ouvi alguns veteranos teimosos dizer 'não falarei com você enquanto estiver tomando Antabuse'. *Ou tratam de agir como psiquiatra, psicólogo ou feiticeiro; ou os três"*.

Em consequência disso, disse Phil, os principiantes continuam duvidando entre seguir os conselheiros, com quem estabeleceram uma linha de comunicação e que lhes haviam recomendado A.A., e os AAs que lhes dizem: *"Esqueça tudo que lhe disseram; nós temos a resposta correta"*.

A sugestão de Phil: *"Devemos mostrar tolerância, cooperar com os conselheiros e não trabalhar em sentido contrário. Mais tarde, quando os principiantes tenham começado a assimilar o programa de A.A., haverá tempo de sobra para sugerir discretamente que A.A. pode oferecer-lhes soluções para outros problemas, não apenas os do seu alcoolismo, mas também os problemas normais da vida cotidiana e para sugerir que é possível que aqueles problemas desapareçam na medida em que progride a sobriedade e eles aplicam os princípios de A.A."*.

Webb J., Delegado da Columbia Britânica, Yukon, destacou também a necessidade de tolerância e de apadrinhamento sensível. *"Fiz parte do Comitê da Conferencia de Centros de Tratamento durante os dois últimos anos, e percebi quantos alcoólicos que não bebem são enviados a nós com um programa abreviado. É imperioso que nossos Grupos recebam estas pessoas com um pouco de tolerância, enquanto lhes mostramos, através do nosso exemplo, que cinco Passos em 28 dias não é tudo"*. Recomendou que fossem fornecidas às instituições e centros listas de padrinhos dispostos a servir para ajudar os principiantes a encontrar Grupos-base; e que os Comitês locais organizem reuniões de A.A. nas instituições quando seja possível.

Ken T., Delegado de Alberta, falou de levar a mensagem aos alcoólicos presos; observou que há mais de 1.100 Grupos de A.A. nos EUA/Canadá (em **1983**).

Disse ao auditório que a maioria das vezes, os AAs são bem vindos nas instituições correcionais. Mas advertiu que *"estas instituições tem que zelar pela segurança, e temos que respeitar isto se formos trabalhar numa instituição - e não ir pode implicar em que alguém não receba a mensagem. Então, fiquei sabendo que sempre irá haver coisas que a direção faz com as quais não concordo; isso não é assunto meu. Estou ali unicamente para levar a mensagem ao alcoólico sob custódia"*.

Enquanto aos problemas particulares dos presídios para mulheres, Ken observou que alguns membros *"tratam de identificar-se usando palavras pitorescas ou o jargão da rua. Não temos que nos transformar em outros. As mulheres querem conhecer nossa experiência – como fizemos a viagem de volta e como elas podem fazê-lo também. Iram-nos amar por quem somos, não pelo que fizemos ne porque já cumprimos uma pena na prisão"*.

Um aspecto fundamental do trabalho nos presídios, disse Ken, é entrar em contato com os presos a primeira noite que saem da prisão e leva-los a uma reunião. Indicou outros meios pelos quais membros de A.A. podem ajudar os apenados: podem recolher exemplares da Grapevine (Vivência, no Brasil), para distribuição nos Grupos institucionais; formar parte dos comitês institucionais; escrever aos presos, através do Serviço de Correspondência com Instituições do ESG; escrever artigos para a Vivência ou boletins locais a respeito do trabalho de A.A. em centros de custódia.

(*) N.T.: ***Antabuse*** => (*anti-abuso* em inglês). Nome comercial de uma droga a base de enxofre (em latim *súlfur*) cujo princípio ativo é o *dissulfiran* e é usada como inibidora do uso de bebidas alcoólicas (no Brasil também é conhecida como "Tira-álcool"). A droga, em forma de pó, pode

ser adicionada à comida ou a líquidos não alcoólicos e provoca o acúmulo de *acetaldeído*, um produto extremamente tóxico.

Seus efeitos, se ingerido álcool, são extrema vasodilatação e consequente queda de pressão arterial, taquicardia e cefaleia, além de um gosto horrível de enxofre *(sulfiran-like).* O paciente rejeita o álcool por associação aos efeitos relatados.

6.6. Como fazer uma visita de Décimo Segundo Passo à moda antiga

***Box 4-5-9*, Oct. Nov. / 1998 (Pág. 6) => http://www.aa.org/newsletters/es_ES/sp_box459_oct-nov98.pdf**

Título original: "***Cómo hacer una visita de Paso Doce a la antigua usanza".***

Uma vez que na atualidade (**1998**), muitos centros de tratamento estão fechando as portas, cada vez mais membros de A.A. estão à procura de guias sobre como fazer uma visita de Décimo Segundo Passo à moda antiga.

O Comitê de Literatura da Conferência de **1998** considerou a possibilidade de publicar um folheto sobre as visitas do Décimo Segundo Passo que a Área 23 de Kansas tinha preparado e estava utilizando. Embora os membros deste Comitê fossem da opinião de que seria bom utilizar este material a nível local reforçaram a importância do Quinto Capítulo do Livro Grande e de buscar orientação através do apadrinhamento, a experiência dos veteranos e as mesas de trabalho.

Uma mesa de trabalho deste tipo foi organizada na primavera passada pelo Plantão Telefônico do Intergrupo da área de Elmira, Nova York. O Segundo Seminário do Décimo Segundo Passo da Área tinha um programa baseado no material do ESG, titulado "Formato sugerido para uma Mesa de Trabalho". Da experiência do Seminário saíram algumas sugestões para os Guias. Uma vez que foram de grande utilidade, o Comitê deseja compartilhá-las com o ESG na expectativa de que possam ser úteis para outros:

1) ***Devolver as chamadas tão logo seja possível.*** Chame unicamente para ouvir, compartilhar e fixar hora e lugar para se encontrar – não em um bar. Se o chamam de um bar, vá até lá apenas para recolher a pessoa e, no melhor dos casos, leva-la a uma reunião.
2) ***Se possível, faça as visitas de Decimo Segundo Passo acompanhado de um membro do mesmo sexo.*** As visitas do Decimo Segundo Passo podem ser pesadas e é mais seguro quando se tem companhia. Além do mais, quatro olhos vêm mais que dois Seja pontual e mantenha a boa aparência.
3) ***Façam a visita de Decimo Segundo Passo quando a pessoa estiver sóbria ou quase.*** As visitas a alcoólicos embriagados raramente são bem sucedidas, devido às lacunas mentais. Aguarde até a bebedeira passar ou que tenha um intervalo de lucidez, mas que ainda esteja tremendo.
4) ***Se possível, ao fazer uma visita na residência separar o alcoólico da família (sugerir Al-Anon para os membros da família).*** Ter muitas pessoas se intrometendo pode influenciar

com sua opinião a respeito do "tipo mau" e pode criar confusões. Aprender com membros mais experientes a melhor maneira de se relacionar com a família ou as pessoas próximas que estejam presentes e aprender quando é mais prudente ir embora do que ficar.

5) ***Se achar necessário sugerir desintoxicação/reabilitação.*** Se lhes parecer mais adequado, entendam-se com a família ou seus próximos, com a permissão do interessado se possível, para negociar uma internação. Se parece que a situação vai criar um clima de violência, é melhor ir embora.
6) ***Contem-lhe como eram (sua própria história).*** Não moralizem nem façam sermões; não qualifiquem a pessoa em questão como alcoólico. Esta decisão cabe unicamente à pessoa, assim como a de retirar as bebidas da casa. Contem detalhadamente seus próprios sintomas, costumes de beber e outras experiências pessoais com o álcool.
7) ***Digam-lhe o que conhecem da doença do alcoolismo.*** Digam à pessoa que esta é uma doença progressiva que pode levar à loucura ou à morte prematura. Descrevam as condições do corpo, da mente e do espírito que acompanham o alcoolismo.
8) ***Contem-lhe exatamente o que lhes aconteceu.*** A pessoa provavelmente irá querer saber quanto tempo tem em A.A., como conseguiram e continuam mantendo a sobriedade.
9) ***Falem de sua experiência em A.A.*** Expliquem-lhe como A.A. tem dado bons resultados para vocês, e lhes ajudou a recuperar a cordura e manter a sobriedade; como foram conduzidos a se dispor a aceitar um poder superior a si próprio. Utilizem linguagem simples e evitem a indução a preconceitos respeito a termos e conceitos religiosos.
10) ***Contem-lhe como é agora – seu programa de recuperação e sua espiritualidade.*** Façam um resumo do programa de ação de A.A. e ressaltem que isto não o final triste (não beber preferentemente), mas o começo de uma nova vida gratificante baseada em princípios espirituais.
11) ***Deixem uma lista de horários de reuniões, folhetos de A.A. e seu número de telefone; voltem a fazer outra visita e voltem a chamar por telefone.*** Ofereçam-se para voltar e responder outras perguntas e para facilitar o transporte às reuniões. Mencionem as reuniões de Al-Anon aos familiares e outros achegados.
12) ***Tenha presente que o sucesso está em que todos nós nos mantemos sóbrios.*** A experiência prática demonstra que não há nada que assegure a imunidade à bebida como o trabalho do Decimo Segundo Passo intensivo com outros alcoólicos.

6.7. Levar a mensagem, ou, a arte do Décimo Segundo Passo.

***Box 4-5-9*, Inverno (dezembro) 2009 (pág. 6-7) => http://www.aa.org/newsletters/es_ES/sp_box459_holiday09.pdf**
Título original: ***"'Llevar el mensaje: el arte del trabajo de Paso Doce".***

O trabalho do Décimo Segundo Passo é uma arte que nunca sai da moda. Alguns métodos mudaram ao longo dos anos – telefones celulares, correio eletrônico, sítios na Web no lugar de cabines telefônicas, máquinas de escrever, anúncios nos jornais, etc., mas, levar a mensagem ao alcoólico que ainda sofre continua a ser o serviço básico de Alcoólicos Anônimos.

Tal como descrito no Livro Azul, no capítulo *"Trabalhando com os outros", "A experiência prática demonstra que nada garantirá tanta imunidade contra o álcool quanto o trabalho intensivo com outros alcoólicos. Quando outras atividades não resolvem, isso funciona. ...Observar as pessoas se recuperarem, vê-las ajudando outras, observar a solidão desaparecer, ver crescer ao se redor uma Irmandade, ter inúmeros amigos – esta é uma experiência que você não pode perder. ...O contato frequente com os recém-chegados e com nossos companheiros è a parte luminosa de nossas vidas"*.

O ponto básico de Alcoólicos Anônimos sempre foi a comunicação salvadora entre um alcoólico e outro. Como Bill W. descreveu: *"Já desde o começo, a comunicação em A.A. não foi uma mera transmissão de ideias e atitudes úteis. Foi uma comunicação extraordinária e por vezes singular. Dada a afinidade proporcionada por nosso sofrimento comum, e devido a que os meios, também comuns, de nossa liberação somente proporcionam resultados quando os compartilhamos constantemente com outros, nossas vias de comunicação sempre se orientam pela linguagem do coração"*.

Partindo de uma perspectiva histórica, esta transmissão de esperança de um alcoólico a outro, a miúdo descrita nos primeiros escritos de A.A. como *"uma reação em cadeia"*, teve seu começo quando Bill W. havia estado tratando seu alcoolismo com o Dr. Silkworth e recebeu a visita de Ebby T., um velho amigo e companheiro de copo. Ebby tinha encontrado uma maneira de alcançar a sobriedade com a ajuda do Grupo de Oxford, e um dia chegou na porta da casa de Bill para lhe transmitir sua mensagem de esperança. Sofrendo com a ressaca e mergulhado na angústia da sua própria doença, por alguma razão Bill se dispôs a ouvir o que Ebby tinha a lhe dizer.

*"Em novembro de **1934**, recebi a visita de Ebby, um velho amigo meu, alcoólico e futuro padrinho. Por que lhe era possível se comunicar comigo numa área que nem sequer o Dr. Silkworth ousava tocar? Em primeiro lugar, eu já sabia que sua condição, assim como a minha, era a de um bêbado irrecuperável. Numa data anterior, nesse mesmo ano, eu fui informado que ele também tinha sido candidato a uma internação num manicômio. Entretanto, ele estava ali, na minha frente, livre e sóbrio. A sua faculdade de comunicação era tão impressionante que, em poucos minutos pôde-me convencer de sua sinceridade ao dizer que se tinha libertado da obsessão pela bebida. Sinalizava uma coisa muito diferente de um mero percurso suando frio na caravana da abstinência. Foi assim que me apresentou uma espécie de comunicação e de evidência que nem sequer o Dr. Silkworth me pôde oferecer. A questão era que um alcoólico estava falando com outro. Nisso estava a verdadeira esperança*".

Ebby contou detalhadamente a Bill a sua história e suas experiências como bebedor nos últimos anos estabelecendo, assim, um poderoso vínculo de identificação. Depois explicou os passos que tinha dado para alcançar a sobriedade que naquele momento desfrutava.

"Nenhuma das ideias de Ebby era realmente nova. Eu já tinha ouvido falar de todas elas. Porém, da maneira como me foram repassadas através daquela poderosa linha de transmissão, deixavam de ser o que, em outras circunstâncias, eu iria considerar como simples máximas tradicionais para se comportar como um bom freguês. Eu as estava vendo como verdades vivas que poderiam me libertar, tal como fizeram com ele. Ebby pôde-me tocar no mais profundo".

Entretanto, e apesar de seu grande impacto, a visita de Ebby não proporcionou a Bill o ímpeto ou a capacidade para parar de beber e recorreu de novo aos cuidados do Dr. Silkworth. Durante esta última internação Bill teve a experiência espiritual que tornou possível alcançar a sobriedade.

Nas palavras de Bill, “com esta revelação veio a visão de uma possível reação em cadeia, de um alcoólico que falara com outro e este com outro e assim nua série sem fim. Estava convencido de que podia dar aos meus companheiros alcoólicos o que Ebby tinha dado a mim”.

Durante os meses seguintes Bill tratou de passar a mensagem. Porém, ninguém tinha conseguido a sobriedade e esta experiência lhe deixou uma maravilhosa lição: “*Por muito verdadeiras que fossem as palavras da minha mensagem, não podia existir nenhuma comunicação mais profunda se o que eu dizia ou fazia ia tingido de soberba, arrogância, intolerância, ressentimento, imprudência e o desejo de reconhecimento pessoal, mesmo tendo pouca consciência dessas atitudes. Sem me dar conta, tinha caído muito pesadamente nesses erros. Minha experiência espiritual havia sido tão súbita, tão resplandecente e tão poderosa que eu me achava destinado a curar quase todos os bêbados do mundo. Isto era soberba. Continuava a martelar sobre o tema de o meu despertar místico e os meus candidatos sentiam-se repelidos sem exceção. Isto era imprudência. Comecei a insistir que todo bêbado deveria experimentar uma “euforia luminosa” parecida com a minha. Fiz pouco caso do fato de que Deus se manifesta aos homens de muitas e variadas maneiras. De fato, tinha começado a dizer aos meus candidatos* ‘você tem que ser como eu, acreditar como eu acredito e fazer como eu faço’. *Isto era o tipo de arrogância inconsciente que nenhum bêbado consegue suportar”*.

Finalmente, aconselhado pelo Dr. Silkworth, Bill mudou o foco e começou a incluir os dados médicos que caracterizam a doença como a obsessão, a alergia e a compulsão que leva o alcoólico a continuar bebendo.

Algum tempo depois, ao se encontrar na cabine telefônica do Hotel Mayflower, em Akron, Ohio, Bill disse: “*Pela primeira vez desde a minha experiência no hospital, me senti tentado a tomar um trago. Nesse momento, de início, dei-me conta da necessidade que tinha de estar com outros alcoólicos para me preservar e ajudar a manter a dádiva original da sobriedade. Já não se tratava somente de ajudar outros alcoólicos. Se esperava manter minha própria sobriedade, tinha que encontrar outro alcoólico com quem trabalhar. Assim, quando o Dr. Bob e eu nos encontramos sentados cara a cara, nem sequer pensei em fazer o que costumava a fazer no passado. Eu disse,* ‘Bob, estou-lhe falando porque você me faz tanta falta quanto eu possa fazer a você. Estou-me vendo no perigo de cair num grande abismo’”.

Daquela reunião, a reação em cadeia que passou de Ebby e Bill ao Dr. Bob, em Akron, alcançou inúmeros bêbados no mundo todo. Bill disse a respeito da comunicação vital: “*Uma das primeiras ideias que compartilhamos o Dr. Bob e eu, foi que a verdadeira comunicação deverá estar baseada na necessidade mútua. Nunca deveríamos falar a ninguém com tom condescendente, muito menos a um companheiro alcoólico. Nos demos conta de que o padrinho deveria reconhecer humildemente suas próprias necessidades com tanta clareza quanto as do seu afilhado. Nisso estava a base do Décimo Segundo Passo para a recuperação, o Passo em que levamos a mensagem”*.

Não faz muito tempo, o boletim da Intergrupal de St. Paul, Minnesota, publicou um artigo com o título “*Sugestões para fazer as visitas do Décimo Segundo Passo”*, no qual se dizia que “*Ao receber uma chamada de Décimo Segundo Passo, partimos da ideia de que, literalmente, a vida de outro ser humano está em jogo. Isso significa que é preciso responder de imediato a essa chamada”*. Outras sugestões eram oferecidas: Ao fazer uma visita de Décimo Segundo Passo, ir acompanhados de outro membro. Manter o anonimato. Felicitar o possível membro por pretender fazer algo a

respeito de seu problema com a bebida. Oferecer alguma literatura de A.A. Contar como você era, o que aconteceu e como você é agora.

Ao fazer a comunicação com um possível membro seja pessoalmente, por telefone ou através da Internet, a arte de fazer o trabalho do Décimo Segundo Passo segue sendo a mesma. Como é dito na Quinta tradição: *"A habilidade única de cada membro de A.A. para se identificar com o iniciante e conduzi-lo à recuperação, não depende de forma alguma de seu grau de instrução, eloquência ou qualquer outra capacitação específica. A única coisa que importa é o fato de ser um alcoólico que encontrou a chave da sobriedade"*.

6.8. O apadrinhamento no ingresso em A.A. evita que os principiantes saiam pelas rachaduras

***Box 4-5-9*, Out. Nov. 1989 (pág. 7-8) => http://www.aa.org/newsletters/es_ES/sp_box459_oct-nov89.pdf**
Título original: ***"Apadrinamiento temprano evita que los principiantes se pierdan* 'entre las rendijas'".**

Muitos reingressantes nas instituições de tratamento contam porque não conseguiram manter a sobriedade em A.A. a primeira vez que tentaram. Suas experiências indicam que um dos fatores decisivos nas primeiras etapas da recuperação é o de estabelecer uma conexão sólida com os padrinhos na sua primeira reunião de A.A. ou, ainda melhor, antes. De fato, os conselheiros experientes disseram que as maiores desistências ocorrem durante as primeiras 72 horas depois de sair da instituição.

È isso que nos informa Bert J., um membro que está há 30 anos em A.A. e trabalha como conselheiro no Brunswick House, de Amityville, Nova York. Num artigo titulado *"Through the Cracks"* – ***Através das Rachaduras,*** estuda varias razões pelas que alguns egressos não chegam em A.A. ou, mesmo chegando não conseguem manter-se sóbrios. *"Está claro que muitíssimos nunca voltam. Continuam bebendo e morrem como alcoólicos ativos. Acredito que algumas destas tragédias poderiam ser evitadas se os AAs e os conselheiros alcançassem uma melhor compreensão a respeito do que podem fazer para ajudar"*.

Nas suas conversas com os reingressantes nas instituições de tratamento, Bert descobriu uma coisa que todas as histórias tinham em comum: a falta de apadrinhamento no início. Um indivíduo disse: *"Encontrei a sala de reunião e entrei, mas ninguém falou comigo. Fiquei até o encerramento e fui embora. Tudo que tinha ouvido de como os AAs ajudavam os principiantes pareceu-me fumaça de lenha verde. Voltei para a minha casa muito irritado, mas voltei outra vez à reunião e obtive o mesmo resultado. Passadas duas semanas estava bêbado"*. Outra pessoa comentou: *"Encontrei a igreja, subi até a entrada principal, mas a igreja estava escura e a porta estava fechada com chave. Rendi-me e comprei uma garrafa"*.

Em contraposição, os AAs que se mantiveram sóbrios depois do tratamento, contam histórias muito diferentes. Alguns tinham sido bem orientados a respeito de A.a. antes da sua primeira reunião pelos conselheiros das instituições de tratamento ou pelos AAs que visitavam a instituição. Na sua primeira reunião, padrinhos temporários se propuseram a acompanha-los nos primeiros tempos. Outros chegaram a Grupos que tinham membros encarregados de identificar e dar as boas-vindas aos recém-chegados. Foram apresentados aos veteranos iniciando-os assim no programa de A.A., além de lhes indicar contatos temporários.

Bert comenta que desde faz já muito tempo, a Junta de Serviços Gerais de A.A. percebeu a importância do apadrinhamento para facilitar a transição das instituições de tratamento e correcionais, e fez recomendações detalhadas aos Escritórios Centrais do mundo todo a respeito da criação de um Programa de Contatos Temporários. Entretanto, ainda há um grande vazio para preencher.

"As atitudes dos AAs e dos conselheiros bem intencionados representam o fator principal no processo de recuperação e, às vezes suas atitudes podem contribuir mais para o problema que para a sua solução. Por exemplo: 'Ele não estava pronto'... 'Se querem a minha ajuda, apenas têm que me pedir'... 'Pode levar a mensagem, mas não pode levar o alcoólico'. *É possível que estas avaliações, em alguns casos, sejam acertadas; mas o que importa aqui é que o primeiro contato seja bom. Neste ponto, colocar a culpa no alcoólico seria contraproducente",* concluiu Bert.

As visitas que fazia aos Grupos onde aas pessoas não o conheciam, permitiram a Bert *"penetrar ainda mais no problema. Diferente das partes pouco povoadas do país, onde assisti reuniões pequenas de A.A., as áreas metropolitanas e suas periferias, com frequência tem reuniões grandes. Assim, é difícil identificar os recém-chegados, principalmente se passaram por um período de internação numa instituição de tratamento sem beber".*

Oito das dez reuniões que Bert assistiu *"não tinham nenhum sistema para identificar os recém-chegados. Apenas um Grupo tinha servidores encarregados de dar as boas-vindas. Quando perguntei como identificavam os principiantes, de modo geral respondiam:* 'Uma pessoa que tem tantos anos em A.A. como eu, sempre pode identificar alguém recém-saído de uma bebedeira'. *E quando fiz a pergunta:* 'E as pessoas que vem de uma instituição de reabilitação ou desintoxicação?' *A resposta mais comum foi, mais ou menos:* 'Bom, eles já percebem que devem fazer sua própria apresentação'*".*

Depois de discutir este assunto tanto com AAs experientes como com os profissionais empregados em instituições de tratamento que também são membros de A.A., Bert conseguiu formular algumas sugestões práticas sobre o Decimo Segundo Passo que os Grupos poderão aproveitar ao levar a mensagem:

1. Afixar um cartaz de A.A. na entrada do local ou da sala de reunião.
2. Adotar um Programa de Apadrinhamento por Contatos Temporários recomendado pela Junta de Serviços Gerais. As diretrizes estão disponíveis no Escritório de Serviços Gerais – ESG.
3. Disponibilizar servidores do Grupo próximos à entrada da sala de reunião para das as boas-vindas a todos que não reconheçam.
4. Realizar regularmente *"reuniões de apadrinhamento"* com a finalidade de ressaltar a importância do apadrinhamento e de incentivar os membros a se oferecerem como padrinhos voluntários.
5. Indicar padrinhos temporários a todos os principiantes até que possam escolher seus padrinhos permanentes.
6. Destacar a mensagem: *¨Quando qualquer um, seja onde for, estender a mão pedindo ajuda, quero que a mão de A.A. esteja sempre ali. E por isto: Eu sou responsável".*

Bert conclui dizendo: *"Preencher o vazio entre o tratamento e uma sólida conexão com A.A., irá evitar que uma multidão de alcoólicos se percam nas rachaduras. A construção desta ponte é*

uma responsabilidade conjunta dos profissionais, os AAs e os alcoólicos que começaram recentemente sua recuperação".

6.9. Onde levamos a mensagem e onde não fazê-lo

***Box 4-5-9*, Out. Nov. / 1998 (pág. 7-8) => http://www.aa.org/newsletters/es_ES/sp_box459_oct-nov98.pdf**
Título original: ***"¿Dónde empezamos a llevar el mensaje y dónde dejamos de hacerlo?".***

"Sapateiro, não vás além da tua chinela", aconselha-nos a Quinta Tradição cujo enunciado expressa a razão de ser de A.A.: *"Cada Grupo é animado de um único propósito primordial – o de transmitir a mensagem ao alcoólico que ainda sofre"*. Entretanto, como já perceberam milhares de AAs que se comprometeram com este conceito, a simples prática não é tudo.

"De vez em quando", Diz Bill E., do Comitê de Informação Pública de Nova Jersey, *"chega a nós um pedido para enviar um orador para falar numa escola primária ou diante de um grupo de escoteiros a respeito dos perigos do Álcool – com a esperança de contribuir para que esses jovens parem e pensem antes de experimentar a bebida. Mas, A.A. têm algo a ver com esse assunto?"*.

Num artigo publicado no n´mero de verão (**1998**) do boletim do Intergrupo / Serviços Gerais de Nova Jersey da Área 44, *This Day*, Bill diz, *"seria converter meu maior desejo em realidade se ninguém tivesse que passar pelo inferno do alcoolismo ativo como eu passei. Mas temos que lembrar que não somos uma sociedade antialcoólica, nem advogamos pela abstinência do álcool. Os movimentos e a legislação antialcoólica do passado fracassaram.*

Todos conhecemos muitas pessoas que podem tomar bebida alcoólica sem problema algum. Nós, os AAs, não podemos fazê-lo. Temos uma capacidade especial para levar a mensagem de recuperação do alcoolismo. Mas essa experiência não nos habilita para falar dos perigos do álcool em geral. Para a maioria das pessoas, o álcool não é um perigo".

Ademais, comenta Bill, existe o princípio de não opinar sobre assuntos alheios à Irmandade e a advertência enunciada na Décima Tradição, que diz *"... o nome de A.A. jamais deverá aparecer em controvérsias públicas"*. Ao falar perante um grupo não A.A., somos membros de A.A. embora se recomende que ao fazer qualquer apresentação deste tipo, expliquemos com clareza que não falamos em nome de A.A. Alcoólicos Anônimos não opina sobre a fabricação, distribuição, venda ou consumo de álcool. Não temos opinião a respeito de qual deve ser a idade estabelecida por lei para tomar bebidas alcoólicas nem a respeito da proporção álcool/sangue que constitui a embriaguez desde o ponto de vista legal. Pode parecer duro dizer que não nos importam essas questões; muitos de nós temos opinião já formada a esse respeito. Entretanto, como membros de A.A. não temos opinião a respeito de assuntos alheios. E estes, são assuntos alheios.

Então, mais precisamente, onde levamos a mensagem? *"Levamos a mensagem a qualquer pessoa ou grupo que queira saber o que A.A. é e o que faz. Não somos especialistas em alcoolismo. Não levamos a mensagem genérica,* 'não beba'. *Mas, se uma pessoa tem problemas com o álcool, dizemos-lhe* 'não beba e venha as reuniões'*"*

Na Área da Costa Norte da Califórnia, Tim P., coordenador cos Comitês de Informação Pública e de Cooperação com a Comunidade Profissional do condado de Sonoma, faz uma advertência a respeito de falar perante grupos não A.A. No número de julho do boletim do Intergrupo

da Comunidade de Sonoma, diz que *"é fácil se desviar – afastar se do único tema que temos que compartilhar ali: nosso alcoolismo e a recuperação em A.A."*.

Por exemplo, ele explica, *"é possível que suponha um grande desafio responder com toda sinceridade à questão das drogas, de uma maneira que justifique a confiança que a comunidade depositou em nós, e que, ao mesmo tempo, sejamos capazes de encerrar essa questão* (das drogas) *e voltar ao tema principal que é o alcoolismo e Alcoólicos Anônimos"*.

6.10. Para os Servidores do Décimo Segundo Passo: O que se deve e o que não se deve fazer

***Box 4-5-9,* Ago. Set. 1986 (pág. 9) => http://www.aa.org/newsletters/es_ES/sp_box459_aug-sept86.pdf**

Titulo original: "***Para los Trabajadores de Paso Doce: QuØ se Debe y No se Debe Hacer"***

Algumas diretrizes, ditadas pelo bom senso, para os que fazem o trabalho de Décimo Segundo Passo nas Instituições Correcionais e de Tratamento, que apareceram recentemente no *Sounding Board 1986,* boletim do Comitê de Hospitais e Instituições de Los Angeles:

- Requerem-se um mínimo de seis meses de sobriedade continuada para levar a mensagem aos hospitais e um ano para quem o faz nas instituições correcionais.
- Não fazemos outra coisa que não seja levar a mensagem de A.A. Não somos bebadólogos, não adotamos atitudes condescendentes, não usamos palavrões nem linguagem vulgar, nem fazemos comentários depreciativos a respeito das autoridades. Se as drogas fazem parte integrante da sua história, fale das drogas. Mas lembre de que a sobriedade – a libertação do álcool é o único objetivo dos Grupos de A.A.
- Não prometa a ninguém emprego nem ajuda de espécie alguma.
- Assegure-se de que os oradores representem uma variedade de condições socioeconômicas e pontos de vista, e que os ex-presidiarios tenham habilitação da segurança do presidio.
- Assegure-se de que não exista nenhuma ordem de prisão contra você, nem nenhuma multa para pagar, antes de entrar numa instituição correcional – caso contrário, é possível que não saia.
- Não leve nada com você nem ao entrar numa instituição nem ao sair dela. Não troque números de telefone ou endereços com os reclusos.
- Se tiver um amigo ou parente encarcerado numa instituição, ou se mantém correspondência com algum presidiário, não poderá servir nessa instituição como orador nem como coordenador.
- Respeite a hierarquia do comando nas prisões. Se houver algum problema e um preso ou paciente lhe informa sobre isso, leve o assunto ao coordenador do Comitê das respectivas Instituições, que é o encarregado de resolver essas pendências.
- Consulte o coordenador do Comitê a respeito das normas de vestiário da instituição que vai falar. Não use calças *"jeans"*, bermudas minissaias, nem blusas justas, transparentes ou decotadas.

7. Organização / Historia

7.1. A Aprovação da Literatura pela Conferência

***Box 4-5-9*, Abr. Mai. / 2005 (pág. 1 a 3) => http://www.aa.org/newsletters/es_ES/sp_box459_april_may05.pdf**
Título original: "***La aprobación de la Conferencia: Un proceso largo, cuidadoso y necesario".***

Quando a 55ª Conferência de Serviços Gerais –ESG, se reúna em abril (**2005**), alguns de seus Comitês permanentes irão considerar a possibilidade de desenvolver ou aprovar materiais novos ou revisados de literatura. O Comitê de Literatura estudará as revisões propostas de três folhetos e um livreto e as ideias para a criação de um novo folheto; os Comitês de Informação ao Público e de Comunicação e Carta Constitutiva também têm em suas agendas pontos relacionados com a literatura. Ao final de uma semana, a Conferência pode recomendar que alguns projetos possam passar a fase seguinte de desenvolvimento, outros abandonados e outros aprovados. Os aprovados pelo plenário da Conferência adquirem o direito de imprimir na capa as seguintes palavras: *"Literatura aprovada pela Conferência de Serviços Gerais de A.A."*

Esta curta frase leva consigo garantias importantes. Significa que o livro ou folheto reflete a mais ampla gama da experiência de A.A. e que conserva integralmente a mensagem de A.A, Para se conseguir esses objetivos se requer um processo longo – até dois anos, metódico e trabalhoso.

Começa com uma necessidade amplamente expressada pela Irmandade. Às vezes esta necessidade é expressa e ouvida em muitos e variados setores, como foi o caso da quarta edição do Livro Azul em inglês. Em outras ocasiões a ideia começa a se formar numa escala bem menor, talvez um membro apenas ou um Grupo que enviam uma solicitação ao ESG. Uma vez que as ideias de uns poucos não representam necessariamente os anseios da maioria, estes pedidos raramente são inscritos de imediato na agenda de um Comitê da Conferência. Terão que passar por um processo, provado pela experiência, através da estrutura de serviço, destinado a ampliar a consciência de Grupo em cada etapa e assegurar que quando chegue à Conferência, uma parcela significativa de seus membros acreditem ser necessário para a Irmandade em sua totalidade.

Qualquer membro que entenda ou acredite na necessidade de se publicar um novo livro ou folheto a respeito de algum tema que ele ache relevante, deve apresentar a ideia ao seu Grupo base para discussão em grupo. Se o Grupo decide que é uma boa ideia, o RSG a leva, em nome de seu Grupo, ao Comitê de Distrito para seu debate e consideração, e, sendo aceita, o MCD a apresenta à Interdistrital que, se aprovada, seguirá para a Assembleia de Área para uma mais detida e ampla consideração. De lá o Delegado de Área a remete ao Escritório de Serviços Gerais e o pessoal do ESG a envia ao Comitê específico da Junta de Custódios. A seguir, o assunto será inscrito na agenda de um Comitê da Conferência e, uma vez que as agendas de todos os Comitês se disponibilizam a toda a Irmandade antes da Conferência para possíveis sugestões e comentários, qualquer membro, onde queira que esteja, tem agora a oportunidade de fazer perguntas ou manifestar sua opinião através de seu RSG. Finalmente, o Delegado apresenta a consciência de Grupo da Área diante da Conferência.

Para se converter em uma Ação Recomendável, qualquer recomendação do Comitê deverá ser aprovada pela Conferência *"por substancial unanimidade"* – definida como uma maioria de dois terços. Para se chegar à unanimidade substancial, as discussões do plenário podem ser curtas ou se

prolongar por várias horas. No caso ideal, todos os membros da Conferência, concordem ou não com a decisão final, saberão que sua opinião foi ouvida e se chegou a um verdadeiro consenso. *"O Manual de Serviços de A.A."* explica como se faz: *"Antes de efetuar uma votação deve ser dedicado bastante tempo para discutir detalhadamente o assunto, com perguntas e respostas referentes à história e demais antecedentes da recomendação e os arrazoados que levaram o Comitê à sua conclusão. As discussões, tanto nas sessões plenárias como nas dos Comitês, poderão ser muito animadas e inclusive acaloradas, porém, os membros da Conferência sempre fazem seu melhor esforço para se chegar a uma consciência de grupo e tomar decisões de encontro aos interesses da Irmandade na sua totalidade. Depois da votação, o coordenador da Conferência pergunta se há alguém que queira expressar sua opinião minoritária e, ocasionalmente, como consequência de uma bem fundamentada opinião minoritária, é possível celebrar uma nova votação com uma mudança radical dos primeiros resultados"*.

Quando a Conferência vota pela aprovação de um projeto, este é remetido ao Departamento de Publicações para sua revisão final, montagem, desenho e impressão. O Departamento de Publicações, durante toda essa etapa é parte integrante do processo: trabalha com o pessoal do ESG na preparação dos materiais que serão distribuídos aos membros da Conferência, supervisiona as revisões e correções preliminares, procura escritores quando necessário (membros de A.A. com sobriedade sólida e ampla experiência profissional), trabalha com os escritores na preparação dos manuscritos e faz as mudanças sugeridas pela Conferência quando as houver.

Às vezes é possível que um livro ou folheto demore bastante tempo para ser concluído. Considerem, por exemplo, o folheto *"Can A.A. Help Me Too?"* ou *"A.A. pode me ajudar também?"* dirigido aos alcoólicos afro-americanos aprovado pela Conferência de **2001**. A ideia foi gerada originalmente na Conferência de **1971**, com a proposta de publicar um folheto em formato de história em quadrinhos para os alcoólicos negros; mas não tinha chegado o momento oportuno e a Conferência não o aprovou. Nos anos de **1990** voltou-se a apresentar a necessidade e em **1998** um Grupo se propôs a publicar *"um folheto dirigido ao alcoólico negro/afro-americano";* a proposta passou pelo Distrito e a Assembleia de Área; logo chegou à Conferência através do Delegado e foi colocada na agenda da Conferência. A Conferência de **1999** recomendou que fosse feito um rascunho para ser apresentado na Conferência de **2000** para sua consideração.

O Comitê de Literatura da Junta de Custódios encarregou a preparação deste projeto a um subcomitê, e através dos membros da Conferência foi pedido à Irmandade para apresentar histórias escritas por alcoólicos negros. Enquanto isso, o folheto suscitou algumas animadas discussões e, embora a maioria dos Grupos fosse favorável, houve uma forte oposição por parte de membros que tinham a opinião de que o tal folheto iria afastar os alcoólicos negros ao invés de fazê-los se sentirem parte de A.A. Entretanto, outros membros disseram que o objetivo era informar e atrair os alcoólicos negros que ainda sofriam para que soubessem que havia afro-americanos sóbrios que são membros da Irmandade.

Próximo do final de **1999**, o subcomitê tinha recebido 34 histórias e selecionou 14 para remeter ao Departamento de Publicações do ESG para a revisão final. Devido ao tempo gasto em reunir as histórias, não foi possível apresentar o rascunho à Conferência de **2000** que recebeu apenas um relatório sobre o andamento dos trabalhos. Depois de ouvir as opiniões e comentários da Conferência foram continuados os trabalhos de redação e, além de fazer inúmeras revisões, foram

acrescentadas novas histórias. O rascunho final foi apresentado à Conferência de **2001** que aprovou a recomendação feita pelo Comitê de Literatura para que fosse publicado.

A aprovação da Conferência significa que um artigo de literatura leva a mensagem de A.A. e representa toda a Irmandade. A mesma importância tem o que não significa. Não implica crítica nem desaprovação de nenhuma outra publicação editada por A.A. ou por qualquer outra entidade alheia à Irmandade. Por exemplo, muitos intergrupos publicam materiais – listas de reuniões e folhetos informativos para os membros locais. Estas publicações são literatura autêntica de A.A. porque fornecem um serviço necessário aos membros locais e refletem a experiência dos AAs locais.

O material de serviço publicado pelo ESG – material informativo e guias, não passa pela aprovação da Conferência, mesmo incluindo a experiência compartilhada de uma amostra representativa da Irmandade e com frequência estratos de publicações aprovadas pela Conferência. Uma vez que seria impossível submeter cada número de nossa literatura periódica, como o *Box 4-5-9* e boletins parecidos do ESG e as revistas da Grapevine a um processo que demanda dois anos, estes também não estão aprovados pela Conferência, porém, já faz muito tempo que a Conferência os reconhece como literatura de A.A.

Não cabe à Conferência dizer aos membros de A.A. o que devem ou não ler. Mas, quando os recém-chegados procuram na mesa de literatura na sua primeira reunião ou quando os companheiros têm dúvidas ou quando os veteranos desejam ampliar seus conhecimentos e compreensão, as palavras *"Literatura aprovada pela Conferência"*, lhes asseguram que a mensagem é autêntica e a experiência representada é confiável.

7.2. Literatura aprovada pela Conferência

***Box 4-5-9*, Abril/Maio 2008 (pág. 5-6) => http://www.aa.org/newsletters/es_ES/sp_box459_april-may08.pdf**
Título original: ***"'Literatura aprobada por la Conferencia: Una poderosa expresión de la unidad de A.A.".***

Vamos supor hoje, como o fez Bill W. em **1964**, que a Irmandade não tivesse sua literatura. *"Suponhamos que durante os últimos vinte e cinco anos A.A. não tivesse publicado nada – nenhum livro nem folheto. Precisamos de pouca imaginação para verificar que, chegados os dias de hoje, nossa mensagem teria sido totalmente desvirtuada. Nossas relações com a medicina e a religião seriam totalmente confusas. Os alcoólicos não iriam nos levar a sério e para o público em geral não pesaríamos de um obscuro enigma. Sem ter sua literatura, A.A. sem duvida teria estagnado num emaranhado de controvérsia e desunião"*, ele disse (A linguagem do coração).

Em toda a história de A.A., cada vez que houve uma preocupação específica entre seus membros, invariavelmente apareceu um livro, um boletim ou um folheto para expressá-la, exatamente como ocorreu quando se publicou em **1939** o histórico livro *"Alcoólicos Anônimos"*.

Porém, não havia uma padronização da literatura de A.A. até que, em **1951**, a primeira Conferência de Serviços Gerais recomendou que *"a literatura de A.A. deveria ter a aprovação da Conferência"* – assegurando assim, que a literatura tinha sido submetida ao rigoroso e minucioso exame do conjunto de comitês, que desde então tem protegido a integridade da mensagem de A.A. O texto da recomendação, ou, Ação Recomendável, como se designa agora, reforça que não se implica um desejo de revisar, corrigir ou censurar os materiais não-A.A.: *"O objetivo é oferecer, no futuro, uma forma de distinguir a literatura oficial de A.A., da literatura publicada local ou regionalmente pelos grupos ou por fontes não A.A."*.

Desde **1951**, a maior parte da literatura de A.A. esteve claramente cunhada com os dísticos *"Esta é uma literatura aprovada pela Conferência de Serviços Gerais de A.A."*. Durante muitos anos esta autenticação foi acompanhada de um logotipo que consistia de um triângulo com a sigla AA, inscrito num círculo com as palavras *Conferência de Serviços Gerais* margeando o interior do círculo. Mais tarde, em **1994**, a Conferência recomendou que fosse retirado o logotipo daquela designação e é assim que aparece até os dias de hoje.

O material de serviço, composto principalmente por artigos informativos (por exemplo, este texto), boletins e Guias de A.A., não devem ser confundidos com a literatura aprovada pela Conferência, uma vez que esta sempre é produzida como resultado das Ações Recomendáveis da Conferência, e os materiais para serviço são criados como uma resposta às necessidades expressas pelos membros para obter informação sobre assuntos diversos que vão desde *"Temas sugeridos para reuniões de discussão"* até mapas regionais. O material de serviço é atualizado frequentemente para refletir a experiência atual de A.A. e atender as recomendações da Conferência.

O material de serviço de A.A. não passa pelo processo de aprovação da Conferência porque não seria prático submeter literatura atualizada regularmente, e muito menos as publicações mensais ou bimensais como Grapevine e Box 4-5-9 (no Brasil seria o caso da Vivencia, Bob Mural e outros), ao longo processo de aprovação pela Conferência. Entretanto, grande parte do conteúdo dos artigos de serviço é retirada de publicações aprovadas pela Conferência e resume por semelhança a experiência compartilhada da Irmandade. Igualmente à literatura aprovada pela Conferência e os materiais audiovisuais, os artigos de serviço podem ser obtidos diretamente no ESG.

Os materiais aprovados pela Conferência – que incluem a maioria de nossos livros, folhetos e materiais audiovisuais estão protegidos por direitos autorais (copyright). È permitido às publicações locais de A.A. a reimpressão dos Passos, das Tradições e dos Conceitos, e citar uma frase ou um parágrafo curto retirados de textos da literatura de A.A. tais como o Livro Azul e folhetos aprovados pela Conferência sem a obtenção prévia de permissão por escrito. Nestes casos deve-se indicar a origem do texto para assegurar a proteção dos direitos autorais da nossa literatura. Depois de um texto extraído de um livro ou folheto deve-se indicar: *"Reimpresso de (título da publicação, número da página) com permissão de A.A. World Services, Inc."*.

Muitos grupos perceberam que é importante a forma e o lugar em que se expõe a literatura na sala de reunião. O ideal e colocá-la num lugar bem visível e devidamente protegida para evitar que alguém possa desviá-la indevidamente. Também é uma boa ideia fazer uma clara separação nos expositores da literatura aprovada pela Conferência de outras publicações não-A.A. Os ingressantes ou visitantes poderão pegar um livro, folheto ou boletim publicado por uma entidade alheia e receber informação errada a respeito do que A.A. é ou não é. O texto do preâmbulo que diz *"... Alcoólicos Anônimos não está ligada a nenhuma religião, nenhum movimento político, nenhuma organização ou instituição; não apoia nem combate causa alguma"*, pode confundir algumas pessoas ao ver publicações a respeito de saúde, religião misturadas com a literatura de A.A.

Uma Ação Recomendável da Conferência de **1986** disse: *"Que se reafirme o espírito da Ação Recomendável de **1977** referente ás exibições de literatura nos grupos e recomenda-se que sejam incentivados a exibir e vender unicamente a literatura publicada e distribuída pela Oficina de Serviços Gerais, Grapevine de A.A. e outras entidades de A.A."*.

Hoje em dia pode-se encontrar toda literatura e material de serviço no catálogo *"Literatura aprovada pela Conferência e outro material de serviço"* disponível no ESG também *"on line"* em

www.aa.org. Os comitês de serviço de A.A. que trabalham com os profissionais podem encontrar a literatura pertinente em linha no sítio de A.A. na Web clicando em *"Informação para os profissionais"*.=> **http://www.aa.org/lang/sp/subpage.cfm?page=8**

Em **2001**, numa assembleia de área em Saskatchewan, Canadá, Valeri O., membro do pessoal do ESG, falou sobre o papel que desempenha a literatura em *"viver os princípios de A.A. em todos os nossos assuntos. Toda nossa literatura está baseada na Primeira Tradição* – 'Nosso bem-estar comum deve estar em primeiro lugar: a reabilitação individual depende da unidade de A.A.' *Para mim, toda a literatura que é o resultado das decisões da consciência de grupo representa a forma mais elevada da unidade de A.A....Pode haver outra literatura que nos tenha sido útil em nossa recuperação, porém na sua maioria, os membros se referem voluntariamente nas reuniões de A.A., apenas á literatura aprovada pela Conferência. Fazemos isto para não confundir o recém chegado e para transmitir a mensagem de A.A. tal como nós a recebemos".*

7.3. A evolução das Convenções Internacionais de A.A.

***Box 4-5-9,* Abr. Mai. / 1999 (pág. 3-4) => http://www.aa.org/newsletters/es_ES/sp_box459_april-may99.pdf**
Título original: "***Las glorias de las pasadas Convenciones Internacionales enriquecen la ilusión de la próxima".***

Se o passado é apenas um prelúdio, a Décima primeira Convenção Internacional de A.A. que irá se celebrar em Minneapolis, Minnesota, no ano **2000** será a mais gloriosa das já conhecidas. Estas Convenções, que tiveram início em **1950**, serviram como uma pedra de toque para o desenvolvimento, o crescimento da Irmandade e de sua dedicação para levar a mensagem aos alcoólicos. Realizam-se a cada cinco anos – normalmente com duração de quatro dias, do final de junho e começo de julho, para comemorar a fundação de A.A. em **1935** e agora figuram entre as maiores assembleias deste gênero no mundo. Originalmente descritas como *"Internacionais"* devido à participação dos AAs canadenses, atualmente estas Convenções atraem membros de todas as partes do mundo.

Cleveland, Ohio, 1950.

A.A. celebrou sua primeira festa de aniversário de 15 anos. Os milhares de participantes – não se conhece o número exato (historiadores registram 3.500 participantes), votaram para aceitar das mãos dos fundadores o Legado de Unidade e as Doze Tradições que asseguram esta Unidade. O programa da Convenção era muito parecido com os atuais. Foram incluídas sessões a respeito de A.A. para as mulheres, A.A. na indústria, os jovens em A.A., e A.A. nas instituições correcionais. Houve uma Reunião Espiritual no domingo de manhã.

Na Reunião do Livro Grande no sábado à noite, o Dr. Bob pronunciou seu último discurso, aproximadamente quatro meses antes de sua morte, em 16 de novembro de **1950**. Falando com dificuldade e dando claros sinais das dores que sentia, Dr. Bob disse: *"Há duas ou três coisas que irromperam em minha mente sobre as quais seria apropriado colocar um pouco de ênfase. Uma é a simplicidade de nosso programa. Não vamos estragar tudo com complexos freudianos e coisas que são de interesse para a mente científica, mas tem muito pouco a ver com nosso verdadeiro trabalho de A.A. Nossos Doze Passos, quando resumidos até o último, podem ser condensados nas palavras*

'amor' *e* ***'serviço'****. Entendemos o que é o amor, e entendemos o que é o serviço. Então, vamos manter essas duas coisas em mente..."*

Saint Louis, Missouri, 1955.

O ambiente era eletrizante. Ao cumprir os 20 anos, A.A. *"atingiu a maioridade"* quando os participantes ali reunidos aceitaram o Terceiro Legado de Serviço – ou seja, a Estrutura de Serviço e a Conferencia. O cofundador Bill W. disse: *"Vemos flutuando por cima de nós uma bandeira na que aparece o novo símbolo de A.A., um triângulo inscrito em um círculo. O círculo representa A.A. no mundo inteiro e o triângulo os três Legados de A.A. – Recuperação, Unidade e Serviço". Destacou que A.A. é "mais que um conjunto de princípios; é uma sociedade de alcoólicos recuperados em ação. Devemos levar a mensagem, pois, se não o fizermos, nós mesmos podemos recair e aqueles a que não se comunicou ainda a verdade poderão perecer."*

Na ocasião foi feita a Declaração de Gratidão aos nossos amigos não alcoólicos:

"Nossa Gratidão: *A história de A.A. está repleta de nomes de não alcoólicos, profissionais e leigos, que se interessaram pelo Programa de Recuperação de A.A. Milhões de nós devemos nossas vidas a essas pessoas, e nossa dívida de gratidão não tem limites".*

Long Beach, Califórnia, 1960.

Digno de menção foi o número de figuras históricas que assistiram a esta Convenção de aniversário de prata, incluindo a Bill W. e Lois, e Marty M., uma das primeiras mulheres a conseguir sobriedade duradoura em A.A. Bill proferiu uma de suas palestras mais memoráveis – particularmente memorável porque parecia que nunca ia acabar. Os 8.700 participantes inscritos encheram as salas de reunião. Não é de estranhar que se esgotou o estoque de café em Long Beach.

Toronto, Ontario, Canadá, 1965.

Quem poderia esquecer o momento em que os 10.000 membros e seus amigos, reunidos nos *Mapleleaf Gardens,* aceitaram a Declaração de Responsabilidade. Nessa Convenção do 30º aniversário de A.A., também aconteceu a estreia do filme *"A História de Bill"*

Miami, Florida, 1970.

Em julho de **1970**, onze mil membros de Alcoólicos Anônimos reunidos em Miami Beach, Florida, fizeram a seguinte promessa em onze idiomas diferentes:

"Uma Declaração de Unidade:

O futuro de A.A. depende de ser colocado em primeiro lugar, o nosso bem-estar comum, a fim de manter a nossa Irmandade Unida. Da unidade de A.A. dependem as nossas vidas e as vidas daqueles que virão".

Nosso cofundador Bill, que estava mortalmente doente, apareceu inesperadamente na Grande Reunião no domingo de manhã diante do auditório lotado que o recebeu com lágrimas e aplausos – meses mais tarde, o 24 de janeiro de **1971**, Bill morreria em Miami. Desta vez houve café suficiente, porém, faltaram sorvetes.

Denver, Colorado, 1975.

Com a participação de 19.800 pessoas extrapolou as previsões mais otimistas. As salas das mesas de trabalho e as reuniões temáticas estavam tão repletas que por diversas vezes o departamento de bombeiros teve que impedir a entrada de mais pessoas. Foi celebrada pela primeira vez a Cerimónia das Bandeiras, a qual chegou a ser uma das mais apreçadas tradições, com representantes de 29 Países, e a todos os presentes lhes saltaram as lágrimas. Cada abandeirado

recitou o lema da Convenção – *"Que Comece Comigo"*, em seu próprio idioma. A maior cafeteira do mundo produziu sem tropeços meio milhão de xicaras de café por dia.

New Orleans, Louisiana, 1980.

As festividades começaram na quinta feira à tarde com um magnífico desfile de carnaval. Mais de 22.500 participantes inscritos, junto com seus familiares e amigos, encheram o *Superdoine* para as Grandes Reuniões, onde se facilitou a tradução simultânea ao español, francês, alemão e inglês. O lema da Convenção foi *"A Alegria de Viver"* e 33 Países participaram da Cerimônia das Bandeiras. Em nossa primeira Reunião de Maratona autêntica, um bêbado anônimo vindo da rua ficou sóbrio e logo compareceu à Reunião Espiritual de domingo. Houve um momento inesquecível quando um desconhecido disse à multidão, *"É provável que eu seja a única pessoa aqui que esteve presente quando Bill W. conheceu o Dr. Bob."* Era Smitty, o filho único do Dr. Bob.

Montreal, Canada, 1985.

Os hotéis da bela metrópole franco-canadense estavam tão repletos que alguns dos participantes tiveram que procurar alojamento em lugares distantes 120 a 150 km do centro da cidade. 54 Países participaram da Cerimônia das Bandeiras realizada no Estádio do Parque Olímpico na sexta feira à noite; e Ruth Hock, a secretária de Bill W. que tinha datilografado o manuscrito do nosso texto básico, foi presenteada com o exemplar cinco milhões do Livro Grande. O lema *"Cinquenta Anos Com Gratidão"* corria entrelaçado por todas as reuniões e mesas de trabalho, enriquecido pelas divertidas anedotas dos veteranos citavam de suas lembranças.

Seattle, Washington, 1990.

Seu lema *"55 Anos – Um Dia de Cada Vez"*. Chegaram convencionais de 75 Países, alguns deles representantes de nações que tinha feito parte da antiga União Soviética. A Convenção de A.A. de **1990** teve 48.000 inscrições. Uma tocha de maratona iluminava simbolicamente o caminho para a sobriedade para o alcoólico que ainda sofria, esteve acessa desde a meia-noite da quinta feira até a manhã do domingo. Nell Wing, secretaria de Bill W. por muitos anos e primeira arquivista de A.A. foi presenteada com o exemplar dez milhões do Livro Grande.

San Diego, Califórnia, 1995.

O lema *"A.A. em Todos os Lugares, em Qualquer Lugar"* viu-se refletido numa partilha copiosa de múltiplas maneiras nesta Convenção do 60º aniversário da qual participaram 56.000 membros de A.A. e seus familiares. 87 Países foram representados na Cerimônia das Bandeiras e ao terminar a Reunião de Encerramento 10.000 bexigas foram soltas e os corredores do recinto se transformaram espontaneamente num salão de baile.

Minneapolis, Minnesota, 2000.

O 65º aniversário de A.A., o primeiro do novo século, acontecerá em Minneapolis, Minnesota entre os dias 29 de junho e 02 de julho do ano 2000, cujo lema é *"Transmita-o, Rumo ao Século XXI"* Na medida em que nos formos aproximando da data, serão publicadas no *Box 4-5-9* informações a respeito das inscrições, alojamento e atrações de interesse turístico. Da mesma maneira que em Convenções anteriores, a informação sobre a inscrição será enviada por correio aos ESL´s em setembro do ano anterior, ou seja, **1999**. Enquanto isso, não beba, continue assistindo reuniões e faça uma poupança *(a cota de inscrição foi de 95,00 dólares*).

NT.: *à época desta transcrição (**2012**) não foi encontrada na fonte habitual deste transcritor* - **http://www.aa.org/lang/sp/subpage.cfm?page=27**, *a digitalização dos exemplares do* Box 4-5-9

*correspondentes ao ano todo de **2000** até o nº de agosto/setembro – inclusive, do ano **2001**. A descrição que segue foi retirada de* **http://www.barefootsworld.net/aa11thintl2000.html**

"... A 11ª Convenção Internacional foi um grande reencontro de mais de 70.000 pessoas que se juntaram em comunhão na oração e na sobriedade...

... Na sexta feira mais de 50.000 membros de A.A. e as representações de 87 Países ao redor do mundo reuniram-se no *Metrodome Minneapolis* para participar no maior encontro mundial de AA, marcando o início da11ª Convenção Internacional de **2000**, de Alcoólicos Anônimos. A convenção marcou o aniversário de 65 de Alcoólicos Anônimos. Foi a maior convenção de A.A. e na história de Minneapolis...".

Nesta ocasião, o exemplar de nº 20 milhões do Livro Grande foi presenteado a *Al-Anon.*

Toronto, Ontario, Canadá, 2005.

Parcialmente extraído de **=>http://www.aa.org/lang/sp/sp_pdfs/sp_box459_aug-sept05.pdf**

No dia quatro de julho de **1965**, nos *Mapleleaf Gardens,* de Toronto, 10.000 membros de A.A., amigos e familiares, dando-se as mãos uniram-se ao cofundador Bill W. e Lois, sua mulher, para recitar pela primeira vez: *"...Eu sou responsável; quando qualquer um , seja onde for, estender a mão pedindo ajuda, quero que a mão de A.A. esteja sempre ali. E por isso: eu sou responsável"*.

Quarenta anos mais tarde, mais de 44.000 AAs reuniram-se novamente em Toronto para celebrar o 70º aniversário de A.A. sob o lema *"Eu Sou Responsável"*.

A convenção foi inaugurada oficialmente na sexta feira à noite no Estádio Rogers Center. Precedidos por um grupo de gaiteiros, 90 AAs, representantes dos Países participantes, entraram levando as Bandeiras de seus respectivos Países. Ao aparecer no palco, cada porta-bandeira trocou com outros o Livro Grande com o título em um dos 52 idiomas em que está publicado.

Em **1952**, *Clinton Duffy,* administrador-chefe da prisão de San Quintin, fez arranjos para efetuar a primeira reunião de A.A. entre grades. Nesta primeira reunião em setembro de **1942**, estiveram presentes 28 reclusos; atualmente há mais de 2.560 Grupos de A.A. nas prisões e mais de 70.000 presos são membros de A.A. No domingo de manhã *Allen Ault,* Custódio não alcoólico, reconhecendo a contribuição do Sr. Duffy, presenteou com o exemplar 25 milhões do Livro Grande a *Jill Brown*, administradora-chefe de San Quintin *"em nome de todas as instituições correcionais e de todos os reclusos ali encarcerados onde a mensagem de esperança de A.A. teve uma calorosa acolhida"*.

San Antonio, Texas, 2010.

Parcialmente extraído de **=> http://www.aa.org/lang/sp/sp_pdfs/sp_box459_fall10.pdf**

Sob o lema *"Uma Visão Para Você",* mais de 53.000 membros e amigos de A.A. reuniram-se em San Antonio, Texas, entre os dias 1 e 4 de julho de **2010**, na 13ª Convenção Internacional para celebrar o 75º aniversário de A.A. Este Grupo foi o maior que essa Cidade, lugar de muitos eventos e Convençoes, já tinha visto em sua história. Na sexta feira à tarde foi feita a abertura da Convenção com a Cerimônia das Bandeiras com mais de 90 Países representados

Mais de 4.000 voluntários provenientes dos povoados próximos, vestindo camisas na cor verde vivo, podiam ser encontrados no Centro de Convenções e em todos os cantos da cidade, respondendo perguntas e orientando os participantes. Durante o evento foram realizadas mais de 210 reuniões e oficinas no Centro de Convenções e em vários hoteis. Foram celebradas em inglês, español, francês, italiano, japonês, coreano, almão, ruso, português, persa, polonês e sueco, além de maratonas, que começaram na quinta-feira à meia-noite, em español e inglês.

O exemplar 30 milhões do Livro Grande, Alcoólicos Anônimos, foi presenteado à Associação Médica Americana, a qual, em **1956**, reconheceu oficialmente o alcoolismo como doença. O livro foi recebido pela *Dra. Rebeca Patchin*, antiga presidente da Associação.

Atlanta, Geórgia, 2015

Parcialmente extraído de => **http://www.aa.org/lang/sp/sp_pdfs/sp_box459_spring12.pdf**

"80 Anos – Felizes, Alegres e Livres" foi selecionado como o lema da nossa celebração internacional do 80º aniversário de A.A. que irá acontecer em Atlanta, Geórgia entre os dias dois e cinco de julho de **2015**.

Agradecemos por ter respondido à chamada. Recebemos grande quantidade de lemas propostos pelos membros de A.A. O Comitê da Convenção Internacional dos Custódios considerou detidamente cada lema proposto e a Junta de Serviços Gerais aprovou o selecionado na sua reunião de janeiro.

As Reuniões Grandes serão realizadas no *Geórgia Dome* e outras reuniões acontecerão no *Geórgia World Congress Center* e em vários hotéis locais.

Na medida em que nos formos aproximando da data da Convenção serão dadas noticias a esse respeito incluindo informação sobre inscrições e alojamento através do correio e do sitio web de A.A. do ESG (www.aa.org). Até então aparecerão artigos no *Box 4-5-9*, que é enviado aos RSG´s de todos os Grupos dos EUA/Canadá inscritos no ESG, e também é publicado no sítio web.

A convenção Internacional de **2020** será celebrada em **Detroit, Michigan,** e a de **2025** em **Vancouver, Colúmbia Britânica, Canadá**

Neste outono (**2012**) começará o processo de seleção do local para realizar a Convenção Internacional de **2025** através de cartas enviadas pelos Delegados das Áreas que tenham interesse em servir como anfitriãs do evento. A decisão final será tomada pela Junta de Serviços Gerais após as considerações da Conferência de Serviços Gerais.

Esperamos vê-los em Atlanta. Até lá, um dia de cada vez.

7.4. O que é uma Convenção para você?

***Box 4-5-9*, Ago. Set. / 1986 (pág. 12) => http://www.aa.org/newsletters/es_ES/sp_box459_aug-sept86.pdf**

Título original: ***"¿Que es una Convención de A.A. para Usted?"***

H.O.E., de Guatemala, compartilha conosco o seguinte:

Se você assistiu algumas das Convenções realizadas no nosso país, irá concordar comigo em que as Convenções são eventos onde se reúnem a maior quantidade de membros de A.A. Mas, porque se reúnem tantos AAs neste tipo de evento? Quando me convidaram pela primeira vez, aceitei apenas por educação; não tinha o menor entusiasmo. Atualmente, para mim, as Convenções, tal como as conhecemos em A.A., são grandes reuniões que se realizam com o objetivo de compartilhar num ambiente criado precisamente com a intenção de gozar todos juntos da alegria de viver em sobriedade. Em mais de um sentido, as Convenções são algo assim como uma festa gigantesca de aniversário, uma vez que outro propósito que nos une na Convenção é o de agradecer nosso Poder superior por nos ter permitido permanecer unidos, praticando a recuperação e nos prestando serviço mutuamente durante mais um período.

Nas Convenções a ideia central é a convivência. Sendo A.A. uma Irmandade, nestes eventos temos a oportunidade de conhecer um incrível número de companheiros que têm a mesma doença e praticam o mesmo programa, ou de cumprimentar aos que já são nossos velhos conhecidos, com quem compartilhamos Convenções ou atividades passadas. A amizade e o amor ao estilo de A.A. se tornam comuns e mútuos com mais intensidade que nunca.

Desta maneira, as Convenções distinguem-se de outros eventos de A.A. em que, no seu transcurso não são feitos acordos nem se tiram conclusões de espécie alguma. Nos trabalhos da Convenção não se apresentam propostas para serem discutidas acaloradamente, mas trata-se apenas de expor pontos de vista a respeito dos diferentes aspectos do nosso programa de vida com o único intuito de compartilhar, sem a pretensão de impor alguma coisa. Assim, fica fácil compreender porque as Convenções são os eventos favoritos da maioria dos AAs, ao extremo de, como todos sabemos, a participação nelas sempre constitui a concentração mais numerosa de AAs em qualquer país que A.A. esteja presente.

São muitas e variadas as opiniões dos AAs a respeito das Convenções, mas quase todas coincidem em que se trata de algo que atrai irresistivelmente o interesse geral, como opina um companheiro que participa destes eventos:

"Não existem palavras para definir o que se sente numa Convenção; é uma mistura de sentimentos juntos. Lembro que na abertura de uma Convenção estava no cume da felicidade e entretanto, tinha os olhos humedecidos pelas lágrimas. No encerramento, tremia de emoção sem saber porque, pois nunca até então me tinha sentido tão fortalecido espiritualmente. Outro sentimento duplo e controvertido aconteceu-me quando numa sessão tive vontade de gritar e ao mesmo tempo guardar o mais respeitoso silêncio, ao ouvir as palavras que estavam chegando ao mais profundo do meu ser. O primeiro dia da Convenção, ao ler os temas que iriam ser desenvolvidos, pareceu-me algo que não iria acabar, mas conforme transcorria o tempo, não desejava que o evento terminasse. Estas e outras vivências, são para mim uma coisa inesquecível; por nada do mundo penso em perder a próxima Convenção".

7.5. A evolução da Convenções no Brasil

I Convenção (I Conclave Nacional), São Paulo, SP, 1974.

Realização do ***Primeiro Conclave Nacional*** em São Paulo, no carnaval, entre os dias 22 e 25 de fevereiro de **1974**, quando o CLAAB passou a exercer as funções de Escritório de Serviços Gerais, após o ENSAA do Rio de Janeiro encerrar suas atividades. A diretoria do CLAAB passou a ser constituída pelos Delegados das 9 Áreas (Estados) que compareceram:

1. Santa Catarina - Álvaro K.
2. São Paulo - Arlindo B.
3. Rio de Janeiro - Dolores M.
4. Alagoas - Geraldo L.
5. Paraná - Chico R. (Sigolf R.)
6. Pernambuco - Luiz A.
7. Pará – Magalhães
8. Ceará - Mário H.
9. Mato Grosso - Eloy T.

Do Conselho Fiscal do CLAAB fizeram parte dois Conselheiros não alcoólicos: Dr. José Ferraz Salles (SP) e Reverendo José Ribola (SP).

Estavam presentes, além de diversos companheiros, Ana Maria T. e Sônia Lazzo, representantes de Al-Anon e o GSO de Nova York nos enviou, como assessora, Mary Ellen Wesh.

NOTA: - *Os 9 Delegados passaram a constituir o Conselho Nacional do CLAAB (Centro de Distribuição de Literatura de AA Para o Brasil) ficando a presidência desse Conselho com Chico R., de Curitiba-PR, tendo como Secretário Álvaro K. de Florianópolis-SC. Esse Conselho, então elegeu a Diretoria Executiva do CLAAB, tendo à frente Donald L. A grande novidade foi a apresentação do 1º AA padre, do Brasil, o saudoso Pe. João. 28 companheiros assinaram a lista de presença, dos quais 21 já faleceram* (NT.: o transcritor não pode precisar a data deste relato*). Dentre os 28 citados não se tem notícias de nenhuma recaída.*

II Convenção (II Conclave Nacional), São Paulo-SP, 1975. Carnaval.

Eleva-se de 9 para 15 o número de Delegados . Esses eventos serviram de ponto de partida para o extraordinário crescimento da Irmandade; nesse ano existiam no Brasil mais de 500 Grupos. Paralelamente à Convenção havia uma reunião de Serviços, ou seja, uma reunião preparatória às futuras Conferências.

III Convenção (III Conclave Nacional), São Paulo-SP, 1976.

Em 29 de fevereiro de **1976**, durante o ***Terceiro Conclave Nacional***, em São Paulo, reuniram-se os membros do Conselho Diretor do CLAAB e 29 Delegados representando 16 estados, e criaram a ***Junta Nacional de Alcoólicos Anônimos do Brasil – JUNAAB***. O Estatuto dispunha que seriam Órgãos da JUNAAB, uma Assembleia Geral, uma Diretoria e o CLAAB. Assim, A.A. no Brasil credenciava-se a enviar dois Delegados para a 4ª Reunião Mundial de Serviços, em Nova York, em outubro desse ano; foram eles, Donald M. (SP) e Joaquim Inácio (RS).

Também foi decidido que a I Conferência de Serviços Gerais seria realizada em **1977**, em Recife-PE, juntamente com o IV Conclave de Carnaval.

IV Convenção (IV Conclave Nacional), 1977, Recife-PE.

Nos dias 5, 6 e 7 de abril de **1977**, realizou-se em Recife (PE) a ***Primeira Conferência de Serviços Gerais – CSG***. Entre os dias 07 e 10 foi realizado na mesma Cidade o ***Quarto Conclave Nacional de A.A***.

Pela 1ª vez eram apresentadas temáticas escritas com cópias distribuídas aos companheiros. Foram palestrantes: Roy P. - Os Doze Passos, Eloy T. - As Doze Tradições e Donald M. Lazzo respondendo perguntas e tirando dúvidas. Durante a Conferência, agora já com o seu corpo de Delegados em número de 40, representando 20 Áreas, ficou decidido que o V Conclave teria lugar em Belo Horizonte-MG, juntamente com a II Conferência de Serviços Gerais e, em virtude do trânsito nas estradas na ocasião do Carnaval, foi a data transferida para a Semana Santa. A reprodução dos trabalhos apresentados foi feita por companheiros de Cuiabá-MT, sem ônus para a Convenção.

V Convenção (V Conclave), Belo Horizonte-MG, 1978.

Contamos com a presença de Dr. Jack Norris, então presidente da Junta de Serviços Gerais dos EUA/Canadá e sua esposa (ambos falecidos). Mato Grosso, em vésperas de ser dividido, levou um Delegado do Norte (Eloy T.) e outro do Sul (Mário), sob a mesma bandeira do Mato Grosso uno. Durante a ***Segunda Conferência de Serviços Gerais,*** *Eloy T.,* Delegado do MT, foi eleito como

substituto de Donald M. como Delegado à ***Reunião de Serviço Mundial (RSM).*** Decidiu-se mudar o nome de *Conclave* para ***Convenção Nacional de A.A.,*** e que as Convenções seriam realizadas a cada dois anos, em anos pares, sendo a próxima, a Sexta, em **1980** em Porto Alegre, e as Conferências seriam anuais - nos anos impares seriam realizadas em São Paulo e nos anos pares na Cidade escolhida para a Convenção.

VI Convenção Porto Alegre-RS, 1980.

Foi uma ótima Convenção realizada no Plenário da Assembleia Legislativa do Rio Grande do Sul. Escolhido o Roy Pepperell para substituir o Joaquim Inácio às RSM. Escolhida Fortaleza, Ceará como a sede da VII Convenção.

VII Convenção, Fortaleza-CE, 1982,

Destacamos nessa Convenção, em primeiro lugar a presença de David Puerta da Colômbia e George Ifrán do Uruguai, ambos Delegados à RSM por seus países, como convidados. Destacamos mais, a presença pessoal do Senhor Prefeito Municipal nas reuniões de abertura e encerramento da Convenção. A Convenção, igualmente, editou dois livros, a saber:

a) Serviço, O Coração de A. A., um Relatório dos Delegados à 6ª RSM.

b) Serviço - Responsabilidade de Todos, contendo todas as temáticas apresentadas na Convenção. Por outro lado, em face de grande divulgação e à colocação do evento na agenda do Sr. Prefeito Municipal, a Convenção passou a ser, daí por diante a maior arma de atração da Irmandade.

VIII Convenção, Blumenau-SC, 1984.

Grandes enchentes, com o extravasamento das águas do Rio Itajaí, ocorrido nas vésperas do evento, impediu que a VIII Convenção tivesse o brilho esperado. Todavia o número de companheiros presentes manteve-se em elevação.

IX Convenção, João Pessoa-PB, 1986.

A Convenção continua a atrair a presença de elevado número de companheiros e, pela primeira vez tivemos Conferência, Convenção e temáticas todas concentradas na monumental Praça da Cultura.

Obs.: *O propósito de realizar as Convenções a cada dois anos preconizado na V Convenção, em Belo Horizonte em 1978, foi respeitado até aqui. A adaptação a outras circunstâncias foi ditando as datas seguintes. Assim, em **1987** foi realizada a temporã 9ªa (**nona "a"),** no Rio de Janeiro, RJ, por ocasião dos 40 Anos de A.A. no Brasil; 10ª, **1988**, Curitiba, PR; 11ª, **1990**, Belém, PA; 12ª, **1992**, Brasília, DF; 13ª, **1994**, Teresina, PI; 14ª, **1997**, Rio de Janeiro, RJ, por ocasião dos 40 Anos de A.A. no Brasil; 15ª, **2000**, Salvador, BA, por ocasião do 5º Centenário do Descobrimento; 16ª, **2003**, São Paulo, SP; 17ª, **2007**, Manaus, AM. A 18ª Convenção será realizada entre os dias 6, 7 e 8 de setembro de **2012**, e são esperados dez mil participantes. Já o calendário da Conferência tem sido respeitado rigorosamente. No decorrer da Semana Santa deste ano **(2012),** estará acontecendo em Serra Negra, SP, a 36ª Conferência de Serviços Gerais de A.A. no Brasil.*

IX (a) Convenção – Festa dos 40 Anos de A.A. no Brasil.

A descoberta de uma ata de um Grupo dos primeiros tempos que teve o nome de Rio de Janeiro permitiu que se esclarecesse a data correta do início de AA no Brasil. Nela estava registrado:

"Nossa próxima Reunião (5 de Setembro de 1950), coincidirá com o terceiro Aniversário da chegada de AA ao Brasil". Isto motivou a organização de uma comemoração no intervalo das Convenções de João Pessoa (IX) e Curitiba (X). Foi organizada no Rio de Janeiro em um dia com Reuniões diversas em Unidades da Marinha de Guerra (com prestimosa ajuda do então Capitão de Mar e Guerra, Dr. Laís Marques da Silva que veio a ser nosso Custódio não Alcoólico e 2º. Presidente de JUNAAB). A coleta de fundos foi feita com a edição de um folheto: "*Não me diga que não sou Alcoólico*", originário de Cleveland numa época em que se permitiam edição de folhetos fora do CLAAB. Os fundos permitiram pagar a ocupação do Maracanãzinho para a Reunião de Encerramento. Durante o evento foi lançada a 1ª. Edição do Manual de Serviços.

X Convenção, Curitiba-PR, 1988.

A Convenção atinge o seu clímax. Local favorável na Universidade Federal do Paraná e a presença destacada da classe médica. Um marco muito importante na divulgação de AA.

XI Convenção, Belém-PA, 1990.

O Norte e o Nordeste brasileiros disseram presente à Convenção e diversas caravanas partiram das regiões Sul e Sudeste, assegurando um sucesso de público, atraído também pela curiosidade turística da região.

XII Convenção, Brasília-DF, 1992.

Situada a cidade no coração do país, torna-se o ponto mais equidistante de todo o território facilitando a locomoção, também em razão de ônibus de carreira ancorar naquela cidade vindos de todos os recantos da pátria.

XIII Convenção, Teresina-PI, 1994.

Nenhuma novidade anotada, salvo o grande interesse despertado, trazendo um público de 3.000 companheiros, aproximadamente.

XIV Convenção, Rio de Janeiro-RJ, 1997.

Aproveitou-se para comemorar os 50 anos de AA no Brasil. Como sempre, a cidade maravilhosa apresentou um trabalho de intensa divulgação, com apoio da média e com a disponibilidade de espaços adequados ao evento – o Maracanãzinho e o Rio Centro. Conta-se que 15.000 pessoas estiveram presentes.

N.T.: *Por ocasião deste evento a revista* **Veja,** *na sua edição* ***1497*** *de 28 de maio de* ***1997****, dedicou sua capa ao tema do alcoolismo com o título* "Da cervejinha ao alcoolismo" *e subtítulo* "Um mergulho no mundo da dependência". *Nas paginas 62 a 76 uma brilhante reportagem,* "A crua realidade do alcoolismo", *da excelente jornalista e documentarista nascida na Croácia* Dorrit Harrazim; *fala com muita propriedade de Alcoólicos Anônimos e dos 50 anos da Irmandade no Brasil e do evento comemorativo que estava sendo celebrado no Rio de Janeiro, com tal sensibilidade conhecimento que não deixa devendo absolutamente nada ao artigo que Jack Alexander escreveu a respeito de Alcoólicos Anônimos na revista americana Saturday Evening Post em março de* ***1941***.

Você pode acessar a revista, ler e imprimir o artigo de capa no sítio:

http://veja.abril.com.br/acervodigital/home.aspx

XV Convenção, Salvador-BA, 2000.

5º. Centenário do Descobrimento do Brasil. A Bahia estava em festa e A.A. aproveitou a oportunidade para incorporar-se às comemorações obtendo um resultado enorme quer quanto a público, quer pela excelência das apresentações no moderno Centro de Convenções de Salvador.

XVI Convenção, São Paulo-SP, 2003.

Aconteceu na Assembleia Legislativa e no Ginásio do Ibirapuera. 4.500 inscrições foram vendidas estimando-se uma presença de mais ou menos 5.000 companheiros.

XVII Convenção, Manaus-AM, 2007.

Mesmo considerando a distância e a inexistência de transportes além do fluvial e do aéreo (com alto custo). A Convenção foi realizada com sucesso com cerca de 4.000 presenças.

XVIII Convenção, Cuiabá-MT, 2012.

Reina grande expectativa, pois a curiosidade do Brasil sobre o decantado progresso da região, líder absoluto na produção de soja e algodão, tendo os números da produção agrícola do Estado ultrapassado o Estado de São Paulo. O espaço físico invejável, com um Centro de Convenções moderno e acolhedor, a atração da culinária local, faz da capital mato-grossense, um atrativo todo especial. Não nos surpreenderemos se a presença ao evento atinja os 10.000 participantes.

A XIX Convenção será realizada em Maceió-AL, em 2016

Fontes:

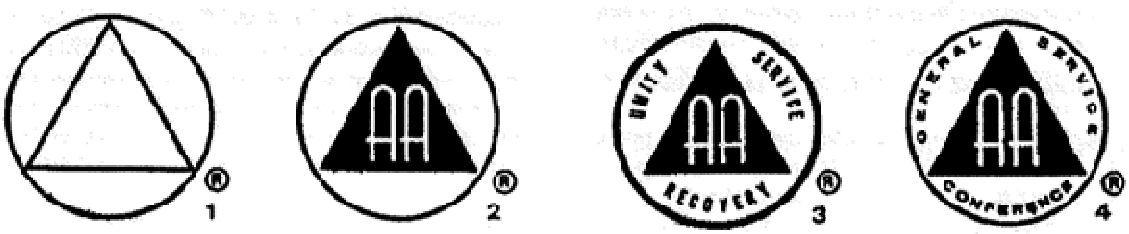
- ✓ http://www.alcoolicosanonimos.org.br/convencao2012/index.php?option=com_contentview=article&id=109&Itemid=202
- ✓ *As Origens de Alcóolicos Anônimos no Brasil* **(*)** de Luiz M., do Rio de Janeiro.
- ✓ Registros e arquivos do transcritor.

(*) N.T.: Neste registro de memórias, Luz M. conta que em ***30 de outubro*** de **1965**, foi realizada no Rio de Janeiro, RJ, a ***Primeira Convenção Nacional de A.A.*** com a presença de companheiros de diversos Estados do norte, nordeste, centro-sul, sul e, principalmente , do Rio. Os eventos foram realizados na sede do ***Pen Club*** e no Colégio ***Talmud Torah*****.** Dito evento só pode ser realizado pelo *apoio* de diversos amigos de A.A., tais como: *Dr. Francisco Laport*, Embaixadores *Paschoal Carlos Magno*, e *Dr. Oswald de Moraes Andrade.*

7.6. A exclusão do Circulo e do Triangulo como símbolo oficial de A.A.

***Box 4-5-9,* Ago. Set. / 1993 (pág. 6-7) => http://www.aa.org/newsletters/es_ES/sp_box459_aug-sept93.pdf**

Título original: "***Desprendiéndonos del círculo y el triángulo como un símbolo* 'oficial' *de AA"***



Durante muito tempo, um triângulo inscrito em um círculo foi reconhecido como o símbolo de Alcoólicos Anônimos. Entretanto, o círculo e o triângulo também constam entre os mais antigos símbolos espirituais conhecidos pela humanidade. Para os antigos egípcios o triângulo representava a inteligência criativa; para os gregos, significava a sabedoria. Geralmente, representa a aspiração de alcançar um entendimento mais elevado e uma maior compreensão do espiritual.

Na Convenção Internacional em **1955**, durante a celebração do 20º aniversário de A.A., foi aceito o triângulo inscrito num círculo como o símbolo de Alcoólicos Anônimos. *"O circulo"*, disse Bill W. aos AAs reunidos em St. Louis, *"simboliza o mundo inteiro de A.A., e o triângulo representa os Três Legados de A.A., - Recuperação, Unidade e Serviço. Dentro do nosso maravilhoso mundo novo, encontramos a libertação de nossa obsessão mortal"*.

O símbolo foi registrado como marca oficial de A.A. em **1955**, e foi livremente usado por várias entidades de A.A., o qual funcionou bem durante um bom tempo. Entretanto, por volta da metade dos anos **1980** começou a haver certa preocupação por parte dos membros da Irmandade a respeito da utilização do círculo e do triângulo por organizações alheias a A.A. Em conformidade com a Sexta Tradição que diz que A.A. *"... nunca deverá sancionar, financiar ou emprestar o nome de A.A. a qualquer sociedade parecida ou empreendimento alheio à Irmandade..."*, *A.A. World Services* – Serviços Mundiais de A.A., começou, em **1986**, a tomar algumas providencias para prevenir a utilização do círculo e do triângulo por entidades alheias, incluindo fabricantes de brindes, casas editoras e instituições de tratamento. Esta política de desestímulo foi realizada com moderação e, tão somente depois que todas as tentativas de persuasão e conciliação tinham fracassado, foi considerado empreender ações legais. De fato, dos aproximadamente 170 usuários não autorizados que foram contatados, apenas foram apresentadas demandas contra dois deles e o assunto foi resolvido logo no início.

No começo dos anos de **1990**, alguns membros da Irmandade pareciam dizer duas coisas: *"queremos medalhas com nosso círculo e triângulo"*, e, *"não queremos nosso símbolo associado com objetivos não A.A."*. O desejo de alguns membros de A.A. de ter fichas de aniversário foi considerado pelas juntas de A.A. World Services e da Revista *Grapevine* (equivalente à *Vivência*) em outubro de **1990**, quando foi estudada a possibilidade de produzir medalhas. Foi do parecer dessas juntas que as fichas e as medalhas não tinham relação com o nosso propósito primordial de levar a mensagem de A.A. e que este assunto deveria ser tratado pela Conferência para obter a opinião da consciência de Grupo da Irmandade. A essência desta decisão foi transmitida à Conferência de Serviços Gerais de **1991** no relatório da Junta de A.A.W.S.

A Conferência de Serviços Gerais de **1992** começou enfrentando o dilema ouvindo apresentações a respeito de porque devemos ou não produzir medalhas e, sobre a responsabilidade de A.A.W.S. de proteger nossas marcas registradas e os direitos de propriedade contra usos que pudessem sugerir afiliação com fontes alheias.

O resultado foi uma Ação Recomendável da Conferência para que a Junta de Serviços Gerais desse inicio a um estudo a respeito da viabilidade de possíveis métodos através dos quais se poderiam colocar as fichas de sobriedade a disposição da Irmandade, seguido de um relatório a um Comitê *ad hoc* (para esse fim) constituído por Delegados à Conferência de **1993**, o qual informaria todos os membros da Conferência no seguinte mês de março (nos EUA/Canadá, as Conferências são realizadas no mês de abril).

Após longas considerações, o Comitê *ad hoc* apresentou seu relatório e recomendações à Conferência de **1993**. Depois de uma discussão, a Conferência aprovou duas das cinco recomendações apresentadas:

1) O uso de fichas e medalhas de sobriedade é um assunto de autonomia local e não algo sobre o que a Conferência deva consignar uma posição definitiva;
2) Não é apropriado que A.A.W.S ou a Grapevine produzam ou autorizem a produção de fichas e medalhas de sobriedade.

Entre as considerações incluídas no informe do Comitê *ad hoc,* encontravam-se as repercussões de continuar protegendo por meios legais o uso das marcas registradas de A.A. por parte de organizações alheias.

Coincidentemente, a Junta de A.A.W.S. tinha começado a considerar alguns acontecimentos recentes, chegando finalmente à conclusão de que as perspectivas de litígios cada vez mais longos e custosos, a incerteza de conseguir sucesso e o desvio do propósito primordial de A.A. eram grandes demais para justificar a continuação das tentativas de proteger o círculo e o triângulo. Durante a reunião pós-conferencial da Junta de Serviços Gerais, os Custódios aceitaram a recomendação de A.A.W.S. de não continuar a proteção do símbolo do círculo e do triângulo como uma das nossas marcas registradas.

No começo de junho (**1993**), a Junta de Serviços Gerais apoiou por unanimidade substancial a declaração de A.A.W.S. de que, de acordo com nosso propósito original de evitar a sugestão de afiliação ou associação com produtos e serviços alheios, Alcoólicos Anônimos World Service, Inc. deixará progressivamente de fazer uso *"oficial"* ou *"legal"* do símbolo com o círculo e o triângulo. A.A.W.S. continuará resistindo ao uso não autorizado de outras marcas e qualquer tentativa de publicar literatura de A.A. sem permissão.

É claro, o circulo e o triângulo sempre irão ter um significado especial no coração e na mente dos membros de A.A., no sentido simbólico, como o tem a Oração de Serenidade e os lemas, que nunca tiveram um caráter oficial.

Saiba como era até aqui (1993):

7.7. Usos e abusos dos símbolos de A.A.

***Box 4-5-9,* Natal / 1991(pág. 6 a 8) => http://www.aa.org/newsletters/es_ES/sp_box459_holiday91.pdf**
Título original: "***Usos y abusos de los símbolos de A.A. - una aclaración".***

Durante os passados 35 anos, as marcas e logotipos de A.A. chegaram a ser símbolos imediatamente reconhecidos de A.A., o que resulta tanto em vantagens como em desvantagens, na medida em que um crescente número de empresas tem desejado imprimir ou gravar os logotipos em tudo, desde copos e canecas até fichas e medalhas.

Em **1988**, depois de receber inúmeras expressões de preocupação por parte dos membros de A.A., a Junta de Serviços Gerais decidiu utilizar as prerrogativas legais para protegê-los contra o uso não autorizado. De não tê-lo feito teria levado consigo a perda completa dos nossos direitos. Embora esta política tenha sido energicamente apoiada por muitos AAs - e também tenha sido aprovada pela Conferência de Serviços Gerais para sua inclusão no *Manual de Serviços de A.A.,* também tem

suscitado alguma confusão e controvérsia entre alguns membros. A seguir aparecem perguntas feitas junto com as respostas esclarecedoras.

Pergunta => *Quais são os logotipos e as marcas que A.A. têm registrados? Qual é a filosofia que rege seu uso?*

Resposta => Há várias marcas registradas que simbolizam e pertencem a A.A.: *Alcoholics Anonymous, A.A., The Big Book, Box* 4-5-9, e o logotipo com forma de triângulo inscrito em um círculo, introduzido na Convenção do 20º Aniversário celebrada em St. Louis em **1955**. O circulo representa o mundo inteiro de A.A. e o triângulo simboliza nossos Três Legados de recuperação, Unidade e Serviço. Com o passar dos anos foram sendo acrescentadas outras versões do logotipo. Uma difere do original apenas nas siglas *"A.A."* inscritas no triângulo. Outra tem "A.A." inscrita dentro do triângulo e as palavras *"Recuperação", "Unidade"* e *"Serviço"* dentro do círculo, mas fora do triângulo. Todas estas versões de circulo/triângulo estão registradas no *U.S. Patent and Trademark Office.* Com exceção da versão abaixo discutida, qualquer Grupo, Distrito ou entidade da Irmandade tem absoluta liberdade para usar estes logotipos, acompanhados do símbolo ® que significa *"Marca Registrada"*, em seus boletins, horários de reunião e literatura publicada a nível local. Também podem ser utilizadas nestes materiais as marcas *"A.A."* e *"Alcoholics Anonymous"*. As entidades de A.A. que fazem uso dos logotipos do círculo e do triângulo não devem modifica-los para não diluir a aparência distintiva da marca.

Há mais um símbolo – com as siglas *"A.A."* dentro do triângulo e as palavras "*Junta de Serviços Gerais*" fora do triângulo. O uso deste símbolo está limitado a identificar a literatura aprovada pela Conferência.

O uso informal ou comercial de quaisquer das marcar registradas de A.A. – incluindo os logotipos do círculo-e-triângulo em roupas, medalhas, fantasias, adesivos ou outros brindes, não deve ser permitido e essas marcas devem continuar a simbolizar exclusivamente a nossa Irmandade. Estas marcas identificam e representam nossa Irmandade. Não há maneira de assegurar a integridade ou a qualidade dos produtos que levem nossas marcas. Estes produtos pareceriam ser fabricados por A.A. ou ser aprovados por A.A. E o fabricante de tais produtos que violam nossas marcas registradas também pareceria que têm a recomendação ou a aprovação de Alcoólicos Anônimos.

Pergunta => *Quais são as regras gerais que guiam à Junta ao considerar as solicitações feitas por membros de A.A. para o uso dos logotipos ou as marcas?*

Resposta => Embora cheguem relativamente poucas solicitações para utilizar as marcas registradas por parte dos membros – especialmente se comparadas com a quantidade muito maior de pedidos por parte de membros e pessoas alheias, de permissão para utilizar nossa literatura protegida por copyright (direito autoral); as primeiras solicitações se originam, sem dúvida, do orgulho que os AAs sentem de serem membros. Portanto, muitos pedidos deste tipo têm a ver com o uso de logotipos em cartões elaborados por um membro, e o uso dos logotipos de A.A. em joalheria, camisetas e outros artigos comemorativos para sua venda em convenções, assembleias, fóruns e encontros de A.A.

Pergunta => *Pode haver algum problema com a distribuição de medalhas e outras* "lembranças de sobriedade"*?*

Resposta => A Junta de A.A.W.S. não tem opinião em relação às medalhas em si. Aqueles que desejem usá-las podem fazê-lo sempre que não utilizem o punhado de marcas que A.A. têm

registradas. Podem aproveitar a imensa variedade de desenhos e lemas que são de domínio público. As possibilidades são ilimitadas.

Pergunta => *A Junta considera os pedidos de permissão vindas de entidades alheias à Irmandade?*

Resposta => Sim. Neste caso também, a Junta denega solicitações que podem causar a impressão de afiliação ou se têm propósitos estritamente comerciais. Contrastando com isso, a Junta é muito mais liberal na concessão de permissão para utilizar extratos da nossa literatura protegida por copyright – por exemplo, quando uma agencia do governo ou uma agencia sem fins lucrativos que presta serviços a um número limitado de pessoas, tais como os cegos, pede permissão para publicar material protegido por copyright em braile ou gravado, como um serviço gratuito. Mas, ainda nestes casos, é preciso demonstrar que há necessidade desse material.

Pergunta => *As empresas acederam ao pedido de A.A. de não utilizar nossos símbolos registrados?*

Resposta => Quase sem exceção, as empresas que violaram as leis de *copyright* – direitos autorais, a respeito dos nossos logotipos e marcas, o fizeram. Em algumas instâncias, nos agradeceram por lhes ter chamado a atenção sobre o assunto – expressaram-se favoráveis a qualquer ação em beneficio da Irmandade. A.A. sempre foi muito justa, permitindo um prazo razoável de tempo para esgotar os estoques, para elaborar e fazer os preparativos para produzir um novo desenho. No único caso até esta data que nos vimos obrigados a instalar um processo, conseguimos chegar a uma solução satisfatória e amigável.

Pergunta => *Quando alguma empresa não concorda com o nosso pedido e temos que recorrer à justiça, quem paga a conta?*

Resposta => Não são utilizadas as contribuições dos Grupos ou membros para sufragar gastos judiciais. Todos eles são cobertos por A.A.W.S. como gastos com publicações.

7.8. A experiência dos Washingtonianos e o propósito de A.A.

Box 4-5-9, **Out. Nov./ 1987 (pág. 5 a 7) => http://www.aa.org/newsletters/es_ES/sp_box459_oct-nov87.pdf**
Titulo original: “***Lo Acontecido a los Washingtonianos nos Invita a Ceñirnos a lo Nuestro”.***

Muitos AAs já têm conhecimento da história do nosso precursor imediato, o Grupo de Oxford, que contribuiu para que muitos alcoólicos nos EUA alcançassem a sobriedade durante os ano **1930** e **1940**, e que logo depois infelizmente sucumbiu às tentações do profissionalismo e da política mundial (**http://www.aa.org/newsletters/es_ES/sp_box459_feb-mar87.pdf** => ***Box 4-5-9*** - Fev. Mar./**1987**, pág. 6-7). Menos conhecida é a história do Movimento Washingtoniano que, durante sua breve existência na quarta década de **1800**, estabeleceu muitos dos pontos ideológicos nos que atualmente se baseia a Irmandade de A.A. No que se parecem estes Grupos? E, mais importante, no que se diferenciam? São as diferenças o suficientemente grandes como para assegurar que a força presente e a unidade de A.A. irão resistir às incertezas do futuro, dia após dia?

Estas importantes perguntas foram analisadas num estudo comparado do Movimento Washingtoniano com A.A. feito por Milton A. Maxwell, Ph. D., antigo presidente não alcoólico da Junta de Serviços Gerais, e anteriormente professor de sociologia da Universidade Estadual de

Washington. Antes de se aposentar em **1975**, trabalhava na mesma disciplina no Centro para Investigações sobre o Alcoolismo da Universidade de Rutgers, em New Brunswick, Nova Jersey. Com frequência nos recomendam, como membros de A.A., dar uma olhada atrás *"mas, sem fixações"*. A informação que segue e os estratos adaptados do Dr. Maxwell, podem nos ajudar a fazer exatamente isso – chegar a um entendimento sobre os Washingtonianos dentro do contexto da sua época, apreciar os pontos fortes que nos legaram, e evitar as debilidades que motivaram seu rápido declive.

Até **1840**, o ano em que nasceu a Sociedade de Temperança Washington, de acordo com o Dr. Maxwell, a opinião que prevalecia era a de que nada podia ser feito pelos alcoólicos, embora de vez em quando um bêbado *"se reformava"*. O movimento de temperança que o precedeu e que floresceu entre os anos **1826** e **1836** tinha como único objetivo evitar que o não alcoólico se convertesse em alcoólico. Esta implícita indiferença com os alcoólicos talvez tivesse sua mais clara expressão nas palavras de um zeloso defensor da temperança que disse: *"Mantenha abstêmios os abstêmios; os bêbados logo irão morrer; e o país será libertado"*. *"Assim, foi preparado o terreno para o nascimento do Movimento Washingtoniano"*, diz o Dr. Maxwell.

Da mesma maneira que A.A. foi iniciada por bêbados que se ajudavam uns aos outros, assim foi o Movimento Washingtoniano, que teve sua origem numa taverna de Baltimore. Uma noite de abril do ano **1840**, seis companheiros de copo – um carpinteiro, um ourives, um fabricante de carroças e dois ferreiros, decidiram de brincadeira, desafiar um movimento de temperança que naquele momento já estava em declínio - *"um bando de hipócritas"*, conforme um deles, e formaram sua própria sociedade. Imediatamente, celebraram uma reunião, escolheram uma diretoria, fixaram uma cota de 25 centavos de dólar por membro e acordaram que cada um levasse mais uma pessoa na reunião seguinte.

Os novos membros pediram ao presidente para redigir um termo de compromisso, o qual seria assinado por todos no dia seguinte. O compromisso: *"Nós, os que subscrevemos, desejosos de formar uma sociedade para o nosso benefício mútuo, e para nos proteger de um costume pernicioso que prejudica nossa saúde, nossa posição e nossas famílias, prometemos, como cavalheiros, que não iremos beber nenhuma bebida espirituosa ou de malte fermentado, cerveja, vinho ou sidra"*.

A sociedade de Temperança Washington, como esse pequeno grupo se autonomeou, continuou se reunindo no lugar de costume, a Taverna Chase, até que a mulher do proprietário chamou sua atenção devido à perda cada vez maior de clientes. Então, começaram a se reunir na casa de um dos membros até que o grupo se tornou maior e a casa já não comportava mais; foram então para a carpintaria, e finalmente alugaram seu próprio salão. A sociedade foi crescendo tão rapidamente, diz o Dr. Maxwell, que na comemoração do seu primeiro aniversário reuniram-se uns mil bebedores reformados, junto com outros cinco mil membros e amigos.

O movimento se estendeu até Nova York, Boston, Pittsburgh e lugares mais remotos, e alcançou o pico de sua atividade em **1943**, quando, de acordo com um cálculo aproximado, tinha entre cem mil e seis centos mil *"bêbados reformados como membros"*. Outro acontecimento notável foi a organização de mulheres na Sociedade Martha Washington, cujos membros apoiavam os Washingtonianos, trabalhavam para *"resgatar as intemperadas"* e também faziam obras de caridade dando *"alimento aos pobres e roupa aos necessitados"*.

Entretanto, embora o movimento continua-se se expandindo por todo o país, já começava a se perceber um pronunciado declínio. Na Cidade de Nova York, diz o Dr. Maxwell, os Filhos da

Temperança, uma irmandade que preconizava a abstinência completa e que foi fundada com a ajuda e a aprovação dos Washingtonianos; em **1842** começou a contar com muitos membros vindos dos próprios Washingtonianos. Em menos de três anos, o eminente clérigo Lyman Beecher, escreveria a respeito do *"ressurgimento da maré de licor"*. Disse que, *"embora os Washingtonianos aguentassem e trabalharam bem, suas forças estão acabadas"*.

O Dr. Maxwell explica que esta *"transferência de membros e lealdade"* foi favorecida não apenas pelos Filhos da Temperança, mas também por outras irmandades de temperança que foram criadas naquele tempo. Entretanto, o Movimento Washingtoniano declinou principalmente porque *"seus membros, objetivos e ideologia acabara por se misturar com os dos outros movimentos de temperança, e, portanto, o movimento se tornou algo que no começo não tinha intenção de ser: um ressurgimento do próprio movimento de temperança que eles lá no começo ironizavam. O resultado foi um reforço da ideia de abstinência completa e o recrutamento de milhões de pessoas para a causa da temperança. Más, o propósito original de reabilitar alcoólicos foi perdido de vista"*.

Ao comparar o Movimento Washingtoniano com Alcoólicos Anônimos, o Dr. Maxwell sugere que aquele, mesmo parecido com A.A. enquanto ao seu propósito e foco iniciais *"não tinha uma ideologia o suficientemente distintiva como para evitar sua dissolução"*.

Para ilustrar sua tese indica os pontos comuns dos dois programas: os alcoólicos se ajudam uns aos outros; fixam sua atenção nas suas próprias necessidades e interesses independentemente da diversidade de seus membros, através do predomínio numérico deste grupo; celebram reuniões semanais; compartilham suas experiências; têm disponibilidade constante do grupo ou de seus membros; dependem de um poder Superior, e se abstém completamente do álcool.

Depois, o Dr. Maxwell detalha as diferenças, as quais descrevemos de forma abreviada a continuação:

1) ***Exclusivamente para alcoólicos-.*** Diferentemente dos Washingtonianos, que misturam a temperança com a recuperação do alcoolismo, A.A. se centra unicamente na reabilitação dos alcoólicos.
2) ***Unicidade de propósito. -*** *"A.A. não está filiada a nenhuma seita religiosa, partido político, organização ou instituição; não deseja entrar em controvérsias; não apoia nem combate causa alguma. Nosso objetivo principal e mantermo-nos sóbrios e ajudar outros alcoólicos a alcançar a sobriedade"*. Embora entre os Washingtonianos tenham sido feitos grandes esforços para minimizar as diferenças teológicas, políticas e sectárias, o movimento, conforme o Dr. Maxwell, *"viu-se envolvido na mesma controvérsia dos outros movimentos de temperança. Além do mais, os Washingtonianos acabaram por naufragar na questão da alternativa* 'persuasão moral / ação legal'". O que tinham conseguido utilizando unicamente o amor e a bondade para reabilitar os alcoólicos fez crer aos washingtonianos e a outras pessoas que se devia empregar o mesmo método para tratar com os fabricantes e comerciantes de bebidas. Seu enfoque chocou-se com o sentimento geral dos movimentos de temperança que favoreciam a *"ação legal"* e que consideravam que a ênfase que os Washingtonianos deram à *"persuasão moral"* como *"um indício de loucura sensibilizadora"*. O número de seus membros ia diminuindo, e os Washingtonianos encontravam-se apanhados em suas próprias redes políticas.
3) ***Um programa de recuperação apropriado e bem definido. -*** Ao invés de considerar o alcoolismo como uma questão moral – como um mal que deve ser eliminado, A.A. o

considera uma doença, o sintoma de um transtorno de personalidade. *"Seu programa foi concebido para atacar o problema central; quer dizer, para efetuar uma mudança de personalidade. Quando comparado com a partilha de experiências nos grupos Washingtonianos, o programa de A.A. está enriquecido notadamente pela penetração psicológica que a literatura de A.A. leva aos seus Grupos... O aspecto espiritual do programa está mais claramente definido, inclusive considerando-o como uma condição indispensável para a recuperação"*.

4) ***O anonimato.*** **-** Os opositores dos Washingtonianos se valeram alegremente das *"recaída"* de membros eminentes do movimento, aproveitando-as ao máximo para prejudica-lo, e a confiança do público foi diminuindo. O anonimato protege A.A. da crítica pública, não apenas nas recaídas, mas também dos fracassos e das tensões internas.
5) ***Tradições que evitam armadilhas.*** **-** A.A. diferencia-se decisivamente do Movimento Washingtoniano por ter conseguido desenvolver um conjunto de Tradições relativamente uniforme para evitar os perigos e abusos que as organizações, de forma geral, têm que enfrentar. De especial importância é a Tradição de manter a autoridade incorporada nos princípios e não em funções ou personalidades.

   A tradição da autossuficiência completa dos Grupos e a atividade de A.A. através das contribuições voluntárias de seus membros, evita os perigos inerentes às cotas fixas, taxas, arrecadações públicas, etc., e conduz à independência e à dignidade. Reduzindo ao mínimo a preocupação com o dinheiro, consegue elevar ao máximo o sentimento de companheirismo. A Tradição que diz que *"qualquer propriedade considerável de bens de uso legítimo para A.A. deve incorporar-se e ser administrada em separado"*, também é importante porque evita que os Grupos se envolvam com problemas de acúmulo de dinheiro além do mínimo necessário para seu funcionamento.

   Estas três últimas Tradições sugere o Dr. Maxwell, *"podem ser resumidas como uma forma de prevenir-se da tendência comum de esquecer que o dinheiro, a propriedade e a organização são unicamente meios – e que os meios encontram seu lugar apropriado apenas quando se tem uma visão clara do fim a ser alcançado.*

   Para A.A., estas Tradições devem manter a atenção dos Grupos fixada em seu objetivo primordial: ajudar os alcoólicos a se recuperar. As Tradições e a sua clara expressão, são vantagens que o Movimento Washingtoniano nunca teve".

À luz dos conhecimentos atuais, o Dr. Maxwell conclui dizendo, *"Não existe razão alguma pela qual A.A. não possa continuar existindo indefinidamente. Quanto tempo irá sobreviver, dependerá do apego dos membros ao programa e aos princípios e do grau de atividade que tenham com outros alcoólicos, da sua diligência em praticar o restante do programa e da sua boa vontade para guiar-se pelas Tradições estabelecidas"*.

7.9. A identificação – a essência do nosso vinculo comum

***Box 4-5-9*, Fev. Mar. / 1997 (pág. 1) => http://www.aa.org/newsletters/es_ES/sp_box459_feb-mar97.pdf**

Título original: "***La identificación es 'lo esencial de nuestro vínculo comun'".***

"Meu nome é Rosemary P. e sou alcoólica. É uma forma simples de se apresentar. E poderosa. Diz instantaneamente quem e o que sou. Imediatamente me vincula a outra pessoa também alcoólica".

Falando no Fórum Regional do Noroeste *(EUA),* realizado no passado mês de junho (**1996**) em Portland, Maine, Rosemary chamou a identificação *"a essência mesma de nosso vínculo comum"* e manifestou sua preocupação porque *"a forma em que tradicionalmente nos apresentamos nas reuniões tenha mudado tanto. Com frequência, omite-se até a palavra '*alcoólico'".

A Delegada de Nova York/Central referiu-se a algumas novas formas de se apresentar ouvidas atualmente em A.A., desde *"sou duplo adicto"* ou *"dependente de substâncias químicas"* até *"sou uma pessoa em recuperação"*. Disse que sempre *"me sinto tentada a replicar-lhes com a pergunta é um* 'que' *duplo adicto? É um* 'que' *dependente de substâncias químicas? De* 'que' *ou de* 'quem' *se está recuperando?"* E cada vez mais frustrada acrescentou, *"porque necessito saber que você está na reunião pela mesma razão que eu estou ali, para a recuperação progressiva da doença do alcoolismo"*.

Rosemary também é da opinião que a aparente desintegração da maneira de nos identificar *"submete nossa unidade e nossa unicidade de propósito a um grande esforço. Ao dizer em um evento de A.A.* 'sou drogadicto e alcoólico' *ou* 'sou alcoólico e duplo adicto' *estou dizendo que sou um tipo especial de bêbado, que o meu caso de alcoolismo é diferente do seu. Acrescento outra dimensão à minha doença – uma dimensão que, devido à nossa unicidade de propósito, não se deve considerar em uma reunião de A.A. O resultado é um corte pela metade do nosso vínculo comum e, mais importante, diluo minha própria razão para estar ali"*.

Na sua Área, diz Rosemary, *"se acreditava que depois que uma pessoa tinha passado um tempo em A.A. iriamos ouvi-la dizer:* 'sou um alcoólico'*; que as outras palavras desapareceriam. Mas isso não aconteceu. Vemos gente que leva dois, três ou quatro anos sóbria em A.A. ainda aferradas ao jargão das clínicas de tratamento de onde vieram. Não fizeram a transição"*.

O que devemos fazer sugere Rosemary, é fazer uma clara distinção entre os nossos problemas e leva-los separadamente aos programas específicos para trata-los: por exemplo, Narcóticos Anônimos ou Jogadores Anônimos. E quando participemos dessas reuniões, diz Rosemary, *"devemos identificar-nos como corresponda"*.

Foi sugerido, disse, *"para nos dirigir às instituições de tratamento e, com espirito de cooperação e para o bem do principiante, lhes peçamos que ensinem seus pacientes a distinguir suas adições ao invés de agrupá-los sob o rótulo de* 'personalidades propensas à adição' *utilizando-se daquele bordão* 'uma droga é uma droga é uma droga'".

A ideia de solicitar a cooperação alheia faz sentido, observa Rosemary, *"porém, me pergunto se a verdadeira solução não se encontra dentro da nossa Irmandade mesmo. Não é da responsabilidade de cada um de nós mantermos nosso programa intacto, e passa-lo ao principiante tal como foi passado a nós? E, podemos fazê-lo através de explicações pacientes, tolerância com as diferenças e mais explicação paciente? Acredito que sim, através do apadrinhamento comprometido, Grupos base sólidos e serviço ativo. Desta maneira, nossos novos membros aprenderão a ser parte, e não um fragmento de A.A."*.

Rosemary conclui dizendo : *"A maioria de nós já ouviu dizer que* 'se um dia A.A. for destruído, seria desde dentro' *Na minha opinião, a apatia, com frequência disfarçada de* 'viva e deixe *viver' é um de nossos piores inimigos. Entretanto, a força destruidora não está nos membros*

que se apresentam como ‘adictos duplos’ *mas na atitude daqueles que cruzam os braços e dizem:* ‘por mim, tanto faz’”.

7.10. A primeira Conferência de Serviços Gerais

***Box 4-5-9*, de Abr. Mai. / 2008 (pág. 3-4)=> http://www.aa.org/newsletters/es_ES/sp_box459_april-may08.pdf**
Título original: *“**El camino rocoso hacia la primera Conferencia de Servicios Generales**”*

Membros de A.A., representantes das 93 Áreas de serviço dos EUA e Canadá, voltam a se reunir neste mês de abril na Cidade de Nova York para a realização da 58ª Conferência de Serviços Gerais (**2008**), evento com duração de uma semana. Os Delegados irão trabalhar em conjunto com os 21 Custódios, diretores e membros do pessoal do ESG e da Grapevine para conduzir os assuntos de Alcoólicos Anônimos.

Entre as incumbências da Conferência anual – que tem o lema *“Comunicação e participação: a chave da unidade e da autossuficiência*”, o Comitê de Informação ao Público, irá fazer a revisão da enquete dos membros de A.A. de **2007** que se realiza a cada três anos. O Comitê de Instituições de Tratamento irá avaliar uma amostra do vídeo revisado *“Esperança: Alcoólicos Anônimos”* e outras questões da ordem do dia.

Nos dias atuais a Conferência é reconhecida como o meio através do qual é ouvida a voz dos membros de A.A. Alguns dizem que é o que mais se parece com uma consciência de Grupo. Entretanto, o caminho que conduziu à primeira Conferência de Serviços Gerais em **1951**, esteve permeado de obstáculos.

Anos antes, Bill W., chegou a se convencer de que a Irmandade precisava de uma reunião anual para que os Grupos de A.A. pudessem expressar suas ideias e opiniões ao ESG (então conhecido como Sede). Porém, seu plano acabou por provocar uma furiosa oposição por parte de muitos que acreditavam que aquele empreendimento tinha sido perigosamente idealizado.

A.A. tinha crescido muito desde **1938**, ano em que a Fundação do Alcoólico foi fundada e quando não tinha mais de cem membros. Em **1948**, quando o número de membros chegava a 30.000, Bill começou a formular um plano para estabelecer uma conferência com delegados eleitos entre os AAs de todo o país.

Bill escreveu que, *“uma Conferência irá reunir amigavelmente nossos Custódios e uma amostra representativa dos membros... e preencherá para sempre esse vazio eliminando a distância que o Dr. Bob, eu e outros mantemos da Irmandade”*.

Na Sede houve pouco entusiasmo pelo projeto. Na opinião da maioria dos Custódios, A.A. estava prosperando e não viam razão alguma para endossar aquilo que a eles lhes parecia uma mudança radical.

A frustração que Bill sentiu por não poder convencer a Junta do valor da sua proposta transparece numa carta em que se refere aos Custódios: *“A ideia de compartilhar suas prerrogativas*

com a Conferência... não foi muito apetecível... Insistem em me colocar numa torre de marfim enquanto querem manter sua autoridade e o controle dos títulos e do dinheiro".

Alguns se queixaram da rudeza de Bill. Em uma carta dirigida a Bill em abril de **1948**, um Custódio não alcoólico escreve: *"não foi muito diplomático na sua forma de apresentar o assunto e como consequência entraram no meio personalidades, boatos, acusações, etc. que não deveriam ter entrado nesta discussão"*.

Um Custódio não alcoólico se demitiu devido a esse assunto e explicando suas razões numa carta dirigida a Bill em fevereiro de 1948: *"Acredito que as relações bastante complicadas previstas no seu plano, irão ensejar mais problemas que soluções"*.

Bill confessou que sua maneira um tanto obstinada estava provocando animadversão, porém, acreditava que devia ser daquele jeito. Temia que depois da sua morte e da do Dr. Bob, a Fundação do Alcoólico iria perder a legitimidade. No seu entendimento, assim ocorrendo, iria prejudicar A.A. de varias maneiras, entre elas, um reduzido apoio econômico ao Escritório de Nova York por parte dos Grupos.

Nas suas próprias palavras: *"Uma Junta de Custódios que se autoperpetua, desconhecida da maioria dos membros de A.A., não iria durar muito tempo"*.

Bill percebia a necessidade de contar com a aprovação do outro cofundador de A.A., porém, no começo, o Dr. Bob tampouco via a necessidade de uma conferência.

Pouco antes do falecimento do Dr. Bob, em novembro de **1950**, Bill viajou a Akron para se reunir com ele e voltar a lhe expor os argumentos em favor da proposta. Finalmente, o Dr. Bob deu sua aprovação ao projeto. Pouco depois, a contragosto, os Custódios deram seu consentimento. Como escreveu um participante no seu relatório a respeito daquele período: *"Os Custódios votaram com grandes reservas a favor de aprovar a Conferência 'a título de experiência'. Chegaram ao acordo de que seriam realizadas desde **1951** até **1954** e que em **1955** após avaliação de todo o conceito tomariam a decisão final"*.

Ainda havia muitos detalhes para resolver: como se financiaria a Conferência; como se determinaria o número de delegados que correspondesse às regiões dos EUA e Canadá; como seria feia a eleição dos delegados, e de quanta autoridade seria investida a Conferência. Bill colocou por escrito todas as ideias referentes a como tratar esse assuntos num pequeno livro que tinha o título *"O Terceiro Legado"*, que mais tarde iria se chamar *"Manual de Serviço de A.A."*

No dia 20 de abril de **1951**, 37 Delegados dos EUA e Canadá foram a Nova York e passaram três dias se reunindo com os 15 Custódios, Bill e os membros do ESG e da Grapevine.

Essa Conferência e as três seguintes durante o período de experiência, serviram para demonstrar a acertada visão original de Bill de que uma reunião anual dos Delegados dos grupos de A.A. poderia funcionar e ser útil ao bem da Irmandade.

No Brasil:

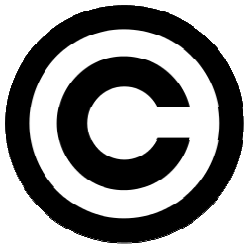
Nos dias cinco e seis de abril de **1977**, realizou-se em Recife (PE) a ***Primeira Conferência de Serviços Gerais – CSG***.

7.11. A respeito dos direitos autorais do Livro Azul

***Box 4-5-9*, Out. Nov. / 1987 (pág. 2-3) => http://www.aa.org/newsletters/es_ES/sp_box459_oct-nov87.pdf**

Título original: ***"Más Acerca del Copyright del Libro Grande"***

Justamente depois do encerramento da muito produtiva Conferência de Serviços Gerais de **1985**, foi confirmado que o livro Alcoólicos Anônimos, considerado por muitos nossa *"bíblia"*, já não era na sua versão em inglês propriedade única da Irmandade. Na realidade, pertencia ao mundo todo.



De alguma maneira, por descuido, em **1967** – quatro anos antes da morte de Bill W., aparentemente não foram renovados os direitos autorais (copyright) originais. Naquele então, tinha-se a impressão de que, apenas pelo fato de ter publicado a Segunda Edição em **1955**, justificaria para renovação automática dos direitos autorais – uma conclusão errada de acordo com a lei. De fato, os direitos autorais da Segunda Edição protegiam apenas o material que aparecia pela primeira vez na mesma.

Ademais, o erro persistiu ao deixar passar a data da renovação dos direitos autorais da Segunda Edição em **1983**, sem adotar as medidas necessárias – já havia sido publicada a Terceira Edição em **1976**. O resultado foi que a alma mesma do Livro Azul, suas primeiras 164 páginas era, em **1985**, tinha sido, desde **1967**, e ainda é de domínio público.

Entre as principais preocupações decorrentes desta situação contava-se a de que, uma vez que qualquer um poderia publicar o Livro Azul, a integridade da mensagem de A.A. como nós a conhecemos, fosse distorcida. Além do mais, devido ao fato de que naquele tempo existia uma dependência insana dos ingressos da empresa editora para compensar a deficiência das contribuições dos Grupos, qualquer esforço em grande escala feito para conseguir uma casa editora alheia a A.A. poderia causar graves repercussões na estabilidade financeira da Irmandade.

Portanto, a junta corporativa do A.A.W.S. (Serviços Mundiais de A.A.), viu-se não apenas no direito (o *"Direito de Decisão"* do Terceiro Conceito), mas também na responsabilidade inevitável de realizar algumas ações para melhorar a situação, até receber orientação da Irmandade na sua totalidade na Conferência de Serviços Gerais de **1986**, cuja reunião seguinte iria ser quase um ano depois. É claro, a Junta de Serviços Gerais participava regularmente nas consultas.

Foi necessário adotar algumas medidas imediatamente. Primeiro, foi contratado um advogado competente, especializado na matéria, para tratar de tudo que se referisse a direitos autorais e marcas registradas. Ao mesmo tempo, teria que voltar a se rever o convênio sobre os *royalties* (pagamento por direitos autorais) assinado em **1963** entre Bill W. e A.A.W.S. Parecia que os interessados compartilhavam a responsabilidade de efetuar as renovações dos direitos autorais. A preocupação de A.A.W.S. de tratar equitativamente todos os interessados, apoiada por sábios conselhos legais, facilitou a solução. Foi feita uma emenda ao convênio, já aplicada a Lois Wilson, viúva de Bill W., dispondo que nenhuma parte interessada responsabiliza-se a outra pela perda dos direitos autorais; e que os pagamentos continuassem, exatamente como se houvessem sido renovados os direitos autorais na data apropriada.

Outro assunto que demandou a atenção imediata do A.A.W.S. foi que uma editora alheia à Irmandade, localizada em Ohio, havia anunciado a publicação de um fac-símile (cópia ou reprodução que apresenta uma grande semelhança com o original) da Primeira Edição de *Alcoólicos Anônimos,* inclusive com o desenho original da primeira capa (vermelho, amarelo e preto), para coincidir com a Convenção Internacional do 50º aniversário. Neste caso, a questão legal residia em que, embora o conteúdo do Livro Azul fosse de domínio público (ao menos o das Edições Primeira e Segunda), a

lei federal de *"fair-trade"* (comercio justo), nos protege contra os comerciantes que pretendem vender um produto *parecido* com um produto nosso. Os nossos advogados adotaram as medidas cabíveis. (Um ponto relacionado: em **1986**, alguém tratou de vender no Canadá uma edição em miniatura do livro *Alcoólicos Anônimos*, publicada em Hong Kong. Este assunto foi tratado como uma violação de direitos autorais, uma vez que A.A.W.S. ainda detém a propriedade dos direitos autorais sobre a Primeira Edição do livro no Canadá).

Enquanto foi possível, A.A.W.S. empreendeu um estudo de mercado detalhado e, baseado neste estudo fez algumas recomendações ao Comitê de Literatura da Junta de Custódios, para que fosse publicado o Livro Azul em outros formatos. A Junta De Serviços Gerais, por sua vez, submeteu estas recomendações ao Comitê de literatura da Conferência. O resultado deste esforço foi a publicação do Livro Azul em brochura, muito popular na Irmandade.

No inicio foi considerada a possibilidade de pedir uma ação extraordinária do Congresso, que fosse prolongada a proteção dos nossos direitos autorais pelo menos até a data em que deveríamos ter renovado. Por coincidência, justo no momento em que se estavam iniciando as pesquisas para esse fim, o Tribunal Federal do Distrito de Washington, DC, recusava uma lei muito parecida com a que nós pretendíamos. A decisão original ainda está sendo considerada no Tribunal de Apelações, e é possível, independentemente do resultado, que a parte perdedora leve o pleito ao Supremo Tribunal. De acordo com os nossos conselheiros legais, postergamos i os nossos esforços até que se chegue a uma decisão final a respeito, o que pode demorar anos.

Entretanto, a experiência nos tem ensinado muito. É obvio que a lealdade da Irmandade é incorruptível. É provável que os AAs continuem comprando nossa literatura sem se importar com o que façam as editoras alheias a nós – queremos ter a segurança de que nossa mensagem é completa, sem alterações ou emendas, até que decidamos muda-la. Chegamos também á conclusão de que são muito poucas as editoras que podem publicar o Livro Azul por um preço competitivo, principalmente se levarmos em consideração a lealdade anteriormente citada. Ademais, como resultado de um projeto independente e sem relação com o assunto dos direitos autorais, o Projeto de Autossuficiência, nossa dependência do superávit da nossa editora para apoiar os serviços de grupo, está diminuindo num ritmo que excede as expectativas mais otimistas. Vemo-nos em condições de poder baixar o preço da nossa literatura em inglês – tornando-nos assim, mais competitivos.

Como muitos de nós sabemos por nossa própria experiência, quando podemos adotar uma atitude positiva, a aparente adversidade converte-se num desafio com o qual podemos aprender muito. <= Fim da transcrição.

IMPORTANTE: *Os direitos autorais do livro* **Alcoólicos Anônimos** *(Livro Azul) publicado pela Junaab, em português no Brasil, continuam a pertencer a A.A.W.S.*

7.12. A.A... nunca deve ser organizada

***Box 4-5-9*, Fev. Mar. / 1990 (pág. 3) => http://www.aa.org/newsletters/es_ES/sp_box459_feb-mar90.pdf**
Título original: "***A.A.... nunca debe ser organizada...".***

O preconizado pela Nona Tradição é tão válido atualmente (**1990**) quanto quando as Tradições foram definidas pela primeira vez. Ela nos diz que a força de A.A. vem dos princípios espirituais e não de uma direção organizada nem de um governo como na maioria de outros grupos e

organizações; nem de regras nem de regulamentos. Em poucas palavras, *"não há chefes em A.A."*. Entretanto, levando em consideração que alguns elementos de organização são necessários para a eficácia dos serviços de A.A., a Nona Tradição também dispõe que podem ser criadas *"juntas ou comitês de serviço diretamente responsáveis perante aqueles a quem prestam serviços."*.

Quando a Nona Tradição foi redigida pela primeira vez, seu conteúdo foi claramente consistente com o início humilde da A.A. – a todos agradava a ausência de um governo, e houve pouca necessidade de juntas e comitês de serviço. Desde aquela época, entretanto, A.A. tem crescido muito em tamanho, reconhecimento e prestigio. E, seja gostando ou não, A.A. alcançou uma proeminência internacional e se converteu numa força importante na sociedade atual. Felizmente, o desenvolvimento de A.A. não fez acreditar à Irmandade que agora precise de pessoas no comando – simplesmente há um maior número de AAs que valorizam e reafirmam o fato de que *"não há chefes em A.A."*.

Entretanto, as necessidades de serviço do crescente número de membros, ensejaram a formação de juntas de serviço e comitês mais sofisticados para prestar os serviços necessários. De forma indireta, o desenvolvimento da Irmandade ocasionou a necessidade correspondente de que algumas destas entidades sejam formalmente estruturadas, Por exemplo, o número de Comitês de Área assim como alguns Escritórios de Serviços Locais está agora constituídos como sociedade (ou organizados como outro tipo de associação formal) – normalmente como corporações sem fins lucrativos isentas de impostos (de fato, também há alguns Grupos constituídos a essa semelhança). O que tem a ver o desenvolvimento de A.A. com a tal estruturação formal?

Em alguns casos, e possível que tenham percebido a necessidade de uma estruturação formal quando foi preciso alugar um espaço comercial; com frequência os proprietários de espaços comerciais exigem que os possíveis inquilinos sejam entidades formalmente estruturadas, e não grupos de pessoas informalmente associadas. Ademais, ainda sendo possível alugar o espaço, poderia ser difícil obter uma apólice de seguros adequada.

Mais importante ainda, alguns comitês perceberam que há um motivo mais contundente para se organizar formalmente; as disposições pertinentes da lei quase os obrigam a fazer isso. Dizendo melhor, muitas destas entidades se mantem pelas contribuições voluntárias e estas entradas, acima de certa quantia, têm que ser notificadas ao Serviço de Receitas Públicas. Muitos Estados também têm seus requisitos a este respeito. Para evitar sujeitar-se aos impostos federais sobre tais entradas, alguns comitês solicitam isenção de impostos tanto federais como estaduais seguindo os tramites apropriados. Entretanto, em muitos casos, antes de solicitar a isenção, é preciso reestruturar o comitê, constituindo-o em sociedade anônima ou outra organização formal, de acordo com as leis do Estado. E depois de tomar estas medidas, há requerimentos quanto à notificação dos órgãos arrecadatórios e, em muitos casos a agencia local do Estado (por exemplo, o Departamento de Contribuições Caritativas do Escritório de Fiscalização do Estado de Nova York).

Embora à primeira vista tal estrutura e formalidade pareçam entrar em choque com a Nona Tradição, é importante ter em mente que a Tradição também nos adverte sobre a inconveniência de um governo *interno*, e não recomenda que uma entidade de A.A. evite, a qualquer custo, as obrigações que a lei lhe impõe. Os comitês locais talvez devam estudar as disposições das leis federais e estaduais na medida em que estas se relacionam com as atividades desses comitês, a fim de que as decisões tomadas pelo comitê enquanto à necessidade ou não de se transformar em uma organização formal, estejam baseadas numa consciência de Grupo informada.

Compartilhamentos por parte da Irmandade a respeito de como as entidades de A.A. estão tratando estas considerações decorrentes do desenvolvimento de A.A., serão bem recebidas no ESG.

7.13. Al-Anon e os laços que nos unem

***Box 4-5-9*, Out. Nov. / 1997 (pág. 8) => http://www.aa.org/newsletters/es_ES/sp_box459_oct-nov97.pdf**
Título original: "***Al-Anon y A.A. - Los lazos que nos unen son estreehos pero separados"***

Os Grupos Familiares Al-Anon e Alcoólicos Anônimos têm uma relação única forjada nas bigornas gêmeas do alcoolismo e da recuperação através dos Passos, das Tradições e dos Conceitos de A.A. Embora estejam naturalmente unidas por seus vínculos comuns, estas duas Irmandades têm objetivos diferentes: em A.A. nosso objetivo primordial é nos mantermos sóbrios e ajudar outros a se recuperar do alcoolismo; em Al-Anon os membros tratam de compreender e enfrentar de forma positiva os efeitos que produzem neles mesmos a maneira de beber de outra pessoa e se esforçam para ajudar os familiares e amigos dos alcoólicos.

Embora as duas Irmandades estejam interessadas nas consequências do alcoolismo - e o programa de recuperação de Al-Anon seja uma adaptação baseada no programa de A.A., historicamente funcionaram muito próximas, mas nunca uma esteve à sombra da outra. Esta maneira separada de funcionar resultou benéfica para as duas Irmandades. A política de A.A. de *"cooperação sem afiliação"*, no espirito da Sexta Tradição, foi reconhecida em **1951**, quando o primeiro escritório de serviços de Al-Anon abriu suas portas. Portanto, cada entidade tem sua Junta de Serviços Gerais, Escritório de Serviços Gerais, Conferência, editora de publicações e diretorias independentes; cada uma estabeleceu sua própria política e normas e mantém seus próprios serviços e Escritórios de Serviços Locais.

Uma pergunta que surge com certa frequência é *"pode um Grupo estar filiado a A.A. e Al-Anon?"* A resposta, como indicado nos Guias de A.A. sobre a relação entre A.A. e Al-Anon, é: *"É sugerido que os Grupos se mantenham separados. Mantendo-se separadas, as duas Irmandades poderão funcionar dentro de suas Doze Tradições e poderão levar suas mensagens com maior eficácia. Portanto, o nome do Grupo, os servidores do Grupo e as reuniões deverão ser de A.A. ou de Al-Anon, mas não das duas"*. Os Guias continuam, *"As reuniões de A.A., sejam elas abertas ou fechadas, são coordenadas por membros de A.A. Nas reuniões abertas, podem ser convidadas a compartilhar pessoas convidadas ou visitantes, se assim a consciência do Grupo o permitir"*. Sem qualquer duvida, todos são bem-vindos às reuniões abertas dos Grupos de A.A. e de Al-Anon.

Respondendo a outra pergunta, *"como podem cooperar A.A. e Al-Anon nas Convenções de Área ou Regionais?"*, os Guias de A.A. explicam: *"De acordo com a Doze Tradições, uma Convenção deve ser de A.A. ou de Al-Anon – não das duas. Entretanto, a maioria dos comitês das Convenções convidam Al-Anon a participar com seu próprio programa e o comitê faz os acertos necessários para conseguir lugar para as reuniões de Al-Anon"*.

Ao longo dos anos, Al-Anon chegou a ser o recurso de grupo mais comum e conhecido pelas famílias dos alcoólicos – e frequentemente uma bênção dos céus para os familiares dos AAs em recuperação. Para expressar sua gratidão, a Conferencia de Serviços Gerais, em **1969**, emitiu uma declaração oficial que, em parte, dizia: *"Considerando que é o desejo desta Conferencia reconhecer a divida de gratidão com Al-Anon, chegou-se à resolução de que A.A., pela presente, reconhece o*

grande aporte dos Grupos Familiares Al-Anon, que ajudaram e continuam ajudando as famílias dos alcoólicos em todos os lugares".

7.14. Alcoólico/a recuperado/a ou em recuperação?

***Box 4-5-9*, Abr. Mai. / 1993 (pág. 4-5) => http://www.aa.org/newsletters/es_ES/sp_box459_april-may93.pdf**
Título original: "***¿Cual es la mejor forma de decir* 'Estoy sobrio hoy'*?***

"*Meu nome é Mark P. e sou alcoólico. No Livro Grande* (nosso Livro Azul no Brasil), *e em outra literatura de A.A., vejo a palavra* 'recuperado' *porém, em algumas reuniões ouço dizer que isso não existe, que o correto é dizer somente* 'em recuperação'. *Digam-me por favor, qual é a forma correta?".*

Na sua resposta a Mark, que mora em Persing, Indiana, e em todas as outras dirigidas aos AAs, desde a Escócia até a África do Sul, os membros do pessoal do Escritório de Serviços Gerais, fazem notar que os pioneiros de A.A. frequentemente utilizavam a palavra *"recuperado",* e outros termos também, como, *"endireitado", "libertado", "mantendo a sobriedade",* para citar alguns. Ao ver seu genro *(Ernie G.),* sofrer uma recaída após outra, o Dr. Bob cortesmente comentou que nuca tinha *"coalhado".*

Naqueles primeiros tempos, quando aqueles que alcançavam seis meses de sobriedade já eram considerados veteranos, os membros estavam por demais ocupados tratando de se aferrar à sua sobriedade e não se preocupavam muito com a forma adequada para descrever esse estado feliz. Entretanto, na medida em que a Irmandade foi-se desenvolvendo, muitos membros dizem que são alcoólicos *"recuperados",* enquanto outros preferem dizer que estão *"em recuperação"* querendo significar que se estão mantendo sóbrios e *"vivendo um dia de cada vez".*

Como Bill W. diz na página113/3/3, do Livro Azul ...*"Não estamos curados do alcoolismo. O que temos, na verdade, é um alívio diário, que depende da manutenção de nosso estado espiritual..."* . E na carta escrita em **1948** (Na opinião de Bill, pg. 16), disse: *"A maioria dos membros sente-se mais segura seguindo o plano de 24 horas que com a resolução de não voltar a beber nunca mais. A maioria já quebrou resoluções demais. Na realidade é uma questão de orientação pessoal: cada membro tem o privilégio de interpretar o programa da maneira que melhor lhe aprouver".*

Ao se comunicar com os profissionais do campo do alcoolismo e com outros alheios à Irmandade, de maneira geral e para evitar confusões, o Escritório de Serviços Gerais utiliza a palavra *"recuperado".* Se assim não o fizesse, estas pessoas infalivelmente nos iriam perguntar: *"O que vocês quem dizer com a expressão* 'em recuperação', *se já faz seis anos que José não toma um trago, porque continua se esforçando para alcançar a sobriedade?".*

Entretanto, não há regras. Independentemente da forma com que apareça, como substantivo, verbo, adjetivo ou gerúndio, o essencial da recuperação em A.A. unicamente tem a ver como cada um leva a termo o nosso objetivo primordial – "*mantermo-nos sóbrios e ajudar outros alcoólicos a alcançar a sobriedade".* Como diz um membro, meio de brincadeira, *"Pode-me chamar de* 'bêbado sóbrio', 'alcoólico em recuperação', *ou simplesmente* 'seco', *apenas não me chame tarde para ir à reunião de A.A.; o demais é espuma de batido".* **<= Fim da transcrição.**

N.T.: Ampliando o ponto de vista:

1) Extraído do sítio de pesquisas sobre A.A., não oficial => *http://anonpress.org/faq*

Pergunta: *De acordo com o Livro Azul, quando alguém poderá considerar que está recuperado?*

Resposta: Na Irmandade parece haver duas correntes de pensamento em relação a este assunto e elas remontam até mesmo ao tempo em que o livro foi escrito; tornam-se evidentes e aparentemente contraditórias no texto ao afirmar que há, sim, recuperação, mas não cura.

Alguns são da opinião de que nunca haverá recuperação se for considerado o texto do Livro Azul (4ª Edição), na página 113/3/3,...*"Não estamos curados do alcoolismo. O que temos, na verdade, é um alívio diário, que depende da manutenção de nosso estado espiritual..."*

Enquanto isso, a palavra *"recuperado/s"* aparece no subtítulo do Livro Azul, cujo título completo é, ***"Alcoólicos Anônimos – A história de mais de cem homens e mulheres que se recuperaram do alcoolismo",*** e repetida, em seu significado literal, por volta de 50 vezes ao longo dos onze primeiros capítulos e apêndices (ver abaixo, "*Para entender melhor"*).

Provenientes do pressuposto de que a recuperação é possível, seguem alguns tópicos que poderão sinalizar sua efetivação:

a) O obvio, a partir do contexto, é quando se obtém a ***"libertação da obsessão por beber",*** página 13/3/4 do Livro Azul e/ou,
b) Quando se experimenta uma ***"radical mudança psíquica"*** segundo o Dr. Silkworth em *"A opinião do médico"*, página 27/1/15 do Livro Azul, e/ou,
c) Quando se experimenta uma ***"experiência espiritual vital"*** como descrito por Karl Jung na página 57/3/3, capítulo 2 – *Há uma solução,* e/ou,
d) Quando alguém experimenta o fenômeno psíquico conhecido como ***"as promessas do Passo Nove",*** na página 112/2/1, capitulo 6 – *"Entrando em ação"* do Livro Azul e/ou,
e) Quando se experimenta uma ***"mudança de personalidade necessária para efetuar a recuperação de alcoolismo...",*** como descrito na página 210/1/3, Apêndice II – *A experiência espiritual* do Livro Azul. Aqui, o Dr. Jung explica que uma *"experiência espiritual"* é uma transformação súbita, que pode durar apenas alguns minutos ou talvez algumas horas, enquanto um *"despertar espiritual"* é uma transformação gradual que pode levar dias, semanas, meses ou até mais.

2) Extraído do "*Manual do C.C.C.P*", pág. 148, do ESG do México:

(Nas divulgações)... Sempre dizer *"sou alcoólico recuperado"* **(*)**

(*) Alguns membros da Irmandade preferem o termo *"alcoólico em recuperação"* no lugar de *"alcoólico recuperado"*. Em A.A., a primeira expressão significa que estamos sempre tentando melhorar. Entretanto, é duvidoso que as pessoas alheias à Irmandade compreendam esta sutil distinção; assim, a segunda expressão é menos confusa para o público em geral e não faz referência a um programa contínuo de recuperação, como o nosso.

PARA ENTENDER MELHOR:

Relação das citações recuperação/recuperados, *recolhida na 4ª reimpressão da 4ª edição (atualizada - em tese, a versão oficial, e publicada pela primeira vez em fevereiro de **2001**), do livro* **Alcoólicos Anônimos** *(Livro Azul) publicado pela JUNAAB* (página/parágrafo/linha):

Prefácio à primeira edição

1) 11/1/1 – *Nós, de Alcoólicos Anônimos, somos mais cem homens e mulheres que nos **recuperamos** de uma aparentemente irremediável condição mental e física. Demonstrar a outros alcoólicos exatamente como nos **recuperamos** é o principal objetivo deste livro...*

Prefácio à segunda edição

2) *13/2/3 -... Alcoólicos Anônimos desabrochou em quase 6.000 Grupos cujos membros somam bem mais que 150.000 alcoólicos **recuperados**...*
3) 13/3/4 –*... Seis meses antes, o corretor havia sido **libertado de sua obsessão** pela bebida...*
4) 14/3/9 –*... Demonstrou também que um trabalho persistente, de um alcoólico com outro, era vital para a **recuperação** permanente.*
5) 14/4/3 –*... Seu primeiro caso, desesperador, **recuperou-se** imediatamente e tornou-se o terceiro membro de A.A.*
6) 15/4/12 –*... Em fins de 1939, calculava-se que 800 alcoólicos estavam a caminho da **recuperação.***

Prefácio à terceira edição

7) 19/3/1 – *Os princípios básicos do programa de A.A., ao que parece, são válidos para pessoas com os mais variados estilos de vida, assim como o programa tem **recuperado** indivíduos das mais diversas nacionalidades. Os Doze Passos..., mas traçam exatamente o mesmo caminho para a **recuperação** que foi desbravado pelos primeiros membros de A.A.*
8) 19/4/3 –*... Todos os dias, em algum lugar do mundo, uma **recuperação** tem início quando um alcoólico fala com outro alcoólico...*

A opinião do médico

9) 23/4/7 –*... Este homem, e mais de cem outros, parece terem-se **recuperado**...*
10) 27/1/14 –*... Isto se repete inúmeras vezes e, a menos que essa pessoa possa sofrer uma radical mudança psíquica, há muito pouca esperança de **recuperação**.*

Capítulo 2 – Há uma solução

11) 47/1/1 – *Nós, de Alcoólicos Anônimos, conhecemos milhares de homens e mulheres que estiveram, um dia, tão desesperados quanto Bill. Praticamente todos estão **recuperados**. Resolveram seu problema com a bebida.*
12) 50/2/3 -*... apesar da opinião em contrario dos especialistas, **recuperamo-nos** de um estado mental e físico sem esperanças...*
13) 58/4/1 – *Mais adiante, damos informações precisas sobre como nos **recuperamos**.*

Capítulo 3 – Mais sobre o alcoolismo

14) 59/2/1 – *Aprendemos que precisávamos admitir, do fundo de nossos corações, que éramos alcoólicos. Este é o primeiro passo para a **recuperação**...*

Capítulo 4 – Nós, os agnósticos

15) 74/1/1 – *Se um simples código moral ou uma melhor filosofia de vida fossem suficientes para dominar o alcoolismo, muitos de nós estaríamos **recuperados**...*

Capítulo 5 – Como funciona

16) 87/1/1 – *Raramente vimos alguém fracassar tendo seguido cuidadosamente nosso caminho. Os que não se* ***recuperam*** *são pessoas que não conseguem ou não querem... Existem também as que sofrem de graves distúrbios mentais e emocionais, mas muitas delas se* ***recuperam****, se tiverem a capacidade de serem honestas.*
17) 88/3/1 – *Eis os passos que demos, e que são sugeridos como um programa de* ***recuperação****.*

Capítulo 7 – Trabalhando com os outros

18) 117/2/1 -... *Observar as pessoas se* ***recuperarem****, vê-las ajudando outras, observar a solidão desaparecer,...*
19) 117/3/1 – *Talvez você conheça bebedores que desejem se* ***recuperar****...*
20) 118/4/9 -... *Se ele disser que sim, então você deve ser mencionado como alguém que pertence a uma irmandade cujos membros, dentro de seu programa de* ***recuperação****, tentam ajudar outros...*
21) 124/1/10 -... *Ele diz sempre que, se tivesse insistido em trabalhar com aquelas pessoas, poderia ter privado muitas outras, que se* ***recuperaram****, de suas oportunidades.*
22) 124/2/2 -... *Ele leu este livro e diz que está preparado para praticar os Doze Passos do programa de* ***recuperação****...*
23) 124/4/2 -... *Ajudar os outros é a pedra fundamental de nossa* ***recuperação****...*
24) 125/3/4 -... *Caso eles aceitem e pratiquem os princípios espirituais, há muito mais chances de que o chefe de família se* ***recupere****...*
25) 126/2/1 – *Convença todas as pessoas de que podem se* ***recuperar*** *independentemente de qualquer um...*
26) 127/2/1 – *Se houver um divórcio ou separação, não deve haver presa em reunir o casal. O homem deve estar seguro quanto à sua* ***recuperação****. A mulher deve compreender inteiramente seu novo modo de vida...*
27) 127/3/1 – *Não permita que um alcoólico diga que não consegue se* ***recuperar*** *se não tiver a família de volta. Não é verdade... Vimos outros recaírem quando a família voltou cedo demais.*

Capítulo 8 – Às esposas

28) 133/1/5 -... *Tem sido evidente que as mulheres, quando seguem nossas sugestões,* ***recuperam*** *a saúde com tanta facilidade quanto os homens.*
29) 139/2/8 -... *Muitos, entre nossos maridos, haviam chegado a este ponto. Entretanto, estão* ***recuperados****.*
30) 141-142/5/5 -... *Ele sabe que milhares de homens, bem perecidos com ele, já se* ***recuperaram****... Espere até que vários passos em falso o convençam de que ele precisa agir, pois quanto mais você o apresar, mais pode estar adiando sua* ***recuperação****.*
31) 142/3/1 – *Você pode imaginar que os homens do tipo número quatro sejam praticamente* ***irrecuperáveis****, mas não é assim... Entretanto, tais homens tiveram, com freqüência,* ***recuperações*** *espetaculares e impressionantes.*

Capítulo 9 – A família depois

32) 151/1/1 - *As esposas sugeriram algumas atitudes a serem tomadas em relação aos maridos em* ***recuperação****...*
33) 161/2/4 -*... Mas porque não deveríamos rir? Estamo-nos* ***recuperando*** *e nos foi dado o poder de ajudar outras pessoas.*
34) 161/4/1 – *Agora, falemos de saúde. Um corpo seriamente consumido pelo álcool não se* ***recupera****, muitas vezes, da noite para o dia... Nós, que nos* ***recuperamos*** *da embriaguez, somos milagres da saúde mental...*
35) 163/4/1 – *Viva ou não sua família segundo bases espirituais, o alcoólico precisa fazer isto, se quiser se* ***recuperar****...*

Capítulo 10 – Aos empregadores

36) 168/2/5 -*... Para mim, isto ilustra a falta de compreensão quanto ao que realmente aflige o alcoólico e a falta de conhecimento a respeito do papel que os empregadores poderiam desempenhar na* ***recuperação*** *de seus funcionários doentes.*
37) 171/3/5 -*... É preciso que ele entenda bem isto. Ou você está lidando com um homem que pode e quer se* ***recuperar****, ou não está...*
38) 171/4/1 – *Depois de se certificar de que seu empregado quer se* ***recuperar*** *e que fará o que for preciso para conseguir, ...*
39) 172/2/7 -*... Todos nós precisamos colocar a* ***recuperação*** *acima de tudo o mais, pois sem a recuperação teríamos perdido tanto o lar quanto o emprego.*
40) 172/3/1 – *Você pode confiar totalmente em sua capacidade de se* ***recuperar****? Por falar em confiança...*
41) 175/2/5 -*... Um alcoólico em* ***recuperação****, ocupando um cargo relativamente importante, pode conversar com alguém hierarquicamente superior...*
42) 175/3/4 -*... Se estiver, ou ainda estiver tentando se* ***recuperar****, ele lhe dirá a verdade, mesmo que isto signifique a perda do emprego... Se estiver seguindo conscientemente o programa de* ***recuperação****, poderá ir a qualquer lugar que seu trabalho exigir.*
43) 176/2/2 -*... Não deve receber privilégios. O homem correto, do tipo que se* ***recupera****, não deseja isto. Não os aceitará...*

Capítulo 11 – Uma visão para você

44) 181/2/7 -*... A era dos milagres ainda existe. Nossa própria r****ecuperação*** *é uma prova.*
45) 182/4/1 – *Mas, e quanto a suas responsabilidades – sua família e os homens que morreriam porque não sabiam como se* ***recuperar****?...*
46) 189/3/2 -*... Compreendendo o nosso trabalho, ele consegue identificar aqueles que estão dispostos e são capazes de se* ***recuperar*** *em bases espirituais...*

Apêndice I – As Doze Tradições

47) 207/4/2 – (Terceira Tradição, forma integral)*... Não podemos, portanto, recusar pessoa alguma que deseje* ***recuperar-se****...*

Apêndice II – A experiência espiritual

48) 211/2/ -*... muitos alcoólicos chegaram à conclusão de que para se* ***recuperarem*** *teriam de adquirir uma imediata e profunda* "consciência de Deus"*, seguida logo por uma grande mudança de sentimentos e atitudes.*

49) 211/6/1 - *Queremos frisar que – à luz da nossa experiência – qualquer alcoólico capaz de encarar seus problemas com honestidade pode se* ***recuperar****, sempre que não fechar sua mente a todos os conceitos espirituais...*
50) 212/2/2 -*... A boa vontade, a honestidade e uma mente aberta são os elementos necessários à* ***recuperação****. E são indispensáveis.*

Informação adicional:

James Houck Lane (1906-2006) *foi um personagem de excepcional importância, para A.A. e para o Grupo de Oxford. Ele ingressou no Grupo de Oxford em Frederick, Maryland, no dia 12 de dezembro de* ***1934****, um dia depois da 4ª e última internação de Bill W., no Towns Hospital; nunca se desligou desse movimento acompanhando ele em todas as denominações que seguiram à de* ***Grupo de Oxford****, que foi excluída em* ***1938*** (Movimento de Rearmamento Moral, Iniciativas de Mudança (IdeM), e, atualmente [2012], Iniciativas de Mudança Internacional (IdeM Internacional), *e ao mesmo tempo acompanhou todo o processo de criação e evolução de A.A. servindo de conselheiro para muitos AAs, e consultor para os órgãos de serviço, incluindo os arquivos históricos do GSO. Ingressou oficialmente em A.A. em* ***1986****, aos 80 anos de idade, para ajudar um neto que estava com problemas por causa da bebida. Dada a sua longevidade, ele morreu com cem anos de idade, sendo 71 de sobriedade, é considerado pelas duas instituições como* "O Ancião das duas Tribos".

Em 22 de agosto de **2005**, James H., gravou um DVD onde descreve sua carreira alcoólica, o inicio de sua recuperação em 12/12/**1934**, seu relacionamento com Bill W., seu conhecimento do programa de recuperação nos primórdios de A.A. e como ele transmitia a mensagem naquele tempo.

Nesta gravação James H., diz que é um ***"alcoólico recuperado",*** segundo ele, o mesmo termo utilizado por Bill W., o Dr. Bob, os pioneiros de A.A., e a proposta do texto do Livro Azul. Considera o termo "*em recuperação"* depreciativo porque se refere a alguém que ainda se debate com o problema ao invés de viver a solução. Diz que esta expressão ritual –"*alcoólico em recuperação"*, seguido pelo coro *"Oi, olá, falou,_____"*, evoluiu a partir dos centros de tratamento em **1970** e não faz parte do programa original de A.A. "*Para mim,* 'em recuperação'*, significa que você ainda não fez a lição de casa. Você não tem certeza de sua posição. Estou absolutamente seguro de minha posição. Deus tirou o álcool da minha vida, e para sempre, em 12/12/****1934****"*.

(Para saber mais procure em: *James H. aa - Back to Basics* e correlatos)

7.15. Alcoólicos Anônimos – o livro, um ícone cultural.

Box 4-5-9, **Outono (Set.) / 2012 (pág. 7-8) => http://www.aa.org/newsletters/es_ES/sp_box459_fall12.pdf**

Título original: ***"El Libro Grande de A.A.: un icono cultural"***

Com mais de trinta milhões de exemplares vendidos (EUA/Canadá), o Livro Grande (nosso Livro Azul), tem aparecido em lugares muito pouco comuns ao longo dos anos. Na Irmandade toda pode-se ouvir histórias de exemplares que apareceram no momento oportuno – em sebos, bibliotecas de presídios, camarotes de navios e quartos de motéis. Diz uma das histórias que um exemplar apareceu num latão de lixo aonde um alcoólico, vindo a menos, estava procurando alguma coisa para comer.

Publicado pouco depois da Grande Depressão (*A Grande Depressão foi uma severa crise econômica mundial na década que antecedeu à Segunda Guerra Mundial. O calendário da Grande Depressão varia entre as nações, mas na maioria dos países começou por volta de 1929 e durou até o final da década de **1930** ou início dos anos **1940**. NT.),* ***Alcoólicos Anônimos*** é um livro que mudou as vidas de milhões de alcoólicos do mundo todo. Captando os pontos essenciais do alcoolismo através da experiência dos primeiros membros da Irmandade – um grupo representado principalmente por homens brancos americanos de meia idade, o Livro Grande oferece um programa de recuperação que encontrou ampla aplicação superando as diferenças de sexo, raça, cultura, idioma e religião.

Como reconhecimento da capacidade singular do Livro Grande de alcançar aos alcoólicos com uma mensagem de esperança, a Biblioteca do Congresso dos EUA, incluiu recentemente o livro ***Alcoólicos Anônimos*** em uma mostra para celebrar os ***"Livros que deram forma a América".***

Fundada em **1800**, a Biblioteca do Congresso é a instituição cultural federal mais antiga da nação *(EUA),* busca avivar a imaginação e a criatividade e promover o entendimento e a sabedoria humanas proporcionando acesso ao saber e ao conhecimento através das suas coleções, programas e exibições. A biblioteca do Congresso dos dias atuais é um recurso mundial único. A coleção de mais de 144 milhões de artigos inclui mais de 33 milhões de livros e outros materiais catalogados impressos em 460 idiomas; mais de 63 milhões de manuscritos; a maior coleção norte-americana de livros raros e a maior coleção do mundo de materiais legais, filmes, mapas, partituras e gravações de som.

"A lista dos 'Livros que deram forma a América' *não é um registro dos* 'melhores' *livros americanos",* disse James H. Billington - bibliotecário do Congresso, *"embora muitos deles se ajustam a essa descrição. O que se pretende é abrir um debate a nível nacional a respeito dos livros escritos por americanos que influenciaram nossas vidas".*

Os curadores e os expertos de toda a Biblioteca do Congresso contribuíram com suas seleções para a mostra que ficará aberta desde o dia 26 de junho até o dia 29 de setembro de 2012, em Washington D.C., embora tenha havido muito debate por ter que excluir títulos merecedores para poder se ajustar às restrições físicas do local de exibição. Alguns dos títulos exibidos foram objeto de grande controvérsia, inclusive de escárnio, na história dos EUA. Entretanto, influíram nas opiniões dos americanos com respeito ao seu mundo e nas opiniões do mundo com respeito a América.

Na lista cronológica de 88 títulos, o livro ***Alcoólicos Anônimos,*** publicado em **1939**, está situado entre *Our Town (Nossa Cidade)* – **1938**, de Thornton Wilder e *The Grapes of Wrath* (*As Vinhas da Ira*) – **1939**, de John Steinbeck.

Entre outros livros da lista anteriores à publicação do Livro Grande estão incluídos:

- *The Legend of Sleepy Hollow (A Lenda de Sleepy Hollow)* – **1820**, de Washington Irving;
- *The Scarlet Letter (A Letra Escarlate)*- **1850**, de Nathaniel Hawthorne;
- *Moby Dick* - **1851** de Herman Melville;
- *Little Women (Pequenas Mulheres)* – **1868**, de Louisa May Alcott;
- *Huckleberry Finn* – **1884,** de Mark Twain
- *The Sound and the Fury* (*O Som e a Fúria*) - **1929**, de William Faulkner;
- *The Joy of Cooking (A Alegria de Cozinhar)* – **1931**, de Irma Rombauer, e,

- *How to Win Friends and Influence People (Como Fazer Amigos e Influenciar Pessoas)* - **1936**, de Dale Carnegie.

Nos anos posteriores à publicação do Livro Grande, estão incluídos entre outros livros:

- *For Whom the Bell Tolls (Por quién doblan las campanas) [Por Quem os Sinos Dobram*] – **1940**, de Ernest Hemingway;
- *Native Son (O Filho Nativo)* - **1940**, de Richard Wright;
- *Common Sense Book of Baby and Child Care (O Livro do senso comum dos cuidados com o bebê e da criança)* - **1946**, do Dr. Benjamin Spock;
- *A Streetcar Named Desire (Um Bonde Chamado Desejo)* – **1947**, de Tennesse Williams;
- *The Catcher in the Rye (O Apanhador no Campo de Centeio)* - **1951**, de J.D. Salinger;
- *Invisible Man (O Homem Invisível)* – **1952**, de Ralph Ellison;
- *Charlotte's Web (A Teia da Carlota)* – 1952, de Charlotte de E.B. White;
- *Fahrenheit 451* – **1953**, de Ray Bradbury;
- *The Cat in the Hat (O gato no chapéu)* – **1957**, do Dr. Seuss;
- *On the Road (Na Estrada)* – **1957**, de Jack Kerouac;
- *To Kill a Mockingbird (O Sol é Para Todos*, no Brasil*; Por Favor, Não Matem a Cotovia*, em Portugal*)* -**1960**, de Harper Lee;
- *Where the Wild Things Are* (*O Sítio das Coisas Selvagens*) – 1963, de Maurice Sendak;
- *The Autobiography of Malcolm X: As Told to Alex Haley (A Autobiografia de Malcom X: como disse a Alex Haley)* – **1965**, de Malcolm X e Alex Haley;
- *Bury My Heart at Wounded Knee (Enterre meu coração em Wounded Knee)* – **1970**, de Dee Brown;
- *Cosmos* – **1980**, de Carl Segan, e,
- *The Words of Cesar Chavez (As Palavras de César Chávez)* – **2002**, de César Chávez.

A lista e a mostra iluminam a importância dos livros para perfilar e dirigir nossas vidas e, de acordo com a experiência dos alcoólicos que sofrem – em América e em todas as partes, não há livro mais importante que ***Alcoólicos Anônimos***. Considerado por muitos um ícone cultural, sua maneira simples de abordar o alcoolismo abriu as portas da recuperação a milhões de pessoas aqui e em todas as partes do mundo.

Para saber mais sobre a mostra ou sobre a Biblioteca do Congresso, acesse ***www.loc.gov***

7.16. O Livro Grande faz 50 anos como o "*padrinho*" mais eficiente de A.A.

***Box 4-5-9*, Ago. Set. 1989 (pág. 1 a 3) => http://www.aa.org/newsletters/es_ES/sp_box459_aug-sept89.pdf**
Título original: ***"El Libro Grande cumple 50 años como 'padrino' más eficaz de A.A.".***

Quando o libro ***Alcoólicos Anônimos*** saiu da gráfica em abril de **1939**, ninguém podia prever que, de toda a literatura de não ficção, chegaria a ser um dos maiores sucessos editoriais já publicados. Sabemos que foram vendidos ou distribuídos oito milhões de exemplares **(*)** desde

aquela data (até **1989**); o que não podemos calcular é o número de doentes alcoólicos que, devido a amplitude e à força espiritual do livro, conseguiram alcançar a sobriedade.

Em **1939**, depois de uma discussão acalorada, seu preço foi fixado em 3,50 dólares um pouco elevado para a época (aproximadamente 80,00 dólares em **2013**), e apenas dez centavos a menos do que o preço atual (**1989**). Para compensar, Bill W., o cofundador de A.A., e seus amigos selecionaram o papel mais grosso que puderam encontrar. Conforme Bill lembrou mais tarde: *"O exemplar original era tão volumoso que foi colocado o nome* 'Livro Grande'. *A ideia, logicamente, era convencer o comprador alcoólico que o livro valia o que custava"*.

A secretária não alcoólica de Bill, a falecida Ruth Hock, lembrava o episódio de uma maneira diferente. Como ela entendia, o arrazoado foi *"que todos os que iriam ler o livro, no começo estariam trêmulos e nervosos, e por isso não quiseram utilizar caracteres muito pequenos nem papel muito fino. Acreditavam que um alcoólico poderia manusear melhor as folhas se elas forem grossas"*.

Bill começou a trabalhar no Livro Grande – Livro Azul, no Brasil, na primavera de **1938** sem ter ainda concebido um rascunho da obra. Ruth, que datilografou o manuscrito, contou que Bill costumava chegar ao escritório de Fundação do Alcoólico – agora Escritório de Serviços Gerais dos Serviços Mundiais de A.A., levando seus rascunhos em papel amarelo com anotações em cada capítulo. Estas anotações, ela disse, *"eram resultado de muita reflexão, depois de horas de discussão, pró e contra, com quem pudesse estar interessado"*.

Bill ficava em pé atrás de Ruth ditando o material enquanto ela o passava para a máquina de escrever. O trabalho caminhava a passos lentos, ela explicou, porque Bill o interrompia toda vez que chegava algum visitante no escritório para conversar.

Entretanto, depararam com grandes obstáculos. Embora Bill recebe-se *"nada além de um caloroso apoio moral"* dos membros de Akron, os nova-iorquinos estavam dando o que ele descreveu como *"uma verdadeira soba"*. É possível que o pessoal de Akron concordasse mais com as ideias espirituais de Bill, enquanto que em Nova York havia mais agnósticos, céticos ou as duas coisas. Ademais, os akronitas confiavam no Dr. Bob, o outro cofundador, um homem a quem toda a comunidade tinha na mais elevada estima; seu apoio à proposta do livro serviu quase como garantia de que os membros de Akron o respaldariam.

Depois de muita discussão e muita incitação por parte de Bill, a consciência de Grupo prevaleceu nas duas cidades onde A.A. começou, e o caminho parecia estar livre se não houvesse aparecido um empecilho pegajoso: a falta de dinheiro.

Poucos dos alcoólicos em recuperação tinham dinheiro para investir; entretanto, finalmente conseguiram vender ações – muitas delas em prestações na apressadamente estabelecida editora Works Publishing, Inc. – agora conhecida com o nome A.A.W.S., Inc., ou, Serviços Mundiais de A.A., Bill disse, *"porque este livro seria apenas a primeira de muitas* 'obras' *parecidas*". Alguns dos pioneiros dizem que o nome da empresa teve origem num dos lemas favoritos dos membros *"It works"* ou, livremente, algo parecido com *"isto funciona"*. Outros dizem que o nome deriva da citação do evangelho preferida dos akronitas (Santiago I,4: *"A fé sem obras é uma fé morta").*

Empreendeu-se a publicação do livro Grande com pouco dinheiro; entretanto conseguiram publicá-lo. Também é importante o fato de que o livro deu seu nome a um pequeno movimento de ajuda mútua que até aquele momento era conhecido unicamente por *"Fundação do Alcoólico"* com apenas 100 membros. Atualmente (**1989**), Alcoólicos Anônimos conta com aproximadamente

1.800.000 membros em 134 países. Ademais, seu programa de recuperação serve como base para Al-Anon, Narcóticos Anônimos, Jogadores Anônimos e outros bem-sucedidos programas de ajuda-mutua.

O Livro Grande, por ele mesmo, abriu a porta para uma vida de cômoda sobriedade a milhares de alcoólicos doentes que, de outra maneira, poderiam não ter encontrado ajuda. Ofereceu evidência contundente a parentes e amigos de que os bebedores inveterados podem se recuperar e tornou possível que médicos, psicólogos, membros do clero e outros profissionais que trata com alcoólicos pudessem focar o problema do alcoolismo de outra nova e interessante maneira.

A Primeira Edição do Livro Grande estava dividida em duas seções principais. A primeira estabelecia com palavras de esperança e inspiração, os princípios que estavam mantendo sóbrios os AAs. A segunda parte continha histórias de recuperação escritas pelos pioneiros de Akron e Nova York. A única seção que não foi escrita por um AA, foi a declaração introdutória redigida anonimamente por um médico de Nova York que, mais tarde, foi identificado como o Dr. William D. Silkworth, um dos primeiros amigos de A.A. na área da medicina.

A seção talvez mais citada do Livro Grande é o primeiro parágrafo do quinto Capítulo, *"Como Funciona"*, que começa com as palavras *"Raramente vimos alguém fracassar tendo seguido cuidadosamente nosso caminho"*. No mesmo Capítulo, Bill também ampliou os seis passos sugeridos do programa oral, convertendo-os nos Doze Passos tal como hoje são conhecidos. Ele raciocinava assim: "*talvez devamos dividir nossos seis pedaços de verdade em pedaços mais pequenos. Dessa maneira seria mais fácil apertar os pinos ao nosso leitor mais distante, e ao mesmo tempo poderíamos ampliar e aprofundar as implicações espirituais completando nossa apresentação"*. Bill redigiu os Passos jogado na cama, conforme disse mais tarde sua mulher, Lois, não porque estivesse doente, mas porque lhe parecia que esse era "*o lugar mais propício para pensar"*.

Animado com a realização, Bill leu os Passos a dois amigos de A.A., um deles ainda não tinha três meses de sobriedade. Suas criticas imediatas de que "*tem Deus demais"* e "*é demasiadamente severo"*, conduziram a mudanças substanciais. Por exemplo, a primeira redação do Sétimo Passo dizia; "*Humildemente, Lhe suplicamos de joelhos que nos libertasse dos nossos defeitos – sem ocultar nada"*. No manuscrito publicado apareceu amolecido: "*Humildemente rogamos a Ele que nos livrasse de nossas imperfeiçoes"*.

Quando começou a redigir o Livro Grande, Bill tinha menos de quatro anos de sobriedade, o que parece um milagre. Mas não o fez sozinho. Alcoólicos Anônimos é na verdade um milagre múltiplo, porque cada capítulo escrito por Bill foi revisado pelos AAs de Akron e de Nova York – todos os quais tinham menos tempo de sobriedade que Bill. Foi um esforço conjunto que refletia a experiência da jovem Irmandade na sua totalidade.

Os primeiros comentários do anonimamente redigido Livro Grande foram muito variadas. O que apareceu no *New York Times* o classificou como *"um livro extraordinário"*, observando que a tese principal "*tem uma base psicológica mais saudável que a de qualquer outra discussão sobre o tema jamais encontrada até aquele momento"*. Entretanto, a *Revista das Doenças Nervosas e Mentais* disse que era *"uma divagadora confissão ao estilo evangélico das experiências de vários alcoólicos que se recuperaram provisoriamente, sob a influencia, principalmente, do espirito de uma* 'reunião de amigos'. *Do significado profundo do alcoolismo não aparece uma palavra sequer"*. E a

prestígios *Revista da Associação Médica Norte-americana* considerou *"uma mistura de propaganda organizadora e exortação religiosa... sob nenhum conceito, um livro científico"*.

No começo, foram vendidos muito poucos exemplares, e o movimento, ainda se iniciando, viu-se carregado com quase cinco mil livros não vendidos e grandes dívidas acessórias. Os empréstimos de alguns amigos não alcoólicos favoráveis, apenas conseguiam manter à tona a nova empresa editora. Depois, em março de **1941**, após a publicação do artigo de Jack Alexander na *Saturday Evening Post,* as vendas subiram como um foguete e foi pedida uma segunda tiragem no mesmo mês.

Demorou 35 anos para vender um milhão de exemplares do Livro Grande; agora, A.A. distribui um milhão de exemplares a cada ano, apenas da edição em inglês. De acordo com a contabilidade mais recente, o Livro Grande foi publicado em 13 idiomas além do español, incluindo: africâner, alemão, coreano, finlandês, flamenco, francês, holandês, islandês, italiano, japonês, norueguês, português e sueco. Estão sendo preparadas traduções para o russo, o polonês e o checoslovaco.

Em **1986** foi publicada a primeira edição em brochura. Esta versão integral é de tamanho menor que a versão em capa dura, pesa menos e, o preço de 3,20 dólares é mais barato.

Aos recém-chegados é possível que o estilo do Livro Grande lhes pareça um tanto antiquado, às vezes afetado, florido, e inclusive severo. Mas, a força das suas palavras já foi provada, e os primeiros onze capítulos continuam sendo escritos quase da mesma maneira que em **1939**. Ao longo dos anos, a consciência de A.A. atuando através da Conferência de Serviços Gerais, foi acrescentando e excluindo histórias de recuperação pessoal refletindo as mudanças na composição da Irmandade. Mas resistiu a sugestões para modernizar o estilo ou para fazer *"melhoras"*.

Na representação que fez diante da Conferência de Serviços Gerais em abril (**1989**), Norm A., diretor de A.A. Grapevine, descreveu uma reunião do subcomitê nomeado pelo Comitê de Literatura para considerar "*como comemorar o 50º aniversário do nosso Livro Grande*". Parecia que os membros começavam a imaginar tiragens comemorativas, sobrecapas e sinais de enfeite e outras lembranças parecidas quando *"de repente uma pessoa disse* 'estamos propondo lembranças e ícones – precisamente o que queremos evitar. Celebremos a mensagem, não livro' *"*.

Uma observação que vai diretamente ao ponto. Entretanto, se não houvéssemos tido o livro, é possível que não tivéssemos nenhuma mensagem para levar. Então dizemos: Feliz aniversário, Livro Grande. Estamos felizes por tê-lo, e pela sua mensagem vivificadora.

(*) PARA SABER MAIS:

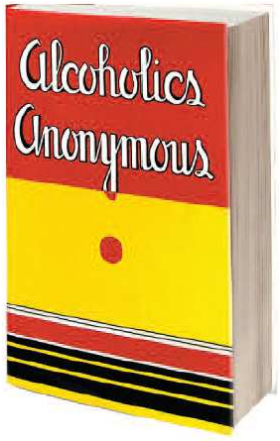
N.T.: Exemplares representativos da evolução das tiragens do Big Book (EUA/Canadá):

- ✓ O exemplar nº **1.000.000** foi presenteado pelo Dr. Jack L. Norris, Presidente da Junta de Serviços Gerais, ao 37º presidente dos EUA, ***Richard Nixon (1913-1994),*** no dia 16 de abril de **1973**.
- ✓ O exemplar de nº **2.000.000** foi presenteado a ***Joseph A. Califano Jr. (n. 1931),*** Secretário de Estado de Saúde, Educação e do Bem-estar nomeado pelo 39º presidente dos EUA Jimmy Carter, em junho de **1979**.

- ✓ O exemplar de nº **5.000.000** foi presenteado a ***Ruth Hock Crecelius (1911-1986),*** primeira secretária não alcoólica da Irmandade, por ocasião 50º aniversário de A.A. e da 8ª Convenção Internacional de Montreal, Canadá, em julho de **1985.**
- ✓ O exemplar de nº **10.000.000** foi presenteado a *Nellie* ***(Nell)*** *Elizabeth* ***Wing (1917-2007),*** secretária e primeira arquivista (não alcoólica) da Irmandade, por ocasião 55º aniversário de A.A. e da 8ª Convenção Internacional de Seattle, Washington, em julho de **1990.**
- ✓ O exemplar de nº **15.000.000** foi presenteado em **1996**, a ***Ellie Norris,*** viúva do ***Dr. Jack L. Norris (1903-1989)***. ex-Custódio não alcoólico e presidente da Junta de Serviços Gerais de A.A.
- ✓ O exemplar de nº **20.000.000** foi presenteado a ***Al-Anon,*** por ocasião 65º aniversário de A.A. e da 11ª Convenção Internacional de Minneapolis, Minnesota, em julho de **2000.**
- ✓ O exemplar de nº **25.000.000** foi apresentado a ***Jill Brown,*** diretora da prisão de San Quentin, Califórnia, em julho de **2005**, na Convenção Internacional de AA, em Toronto, Canadá.
- ✓ O exemplar de nº **30.000.000** foi presenteado à ***Associação Médica Americana - AMA***, representada pela sua antiga diretora ***Rebecca Patchin,*** **M.D**., por ocasião 75º aniversário de A.A. e da 13ª Convenção Internacional de San Antonio, Texas, em julho de **2010.**
- ✓ Entre os dias 25 de junho e 29 de setembro de **2012**, a Biblioteca do Congresso dos EUA realizou uma exposição em Washington, DC, mostrando os 88 livros que *"moldaram a Nação Americana e influenciaram na visão que o mundo tem da América"*. Entre esses livros encontra-se o livro ***"Alcoholics Annonymous"*** ou *Big Book.*
  Ver em: **http://www.aa.org/ newsletters/es_ES /sp_box459_fall12.pdf**

7.17. O Livro Grande: Pioneiro de A.A. impresso.

***Box 4-5-9*, Inverno (Dez.) 2013 (pág. 3-4) => http://www.aa.org/newsletters/es_ES/sp_box459_holiday13.pdf**
Título original: ***"El Libro Grande: Pionero de A.A. impreso"***



Faz setenta e cinco anos *(em **2014**)* que foi publicada a primeira edição do livro *Alcoólicos Anônimos* - **O Livro Grande (1)**, com as seguintes singelas palavras no início do seu Prefácio: *"Nós, de Alcoólicos Anônimos, somos mais de cem homens e mulheres que nos recuperamos de uma aparentemente irremediável condição mental e física. Demonstrar a outros alcoólicos exatamente como nos recuperamos é o principal objetivo deste livro. Por eles, esperamos que estas páginas sejam tão convincentes que nenhuma prova adicional seja necessária. Acreditamos que este relato de nossa experiência irá ajudar todos a melhor compreenderem o alcoólico. Muitos não compreendem que o alcoólico é uma pessoa muito doente. E, ademais, temos a certeza de que nossa maneira de viver é benéfica para todos"* (pag. 11/1/1 do livro *Alcoólicos Anônimos*, Junaab, código 102).

Mais adiante, no capítulo intitulado *"Há Uma Solução"*, alguns dos pioneiros que compuseram este livro oferecem uma explicação adicional referente aos porquês e para quês: *"Decidimos publicar um livro anônimo, expondo o problema assim como o vemos. Para esta tarefa*

traremos a combinação de nossa experiência e nosso conhecimento. Nossa intenção é sugerir um programa útil para quem quer que se preocupe com o problema de bebida.

É inevitável que abordemos questões médicas, psiquiátricas, sociais e religiosas. Temos consciência de que estes tópicos são, por sua própria natureza, controversos. Nada nos agradaria mais do que escrever um livro que não contivesse material para discordâncias ou argumentações. Faremos o possível para atingir esse ideal. A maioria de nós percebe que a verdadeira tolerância em relação às falhas e aos pontos de vista alheios, e o respeito às suas opiniões, são atitudes que nos tornam mais próximos ao próximo. Como ex-bebedores-problema, nossas próprias vidas dependem de nossa constante preocupação com os outros e com o modo pelo qual podemos ajuda-los" (pág. 49/3).

E isto é exatamente o que Alcoólicos Anônimos vêm fazendo nos últimos 75 anos, facilitando aos alcoólicos do mundo todo um caminho rumo à recuperação. Traduzido para 70 idiomas, entre eles a linguagem por sinais norte-americano e braile, e em múltiplos formatos – impresso, em áudio e eletrônico, o texto básico de A.A., com vendas superiores a 40 milhões de exemplares, é um dos livros mais vendidos de todos os tempos. Em **2011** a revista *Time* incluía este livro na sua lista dos 100 livros mais influentes escritos em inglês desde **1923**, ano em que a revista publicou seu primeiro número. Em **2012**, a Biblioteca do Congresso (EUA), designou-o como um dos 88 *"Livros que deram forma a América"* **(2).**

Quando apareceu o Livro Grande a maioria das críticas foram boas. Uma crítica publicada na *Revista da Associação Osteopata* Americana disse que as histórias eram *"fascinantes"* e a *Revista de Medicina de Nova Inglaterra* animou a todos os que haviam tido que lidar com o problema do alcoolismo em algum momento das suas vidas a ler esta narrativa *"estimulante"*. Embora uma crítica publicada no *The New York Times* o qualificou como *"um livro estranho"* e *"diferente de todos os livros anteriormente publicados"*, o crítico, Percy Hutchinson, disse que *"a tese de* Alcoólicos Anônimos *tem uma base psicológica mais sólida que qualquer outro tratamento do tema que já tenha lido"*.

Do mundo da religião, o Dr. Harry Emerson Fosdick, ministro fundador da Igreja Riverside de Nova York e professor do Seminário Teológico União, qualificou o livro como *"extraordinário"*, merecedor de *"uma atenção mais detida de toda pessoa interessada no problema do alcoolismo*". *"Este livro"*, escreveu, *"fará possível ver, como nenhum outro trabalho conhecido por este leitor, o problema com que o alcoólico se defronta... O livro não é sensacionalista, em absoluto"*. Acrescentou, *"distingue-se pelo bom senso, a moderação e por estar livre de exageros e fanatismos. É um tratado sóbrio, cuidadoso, tolerante e compassivo do problema do alcoólico e as técnicas efetivas através das quais os coautores ganharam sua liberdade"*.

Entretanto, nem todos os críticos, particularmente os da área da medicina, consideraram o livro digno de mérito. Uma crítica publicada no número de outubro de **1939** da *Revista da Associação Médica Americana* disse que o livro era *"uma mistura estranha de propaganda promocional e exortação religiosa... em nenhum sentido um livro científico"*. A *Revista de Enfermidades Nervosas e Mentais* disse que o Livro Grande era *"de muitas palavras... uma espécie de incoerente reunião de acampamento... Do profundo significado do alcoolismo há pouco mais que uma palavra. Tudo é superficial"*. A seguir, a crítica *"degradou"* o alcoólico: *"De vez que o alcoólico, de maneira geral, vive uma regressão infantil de satisfação dos desejos para chegar ao estado ilusório de onipotência, talvez o melhor tratamento, ao menos por enquanto, seja através dos*

métodos regressivos de psicologia de massas dentro dos quais, sabe-se, os fervores religiosos se encaixam e, por isso o livro tem essas tendências religiosas".

Entretanto, na medida em que o livro se ia firmando, com vendas de mais de 300.000 exemplares durante os primeiros 15 anos, foi chegando a um público cada vez mais amplo. Depois da publicação da segunda edição do livro em **1955**, um crítico disse que as páginas do livro já eram uma lenda americana e *"assim continuaria a ser por toda história da busca da maturidade do ser humano"*. Mais tarde, com a publicação da terceira edição em **1976**, o Dr. Abraham Twerski, diretor do Centro de Reabilitação Gateway, escreveu no *Boletim Trimestral de Assistência aos Empregados: "Os Doze Passos são um protocolo para a personalidade, o desenvolvimento e auto realização, um processo valioso inclusive para o indivíduo não alcoólico ou não adicto. Assim, mesmo que a ciência descubra algum dia uma solução fisiológica para os efeitos destrutivos do álcool, o livro continuará tendo seu valor enriquecedor"*. Agora, na quarta edição, o livro tocou as vidas de alcoólicos de todas as partes do mundo ensinando-lhes, tal como descrito no prefácio à primeira edição *"exatamente como nos recuperamos"*.

A composição do livro foi um trabalho de vários meses e, em maio de **1938**, quando começaram a ser redigidos os primeiros rascunhos, Bill W. estava sóbrio havia pouco mais de três anos e meio, o Dr. Bob um pouco menos de três anos, e os demais cem membros pioneiros que contribuíram de alguma maneira para a redação do livro tinham entre alguns meses e não mais que dois anos de sobriedade. Os variados rascunhos foram intercambiados através de correio postal entre Nova York e Akron. Depois que os membros nova-iorquinos houvessem revisado cada capítulo, era a vez dos akronitas oferecer seus comentários e opiniões a respeito.

Para dar ao livro certa credibilidade médica, O Dr. William D. Silkworth concordou em escrever uma introdução. Naquele então chefe clínico do Hospital Towns de Nova York, o Dr. Silkworth foi, de acordo com Bill W., *"um autêntico fundador de A.A. Dele aprendemos qual era a natureza da nossa doença. Facilitou-nos os instrumentos para desinflar o ego alcoólico mais resistente e aquelas frases demolidoras com que descrevia nossa doença: a* obsessão mental *que nos obriga a beber e a* alergia física *que nos condena à loucura ou à morte"*. Foi uma das pessoas não alcoólicas que, nos primeiros dias, arriscaram sua reputação profissional para dar à Irmandade o apoio que tanto necessitava. Sua introdução à primeira edição intitulada *"A Opinião do Médico"*, continua a fazer parte atualmente das páginas preliminares do Livro Grande.

Além de falar sobre o texto proposto nas suas reuniões de Nova York e Akron, os AAs pioneiros decidiram solicitar comentários aos seus amigos não alcoólicos para se assegurar que não haveria erros médicos nem materiais ofensivos a pessoas das várias religiões.

Um dos comentários mais importantes para o futuro da Irmandade foi feito por um psiquiatra de Nova Jersey. Ele fez notar que o texto do manuscrito original estava repleto de afirmações e sentenças do tipo *"você tem que..."*. Sugeriu substituí-las, quando possível, por expressões tais como *"nós devemos"* ou *"nos resultaria mais útil"*.

"Coloquei um frágil argumento contrário a essa sugestão", disse Bill W., *"mas logo me rendi; estava perfeitamente claro que o doutor tinha toda razão"*.

A mudança do foco de um livro didático para um texto mais suave contribuiu para tornar o livro mais acessível. Na versão conhecida pelos leitores atualmente, o Quinto Capítulo começa: *"Raramente vimos alguém fracassar tendo seguido cuidadosamente nosso caminho"* (pág. 87/1), frase esta que, na versão original, referia-se a *"uma pessoa que seguiu nossas diretrizes"*. Da mesma

maneira, a frase que apareceu no original *"Se você chegou à conclusão de que quer o que nós temos e deseja fazer todo o possível para obtê-lo, então está pronto para **seguir as instruções**"*, a última parte foi substituída por *"... então está pronto para **dar alguns passos**"* (pág. 87/2/3); e, no parágrafo seguinte, onde originalmente estava escrito *"Mas há alguém que tem todo o poder – este alguém é Deus. **Você tem que** encontra-Lo agora"*, foi suavizado para *"...**Que você possa** encontra-Lo agora"*.

Frases como, por exemplo, *"O requisito principal é..."* não saiu do processo de revisão, e as palavras *"Agora acreditamos que você irá consegui-lo..."* colocadas antes de *"Eis os passos que demos..."* (pág. 83/2/1), foram eliminadas. Felizmente, para milhares de alcoólicos e suas famílias, seus patrões e amigos atuais, o texto já não diz mais: *"Se ainda não se convenceu de que estes assuntos são de importância vital, deverá voltar a ler o livro até este ponto do texto ou jogá-lo no lixo"*.

No final de sua narrativa a respeito da composição do livro em *A.A. Atinge a Maioridade*, Bill W. deixou bem claro que tinha valido a pena ter passado por todas as discussões e discórdias: *"Há que ressaltar aqui, que a criação do livro Alcoólicos Anônimos suscitou muito mais do que disputas a respeito de seu conteúdo. À medida em que o volume ia sendo completado, mais convencidos ficávamos de que estávamos no bom caminho. Vislumbrávamos o que o livro poderia chegar a ser e a fazer. Para nos animar mantínhamos constantemente elevada a esperança e uma firme confiança. O barulho das nossas disputas anteriores parecia-nos com o som de um trovão que se distanciava. Vimos os céus despejados e claros. Todos nos sentíamos bem"*.

A data oficial da publicação do Livro Grande em inglês, de acordo com o Escritório de Copyright dos EUA, é o nove de abril de **1939**. Houve uma tiragem de 4.730 exemplares encadernados em tecido na cor vermelha, com colunas largas, papel grosso e sobrecapa nas cores vermelho, amarelo e preto. Para comemorar esta primeira edição – e o 75º aniversário do livro, A.A.W.S. *(Serviços Mundiais de A.A.)* irá publicar uma edição *fac-símile*, com papel da mesma espessura e com a mesma sobrecapa, encadernação e conteúdo. Para maiores informações entrar em contato com o ESG (Nova York) ou visite: www.aa.org. **<= *Fim da transcrição.***

PARA ENTENDER MELHOR:

(1) -. ***O Livro Grande*** ou, ***The Big Book,*** é o nome comum nos EUA e Canadá para o livro intitulado *Alcoólicos Anônimos.* É o texto básico da Irmandade de Alcoólicos Anônimos que foi publicado pela primeira vez em **1939** - antes que o movimento inicial tivesse ainda um nome. Mais tarde, esse movimento de alcoólicos ficou conhecido como *"Alcoólicos Anônimos"* e, assim, houve certa confusão com os nomes do Livro e da Irmandade por compartilharem o mesmo nome. A Irmandade é um grupo de pessoas. O livro é o texto básico e manual de instruções para os interessados em aprender, aplicar e praticar os princípios do programa de recuperação de 12 passos do A.A. Na Europa e em outros lugares (*inclusive no Brasil)* muitas vezes é chamado de *"O Livro Azul"* (The Blue Book).

www.anonpress.org/faq/
http://www.barefootsworld.net/aabigbook1939.html

PARA SABER MAIS, VEJA:

(2)-. ***Alcoólicos Anônimos – o livro, um ícone cultural***
Box 4-5-9, Outono (Set.) / **2012** (pág. 7-8)
=>http://www.aa.org/newsletters/es_ES/sp_box459_fall12.pdf
Título original: *"El Libro Grande de A.A.: un icono cultural"*

(3)-. ***O Livro Grande faz 50 anos como o* "padrinho" *mais eficiente de A.A.***
Box 4-5-9, Ago. Set. **1989** (pág. 1 a 3)
=> http://www.aa.org/newsletters/es_ES/sp_box459_aug-sept89.pdf
Título original: *"El Libro Grande cumple 50 años como* 'padrino' *más eficaz de A.A."*.

7.18. Uma celebração do Livro Grande

Box 4-5-9, **Setembro 2014 (pag. 8-9) => http://www.aa.org/newsletters/es_ES/sp_box459_fall14.pdf**
Título original: ***"Una celebración del Libro Grande"***

Quando em abril deste ano (**2014**), o *Livro Grande* fez 75 anos, foi motivo de comemoração pelos membros de A.A. de todas as partes do mundo. Suas quatro edições em inglês, as quase 40 milhões de cópias vendidas tendo introduzido incontáveis alcoólicos à recuperação e a uma nova vida em sobriedade - já estava na hora de reconhecer os muitos anos de serviço fiel do nosso "*texto básico"*.

Grupos, Distritos, Áreas e indivíduos reconheceram, de diferentes maneiras, de reconhecer o *Livro Grande* e suas múltiplas contribuições para a Irmandade de A.A. Foram feitos inúmeros bolos decorados com o desenho da sobrecapa original do *Livro Grande* - devorados sem pudor por membros de A.A. felizes, famintos e agradecidos.

No Norte de Nova Jersey (Área 44) foi realizada uma celebração do 75º Aniversário, onde houve apresentações a respeito da sua publicação - tanto a primeira edição como a recém-publicada versão comemorativa. O Delegado atual compartilhou a experiência, força e esperança, juntamente com vários Delegados antigos, arquivistas da Área e historiadores e um Custódio de Serviços Gerais, que atualmente serve na Junta de A.A.W.S.

A arquivista do ESG-NY também dirigiu algumas palavras às pessoas reunidas, citando textos do Bill W. sobre o processo de criação do *Livro Grande* e o diretor de Publicações do ESG informou os participantes sobre a preparação e a impressão da edição comemorativa. Outra celebração - com outro bolo - teve lugar em Manhattan e incluiu uma celebração do 70º aniversário da *Grapevine,* que foi em junho. O evento teve um grande comparecimento: mais de uma centena de pessoas vieram para ouvir ao painel de quatro oradores: um antigo Delegado da Área 49, um membro veterano de A.A., um diretor de *Grapevine* e o editor-chefe da revista. Foram montadas três mesas grandes com literatura e a reunião – cheia de camaradagem, comida, diversão e bolo – foi encerrada com um sorteio de seis exemplares da edição comemorativa do 75 º aniversário do *Livro Grande* e seis cópias do número comemorativo do 70º aniversário da *Grapevine*.

Na Carolina do Norte (Área 51), foram feitos broches de lapela com uma imagem da sobrecapa do *Livro Grande* original que foram presenteados aos Delegados e outros membros da 64ª Conferência de Serviços Gerais. Jeryl T., antigo Delegado do Centro-sul da Califórnia (área 09), compartilhou conosco a história a seguir, a respeito de uma singular celebração que se estendeu por

vários Estados, países e fusos horários: *"muitos de nós queríamos fazer alguma coisa para expressar a nossa solidariedade e nossa gratidão pela recuperação apresentada nas páginas do livro. Pensamos longa e cuidadosamente sobre como poderíamos participar todos de um evento que destacasse este amor e gratidão por nossas vidas. Mas não ocorreu nada a ninguém e todos foram embora com a ideia de celebrar cada um à sua maneira.*

E então, de repente, ocorreu-nos que todos poderiam ter uma experiência de energia coletiva se todos fizessem a mesma coisa ao mesmo tempo. Tal como fazemos ao rezar uma oração em uníssono em uma reunião - poderíamos fazer algo simultaneamente em todas as partes da Área. Na verdade, poderíamos fazer isso em todas as partes do Estado, do país, do mundo. Isso seria muito bom!".

Então no dia 10 de abril, exatamente 75 anos após a publicação da primeira edição do livro *Alcoólicos Anônimos*, também conhecido como *Livro Grande* (Livro Azul no Brasil e em várias partes do mundo), às 10 horas da manhã, hora do Pacífico (11:00 hora de Montana, 12:00 Central; 13:00 hora do Leste: 08:00 no Havaí, etc.) membros de A.A. de toda classe e condição participaram de 75 segundos de silêncio para homenagear o consolo que o livro ofereceu a incontáveis milhões de alcoólicos, a suas famílias e aos seus amigos.

Seja qual tenha sido a celebração - com bolo ou sem bolo – os membros de A.A. compartilharam uns com os outros sua gratidão por tudo o que foi investido na publicação deste livro, que tem sido tão importante para tantas pessoas durante tanto tempo.

N.T.: Se você está interessado/a em adquirir um ou vários exemplares desta edição *fac-símile*, veja os procedimentos na página 10 deste boletim em:
http://www.aa.org/newsletters/en_US/en_box459_fall14.pdf
http://www.aa.org/newsletters/es_ES/sp_box459_fall14.pdf
http://www.aa.org/newsletters/fr_FR/fr_box459_fall14.pdf

7.19. Alcoólicos Anônimos e a lei

***Box 4-5-9*, Outono (Set.) 2010 (pág. 5) => http://www.aa.org/newsletters/es_ES/sp_box459_fall10.pdf**
Título original: "***A.A. y la ley"***

Alcoólicos Anônimos é um microcosmo da sociedade na qual existe. Posto isso, os problemas do mundo exterior às vezes podem se apresentar dentro dos Grupos de A.A. Não somos imunes às dificuldades que assediam o restante da humanidade, e quando questões a respeito das leis e seu cumprimento atravessam nossas portas nem sempre existe uma solução fácil.

De maneira geral, A.A. tem podido evitar grande parte dos problemas mais sensíveis, principalmente por termos aderido aos princípios encarnados nas nossas Tradições, tais como o anonimato, a autonomia, a atração em vez da promoção e a adesão ao nosso objetivo primordial, ou seja, levar a mensagem ao alcoólico que ainda sofre. Entretanto, quando surgem problemas, podem causar grandes distúrbios tanto dentro como fora de A.A.

Questões jurídicas, vistas pelos olhos de membros de A.A., podem às vezes ser especialmente desconcertantes e, ao longo dos anos, alguns AAs e Grupos têm recorrido ao Escritório de Serviços Gerais – ESG, em busca de ajuda para negociar circunstâncias complicadas que põem Grupos e membros em situações problemáticas. Por exemplo, um membro ao fazer o Quinto Passo revela

detalhes de um crime não esclarecido. Um alcoólico fala em uma reunião a respeito de problemas domésticos, talvez a respeito de abuso doméstico ou de menores. A policia apresenta-se numa reunião para recolher um indivíduo que não está cumprindo as condições estipuladas para a liberdade condicional.

Estes problemas não são fáceis de resolver e o ESG não pode oferecer uma resposta definitiva. É possível que existam soluções fora da experiência de A.A. Perguntas que exigem respostas jurídicas estão fora da competência de A.A. Como expresso na página 112 do livro Doze Passos e Doze Tradições *"... somos pessoas com problemas que encontramos uma saída..."* Com passados desesperados e futuros dificultosos, muitos membros atuais e possíveis tem tido problemas com a lei; porém, A.A. não tem opinião a respeito de questões jurídicas; não tem autoridade – jurídica ou qualquer outra, para controlar ou dirigir a conduta de membros e Grupos de A.A.

Embora falemos livremente com espírito de confiança nas reuniões e com os padrinhos e companheiros, todos os membros de A.A. estão sujeitos às mesmas leis que qualquer cidadão não AA. Nossas comunicações não são confidenciais no sentido jurídico, nem gozamos de nenhuma condição especial perante os estatutos locais, estaduais ou federais. Ser membro de A.A. não significa imunidade perante a lei e participar de uma reunião de A.A. não equivale a estar fora da jurisdição dos oficiais encarregados de fazer cumprir a lei. Como costumamos dizer na Irmandade, os AAs, como indivíduos, somos *"cidadãos do mundo"* e não estamos acima da lei.

Levar a nossa mensagem e cumprir com as nossas Tradições é essencialmente um assunto interno – não podemos esperar que outras pessoas se orientem por elas como nós o fazemos. Porém, Alcoólicos Anônimos, em si, não é um mundo isolado e independente.

Como já sabem aqueles que levam a mensagem às instituições de tratamento e correcionais, os AAs que realizam esse tipo de serviço estão obrigados a cumprir com os regulamentos das instituições; de maneira parecida, as reuniões e Grupos de A.A. têm que pagar aluguel e cumprir com as obrigações pautadas com os proprietários.

No referente a A.A. e questões jurídicas, é mais ou menos igual. Vivemos dentro da sociedade que nos rodeia. Conforme nossa experiência coletiva, as formas com que temos enfrentado estas situações podem ser tão variadas como o é nossa Irmandade; na maioria dos casos, a cautela e o bom senso parecem ter sido os melhores conselheiros.

7.20. Alcoólicos Anônimos e os alcoólicos com necessidades especiais

***Box 4-5-9*, Fev./Mar. / 2008 (pág. 9-10) => http://www.aa.org/newsletters/es_ES/sp_box459_febmar08.pdf**
Título original*:* ***"A.A. para los alcohólicos con necesidades especiales".***

Foi dito com frequência que, embora em A.A. não existam Grupos especiais, existem, sim, membros com necessidades especiais. ***Bill S.,*** coordenador do Comitê de Necessidades Especiais do Nordeste de Texas (Área 65), diz: *"Queremos que nossos companheiros percebam com clareza que qualquer um de nós poderá, no futuro, se defrontar com o desafio de um impedimento físico. Ao ajudar os alcoólicos que já têm um impedimento físico, estaremos ajudando não somente a eles mas, também, a nós mesmos"*.

Com essa finalidade, faz um par de anos, o Comitê elaborou um ***"Livro de Trabalho de Acessibilidade / Necessidades Especiais".*** Seu objetivo, conforme dito na introdução, é *"conseguir que tenham acesso a A.A. todos os alcoólicos que têm necessidades especiais: cegos, surdos, mudos, confinados na suas casas, doentes crônicos, cadeirantes, etc. Qualquer que seja o impedimento, nunca deverão ser excluídos das reuniões, do trabalho do Décimo Segundo Passo ou do serviço"*.

O *Livro de Trabalho* foi preparado para responder a possíveis dúvidas ou perguntas referentes às maneiras de colocar A.A. à disposição dos membros com necessidades especiais; quando não oferece a informação pertinente, remete o leitor às entidades que possam oferecê-la. Contém uma seção detalhada a respeito da Linguagem por Sinais, para os impedidos de audição; explica como os membros podem compartilhar suas experiências forças e esperanças através do Serviço de Correspondência de Solitários e Internacionalistas do ESG; há sugestões de como adaptar os locais de reunião e torná-los cômodos para os deficientes físicos; disponibiliza uma lista de literatura especializada dirigida a pessoas com necessidades especiais disponível no ESG e nas agências estaduais e federais. Além disso, contém modelos de carta que os comitês de necessidades especiais podem utilizar para contratar casas de repouso e outras instituições com a finalidade de oferecer informação e a ajuda de A.A.

No *Livro de Trabalho* é dito que, do mesmo modo que os demais, os alcoólicos com necessidades especiais querem estar na mesma igualdade de condições dos outros. Porém, um degrau de 15 centímetros de altura pode resultar num obstáculo insuperável. Uma porta de acesso fechada, uma rampa bloqueada ou complicações para estacionar podem impossibilitá-los de assistir uma reunião. Uma pessoa normal supera isso sem pensar duas vezes, porém se tiver de fazer o que eles fazem, iria ver isso de uma maneira diferente. Bill S. diz: *"Ao se aprofundar na consciência a respeito desse assunto, os membros de A.A. vão se esforçando para ajudar seus companheiros e assim descobrem que o vínculo comum da recuperação pode ajudá-los a superar os desafios dos impedimentos físicos"*.

7.21. Algumas perguntas de membros e respostas do ESG

***Box 4-5-9*, Fev./ Mar. 2008 (pág. 8-9) => http://www.aa.org/newsletters/es_ES/sp_box459_febmar08.pdf**
Título original*:* ***"Preguntas que hacen los miembros de A.A.".***

No decorrer dos anos, membros e Grupos de A.A. escrevem ou consultam o Escritório de Serviços Gerais – ESG, para obter informações ou sanar dúvidas a respeito da Irmandade em geral. Alguns temas são recorrentes e aparecem com certa frequência. A seguir algumas destas perguntas (***P.*****),** ou consultas e suas respostas (**R.**):

P. - *A Irmandade promove retiros espirituais?*

R. – Embora muitos membros participem de retiros espirituais, conforme dita a Sexta Tradição, A.A. não promove nem patrocina esses encontros.

P. – *Qual é a origem da Oração da Serenidade?*

R. – Tudo parece indicar que a Oração da Serenidade foi escrita por Reinhold Niebuhr, um teólogo que serviu durante muitos anos como decano e professor do Seminário União Teológica de Nova York (por coincidência, uma das ruas que margeiam o prédio onde o ESG está instalado na Cidade de Nova York tem o nome de Reinhold Niebuhr Place). No ESG pode ser obtido um folheto de serviço intitulado *"A origem da Oração da Serenidade: um estudo histórico"* – SMF-129.

P.- *A instituição proprietária do prédio bonde nosso Grupo aluga um espaço para reuniões, exige que seja feito seguro. O ESG tem uma apólice de seguros para os Grupos?*

R. – O seguro de responsabilidade civil do ESG não pode cobrir o seguro dos Grupos. Os Grupos podem consultar um corretor de seguros local ou um advogado para assuntos de responsabilidade civil. Alguns Grupos chegaram a fazer acordo com os proprietários para serem incluídos numa cláusula adicional da apólice de seguro de sua instituição.

P*. – Qual é a diferença entre uma reunião* "aberta" *e uma reunião* "fechada" *de A.A.?*

R. – As reuniões *"fechadas"* são unicamente para membros de A.A. e para aqueles que têm problemas com a bebida e *"têm o desejo de parar de beber"*.

As reuniões *"abertas"* podem ser assistidas por qualquer pessoa interessada em conhecer o programa de recuperação de Alcoólicos Anônimos.

Nos dois tipos de reunião, o coordenador pede aos participantes que limitem seus comentários apenas aos assuntos relacionados com a recuperação do alcoolismo.

(para mais informações leia o livreto *"O Grupo, onde tudo começa"* e o artigo do Box 4-5-9 / Fev. Mar. – **1998**, págs. 3 a 5, *"Reuniões abertas e fechadas: há uma diferença"*).

P. – *Porque o Escritório de Serviços Gerais não dá sua opinião quando solicitado?*

R. – O papel do ESG é oferecer a experiência compartilhada dos membros e dos Grupos de A.A. A informação recolhida ao longo dos anos através de correspondência, na literatura e nos Arquivos Históricos do ESG, é compartilhada com os Grupos para ajudá-los a formar sua consciência de grupo esclarecida.

P. – *A revista Grapevine é parte de A.A.?*

R. – Sim. A Grapevine, (e suas homólogas nos países membros, como a Vivência no Brasil), é parte de Alcoólicos Anônimos. Para reforçar o lugar da revista na Irmandade, a Conferência de Serviços Gerais de **1986** declarou que *"a Conferência reconhece que Grapevine é a Revista internacional de Alcoólicos Anônimos"*.

P. – *Existe alguma coisa como "clube" de A.A.?*

R. – Não. Embora existam muitos clubes que são proprietários do local onde se celebram reuniões de A.A.,, as reuniões são autônomas e não participam das operações nem são regidas pelas normas do clube.

P. – *Os Escritórios de Serviços Locais (ESL´s) são parte de A.A.?*

R. – Sim. Os ESL´s oferecem serviços locais vitais e oportunidades para o trabalho do Décimo Segundo Passo. Um ESL é um Escritório de Serviço de A.A. que pressupõe a cooperação dos Grupos da comunidade onde se encontra. São criados para levar a termo as funções comuns a todos os Grupos da região e são eles, os Grupos, que os mantém, fiscalizam e financiam. (N.T.: Para mais informações consultar o Guia da JUNAAB para a constituição dos ESL´s).

P. – *A.A. pode divulgar anúncios na televisão?*

R. – Os anúncios de serviço público de A.A. para a televisão (ASP), foram aprovados pela Conferência. A.A. vem produzindo estes ASP´s há mais de trinta anos. A intenção destes pequenos anúncios não é a de promover A.A. nem dizer que A.A. tem o melhor método para tratar o alcoolismo, nem que oferecemos a única solução. O propósito é o de compartilhar com os outros que pode ser encontrada a sobriedade em A.A. Esperamos que um alcoólico, um familiar ou um amigo preocupado possa se inteirar da existência de A.A. e saiba que oferecemos uma solução para o alcoolismo.

P. – *Fazem parte de A.A. os Grupos especiais para homens, mulheres, jovens, homossexuais, médicos, advogados, etc.?*

R. – Os Grupos especiais, com tanto que não tenham outra afiliação ou propósito, fazem parte de A.A. e têm uma longa história na Irmandade. Existem reuniões especiais para membros com determinadas profissões, tais como médicos, agentes da ordem pública ou profissionais da indústria aeronáutica que não aparecem nas listas publicadas pelos órgãos de serviço, uma vez que não se destinam aos membros de forma geral nem para o público. Com tanto que não tenham outra afiliação ou propósito, são consideradas reuniões de A.A. De acordo com nossa experiência, estas reuniões especiais podem ser úteis aos iniciantes que no começo podem sentir-se incomodados nas reuniões normais de A.A. O ESG nas suas listas estes Grupos especiais deixando claro que não será negada a entrada a qualquer alcoólico que chegue a um Grupo desse tipo por não ter o recurso imediato de participar de uma reunião normal de A.A. Por exemplo, um Grupo de mulheres pode abrir sua reunião para acolher um homem numa reunião se não há disponível outra reunião de A.A. num lugar próximo.

P. - *É* ***ICYPAA*** *(The International Conference of Young People in A.A.), ou, A Conferência Internacional de Jovens em A.A., parte de A.A.?*

R. – Sim, **ICYPAA** é parte de A.A., assim como o são os jovens que fazem parte dos comitês de A.A. a nível regional e estadual, sempre e quando não tenham outra afiliação. ICYPAA está incluída nos nossos diretórios confidenciais na seção *"Contatos internacionais especiais"*

(para saber mais consulte o artigo no Box 4-5-9 Out. Nov./2007 "Os jovens em A.A.", http://www.aa.org/lang/sp/sp_pdfs/sp_box459_oct-nov07.pdf, *e/ou*, http://www.icypaa.org/)

P. – *Vamos realizar um evento de A.A., e alguns membros dizem que cobrar uma cota de inscrição não está de acordo com as Tradições de A.A.*

R. - Há uma grande diferença entre, *"Para ser membro de A.A. não há taxas ou mensalidades..."*, e uma cota, ou taxa, de inscrição para a realização de eventos de A.A. como sejam, encontros, ciclos de estudo, seminários, conferências, convenções, etc. onde, na maioria das vezes, é cobrada uma taxa de inscrição para cobrir os gastos. Eventualmente, os organizadores poderão propor planos especiais para os membros que desejam assistir porém não podem pagar.

P. – *O ESG tem informações a respeito da história do meu Grupo base?*

R. – O pessoal dos Arquivos Históricos do ESG somente poderá oferecer informações a respeito das origens de um Grupo esse Grupo enviou suas informações ao longo de sua existência.

7.22. As *"doze promessas"* de A.A.

Box 4-5-9, Natal – 2008 (pág. 6) => http://www.aa.org/newsletters/es_ES/sp_box459_holiday08.pdf

Titulo original: ***"¿'Promesas exageradas'? No lo creemos".***

O conjunto de promessas que aparece nas páginas 83-84 do Livro Grande (*no Livro Azul estão na pg. 112, capítulo VI, Entrando em Ação*) chegou a representar para algumas pessoas em recuperação, uma espécie de *"Declaração de Direitos"* do alcoólico, uma coleção de expectativas e recompensas da sobriedade. Qual alcoólico não desejaria ter tão magníficas recompensas? Desde conhecer *"uma liberdade e uma felicidade novas"*, até se dar conta de que *"Deus está fazendo por nós o que por nós mesmos no poderíamos fazer"*.

Alguns membros inclusive enumeram estas promessas e as elevam ao estatus dos Doze Passos e das Doze Tradições. Entretanto, por muito práticas e poderosas que sejam, não há evidencia que apoie a ideia de que foram concebidas como um conjunto independente de expectativas.

De fato, por aparecer integradas no texto do Passo Nove, parece que estão relacionadas com um grupo específico de ações em vez de ser uma coletânea geral de promessas para a sobriedade em si mesmo. As promessas seguem-se a uma frase introdutória que diz: *"Se nos esmeramos nesta fase de nosso desenvolvimento, nos surpreenderemos com os resultados antes de chegar à metade do caminho"*, referindo-se ao Nono Passo, a fase de recuperação em que fazemos reparações.

Já faz tempo que a questão das promessas e seu estatus em A.A. (são *"oficiais"* ou não?), têm intrigado aos membros e aos Grupos de A.A. No começo deste ano (**2008**), o Escritório de Serviços Gerais (GSO), recebeu um pedido de informação por parte um Grupo de Dawson Creek, na Columbia Britânica, referente a este assunto. Depois de fazer algumas investigações e falar com a arquivista do GSO, a responsável pela Comissão de Literatura respondeu essa pergunta da seguinte maneira: *"Alcoólicos Anônimos nunca intentou codificar promessas nem criar uma lista 'oficial' de promessas. Ao largo das décadas, desde que Bill W. escreveu o Livro Grande, muitos AAs encontraram outras promessas nas páginas do livro além das mencionadas nas páginas 83-84. Não temos provas nem constância para corroborar que Bill W. tinha intenção de apresentar doze promessas da mesma maneira que apresentou os Passos e as Tradições. Sabemos que alguns grupos e membros fazem referencia às 'doze promessas' – porém, este costume não teve origem na consciência coletiva de A.A."*

Também, para responder a uma pergunta semelhante feita por um membro de A.A., a ajudante da arquivista do GSO sugeriu que esse costume *"poderia ter-se originado em algum grupo local durante os primeiros anos da Irmandade e desde então, vários grupos foram elaborando diferentes versões das promessas. Porém, não temos nenhuma informação em nossos arquivos que documente essa faceta da nossa história"*.

Também disse *"podemos-lhe dizer que em muitas ocasiões, quando são feitas citações separadamente de certas seções do Livro Grande, o significado da seção nem sempre está o suficientemente claro. Nosso Livro Grande descreve a evolução de nosso programa e as palavras que precedem às promessas têm a mesma importância das que lhe seguem"*.

Quanto à sugestão de que há muitas outras promessas contidas no Livro Grande, além das citadas nas páginas 83-84, um membro de A.A. enviou ao GSO uma lista contendo 238 outras promessas identificadas por ele.

Uma promessa que não figura nessas listas e que se ouve em reuniões no mundo todo: *"Se você não tomar o primeiro gole, não irá ficar bêbado"*.

Para entender melhor:

N.T.: As tais *"promessas"* foram publicadas como artigo na revista *Grapevine* e se espalharam mundo afora, existindo Grupos que as emparelham ao lado dos quadros dos Doze Passos e das Doze Tradições e até Juntas de Serviços Gerais de Países-membros que as colocam no seu sitio oficial na Web, passando a impressão de que elas têm significado por si próprias e ignorando que seu texto faz parte de um contexto maior e mais amplo. O texto em questão encontra-se no Livro Azul, (quarta edição) na página 112 ou, páginas 83/84 do Big Book, onde diz:

"Se formos cuidadosos, nesta fase de nosso desenvolvimento, ficaremos surpresos antes de chegar à metade do caminho. Estamos a ponto de conhecer uma nova liberdade e uma nova felicidade. Não lamentaremos o passado nem nos recusaremos a enxergá-lo. Compreenderemos o significado da palavra serenidade e conheceremos a paz. Não importa até que ponto descemos, veremos como nossa experiência pode ajudar a outras pessoas. Aquele sentimento de inutilidade e de auto piedade irá desaparecer. Perderemos o interesse em coisas egoístas e passaremos a nos interessar pelos nossos semelhantes. O egoísmo deixará de existir. Todos os nossos pontos de vista e atitudes perante a vida irão se modificar. Perderemos o medo das pessoas. O medo da insegurança econômica nos abandonará. Saberemos, intuitivamente, como lidar com situações que costumavam nos desconcertar. Perceberemos, de repente, que Deus está fazendo por nós o que não conseguíamos fazer sozinhos.

Então, alguém, certamente num momento de enlevo e tomado pelo espírito de colaboração, adaptou ajeitou as frases acima para que dessem um número de doze e assim classificou "**As Doze Promessas de Alcoólicos Anônimos":**

1-. *Se formos cuidadosos nesta fase de nosso desenvolvimento, ficaremos surpresos antes de chegar à metade do caminho.*

2-. *Estamos a ponto de conhecer uma nova liberdade e uma nova felicidade.*

3-. *Não lamentaremos o passado, nem nos recusaremos a enxergá-lo.*

4-. *Compreenderemos o significado da palavra serenidade e conheceremos a paz.*

5-. *Não importa até que ponto descemos, veremos como a nossa experiência pode ajudar outras pessoas.*

6-. *Aquele sentimento de inutilidade e auto piedade irão desaparecer.*

7-. *Perderemos o interesse em coisas egoístas e passaremos a nos interessar pelos nossos semelhantes.*

8-. *O egoísmo deixará de existir.*

9-. *Todos os nossos pontos de vista e atitudes perante a vida irão se modificar.*

10-. *O medo das pessoas e da insegurança econômica nos abandonará.*

11-. *Saberemos, intuitivamente, como lidar com situações que costumavam nos desconcertar.*

12-. *Perceberemos, de repente, que Deus está fazendo por nós o que não conseguíamos fazer sozinhos.*

O estrato do Livro Azul que é apresentado como sendo *"As Doze Promessas de A.A."* faz parte do texto básico de A.A.. Principalmente o parágrafo que consta nas págs. 83/84 do Big Book , ou 112 no Livro Azul (capítulo VI, Entrando em Ação), está retocado como segue para criar "*As Doze Promessas de A.A."*

- O parágrafo saiu do contexto específico do Nono Passo. Este contexto é essencial às noções *"esta fase de nosso desenvolvimento"* e da *"metade do caminho"*.
- Foi acrescentado um título: *"As Doze Promessas de A.A."*, comprometendo a Irmandade inteira: *"A.A. lhe promete isto"*. O que é falso. Independentemente do contexto específico à pratica do Nono Passo, A.A. não faz promessas.
- O número *"12"* no título justifica-se pelo fato de que as frases deste parágrafo foram habilitadas para ser numeradas de 1 a 12. As frases simplesmente são separadas umas das outras e numeradas.

Isto não impede, de maneira alguma, que *"cada Grupo é livre de estabelecer seus próprios costumes e de celebrar suas reuniões da maneira que melhor lhe parecer, desde que não o faça em detrimento de outros Grupos ou da Irmandade em seu conjunto"*. (Quarta Tradição).

7.23. As Doze Tradições de A.A.

***Box 4-5-9*, Out. Nov./2004 (pág. 7-8) =>http://www.aa.org/newsletters/es_ES/sp_box459_oct-nov04.pdf**
Título original: ***"(Casi) todo lo que quieren saber acerca de las Tradiciones"***

Costuma-se dizer que as Doze Tradições são para a harmonia e sobrevivência do Grupo o que os Doze Passos são para a recuperação individual de cada membro. Porém, muitos AAs, incluindo os membros para os quais os Passos são uma forma de vida, consideram as Tradições como *"uma coisa de serviço"* no que diz respeito a eles pessoalmente. Inclusive àqueles um pouco mais familiarizados pode lhes parecer um enigma: Por que há uma forma curta e outra forma integral? Qual foi a primeira? Por que em alguma Tradição a forma curta é mais longa que na forma integral? E, por que em outros casos são iguais?

A comunicação em A.A. sempre esteve carregada com a linguagem do coração. Por isso não é de surpreender que a ideia básica das Tradições fosse originada nas dificuldades experimentadas pelos membros pioneiros, diferentes em quase tudo exceto em seu vínculo comum com os alcoólicos, para chegar a um acordo ou consciência de Grupo. Já em **1945**, a pilha de correspondência na Sede-agora Escritório de Serviços Gerais, estava cheia de pedidos de ajuda para solucionar os problemas dos Grupos. Também é importante mencionar que os Grupos também informavam sobre seu sucesso.

Um amigo não identificado de Bill W., sugeriu que toda essa experiência coletiva poderia ser unificada em uma serie de princípios que oferecessem soluções provadas; Bill e seus *"ajudantes"* no escritório puseram-se a trabalhar. Foi assim que nasceu a forma integral das Tradições como se conhecem hoje. Depois de ouvir ideias e opiniões de membros de A.A. e de fora, foram publicadas na edição de abril de **1946** da recém criada revista Grapevine, à época com apenas dois anos de existência.

Um ano mais tarde, as Tradições foram resumidas para a forma curta que conhecemos hoje. Isso foi feito por sugestão de Earl T., fundador do primeiro Grupo de Chicago, aparentemente para que as Tradições tivessem a mesma altura dos Passos. Más, também foram resumidas porque, embora poucos membros colocaram objeções às ideias expressadas na forma integral, muitos acreditavam que os enunciados eram muito longos e difíceis de lembrar. O rascunho final da forma curta foi aprovado na primeira Convenção Internacional de Cleveland, Ohio, em julho de **1950**, e nessa forma apareceram também na Grapevine e assim continuam até hoje.

Se por vezes as Tradições podem parecer pouco coerentes, não é para se surpreender. Elas representam a experiência coletiva de milhares de membros de A.A. e seus Grupos. Quando Bill chamou A.A. uma *"anarquia benigna"*, era exatamente o que queria dizer por que estava utilizando a palavra no seu melhor sentido: *"Quando tivemos que nos colocar em ação para funcionar como Grupos, percebemos que era preciso nos converter numa democracia... Todas as ações propostas pelos Grupos tinham que ser aprovadas pela maioria. Isso queria dizer que ninguém poderia se autonomear para atuar em nome de seu Grupo ou de A.A. em seu conjunto. Nem a ditadura nem o paternalismo seriam bons para nós"*.

Alguns exemplos de falta de coerência: a forma integral da Segunda Tradição diz: *"Para o nosso propósito coletivo, só há uma autoridade final: um Deus extremoso, na forma que se manifesta em nossa consciência coletiva"*, é mais curta que a forma curta, que acrescenta *"Nossos líderes são apenas servidores de confiança; não têm poder para governar"*. E a forma curta da Quinta Tradição *"Cada Grupo é animado de um único propósito primordial: o de transmitir sua mensagem ao alcoólico que ainda sofre"*, é quase idêntica à forma integral, que diz *"Cada Grupo de Alcoólicos Anônimos deve ser uma entidade espiritual com um único propósito básico: o de levar sua mensagem aos alcoólicos que ainda sofrem"*.

É interessante observar que a forma curta da Décima Primeira Tradição diz que, *"Nossas relações com o público baseiam-se na atração em vez da promoção";* na forma integral acrescenta *"Nunca há necessidade de elogiarmos a nós mesmos. Achamos melhor que nossos amigos nos recomendem"*.

A forma integral das Tradições pode ser encontrada no Livro Azul, Doze Passos e Doze Tradições, o Manual de Serviços de A.A. e o livreto O Grupo de A.A... A forma curta encontra-se nos mesmos livros e em outros exemplares da literatura de A.A.

Ao fazer considerações a partir da distância de mais de meio século, a visão dos fundadores e dos pioneiros de A.A. é reconhecida hoje pelos AAs de todas as partes do mundo que expressam sua gratidão através de cartas enviadas ao ESG. A importância destes princípios fundamentais está resumida mais acertadamente no livro *"Alcoólicos Anônimos atinge a maioridade"*, em *"Unidade: o Segundo Legado": "... A nossa não é uma história rotineira de sucessos; é mais bem a história de como pela graça de Deus, surgiu de nossa fraqueza uma fortaleza insuspeitada; de como, sob as ameaças de desunião e de colapso, foi sendo forjada uma unidade e uma fraternidade universais. No decorrer desta experiência, desenvolvemos uma série de princípios tradicionais pelos quais vivemos e trabalhamos unidos e nos relacionamos como Irmandade com o mundo que nos rodeia. Estes princípios se chamam as Doze Tradições de Alcoólicos Anônimos. Representam a destilação da experiência do nosso passado, e confiamos nelas para nos conduzir em unidade através dos obstáculos e perigos que o futuro possa nos proporcionar"*.

7.24. As Doze Tradições de A.A., ou, Os Filhos do Caos

***Box 4-5-9*, Primavera 2011 (pág. 1-2) => http://www.aa.org/newsletters/es_ES/sp_box459_spring11.pdf**
Título original: ***"'Los hijos del caos': El nacimiento de las Tradiciones de A.A."***

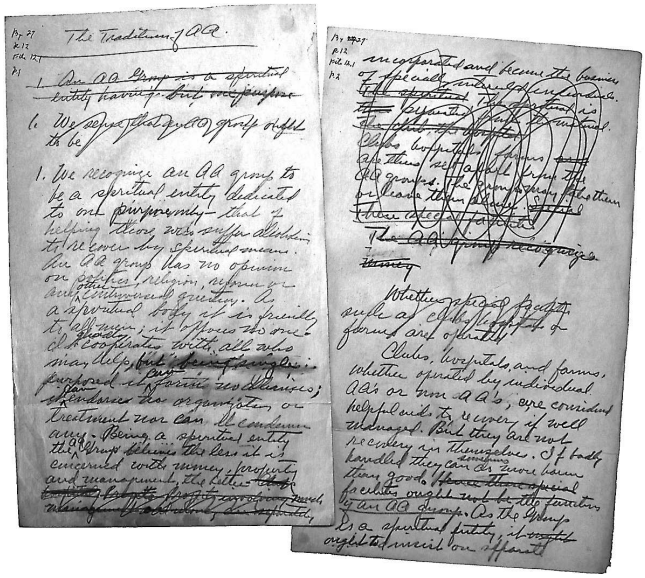
"Os aproveitadores se aproveitavam, os solitários lamentavam sua solidão, os comitês entravam em disputa, os novos clubes enfrentavam dificuldades inesperadas, os oradores praticavam o charlatanismo, os grupos eram desgarrados pelas controvérsias, os membros se convertiam em profissionais e vendiam o movimento; por vezes grupos inteiros se embriagavam e as relações públicas locais chegaram a ser um escândalo". (A linguagem do Coração).

Assim era a situação em alguns dos Grupos da incipiente Irmandade na época pioneira de A.A. conforme Bill W. Com pouca ou nenhuma experiência na nova e exigente aventura da sobriedade, os Grupos de A.A. voavam às cegas.

O programa de recuperação de A.A., tal como expresso nos Doze Passos expostos no Livro Grande (Livro Azul, no Brasil), alastrava-se como fogo – de um alcoólico para outro, por todo o país (EUA) e inclusive em países de ultramar. Com reportagens favoráveis em vários meios de

comunicação e o crescente apoio da medicina e da religião, A.A. foi sendo cada vez mais conhecida. Alcoólicos estavam conseguindo sobriedade e essas boas novas difundiam-se rapidamente.

Entretanto, os recém-criados Grupos dispunham de poucos recursos para seu apoio e orientação, com exceção do profundo desejo de seus membros individualmente se manterem sóbrios. Tudo tinha que ser definido dia após dia e baseados na experiência pessoal e individual por meio de um sistema de tentativas, aprendendo com os erros e assim descobrir o que funcionava ou não. Regras foram criadas para em seguida serem quebradas, estabeleceram-se normas que logo foram descartadas, e inevitavelmente, surgiram disputas, muitas vezes acirradas, referentes às relações dos próprios membros, uns com os outros, e com o mundo exterior.



Rascunho da Primeira Tradição feito por Bill W.

Nas primeiras décadas de A.A., havia muitos problemas para enfrentar e, na medida em que a quantidade de membros aumentava a cada ano, os desafios decorrentes para viver e trabalhar juntos, não apenas como indivíduos, mas também como Grupos, iam-se empilhando. O sucesso e a maior visibilidade vinham acompanhados de suspeitas, ciúmes e ressentimento. Havia conflitos relacionados com todos os assuntos imagináveis: o uso do dinheiro, as operações dos clubes, o uso inapropriado do nome de A.A., a liderança e os romances.

Os costumes nas reuniões variavam de um Grupo para outro; algumas reuniões eram compostas principalmente por bêbados de classes mais baixas; outras davam preferência aos bêbados das classes mais altas; alguns Grupos permitiam a volta de quem tinha recaído, enquanto outros acreditavam que essas pessoas deveriam ser excomungadas. *"Parecia que cada participante em cada desacordo dos Grupos de todo o país, nos estivesse escrevendo durante esse confuso e apaixonado período"*, disse Bill W. em *'A.A. Atinge a Maioridade'*. Os problemas descritos por esses membros ameaçavam tumultuar a Irmandade nascente e numa carta de **1950** dirigida a um membro de A.A. de Michigan, Bill W. disse: *"Quando chegavam à minha mesa no escritório as cartas em que descreviam as dores de crescimento dos primeiros Grupos, passava a noite deitado na cama sem poder conciliar o sono. Parecia-me que as forças da desintegração iam desgarrar nossos Grupos pioneiros..."*.

Alcoólicos Anônimos não foi a primeira Irmandade que embarcou à deriva nas armadilhas e nos conflitos gerados pelo sucesso perigoso. A *Sociedade Washingtoniana (*)*, um movimento criado quase um século antes (em abril de **1840**) e dedicado ao resgate de bêbados quase havia descoberto a solução para o problema do alcoolismo. Em seu começo, a sociedade, que se originou em Baltimore, estava composta somente por alcoólicos que se esforçavam para se ajudar os uns a os outros. Tiveram considerável sucesso e o movimento prosperou alcançando mais de 500.000 membros. Porém, os *Washingtonianos* deixaram que políticos e reformadores, alcoólicos e não alcoólicos fizessem uso da sociedade para seus próprios fins e, em que pesem suas intenções expressas de não

se meter na política, na religião e no comercio, muitos membros adotaram publicamente posturas opostas em questões de reforma de políticas referentes ao alcoolismo e outros assuntos do dia a dia. Num prazo de oito a nove anos, segundo reportagens da época, perderam seu atrativo. No banquete anual de A.A. em Nova York, em 07 de novembro de **1945**, Bill W. disse: *"Em resumidas palavras, os Washingtonianos puseram-se a resolver os problemas do mundo antes de solucionar os seus. Não tiveram a capacidade de ocupar-se unicamente de seus assuntos"*.

O *Grupo de Oxford* (**), uma organização religiosa da qual brotaram as sementes de A.A. e que deu origem a alguns dos princípios e preceitos básicos da Irmandade, também oferece exemplos do que não deve ser feito. No livro 'A.A. Atinge a Maioridade', Bill W. escreveu: *"Os AAs pioneiros extraíram suas ideias de autoexame, reconhecimento dos defeitos de caráter, reparações pelos danos causados e o trabalho com os outros, direta e unicamente do Grupo de Oxford e particularmente de Sam Shoemaker, seu líder nos EUA"*. Entretanto, embora o Grupo de Oxford se preocupasse profundamente com a sorte dos alcoólicos, alguns costumes desse Grupo incomodavam a Bill W. Embora seja o responsável por impulsionar alguns dos princípios espirituais de A.A., as diferenças acabaram por causar a separação dos dois movimentos. Como Bill W. disse uma vez: *"O grupo de Oxford queria salvar o mundo e eu somente queria salvar os bêbados"*.

Aproveitando-se do exemplo dos Grupos precursores e da cada vez mais ampla experiência retirada de suas próprias lutas internas durante sua primeira década, A.A. ia-se aproximando dia a dia de um conjunto de princípios práticos que pudessem orientar e proteger a vida dos Grupos de A.A.

Em **1946**, na revista Grapevine, os fundadores e membros pioneiros codificaram esse princípios e publicaram-nos com o titulo de *"Os Doze pontos para assegurar o nosso futuro"* (Nota do transcritor: a partir de 01 de junho de **1949** estes princípios passariam a se chamar *"As Doze Tradições de Alcoólicos Anônimos").*

"Filhos do caos", escreveu Bill W. num ensaio sobre a Quarta Tradição, *"de maneira desafiadora brincamos com fogo repetidas vezes, saímos ilesos e, conforme percebemos, mais sábios que antes. Estes mesmos desvios constituíram um vasto processo de provas e tentativas, o qual, pela graça de Deus, nos trouxe a onde hoje nos encontramos"*.

Conforme Bill W., a acolhida proporcionada às Tradições nos anos de **1940**, não foi das mais calorosas. *"Apenas Grupos em grandes dificuldades as levaram a sério. Em algumas partes até reação violenta houve, principalmente naqueles Grupos que tinham longas listas de regras e regulamentos* 'protetores'. *Havia, também, muita apatia e indiferença"*.

Entretanto, e com o passar do tempo, tudo isso mudou e poucos anos mais tarde, por ocasião da Primeira Convenção Internacional de Cleveland, Ohio, em julho de **1950**, vários milhares de membros de A.A. declararam que as Tradições de A.A. constituíam *"a plataforma sobre a qual nossa Irmandade poderia funcionar melhor e se manter unida para sempre"*. Deram-se conta de que nossas Tradições resultariam tão necessárias à nossa sociedade quanto o tinham sido os Doze Passos para a vida de cada membro. Conforme a opinião da Convenção de Cleveland, as Tradições eram a chave da unidade, do funcionamento e inclusive da sobrevivência de todos nós e a Irmandade na sua totalidade aceitou e aprovou esses princípios. Mais tarde, em abril de **1953**, foi publicado o livro *"Os Doze Passos e as Doze Tradições"*, que a Irmandade utiliza como guia para a recuperação individual e para a sobrevivência coletiva.

Fazendo eco àquelas palavras, J. B., um membro de Modesto, Califórnia, escreveu na Grapevine de abril de **1984**: *"As Doze Tradições não são uma mera coleção de guias estabelecidos*

por ‘eles’ *e transmitidas a nós com a ordem incondicional de que* ‘isto é o que vocês têm que fazer, e ponto’. *As Tradições são o fruto da experiência e dos erros que quase destroçaram nossa Irmandade e as aceitamos de bom grado.*

Ao falar das Tradições, falamos da vida e da morte. Não posso viver sem A.A. Mas, você e eu somos A.A. A pesar de nós mesmos, temos que ser responsáveis por nós mesmos. A pesar de mim mesmo tenho que ser responsável, e de responsabilidade é do que tratam as Tradições”.

Para saber mais, ver:

(*) ***Box 4-5-9,*** **Out. Nov./ 1987 (pág. 5 a 7) =>http://www.aa.org/newsletters/es_ES/sp_box459_oct-nov87.pdf**

(**) ***Box 4-5-9,*** **Fev. Mar. / 1987 (pág. 6-7) =>http://www.aa.org/newsletters/es_ES/sp_box459_feb-mar87.pdf**

7.25. Breve história do Escritório de Serviços Gerais - ESG

Box 4-5-9, **Outono (setembro) 2011 (pág. 9-10) => http://www.aa.org/newsletters/es_ES/sp_box459_fall11.pdf**

Título original*:* ***“Una corta historia de la Oficina de Servicios Generales de A.A.”***

O General Service Office – GSO, ou, Escritório de Serviços Gerais de A.A. - ESG nasceu em um prédio comercial de duas plantas localizado no nº 17 da Rua William, em Newark, Nova Jersey, em **1938**, num escritório que servia de sede para uma malsucedida empresa de negócios criada por Bill W. , poucos anos após seu último gole e por seu amigo e também companheiro de A.A., Hank P., que Bill tinha apadrinhado no Hospital Towns. Os dois alugaram esse escritório para servir como sede de uma cooperativa de compradores de gasolina conhecida como Honor Dealers. Contrataram uma secretária, Ruth Hock, para manter o escritório organizado, a qual logo percebeu que os dois homens estavam muito mais interessados em ajudar um grupo de alcoólicos anônimos do que organizar postos de gasolina.

Lá, no primeiro escritório (não oficial) de A.A., Bill W. produziu o primeiro manuscrito do Livro Grande com a ajuda da secretária Ruth. E, nesse escritório, visando a publicação do livro, Bill e Hank estabeleceram a Works Publishing Company, vendendo ações aos seus companheiros alcoólicos e a seus amigos. Poucos anos mais tarde, a Fundação do Alcoólico compraria a companhia para assegurar que o livro fosse sempre propriedade da Irmandade.

A Fundação do Alcoólico empreendeu o projeto de procurar um lugar permanente para a Irmandade e em **1940** alugou um escritório com duas salas localizado no nº 30 da Rua Versey, no distrito financeiro de Nova York. Seu aluguel mensal era de $ 650,00 dólares e assim surgiu a *“Sede Nacional de Alcoólicos Anônimos*”, como rezavam seus papeis timbrados.

Em pouco tempo o escritório foi inundado por grande quantidade de correspondência, uma vez que a década de **1940** foi uma época de crescimento muito rápido para A.A. O jantar organizado por Rockefeller, a cobertura da mídia e, por último, o artigo de Jack Alexander na Saturday Evening Post, serviram para chamar cada vez mais a atenção sobre a Irmandade. *“Logo apareceu o dilúvio”*, disse Bill W. *“Súplicas desesperadas chegavam ao escritório de Nova York. No começo, apenas as líamos aleatoriamente alternando lágrimas e risadas. Como íamos poder responder todas aquelas cartas comovedoras? Ruth e eu não podíamos fazê-lo sozinhos”.*

Em maio de **1944**, a Sede mudou-se para um escritório de três salas no nº 415 da Av. Lexington de frente para a Grand Central Station. *“Mudamo-nos porque a necessidade de servir aos muitos viajantes de A.A. em trânsito pela cidade chegou a ser urgente. O novo escritório, próximo a*

Grand Central, nos pós em contato com visitantes que, pela primeira vez, puderam ver Alcoólicos Anônimos como uma visão para o mundo inteiro", disse Bill W.

No começo de **1945**, o escritório contava com seis funcionários em tempo integral e as necessidades da Irmandade continuavam aumentando. *"A.A. crescia tão rapidamente que era impossível informar todos os membros sobre o que a Sede estava fazendo. Muitos grupos, preocupados com seus próprios assuntos, não nos ajudaram em nada. Menos da metade fazia contribuições. Os déficits constantes eram uma praga, porém, afortunadamente esses déficits podiam ser compensados com o dinheiro proveniente das vendas do Livro Grande e de nossos cada vez mais numerosos folhetos. Se não tivéssemos podido contar com os ingressos produzidos pelo livro, teríamos fracassado",* disse Bill W.

Em **1950**, o escritório mudou-se novamente para um local mais amplo, no nº 141 da Rua Leste, a pouca distância do local anterior para manter a proximidade com a Grand Central Station. Deixou de se chamar *"Sede"* e passou a ser chamado de ***Escritório de Serviços Gerais***, nome que se mantém até os dias de hoje (**2013**). Deu-se início a um sistema rotativo dos funcionários, e, devido a algumas recaídas, foram estabelecidas normas para estabelecer o período mínimo de abstinência dos membros alcoólicos contratados.

O volume de correspondência anual nesse período chegou a mais de 31.000 postagens e foram vendidos mais de um milhão de livros e folhetos de A.A. Além disso, um intercâmbio de correspondência com membros solitários, tais como o Capitão Jack S. que contribuiu para a criação do programa de Solitários / Internacionalistas tal como existe na atualidade. A.A. Works Publishing, a entidade responsável pela supervisão do ESG, mudou seu nome em **1953**, para o atual A.A. World Services, Inc. (A.A.W.S.).

Depois de dez anos no nº 305 da Rua 45 Leste, em **1970**, o ESG mudou novamente, desta vez para o nº 468 da Av. Park Sul, que seria seu endereço nos próximos vinte anos. Com o passar do tempo, o escritório ocuparia cinco andares em dois prédios adjacentes onde se encontravam os recém abertos Arquivos Históricos, os escritórios da Grapevine e as salas destinadas às reuniões da Junta de Serviços Gerais.

Atravessando um período de crescimento sem precedentes, quando se calculava que A.A. duplicava de tamanho a cada sete anos, o ESG fazia todo o possível para seguir o ritmo das mudanças. Para poder responder à grande variedade de perguntas feitas pela Irmandade, foi redigida uma serie de Guias de Atuação do ESG acerca de, por exemplo, os centros de tratamento, os programas do Legislativo, as Forças Armadas, membros de A.A. empregados no campo do alcoolismo, e outras áreas de interesse. Estes Guias continuam sendo publicações importantes nos dias de hoje e são revisados regularmente para refletir novas experiências, dados e ideias para poder compartilhá-los e colocá-los à disposição de toda a Irmandade.

Para satisfazer as demandas decorrentes de tão rápido e extenso desenvolvimento, os métodos e procedimentos utilizados no ESG tiveram de mudar drasticamente. Foi introduzida a automatização onde isso era possível, especialmente no que se referia aos registros dos grupos e dos órgãos de serviço. Foi instalado um sistema de microfichas e o primeiro computador do ESG foi ligado em setembro de **1977**.

O aumento no volume de publicações também levou a grandes mudanças. O ESG assumiu algumas das funções de uma editora de grande porte; pela primeira vez comprou seu próprio papel e dedicou-se cada vez mais à produção e distribuição de literatura.

É muito provável que os atuais visitantes do ESG cheguem à conclusão de que, embora o escritório, desde **1992** localizado em Riverside Drive, 475, é maior que os anteriores, segue fazendo o que sempre fez, porém numa escala muito maior. Como Bill W. escreveu: *"O Escritório de Serviços Gerais de A.A. é, de longe, o maior portador da mensagem de A.A. Conseguiu se relacionar acertadamente com o mundo turbulento em que vivemos. Difundiu nossa Irmandade por todos os lugares... Está pronto e disposto a responder às necessidades de qualquer grupo ou indivíduo isolado independentemente da distância ou do idioma. Suas experiências acumuladas no decorrer de muitos anos estão à disposição de todos nos"*.

7.26. Celebremos o 80º aniversario de A.A. em Atlanta, Geórgia

***Box 4-5-9*, Março 2014 (pag. 1-2) => http://www.aa.org/newsletters/es_ES/sp_box459_spring14.pdf**
Título original: ***"Celebremos el 80º aniversario de A.A. en Atlanta, Georgia"***

Como dizem os legendários *Gladys Knight & the Pips* **(1)** preparem-se para subir nesse trem da meia-noite – ou viajem de ônibus, carro ou avião – para chegar a Atlanta, Geórgia, lugar da Convenção Internacional de **2015** de Alcoólicos Anônimos, que será realizada entre os dias 2 e 5 de julho de **2015**, com o lema *"80 anos – felizes, alegres e livres"*. Os AAs do mundo todo irão se reunir em Atlanta para celebrar a sobriedade e compartilhar experiência, força e esperança em reuniões, painéis e grupos de trabalho no Centro Mundial de Congressos de Geórgia, no Geórgia Dome e outros lugares desta acolhedora cidade no coração do Novo Sul.

Muitos já conhecem Atlanta como o lugar onde aconteceram os Jogos Olímpicos de **1996** e sede de algumas das mais renomadas corporações dos EUA, mas poucos estão familiarizados com os arredores arborizados desta cidade situada no sopé das montanhas Apalaches com suas magnólias, cornus, pinheiros amarelos e magníficos carvalhos. Com um dos maiores centros metropolitanos do país – e mais de 1.100 reuniões de A.A. semanais – Atlanta é um dos melhores exemplares do Novo Sul, uma cidade moderna, de atividade acelerada, orgulhosa da sua herança; uma cidade que se formou a partir de uma parada de trem a meados do século dezoito e chegou a ser um dos principais centros de transporte do Sudeste dos EUA.

Apropriadamente, durante mais de um século, o símbolo oficial de Atlanta, foi o fénix, pássaro da mitologia, renascido das suas cinzas, uma referência ao ressurgimento dramático da cidade depois de ser notoriamente arrasada por incêndios durante a Guerra Civil **(1861-1865)** – símbolo com o qual muitos AAs poderão se identificar, por terem surgido eles próprios das cinzas do alcoolismo ativo.

Realizadas a cada cinco anos desde **1950**, as Convenções Internacionais foram celebradas em várias cidades dos EUA e Canadá com culturas e personalidades tão diversas quanto a dos alcoólicos que assistem aos eventos e, em Atlanta muitos irão celebrar não apenas sua própria sobriedade e vidas novas, mas também sua capacidade de transmitir este milagre – a mensagem de recuperação – a outros alcoólicos que ainda sofrem.

O lema da Convenção Internacional de **2015**, *"80 anos – felizes, alegres e livres"*, coloca em relevo estes três benefícios da sobriedade e, aqueles que estiverem presentes em Atlanta durante o primeiro fim de semana de julho se cumprimentarão, uns aos outros, como mensageiros da

esperança, boas-novas e uma solução simples para o problema alcoólico. Muitos membros que querem conhecer as experiências de companheiros de outros lugares, irão se sentir entusiasmados com os diferentes temas de reunião; e muitos dos convencionais participantes dos grupos de trabalho programados para esse fim de semana verão sua imaginação inflamada e terão renovado seu entusiasmo para levar a mensagem de A.A.

O tempo entre as reuniões e outros eventos da Convenção Internacional, uma multidão de participantes irá sair a procura de ambientes especiais para desfrutar a camaradagem de novos amigos. Alguns irão se dirigir ao Parque Olímpico Centenário para passar o tempo e visitar a Fonte dos Anéis e o monumento aos atletas dos Jogos Olímpicos; outros sairão à procura de experimentar a rica cultura desta grande cidade que nunca perdeu o encanto de uma pequena cidade de interior, e visitarão a Casa de Margareth Mitchell, onde a autora escreveu sua novela, ganhadora do Prémio Pulitzer, *"O que o vento levou"*. Outros vão querer conhecer as aventuras e a emoção de *Underground Atlanta,* um centro de entretenimento subterrâneo ou visitar o *Sítio Histórico Nacional de Martin Luther King*, ou *Parque Piedmont* e os *Jardins Botânicos de Atlanta* onde há uma passarela de 180 metros de comprimento a 40 m de altura que permite aos visitantes ver uma das últimas florestas urbanas remanescentes da cidade. Quaisquer que sejam as atrações que lhe interessem, Atlanta têm alguma coisa para todos.

Para muitos visitantes, um destaque sobressalente da experiência da Convenção será a arte culinária da cidade, uma mistura de restaurantes étnicos e urbanos, com pratos típicos de países do mundo todo e comidas tradicionais da cozinha sulista. Desde o início do século XXI, Atlanta ganhou popularidade por sua culinária que reflete uma sensibilidade sulista sofisticada com foco nos produtos do campo, adaptados ao paladar da cidade. Os visitantes que quiserem conhecer Atlanta internacional devem visitar *Buford Highway*, uma comunidade linear composta de bairros suburbanos multiétnicos e centros comerciais. Ali, alguns do mais de um milhão de imigrantes que moram em Atlanta, abriram restaurantes étnicos autênticos representativos de quase todas as nações do mundo.

Os AAs que percorram o centro da cidade irão descobrir uma rica e variada história, incluindo o *Atlanta Cyclorama & Museu da Guerra Civil*, que abriga uma enorme pintura e diorama circular **(2)** com uma plataforma giratória central para os espectadores que representa a batalha de Atlanta na Guerra Civil; o *Mundo da Coca-Cola*, com a história dessa marca de fama mundial de refrigerante e publicidade; e o *Centro Carter* e a biblioteca presidencial, onde estão guardados arquivos de Jimmy Carter, 39º presidente dos Estados Unidos **(1977-1981),** e outros documentos relacionados à sua administração e com a vida de sua família na Geórgia.

Os AAs inclinados à aventura podem visitar *Silver Comet Trail,* distante aproximadamente 18 km ao noroeste da cidade, um trecho de ferrovia abandonado transformado em trilhas recreativas multiuso. Somam no total 60 km de trilhas que passam por túneis de trem para explorar de bicicleta, patinar, correr ou caminhar. Além disso, há o *Centro Natural Chattahoochee*, que se estende por vários alqueires às margens do rio Chattahoochee, onde podem ser feitas atividades ao ar livre: canoagem, passeios para conhecer a flora e a fauna dessa área que inclui pântanos, brejos, mata ciliares, aviários, estufas e jardins indígenas.

Os convencionais que forem acompanhados por crianças podem passar pelo Museu Infantil de Atlanta, cuja missão é animar a imaginação e inspirar a descoberta nas crianças através do poder das brincadeiras. Ao contrário dos museus tradicionais, este museu é interativo e prático; crianças

podem pintar as paredes do Museu, experimentar uma aventura multissensorial ou colaborar com os atores profissionais do Museu para criar um mini musical. Ou talvez possa ser interessante visitar o maior parque temático regional do Sudeste, o *Six Flags Over Georgia.* Com mais de 40 atrações, incluindo 11 montanhas-russas, três parques infantis, três atrações aquáticas e shows de famosos, pode oferecer uma experiência emocionante e inesquecível. E claro que as crianças de todas as idades vão adorar o *Georgia Aquarium,* a maior coleção de animais aquáticos dos EUA onde você pode cumprimentar uma beluga (baleia-branca), um pinguim ou um tubarão-baleia - o maior peixe do planeta. Ou fazer um passeio pelo *Parque Zoológico de Atlanta*, que tem mais de 200 espécies de animais das planícies da África e das florestas da Ásia, como os orangotangos, tigres, pandas gigantes e gorilas.

E se visitar uma nova cidade lhe serve como uma oportunidade de assistir a eventos esportivos pode ir para ver um jogo de beisebol no *Turner Field*, onde jogam os *Atlanta Braves* e talvez voltar para casa com uma lembrança.

Então, venha comemorar 80 anos de Alcoólicos Anônimos. Para ver com seus próprios olhos o desenvolvimento fenomenal de A.A. após ter viajado por todas as partes do mundo, atraindo os alcoólicos de todos os tipos e tamanhos, ensinando-lhes o caminho das trevas para a luz da sobriedade. Como diz o Livro Azul: *"Somos pessoas que, normalmente não se encontrariam juntas. Mas há, entre nós, um companheirismo, uma amizade e uma compreensão indescritíveis e maravilhosas... O que aconteceu de extraordinário a todos nós foi o fato de termos descoberto uma solução comum. Temos uma saída a respeito da qual concordamos unanimemente e nela podemos nos unir, numa atividade fraterna e harmoniosa"* (*"Alcoólicos Anônimos"*, pág 47, parágrafos 3 e 5; Junaab, código 102).

Comece a planejar - não a projetar - para viajar a Atlanta, Geórgia, em julho de **2015** onde é possível que possa encontrar uma infinidade de amigos para toda a vida. Será publicada informação geral e também a respeito da pré-inscrição. Ou visite o *website* www.aa.org e clique na aba *"Para os membros e Grupos de A.A"* e depois sobre *"Convenção Internacional de **2015**"*, ou diretamente: http://www.aa.org/lang/sp/subpage.cfm?page=466

Até então, como diz no capítulo *"Uma Visão para Você"*, na página 192 do Livro Azul:*"Seja generoso ao dar o que encontrar e junte-se a nós. Estaremos com você na Irmandade do Espirito e você certamente encontrará alguns de nós em sua caminhada pela Estrada do Destino Feliz. Que Deus o abençoe e o proteja – até lá"*.

NT (1): ***Gladys Knight & the Pips*** foi uma banda estadunidense de *rhythm & blues/soul* formada em **1953** e desfeita em **1989**.

pt.wikipedia.org/wiki/Gladys_Knight_%26_the_Pips

NT (2): Diorama é um modo de apresentação artística, de maneira muito realista, de cenas da vida real para exposição com finalidades de instrução ou entretenimento. A cena que pode ser uma paisagem, plantas, animais, eventos históricos, etc.; é pintada sobre uma tela de fundo curvo, de tal maneira que simulem um contorno real. A tela colocada na obscuridade e iluminada de maneira adequada dá uma ilusão de profundidade e de movimento, dando a impressão de tridimensionalidade. O modelo é pintado de tal forma que cria uma perspectiva falsa, modificando com cuidado a escala dos objetos para reforçar a ilusão de realismo.

7.27. Como A.A. escolhe alguns de seus servidores

***Box 4-5-9*, Ago. Set. 1992 (pág. 5) => http://www.aa.org/newsletters/es_ES/sp_box459_aug-sept92.pdf**
Título original: ***"Como escoge A.A.a algunos de sus maás fieles servidores"***

Como A.A. seleciona seus diretores e os membros dos onze Comitês Permanentes dos Custódios? Como podem fazer os possíveis candidatos para dar a conhecer sua disposição de servir? E, o que sentem os atuais servidores a respeito desta fase de sua experiência de serviço em A.A.?

Muitos membros se fazem estas e outras perguntas com relação a estes muito importantes e pouco comentados trabalhos voluntários de A.A. Ao falar dos membros de comitê que não são Custódios e dos diretores das corporações de serviço de A.A., junto com os diretores e membros do pessoal, Bill W. faz notar no IX Conceito: *"Suas qualidades e dedicação, ou a falta delas, significam o sucesso ou fracasso para a nossa estrutura de serviço. Sempre dependeremos deles de maneira muito importante"*.

De acordo com uma Ação Recomendável de Conferência de Serviços Gerais de 1991, foram incluídas no Manual de Serviços de A.A. as diretrizes que descrevem a maneira com que A.A. escolhe os membros os membros de comitê nomeados e os diretores A.A.W.S. – Serviços Mundiais de A.A. e da Revista Grapevine. Basicamente, as diretrizes dizem que o Comitê de Nomeações dos Custódios tem a última palavra. Os candidatos são selecionados entre os Currículos Vitae existentes nos arquivos; por recomendação de Custódios, diretores, delegados e membros do pessoal do Escritório de Serviços Gerais – ESG, e da Grapevine, antigos e atuais. Alguns dos critérios considerados para o encargo de quatro anos de duração são: tempo de sobriedade continuada, dedicação e experiência no serviço de A.A. e qualificações especiais.

Na primavera passada (**1992**), Jaques F., de Pointe Claire, Quebec, Canadá, aposentado, com larga experiência em marketing e comunicações, chegou a ser membro do Comitê de Informação Pública – CIP, dos Custódios. *"Durante a década passada, minha sobriedade e o serviço andaram juntos. Quando o delegado e o Custódio do Leste do Canadá receberam no ano passado uma carta do ESG na que se pedia que propusessem alguns candidatos, eles pensaram em mim. Apresentei a solicitação, e aqui estou"*, diz Jaques.

Na sua primeira reunião de Informação Pública, diz Jaques, *"olhei para meus companheiros. Entre os oito de nós, o Custódio coordenador e o membro do pessoal do ESG, que servia como secretário, tínhamos uns duzentos anos de sobriedade reunidos em volta da mesa. Para mim é um grande privilégio mental e espiritual, trabalhar com este maravilhoso grupo de pessoas em benefício de A.A."*.

Peter B., de Arlington, Virginia, recentemente nomeado diretor de A.A.W.S., serviu no Comitê de Custódios de Cooperação com a Comunidade Profissional – CCCP, e também é profissional no campo do alcoolismo. Em vista das mudanças que estão ocorrendo em A.A., tais como a chegada de um número maior de membros vindos depois de um tratamento com terapeutas ou conselheiros, ou que vem enviados por tribunais e instituições, *"o trabalho do Comitê de CCP é cada vez mais importante. Se vamos levar uma mensagem consistente e precisa sobre como A.A. pode cooperar com a comunidade profissional sem se afiliar, temos que apoiar totalmente nossos comitês a nível local, que é onde se faz o trabalho"*, diz Peter.

Da mesma maneira que Jaques F., do Canadá, Terry L., de Bloomington, Minnesota, chegou a ser membro do Comitê de Custódios depois de uma recomendação do seu delegado de Área. Como antigo coordenador do Comitê de Istituições de Tratamento – CIT, do Sul de Minnesota, foi muito ativo no programa *Juntando as Margens* da sua Área. Espera que seu trabalho no Comitê de Custódios de Instituições de Tratamento irá lhe ajudar a ampliar a visão de uma vasta rede de voluntários de A.A.

Terry diz que sempre tem muito em conta sua responsabilidade para com A.A. *"Quando penso no bêbado que eu era 16 anos atrás e no que sou agora sóbrio, fico assombrado e agradecido. O mínimo que posso fazer é tratar de devolver algo do que me foi dado"*.

De forma parecida, Olga M., de Friendswood, Texas, membro do Comitê de Custódios de Instituições Correcionais – CIC, deixa claro que *"quando bebia, provavelmente fiz coisas pelas quais deveria ser presa, mas não fui. Hoje posso usar essas experiências para levar, mesmo que seja apenas a uma pessoa, a mensagem de sobriedade, amor e esperança de A.A. Isso é o que conta"*.

Falando do alto de 25 anos de experiência como voluntária A.A. nas instituições correcionais, Olga diz que servir no Comitê de Custódios de IC *"permite-me adquirir mais conhecimentos a respeito da Conferência de Serviços Gerais e da Irmandade em sua totalidade"*.

Dennis R., de Freehold, Nova Jersey, é outo membro do Comitê de Custódios de IC e, como Olga, serve desde 1988, diz: *"Sinto-me como se fosse aparentado com todos os membros do Comitê. Meu padrinho, Sonny J. me indicou para o Comitê e me ensinou a considerar essa função como um prolongamento do Décimo Segundo Passo de A.A.*

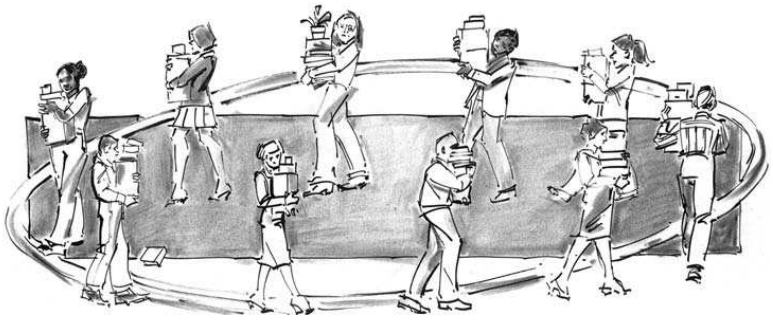
Comprometi-me a levar duas reuniões por semana, uma ao presidio local e outra ao cárcere do condado. Felizmente minha mulher, Connie, nunca colocou objeções ao cumprimento dos meus compromissos de A.A., não se importando com o tempo que gaste neles".

Sorrindo, ele diz: *"Connie é um anjo, muito compreensiva e sempre posso contar com seu apoio. E em A.A. estou tratando de ser como ela"*.

7.28. Os membros de A.A. funcionários do ESG

***Box 4-5-9*, Fev. Mar. / 2005 (pág. 3-4) => http://www.aa.org/newsletters/es_ES/sp_box459_febmar05.pdf**

Título original: ***"El miembro del personal de la OSG - un trabajo singular".***



O título, membro do pessoal, não é nada especial, e os membros de A.A. que não estão familiarizados com o Escritório de Serviços Gerais às vezes cometem o erro de acreditar que o trabalho que eles realizam também não o é. Na realidade se espera que estes funcionários assumam uma ampla gama de responsabilidades que se incluem, entre muitas outras, se corresponderem com reclusos, coordenar a elaboração de livros e folhetos, informar o público a respeito da Irmandade e organizar uma das maiores convenções internacionais do mundo todo – a Convenção Internacional de A.A.

Os funcionários do ESG devem ser versáteis e flexíveis; num ciclo de rotatividade, mudam de departamento a cada dois anos, e se espera que a transição seja feita sem problemas tipo, trabalhar com os Solitários e os AAs em instituições de tratamento, a passar a organizar a Conferência de Serviços Gerais anual, ou de se ocupar com a informação ao público e passar a coordenar os trabalhos do pessoal.

Na maioria dos escritórios, os empregados com este tipo de responsabilidade teriam muito poder e prestígio; em A.A. não é assim. Bill W. diz no Conceito XI que no começo, o escritório seguia *"o modelo convencional de uma funcionária com um salário muito elevado com ajudantes com salários muito inferiores"* Isto se converteu num problema quando, de repente, a funcionária sofreu um colapso e pouco tempo depois aconteceu o mesmo com uma de suas assistentes. Bill reorganizou o escritório, aumentou o quadro de funcionários e estabeleceu o princípio da rotatividade. Neste sistema cada funcionário aprende a fazer todos os trabalhos e iguala a todos nos cargos e nos salários, evitando assim os costumeiros incentivos de dinheiro e poder. Bill disse que *"fazendo desse jeito não causou nenhum prejuízo. Todos os AAs tínhamos o que as empresas comerciais não costumam ter: dedicação e desejo de servir, que substitui os típicos impulsos egoístas. Ao mesmo tempo também se evitaram muitas politicagens e tentações competitivas destrutivas"*.

É provável que os membros do pessoal, atuais e antigos, se lhes fosse perguntado, confessariam que, igual a todos os demais AAs., às vezes sucumbem ao espírito competitivo, porque ao final das contas o ESG é um escritório e os que nele trabalham são seres humanos. Porém, esta referencia somente será feita *depois* de um bom tempo falando de sua gratidão por poderem conhecer membros de todas as partes do mundo, o privilégio de trabalhar para a Irmandade que lhes salvou a vida, e tudo que aprenderam depois de sua incorporação no ESG, e a profundidade que adquiriu seu compromisso com o serviço.

Se forem perguntados sobre o que mais lhes agrada em seu trabalho, invariavelmente colocam acima de tudo a amizade e o apoio de seus companheiros. Contar com outros e ouvir suas experiências é vital porque a função principal é a de manter as linhas de comunicação abertas entre o ESG, os Custódios e os membros. Quando Bill W. abriu o primeiro pequeno escritório na Rua Versey, a quantidade de trabalho diário era muito grande. No livro A.A. atinge a maioridade, Bill diz que "*Bobbie (então a única empregada membro de A.A. assalariada), durante vários anos teve que tratar sozinha de uma grande quantidade de problemas dos Grupos que surgiram depois da publicação do artigo de* ***Jack Alexander*** *no Saturday Evening Post. Escrevendo centenas de cartas a membros incertos e Grupos instáveis, fez um papel de crucial importância durante uma época em que parecia muito duvidoso que A.A. pudesse sobreviver"*.

Hoje em dia, o Escritório de Serviços Gerais é, por suposto, maior e mais complexo da mesma forma que a Irmandade a quem serve. Nos anos de **1940**, havia apenas algumas centenas de Grupos e o trabalho podia ser realizado por poucas pessoas. Quando Bill W. escreveu os Doze Conceitos em **1962**, havia "*um empregado assalariado para cada 7.000 membros"*. Atualmente (**2005**), há onze membros do pessoal que servem a mis de 60.000 Grupos nos EUA e Canadá, e também a membros e Grupos de ultramar que não dispõem de um escritório de serviço nacional. *(O ESG conta com 83 empregados; porém, os membros do pessoal e outros poucos membros empregados no escritório se ocupam da maioria da comunicação relacionada com assuntos de A.A.)*

Além da comunicação com a Irmandade, o pessoal também é o responsável por facilitar os trabalhos da Junta de Serviços Gerais e da Conferência de Serviços Gerais. Cada pessoa se responsabiliza por um departamento – informação pública, literatura, correcionais, ultramar, Conferência, Fóruns Regionais, etc., e serve como secretário dos Comitês correspondentes da Conferência e da Junta de Custódios. Ademais, os membros do pessoal viajam com frequência, convidados, a eventos de serviço de A.A. de todas as partes dos EUA e Canadá e outras partes do mundo como representantes do ESG.

Ainda que os Grupos contem com as Tradições para sua orientação, nem sempre é fácil interpretá-las. Uma grande porcentagem das chamadas, cartas e correios eletrônicos encaminhados ao escritório pedem ajuda para resolver problemas de Grupos locais e muitos membros acreditam erradamente que o escritório lhes dará uma solução definitiva. Ao invés disso, os membros do pessoal se valem dos arquivos de Grupos e da sabedoria de seus colegas, e apenas compartilham a experiência de outros Grupos que encontraram soluções para as mesmas ou parecidas dificuldades.

Recomendam aos membros que consultem as Tradições para encontrar suas próprias soluções e que consigam que os servidores de confiança de suas Áreas e Distritos participem do processo. Frequentemente resulta difícil convencer alguns membros de que os problemas locais somente poderão ser resolvidos adequadamente a nível local. Um membro do pessoal diz *"o trabalho supõe o desafio de apresentar uma vasta gama de experiências, sejam quais forem nossas opiniões pessoais. Pode ser difícil deixar de lado sua própria opinião pessoal"*. Outro se expressou assim: *"Cada Grupo tem dentro dele a verdade; a consciência do Grupo é a vontade de Deus para esse Grupo"*. *(Ver nesta coletânea o artigo* "Algumas perguntas de Grupos e membros, e respostas do ESG" *para ter ideia do tipo de perguntas recebidas no escritório).*

Talvez devido a que no mundo dos negócios não há um posto de trabalho semelhante ao do membro do pessoal, parecem existir outras ideias erradas a esse respeito. De fato, uma ideia desse tipo, a de que os homens não estariam capacitados para realizar esse trabalho partiu do próprio Bill W. Homem da sua época, quando escreveu os Conceitos em **1961**. Manifestou sua crença de que os homens não poderiam se sintonizar eficazmente com a Irmandade: *"É claro que não"*, escreveu. *"As mulheres podem fazer este trabalho melhor simplesmente por serem mulheres"*. No final da década de **1970**, quando foi contratado o primeiro homem membro do pessoal, ainda havia vestígios daqueles sentimentos e devido a isso, os primeiros homens que se integraram ao pessoal, passaram épocas difíceis. Atualmente, sabemos que qualquer pessoa devidamente capacitada pode servir nesse posto, sem importar o sexo; o pessoal dos primeiros dias, composto unicamente por mulheres, se converteu em um harmonioso grupo de sete mulheres e quatro homens.

Outro conceito errado bem generalizado é o de que os trabalhos do pessoal são semelhantes aos dos servidores de confiança da Área. Embora o costume das mudanças de departamento por rotatividade e da paridade entre iguais seja exclusiva de A.A., em outros aspectos o trabalho é simplesmente isso, um trabalho. Não se paga aos membros do pessoal por fazer um trabalho de Décimo Segundo Passo. São empregados do ESG, mas, seu serviço individual em A.A., realizam-no em seus próprios Grupos base, Áreas e Distritos. Para a pequena minoria que acredita que a rotatividade também deve supor uma limitação do tempo que um funcionário pode ficar trabalhando no ESG, a exposição de Bill W. referente ao XI Conceito pode ser esclarecedora: *"...resultou pouco prático fixar o tempo de emprego. Um membro do pessoal precisa de vários anos para se capacitar. Iremos dispensá-lo no momento em que alcança seu momento de rendimento ótimo? E se soubesse*

que somente poderia trabalhar por um período de tempo pré-determinado, poderíamos contratá-lo? Provavelmente, não. Estas vaga são difíceis de cobrir porque requerem uma combinação adequada de ingredientes de personalidade, estabilidade, experiência profissional e de A.A. Se exigimos um tempo fixo de serviço, frequentemente seriamos obrigados a contratar membros de A.A. não qualificados. Isto seria prejudicial e injusto".

Outras ideias erradas são: *"O membro do pessoal é uma pessoa especial"*. Qualquer um que tenha desempenhado o papel no passado ou atualmente, diria que *"somos um grupo de pessoas que estamos fazendo um trabalho"*. Ou, *"os membros do pessoal passam o dia sentados em seu escritório falando ao telefone"* – querendo dizer que o trabalho não é muito exigente. Uma funcionária que trabalha no ESG já há bastante tempo, corrigiu esta ideia ao comentar que, quando ela começou a trabalhar no ESG 20 anos atrás, percebeu que os membros trabalhavam das 9:00h às 17:00h e normalmente iam embora às 17:00h em ponto. Hoje, com frequência trabalham até bem entrada a noite e às vezes passam horas nas suas salas nos fins de semana.

Em muitos aspectos, a tecnologia tornou possível fazer mais trabalho em menos tempo, porém, a outra cara da moeda é que com a preponderância de computadores pessoais, muitos membros se põem em contato com o ESG através do correio eletrônico e eles recebem o mesmo cuidado e atenção que as comunicações recebidas por correio, mensageiro ou fax. Em um dia *"típico"*, um membro do pessoal pode passar a assistir uma reunião de planejamento da Conferência e se pôr ao dia com sua correspondência, cartas, chamadas telefônicas, correio eletrônico, procurar um contato para ajudar um membro que recaiu quando estava viajando e longe de seu Grupo base, recolher materiais para uma remessa especial, fazer pesquisas para um Comitê de Custódios, enviar literatura, ajudar na escolha do conteúdo para um dos boletins, planejar uma viagem a um evento de Área ou Fórum Regional. Às quartas feiras, a reunião semanal do pessoal oferece uma boa oportunidade de apresentar situações problemáticas para a apreciação de todo o pessoal para compartilhar e procurar ajuda e apoio.

Na realidade, a única coisa *"típica"* em qualquer dia de trabalho no ESG é a certeza de vai acontecer alguma coisa inesperada: com frequência, uma dessas *"coincidências"* que acontecem rotineiramente em Alcoólicos Anônimos. Um membro do pessoal conta a história de alguém que se confundiu de número ao fazer uma chamada telefônica e a ocasião se converteu numa oportunidade de transmitir a mensagem. A pessoa que chamava era uma mulher que trabalhava para uma agência de ajuda internacional. Procurava informação sobre uma remessa ao Haiti e ao descobrir que estava falando com Alcoólicos Anônimos, disse que sua agência estava muito preocupada com o alto índice de alcoolismo. Por coincidência, o membro do pessoal com quem estava falando fazia bastante tempo que estava procurando uma forma de fazer chegar a mensagem de A.A. a esse país. Uma hora mais tarde seguia um pacote com literatura de A.A. a caminho de Haiti.

È um trabalho único. É um trabalho duro, com longas horas e inúmeros desafios. Mas nunca se sabe quando um milagre lhe espera ao dobrar a esquina.

7.29. Seleção de pessoal para o ESG

***Box 4-5-9*, Out. Nov. / 1990 (pág. 8) => http://www.aa.org/newsletters/es_ES/sp_box459_oct-nov90.pdf**
Título original: "***Con miras al futuro: Puestos en la GSO.".***

Sentimo-nos gratificados por haver acumulado uma lista de solicitações competentes à que podemos acudir sempre que nos vemos confrontados com mudanças imprevistas no pessoal do ESG. Esta "reserva" veio sendo formada com o tempo, através dos Delegados de Área e de anúncios parecidos com este, publicados no *Box 4-5-9*.

Estamos começando agora a atualizar nosso arquivo de solicitações por parte dos membros que desejem ser considerados candidatos aos postos vagos produzidos pelo pessoal do ESG. Entre os requisitos básicos estabelece-se um mínimo de seis anos de sobriedade continuada, ampla experiência profissional e excelentes dotes de comunicação.

Os membros do pessoal do ESG são AAs que realizam trabalhos por rotatividade e mantém correspondência com seus companheiros do mundo todo sobre todos os aspectos da recuperação e do serviço. Ademais, representam o ESG nos eventos de A.A. nos EUA e Canadá e fornecem apoio à Junta de Serviços Gerais, Atualmente, existem 12 membros do pessoal designados para uma variedade de trabalhos, como, por exemplo, Informação Pública, Literatura, Instituições de Tratamento e Correcionais, Conferência de Serviços Gerais e Ultramar.

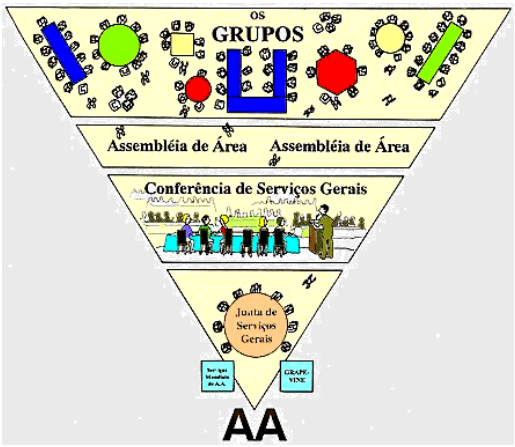
Aos interessados solicitamos que enviem seus currículos vitae de emprego e serviços em A.A., a: *Staff Coordinator, Box 459, Grand Central Station, New York, NY 10163.*

7.30. Como o triângulo invertido faz funcionar a Irmandade

***Box 4-5-9*, Fev. Mar. / 2007 (pág. 5-6) => http://www.aa.org/newsletters/es_ES/sp_box459_febmar07.pdf**

Título original: "***Cómo nuestro triángulo invertido hace funcionar la Comunidad"***

Muitos membros de A.A., mesmo participando ativamente no apadrinhamento em seus Grupos base, confessam que sabem muito pouco sobre como A.A. está organizada nos EUA, Canadá e no resto do mundo. É possível que estejam familiarizados com os nomes de algumas entidades, desde a Junta de Serviços Gerais de A.A. *(Junaab no Brasil)* até A.A. World Services, Inc. (Serviços Mundiais de A.A.) ou A.A.W.S., mas se perguntam como se formaram? O que fazem? Como se relacionam entre si? Também se podem perguntar, porque temos Custódios Classe A – não alcoólicos, e Classe B – alcoólicos? Porque uns Custódios são conhecidos como *"Regionais"* e outros como *"Gerais"?* e, finalmente, o que tem a ver tudo isto comigo e com o meu Grupo?



De cima para baixo: Grupos de A.A.; Distritos; Assembleias de Área; Conferência de Serviços Gerais; Junta de Serviços Gerais de A.A. – no Brasil, Junaab.

Os dois apêndices na parte inferior: A.A.W.S. (esq.), não existe na estrutura de serviços de A.A. no Brasil; A.A. Grapevine (dir.), equivale à Revista Vivência no Brasil e faz parte do Comitê de Publicações Periódicas da Junaab.

O grupo de serviços mais vitais, embora menos compreendido, são os que tornam possível funcionar como uma totalidade; ou seja, o Escritório de Serviços Gerais – ESG, Serviços Mundiais de A.A. – A.A.W.S., A.A. Grapevine *(no Brasil a Revista Vivência)* e a Junta de Custódios, conhecida legalmente como a Junta de Serviços Gerais de Alcoólico Anônimos **(*).** Desde os primeiros tempos, nossa unidade mundial e o nosso desenvolvimento dependeram destas entidades.

Até **1950**, estes serviços globais eram de responsabilidade de uns poucos veteranos, vários amigos não alcoólicos e do Dr. Bob e Bill W.

Desde o começo, os cofundadores de A.A. – Bill W. e o Dr. Bob, tiveram muito cuidado para evitar complicações, ou, como disse o Dr. Bob, *"Não estraguemos esta coisa. Vamos mantê-la simples"*. Mas quando A.A. tinha apenas uma dúzia de anos, já estavam elaborando um plano para assegurar o futuro do movimento que tinham iniciado. Em uma carta aberta dirigida aos *"Queridos AAs"* publicada no número de outubro de **1947** na Grapevine, Bill W. expressou seu ponto de vista em linhas gerais: *"Talvez os AAs possamos chegar a ser um novo tipo de sociedade humana. Até um grau nunca alcançado anteriormente, A.A., talvez, poderá funcionar apoiando-se na força dos seus princípios fundamenteis, e não no prestigio ou inspiração de uma liderança muito personalista... No meu foro intimo, acredito que os AAs já começamos a vislumbrar esta possibilidade magnífica. A convicção cada vez mais generalizada de que a liderança ativa deva ser transitória e rotativa; que, enquanto aos seus próprios assuntos, cada Grupo de A.A. é responsável unicamente perante sua própria consciência..."*.

No topo da organização invertida de A.A., como é chamada com frequência, estão os mais de 60.000 Grupos dos EUA e Canadá. Estes Grupos se comunicam através dos seus Representantes de Serviços Gerais – RSG´s e Membros do Comitê de Distrito – MCD´s, utilizam suas Assembleias de Área para eleger os Delegados das 93 Áreas dos EUA e Canadá que participam da Conferência de Serviços Gerais celebrada todos os anos em abril na Cidade de Nova York (no Brasil, a Conferência é realizada em Serra Negra, SP, durante a Semana Santa). Como diz o Conceito I, a Conferência é a consciência final de A.A. e tem a *"responsabilidade final e a autoridade suprema pelos serviços mundiais de A.A...."*. A Conferência foi materializada a instancias de Bill W. e do Dr. Bob e, efetivamente, substituiu o que Bill chamava sua *"liderança revestida de prestigio"*.

A primeira Conferência, que se reuniu em **1951**, vinculou a Junta de Custódios a toda a Irmandade. Até então a Junta havia sido uma entidade separada que se ocupava principalmente das finanças da Fundação do Alcoólico (rebatizada em **1954** como Junta de Serviços Gerais de A.A.), incluindo seu braço editorial, Works Publishing, Inc. A primeira Junta foi composta por cinco Custódios, três não alcoólicos e dois não alcoólicos – o Dr. Bob e um membro de A.A. de Nova York. O novayorquino recaiu, conforme contou Bill, *"mas esta possibilidade já estava prevista – se um Custódio alcoólico volta a beber, teria que demitir imediatamente. Foi nomeado outro alcoólico para ocupar seu lugar e continuamos em frente com nossos assuntos"*.

Isto aconteceu em **1938**, três anos depois do conhecido encontro em Akron entre o Dr. Bob e Bill W. Não existiam *"veteranos"* – nem sequer um AA com quatro ou cinco anos com sobriedade continuada: a maioria dos membros estavam sóbrios havia muito pouco tempo. Ajudarem-se uns aos outros a manter a garrafa tampada era a atividade mais importante e tratar de questões relacionadas com a Fundação, os Custódios e os procedimentos orgânicos eram assuntos maçantes. Nessa época, grande parte do público e a imprensa viam com suspeita os pioneiros de A.A. e os consideravam como *"bebuns reformados"* que *"utilizavam métodos religiosos fanáticos para converter os bêbados em abstêmios, inclusive os considerados irrecuperáveis"*. A maioria das pessoas considerava o encargo de Custódio pouco prestigioso. Mas havia a necessidade de Custódios não alcoólicos naqueles dias para manter a nova Irmandade à tona.

No que se refere aos nossos Custódios não alcoólicos, que normalmente eram eleitos para servir dois períodos consecutivos de três anos, Bill escreveu: *"Nos dias em que A.A. era*

desconhecida, os Custódios não alcoólicos eram quem nos representava perante o público em geral... Ofereciam graciosamente seus conhecimentos profissionais e financeiros". Entre os Custódios Classe A – não alcoólicos, recentes há uma ampla variedade de profissões, incluindo um psiquiatra, um antigo juiz, um assistente social, um bispo, um diretor de presidio, e um alto executivo de uma empresa.

Durante 23 anos o número de Custódios não alcoólicos continuou sendo um a mais que o número de Custódios alcoólicos. Em **1961**, quando a Irmandade percebeu sua competência e com experiência para traçar seu rumo, a proporção mudou dramaticamente. Foi organizada a composição da Junta de maneira que houvesse sete Custódios Classe A – não alcoólicos, e 14 Custódios Classe B – alcoólicos (a Junta de Custódios no Brasil é composta por 14 Custódios: 10 alcoólicos e quatro não alcoólicos). Até a data atual, o Presidente da Junta sempre foi um Custódio Classe A. Os 21 Custódios selecionam os diretores das duas corporações que operam sob os auspícios de A.A.: A.A. World Services, Inc. – A.A.W.S. e A.A. Grapevine, Inc. (a primeira entidade não existe no Brasil. A revista Vivência – equivalente a A.A. Grapevine, faz parte do Comitê de Publicações Periódicas da JUNAAB). Também são responsáveis pelo Escritório de Serviços Gerais – ESG.

Dos 14 Custódios Classe B – alcoólicos, que servem por períodos de quatro anos, oito são regionais – seis dos EUA e dois do Canadá. Além destes, dois são de serviços gerais, dois da junta de Serviços Mundiais de A.A. e dois de A.A. Grapevine. Além de servir nestas juntas estão disponíveis para ajudar em qualquer momento o pessoal a resolver os problemas que se apresentem no Escritório de Serviços Gerais ou na Grapevine. Por causa deste requisito, todos os Custódios de Serviços Gerais, originalmente moravam na área metropolitana de Nova York e por esse fato eram conhecidos como *"Custódios Metropolitanos"*. Com o transporte mais rápido e a tecnologia moderna, uma Ação Recomendável da Conferencia de Serviços Gerais de **1989** recomendou que estes encargos não fossem limitados aos residentes na área metropolitana de Nova York.

Ademais de selecionar os diretores de A.A.W.S. e da Grapevine, os Custódios desempenham a responsabilidade de considerar os assuntos que lhes forem apresentados e atuar adequadamente através de um sistema de comitês. Vários comitês da Junta de Custódios contam com a participação de membros de muita experiência – em A.A. e profissional, em áreas como presídios, instituições de tratamento, informação pública e literatura.

A maioria dos AAs está familiarizada com A.A. Grapevine. Nove anos mais nova que a Irmandade, a Grapevine foi criação de vários membros de Nova York que em 1944 tiveram a ideia louca de criar um boletim para favorecer *"a compreensão entre os Grupos"*. Depois de receber a aprovação de Bill W., os seis "miseráveis sujos de tinta", como eram chamados carinhosamente, conseguiram – milagrosamente e com muito suor ao invés de dinheiro, publicar o primeiro número de oito páginas em formato de tabloide. Atualmente (2007), a revista tem 64 páginas e chega a mais de 103.000 assinantes.

A Viña (a revista equivalente em español) foi publicada pela primeira vez em 1996 pela Grapevine e teve uma boa acolhida por parte dos milhares de membros de fala hispânica. Faz já muitos anos que a Grapevine artigos relacionados com a revista: livros, materiais de áudio e outros. Conta com um sítio na Web recentemente redesenhado e um Arquivo Digital que coloca à disposição da Irmandade quase todas as histórias que foram publicadas. Atualmente a junta da Grapevine é formada por nove diretores: dois Custódios de serviços gerais, dois Custódios regionais, um

Custódio Classe A - não alcoólico, três diretores não Custódios e a editora executiva que serve como diretora da corporação.

E para concluir, umas palavras a respeito dos Serviços Mundiais de A.A. – A.A.W.S. Inc. que, entre outras coisas, supervisiona as publicações de A.A., as atividades de serviço do Escritório de Serviços Gerais, a implementação das recomendações da Conferência e da Junta de Serviços Gerais, os assuntos relacionados com os direitos autorais e as permissões para reimprimir. A junta de A.A.W.S. está composta por nove diretores: dois Custódios de serviços gerais, dois Custódios regionais ou gerais, três diretores não Custódios, um membro do pessoal do ESG e o Diretor geral do ESG que serve como presidente da corporação. Devido à quantidade e complexidade dos assuntos que A.A.W.S. precisa tratar, a junta realiza seu trabalho através de quatro comitês: serviços, finanças, publicações e nomeações – que se reúnem em sessões separadas da reunião plenária da junta e apresentam relatórios e recomendações à junta.

A.A. cresceu dramaticamente desde **1935** quando começou com o encontro de dois bêbados, Bill W. e o Dr. Bob, que compartilharam suas experiências, forças e esperanças para manterem-se sóbrios e levar a mensagem de A.A. a milhões de alcoólicos ao redor do mundo. **<= Fim da transcrição**

(*) Como estas entidades desempenham suas funções no Brasil

N.T.: Para cumprir os requisitos propostos pelos Serviços Mundiais de A.A. – A.A.W.S. para que no Brasil pudesse ser publicada oficialmente a literatura de A.A., m 29 de setembro de **1969**, foi fundado em São Paulo o ***Centro de Distribuição de Literatura de A.A. para o Brasil*** – CLAAB, Sociedade Civil de natureza literária, cuja primeira diretoria foi formada por Donald, Nascimento, César, Vasco Dias, Melinho, Fernando P. e José Ferreira, consultor jurídico e contábil. Em **1970**, sai Fernando P. e entram Eloy T., Cecília (do Rio) e Ana Maria – primeira servidora não alcoólica.

Em 29 de fevereiro de **1976**, durante o ***Terceiro Conclave Nacional***, em São Paulo, reuniram-se os membros do Conselho Diretor do CLAAB e 29 Delegados representando 16 estados, e criaram a ***Junta Nacional de Alcoólicos Anônimos do Brasil*** – ***Junaab***. O Estatuto dispunha que seriam Órgãos da Junaab, uma Assembleia Geral, uma Diretoria e o CLAAB. Assim, A.A. no Brasil credenciava-se a enviar dois Delegados para a 4ª Reunião Mundial de Serviços, em Nova York, em outubro desse ano; foram eles, Donald M. (SP) e Joaquim Inácio (RS).

A Conferência de Serviços Gerais – CSG:

Nos dias 5, 6 e 7 de abril de **1977**, realizou-se em Recife (PE) a ***Primeira Conferência de Serviços Gerais – CSG***.

A CSG é a depositária da consciência coletiva dos Grupos de A.A. e o órgão máximo e soberano de deliberação da Irmandade de Alcoólicos Anônimos no Brasil. A manifestação da consciência coletiva inicia-se pela ação dos membros dos Grupos que elegem seus Representantes de Serviços Gerais –RSG´s, passando pelos MCD´s comitês de área e Delegados de Área, terminando na Junaab.

Para que a consciência coletiva se manifeste corretamente, é necessária a participação de todos, em todos os níveis de serviços, proporcionando que a informação chegue de modo claro, límpido, rápido e preciso.

A Conferência é um órgão colegiado que se reúne uma vez por ano e, extraordinariamente, em casos especiais. Nas reuniões ordinárias, a Conferência apenas delibera e resolve o que deve ser feito, mas a sua organização não lhe permite executar diretamente suas deliberações. Para tanto, é necessário um órgão de composição menos numerosa, de atuação efetiva e com poderes legais para praticar os atos administrativos próprios de uma sociedade civil. Este órgão é a Junaab, que é administrada por uma Junta de Custódios

A Junaab e seus órgãos de Serviço:

Como órgão de serviço, a Junaab está formalmente organizada, regida por um estatuto onde estão estabelecidos legalmente sua destinação, atribuições, forma pela qual é administrada, bem como a composição e competência de sua diretoria executiva e de cada um dos diretores em particular.

Para a execução de suas atribuições, a Junaab conta com sua diretoria executiva, os comitês de serviço, que tratam principalmente dos assuntos administrativos, financeiros e comerciais. A exemplo da Conferência, a Junaab orienta-se pelas Tradições e pelos demais princípios de A.A.

A ***Junta de Serviços Gerais de Alcoólicos Anônimos do Brasil (Junaab),*** é uma associação civil de direito privado inscrita no CNPJ/MF.: 55.295.554/0001-55, com objetivos não econômicos e sem fins lucrativos, constituída por tempo indeterminado, com sede e foro na cidade de São Paulo, à Av. Senador Queirós, 101, 2º andar, cj. 205 - CEP 01026-001 e jurisdição em todo o território nacional.

O Escritório de Serviços Gerais – ESG:

Na ***5ª Conferência de Serviços Gerais*** realizada entre os dias 16 e 18 de março de **1981** na cidade de São Paulo, recomendou-se o desmembramento Administrativo Financeiro e Físico do CLAAB/ESG, ficando o CLAAB apenas como distribuidor de literatura de A.A. para o Brasil, enquanto o ESG assumiria de fato os Serviços Gerais (Executivo) de A.A. em nível nacional.

Em 07 de novembro de **1981** foi inaugurada a nova sede do ESG, que se desmembrou do CLAAB, constituindo Estatuto próprio, com registro no Terceiro Cartório de Registro Civil de Pessoas Jurídicas de São Paulo, sob nº 27.091, em 02/10/81, com a denominação de *"Os Estatutos de Alcoólicos Anônimos do Brasil Escritório de Serviços Gerais S/C. AABESG"*, que funcionou à Rua Itaipu, 31, Praça da Árvore, Vila Mirandópolis, São Paulo - SP.

Escritório de Serviços Gerais – ESG, é nome figurativo, e indica o escritório sede da Junaab e a própria diretoria executiva; portanto, seu atual endereço é Av. Senador Queirós, 101, 2º andar, cj. 205, São Paulo-SP.

Para realizar suas atribuições e todas que venham ser acrescentada pela dinâmica de sua relação com a Irmandade e com a sociedade em geral, é imprescindível que a Junaab disponha de um sólido apoio financeiro. Efetivamente, os Grupos e os membros de A.A. devem contribuir com o suficiente para manter os importantes serviços realizados pelo ESG.

Junta de Custódios:

Durante a ***6ª Conferência de Serviços Gerais***, realizada em Fortaleza em **1982**, foi aprovado o Estatuto da JUNAAB e nele constou, pela primeira vez, legalmente instituída, a ***Junta de Custódios***. No ano seguinte, **1983**, na ***7ª Conferência***, realizada em São Paulo, foram eleitos nossos primeiros Custódios, em número de nove, sendo três não alcoólicos e seis membros da Irmandade, cuja posse se deu na ***8ª Conferência***, em Blumenau – SC, em **1984**.

Nesta Conferência, a Junta deixa de se denominar Junta Nacional de Alcoólicos Anônimos do Brasil (Junaab), *para se chamar* **Junta de Serviços Gerais de Alcoólicos Anônimos do Brasil**. *Por ser difícil a pronúncia de JSGAAB, optou-se por mudar o nome e manter a sigla JUNAAB, mais fácil de pronunciar e já conhecida de todos os membros.*

A partir da ***Conferência de Serviços Gerais*** de **2007** a Junta de Serviços Gerais de A.A. do Brasil resolveu se adequar à estrutura mundial de A.A. Nesse sentido resolveu que os nossos Delegados à Reunião de Serviço Mundial seriam também Custódios Alcoólicos. Até então nossos DRSM levavam as decisões da Junta de Custódios do AA do Brasil para a RSM, mas não participavam dessa tomada de decisões.

No ano de **2008** ficou evidente que havia necessidade um adjunto de Tesoureiro Geral, um não alcoólico que pudesse suprir as ausências do nosso titular e assim foi criado o encargo de Custódio de Serviços Gerais não alcoólico, Tesoureiro Geral II.

Portanto a nossa atual Junta de Custódios é composta por **14 Custódios,** sendo 04 não alcoólicos (***Dois Nacionais:*** Presidente e 1º Vice-Presidente e ***dois de Serviços Gerais:*** Tesoureiro Geral I e Tesoureiro Geral II) e 10 alcoólicos, membros da Irmandade (***Dois de Serviços Gerais:*** Secretário/a (Diretor/a Geral do ESG) e Diretor/a Financeiro/a do ESG; ***Seis Regionais:*** Custódios das Regiões: Sul, Sudeste, Centro-Oeste, Nordeste, Norte-I e Norte-II [Um 2º Vice-Presidente e cinco Diretores da Junta]; ***Dois Nacionais:*** Delegados à Reunião de Serviço Mundial e Diretores da Junta).

Os Custódios são eleitos anualmente, de acordo com a necessidade, na Conferência de Serviços Gerais, para um mandato de quatro anos. Os Custódios não alcoólicos poderão ser reeleitos para mais um período de quatro anos. Os Custódios alcoólicos não poderão ser reeleitos em qualquer situação.

Os Custódios de serviços gerais alcoólicos devem residir a uma distância de até 200 km da cidade sede da Junaab – São Paulo; os Custódios de serviços gerais não alcoólicos devem residir a uma distância de até 500 km da cidade sede da Junaab.

Revista Vivência:

Em agosto de **1985**, durante a 2ª Reunião de Serviços Nacionais da Junaab em *Baependi*, MG, foi aprovado o projeto que resultaria na criação da ***Revista Brasileira de A.A.,*** cujo número "Zero" foi lançado em Campo Grande, MS, em novembro desse ano.

Devido a problemas técnicos e editoriais, a revista foi transferida para ser editada e publicada em Brasília, sob nova direção, com o nome de ***Revista Vivência.*** Adquiriu um formato bem menor, quase de bolso e foi instituída a assinatura anual.

Em **1990,** a Revista ***Vivência*** instalou-se em Fortaleza, e a partir de **1993** passou a ser editada em São Paulo.

Em **1995** foram reformulados os Estatutos da Junaab, e a edição da Revista Vivência - que até então era uma empresa autônoma com diretoria própria, passou a ser responsabilidade do *Comitê de Publicações Periódicas* – CPP, da Junaab.

A Revista Vivência tem como objetivo principal o de informar como funciona a Irmandade de A.A., destacando o programa de recuperação, tendo também a finalidade de informar aos membros e aos Grupos de A.A. o que a comunidade profissional pensa a respeito da nossa Irmandade e sobre o problema do alcoolismo.

Reunião de Serviço Mundial

A Reunião de Serviço Mundial (denominada RSM) foi criada por sugestão de Bill W e iniciada em **1969**. Realiza-se a cada dois anos, ora em Nova York - cidade sede do Serviço Mundial - ora em qualquer outra cidade do mundo, escolhida por consenso dentre os países participantes.

A RSM congrega Delegados de todos os países do mundo que tenham uma estrutura organizada de Serviço capaz de legitimar a sua representação como oriunda da "consciência coletiva" dos Grupos de cada nação.

Quando uma RSM acontece em Nova York, os Delegados têm a preciosa oportunidade de ficar conhecendo o Escritório de Serviços Gerais dos EUA/Canadá.

Além de se familiarizarem com a infraestrutura do Serviço Mundial, podem sentir, intuitivamente, a aura que envolve as atividades de A.A, executadas no país de origem da Irmandade.

Toda RSM é patrocinada pela Junta de Serviços Gerais dos Estados Unidos e Canadá. Cada país participante colabora com uma cota de despesa nivelada estabelecida pela Reunião anterior. A cada Reunião, o plenário, por sugestão da Comissão de Finanças, decide um aumento da cota, de tal forma que, dentro de alguns anos, a RSM possa se tornar autossuficiente, libertando-se da atual dependência financeira do ESG dos EUA/Canadá.

A RSM tem por objetivo principal unir A.A. de todo o mundo e levar a mensagem a todos os recantos do planeta. O evento se processa através dos seguintes Comitês: Agenda, Comitê de Política/Admissões/Finanças, Literatura e Publicações, Trabalhando com os Outros, Instituições Correcionais, de Informação, de Instituições de Tratamento e de Assuntos Novos.

Desde **1976** o Brasil é representado, nesta reunião, pelos seus Delegados a RSM. Atualmente, estes Delegados são dois Custódios alcoólicos.

A.A. World Services, Inc. – A.A.W.S, ou, Serviços Mundiais de A.A

Esta entidade não existe na estrutura de serviços de A.A. no Brasil.

Para saber mais:

Consulte o ***Manual de Serviço de A.A.*** a partir da página 63 (Junaab, código 108, R$ 12,00).

7.31. Como são feitas as traduções da literatura de A.A.

***Box 4-5-9*, Natal 2005 (pág. 3-4) => http://www.aa.org/newsletters/es_ES/sp_box459_holiday05-06.pdf**

Título original: ***"A.A. habla cada vez más los idiomas del mundo"***

Há literatura de A.A. publicada em mais de 80 idiomas e edições do Livro Grande em 52, o que abre as portas da recuperação a milhões de alcoólicos fora do mundo anglófilo.

A supervisão dos trabalhos de tradução é feita de uma maneira sistemática; o objetivo é proteger a integridade da mensagem de A.A. e, ao mesmo tempo, publicar boas traduções da literatura de A.A. que representem com clareza e exatidão os textos originais.

As traduções são produzidas de duas maneiras. Às vezes, membros de A.A. ou profissionais que não são membros de A.A. residentes num país fora da estrutura de EUA/Canadá, se põem em contato com *Alcoholics Anonymous World Services, Inc.* (A.A.W.S.), ou, Serviços Mundiais de A.A. – a editora do Escritório de Serviços Gerais (ESG) de Nova York, para solicitar uma tradução de literatura ao idioma do país em questão. Por exemplo, em **2004**, Mongólia fez uma solicitação desse tipo.

Mais frequentemente, os membros de A.A. de outros países põem-se a fazer traduções por iniciativa própria. A.A.W.S. recomenda que se comece com as traduções dos folhetos básicos de recuperação como, por exemplo, *"A.A. é para Mim?"*, *"44 Perguntas"*, e *"Um recém-chegado pergunta..."*. Entretanto, diz Liz López, não alcoólica, administradora de licenças e copyrights (direitos autorais) de A.A.W.S., "Todos querem começar com o Livro Grande".

Às vezes o trabalho começa quando um membro ou uma entidade de A.A. de outro país se oferece para iniciar uma tradução. Primeiro A.A.W.S. precisa determinar se existe uma necessidade genuína. O trabalho de tradução supõe recursos financeiros consideráveis e por isso A.A.W.S. não pode aprovar todas as propostas feitas por membros de A.A. para fazer traduções. Quando se trata de traduzir o Livro Grande, após A.A.W.S. reconhecer a necessidade dessa tradução, pede aos pretensos tradutores que apresentem uma amostra de dois ou três capítulos, incluindo o Capítulo 5.

A seguir, A.A.W.S. envia esta amostra para uma agência de traduções que presta serviço para A.A. há bastante tempo, para que faça a avaliação dos trabalhos de tradução.

"Esta agência que utilizamos para verificar as traduções que recebemos dos AAs de todas as partes do mundo tem o nível de entendimento adequado e uma boa ideia do que desejamos e da própria Irmandade. Eles sabem onde têm que olhar", diz Liz.

Mark Porto, presidente da agência de traduções, diz: "*trabalhar com A.A., simplesmente produz um desejo de colaborar e fazer tudo o que seja necessário para produzir um trabalho de elevada qualidade. Percebemos que esta literatura constitui um elemento muito importante na corda salva-vidas que A.A. oferece a todos que estão procurando ajuda em todas as partes do mundo"*.

Se a tradução for aprovada, isto é, se for considerada o suficientemente boa para servir de base, é dada luz verde aos AAs que se propuseram a fazê-la. Como disse Chris C., diretor de publicações do ESG, numa palestra na Reunião de Serviço Mundial no passado mês de novembro (**2005**): *"é melhor que seja feita uma avaliação antes de dedicar grandes esforços para fazer uma tradução que no futura a Irmandade poderá não aceitar"*.

Se a tradução não for aprovada, é possível que A.A.W.S. comece a fazer a tradução utilizando os serviços da citada agencia.

"A exatidão da tradução tem importância especial quando se trata de obras de Bill W. É essencial que as traduções dos nossos textos básicos - Alcoólicos Anônimos *e* Doze Passos e Doze Tradições, *captem o tom e o espirito dos textos originais de Bill"*, diz Chris.

Em todos os casos, A.A.W.S. detém os direitos autorais sobre os materiais, seja qual for o tradutor e sem importar onde sejam impressos ou distribuídos. Desta maneira A.A. preserva a integridade dos escritos.

A.A.W.S. concede licenças, sujeitas a renovação, aos escritórios de serviços centrais e locais ou outras entidades de A.A. de outros países. As licenças concedem aos AAs dos países solicitantes permissão para traduzir, imprimir ou distribuir a literatura especificada no documento. Os Escritórios de Serviços Gerais – ESG´s, estabelecidos, por exemplo, em Portugal e Japão, assim como os de muitos outros países. Têm licença para fazer as três coisas. Porém, em muitos casos, A.A.W.S. encarrega-se de imprimir e distribuir os materiais.

A.A.W.S. detém os direitos autorais de aproximadamente 650 textos de A.A., desde o Livro Grande até o folheto *"44 Perguntas"*. Atualmente (**2005**), estão em curso umas 20 traduções de varias publicações de A.A.

"Fazemos todo o possível para colaborar com os membros de A.A. de todas as partes do mundo que estão fazendo traduções", diz Liz. Mas sempre há certa condescendência ao escolher as palavras ou frases apropriadas nas traduções. *"Quando há desacordo entre os tradutores de A.A. daqui (EUA/Canadá) e os de outro país, concedemos apos tradutores do outro país o benefício da dúvida"*.

Uldis D., que nasceu em Riga, Letónia e conseguiu sua sobriedade nos EUA, diz que quando voltou a Riga em **1998**, foi convidado a fazer a tradução do Livro Grande. Havia cinco anos que estavam trabalhando nesse projeto. *"Nossa equipe de tradução era formada por um poeta letão que podia ler inglês, um professor de música que podia ler a tradução ao alemão, um professor de geografia e eu, que havia morado nos EUA, e tinha 16 anos de sobriedade"*, diz Uldis, cuja experiência é parecida com a de outros países.

*"Acredito ser necessário que algum membro da equipe tenha conhecimento da história americana dos anos de **1930** e esteja familiarizado com o jargão daquela época. Pelo fato de haver morado nos EUA, eu com 60 anos de idade conhecia muitos dos termos utilizados no original do Livro Grande"*, diz Uldis. *"Finalmente, depois de anos de trabalho, em julho de **2003** enviamos a tradução por correio eletrônico ao ESG de Nova York, e recebemos a avaliação de um tradutor desconhecido para nós, mas de grande competência profissional. Repassamos as correções e os comentários, que foram aceitos u não, de acordo com nosso critério. No final, o trabalho foi excelente*".

Ao longo dos anos seguintes, os capítulos traduzidos iam sendo enviados de Riga para A.A.W.S. em Nova York e eram devolvidos com revisões sugeridas. Na primavera passada, foi publicado o Livro Grande em letão. *"Não nos importou absolutamente quanto tempo levou para fazer a tradução correta e submetê-la a comprovação; já recebi comentários muito favoráveis quanto à qualidade do texto e o fato de que a obra tem emoções associadas"*, diz Uldis. *"Acredito que a tradução leva a mensagem tal como está expressa no original"*.

Em Israel, faz três anos e meio que os AAs estão traduzindo o Livro Grande ao hebraico. Ioni R., um A.A. de Tel Aviv, diz que as traduções do Livro Grande que ele leu quando alcançou a sobriedade em 2001 não tinham a fluidez do hebraico moderno. *"Eu comecei a fazer uma tradução da 'História de Bill' do Livro Grande"*, diz Ioni. Outro companheiro israelense, este com 20 anos de sobriedade, ficou muito bem impressionado com a tradução de Ioni.

Depois de algumas discussões com outros AAs de Tel Aviv, chegou-se ao consenso de que existia uma necessidade urgente de publicar uma nova tradução ao hebraico do Livro Grande, uma versão que cumprisse com os requisitos para conseguir uma licença de A.A.W.S.

"Reuniram-se uns quantos companheiros, alguns para ajudar na tradução e outros para revisar e corrigir o texto", diz Ioni.

Passado algum tempo, o grupo enviou a A.A.W.S. vários capítulos traduzidos como amostra, e em fevereiro de **2002** recebeu luz verde para continuar. No que se refere à revisão e comprovação do texto que é feita no ESG de Nova York, Ioni diz: *"Estamos muito satisfeitos por poder fazê-lo assim, de seguir as normas para que se aprove a tradução. Não vemos nenhum inconveniente em submeter a tradução ao processo de avaliação"*. No verão passado (**2005**), já tinham sido concluídos nove capítulos. *"Demoramos algum tempo, mas considero o trabalho como um serviço. Talvez, depois de terminar este projeto, possamos começar a traduzir outros materiais",* diz Ioni.

7.32. É preciso ser "*alcoólico puro*" para pertencer a A.A.?

***Box 4-5-9*, Natal / 1992 (pág. 6) => http://www.aa.org/newsletters/es_ES/sp_box459_holiday92.pdf**
Título original: ***"¿Tienes que ser um* 'alcohólico puro' *para pertenecer a A.A.?"***

*"No passado mês de agosto (**1992**), na Conferência de Jovens em A.A. da Área de Kansas City, ouvi o boato de que a história do Livro Grande com o título* 'Médico, Alcoólico e Adicto' *estava em perigo de ser suprimida porque trata da adição ao álcool e às drogas. Eu sou unicamente alcoólico, mas me consideraria um fóssil antiquado com antolhos se me recusasse a aceitar aqueles jovens com dupla adição que foram atraídos pelo programa de A.A."*.

Numa carta dirigida ao Escritório de Serviços Gerais – ESG, desde Springfield, Missouri, Jim S. acrescenta, *"meu Grupo base reúne-se aqui na universidade, e o recém-chegado que tenha sido unicamente adicto ao álcool é muito difícil de encontrar. Não vejo validade alguma em adotar uma postura esnobe por ser adicto somente ao álcool; já tenho suficientes defeitos de caráter como para acrescentar mais esta ostensiva hipocrisia"*.

Um membro do pessoal do ESG assinalou na sua resposta que Bill W. tinha falado *"muito claramente"* do tema de dupla adição a respeito do que se relaciona com a unicidade de propósito de A.A., no número de fevereiro de **1958** da revista *Grapevine* (posteriormente reimpresso no livro *"A Linguagem do Coração"* e condensado no folheto *"Outros Problemas Além do Álcool"* – Junaab, código 220, R$ 2,50).

Ao se referir à pergunta *"pode alguém que toma pílulas e drogas, e também ter uma verdadeira história alcoólica tornar-se membro de A.A.?",* Bill responde com um ressonante *"SIM"*. Depois analisa a seguinte possibilidade: *"Digamos. Contudo, que se aproxime de nós um adicto que mesmo assim tenha uma verdadeira história alcoólica. Houve um tempo em que tal pessoa teria sido rejeitada. Muitos AAs, no início, tinham a noção quase cômica de que eram alcoólicos – apenar beberrões sem nenhum outro problema sério. Quando os presidiários alcoólicos e drogadictos apareceram, houve muita indignação virtuosa.* 'O que as pessoas pensarão?'*, clamava o coro dos alcoólicos puros. Felizmente, faz muito tempo que essa tolice acabou"*.

Enquanto ao *"boato"* de que a história *"Médico, Alcoólico e Adicto"* irá ser suprimida do Livro Grande, continua o membro do pessoal do ESG na sua carta a Jim, *"é apenas isso – um boato.*

De fato, no momento não há nenhuma intenção de fazer mudanças no Livro Grande. Sem dúvida, se algum dia for considerada a possibilidade de fazer a quarta edição e, como aconteceu no passado, algumas histórias serão suprimidas para dar lugar a algum material mais contemporâneo. Mas isso ainda está longe" **(1).**

Desde sua publicação em **1939**, a seção de histórias do Livro Grande foi revisada duas vezes. A segunda edição foi publicada em **1955**, a terceira em **1976**, em conformidade com as Ações Recomendáveis da Conferencia de Serviços Gerais. Nos dois casos, anos de diálogo contínuo precederam a ação da Conferência. Dado que os delegados que representam as 91 Áreas dos EUA/Canadá compõem mais de dois terços dos participantes na Conferência – e uma vez que se requer uma votação majoritária de dois terços para fazer uma recomendação a A.A. no seu conjunto, a consciência coletiva da extensa Irmandade de A.A. tradicionalmente tem a última palavra.

(1) N.T.: De fato, houve a quarta edição do Livro Grande (a atual) e foi publicada em **2001**. Nela, a história *"Médico, Alcoólico e Adicto"* continua incorporada ao livro com seu titulo mudado para *"Aceptance Was The Answer"*, ou algo como *"A aceitação foi a resposta";* começa na página 407 (estas histórias aparecem apenas no Livro Grande nos EUA/Canadá, e não no Livro Azul, no Brasil)

7.33. Membros de A.A. Pesquisa 2011

***Box 4-5-9*, Outono (Set.) / 2012 (pág. 7) => http://www.aa.org/newsletters/es_ES/sp_box459_fall12.pdf**

Título original: ***"Encuesta de los membros de 2011".***

Os resultados da pesquisa aleatória realizada em **2011** sobre os membros publicados recentemente, oferecem uma imagem da Irmandade de A.A. Da mesma maneira que a pesquisa anterior, publicada em **2007**, os resultados confirmam algumas tendências positivas e interessantes que vieram tendo continuidade na década passada e destacam a grande importância do Decimo Segundo Passo para atrair novos membros à Irmandade.

Mais de 8.000 membros dos EUA e Canadá participaram da pesquisa ajudando a gerar uma imagem de algumas características de A.A. e de seus membros. De acordo com a análise da pesquisa, o membro típico de A.A. tem 49 anos, o período médio de sobriedade é de quase 10 anos, assiste a duas reuniões e meia por semana, pertence a um Grupo-base e tem um padrinho (com frequência consegue esse padrinho nos primeiros 90 dias de sobriedade).

Desde **1968**, o Escritório de Serviços Gerais vem realizando pesquisas anônimas da Irmandade a cada três ou quatro anos. O propósito primordial tem sido o de manter informados os membros de A.A. a respeito das tendências atuais das características dos membros e proporcionar informação sobre a Irmandade aos profissionais e ao público em geral como parte de um esforço contínuo de ajudar aos que sofrem de alcoolismo.

As perguntas da pesquisa cobrem estatísticas pessoais (idade, sexo, raça, ocupação, estado civil), atividade em A.A. (frequência de assistência às

reuniões, pertença a um Grupo, apadrinhamento), como o indivíduo foi introduzido em A.A. (por um membro de A.A., pela família, etc.), e considerações "externas", tais como experiência com instituições de tratamento, os médicos e outros tipos de assessoramento.

Destacando a importância do Decimo Segundo Passo cara a cara e de levar a mensagem aos profissionais, a pesquisa indica que **34**% dos entrevistados mencionaram um membro de A.A. como responsável pela sua chegada em A.A., e **40**% dos que responderam disseram que um profissional da área da saúde os aconselhou a procurar A.A. Ademais, **63**% dos membros receberam algum tipo de tratamento ou assessoramento antes de chegar em A.A., e, deles, **74**% disseram que isso foi muito importante para que eles decidissem por ingressar em A.A. Depois de chegar em A.A., **62**% dos que responderam receberam tratamento ou conselho do tipo médico, psicológico, espiritual, etc. e **82**% destes disseram que isto desempenhou um papel importante na sua recuperação do alcoolismo.

Há mais homens que mulheres - **65**% e **35**%, e embora as ocupações representadas na pesquisa cubram uma ampla gama, desde gerente/administrador, profissional/técnico e trabalhador especializado até operário, vendedor, educador, dona de casa, etc., a maior parte dos que responderam, 17%, estavam aposentados.

Os resultados desta pesquisa estão disponíveis na internet **(*)**

(*) Resultados da Pesquisa 2011

http://www.aa.org/pdf/products/sp-48_membershipsurvey.pdf

Sexo dos Membros

Homens	**65**%
Mulheres	**35**%
(em **1968** eram 22%)	

Composição dos Membros

Brancos	**87**%
Hispânicos	**5**%
Negros	**4**%
Nativos americanos	**2**%
Asiáticos	**1**%
Outros	**1**%

Idade dos Membros

Menos de 21 anos	**2**%
De 21 a 30 anos	**11**%
De 31 a 40 anos	**15**%
De 41 a 50 anos	**24**%
De 51 a 60 anos	**27**%
De 61 a 70 anos	**15**%
Mais de 70 anos	**6**%

Estado Civil dos Membros

Solteiros	**34**%
Casados	**36**%
Divorciados	**22**%
Outros	**8**%

Ocupação dos Membros

Aposentado	**17**%
Profissional liberal	**10**%
Desempregado	**10**%
Gerente / Administrador	**9**%
Profissional / Técnico	**8**%
Trabalhador especializado	**8**%
Incapacitado (sem trabalho)	**6**%
Profissional da saúde	**6**%
Operário	**5**%
Vendas	**5**%
Profissional da educação	**3**%
Estudante	**3**%
Serviços gerais	**3**%
Escriturário	**2**%

Dona/o de casa	**2**%
Transporte	**2**%
Artesão	**1**%

Introdução em A.A. (**)

Por um membro de A.A.	**34**%
Instituição de tratamento	**32**%
Iniciativa própria	**29**%
Família	**25**%
Ordem judicial	**12**%
Outro	**8**%
Agencia de assessoria	**7**%
Profissional da Saúde	**7**%
Empregador / colega de trabalho	**4**%
Amigo / vizinho não AA	**3**%
Instituição correcional	**2**%
Membro de Al-Anon / Alateen	**2**%
Jornais, revistas, radio, TV	**1**%
Membro do clero	**1**%
Internet	**1**%

(**) O total pode ser mais que 100% porque foi citada mais de uma situação

Pertencer a um Grupo

- **86**% dos membros pertencem a um Grupo-base

Apadrinhamento

- **81**% dos membros têm um padrinho
- **71**% deles conseguiram o Padrinho no prazo de 90 dias

Frequência às Reuniões

- Os membros assistem em média a **2,6** reuniões por semana

Duração da sobriedade

Menos de um ano	**27**%
De 1 a 5 anos	**24**%
De 5 a 10 anos	**12**%
Mais de 10 anos	**36**%

O tempo médio de sobriedade dos Membros é de quase 10 anos

Relação com os profissionais da saúde

- Os médicos de **75**% dos membros sabem que fazem parte de A.A.
- **40**% dos membros disseram que um profissional da saúde os aconselhou a ir para A.A.

Ajuda adicional...

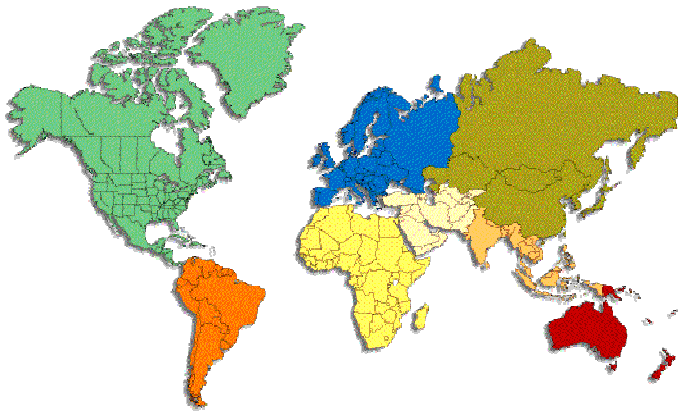
- ***ANTES*** de chegar em A.A., **63**% dos membros receberam algum tipo de tratamento ou conselho do tipo médico, psicológico, espiritual, etc.
- **74**% deles disseram que isso foi muito importante para que eles decidissem por ingressar em A.A.
- ***DEPOIS*** de chegar em A.A., **62**% dos que responderam receberam tratamento ou conselho do tipo médico, psicológico, espiritual, etc.
- **82**% destes disseram que isto desempenhou um papel importante na sua recuperação do alcoolismo.

COMPLEMENTO:

Alcoólicos Anônimos no Mundo

http://www.aa.org/newsletters/es_ES/sp_box459_summer12.pdf (página 2)

Segundo o relatório da 62ª Conferência de Serviços Gerais realizada em Nova York entre os dias 22 e 27 de abril de ***2012****, divulgado no Box 4-5-9 do Verão* ***2012****, com base em janeiro de* ***2012****,- o cálculo estimado de Grupos nos EUA era de* ***58.820****; no Canadá,* ***5.025****; Grupos em Instituições Correcionais (EUA/Canadá),* ***1.555****; Grupos fora dos EUA e Canadá,* ***48.667****; Total estimado de Grupos no mundo todo,* ***114.070****. O nº estimado de membros era de* ***1.290.716*** *nos EUA;* ***93.983*** *no Canadá; membros em Instituições Correcionais (EUA/Canadá),* ***38.664,*** *e* ***710.374*** *membros fora dos EUA e Canadá. Total estimado de membros no mundo todo,* ***2.133.842.***



- ✓ *O Escritório de Serviços Gerais não faz registro dos membros. A informação aqui prestada está baseada nas informações dadas pelos Grupos inscritos no ESG em seus relatórios e não representa um cálculo exato de quem se considera membro de A.A.*
- ✓ *Sabe-se que A.A. está em atividade em aproximadamente* ***180*** *países incluindo* ***60*** *países que têm Escritório de Serviços Gerais autônomos. Todos os anos o ESG de Nova York entra em contato com todos os ESG´s e Grupos que pedem para ser inscritos em nossos registros. Nos casos em que não dispomos de dados atuais, utilizamos a informação do ano anterior.*

7.34. Membros de A.A. que trabalham no campo do alcoolismo

Box 4-5-9, **Abr. Mai.1986 (pág. 10-11) http://www.aa.org/ newsletters/es_ES/sp_box459_april-may86.pdf**
Título original: "*Miembros de A.A. Empleados en el Campo del Alcoholismo*".

Os membros de A.A. que trabalham no campo do alcoolismo enfrentam problemas e por vezes são assediados por dilemas pouco comuns em outras profissões. É possível que as práticas profissionais pareçam se contrapor à maneira de fazer e aos princípios de A.A. Por exemplo, é possível que alguma instituição de tratamento envie às reuniões de A.A. pacientes que, embora dependentes de substâncias químicas, não sejam alcoólicos. O conselheiro, tendo consciência da unicidade de propósito de A.A. e sabendo que para se tornar membro de A.A. o único requisito *"é o desejo de parar de beber"*, deve pedir que para ser desincumbido desta função?

Ao assistir a reuniões de A.A., o conselheiro recuperado pode ser confrontado com outros dilemas. Com alguma frequência é possível que seus companheiros de A.A. não vejam com bons olhos os alcoólicos recuperados que fazem dinheiro *"à custa dos demais alcoólicos"* ou aqueles que os demais membros consideram como *"espertos em alcoolismo e em outros problemas da vida"*. Ademais, o ***"Guia de A.A. para os Empregados no Campo do Alcoolismo",*** indicam que é preferível que os AAs que trabalham em uma instituição de tratamento não assistam às reuniões que se celebram dentro da mesma nem façam parte de suas atividades.

Em uma esfera em que existem muitos casos de *"esgotamento profissional"* é conveniente que o indivíduo não confunda seu programa pessoal com sua vida profissional. Jack C., diretor do

"Programa para Empregados Alcoólicos" de uma empresa, mantém a regra pessoal de não ocupar encargo algum no Grupo enquanto está aconselhando profissionalmente os alcoólicos. *"Preciso as reuniões para recuperar forças. Durante o dia entrego minha energia aos demais; assim, à noite, quando assisto às minhas reuniões me encontro como uma esponja, com a necessidade de absorver tudo para repô-la"*. Jack não se incomoda nem se reprime à hora de compartilhar, mesmo que um cliente se encontre na mesma sala de reunião – a outros conselheiros, entretanto, estas situações parecem-lhes difíceis.

Há uma quantidade de perguntas diferentes: Deve o AA recuperado revelar seu alcoolismo quando aconselha seus pacientes? Se o faz, é sempre apenas para o benefício do próprio paciente? Esta revelação altera sutilmente a natureza da relação terapêutica? Esta revelação transforma a relação profissional numa relação de Décimo Segundo Passo? O conselheiro deve considerar todas estas questões. É uma tarefa difícil para a qual se requer muita compreensão e frequentemente muita paciência.

Jim A., membro do Comitê de Custódios de Instituições de Tratamento, também é conselheiro profissional e acredita que as soluções para estes e outros problemas com os que nos deparamos no campo do alcoolismo, podem depender da aceitação dos limites pessoais de cada um. *"Um conhecimento de si mesmo, de seu próprio trabalho, de Alcoólicos Anônimos e um reconhecimento da própria capacidade para levar a bom termo a tarefa designada, podem contribuir muito para aliviar os problemas da vida, o trabalho, a saúde e a recuperação pessoais. O essencial e saber de qual deles se trata"*. Acima de tudo, fazer a cada dia o Decimo Passo, ajudará muitíssimo o conselheiro recuperado a manter seu equilíbrio. *"Pode ser útil assistir reuniões de A.A. onde os membros não conheçam sua ocupação ou não se importem"*, acrescenta Jim. *"É um bom conselho manter diferenciadas, dentro do possível, as práticas profissionais e seu programa pessoal.*

Quando as exigências profissionais pareçam se contrapor aos princípios de A.A., discuta-os com outros profissionais da matéria que tenham problemas parecidos. Faça-o no dia-a-dia".

Também é conveniente se associar a organizações profissionais, tais como associações de conselheiros, que são úteis não apenas para se manter atualizado nos assuntos relacionados com o alcoolismo, mas também como válvulas de segurança, oferecendo a oportunidade de compartilhar com outros.

Bernie L., membro de A.A. e diretor de um *"Programa para Empregados Alcoólicos"*, fundou, faz alguns anos, um Grupo composto por AAs. Empregados no campo do alcoolismo. *"No final dos anos de **1970**"*, disse Bernie, *"começamos a perceber que, devido às pressões da profissão, os conselheiros começavam a cair como moscas. Precisavam alguém com quem poder falar; de um fórum para os problemas que tinham em comum"*. Os membros deste Grupo – pessoal dos programa para empregados alcoólicos, trabalhadores nos programas dos Tribunais e da Família, conselheiros e outros, celebram suas reuniões em jantares mensais onde se discutem assuntos como a tensão, o esgotamento profissional, a espiritualidade e os princípios de A.A. Duas vezes por ano fazem um retiro para relaxar, compartilhar e realizar reuniões de A.A.

Muitos AAs sentem a necessidade de assistir a mais reuniões quando começam a trabalhar profissionalmente no campo do alcoolismo; outros, ao contrário, assistem a menos reuniões. A um membro de A.A., que atende em consultório particular, lhe parece que, embora não assista a muitas reuniões como antigamente, tem maior necessidade de desenvolver a espiritualidade.

Jim conclui dizendo: *"O objetivo de todo conselheiro é equilibrar as exigências profissionais e o serviço A.A. Para alcançar este objetivo devemos dispor tanto dos meios que o programa nos oferece como dos nossos recursos profissionais. Fazendo uso de alguns destes procedimentos simples, o conselheiro pode evitar mais facilmente os perigos e dilema lhe permitindo assim,* 'estar ali quando qualquer um estender a mão pedindo ajuda' *".*

PARA SABER MAIS:

Ver: ***"Guia de A.A. para os Empregados no Campo do Alcoolismo",***
http://www.aa.org/lang/sp/sp_pdfs/smg-10_foraamembers.pdf

7.35. Preenchendo o vazio entre o profissionalismo e A.A. (dois chapéus)

***Box 4-5-9*, Abr. Mai./1988 (pág. 9-10) =>http://www.aa.org/newsletters/es_ES/sp_box459_april-may88.pdf**
Título original: "*Llenando el vacío entre el profesionalismo y A.A.".*

Antigamente, denominavam-se *"os que levam dois chapéus"* aqueles AAs que trabalham profissionalmente no tratamento do alcoolismo e da dependência química. Como conseguem manter uma perspectiva sobre a diferença entre *"o alcoolismo"* e a recuperação em A.A.? Como mantém equilibrada sua condição profissional com uma vida sadia em A.A.?

Paul O., da Califórnia, médico recém aposentado passou vinte anos sóbrio trabalhando no campo do alcoolismo. *"Foi uma decisão pessoal minha a de estabelecer perfeitamente a diferença entre A.A. e o tratamento do alcoolismo. Os dois assuntos coincidem parcialmente, mas não são absolutamente a mesma coisa; de fato, geralmente os dois competem entre si pelo tempo, a energia e* 'o sucesso' *do membro. Entretanto, não tive motivos para lamentar a diferença; e se, por causa do programa de A.A. minha carreira profissional não foi o que podia ter sido, não o lamento. Se não tivesse minha sobriedade, nunca poderia ter um trabalho".*

Paul disse que podia falar abertamente a respeito de si próprio nas reuniões, mas unicamente depois de se ter dedicado a um profundo exame de consciência. *"Os profissionais que dizem que não podem assistir a uma reunião de A.A., nem falar num Grupo porque pode estar presente um cliente seu, são os mesmos que em outro trabalho diriam que estão demasiado* 'ocupados' *para poder assistir a uma reunião profissional. Minha própria experiência me ensinou que isto é uma desculpa racionalizada para fugir da intimidade e da participação. É possível que estas pessoas se dedicassem ao alcoolismo pela mesma razão que eu me dediquei à medicina – para criar um* 'cotovelo profissional' *e se manter comodamente distantes dos demais".*

J.L., de Nova York, encontrou dilemas parecidos. *"Depois de fazer um depoimento recentemente falando do Nono Passo, um afilhado disse-me brincando* 'que boa palestra você deu'. *Seu comentário bateu no cravo, e desde então tratei de refletir bem sobre a diferença de A.A. e minha carreira profissional. como conselheiro, percebo que tenho que deixar minhas credenciais na porta da sala de reunião, juntamente com todo aparelho terapêutico e todas as teorias respeito ao conceito da doença e regimes de desintoxicação. Se permito que entrem comigo, irão me conduzir a uma postura crítica, para não citar a grandiosidade".*

J.L. diz que *"posso até não compartilhar nas reuniões porque antigos pacientes meus estão na sala. Entretanto, tenho que me lembrar de que isto é A.A., e aqui nossa doença é tão perniciosa quanto nossos segredos. Acredito que possa dar bom exemplo aos meus antigos pacientes, compartilhando com eles, e deixando transparecer que eu também tenho problemas pessoais para resolver. Às vezes posso ouvir falar a mim mesmo respondendo num tom profissional como se estivesse respondendo a um paciente num centro de reabilitação. Ou pode ser que caia na tentação de emitir juízo relacionado com a sobriedade de quem fala. A minha solução é manter-me no AGORA e falar com o coração. Estou numa reunião de A.A. e não fazendo minhas rondas no hospital"*.

Durante algum tempo, *"o assunto do apadrinhamento me criou um grave problema. Porque ter um padrinho se já tenho todas as respostas? Que negocio e esse de compartilhar meus sentimentos mais profundos, admitir meus erros, e fazer reparações? Faz alguns anos, depois da morte do meu padrinho, falei com várias pessoas, incluindo meu supervisor no trabalho, sem conseguir me conectar. Felizmente, este período não durou muito tempo; encontrei um novo padrinho que me mostrou novamente a importância do apadrinhamento em A.A."*.

Bob P., que leva 32 anos sóbrio em A.A., e se aposentou recentemente do seu posto como administrador de uma grande instituição de tratamento no estado de Nova York, diz: *"embora os conselheiros e outros profissionais que são membros de A.A. têm demonstrado ser trabalhadores muito eficientes no tratamento, acredito que temos uma grande oportunidade de melhorar e nos desenvolver. Primeiro, nós AAs, temos a tendência a nos* 'sobre identificar' *e fundir-nos com os pacientes numa forma terapêutica. As linhas que separam o trabalho do Décimo Segundo Passo do assessoramento tendem a ser muito embaçadas, e o trabalhar com um padrinho de A.A. pode contribuir muito para clareá-las. E, certamente, assistir reuniões, a muitas reuniões"*.

Bob lembra que o apadrinhamento ajuda muito também quando as práticas profissionais parecem entrar em conflito com os princípios e as práticas de A.A., como por exemplo, quando a instituição de tratamento onde o membro trabalha encaminha adictos não alcoólicos às reuniões locais de A.A. O membro de A.A. também pode ver-se confrontado com outro dilema: deve ou não deve assistir às reuniões que se celebram na instituição onde trabalha. Os Guias de Atuação de A.A. para os Membros Empregados no Campo do Alcoolismo (*) - disponíveis gratuitamente no ESG para quantidades de dez ou menos, sugere que seria melhor assistir às reuniões fora da instituição, mas a decisão final é um assunto pessoal.

"Às vezes andei na corda bamba, entre a minha vida em A.A. e o meu trabalho no campo do abuso de substâncias químicas", nos conta um AA escrevendo anonimamente desde Kodiak, Alaska. *"Os problemas se baseiam na nossa própria humanidade e vulnerabilidade e, de acordo com a minha própria experiência, podem ser resolvidos em grande parte através da comunicação e o compartilhamento contínuo na Irmandade. Lembro que certa vez queria iniciar um Grupo especial para os membros que trabalham no campo do alcoolismo. Depois de discutir o assunto com meu padrinho e outros AAs, abandonei a ideia por considera-la demasiadamente* 'elitista'.

Os problemas continuam surgindo, é claro. Mas, oferecem-me muitas oportunidades para praticar o Décimo Segundo Passo no seu sentido integral: levar a mensagem de sobriedade aos alcoólicos e praticar os princípios de A.A. em todas as minhas atividades. Como disse Bill W., 'Não vivemos apenas para ficar sóbrios; vivemos para aprender, para servir e para amar'".

(*) PARA SABER MAIS:

Veja o ***"Guia de A.A. para os Empregados no Campo do Alcoolismo"***
http://www.aa.org/lang/sp/sp_pdfs/smg-10_foraamembers.pdf

7.36. *"Meu nome é ..., e sou alcoólico"*

Box 4-5-9, **Primavera (março) 2012 (pág. 3-4) => http://www.aa.org/newsletters/es_ES/sp_box459_spring12.pdf**
Título original: *'Me llamo… y soy alcohólico'.*

Eis uma das frases mais ouvidas nas reuniões de A.A. em quase todos os lugares do mundo. Mas, de onde vem? Por que a dizemos? E, devemos continuar a fazê-lo?

Parece claro que a identificação é um conceito importante em A.A. Na realidade, podemos considerá-la a chave da filosofia de A.A. – um alcoólico ajudando a outro alcoólico.

Entretanto, por se tratar de uma Irmandade com grande variedade de sugestões, mas sem regras oficiais, é necessário que uma pessoa diga, como muitos dizem ao apresentar-se em uma reunião, que é alcoólica?

Nos primeiros anos de formação de A.A., Bill W., um de seus cofundadores, se debatia com a dúvida referente a esta questão e escrevia com frequência a respeito do dilema que enfrentavam os recém-chegados enquanto lidavam com a doença, talvez pela primeira vez e no contexto relativamente público de uma reunião de A.A.

Bill argumentava de forma incisiva que devia ser oferecida ao recém-chegado a maior liberdade possível para decidir como e quando se identificaria como alcoólico. Em um artigo escrito para a *Grapevine* com o título *"Quem é membro de Alcoólicos Anônimos?"* – artigo este que mais tarde iria formar a base da Terceira Tradição, Bill comentou: *"Esta é a razão pela qual julgamos cada vez menos o recém-chegado. Se para ele o álcool é um problema incontrolável, e ele quer fazer algo a respeito, não lhe requeremos mais… Atualmente, na maioria dos Grupos, nem sequer é preciso dizer que é alcoólico. Qualquer um pode-se juntar a A.A., apenas suspeitando que seja alcoólico ou que já perceba os sintomas mortais da nossa doença"*.

Bill esclareceu ainda mais sua opinião nas palavras que aparecem no folheto *"As Doze Tradições ilustradas"* (Junaab, código 106, R$ 6,00), na seção que trata da Terceira Tradição: *"Quem decide se o recém-chegado é ou não qualificado? Se quer mesmo parar de beber? Ninguém, obviamente, exceto o próprio recém-chegado; todos os demais simplesmente têm que aceitar sua palavra. Na realidade, ele não tem sequer que afirmar isso em voz alta. E isso foi uma sorte para muitos de nós, que chegamos em A.A. apenas com um vago desejo de ficarmos sóbrios. Estamos vivos porque o caminho de A.A. se manteve aberto para nós"*.

Ao se apresentar para falar, Bill W., muito raramente - para não dizer nunca, se identificava como alcoólico, e não há nada na literatura de A.A. aprovada pela Conferência (EUA/Canadá), que indique como os membros devem apresentar-se nas reuniões de A.A., nem sequer que seja necessário fazê-lo. Entretanto, nos dias de hoje, pode haver momentos muito tensos nas reuniões quando um membro não se apresenta como *"alcoólico/a"* ou, mais tensos ainda, quando se complementa essa identificação com palavras tais como *"sou um alcoólico cruzado"*, *"sou adicto"* ou *"alcoólico e dependente de outras drogas"*.

Muitos membros acreditam que essas complementações são preocupantes porque podem representar uma ameaça à nossa unidade e unicidade de propósito. Em um artigo publicado em janeiro de 1990 na revista Grapevine, Rosemary P., antiga delegada de Pittsford, Nova York, escreveu: *"Quando em um evento de A.A. digo que sou* 'alcoólica e dependente de outras drogas' *ou* 'dependente cruzada', *estou-lhes dizendo que sou um caso especial de bêbada, que meu alcoolismo é diferente do seu. Estou dando uma dimensão extra à minha doença – dimensão esta que, dada a unicidade de propósito, não é apropriado mencionar em uma reunião de A.A. Quebrei nosso vínculo pela metade e, mais importante ainda, diluí meu próprio propósito para estar ali"*.

Mas, de onde veio este costume de identificar-se como alcoólico/a e como acabou por se gravar tão indelevelmente na paisagem de A.A. do século XXI?

Da mesma maneira que em outros assuntos relacionados com A.A., ninguém sabe com segurança qual foi a origem deste costume e já com muito poucos pioneiros ainda entre nós, poucos são aqueles que podem oferecer alguma pista plausível, e além destas pistas, há apenas especulações.

Entretanto, de acordo com uma amiga de A.A. desde seus primeiros tempos, *Henrietta Seiberling,* a expressão remonta às reuniões do Grupo de Oxford que tiveram seu apogeu no começo da década de **1930**. A Sra. Seiberling, não alcoólica, frequentava o Grupo de Oxford em Akron, em busca de ajuda espiritual e foi ela que arranjou o primeiro encontro entre Bill W., e o Dr. Bob, que naquele momento estava tentando se esforçar para lidar com seu problema com a bebida também frequentando o mesmo grupo que Henrietta. Nessas pequenas reuniões, todos os participantes se conheciam e não tinham necessidade de se identificar. Porém, nas grandes reuniões *"públicas"*, onde os participantes *"testemunhavam"* - de maneira muito parecida com a que os membros de A.A. fazem atualmente em suas reuniões regulares, chegou a ser preciso se identificar. É possível que em algum momento alguém tenha dito *"eu sou alcoólico"*, porém, a Sra. Seiberling não estava muito segura de que tenha sido assim. Nem se lembrou de ter ouvido a frase nas primeiras reuniões de A.A. celebradas em Akron, ainda antes da publicação do Livro Grande (nosso Livro Azul).

Um membro de Nova York da época pioneira se lembra de ter ouvido a frase em algum momento depois da Segunda Guerra Mundial, em **1945** ou **1946**; mas, sabe-se com certeza que em **1947** foi produzido um documentário para A.A., pela ***RKO Pathe***, com o título *"I am an alcoholic"* ou, *"Eu sou um alcoólico"*, o que dá credibilidade à ideia de já naquele tempo, nos círculos de recuperação, a frase era reconhecível.

Desde então a frase foi-se arraigando até se converter em um protocolo, um elemento quase obrigatório do léxico da recuperação e, com suas diversas alternativas e permutações auto reveladoras, se transformou numa forma um tanto quanto controvertida de se apresentar nas reuniões.

Atualmente, muitos acreditam que a solução do conflito que alguns sentem ao ouvir seus companheiros se apresentarem como *"adictos"*, ou com outros termos além do simples *"alcoólico"*, irá ser encontrada dentro da própria Irmandade.

Rosemary P. disse: *"Cabe a cada um de nós mantermos intacto nosso programa, repassá-lo ao recém-chegado tal como o passaram para nós. E, também muito importante, fazer isso com explicações pacientes, tolerância diante das diferenças – e mais explicações pacientes. Acredito que, através do apadrinhamento comprometido, Grupos base sólidos e serviço ativo, os novos membros irão aprender a ser parte integrante de A.A. e não um fragmento"*.

A outros lhes irá parecer mais importante a sinceridade e a reflexão a respeito do que *"verdadeiramente são"*, ao se apresentar numa reunião; outros ainda, acreditam na importância de manter os problemas separados e tratá-los nos programas e Irmandades criadas para suas respectivas finalidades: Narcóticos Anônimos para adictos a outras substâncias além do álcool, Comedores Compulsivos Anônimos para os adictos incontroláveis à comida, etc. Há ainda aqueles que não lhes parece muito importante a forma utilizada nas apresentações, seja como *"adictos"* ou como *"alcoólicos"* e propõem que os participantes se identifiquem simplesmente como *"membro de A.A."*, já que, por definição, todos os membros de A.A. são *"alcoólicos"*.

Chegar ao equilíbrio entre estas posições é um constante exercício de humildade, confiança e aceitação no seio da Irmandade, enquanto os membros buscam ser inclusivos e ao mesmo tempo reconhecer os vínculos singulares do alcoolismo que nos mantém conectados a todos.

Como está expresso no Livro Azul, capítulo *"Entrando em Ação"*, página 113/1/2: *"Entramos no mundo do Espírito. Nossa próxima tarefa é cultivar a compreensão e a eficiência. Não é algo que se consiga da noite para o dia. Deve continuar por toda a nossa vida. Continuaremos a tomar cuidado com o egoísmo, a desonestidade, o ressentimento e o medo. Quando aparecem, pedimos imediatamente a Deus para removê-los. Sem perda de tempo, falamos a respeito deles com alguém e, se magoamos outra pessoa, fazemos logo uma reparação. Então, com firmeza, voltamos nossos pensamentos para alguém a quem possamos ajudar. O amor e a tolerância para com os outros é o nosso código"*.

7.37. O espirito de cooperarão entre A.A. e NA (Narcóticos Anônimos)

***Box 4-5-9*, Out. Nov. 1986 (pág. 6-7) =>http://www.aa.org/newsletters/es_ES/sp_box459_oct-nov86.pdf**
Título original: *"El Espíritu de A.A. se Transmite Como una Ola"*

Charlie A., um AA do Brooklyn, recebeu recentemente uma chamado do Intergrupo de Nova York, pedindo-lhe para se colocar em contato com *"Joe"* que tinha acabado de telefonar ao escritório com um pedido urgente de ajuda. Charlie diz: *"Joe era muito adicto à cocaína. Tinha um problema grave. Seu terapeuta tinha-o aconselhado que, se usava drogas e procurava ajuda, deveria entrar em contato com Alcoólicos Anônimos"*.

Charlie está sóbrio há vinte anos e já fez muito trabalho de Decimo Segundo Passo. Refletiu sobre a unicidade de propósito de A.A. Também refletiu sobre a nossa tradição de cooperação sem afiliação a organizações alheias à Irmandade. Então, como ele conta, *"levei ao conhecimento de Joe que A.A., na realidade, é para pessoas que tem problemas com o álcool; entretanto, se assim o deseja-se, chamaria para ele a Narcóticos Anônimos. Se NA não devolvesse a chamada, lhe assegurei que o levaria diretamente a uma reunião de NA ou lhe indicaria o endereço de uma reunião de NA de fácil acesso que fosse celebrada nesse mesmo dia"*.

Ao chamar a NA, Charlie recebeu uma resposta imediata e calorosa – *"agradar-lhes-ia ajudar a qualquer adicto que fosse encaminhado"*. *"Ademais"* conta Charlie, *"pediram-me que dissesse a qualquer outro adicto que encontra-se, no espirito de cooperação entre A.A. e NA, que NA está à sua disposição e deseja ajudar"*.

Algumas semanas depois de encaminhar Joe a NA, Charlie teve noticias dele. *"Agradeceu-me a ajuda e disse que se sentia muito mais cômodo em NA do que poderia ter-se sentido em A.A. Ajudava-lhe muito poder-se identificar com clareza nas reuniões de NA".*

Narcóticos Anônimos, com sede em Van Nuys, Califórnia, é muito ativa, com reuniões regulares em todos os 50 Estados dos EUA e a maioria das Províncias do Canadá. A organização, cujo formato é muito parecido com o de A.A., está bem estabelecida em Europa e na Austrália, e esta começando na Ásia, África e América do Sul.

A força de A.A. está na nossa unicidade de propósito: levar a mensagem ao alcoólico que ainda sofre. Por isso é do nosso agrado ter a oportunidade de compartilhar nossos princípios e métodos com outros grupos de esforço pessoal; entretanto, apenas estes grupos proporcionam o elemento essencial para o sucesso: o vínculo comum que une seus membros.

7.38. O propósito único de NA

Artigo publicado no Boletim #13 de Narcóticos Anônimos em novembro de 1985 pelo* Conselho de Custódios para Serviços Mundiais de NA*, transcrito na Revista Vivência nº 63 – Jan./Fev. 2000 e recolhido no sítio oficial da JUNAAB

Algumas Considerações Sobre Nosso Relacionamento Com Alcoólicos Anônimos.

A forma como Narcóticos Anônimos – NA, se relaciona com todas as outras irmandades e organizações podem gerar controvérsia dentro de nossa irmandade. Embora haja uma política estabelecida de *"cooperação sem afiliação"*, a confusão permanece no que se refere às outras irmandades. Uma questão bastante delicada envolve nosso relacionamento com a irmandade de Alcoólicos Anônimos. O Conselho de Custódios para Serviços Mundiais de NA costuma receber cartas que versam sobre a mais variada gama de perguntas acerca desse relacionamento.

Narcóticos Anônimos foi criado com base em Alcoólicos Anônimos. Quase todas as comunidades de NA que existem, apoiaram-se, de alguma forma, em A.A., durante seu período de formação. Nosso relacionamento com A.A. tem sido muito verdadeiro e dinâmico ao longo dos anos. Nossa irmandade como um todo resultou da dúvida existente em A.A., sobre o que fazer com os adictos que batiam à sua porta. Voltaremos um pouco às origens, em busca de uma perspectiva de nosso atual relacionamento com A.A.

Bill W., um dos cofundadores de A.A. , sempre dizia que um dos maiores sustentáculos de sua irmandade era a unicidade de propósito, ou seja, mirar somente um aspecto. Limitando seu propósito primordial a levar a mensagem aos alcoólicos e evitando assim qualquer outra atividade, A.A. é capaz de se desincumbir dessa tarefa de uma forma extremamente eficaz. O clima de identificação é preservado pela unicidade de propósito, e o alcoólico encontra então a ajuda de que necessita.

Desde seu mais remoto início, A.A. foi confrontado com uma situação bastante complicada: *"O que fazer com os dependentes químicos que nos procuravam? Desejamos manter nosso foco no álcool para que a mensagem seja levada ao alcoólico, mas os adictos que aqui chegam, falam sobre drogas, e, inadvertidamente enfraquecem nosso clima de identificação."* Os Doze Passos e o Livro Azul já haviam sido escritos - o que mais se esperava que eles fizessem? Que novamente os reescrevessem? Permitir que o clima de identificação se diluísse e que o sentido de pertencer a A.A.

se perdesse? Expulsar aquelas pessoas agonizantes para que morressem na rua? Deve ter sido uma situação extremamente complexa para A.A.

Quando A.A. finalmente estudou o problema de forma cuidadosa e tomou uma posição através de sua literatura, a solução por eles encontrada foi mais uma prova de seu bom senso e sabedoria. Prometeram seu apoio num espírito de *"cooperação, mas não afiliação"*. Essa solução de grande visão para uma questão tão complexa preparou o terreno para o surgimento da irmandade de Narcóticos Anônimos.

Entretanto, o problema que A.A gostaria de evitar teria de ser comunicado individualmente a cada grupo que tentasse adaptar seu programa de recuperação para dependentes químicos (adictos). Como conseguir então o clima de identificação indispensável para a rendição e a consequente recuperação, caso fosse permitido acolher os mais diversos tipos de dependência? Seria possível para um dependente de heroína se relacionar com facilidade com outros dependentes cujo problema fosse o álcool, maconha ou tranquilizantes? Como seria conseguida a Unidade, que, segundo a Primeira Tradição, é fundamental para a recuperação? Nossa Irmandade (NA) herdou então um árduo dilema.

Para que se tenha ideia de como A.A. lidou com o problema, voltemos um pouco para a sua história. Uma segunda coisa sobre a qual Bill W., sempre falava e escrevia, era o que ele chamava de *"gol de placa"* de sua irmandade - as palavras do Terceiro e Décimo Primeiro Passos. A grande área da espiritualidade versus religião era tão complexa para eles assim como a unicidade de enfoque o era para nós. Bill costumava contar como o simples fato de acrescentar *"na forma em que O concebíamos"* depois da palavra *"Deus"*, liquidou por completo com toda a controvérsia a esse respeito. Um simples quesito, que tinha potencial para dividir e destruir A.A. transformou-se num dos maiores alicerces de seu programa.

À medida que os fundadores de Narcóticos Anônimos adaptaram os Passos de A.A., chegaram também a um *"gol de placa"* de importância equivalente. Ao invés de adaptar o Primeiro Passo de forma lógica e natural (*"Admitimos que somos impotentes perante as drogas")*, eles fizeram aí uma mudança radical: Escreveram assim: *"Admitimos que somos impotentes perante a nossa adição"*. Existe um grande número de drogas e o uso de qualquer delas é apenas o sintoma de nossa doença. Quando os adictos se reúnem e enfocam as drogas, normalmente estão enfocando suas diferenças, pois cada um deles usa um tipo de combinação de drogas. A única coisa que todos eles tem em comum é a doença da adição. Com aquela simples mudança na frase, foi criada a irmandade de Narcóticos Anônimos.

Nosso Primeiro Passo (NA) dá-nos um foco: nossa adição. As palavras do Passo Um enfocam também nossa impotência perante os sintomas da doença. A frase *"impotentes perante nossa adição"* engloba tanto os veteranos quanto os recém-chegados. Nossa adição vem novamente à tona e causa descontrole de pensamentos e sentimentos sempre que descuidamos de nosso programa de recuperação. Esse processo nada tem a ver com a *"droga de preferência"*. Estamos alerta contra a recorrência do nosso uso de droga aplicando nossos princípios espirituais antes de uma recaída. Nosso Primeiro Passo se aplica independentemente da *"droga de preferência"* e do tempo em que estamos limpos. Tendo esse *"gol de placa"* como embasamento, NA floresceu como importante organização mundial, enfocando claramente a adição.

À medida que a comunidade de NA amadureceu através de um melhor conhecimento de seus próprios princípios (o Passo Um em particular), um fato interessante se apresentou. A perspectiva de A.A., enfocando o álcool, e a abordagem de NA, não enfocando nenhuma droga específica, não

podem ser confundidas (misturadas). Quando tentamos misturá-las enfrentamos os mesmos problemas que A.A. teve conosco. Quando nossos membros se identificam como *"adictos e alcoólicos"*, ou falam sobre *"sobriedade"* e viver *"limpo e sóbrio"*, a clareza da mensagem de NA é truncada. Esse linguajar sugere a existência de duas doenças e que cada droga é diferente da outra, como se houvesse necessidade de terminologias diferenciadas toda vez que a adição fosse discutida. À primeira vista, o fato parece de somenos importância, contudo nossa experiência mostra que o impacto da mensagem de NA é claramente atenuado por essa confusão semântica aparentemente tão sutil.

Ficou bem claro que tanto nossa compreensão quanto nossa unidade, assim como a nossa rendição *"ampla, total e irrestrita"* como adictos que somos, depende de um entendimento límpido e cristalino de nossos princípios mais fundamentais: somos impotentes perante uma doença que piora progressivamente mediante o uso de qualquer droga. Não importa qual fosse a nossa *"droga de preferência"* ao ingressarmos; qualquer droga que usarmos acionará novamente a doença. Recuperamo-nos da doença da adição aplicando nossos Doze Passos. Nossos Passos foram escritos especialmente para transmitir claramente a mensagem, portanto, todo o resto de nossa linguagem de recuperação precisa ser tão consistente quanto eles. Não podemos misturar esses princípios fundamentais com aqueles da organização coirmã, sem que nossa própria mensagem seja truncada.

Ambas as irmandades têm sua Sexta Tradição, para que possam conservar suas respectivas características e impedir que se afastem do seu propósito primordial. Uma irmandade de Doze Passos possui uma necessidade inerente de enfocar um único propósito, de forma a fazê-lo de um modo eficaz; cada irmandade de Doze Passos deve ser independente e não filiada a nenhuma outra atividade. A separação faz parte de nossa natureza, assim como o uso de terminologia própria, pois cada uma delas tem seu único e diferenciado propósito. O alcoolismo é o enfoque de A.A., e nós devemos respeitar o nosso próprio propósito e identificarmo-nos em nossas reuniões como adictos simplesmente, e fazer nossas partilhas de forma que a nossa mensagem seja clara.

Como irmandade, devemos nos empenhar cada vez mais em evoluir, sem nos atermos teimosamente a nenhuma radicalidade. Aqueles companheiros que estavam truncando (ainda que sem intenção) a mensagem de NA, usando termos como *"sobriedade"*, *"alcoólico"*, *"limpo e sóbrio"*, *"viciado em drogas"* etc., poderiam contribuir bastante se identificando claramente como adictos e passando a usar as palavras *"limpo,"* *"tempo limpo,"* e *"recuperação"*, as quais não especificam nenhuma substância em particular. Todos nós podemos ajudar, citando nas reuniões apenas a nossa literatura, e evitando com isso implicações de qualquer endosso ou afiliação. Nossos princípios são autossustentáveis. Pelo bem de nosso desenvolvimento como irmandade e a recuperação individual de nossos membros, nossa abordagem dos problemas da adição deve transparecer claramente em tudo o que fazemos ou falamos nas reuniões.

Membros de NA que costumavam usar esses argumentos no sentido de racionalizar e também cristalizar uma posição anti-A.A., conseguiram com isso desestabilizar companheiros veteranos e bastante ativos dentro da Irmandade. Melhor fariam eles se reavaliassem e reconsiderassem os efeitos danosos desse tipo de comportamento. Narcóticos Anônimos é uma irmandade espiritualizada. Amor, tolerância, paciência, e compreensão são essenciais na consolidação de nossos princípios.

Vamos canalizar energias em direção ao nosso desenvolvimento espiritual pessoal, através dos nossos Doze Passos. Levemos nossa mensagem de forma clara. Há muito trabalho e fazer e

precisaremos muito uns dos outros para que haja eficácia. Vamos buscar o espírito de unidade de NA.

7.39. O Grupo de Oxford: Precursor de A.A.

***Box 4-5-9*, Fev. Mar. / 1987 (pág. 6-7) =>http://www.aa.org/newsletters/es_ES/sp_box459_feb-mar87.pdf**
Título original: "***El Grupo Oxford, Precursor de A.A.".***

Um piloto o descreveu como *"uma maravilha que transforma pessoas em seres humanos"*. Um jornalista escreveu: *"Não é uma instituição nem uma opinião; incentiva a revolução do próprio ser*". Falaram do Grupo de Oxford, o principal precursor de A.A.

O fundador, ou *"Iniciador"* como se classificou a si próprio, era um homem alto, trajado impecavelmente, caráter reservado, expressão grave; a muitas pessoas parecia-lhes um profeta improvável.

Nascido na Pensilvânia em **1889**, Frank Buchman iniciou ali sua carreira como ministro luterano. Depois de uma serie de desilusões pessoais, tornou-se um "transformador de homens" e iniciou o Grupo de Oxford entre os anos **1916** e **1920**. O Grupo estabeleceu normas éticas muito elevadas para seus membros, incentivando-os a que aspirassem aos quatro absolutos: sinceridade absoluta, pureza absoluta, amor absoluto e desprendimento absoluto. Estes conceitos eram utilizados como unidades de medida do progresso individual.

Talvez o elemento mais importante da vida deste Grupo fosse a confissão ou o *"compartilhamento"*. Os primeiros dias do desenvolvimento do Grupo caracterizaram-se por experiências onde os membros ficavam em pé diante de um auditório para descrever a história dos seus fracassos.

Buchman conseguiu atingir a alta sociedade da época, e seus discípulos estavam cheios de devoção a ele, devida, em parte, ao seu talento para a comunicação. Costumava expressar sua mensagem utilizando metáforas simples, fáceis de compreender: *"Se alguém tem uma doença num olho, de que adianta colocar-lhe remédio desde um terceiro andar?"* e *"Não coloque o feno tão alto que o burro não possa alcançar"*.

Já nos anos de **1930** o Grupo de Oxford conseguiu atrair muitos alcoólicos; e alguns conseguiam se manter sóbrios. Por volta da metade dessa década, Bill W., entrou em contato com o Grupo de Oxford da Igreja Episcopal do Calvário, em Nova York, que dispunha de um serviço para alcoólicos. Quando foi a Akron, em viagem de negócios, foi tomado por uma grande vontade de beber: na sua luta para resistir à tentação, decidiu procurar outro alcoólico que talvez estivesse passando pela mesma dificuldade. Conheceu o Dr. Bob que, por coincidência, estava associado ao Grupo de Oxford.

Enquanto estes dois homens compartilhavam suas experiências, conseguiram reconhecer o valor dos princípios espirituais, da solidariedade e do vínculo em comum que tinham através do seu alcoolismo. Progredindo da fraqueza para a força, ocorreu-lhes a ideia de que talvez pudessem ajudar outros que estivessem lutando contra o alcoolismo, e assim nasceu Alcoólicos Anônimos.

Entretanto, o Grupo de Oxford começou a se reunir em grandes assembleias substituindo-as pelas pequenas e intimas reuniões de anos atrás. Em **1938** mudou o nome para "Rearmamento Moral" e começou a trabalhar cada vez mais com assembleias mundiais. Alguns dos primeiros discípulos retiraram-se do movimento, descontentes com a mudança de ênfase do indivíduo para a

massa. O principal lema de Buchman naquele então era *"Transformar o mundo, transformando a vida"*, e isto conduziu o movimento à sua derrocada.

Na metade dos anos de **1930**, Buchman tratou de se entrevistar com Adolf Hitler, convencido de que ele poderia ser tocado e transformado pelo poder de Deus. Não foi bem sucedido, mas insistiu em alcança-lo através de seus partidários. Por este fato, foi rotulado de pro-nazista.

Os fundadores de A.A. aprenderam uma lição da grandeza e decadência do Grupo de Oxford. Não é apenas uma coincidência que o Preâmbulo diga: *"A.A. não está ligada a nenhuma seita ou religião, nenhum movimento político, nenhuma organização ou instituição; não deseja entrar em qualquer controvérsia; não apoia nem combate quaisquer causas"*.

Outro contraste significativo tem a ver com o anonimato. Nos primeiros dias, Buchman insistiu em que fosse mantido o anonimato a nível público; mais tarde descobriu e o uso do nome fazia parte do depoimento, e que poderia ser utilizado para conquistar outros membros. Com um toque de Madison Avenue **(*)**, acreditou que os depoimentos poderiam ser utilizados para vender um modo de vida gratificante, para incentivar o trabalho em equipe nas empresas e promover a espiritualidade.

Entretanto, a pesar destas diferenças, Bill nunca se furtou a reconhecer a profunda influência do Grupo de Oxford no desenvolvimento de A.A. Falando na reunião do vigésimo aniversário da Irmandade (a segunda Convenção Internacional de A.A., e Saint Louis, Missouri, em **1955**), disse "*...A.A. retirou os preceitos de autoexame, reconhecimento dos defeitos de caráter, reparação de danos e o trabalho com os outros, do Grupo de Oxford, e, diretamente de Sam Shoemaker, seu ex-líder na América, e de nenhum outro lugar"*.

(*), *A* **Madison Avenue** *é uma grande avenida que corre pela cidade de Nova Iorque, distrito de Manhattan, correndo num sentido norte-sul. É uma via pública de sentido único. Veículos podem transitar apenas para o norte. É uma avenida arterial de Nova Iorque, e uma das mais movimentadas da cidade. Está nomeada em homenagem a James Madison, o quarto presidente dos Estados Unidos.*

http://pt.wikipedia.org/wiki/Madison_Avenue

7.40. *"O homem na cama"* ou, a abordagem ao AA nº 3

***Box 4-5-9*, Primavera (março) 2012 (pág. 1-2) =>http://www.aa.org/newsletters/es_ES/sp_box459_spring12.pdf**
Título original: *"El hombre en la cama".*

Já se perguntou alguma vez como teria sido receber uma visita de Bill W., e do Dr. Bob para uma abordagem conforme o Décimo Segundo Passo? Pois Bill D., um reconhecido advogado e vereador da Cidade de Akron, que no verão de **1935** encontrava-se de novo no Hospital municipal dessa cidade, com *delirium tremens*, amarrado a uma cama, por ter esbofeteado duas enfermeiras, alguns anos após o evento, em **1953** numa conversa com Bill W., descreveu assim aquela visita:

"Olhei para cima e vi dois grandalhões de mais de 1,80m de altura, de aspecto muito agradável. Passado pouco tempo estávamos contando vários incidentes de nossas vidas de bebedores e, naturalmente, não demorei muito para perceber que vocês sabiam do que falavam... Muitas pessoas já tinham falado comigo a respeito da minha maneira de beber – de fato, vinham-me visitar e eu ficava calado e não lhes fazia caso algum. Diziam-me que eu deveria parar de beber.

Certamente, eu sabia disso melhor do que eles; porque além de saber tudo o que eles sabiam, somente eu sabia o quanto doente ficava.

Vocês dois eram muito simpáticos, e após um momento, lembro que eu estava falando mais que ninguém... Assim, depois de ouvir uma parte da minha história, você disse ao Doc – não acredito que saiba que ouvi o que você disse, mas ouvi – você lhe disse 'Parece-me que vale a pena trabalhar com ele e salvá-lo'".

Bill D., que mais tarde seria conhecido nos círculos de A.A. como o *A.A. nº 3* e *"o homem na cama"*, seguiu falando: *"Vocês dois me disseram,* 'Quer deixar a bebida? Não é assunto nosso sua maneira de beber. Não estamos aqui para lhe tirar nenhum direito ou privilégio, porém, temos um programa através do qual acreditamos poder mantermo-nos sóbrios. Parte deste programa supõe que o passemos a outra pessoa que o necessite e o queira. Se você não o quer, não lhe faremos perder mais tempo, iremos procurar outra pessoa'".

A seguir, fizeram várias perguntas a Bill D.: Acreditava que poderia deixar a bebida por si próprio e sem ajuda? Acreditava em um poder superior? E, se era assim, estaria disposto a recorrer à ajuda desse poder superior? Deixaram Bill para que ele próprio pudesse considerar tudo aquilo; e ele, ali, prostrado na cama do hospital, fez um repasse mental da sua carreira de bebedor.

Bill D., prossegue: *"Pensei no que a bebida tinha feito comigo... as oportunidades perdidas, pensei nas possibilidades e nas coisas que me tinham sido oferecidas e como desperdicei todas elas e cheguei à conclusão de que se não queria deixar a bebida, deveria querer deixá-la..."*

Quando aqueles dois homens voltaram mais tarde, o Dr. Bob perguntou a Bill D., se queria parar de beber. *"Sim, Doc"*, disse Bill. *"Gostaria de deixar a bebida cinco, seis ou oito meses pelo menos, até que possa colocar as coisas em ordem e começar a ganhar o respeito da minha mulher e de outras pessoas, consertar minha situação financeira e coisas assim.*

Vocês dois puseram-se a rir com vontade. Depois, um dos dois olhou para minha cara e disse: 'Temos algumas noticias ruins. Para nós foram noticias más, e provavelmente também o serão para você. Mesmo que se distancie da bebida seis dias, ou seis meses, ou seis anos, se você voltar a tomar um trago, irá voltar a ficar amarrado de novo a uma cama neste hospital, onde já passou boa parte dos últimos seis meses. Bill D., você é um alcoólico'.

Segundo lembro, essa foi a primeira vez que reparei nessa palavra. Acreditava que era um bêbado. E vocês me disseram: 'Não. Você sofre de uma doença e importa muito pouco o quanto tempo esteja distante da bebida. Se você tomar um par de tragos irá acabar na mesma situação em que se encontra agora'. *Essas notícias pareceram-me muito desanimadoras naquele momento"*.

A pergunta seguinte que Bill W., e o Dr. Bob fizeram a Bill foi se ele acreditava que poderia ficar 24 horas sem beber. *"Mas é claro... qualquer pessoa pode fazer isso"*, disse Bill. *"É disso que estamos falando precisamente. Apenas 24 horas a cada vez"*, lhe falaram os dois cofundadores de Alcoólicos Anônimos. *"Estas palavras me tiraram um grande peso de cima. A cada vez que me encontrava pensando na bebida, não me via passando muitos longos e áridos anos sem beber, mas apenas um breve período de 24 horas"*, disse Bill D.

A Bill D., lhe parecia que Bill W., e o Dr. Bob estavam verdadeiramente contentes por estar sóbrios e disse: *"Pareciam estar tão perfeitamente contentes com sua sobriedade, podia-se ver claramente, e falavam com tanta segurança que, passados alguns dias, comecei, junto com a minha mulher, pelo menos até um certo grau, que eu também poderia conseguir... Não me preocupava com a possibilidade de que o programa pudesse não surtir efeito, porém, não me sentia absolutamente seguro de poder continuar a prática do programa. Entretanto, cheguei à conclusão de que estava disposto a fazer todo o possível para alcançá-lo.*

Fiquei mais oito dias no hospital. Durante esses dias comi apenas chucrute e tomates crus. O dia 4 de julho, Doc visitou-me no hospital e eu tinha uma amiga que me havia oferecido uma casinha à beira de um lago onde poderia ficar durante uma semana. Assim, ao sair do hospital, Bill W., o Dr. Bob e Anne, e eu e minha mulher, viajamos apinhados em um carro para aquela casinha. Não havia bebidas alcoólicas na casa. No começo foi muito duro. Quase todo o dia recebíamos visitas e viajávamos até uma pequena ilha para almoçar ao ar livre e tratar de desenvolver atividades para nos manter sóbrios. Certamente que a boa companhia e o estar sempre ocupados foram de grande ajuda. Passei mais de uma semana nesse local. Não foi nada fácil, mas estava disposto a seguir em frente para me desfazer daquele problema que eu tinha...

Com o passar dos dias, comecei a recuperar minha saúde e deixei de me sentir como se sempre tivesse que ficar escondido. Continuo assistindo às reuniões porque gosto de assistir. Nelas, encontro pessoas com as que gosto falar. Outra razão que tenho para continuar assistindo é que continuo a ser grato pelos bons anos que tenho passado". Contou Bill D., a Bill W.

Bill D., morreu em Akron na noite da sexta-feira, 17 de setembro de **1954**. Em sua memória Bill W. escreveu: *"Melhor dizendo, as pessoas dizem que morreu, mas de fato não é assim. Seu espírito e seu exemplo ainda vivem nos corações de incontáveis membros de A.A.; e não há a menor de que Bill D., já ocupa uma das inúmeras moradas do além... A força do belo exemplo que nos deu em nossa época pioneira, irá durar tanto tempo quanto nossa mesma Irmandade"*

PARA SABER MAIS:

*O quadro a óleo acima foi pintado pelo artista e membro de A.A., **Robert M.,** em **1955** para ilustrar a edição de Natal da revista Grapevine em dezembro daquele ano. Nele, o pintor retrata os dois cofundadores de A.A., Bill W. e o Dr. Bob, levando a mensagem a um homem acamado que o público identificou como sendo o terceiro membro, ou seja, Bill Dotson **(1892-1954).***

Seu título original foi "Came to Believe" *ou,* **"Viemos Acreditar".** *A pintura logo se tornou muito popular entre os membros da Irmandade e reproduções simples, a quatro cores, foram disponibilizadas para venda.*

*Em maio de **1956** a tela foi presenteada pelo autor a Bill W., que a emoldurou e pendurou no escritório de sua casa, em Bedford Hills, Nova York, onde permanece depois de a casa ser convertida em museu. Em sua carta de agradecimento ao artista, Bill escreveu:* "Ao olhar para seu quadro, pode-se ver o coração e a essência de A.A.".

*Em **1973**, com a publicação do livro* "Came to Believe" *ou,* "Viemos Acreditar"*, e para evitar confusões, os editores da Grapevine mudaram o titulo da ilustração para* "The man on the bead", *ou* **"O homem na cama".** (Bill D. não chegou a ver a pintura; ele havia morrido em 17/09/**1954**).

7.41. O membro de A.A., os medicamentos e outras drogas.

***Box 4-5-9*, Outono (setembro) / 2011 (pág. 5) => http://www.aa.org/newsletters/es_ES/sp_box459_fall11.pdf**
Título original: "***El miembro de A.A. – los medicamentos y otras drogas".***

Mesmo depois das revisões aprovadas pela Conferência de Serviços Gerais de 2011, foram feitas mudanças substanciais no folheto *"O membro de A.A. – os medicamentos e outras drogas"* (Junaab, cód. 214, R$ 4,20) um tema de grande significância segue sem mudanças nas versões antiga e atual: *"Nenhum membro de A.A. deverá fazer papel de médico. Todos os conselhos os conselhos e tratamentos médicos deverão vir de um médico qualificado"*.

Este comentário é ampliado posteriormente no folheto com a seguinte experiência compartilhada: *"Devido aos problemas que alguns alcoólicos podem ter com medicamentos, alguns membros, por conta própria, adotaram a postura de que ninguém em A.A. deveria tomar medicamento algum. Embora para alguns membros o seguir este conselho possa ter sido benéfico, evitando uma possível recaída, para outros foi um desastre. A experiência deixa muito claro que é tão equivocado privar a qualquer alcoólico da medicação que pode aliviar ou controlar outros problemas físicos e emocionais que o deixem impossibilitado, quanto o é ajudar a qualquer alcoólico a recair na adição a qualquer droga"*.

Em todo este folheto, incluindo a introdução ao mesmo e ao longo de várias histórias, se destaca a extrema importância de haver uma relação aberta e de colaboração entre os membros de A.A. que necessitem de medicamentos receitados para tratar de sua saúde e os médicos que receitam esses medicamentos.

Uma vez que no tema deste folheto entram em jogo decisões médicas importantes, pediu-se a um grupo de médicos amigos de A.A. que fizessem a revisão deste folheto. Há uma seção depois da introdução chamada *"Nota aos profissionais da medicina"*. Onde um parágrafo diz: *"Como indicado na Introdução, alguns alcoólicos devem tomar medicamentos receitados. Entretanto, nossa experiência indica que o mau uso (abuso) dos medicamentos receitados pode colocar em perigo a manutenção da sobriedade alcançada. As sugestões expostas na Introdução são oferecidas no sentido de ajudar os membros de A.A. a encontrar o equilíbrio e minimizar o risco de recaída"*.

Eis algumas das sugestões contidas na Introdução além da mencionada no início, *"Nenhum membro de A.A. deverá fazer papel de médico":*

- A participação ativa no programa de recuperação de A.A. é a melhor proteção contra uma recaída alcoólica.
- Seja totalmente sincero com seu médico e com você mesmo no que se refere à forma como toma os medicamentos. Informe ao médico se deixa de tomar ou se toma mais do prescrito.
- Explique ao seu médico que parou de ingerir bebidas alcoólicas e que está com o propósito de iniciar uma nova forma de vida sem o uso do álcool.
- Informe imediatamente seu médico se tiver o desejo de tomar mais quantidade que a receitada ou se os efeitos colaterais provocados pelo uso do medicamento fazem-no sentir-se pior.
- Conscientize-se das possíveis mudanças de comportamento ao começar a tomar um novo medicamento ou quando a dose for mudada.
- Se desconfiar que seu médico não compreenda seus problemas, considere a possibilidade de se consultar com um médico que tenha experiência no tratamento do alcoolismo.

- Dê ao seu médico alguns exemplares deste folheto.

7.42. Para alguns alcoólicos, os medicamentos são necessários

***Box 4-5-9*, Natal/ 1992 (pág. 11) => http://www.aa.org/newsletters/es_ES/sp_box459_holiday92.pdf**
Título original: "***Para algunos alcohólicos, los medicamentos son necessários"***

"Os AAs bem intencionados que aconselham os novos membros a deixar de tomar medicamentos receitados por médicos podem estar brincando com fogo", diz Melody T., antiga coordenadora do Comitê de Instituições de Tratamento do Intergrupo de Cincinnati, Ohio. O problema surgiu, de acordo come ela, *"com os alcoólicos que estão nos departamentos de* 'Diagnóstico Duplo' *nas instituições de tratamento onde trabalhamos. Alguns de nossos membros de A.A. sabem muito bem que o mau uso de medicamentos pode destruir a sobriedade; ao mesmo tempo, é possível que não percebam que em situações clínicas graves que abrangem desde alergias, epilepsia, e problemas no coração até a depressão patológica, a medicação prescrita normalmente é uma necessidade"*.

Então, o que fazer? Melody diz: *"Todos nossos coordenadores tem acesso ao folheto* 'O Membro de A.A. –Medicamentos e outras Drogas' *– Junaab, código 214, R$ 4,20 – onde se discute detalhadamente o assunto. Também deixa bem claro que a sobriedade por si só não capacita os membros a fazerem o papel de médico. Também oferecemos este folheto aos administradores e ao pessoal das instituições"*.

Felizmente, em benefício de uma comunicação e compreensão mais clara, *"muitos dos coordenadores de A.A. nos departamentos de Diagnóstico Duplo onde trabalhamos, estão, eles mesmos, diagnosticados duplamente, como alcoólicos que também sofrem de algum tipo de doença mental. De fato, um deles, que previamente tinha sido diagnosticado com* 'insanidade criminosa' *celebrou em setembro oito anos de sobriedade. Estas pessoas estão muito conscientes de que é melhor deixar a prática da psiquiatria para aqueles que estão habilitados a fazê-lo. Portanto, as discussões nas nossas reuniões limitam-se aos temas relacionados com A.A., ao que devemos compartilhar entre nós: nossa experiência, força e esperança na recuperação"*.

7.43. O princípio da pobreza corporativa

***Box 4-5-9*, Out. Nov./2004 (pág. 6-7) => http://www.aa.org/newsletters/es_ES/sp_box459_oct-nov04.pdf**
Título original: ***"'Una página brillante de la historia de A.A. - El principio de la pobreza corporativa".***

"*Para ser membro de A.A. não há taxas nem mensalidades; somos autossuficientes, graças às nossas contribuições"*. Ouvimos estas palavras com tanta frequência que é fácil perder a noção do significado extraordinário que elas têm. Talvez não tenha existido na história uma organização que tenha realizado esforços tão grandes para evitar o acúmulo de riquezas. Não aceitamos contribuições de pessoas que não são membros nem de instituições alheias – e inclusive colocamos limites para a quantia que cada membro pode dar. Não participamos de arrecadações de fundos sistemáticas nem solicitamos empréstimos. Mantemos a nós mesmos com as contribuições voluntárias e espontâneas

dos membros e das vendas da nossa literatura. E quando, como Irmandade, temos mais dinheiro do que precisamos, agimos imediatamente para nos desfazer dele. Em resumo, a atitude e as ações de A.A. respeito ao dinheiro faz pouco caso da sabedoria convencional e das práticas comerciais comuns.

Em *"A.A. Atinge a Maioridade"*, Bill W. descrevia as três tentações principais enfrentadas pelos membros fundadores na medida em que foi evoluindo a nossa tradição com o dinheiro. Primeiro houve a grandiosa ideia de que A.A. deveria construir hospitais e participar na educação geral sobre o álcool. *"A segunda tentação"*, ele diz, *"levou-nos ao extremo oposto. Chegamos a ter tanto medo do dinheiro que nos tornamos mesquinhos, quase recusando-nos a sustentar os serviços simples, mas essenciais de A.A... Ainda na atualidade não foi possível erradicar totalmente este prejuízo...*

"A nossa terceira tentação financeira foi a mais perigosa das três". Um amigo de A.A. deixou no seu testamento a quantia de dez mil dólares para a Irmandade; a questão era se a Irmandade devia ou não aceitar essa doação. Naquela época, a Fundação do Alcoólico – atualmente Junta de Serviços Gerais de A.A., precisava urgentemente de dinheiro. Os Grupos não estavam mantendo o Escritório e muitos temiam que nunca chegassem a fazê-lo. Os Custódios sabiam que nos testamentos de amigos endinheirados constavam doações para A.A. de mais de meio milhão de dólares – suficientes para tornar a Irmandade rica. *"Comparada com esta perspectiva"*, escreveu Bill, *"a doação de dez mil dólares não era grande coisa. Mas, da mesma maneira que o primeiro gole para o alcoólico poderia, se o aceitássemos, provocar inevitavelmente uma desastrosa reação em cadeia. Aonde nos levaria? Quem paga o músico tem o direito de escolher a canção... A pressão exercida por uma tesouraria poderosa, com certeza iria tentar a Junta a inventar todo tipo de ideias para investir os fundos que desviariam A.A. do seu propósito primordial, e os membros encolheriam os ombros dizendo* 'para que se molestar em contribuir?'

Então nossos Custódios escreveram uma página brilhante da história de A.A. Optaram pelo principio de que A.A. sempre deveria ser pobre. Desse momento em diante, a politica financeira da Fundação foi a de manter os fundos necessários para os gastos de funcionamento mais um reserva prudente... Nesse momento, o principio da pobreza corporativa foi incorporado firme e definitivamente na tradição de A.A.".

O princípio é simples. Colocá-lo em prática, às vezes é complicado. Certamente, ao nível do Grupo não é muito complicado: Guardar dinheiro suficiente para pagar o aluguel, comprar café e literatura e manter uma reserva prudente para os gastos de uns dois meses é o suficiente. Qualquer quantia em excesso tradicionalmente é enviada ao Distrito, Escritório de Serviços Locais - ESL, Área e Escritório de Serviços Gerais - ESG.

Entretanto, praticar o princípio da pobreza corporativa ao nível do ESG é muito mais complicado. A Junta de Custódios estabeleceu em **1954** um fundo de reserva cujo propósito é o de proporcionar os recursos econômicos necessários para manter os serviços essenciais do ESG e da *Grapevine* (equivalente no Brasil à revista Vivência), no caso de emergência ou de desastre, e para cobrir gastos extraordinários ou inesperados. A renda do Fundo de Reserva provém de duas fontes: contribuições dos Grupos e do resultado da venda de literatura. A Conferência de Serviços Gerais, junto com o Comitê de Finanças dos Custódios, supervisiona cuidadosamente o fundo, e estabeleceu como limite o equivalente a não mais de um ano de gastos combinados de operações da A.A. World Services (Serviços Mundiais de A.A.) e a Grapevine.

Numa apresentação feita em **1994**, Gary Glynn, Custódio não alcoólico, falava sobre a "*ação de equilíbrio*" que assumimos: "*Ter demais, e discutir sobre a perigosa riqueza e poder, perdendo de vista nosso objetivo primordial de levar a mensagem. Ter pouco, e perdemos totalmente a capacidade de levar a mensagem*". Nossos Custódios podem contar com que os Grupos, através dos Delegados à Conferencia, não deixem que a Irmandade se desvie de seu objetivo primordial; manter o saldo do Fundo de Reserva controlado costuma ser um desafio mais difícil. Se nossa reservas crescem demais, os Custódios e os Delegados trabalham juntos para encontrar soluções a fim de baixa-las a níveis aceitáveis.

Ainda quando o Fundo de Reserva está dentro do seu limite, a quantidade de dinheiro que se requer para sufragar os nossos serviços é impressionante, e inevitavelmente alguns Grupos se perguntarão se deveriam enviar algum dinheiro ao ESG. Em **2003**, da mesma maneira que em quase todos os anos recentes, contribuíram menos da metade dos Grupos inscritos no ESG. Já que todos os Grupos recebem exatamente os mesmos serviços, contribuam ou não, porque enviar contribuições?

Na realidade, há importantes razões para fazê-lo. Quando as contribuições dos Grupos são elevadas, todos se beneficiam. Os preços da literatura podem ser mantidos baixos, o que ajuda os Grupos a levar a mensagem e manter baixos seus gastos. Mas, num sentido mais profundo, as razões não tem nada a ver com o dinheiro e sim com o desenvolvimento espiritual. Quando os Grupos contribuem com os serviços mundiais de A.A., se convertem numa parte daquilo que o Primeiro Conceito chama de *"a consciência coletiva da nossa Irmandade"*. As contribuições são tão importantes para quem as dá quanto para quem as recebe. Da mesma maneira que a participação no serviço enriquece nossa sobriedade, ajudar a manter os serviços de A.A. faz com que cada Grupo forme uma parte integrante para levar a mensagem muito além dos seus próprios limites.

Gary Glynn descreveu a pobreza corporativa como um dos "*princípios espirituais e práticos que asseguram o futuro de A.A... Acredito que em A.A. o espiritual e o prático são a mesma coisa. Tudo o que vá ter uma utilidade prática para nós tem que ser também espiritual...*". Nossas ideias sobre as finanças, conforme a prática comercial comum são totalmente impraticáveis. Mas, neste campo tão prático, o mundo do dinheiro, nossos princípios espirituais forjados na bigorna da experiência nos possibilitaram superar os obstáculos de mais de seis décadas e, sem dúvida, iram-nos manter seguros nas décadas futuras.

7.44. O programa de A.A. não é religioso, mas espiritual.

Box 4-5-9, Ago. Set. (pág. 4-5) => http://www.aa.org/newsletters/es_ES/sp_box459_aug-sept89.pdf
Título original: *"El programa de A.A. no es religioso sino espiritual".*

De vez em quando chegam cartas ao Escritório de Serviços Gerais – ESG, pedindo esclarecimentos a respeito do enunciado onde diz que A.A. não esta afiliada a nenhuma seita ou denominação religiosa. Se for assim, perguntam, "*Por que aparece a palavra* 'Deus' *nos nossos Passos e Tradições? E, porque se encerram muitas reuniões rezando o Pai Nosso ou a Oração da Serenidade?*".

Nosso cofundador Bill W. dizia clara e frequentemente que seria uma imprudência nos associar a alguma religião em particular. Ele sustentava que a Irmandade tinha utilidade universal e está baseada em princípios espirituais que podem ser aceitos por membros de qualquer religião.

No livro *A.A. Atinge a Maioridade,* Bill conta a história do monge budista que, depois de ler os Passos, disse: *"São excelentes! Mas, uma vez que nós os budistas não concebemos* 'Deus' *da mesma forma que vocês o fazem, talvez fosse aceitável substituir a palavra* 'Deus' *por* 'o bem'*"*.

Bill não encontrou nenhum inconveniente nesta substituição: *"É possível que possível que para algumas pessoas esta substituição possa associada a uma diluição da mensagem de A.A. Entretanto, é preciso levar em conta que os Passos são apenas sugestões. Não se requer nenhuma crença neles, tal como estão escritos, para ser membro de A.A. Esta liberdade colocou a pertença a A.A. à disposição de milhares de pessoas que nem sequer teriam tentado se houvéssemos insistido numa rígida aceitação dos Passos tal como foram escritos"*.

Ao responder ao membro que colocou em dúvida o costume de encerrar as reuniões rezando o Pai Nosso, Bill W. escreveu: *"O uso e aceitação desta oração estão tão generalizados que objetar que são de origem cristão pode parecer um exagero"*. Bill esclareceu que nos primeiros tempos da Irmandade *"não havia nenhuma literatura própria. De fato, nem sequer tínhamos um nome"*. Assim, os Grupos dependiam muito da leitura da Bíblia para sua inspiração e orientação. É provável que as reuniões fossem encerradas com o Pai Nosso porque, disse Bill *"não queriam encarregar aos oradores o trabalho, molesto para muitos, de inventar suas próprias orações"*. Na atualidade continua a prática deste costume sempre que tenha a aprovação da consciência esclarecida do Grupo que queira praticá-la. O mesmo acontece com a Oração da Serenidade.

Um membro escreveu ao ESG solicitando diretrizes respeito à formação de um Grupo especial para cristãos. *"Há reuniões especiais para mulheres, homossexuais, médicos, etc."*, disse, *"por que não ter uma para cristãos?"*. A resposta do ESG: *"Não existe nenhuma razão que impeça continuar com seus planos. Entretanto, lhe pedimos que leve em conta que nenhuma reunião especializada satisfaz os requisitos para ser um Grupo de A.A. a menos que esteja em conformidade com os seguintes seis pontos definidos pela consciência de Grupo da Irmandade nos EUA e Canadá:*

1. *Todos os membros são alcoólicos, e todos os alcoólicos têm o direito de se tornar membros;*
2. *O objetivo primordial de um Grupo é ajudar alcoólicos a se recuperar através dos Doze Passos;*
3. *Como Grupo deverá ser autossuficiente;*
4. *Como Grupo não tem outra afiliação alheia a A.A.;*
5. *Como Grupo não opina sobre assuntos alheios à Irmandade, e,*
6. *Como Grupo, sua política de relações públicas deve se basear na atração e não na promoção e os membros deverão manter seu anonimato diante da imprensa, a televisão, o rádio e o cinema"*.

Outro membro via com maus olhos o costume de *"cantar hinos"* nos encontros e outros eventos de A.A., *"considerando que provavelmente mais da metade dos membros de A.A. no mundo não são cristãos. Tenho feito um sincero esforço para* 'deixá-lo nas mãos se Deus' *entretanto, meu poder Superior (Deus) continua insistindo para que eu faça um esforço maior para alcançar aqueles que fariam com que nossa Irmandade parecesse exclusiva"*. O membro do ESG que redigiu a resposta disse que *"o Escritório de Serviços Gerais não é um corpo legislativo"* e sugeriu ao remetente compartir suas preocupações diretamente com os servidores que compõem os comitês organizadores dos eventos de A.A. Destacou que em tais casos sempre é a consciência de Grupo do comitê organizador quem decide. A.A. por si própria é absolutamente não sectária.

O próprio Bill expressou a posição de A.A. com transparência e simplicidade dizendo: *"o que estamos operando é apenas uma escola de inocentes espirituais onde é possível encontrar a graça suficiente para continuar vivendo da melhor maneira possível. A teologia de cada um é um assunto totalmente pessoal e cabe a cada indivíduo fazer sua busca*". Em outra ocasião disse, *"A forma em que um alcoólico deva operar sua dependência de Deus não é assunto de A.A. Seja que o faça numa igreja, ou nesta ou naquela igreja, não é assunto de A.A."*.

O que vocês pensam? Suas experiências compartilhadas serão bem-vindas no ESG.

7.45. A espiritualidade se conhece pelas obras

***Box 4-5-9*, Fev. Mar. 1997 (pág. 7) => http://www.aa.org/newsletters/es_ES/sp_box459_feb-mar97.pdf**
Título original: ***"La espiritualidad se conoce por las obras".***

O Preâmbulo de A.A. define com clareza: *"A.A. não está ligada a nenhuma seita ou religião, nenhum movimento político, nenhuma organização ou instituição"*. A este respeito escreve Frana K., de Glenside, Pensilvânia, *"quando cheguei em A.A. faz 28 anos, um dos aspectos mais atrativos desta organização milagrosamente desorganizada era a escrupulosa distinção que se fazia entre a Irmandade e a religião. Da mesma maneira que muitos membros novos, sentia-me muito incomodada com a religião tal como eu a tinha conhecido, e tinha pouca experiência com a espiritualidade"*.

Atualmente, Frana diz, *"sou grata por saber que todo o que de bom tenho, minha sobriedade, minha vida, minha família, minha sanidade e inclusive meu conceito de um poder superior – devo às realidades espirituais que me ensinaram através do programa de A.A. Ao mesmo tempo compreendi que a mudança pode ser boa quando significa desenvolvimento, Mas quando dilui ou deforma as nossas Tradições, acredito que está na hora de consultar a consciência de Grupo"*.

Infelizmente, ela diz, *"devido a que os centros de tratamento se converteram num grande negócio, cada vez mais bêbados inocentes saem da cadeia de produção e são descarregados às portas de A.A. trazendo uns conhecimentos tão rudimentares que apenas lhes servem para criar mais problemas... Embora muitos de nos de maneira cordial e cortês toleramos o uso de alguma oração cristã, devido a sua importância sentimental para a história deste programa extraordinário, acredito que devamos fixar um limite. Está em total desacordo com o espirito das nossas Tradições ecumênicas ter um coordenador que nos anime a rezar com a pergunta* 'o Pai de quem?' *e ainda pior,* 'quem nos mantem sóbrios?*' em que pesem as boas intenções, o efeito é ofensivo.*

Essas perguntas pedem uma afirmação de fé que apenas é indicada numa igreja. Quando todo o Grupo responde a essas perguntas dizendo 'Pai nosso, que estais no céu...' *todos os membros estão manifestando seu apoio a uma religião em particular. E isto não tem nada a ver com A.A. Alcoólicos Anônimos tem a ver unicamente com a recuperação através de princípios espirituais aos quais qualquer pessoa com religião ou sem religião pode-se adaptar – princípios estes que nos unem para que nós, como membros do Grupo, possamos nos ajudar, uns aos outros, a mantermo-nos sóbrios e nos agarrar ao nosso objetivo primordial como expressado na Quinta Tradição:* 'Levar a mensagem ao alcoólico que ainda sofre'".

7.46. Alcoólicos Anônimos e as orações

***Box 4-5-9,* Edição de Natal 2002 (pág. 6-7) => http://www.aa.org/newsletters/es_ES/sp_box459_holiday02.pdf**
Título original*:* ***"La espiritualidad de A.A. tiene cabida para todas las religiones, o ninguna".***

"Depois de ter lido grande quantidade de material informativo sobre A.A. em seu sítio na Web (www.aa.org), *me armei de suficiente coragem para assistir a minha primeira reunião"* escreveu um iniciante chamado Ben E., numa mensagem eletrônica dirigida ao Escritório de Serviços Gerais – ESG, no passado mês de julho (em **2002**). *"Embora me tenha mantido sem beber desde o dia 11 de junho, minhas primeiras 24 horas de abstinência, acredito precisar da ajuda e do apoio de um Grupo de A.A. para me assegurar no processo de sobriedade e evitar uma recaída. A pergunta que quero lhes fazer é a seguinte: como conciliar o fato de que A.A. parece ter um forte componente espiritual com o fato de que eu sou ateu convicto? Ofenderei outras pessoas na reunião se não rezo o Pai-Nosso? Seria um fator perturbador o fato de um incrédulo ficar entre pessoas crentes em Deus?"*

Um membro do pessoal do ESG lhe enviou a seguinte resposta: *"Podemos lhe dizer, Ben, que muitos membros de A.A. que foram e ainda são ateus ou agnósticos, têm podido manter-se longe do primeiro gole, dia após dia, colocando em prática os princípios da Irmandade representados pelos Doze Passos e as Doze Tradições. No que dizem respeito à fé, os AAs sóbrios caminham por trilhas muito diferentes. A.A. não é um programa religioso. Dizemos em nosso Preâmbulo que não estamos ligados a nenhuma seita ou religião, e que o único requisito para ser membro de A.A. é o desejo de parar de beber".*

Disse ainda que, "*em muitos Grupos dos EUA e Canadá é tradicional encerrar as reuniões proferindo o Pai-Nosso ou a Oração da Serenidade, porém, cabe ao Grupo determinar o que, como e se fazer ou não. É provável que, segundo alguns pioneiros, o costume de rezar o Pai-Nosso tenha sido herdado do Grupo de Oxford, precursor de A.A.*

Os Arquivos Históricos de A.A. guardam materiais explicando que naqueles primeiros tempos em que não existia literatura própria e nem sequer a Irmandade tinha um nome, os Grupos pioneiros recorriam a leituras na Bíblia para inspiração e orientação. Com o tempo essa inclinação religiosa foi desaparecendo na medida em que ficava cada vez mais claro que o programa de recuperação de A.A. – na medida em que a Irmandade ia produzindo sua literatura, podia superar todas as barreiras, aí incluídas as barreiras étnicas, políticas, sexuais, sociais ou religiosas.

Contudo, o Pai-Nosso continuou a ser proferido em muitas reuniões ao redor do mundo. É razoável supor que esse costume de encerrar as reuniões com essa oração teve continuidade porque, como Bill W. explicou mais tarde, 'não queriam encarregar aos oradores e coordenadores o trabalho, molesto para muitos, de criar suas próprias orações'. *Está claro que em toda a história de A.A. a profissão de qualquer oração tem sido um ato estritamente voluntário. É procedimento adotado pela maioria dos Grupos, que o responsável pela coordenação, ao anunciar qualquer oração, peça aos presentes que o façam* 'se não tiverem objeção e assim o desejarem' *".*

Na carta que Ben recebeu, o membro do pessoal do ESG faz notar: *"Bill W. se declarou durante um tempo como sendo ateu ou agnóstico. Ele acreditava que esse assunto era uma questão de grande significado para A.A. e por isso foi dedicado ao tema integralmente o Capítulo IV do*

Livro Azul – Nós os Agnósticos. Também no folheto ‘Você pensa que é diferente? *’, aparecem as histórias de um agnóstico e de um ateu.*

A experiência coletiva de A.A. sugere que, para alcançar a sobriedade e se manterem sóbrios, os alcoólicos precisam aceitar e depender de uma entidade ou força espiritual que reconheçam como superior a si próprios. Alguns escolhem o Grupo de A.A. como seu ‘Poder Superior’*; outros ao ‘Deus conforme sua própria concepção’; e outros dependem de conceitos muito diferentes. O mais importante é que os membros, de forma individual, tenham completa liberdade para interpretar estes valores da maneira que melhor lhes convir; ou para não pensar neles em absoluto. Quanto a rezar o Pai-Nosso, ou, hoje em dia, a popular* ‘Oração da Serenidade’ *– ou participar de qualquer atividade do Grupo, a decisão cabe unicamente à maioria ou à consciência coletiva do Grupo. A mais ninguém.*

Portanto, Ben, você não tem que participar de nenhuma oração, e se alguém se sente ofendido por isso, não é um problema seu, mas dele. E, enquanto a ser o ‘incrédulo’ do Grupo, isso também é assunto exclusivamente seu. É de se esperar que encontre um padrinho compreensivo que possa guiá-lo nos Passos e ajudá-lo a esclarecer suas dúvidas e acalme suas inquietações. Se você comparecer regularmente às reuniões e se mostrar disposto a servir o Grupo, seus novos companheiros, sem dúvida, irão lhe proporcionar uma acolhida muito positiva.

Também gostaria de lhe dizer que acredito que a totalidade é algo mais que a soma das partes. Em muitíssimas reuniões de A.A. a sala parece repleta de fé e amor e carinho mútuo. Estas coisas eu as sei de uma maneira diferente da costumeira maneira de saber; e, embora não possa demonstrá-lo, eu sei que é realidade. Alguns companheiros, conhecidos meus ao dizer Deus não se referem a um ser sobrenatural ou seguem o conceito judaico-cristão, porém, querem dizer uma ‘direção boa e ordenada’ *e esse conceito me ajudou a abandonar o círculo de debate a respeito das crenças de outras pessoas”.*

7.47. Os Doze Conceitos para o Serviço Mundial

Box 4-5-9, Outono 2011 (pág. 1-2) => http://www.aa.org/newsletters/es_ES/sp_box459_fall11.pdf
Título original: *“**Los Doce Conceptos para el servicio mundial de A.A.”.***

Ao dar uma olhada no passado (em **2011**), pode ser difícil formar uma ideia clara do quanto incerta era a existência de A.A. 75 anos atrás. Os membros pioneiros viam-se cercados por dificuldades relacionadas com o dinheiro, a propriedade e o prestígio, e foi da maior importância para eles a questão de encontrar a melhor maneira de seguir em frente e levar a mensagem a outros. Devido aos problemas que a Irmandade havia enfrentado na sua infância, Bill W. costumava comparar A.A. com *“uma vela piscando”* que, a qualquer momento poderia se apagar. Porém, a Irmandade mostrava ser resistente e com a ajuda dos seus muitos amigos e defensores começou a fincar raízes e a crescer.

Começou com os Grupos – no começo uns poucos, logo centenas e depois milhares. Em pouco tempo foi estabelecida a Fundação do Alcoólico (**1938**) – mais tarde (**1954**), denominada Junta de Serviços Gerais de Alcoólicos Anônimos, para se responsabilizar por todos os assuntos de A.A. Com a morte do Dr. Bob e a consciência de Bill W. sobre sua própria mortalidade, a Conferência de Serviços Gerais tomou forma e assumiu o papel na direção da Irmandade que antes

correspondia aos cofundadores e membros pioneiros. Enquanto isso, uma pequena editora e escritório de serviço foram crescendo em tamanho e importância e estava publicando uma revista mensal, o A.A. Grapevine.

Existiam múltiplas dúvidas. Dessas entidades, a quais corresponderia fazer o quê? Qual a relação entre elas? Quais suas responsabilidades? E, seus direitos?

Como Bill W. reconheceu em sua palestra perante a Conferência de Serviços Gerais de **1960**: *"Assim como era de vital importância para nós codificar os Doze Passos, o aspecto espiritual do nosso programa, e codificar em Doze princípios Tradicionais as forças e ideias que irão fomentar a unidade e trabalharão contra a desunião, agora pode nos resultar também necessário codificar os princípios e relações sobre os que repousam nossos serviços mundiais, desde os Grupos até os Custódios da Junta de Serviços Gerais... um conjunto de princípios e relações explícitos por meio dos quais poderemos nos entender uns aos outros, e conhecer as tarefas que devemos desempenhar e os princípios em que nos baseamos para executá-las"*.

Para tanto, Bill W. se encarregou de escrever os Doze Conceitos para o Serviço Mundial, e na Introdução a estes Conceitos, publicados pela primeira vez em **1962** e mais tarde introduzidos no Manual de Serviço de A.A., disse que os Conceitos foram concebidos para *"demonstrar o* 'porquê' *desta estrutura para que as lições do passado não sejam esquecidas ou perdidas"*. Também escreveu, *"É natural, e inclusive fundamental, que nossos conceitos de serviço estejam baseados num sistema de* 'equilíbrio de poderes nos diferentes organismos'. *Tivemos que nos defrontar com o fato de que, com frequência, tratamos de engrandecer a nossa própria autoridade e prestígio quando estamos de posse das rédeas. Entretanto, quando elas estão nas mãos de outros, aferramo-nos às nossas posições e resistimos a qualquer administração que nos contrarie. Tenho certeza absoluta do que estou dizendo porque eu tenho essas mesmas inclinações.*

Por conseguinte, ideias como as que seguem fazem parte dos Conceitos: 'Não devemos colocar nenhum grupo ou indivíduo em condições de autoridade imerecida sobre outros', 'Operações diferentes, devem ser agrupadas e administradas separadamente, cada uma com seu próprio pessoal e equipe de trabalho'. 'Devemos evitar a excessiva concentração de dinheiro ou de influência pessoal em qualquer grupo ou entidade de serviço. Em cada nível de serviço a autoridade deve ser igual à responsabilidade'. *Estas e outras postulações similares definem as relações de trabalho e podem ser amigáveis porém eficientes"*.

Adotados pela Conferência de Serviços Gerais de **1962**, os Conceitos têm sido uma força *"entre bastidores"* orientadora no desenvolvimento da Irmandade em seus trabalhos encaminhados a alcançar os alcoólicos de todas as partes do mundo. Dado o alcance de A.A. e seus serviços vitais, é importante conhecer e compreender como funciona a estrutura de serviço e como chegou a ser o que atualmente é, e que, da mesma maneira que os Passos e as Tradições, os princípios encarnados nos Doze Conceitos, tais como o *"Direito de Decisão"*, o *"Direito de Participação"* e o *"Direito de Apelação"* foram forjados na experiência de A.A.

De acordo com Martha C., antiga Custódia de Serviços Gerais, *"Você e eu sabemos quem tem a autoridade final para os serviços mundiais; qual a relação entre os Custódios e as corporações de serviços; o quê fazemos para atuar equitativamente se alguém está em desacordo com a maioria; qual a relação entre a Conferência e a Junta de Custódios; porquê é importante para nós contar com uma boa direção rotativa; porquê nenhuma ação da Conferência deverá ser punitiva para pessoas nem provocar controvérsia pública...*

Os Conceitos contribuem para assegurar a unidade de A.A. e produzem em nós um belíssimo efeito: no liberam, a você e a mim, para que possamos focar nossa atenção em realizar o objetivo primordial da nossa Irmandade. Então, em certo sentido, os Conceitos nos ajudam a levar a sobriedade ao alcoólico que precise de nossa ajuda onde quer que se encontre neste mundo".

Em um artigo sobre os Conceitos, Sam S., um antigo Delegado do sul da Flórida, comentou sobre a importância perene que eles têm para o bem estar geral de A.A. e que os princípios em que estão baseados são inerentes aos membros de A,A, mesmo tendo, ou não, um conhecimento específico sobre eles. *"Eles nos dizem que nunca devamos ser ávidos por dinheiro ou poder, que somos todos iguais, que devemos tomar decisões, se possível, somente quando estamos de acordo, que nossas ações não devem ser prejudiciais, que sempre devemos atuar como servidores de confiança. Estes são os guias para as relações entre a Conferência e a Irmandade como um todo; Porém, servem também como guias para qualquer Grupo de A.A. onde quer que se encontre, por meio dos quais pode trabalhar com eficácia para proteger nossa Irmandade a fim de que os que ainda estão pó vir a encontrem saudável e segura.*

Os Conceitos não deixam apenas traçadas com extrema clareza as linhas de comunicação, mas, também nos oferecem métodos e formas de comunicação que refletem a preocupação, a confiança, o amor, o respeito mútuo e o reconhecimento da dignidade de cada pessoa que caracterizam a Irmandade de A.A. Percebemos que nossos Conceitos são a base espiritual de todos os serviços mundiais de A.A.".

7.48. Os livros eletrônicos (e-books), ou, como levar a mensagem em um mundo digital

***Box 4-5-9*, Inverno (Dez.) 2011 (pág. 3-4) => http:// http://www.aa.org/newsletters/es_ES/sp_box459_winter11.pdf**
Título original: "***E-Books: Llevar el mensaje de A.A. en un mundo digital".***

Alcoólicos Anônimos sempre confiou numa simples mensagem de esperança espiritual para o doente alcoólico: que há uma saída. É uma mensagem destinada a alcançar todo tipo de alcoólicos, em todas as épocas, em todos os lugares e através de tantos meios de comunicação quanto seja possível. Nos primórdios de A.A., quando o custo de uma chamada telefônica era de apenas cinco centavos *(de dólar),* os membros de A.A. participavam na *"terapia do níquel"*, ligando para os recém-chegados e tendo à mão os velhos amigos; depois chegou um manuscrito mimeografado onde era compartilhada a experiência dos primeiros cem membros e, em seguida, a primeira impressão do texto básico da Irmandade, ***"Alcoólicos Anônimos".*** Nos anos posteriores, os AAs solitários e os viajantes levavam consigo o *Livro Azul* e as histórias da *Grapevine* em fitas de áudio; e, ainda mais tarde, os alcoólicos em instituições de tratamento receberam a mensagem em fitas de vídeo e discos compactos. Depois chegaram os computadores domésticos, a Internet, e as grandes mudanças para levar a mensagem na era digital.

Como é dito no prefácio à quarta edição do Livro Azul: *"Enquanto nossa literatura preserva a integridade da mensagem de A.A., amplas mudanças na sociedade como um todo se refletem em novos hábitos e procedimentos dentro da Irmandade. Por exemplo, aproveitando-se dos avanços*

tecnológicos, os membros de A.A. que dispõem de computador podem participar de reuniões por Internet, compartilhando com companheiros alcoólicos de todo o país e do mundo inteiro. Em qualquer reunião, em qualquer lugar, os AAs compartilham entre si experiências, forças e esperanças com o propósito de manterem-se sóbrios e ajudarem outros alcoólicos. Modem a modem ou cara a cara, os AAs falam a linguagem do coração em todo poder e simplicidade".

Com a finalidade de se manter afinada com estas *"novas práticas e novos costumes",* foi sendo considerado durante vários anos, por toda a Irmandade e pelos Serviços Mundiais de A.A. (A.A.W.S.), um formato de *e-book* digital para levar a mensagem de A.A. Por conseguinte, em dezembro de **2010**, a Junta de A.A.W.S. anunciou sua aprovação ao projeto do *e-book*. Phyllis H., gerente geral do ESG, disse que: *"Um dos principais benefícios para a Irmandade será o de ter acesso mais amplo à mensagem de A.A. através de um formato eletrônico com o qual se estão familiarizando cada vez mais membros de A.A. Alguns perguntam se isso vai* 'substituir' *o Livro Azul impresso, mas, embora isto possa acontecer no futuro, a maioria concorda com que, neste momento, queremos ambos os formatos – o Livro Azul impresso e a versão eletrônica. Estes e-books terão funcionalidade completa com capacidade de busca, texto destacado, um marcador de posição para a inclusão de anotações e, de grande importância, a possibilidade de mudar o tamanho do texto para poder ler em letras maiores. O Livro Azul e Doze Passos e Doze Tradições são apenas o começo. Em 2012 esperamos anunciar a disponibilidade de mais literatura no formato de* e-book*"*.

A informação a respeito do projeto de *e-books* foi divulgada amplamente aos membros da Conferência através de comunicados regulares, do Relatório de A.A.W.S. e do Informe trimestral da Junta de Serviços Gerais. Recentemente foi feita uma apresentação geral do projeto na 61ª Conferência de Serviços Gerais *(de 01 a 07 de maio de **2011**)*, e foi publicado no sitio da Web de A.A. do ESG, um anúncio a respeito da próxima disponibilidade dos *e-books.*

Nas discussões do projeto foi considerada como prioridade que a distribuição e venda dos e-books sejam controladas em toda sua amplitude por *A.A. World Services, Inc.,* como acontece com toda a literatura de A.A. protegida por *copyright*, assegurando, assim, a proteção da integridade da mensagem de A.A. Com esse objetivo, foi criada uma infraestrutura segura que inclui uma loja on-line de A.A.W.S. através da qual será fornecida a *"app"* para baixar e vender os livros.

Após um longo processo de estudos realizado pelo comitê de planejamento que incluiu a previsão orçamentária, a criação da loja *on-line*, a tecnologia adequada, o sistema de gestão de direitos digitais, o sistema de interação dos cartões de crédito e contabilidade, a criação da aplicação (app) e a conversão dos dois primeiros livros ao novo formato de e-books, foi definido que o lançamento das versões em *e-book* do livro ***Alcoólicos Anônimos*** e ***Doze Passos e Doze Tradições***, em inglês, español e francês, será feito na metade do inverno de **2011***(NT.: este inverno começa em 21 de dezembro de **2011** e vai até o começo da primavera em 21 de março de **2012**).* O preço, estabelecido por A.A.W.S. em setembro, será de $ 6,00 *(seis dólares)* por cada publicação.

De acordo com *Charlie Shell*, não alcoólico, assessor de tecnologia da informação do ESG e que trabalhou no projeto dos *e-books* desde seu começo, os dispositivos compatíveis para o lançamento serão o ***Apple iPhone***, ***iPod Touch*** e ***iPad***. Para poder baixar e ler os *e-books* de A.A.W.S., o comprador deverá instalar primeiro o aplicativo ***A.A. eReader App*** que pode ser obtido gratuitamente na ***Apple Store***. A única maneira possível de baixar e ler os *e-books* de A.A. em dispositivos compatíveis é através de ***A.A. eReader App***.

Com os novos *e-books* de A.A., os membros irão ter ao alcance da mão a literatura essencial da Irmandade, e pouparão tempo, espaço e dinheiro, acrescentado ao mesmo tempo mobilidade e facilidade de uso. A função de busca de texto torna possível aos leitores encontrar passagens ou frases específicas ou palavras chave; o formato de *e-book* permite ajustar o tamanho do texto e acrescentar ou eliminar pontos de leitura e anotações para destacar aspectos importantes do texto.

A loja de *A.A. on-line,* acessível através do sítio da Web de A.A. do ESG - *www.aa.org*, ficará aberta 24 horas por dia. Terá disponível um serviço de atendimento ao cliente relacionado com o projeto de e-book no Escritório de Serviços Gerais através de correio eletrônico e telefone para questões relacionadas com a obtenção e o uso do ***A.A. eReader App,*** assim como assuntos a respeito da compra de e-books na loja de *A.A. on-line.*

Aproximadamente quatro semanas após o lançamento inicial, estará disponível uma versão ***Android*** de ***A.A. eReader App.*** Esta versão de ***A.A. eReader App,*** será compatível com os ***Smart Phones*** com a plataforma ***Android*** e podem ser baixados do ***Android Market.*** *Charlie Shell* também disse que o ESG e A.A.W.S. irão acompanhar as tendências dos dispositivos móveis para determinar os possíveis dispositivos que possam ser compatíveis no futuro.

Em um discurso escrito por Bill W. e pronunciado por sua mulher, Lois, no jantar anual do Intergrupo de Nova York em 10 de outubro de **1970**, tinha estas palavras: *"Com o passar dos anos A.A. deve e continuará a mudar. Não podemos nem devemos retroceder no tempo"*.

Portanto, embora a mensagem de esperança e recuperação em A.A. nunca mude, a forma como essa mensagem é transmitida continua evoluindo no mundo digital de nossos dias

Para saber mais:

N.T.: O que é e-Book?

Conceitos e definições, comparação com livros impressos.

http://www.tecmundo.com.br/1519-o-que-e-e-book-.htm

Se você consegue estabelecer a diferença entre uma carta e um E-mail, certamente sabe, por analogia, que livros e e-books se encaixam no mesmo conceito. Termo de origem inglesa, e-book é uma abreviação para "*eletrônico book*", ou livro eletrônico: trata-se de uma obra com o mesmo conteúdo da versão impressa, com a exceção de ser, por óbvio, uma mídia digital.

Apesar de ardorosamente criticados por extremistas – que acreditam que um livro jamais deveria ser substituído por um e-book –, o modelo eletrônico tem suas vantagens. Portabilidade é uma de suas principais características: uma obra chinesa pode ser adquirida no Brasil, e em questão de segundos. Quando o assunto é facilidade de transporte, então, nem se fala: enquanto milhares de e-books podem ser levados para cima e para baixo com o uso de um dispositivo móvel (como um pendrive), carregar dois livros simultaneamente é complicado.

O preço é outro atributo a ser levado em consideração, já que e-books, devido à sua facilidade de divulgação e ao seu baixo custo de produção, normalmente saem muito mais baratos que modelos impressos. E por falar em impressão, vale a pena salientar: se você preferir ler sentado confortavelmente em sua poltrona, pode imprimir o e-book.

Os formatos em que essas obras são encontradas variam, sendo que os mais tradicionais são .pdf, .doc, .odt, .txt, .lit e .opf; devido a essa variedade de extensões, foram desenvolvidos programas

específicos para a leitura de e-Books – softwares que são capazes de reconhecer todos esses formatos e apresentá-los em forma de texto. Se estiver procurando por um aplicativo do gênero, temos vários à disposição aqui no Baixaki (relacionados logo abaixo). Também escolhemos alguns programas que oferecem funcionalidades especiais a esse tipo de leitura, como um que recita *"em voz alta"* o que está escrito na tela. Agora é só escolher os que mais te agradam, pegar seu e-book favorito e *"olhos à obra"!*

Leia mais em: **http://www.tecmundo.com.br/1519-o-que-e-e-book-.htm#ixzz1fkxsZgE6**

7.49. Um propósito único

***Box 4-5-9*, Abril-Maio 2004 (pag. 1-2) => http://www.aa.org/newsletters/en_US/en_box459_april-may04.pdf**
Título original: *"**Singleness of Purpose"*.**

"Nossa Unicidade de Propósito – A pedra angular de A.A. (*)", foi o tema da Conferência de Serviço Gerais do ano de **2004** e destaca um dos principais objetivos que a Irmandade manteve durante quase 70 anos em que ofereceu um refúgio seguro para os alcoólicos que sofrem. Desde aquela tarde de maio de **1935** quando Bill W. e o Dr. Bob se conheceram e conversaram durante horas seguidas, bêbados tem-se reunido para compartilhar suas experiências forças e esperanças, com um único propósito: para ajudar a si próprios e a outros alcoólicos a se recuperar através Doze Passos da A.A. Durante a semana de 18 a 24 de abril de **2004**, os membros da Conferência irão reexaminar nossa unicidade de propósito – sua base espiritual e os desafios que a Irmandade enfrenta hoje. Eles vão tratar de temas como a responsabilidade para com o recém-chegado, salvaguardas da nossa unidade e o papel do grupo local; também irão participar de um seminário sobre a importância da unicidade de propósito para o indivíduo, Grupo, Distrito, Área, Grapevine (*no Brasil a Revista Vivência*), e ESG.

As Tradições, Terceira e Quinta, afirmam claramente: *"Para ser membro de A.A., o único requisito é um desejo de parar de beber"* e, *"Cada Grupo é animado de um único propósito primordial: o de transmitir sua mensagem ao alcoólico que ainda sofre"*. A.A. é para alcoólicos e pessoas que acreditam ter problemas com sua maneira de beber; como Irmandade temos um único objetivo que é o de compartilhar nosso programa de recuperação com outros alcoólicos. Entretanto, A.A. como um todo, membros e Grupos, têm encontrado obstáculos quando pretendem se ater unicamente a estes princípios básicos e essenciais de nossas Tradições.

Todas as Doze Tradições foram forjadas durante anos de tentativas e erros e, na maior parte, foram concebidas, não pela sabedoria de seus fundadores e pioneiros, mas pelo reconhecimento destes da necessidade de salvaguardas contra seus próprios defeitos de caráter. Nos primeiros anos da formação da Irmandade, seus primeiros membros pretendiam canalizar suas energias para a criação de hospitais, centros de educação sobre o álcool e outros projetos grandiosos. Entretanto, essa ânsia por grandiosidade vinha acompanhada pelo medo de perder a sobriedade recém-descoberta. No livro Doze Passos e Doze Tradições (pg. 125/126, no Brasil), Bill W. escreveu *"Em dada época, cada Grupo de A.A. tinha numerosas regras de ingresso. Todos temiam que alguém ou alguma coisa fizesse virar o barco, atirando todos de volta à bebida. O Escritório da nossa Fundação pedia a cada Grupo que enviasse sua lista de regras 'protetoras'. A lista total era quilométrica. Se todas aquelas regras vigorassem realmente em toda parte, ninguém teria*

conseguido ingressar em Alcoólicos Anônimos, tal a extensão da nossa ansiedade e dos nossos temores. Estávamos decididos a admitir a entrada em A.A.; apenas daquelas pessoas a quem chamávamos de 'alcoólicos puros...Isso agora talvez pareça cômico... Bem, tínhamos medo...Afinal, não será o medo a verdadeira base da intolerância?... Como poderíamos então adivinhar que todos aqueles temores resultariam infundados".

Mais de meio século depois, essas palavras ainda parecem não ser tão cômicas assim. Com o afluxo de futuros membros que sofrem de outros problemas, nossa fé em que esses temores são infundados é testada diariamente. Como A.A. tornou-se cada vez mais conhecido e respeitados aos olhos do público, muitas outras organizações adotaram nossos Doze Passos de recuperação para uma ampla variedade de problemas e adições. Isso resultou numa distorção na distinção entre A.A. e outras instituições – *"o álcool também é uma droga*", podemos ouvir dos recém-chegados que não são alcoólicos, mas – muitas vezes informados por bem-intencionados amigos de A.A, acreditam que as reuniões de A.A. são o lugar mais adequado para aqueles com qualquer problema ou adição.

As orientações para essa situação estão claras em um artigo que Bill W. escreveu na revista Grapevine, em fevereiro de **1958**, com o título *"Outros problemas além do álcool,"* (disponível nos ESL´s com o código 220): *"Nossa primeira responsabilidade como Irmandade, é a de garantir nossa própria sobrevivência. Portanto, temos que evitar confusões e as atividades de propósitos múltiplos.... Sobriedade – libertação do álcool – através da aprendizagem e da prática dos Doze Passos, é o único propósito de um Grupo de A.A..... Temos de limitar nossa Irmandade aos alcoólicos e também limitar os nossos Grupos de A.A. a um único propósito. Se não nos agarrarmos a esses princípios, certamente fracassaremos. E se fracassarmos, não poderemos ajudar ninguém".*

Como lidar com alcoólicos com outras adições (dependência cruzada, no Brasil) que persistem em falar sobre outros problemas nas reuniões é uma questão diferente. No mesmo artigo, Bill escreve sobre *"um dos melhores AAs que conheço é um homem que esteve sob a dependência da agulha sete anos antes de se juntar a nós. Mas, antes da dependência da droga, ele tinha sido um alcoólico ativo e sua história comprovou isso. Portanto tinha o requisito para tornar-se membro de A.A., e passou a ser um de nós".* Devem insistir os Grupos em que os recém-chegados, portadores de dupla dependência, limitem seus depoimentos unicamente ao seu alcoolismo? Os Grupos deverão exigir dos futuros membros a identificação de sua principal dependência antes de aceitá-los como ingressantes? Ou, simplesmente podemos acolher e saudar estes homens e mulheres na confiança de que virão, ouvirão e irão encontrar seu próprio caminho?

Na Conferência de **1983**, cujo tema foi *"Estamos ajudando o portador de dependência dupla?"*. A delegada Dyanne G. descreveu a forma como seu Grupo lhe deu as boas-vindas *"Agradeço a Deus por ter ingressado num Grupo amadurecido e suficientemente espiritualizado onde não encontrei nenhuma censura aos meus depoimentos e ações a fim de (meus companheiros), se protegerem de mim. Eu falei sobre drogas, e usei um monte de palavrões ao fazê-lo! O Grupo me tratou com a dignidade suficiente para eu poder escolher mudar estas coisas e a liberdade para fazê-lo quando eu pudesse, não quando eles achavam que eu deveria. O meu Grupo parece não ter nenhuma dificuldade em lidar com o nosso único propósito, que é o de levar a mensagem aos alcoólicos ainda sofrem. Entretanto, no começo foi um pouco confuso. Há uma linha tênue entre defender nossa Tradição de unicidade de propósito e limitar ou restringir a adesão de membros. O dia em que A.A. comece a rejeitar as pessoas que podem ser alcoólicas começaremos a morrer. Onde fica a nossa boa vontade se, para defender nossos 'direitos', destruímos A.A.?"*

Unicidade de propósito tem sido o tema de várias Conferências anteriores, e praticamente em todas e cada uma das discussões e ações de assessoramento relacionadas com esse assunto tomaram muitas horas. A Conferência de **1987** debateu por quase um dia inteiro uma recomendação para a aprovação pela Conferência de uma instrução para diferenciar reuniões abertas e fechadas sugerindo que *"ao discutir nossos problemas, nos limitemos unicamente aos problemas que se referem ao alcoolismo."* Alguns alegaram que nenhum Grupo tem o direito de dizer a ninguém o que falar; outros pediram ajuda para lidar com pessoas com outras adições e que estavam dominando reuniões. Os procedimentos de votação normais foram suspensos e por varias vezes foram recontados os votos favoráveis e contrários à proposta, até que todos se satisfizeram por ter alcançado uma verdadeira consciência de Grupo. No final, a Conferência, com substancial unanimidade votou contra a aprovação da proposta, mas criou uma peça de orientação conhecida como *"Blue Card"* (Cartão Azul) disponível para os Grupos que desejam essa orientação (**).

Os adictos e pessoas com outras dependências não contempladas pela unicidade de propósito de A.A. não irão desaparecer – eles são uma das consequências do nosso próprio sucesso. Ironicamente, alguns dos nossos bons amigos no campo do alcoolismo agravam o problema porque eles acreditam que o nosso programa funciona melhor do que qualquer outra coisa para uma variedade de adições. Informação pública e um bom trabalho de cooperação com profissionais é parte da resposta, mas, em última análise, não podemos controlar o que outros fazem – apenas como nós mesmos iremos reagir. Se, na defensiva, respondemos com uma enxurrada de restrições, não estaremos saindo de nosso propósito ao impedir a participação de alcoólicos que ainda não reconheceram se problema?

No encerramento da 36ª Conferência de Serviços Gerais em 26 de abril de **1986**, no Hotel Roosevelt em Nova York, Bob Pearson **(1917-2008),** deu uma poderosa e inspiradora palestra de encerramento. Bob P. foi Gerente Geral do Escritório de Serviços Gerais (GSO), em Nova York, entre **1974** e **1984** e depois serviu como conselheiro sênior para o GSO, de **1985** até sua aposentadoria. Foi um momento especialmente significativo, pois sabia que iria se aposentar no ano seguinte, e que esta seria sua última Conferência de Serviços Gerais. *"Faço eco aqueles que sentem que, se a Irmandade um dia vier hesitar ou falhar, não será por causa de qualquer causa externa. Não, não será por causa de centros de tratamento ou de profissionais da área, ou da literatura não aprovada pela conferência, ou dos jovens, ou dos portadores de dependências cruzadas, nem até mesmo dos usuários de drogas tentando assistir às nossas reuniões... Será porque não podemos controlar nossos próprios egos e porque somos incapazes de conviver bem uns com os outros. Será porque temos muito medo e insegurança, rigidez, falta de confiança e de bom senso?*

Se você me perguntasse qual é o maior perigo enfrentado por A.A. hoje, eu teria que responder: a rigidez crescente - a demanda por respostas absolutas para minúcias; a pressão sobre o GSO para 'reforçar' *as nossas tradições; a triagem de alcoólicos em reuniões; a proibição de literatura não aprovada pela Conferência; o estabelecimento de mais e mais regras para controlar os grupos e seus membros. Esta tendência à rigidez está nos afastando cada vez mais dos nossos membros fundadores. Bill, em particular, deve estar dando voltas em seu túmulo, pois ele foi talvez a pessoa mais permissiva que eu já conheci. Uma de suas frases preferidas era:* 'Cada grupo tem o direito de estar errado'. *Ele era irritantemente tolerante com seus críticos e tinha fé absoluta na capacidade de AA se autocorrigir".*

(*) N.T.: Pedra angular (ou fundação de pedra) é a primeira pedra no conjunto na construção de uma fundação de alvenaria, importante, pois todas as outras pedras serão definidas em referência a essa pedra, determinando assim a posição de toda a estrutura.

http://pt.wikipedia.org/wiki/Pedra_Angular

(**) PARA SABER MAIS:

N.T.: A Conferência de **1987** (EUA/Canadá) criou uma declaração de propósito e o ESG tornou disponível para os Grupos que ***quiserem*** utilizá-lo, um cartaz que ficou conhecido como *Blue Card* ou, ***Cartão Azul,*** com o código F-17. (abaixo, à esquerda). Seu texto:

THIS IS A CLOSED MEETING OF ALCOHOLICS ANONYMOUS

This is a closed meeting of Alcoholics Anonymous. In support of A.A.'s singleness of purpose, attendance at closed meetings is limited to persons who have a desire to stop drinking. If you think you have a problem with alcohol, you are welcome to attend this meeting. We ask that when discussing our problems, we confine ourselves to those problems as they relate to alcoholism.

(The 1987 General Service Conference made this statement available as an A.A. service piece for those groups who wish to use it.)

To Reorder, write to:
General Service Office, Box 459, Grand Central Station, New York, NY 10163

THIS IS AN OPEN MEETING OF ALCOHOLICS ANONYMOUS

This is an open meeting of Alcoholics Anonymous. We are glad you are all here — especially newcomers. In keeping with our singleness of purpose and our Third Tradition which states that "The only requirement for A.A. membership is a desire to stop drinking," we ask that all who participate confine their discussion to their problems with alcohol.

(The 1987 General Service Conference made this statement available as an A.A. service piece for those groups who wish to use it.)

50M - 11/01 (FY0) F-17

Blue Card - *Cartão Azul*

*"Esta é uma reunião **ABERTA** de Alcoólicos Anônimos. Estamos contentes por vocês terem vindo, especialmente os recém-chegados. De acordo com nossa unicidade de propósito e nossa Terceira Tradição que afirma que* 'Para ser membro de Alcoólicos Anônimos, o único requisito é o desejo de parar de beber', *pedimos a todos os participantes que limitem os comentários a seus problemas com o álcool".*

*"Esta é uma reunião **FECHADA** de Alcoólicos Anônimos. Em conformidade com a singeleza de propósito de A.A., a participação em reuniões fechadas está limitada às pessoas que têm o desejo de parar de beber. Se você acha que tem têm problemas com o álcool, você está convidado a participar desta reunião. Pedimos que, ao discutir os nossos problemas, nos limitemos unicamente aos que dizem respeito ao alcoolismo".*

http://home.capecod.net/~action-12steps/spur/bluecard.html

A Conferência de **1997** aprovou uma definição revisada da declaração da Unicidade de Propósito de A.A. que oferece uma possível solução para pessoas com outros problemas que queiram se tornar membros de A.A.: *"O alcoolismo e a drogadicção podem ser classificados como* 'abuso de substâncias químicas' *ou como* 'dependência de substâncias químicas'. *Por conseguinte, às vezes se permite, em A.A., tanto a introdução dos não alcoólicos como a dos alcoólicos e lhes é feita a recomendação de que assistam às reuniões. Qualquer pessoa pode assistir às reuniões abertas de A.A. Mas unicamente os que têm um problema com a bebida podem assistir às reuniões fechadas ou tornarem-se membros de A.A. As pessoas que têm outros problemas diferentes do alcoolismo podem se tornar membros de A.A. somente se tem um problema com a bebida".*

7.50. Unicidade de propósito de A.A.

***Box 4-5-9*, Fev. Mar. 2003 (pag. 3-4) => http://www.aa.org/newsletters/es_ES/sp_box459_feb-mar03.pdf**
Título original: "***Unicidad de propósito".***

A *"Unicidade de Propósito"* é essencial para o tratamento do alcoolismo. O motivo para merecer tão exagerado enfoque é o de superar a negação. A negação associada ao alcoolismo é astuta, desconcertante e poderosa e afeta ao paciente, a quem o ajuda e à comunidade. A menos que

o alcoolismo se mantenha incessantemente em primeiro plano, outros assuntos irão usurpar a atenção geral.

Os trabalhadores no campo da saúde mental e da pesquisa têm uma grande dificuldade com a Quinta tradição de A.A. - *"Cada Grupo é animado de um único propósito primordial: o de transmitir sua mensagem ao alcoólico que ainda sofre"*. Uma vez que estes trabalhadores costumam admirar o sucesso e a fácil disponibilidade geográfica de Alcoólicos Anônimos, pode-se compreender que desejem ampliar a composição dos membros para incluir pessoas que abusam de outras substâncias. Também percebem que o uso apenas do álcool é cada vez menos frequente, e o abuso de várias drogas combinadas é mais comum. Estes trabalhadores da saúde mental consideram que a unicidade de propósito de A.A. é antiquada e exclusivista. Acham que essa Tradição é uma relíquia dos primeiros dias de A.A. e que os jovens, os pobres e as minorias com antecedentes criminais serão excluídos. Além do mais, quando não há fácil disponibilidade de um centro profissional para o tratamento de drogas ou um Grupo de Narcóticos Anônimos (NA) é difícil para estes profissionais entender porque A.A. com sua tradição de trabalho do Décimo Segundo Passo, não intervém para preencher esse vazio.

Como trabalhador na área da saúde mental e pesquisador, acredito que há dois argumentos que anulam essas preocupações. O primeiro, a Terceira Tradição de A.A., *"Para ser membro de A.A., o único requisito é o desejo de parar de beber"*, faz com que A.A. não seja exclusiva. A cada ano A.A. acolhe entre seus membros muitos milhares de alcoólicos pobres, alcoólicos com problemas de drogas, alcoólicos pertencentes às minorias e alcoólicos condenados pela Justiça. A.A. não exclui ninguém que tenha o desejo de parar de beber.

O segundo argumento, que a *"Unicidade de Propósito"*, como necessária para superar a negação, é ainda mais poderoso. Se houver a opção de escolher, ninguém irá querer falar do alcoolismo. Ao contrário: dedicam-se muitas manchetes à adição às drogas, e investem-se muitos fundos para sua pesquisa e para atrair a atenção de profissionais clínicos para essa área. Depois de dois anos de trabalho no Centro Federal de Tratamento de Narcóticos de Kentucky, eu, um simples professor assistente, fui convidado para falar a respeito da adição à heroína. Em fins dos anos 90, como professor titular e depois de 25 anos de pesquisa sobre o alcoolismo e sua enorme morbosidade, finalmente me pediram para falar sobre o álcool na minha cidade natal. O tema que me propuseram foi *"Porque o álcool é bom para a saúde"*. Em poucas palavras, o maior obstáculo para o tratamento do alcoolismo é a negação.

Comecei minha carreira psiquiátrica num Centro de Saúde Comunitária profundamente dedicado. A comunidade tinha manifestado sua opinião de que o abuso do álcool era seu maior problema. Depois de dez anos em operação, o centro se limitava a tratar os problemas segundo, terceiro e quarto da comunidade. Não se dedicavam recursos ao tratamento do álcool.

Trasladei-me a outro Centro Comunitário de Saúde Mental que também havia, ouvido seus cidadãos e tinha aberto um ambulatório para o tratamento do alcoolismo. Foi-me pedido para cobrir o posto de codiretor da clínica e fui o último psiquiatra contratado por esse centro de saúde mental. Significativamente, eu não tinha experiência com o alcoolismo, mas nenhuma outra pessoa queria o trabalho.

Com exceção do tabaco, o álcool é um problema de saúde e familiar maior que todas as demais drogas. O abuso do álcool custa ao país mais que os gastos totais orçados para todas as doenças de pulmão e câncer. Depois do fumo e da obesidade, o abuso do álcool é talvez a terceira

causa de mortes no país. Entretanto, é terrivelmente difícil tomar conhecimento deste perigo. O abuso do álcool cobra 100.000 vidas ao ano, e nos pavilhões médicos e cirúrgicos custa de duas a seis vezes mais tratar 25% dos pacientes com problemas de alcoolismo, do que tratar os demais pacientes. Entretanto, as residências médicas e cirúrgicas, tão conscientes dos gastos neste século XXI, excluem invariavelmente o alcoolismo de seus programas. Não há tempo suficiente, dizem, para prestar atenção ao alcoolismo. Parta combater esta negação, o princípio da *"Unicidade de Propósito"* de A.A. é uma necessidade.

Dito de outra maneira, o sucesso de A.A. documentado experimentalmente no tratamento do alcoolismo se deve, mesmo em parte, a que os Grupos de A.A. são o único lugar do mundo no qual o foco é o alcoolismo e unicamente o alcoolismo. Simplesmente, não há outra maneira de superar a negação.

Resenhas biográficas:

*O **Dr. George Eman Vaillant*** **(1),** *nascido em **1934** nos EUA, é psiquiatra e psicanalista, trabalha em Harvard; é mundialmente conhecido por seu livro **"A História Natural do Alcoolismo"** **(2),** de **1983**, recentemente revisto e traduzido para o português e é há décadas respeitado como uma das maiores autoridades mundiais em alcoolismo.*

*Grande amigo de A.A., quando escreveu o artigo acima era Custódio (não alcoólico) da Junta de Serviços Gerais nos EUA (lá, são 21 Custódios: 14 alcoólicos – Classe B, e sete não alcoólicos – Classe A), encargo que ocupou de **1998** até **2004** quando foi substituído por outro médico e também professor de Harvard, o Dr. Bill Clark.*

N.T. (1): Em agosto de **1999**, o Dr. Vaillant esteve no Brasil para participar do 13º Congresso Brasileiro de Alcoolismo celebrado no Rio de Janeiro entre os dias 12 e 15 de agosto de **1999**. Na ocasião, deu uma entrevista a Lucila Soares da revista ***Veja***, publicada nas Páginas Amarelas da Edição **1611** de 18 de agosto de **1999**, com o título *"O porre é grotesco"*. Veja a entrevista em:

Entrevista: George Vaillant

O porre é grotesco

O médico que coordenou a maior pesquisa sobre alcoolismo já feita no mundo diz que dois drinques por dia são o limite

http://veja.abril.com.br/acervodigital/home.aspx
http://adroga.casadia.org/news/porre_grotesco.htm

Leia a palestra que o Dr. Vaillant proferiu no13º Congresso Brasileiro de Alcoolismo celebrado no Rio de Janeiro entre os dias 12 e 15 de agosto de **1999,** sobre *"A.A. – Culto ou Pílula Mágica"*, em:

http://aabr.com.br/ver.php?id=266&secao=10

Você também poderá ler no ***Box 4-5-9***, Fev. Mar. **2003** (pag. 3-4) o artigo escrito pelo Dr. Vaillant *"Unicidade de propósito"* em:

http://www.aa.org/newsletters/es_ES/sp_box459_feb-mar03.pdf.

N.T. (2): No Brasil este livro é publicado pela Editora Artmed. Pode ser encontrado entre outros sítios, em:

http://compare.buscape.com.br/a-historia-natural-do-alcoolismo-revisitada-vaillant-george-8573072628.html#precos

http://www.livrariasaraiva.com.br/produto/432016/a-historia-natural-do-alcoolismo-revisitada/

7.51. *Website* redesenhado é uma *"mão amiga"* para levar a mensagem de A.A.

***Box 4-5-9*, setembro 2014 (pag. 3-4) => http://www.aa.org/newsletters/es_ES/sp_box459_fall14.pdf**

Título original: ***"Sitio web rediseñado es una* 'mano amiga' *para llevar el mensaje de A.A."***

Alcohólicos Anónimos
Convención Internacional de 2015
REFLEXIONES DIARIAS
English
Español
Français
Bienvenidos a Alcohólicos Anónimos®
Buscar
¿NECESITA AYUDA PARA UN PROBLEMA CON LA BEBIDA?
Si está preocupado por un problema con la bebida, desea saber más acerca de Alcohólicos Anónimos, o quiere encontrar a A.A. cerca de usted, nosotros podemos le podemos ayudar.
Más información »
ENCONTRAR A.A. CERCA DE USTED
Localidades EE.UU./Canadá
Código postal
Seleccionar un pais
INFORMACION SOBRE A.A.
¿Qué es A.A.?
Para profesionales
Para miembros de A.A.
eBooks
Lea el Libro Grande y los Doce Pasos
Edición del 75º Aniversario
Literatura de A.A.
Revistas Grapevine y La Viña
Convención Internacional
Página de inicio
Para Contactarnos
Mapa de sitio web
Ayudas de este Sitio Web
Comentarios sobre el Web Site
Prensa/otros medios
Videos y Audios
Declaración de privacidad
Política de Uso Justo
La Política de Propiedad Intelectual
La política de A.A.W.S. referente al Web site
AAGRAPEVINE.ORG
Copyright © 2014 Alcoholics Anonymous World Services, Inc. Reservados todos los derechos. Este es el sitio web oficial de la Oficina de Servicios Generales de Alcohólicos Anónimos (O.S.G.) "Los videos y las imágenes gráficas no se pueden trasvasar ni copiar sin el explícito permiso escrito de Alcoholics Anonymous World Services, Inc."

Com mais de 25.000 visitantes todos os dias, o *website* (sítio na rede) de A.A. do ESG-NY, oferece uma via muito transitada para os membros de A.A. e outras pessoas interessadas em obter informações sobre o alcoolismo e a recuperação. Para acomodar todo este tráfego e manter o ritmo das mudanças no ambiente digital, o *website* recentemente criou uma nova cara e estreou um redesenho no início do mês de junho. Muito mais do que uma mera mudança de aparência e gráficos, o *website* redesenhado apresenta uma completa reorganização do material e algumas novas características com funcionalidade atualizada e uma infinidade de novos atributos e apresenta aos visitantes uma experiência *on-line* mais contemporânea e fácil de navegar.

Acessível em três idiomas – espanhol, inglês e francês – com navegação simplificada entre os três, a arquitetura do novo sítio foi desenvolvida a partir de zero com uma codificação e linguagem de desenvolvimento de ponta, levando a um melhor desempenho e maior velocidade e adaptada especificamente às características e aplicações do *website*.

Daniel Brown - não alcoólico, gerente de mídia digital do ESG-NY e responsável pela implementação da reorganização e redesenho do sítio diz: *"A força motriz e a ideia fundamental da nossa estratégia digital é, e sempre será, a de assegurar que possamos oferecer à Irmandade de A.A. e outras pessoas interessadas em A.A. uma mão amiga para ajudá-las no seu propósito de levar a mensagem, fornecendo-lhes informações de fácil acesso e bem adaptadas ao ambiente digital em contínua evolução"*.

Resultado de um projeto que se estendeu por quase dois anos, esta última versão do *website* representa uma ampliação das melhorias anteriores e a utilização do sítio como um poderoso auxiliar dos trabalhos de Décimo Segundo Passo realizados por membros de A.A. nos EUA, no Canadá e ao redor do mundo. Produto de muita pesquisa e muitas contribuições de todas as partes da Irmandade, o *website* atualizado fez a transição, passando das funções mais centralizadas de versões anteriores, para uma estrutura mais fluida, interconectada e *"intuitiva"*. Fazendo uso dos métodos de analise disponíveis através do *website* - informações relacionadas com a maneira com que as pessoas usam o sítio, as páginas visitadas com mais frequência, os dados mais buscados - e das contribuições diretas de usuários de todas as partes da Irmandade, foi realizada uma avaliação que serviu para formular os princípios orientadores do redesenho. *"Essencialmente"*, diz Daniel, *"os visitantes acessam o* website *por três motivos principais: 1) para obter ajuda com um problema com a bebida; 2) para*

localizar as reuniões e recursos de A.A. nas proximidades; e, 3) para obter informações gerais sobre A.A. de interesse para os membros, amigos e profissionais".

Com estes três motivos para guiá-los no redesenho, o pessoal do ESG-NY, a Junta de A.A.W.S. *(Serviços Mundiais de A.A.),* o departamento de Serviços aos Grupos e o departamento de Publicações começaram a colaborar na reconfiguração dos materiais existentes e no desenvolvimento de materiais adicionais para complementar o núcleo de experiência, força e esperança. Tracey O., membro do pessoal do ESG-NY descreve o raciocínio em que a reorganização se baseou: *"O plano original, basicamente, era modernizar o* website *e torná-lo mais amigável em termos de concepção, organização e interatividade. O* 'ambiente' *ou seja, a aparência e a função do sítio antigo já estavam ultrapassadas e pouco* 'intuitivas' *e nós tentamos corrigi-las em pedacinhos, conforme as preocupações iam sendo apresentadas. Com uma arquitetura sobrecarregada na parte superior, o desenho anterior tinha várias camadas de informação para cada autorização de serviço, o que dificultava a navegação para os usuários.*

Esta foi uma das nossas principais preocupações e queríamos manter tudo o mais simples possível sem sacrificar a funcionalidade do sítio", disse Tracey.

O projeto começou com os trabalhos do Comité do Redesenho do *Website* do ESG-NY e do Comitê de Serviços de A.A.W.S (agora chamado de Comitê de Tecnologia/Comunicação/Serviço) que é responsável pela supervisão essencial do *website* na sua totalidade, *"essencialmente, nossos objetivos foram a atualização do desenho do sítio e ampliar sua capacidade",* diz Tracey, *"... para tornar o* website *mais fácil de usar, mais atraente e mais acessível para toda a gama de visitantes.*

Portanto, em relação à página inicial (home page), *focamo-nos principalmente em garantir que nossos três grupos linguísticos tenham suas preocupações abordadas com clareza e agilidade. Uma grande parte da informação que agora aparece na página inicial já estava disponível na versão anterior, mas requeria do visitante tempo e habilidade para encontrá-la".*

No que respeita às características e recursos novos e aprimorados que os visitantes podem esperar encontrar, uma melhoria significativa, de acordo com Mary C., atual coordenadora da Conferência, é a nova informação sobre as diferentes formas de participar do serviço que aparece na página inicial na seção intitulada *"Para os membros de A.A."*

"A reorganização e o redesenho oferecem aos membros um meio para acessar mais facilmente as informações sobre o serviço - e como participar. Estamos muito entusiasmados com o novo desenho e acreditamos que a vasta gama de materiais de serviço de que dispomos será mais facilmente acessível.

Há uma página dedicada especificamente a como começar a sua participação no serviço - com páginas relacionadas com os RSGs e MCDs - e uma página da 'Vida do Grupo de A.A.' *onde existem recursos e experiência compartilhada que poderão resultar de utilidade para muitos Grupos.*

Uma novidade é a seção dedicada aos novos servidores de confiança que oferece orientação para os membros recém-chegados ao trabalho de serviço; explica-lhes como se inscrever na lista do ESG e que tipo de materiais lhes pode ser úteis nas suas novas funções".

Outro aspecto muito interessante, diz Mary, é a lista de materiais para cada um dos Comitês de Serviço - Informação Pública/Cooperação com a Comunidade Profissional, etc.- com uma função de *"Recurso em destaque",* que, na maioria dos casos, indica o *Livro de Trabalho* associado com

cada Comitê, recurso, este, que oferece uma rica mina de informações para os indivíduos, Grupos e Comitês com apenas um clique.

O *website* não fornece informações sobre as reuniões de A.A. diretamente. Oferece informações de contato e *links* (atalhos) para os Escritórios de Serviços Locais de A.A. – ESLs, e outros sítios onde podem ser encontradas reuniões de A.A. ou falar com um membro de A.A.

Outros pontos de interesse incluem fotos dos Arquivos Históricos do ESG-NY e uma biblioteca de áudio com palestras de Bill W. e do Dr. Bob; uma seção redesenhada dedicada ao livro Reflexões Diárias onde podem ser procuradas entradas específicas, navegar em qualquer data que se deseje e compartilhar textos com amigos via correio eletrônico *(e-mail);* ademais, foi reformatada a coleção completa de anúncios de serviço público em áudio e vídeo para melhorar a compatibilidade com todas as plataformas digitais, oferecendo, assim, um acesso mais fácil.

Para aqueles que querem saber se têm um problema com a bebida, na seção intitulada *"Precisa de ajuda para um problema com bebida?"* há uma versão electrónica confidencial do *"Você deve procurar A.A.? - Doze questões que somente você pode responder"* (Junaab, código 223) que os visitantes podem completar *on-line*. Para jornalistas e outros profissionais dos meios de comunicação interessados em A.A., há um portal recém reconfigurado *"Para os meios de Comunicação"* mostrando informações básicas sobre A.A. e detalhes importantes sobre o anonimato. De acordo com Mary C., recentemente encarregada do Departamento de Informação Pública, o redesenho já teve um impacto nos serviços de Informação Pública fornecidos pelo ESG-NY. *"No curtíssimo tempo desde o lançamento do* website *redesenhado"*, Mary disse: *"houve um substancial aumento no número de pedidos de anúncios de serviço público feitos pelas emissoras de rádio e de televisão"*.

Em relação à tecnologia atualizada do novo sítio, foi agilizada e melhorada a função de busca para tornar possível ao visitante encontrar recursos relacionados especificamente com o seu interesse particular e foi dada atenção especial ao *renderizado* (compilação) entre navegadores diferentes, resultando em maior compatibilidade entre plataformas. Isto permitiu que pessoas com deficiência, utilizando tecnologia assistida possam ter acesso mais facilmente e desfrutar do *website*.

Outro avanço importante é a versão móvel do sítio que está agora disponível - uma alteração que foi feita durante a avaliação da análise da utilização do *website*. Descobriu-se que quase metade dos visitantes da www.aa.org usam plataformas móveis (celulares, *tablets,* etc.) para se conectar ao *website* e a partir daí percebemos a necessidade de criar uma versão local mais concentrada e acessível do sítio e, mesmo que a *"versão regular"* do *website* está ainda disponível ao ser acessado através de um dispositivo móvel, os usuários serão transferidos para uma versão especificamente desenhada para estes dispositivos portáteis.

Os comentários que temos recebido geralmente têm sido positivos, diz Tracey O., que, na qualidade de coordenadora de Serviços para os Grupos do ESG-NY é a responsável pela coleta de comentários e reações e de monitorar os problemas que, eventualmente, possam ocorrer no *website*. No Formulário de comentários sobre o *website*, um visitante satisfeito escreve: *"Parabéns, muito bem-feito... um* website *muito atraente, estimulante e inovador! Boa consciência de Grupo. Funciona!"*.

Assim como a sobriedade e o mesmo desenvolvimento espiritual, o *website* é um projeto inacabado que precisamos continuar cuidando, avaliando e enriquecendo-o. No entanto, por muito importante que seja o *website* nesta era digital, todos os envolvidos neste recente redesenho

percebem claramente que um *website* nunca deve nem pode substituir a tradicional comunicação face a face entre um alcoólico e outro - este vínculo especial tão claramente forjado quando Bill W. falou com o Dr. Bob.

Mas é sempre agradável contar com uma mão amiga.

8. Em memória de...

8.1. Dr. William Duncan Silkworth (1873-1951)

***Box 4-5-9*, Inverno (Dez.) 2010 (Pág. 4- 6) => http://www.aa.org/newsletters/es_ES/sp_box459_winter10.pdf**
Título original: ***"William Duncan Silkworth:* 'El pequeño doctor que amaba a los borrachos'"**

Bill W. dizia com frequência que o programa de A.A. tinha uma grande dívida com a religião e a medicina. Atribuía o mérito da contribuição religiosa ao Grupo de Oxford e ao Dr. Sam Shoemaker e ao mesmo tempo indicava que os princípios espirituais vinham da antiguidade e eram universais, portanto, propriedade comum da humanidade.

Enquanto à contribuição da medicina, atribuía grande parte do mérito ao ***Dr. William Duncan Silkworth,*** o médico que tinha tratado dele no Hospital Towns de Nova York em **1934**. A gratidão. A gratidão que Bill sentia por ***Silky,*** como ele o chamava, parecia não ter limites, e nos últimos anos de vida, Bill tratou de ajudá-lo inclusive, financeiramente.

Quais foram as principais contribuições do Dr. Silkworth a Bill e a A.A.? Houve varias. Uma delas foi mostrar a Bill a natureza mortal e incurável do alcoolismo ao defini-la como *"uma alergia física junto como uma obsessão mental"*. O Dr. Silkworth iria-se converter num forte defensor da crença de que o alcoolismo tem uma causa física além de causas emocionais e mentais. Defendeu esta crença em artigos publicados em revistas de medicina.

Outra contribuição foi sua resposta compreensiva e favorável à iluminação espiritual que Bill teve no Hospital Towns em dezembro de **1934**, uma experiência que colocou Bill no caminho para a sobriedade permanente e mudou para sempre sua vida (outro médico poderia ter considerado essa experiência como um sinal de transtorno mental ao invés de um possível ponto de mudança na recuperação de Bill).

Depois que Bill saiu do hospital, o Dr. Silkworth lhe deu permissão para voltar e contar sua história a outros pacientes alcoólicos, uma prática que mais tarde se converteria na tradição de *"levar a mensagem"*. Embora atualmente seja uma pratica habitual, membros de A.A. ir visitar alcoólicos hospitalizados, o Dr. Silkworth estava correndo risco profissional ao permitir que Bill fizesse isso em **1935**. Depois, quando A.A. se converteu num movimento e publicou o Livro Grande em **1939**, o Dr. Silkworth deu seu aval escrevendo *"A opinião do médico"* que aparece no começo do livro em todas as edições.

Finalmente, O Dr. Silkworth continuou sendo amigo de A.A. e recomendava o programa a outros médicos. Ao rever seu histórico poder-se-ia dizer que foi a pessoa certa no momento certo para o que Bill e A.A. precisavam.

William Duncan Silkworth foi por formação e por temperamento o tipo de médico que poderia ser atraído pela difícil especialidade de tratar alcoólicos e outros adictos.

Nascido no Brooklin em **1873** mostrou desde muito cedo interesse pela medicina e os seus aspectos emocionais e mentais. Por natureza era uma pessoa compassiva que poderia manifestar um profundo interesse pelos seus pacientes independentemente da especialidade que tivesse escolhido.

Em **1892** matriculou-se na Universidade de Princeton. Foi um bom aluno e em **1896** iniciou seus estudos práticos de medicina no Hospital Bellevue. Este era o lugar ideal para iniciar uma carreira de medicina na especialidade do tratamento do alcoolismo e a adição às drogas, embora este não tivesse sido seu objetivo no início. Mas, como registrado num artigo da Grapevine publicado em **1951**, descobriu enquanto trabalhava no Bellevue que se sentia atraído pelos alcoólicos e estes por ele.

"Quando ninguém podia acalmar um bêbado alterado, O Dr. Silkworth podia fazê-lo" dizia um artigo da Grapevine. *"E descobriu, para sua surpresa, que os bêbados mais difíceis falavam com ele tranquilamente – e inclusive mais surpreendente, muitos deles choravam. Pareceu evidente que ele exercia – ou era exercido através dele, algum tipo de influencia degeladora nas gelas fontes da vida do alcoólico"*.

Em **1902** casou-se com Marie Antoinette Bennett, que seria sua companheira a vida toda num casamento muito unido. Tiveram apenas um filho que morreu uma semana depois de nascer. O Dr. Silkworth tinha todas as qualidades para ser um bom homem de família e é possível que a energia que poderia ter consagrado a criar filhos a dedicara ao trabalho.

Apesar da sua excelente formação e talento, o Dr. Silkworth passou por alguns anos de desilusão antes de descobrir a sua verdadeira vocação. Tentou montar um consultório particular, mas descobriu que seria mais conveniente trabalhar regularmente em hospitais. Durante a Primeira Guerra Mundial passou dois anos como membro do corpo psiquiátrico do Hospital do Exercito dos EUA em Platsburg, Nova York. Por coincidência, esta foi a mesma base militar em que Bill W. teve sua formação de oficial, mas os dois não se conheceram durante esse período. O Dr. Silkworth também passou vários anos no corpo médico do Instituto Neurológico do Hospital Presbiteriano de Nova York, atualmente conhecido como Columbia-Presbyterian. Durante algum tempo teve um bom salário e parecia estar a caminho de se tornar rico

Mas na quebra da Bolsa de **1929** perdeu toda sua poupança e viu-se obrigado a aceitar um posto de trabalho no Hospital Charles B. Towns, por um salário de 40 dólares semanais. Aparentemente um grande revés na sua vida, isto resultaria ser um caso proverbial de que, *"não há mal que por bem não venha"*. Foi lançado na carreira de médico especializado no tratamento do alcoolismo e da drogadicção. Uma consequência disso foi a de ter a Bill W. como paciente e dar-lhe conselho e ajuda importantes.

Na sua história pessoal, Bill descreve o Hospital Towns como um hospital renomado a nível nacional para a reabilitação mental e física dos alcoólicos. Foi-lhe recomendado pelo seu cunhado, o Dr. Leonard Strong. *"Sob o chamado* **tratamento da beladona (1)** *começaram a clarear meus sentidos"*, escreveu Bill sobre a sua primeira estadia no Hospital Towns. *"A hidromassagem e exercícios suaves me ajudaram muito. E o melhor de tudo, conheci um médico muito amável que me explicou que, embora sem dúvida eu fosse um homem egoísta e bobo, havia estado gravemente doente, física e mentalmente"*.

Isso foi o começo de sua amizade e no início, parecia ao Dr. Silkworth que Bill tinha boas chances de conseguir a sobriedade. Muito poucos de seus pacientes se mantinham sóbrios por longos períodos de tempo, mas ele nunca perdeu a esperança, Bill, com os novos conhecimentos adquiridos a respeito da natureza do seu alcoolismo, saiu do hospital acreditando ter solucionado o problema. O conhecimento de si mesmo iria salvá-lo.

Mas Bill voltou a beber e retornou ao Hospital Towns. *"Pareceu-me que tinha chegado o fim; as cortinas tinham-se fechado", escreveu. "Informaram a minha mulher, exaurida e desesperada, que tudo acabaria com um ataque cardíaco durante um delirium tremens, ou acabaria tendo um edema cerebral talvez em menos de um ano. Logo seria entregue ao coveiro ou internado num manicômio".*

Ao sair novamente do hospital, Bill se manteve um tempo sóbrio antes de se jogar novamente na que ia ser sua última bebedeira em novembro de **1934**. Quando voltou ao Hospital Towns pela terceira vez **(2),** estava considerando seriamente um programa espiritual que um velho amigo tinha-lhe apresentado. Durante essa terceira internação teve a deslumbrante experiência espiritual que aparece descrita no Livro Azul *(página 45).* Quando Bill relatou a experiência ao Dr. Silkworth, o médico disse-lhe: *"Alguma coisa lhe aconteceu que eu não compreendo, Bill. Mas, seja qual for a experiência que você teve, e melhor que se agarre a ela; é muito melhor que o que você tinha até pouco tempo atrás".*

Depois de sair do hospital, Bill começou a levar a mensagem a outros alcoólicos, contando-lhes sua própria experiência espiritual e insistindo em que a eles poder-lhes-ia acontecer o mesmo. Mas nenhum desses alcoólicos alcançou a sobriedade, e passado um tempo, o Dr. Silkworth lhe sugeriu que talvez pudesse ter mais sucesso se deixara de pregar e se focasse no aspecto médico da sua condição explicando-lhes que tinham uma doença incurável e não poderiam voltar a beber nunca mais.

Refletindo sobre essa sugestão, Bill mudou seu foco justamente antes de viajar para Akron onde estava destinado a conhecer o Dr. Bob. Parecia uma ironia que Bill, não tendo nenhuma informação de medicina, comunicasse esta informação médica ao Dr. Bob que era um médico já experiente. Mas o fez com todo sucesso e o Dr. Bob, depois de mais uma viagem à embriaguez, manteve-se sóbrio o resto da sua vida e contribuiu enormemente para lançar A.A. no Meio Oeste dos EUA.

De volta à cidade de Nova York, Bill formou um Grupo que entre seus membros havia alguns alcoólicos tratados no Hospital Towns. Continuava a apresentar a ideia do Dr. Silkworth de que o alcoolismo é uma reação alérgica. Em **1937**, o Dr. Silkworth publicou dois artigos na revista The Medical Journal, nos que tratou desta então polêmica abordagem. Além disso, comentou também a respeito de certa *"psicologia moral",* que estava ajudando alguns alcoólicos a alcançar a sobriedade, referindo-se aos esforços de Bill. Mais tarde, num artigo publicado na revista médica The Lancet, o Dr. Silkworth fazia uma explanação sobre esse tema. E, embora ainda não fosse usada na medicina a palavra *"alergia"* para indicar uma causa do alcoolismo, já existiam fortes evidencias de que essa condição tinha um componente físico.

O Dr. Silkworth continuou trabalhando no Hospital Towns e durante os seis últimos anos da sua vida também tratou pacientes no Hospital Knickerbocker, onde contava com uma assistente de nome Teddy, que também parecia ter o dom de ajudar os alcoólicos.

Em **1951**, o Dr. Silkworth parecia disfrutar de boa saúde e ainda conseguia tratar pacientes. Mas já tinha 78 anos de idade e precisava caminhar mais lentamente. Não tinha plano de pensão nem outros recursos para se aposentar, mas Bill idealizou um plano que tornaria possível ao doutor continuar a trabalhar e ao mesmo tempo viver com sua mulher em condições mais cômodas. Através de seus contatos no campo do alcoolismo, Bill soube que um centro de tratamento em Dublin, New Hampshire, precisava um diretor clínico. Na visão de Bill este posto poderia servir como uma

residência de aposentadoria. Os Silkworth poderiam morar lá como se fosse um centro de férias na montanha e o hospital contaria com a pericia do doutor e sua experiência no campo do alcoolismo. Bill também desenvolveu um plano para arrecadar fundos para o centro e assim contribuir para torna-lo solvente.

Sem dúvida era um bom plano, mas antes de poder implementá-lo, o Dr. Silkworth morreu de ataque cardíaco no dia 22 de março de **1951**, Seu obituário, que apareceu no New York Times, mencionou seu serviço a A.A. A Fundação do Alcoólico também lhe rendeu homenagem; no texto, provavelmente obra de Bill, descrevia o doutor como *"o primeiro e talvez o melhor amigo de Alcoólicos Anônimos"* e reconhecia sua profunda compreensão de A.A. no seu começo e o animo que lhe dava numa época em que a falta de compreensão ou uma palavra de desalento poderia ter acabado com a Irmandade. *"Era um homem santo... Podia salvar vidas que eram irrecuperáveis por qualquer outro meio. Um homem assim, não pode morrer no sentido literal. Nosso amigo nos deixou... apenas por um momento"*.

Veja também: **http://www.barefootsworld.net/aasilkyloveddrunks.html**

N.T. (1): Para saber mais sobre a *"Cura da Beladona"*, ver em:

http://translate.google.com.br/translate?hl=ptBR&langpair=en|pt&u=http://anonpress.org/faq/25&ei=fnoJUYaII5SM9ATUqYDIDQ

http://translate.google.com.br/translate?hl=pt-BR&langpair=en|pt&u=http://chipsontheweb.net/history/bella.htm&ei=fnoJUYaII5SM9ATUqYDIDQ

N.T. (2): Vários historiadores e documentos oficiais de A.A. atestam que foram quatro internações de Bill W. no Towns Hospital, e não três como sustenta o artigo. Teriam sido elas: a primeira no outono de **1933**, a segunda em julho de **1934**, a terceira em 17 de setembro de **1934** e a quarta em 11 de dezembro de **1934**. Um exemplo:

> *"***Bill Wilson,** *cofundador de Alcoólicos Anônimos (A.A.), foi internado no Towns Hospital quatro vezes entre* ***1933*** *e* ***1934****. Em sua quarta e última estadia, ele mostrou sinais de delirium tremens e foi tratado com a cura Belladonna. Ele teve seu* "Hot Flash" - *despertar espiritual, ao se submeter a esse tratamento, na segunda ou terceira noite após a internação, dependendo da fonte. Quando ele saiu do Towns Hospital depois de uma estadia de sete dias, ele nunca voltou a beber novamente..."*.
>
> **http://en.wikipedia.org/wiki/Charles_B._Towns**

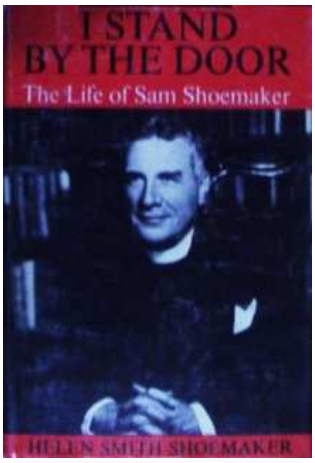
8.2. Reverendo Samuel Shoemaker (1893-1963)

Grapevine, Fevereiro de **1967**.
Por ***Bill W.***

O Dr. Shoemaker era uma dessas pessoas indispensáveis para A.A. Se ele não se houvesse ocupado tanto de nós em nossos primeiros dias, nossa Irmandade hoje não existiria. Portanto, sua recém publicada biografia, intitulada *"I Stand by the Door"*, algo como, *"Espero na Porta"*, tão bem redigida por sua esposa Helen, é um símbolo comovedor da grande dívida que temos para com ele e para enriquecer nossa compreensão desse magnífico amigo.

Para começar, permitam-me que familiarize as novas gerações com o *"Sam"* que os mais velhos conhecemos tão bem nos primeiros dias de A.A. e nos anos posteriores. Com este fim, gostaria de falar da sua presença na Convenção Internacional de **1955**, realizada em St. Louis.

Menciono as seguintes palavras de nosso livro de história "A.A. Atinge a sua Maioridade" – Junaab, código 101.



"O Dr. Sam não demonstrava ser nem um dia mais velho do que quando o conheci há vinte e um anos, em seu dinâmico Grupo da casa paroquial do Calvário em Nova York. Quando começou a falar, produziu nos ali reunidos no Auditório Kiel, o mesmo impacto que havia produzido em Lois e em mim anos antes. Como sempre, chamava o pão de pão e o vinho de vinho; seu ardente entusiasmo, sua sinceridade e sua transparência diáfana serviam para reforçar o efeito de sua mensagem. Apesar de todo seu brio e eloquência, Sam nunca perdeu o bom senso. Era um homem que nunca vacilava para falar de seus próprios pecados. Apresentou-se como testemunha do poder do amor de Deus, tal como o teria feito qualquer membro de A.A.

A presença de Sam diante de nós era outra evidência de que a Providência havia se utilizado de muitos canais para criar Alcoólicos Anônimos. E nenhum mais visivelmente necessário que o canal aberto por Sam Shoemaker e seu Grupo de Oxford na geração anterior. Os princípios de autoexame, o reconhecimento dos defeitos de caráter, de reparações pelos danos causados e dos trabalhos com outros, adotados pela Irmandade em seus primórdios, nos vinham direta e exclusivamente do Grupo de Oxford e de Sam Shoemaker, seu líder na América do Norte naquela época. Aparecerá sempre em nossos anais como a pessoa cujo exemplo e ensinamentos contribuíram muito para criar o clima espiritual no qual os alcoólicos podiam sobreviver e se desenvolver. A.A. tem uma dívida eterna de gratidão para tudo o que Deus nos enviou através de Sam e seus amigos dos dias de infância de A.A."

Creio que qualquer pessoa que leia o livro de Helen Shoemaker *"I Stand by the Door"*, será uma pessoa melhor depois de tê-lo feito. Este relato vívido e comovedor de Sam em sua vida privada, em seu trabalho pastoral e em sua vida pública nos oferece um amplo e detalhado retrato de um dos melhores seres humanos de nossos tempos.

Transcrito do livro ***"A Linguagem do Coração",*** pag. 445-446. Junaab, código **104**.
Veja mais em:
http://www.silkworth.net/dickb/samshoemaker3.html
http://en.wikipedia.org/wiki/Sam_Shoemaker
http://www.amazon.com/Stand-Door-The-Life-Shoemaker/dp/B000Q9P2S0

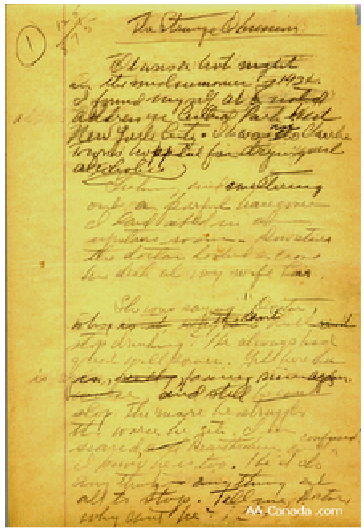
8.3. Ruth Hock Crescelius (1911-1986)

***Box 4-5-9*, Ago. Set. / 1986 (pág. 7-8) => http://www.aa.org/newsletters/es_ES/sp_box459_aug-sept86.pdf**
Título original: ***"...Un ejemplo que no olvidaremos nunca".***

O dia 4 de maio de **1986**, A.A. perdeu a mulher que o cofundador Bill W. descreveu como *"um dos verdadeiros pioneiros de A.A."*. Ruth Hock Crecelius. Ruth, primeira secretária não alcoólica de Bill W., foi quem datilografou o manuscrito original do Livro Grande e também ajudou a formular as palavras que se referem a Deus nos Doze Passos. Ao ser o primeiro *"membro do pessoal"* do escritório que mais tarde se converteria em Escritório de Serviços Gerais de A.A. – ESG foi pioneira em abrir a passagem a todos os empregados e membros do pessoal que lhe seguiram.

Todos que assistiram a abertura da Convenção Internacional do 50º Aniversário de A.A. em Montreal no ano passado (**1985**). Ficaram em pé para ovaciona-la enquanto era presenteada com a copia cinco milhões do Livro Grande. A multidão que participou na mesa de trabalho dos Arquivos Históricos, nunca irão esquecer o emocionante discurso que ela fez nessa ocasião. Todos têm na memória a imagem de uma mulher bonita, vivaz e cordial, que não aparentava a idade que tinha.

Ruth Hock tinha 24 anos quando, em **1937**, respondeu o anuncio de um jornal e foi contratada como secretária de uma empresa de nome Honor Dealers, que ficava no número 17 da Rua William, em Newark, Nova Jersey. Não fazia nem ideia da aventura a que se estava lançando – porque os proprietários da empresa eram Bill W. e Hank P., este, o primeiro bêbado novayorquino a alcançar a sobriedade depois de Bill. Logo descobriu que o escritório tinha mais a ver com ajudar alguns bêbados anônimos do que realmente fazer os trabalhos típicos de um comércio.



Bill começou a trabalhar no Livro Grande em março ou abril de **1938**. Ruth, que datilografou o manuscrito, lembrou que Bill costumava chegar ao escritório com um bloco de papel amarelo (à esquerda), onde tinha feito um rascunho de cada capítulo do livro. *"Aquelas anotações eram fruto de muitas reflexões depois de haver discutido os prós e os contra durante muitas horas com qualquer um que tivesse interesse no assunto"*. Bill ditava enquanto ela datilografava na máquina de escrever. Justamente antes de terminar o manuscrito (de acordo com o que Bill conta no livro *"A.A. Atinge a Maioridade"*), estourou no escritório mais uma das muitas batalhas que o texto suscitava. Encontravam-se presentes Fitz M., Hank P., Ruth e Bill e estavam discutindo os Doze Passos. A ênfase em *"Deus"* e, noutro lugar do texto as palavras *"ficar de joelhos"*, ofendiam a Hank, quem se referiu ademais às palavras de Jimmy B. Os dois estavam convencidos de que essas palavras iriam afugentar milhares de alcoólicos. *"Bill não cedeu. Não quis mudar nenhuma palavra"*. E Fitz o apoiou, Ruth, adotando uma posição intermediária *"tratando de refletir a opinião dos não alcoólicos"* recomendou-lhes que fossem mais transigentes e manifestou-se favorável a colocar *"menos fraseologia doutrinal"*. E assim concordaram em usar a frase *"Um Poder superior a nós mesmos"*, e acrescentar as palavras *"Deus como cada um o conceba"*. Foram suprimidas as palavras *"de joelhos"* e colocou-se a frase introdutória *"Eis os passos que demos, e que são sugeridos como um programa de recuperação"* (Livro Azul, pág. 88/3/1, Junaab, código **102**).

Ruth Hock aparecia numa das fotos de grupo que foram usadas para ilustra o artigo de Jack Alexander publicado na Saturday Evening Post, e depois ajudou a organizar os voluntários que responderam a grande avalanche de pedidos de ajuda em consequência do artigo. Despediu-se do escritório em **1942** para se casar, mas através das décadas manteve contato por correspondência e fazendo visitas esporádicas. O que Bill escreveu a respeito de Ruth no livro *"A.A. Atinge a maioridade"*, poderia ser tomado como o mais eloquente obituário:

"Ruth Hock foi a moça não alcoólica dedicada que escreveu ao ditado um monte de páginas, trabalhando durante meses na maquina de escrever enquanto o livro Alcoólicos Anônimos *estava em preparação, com frequência sem salário recebendo em substituição ações da Works Publishing, que, naquele então, não tinham valor algum. Com profunda gratidão, lembro como seu conselho sábio, seu bom humor e sua paciência contribuíram para resolver as intermináveis disputa sobre o conteúdo do livro. Muitos veteranos, também com gratidão, lembraram as calorosas cartas que ela escrevia quando estavam sozinhos lutando para manterem-se sóbrios... Despediu-se de nós levando consigo os melhores votos de milhares de membros. Deu-nos um exemplo que não esqueceremos nunca".*

8.4. Dr. Harry M. Tiebout (1896-1966)

Grapevine, Julho de **1966**.
Por ***Bill W.***

Quando este número da *Grapevine* chegar aos seus leitores, todas as pessoas de A.A. já terão tomado conhecimento do falecimento do nosso muito querido amigo, o ***Dr. Harry M. Tiebout,*** psiquiatra, o primeiro da sua categoria a apresentar-nos para todo o mundo. Seus dons, um exemplo valoroso, sua profunda compreensão das nossas necessidades e trabalho constante em favor da nossa Irmandade têm sido – e sempre serão, de um valor incalculável.

Começou assim: estávamos no começo do ano de **1939** e o livro *Alcoólicos Anônimos* estava a ponto de ser impresso. Para nos ajudar a fazer as últimas correções do livro, havíamos distribuído várias cópias mimeografadas do manuscrito. Uma cópia foi parar nas mãos de Harry. Embora grande parte do conteúdo estivesse então contra suas próprias ideias, leu o nosso livro com grande interesse. E o que foi ainda mais importante, após ler o livro, resolveu mostra-lo a um par de seus pacientes, que agora conhecemos como Marty e Grenny. Eram dois de seus pacientes mais difíceis e aparentemente desajuizados. A princípio, o livro causou-lhes pouca impressão. De fato, o uso frequente da palavra *"Deus"* enfureceu tanto Marty que pegou o livro e o jogou pela janela, foi-se embora aborrecida do elegante sanatório onde se encontrava e se atirou numa tremenda bebedeira.

Grenny não foi tão longe com sua rebeldia; acolheu o livro friamente. Quando finalmente Marty voltou a apresentar-se, tremendo violentamente, perguntou para o Dr. Harry o que poderia fazer agora, ele simplesmente sorriu-lhe e disse: *"É melhor que volte a ler esse livro"*. De volta para seu quarto, Marty resolveu folhear o livro mais uma vez. Uma frase em especial chamou sua atenção: *"Não podemos viver com ressentimento"*. Assim que pode aceitar esta ideia sentiu-se cheia de *"uma experiência espiritual transformadora"*.

Imediatamente, assistiu a uma reunião. Aconteceu na Rua Clinton, onde vivíamos Lois e eu. De volta à Blythewood, encontrou a Grenny cheia de curiosidade. Estas foram as primeiras palavras que lhe dirigiu: *"Grenny, já não estamos mais sozinhas"*.

Este foi o começo da recuperação de ambas – recuperações que perduram até hoje. Ao ver estes acontecimentos, Harry ficou maravilhado. Apenas uma semana antes, as duas haviam resistido

obstinadamente a todos os seus métodos. Agora falavam e o faziam abertamente. Para Harry, esta era a realidade – a nova realidade. Por ser um cientista e homem de valor, Harry não vacilou, nem por um momento, em reconhecer este fato. Colocou de lado suas próprias convicções a respeito do alcoolismo, sob suas manifestações neuróticas, e, rapidamente, se convenceu de que em A.A. existia algo, talvez algo muito importante.

Durante todos os anos posteriores, muitas vezes colocando em risco sua posição profissional, Harry continuou dando respaldo a A.A. Tendo em conta sua posição profissional, isso requeria um grande sacrifício.

Permitam-me que compartilhe com os senhores, alguns exemplos concretos. Em um de seus primeiros pronunciamentos médicos, aquele famoso respeito à *"Rendição"*, declarou que o processo de diminuir o ego não só era o básico dos princípios de A.A., como também, absolutamente fundamental, na prática da psiquiatria. Esta atitude requeria tanto humildade como conhecimento. Será sempre um ilustre exemplo para nós.

Não obstante, isso era um mero começo. Em **1944**, com a ajuda do Dr. Kirby Collier de Rochester e Dwight Anderson de Nova York, Harry havia persuadido à Sociedade Médica Norte Americana do Estado de Nova York a permitir que eu, um leigo, lesse um pronunciamento sobre A.A. em sua reunião anual. Cinco anos mais tarde, o mesmo trio, novamente encabeçado por Harry, persuadiu a Associação de Psiquiatria Norte Americana a me convidar a ler outro pronunciamento – nessa ocasião, ante a sua Reunião Anual em Montreal em **1949**. A.A. tinha então uns cem mil membros e muitos psiquiatras já haviam visto de perto o impacto que causávamos em seus pacientes.

Para nós AAs que estivemos presentes nesta reunião, foi um momento muito emocionante. A minha apresentação seria sobre *"a experiência espiritual"*, segundo o ponto de vista de A.A. Certamente, ninguém levou a sério! Para nosso grande espanto, o pronunciamento foi muito bem aceito – ao menos, a julgar pelos muitos aplausos.

Em seguida, se aproximou de mim, um distinto cavalheiro, Apresentou-se como um dos ex-presidentes da Associação de Psiquiatria Norte Americana. Com grande entusiasmo, disse-me *"Sr. W. é bem possível que eu seja o único entre meus colegas aqui presentes que realmente acredita na* 'experiência espiritual' *do mesmo modo que o senhor. Em certa ocasião, eu mesmo tive um despertar muito parecido com o seu, uma experiência que tive em comum com dois amigos íntimos, Bucke e Whitman"*.

Naturalmente, perguntei-lhe: *"Mas, porque parece que seus amigos gostaram do pronunciamento?"*. Replicou-me algo como: *"Olhe, nós psiquiatras sabemos o quão difíceis são os senhores, os alcoólicos. O que comoveu a meus colegas não foram as afirmações que o senhor fez em seu pronunciamento. mas o fato de que A.A. pode levar a sobriedade aos alcoólicos em grande número"*.

Visto dessa forma, sentia-me ainda mais profundamente comovido pelo magnífico e generoso tributo que se havia prestado a A.A. Sem demora, meu pronunciamento foi publicado na Revista de Psiquiatria Norte Americana e a nossa sede de Nova York foi autorizada pela Associação para fazer e distribuir todas as cópias que desejássemos. Nessa época, A.A. já havia começado a se difundir no exterior. Só Deus sabe o quanto esse artigo, ao ser reproduzido por nós e presentado aos psiquiatras de países distantes pelos Grupos de A.A. recém-formados, acelerou enormemente a aceitação mundial de A.A.

Poderia continuar falando sem parar a respeito de Harry, contando-lhes as suas atividades no campo global do alcoolismo, de seu marcante serviço em nossa Junta de Custódios. Poderia contar-lhes da nossa grata amizade, recordando, particularmente, seu bom humor e seu riso contagioso. Mas o espaço que me foi destinado é muito pequeno.

Transcrito do livro ***"A Linguagem do Coração",*** pag. 433 a 435. Junaab, código **104**.
Veja mais em:
http://www.silkworth.net/tiebout/tiebout_papers.html
http://en.wikipedia.org/wiki/Harry_Tiebout

8.5. Dr. Harry Emerson Fosdick (1878-1969)

***Box 4-5-9*, Inverno (Dez.) 2011 (Pág. 8-9) => http://www.aa.org/newsletters/es_ES/sp_box459_winter11.pdf**
Título original: ***"Reseña inicial impulsa el Libro Grande de A.A.".***

O Livro Grande (Livro Azul, no Brasil) ***Alcoólicos Anônimos,*** foi qualificado de muitas maneiras desde sua primeira publicação em **1939**, incluindo *"estranho"* pelo New York Times e *"curioso"* pela Revista da Associação Médica Americana nas críticas literárias publicadas em outubro daquele ano. Entretanto, algumas pessoas, muitas das quais trabalhavam diretamente com os alcoólicos nas suas respectivas profissões também reconheciam a mudança radical inerente à forma de A.A. tratar o alcoolismo e ofereceram seu apoio aquele grupo que estava começando a encontrar seu caminho.

Um destes profissionais foi o ***Dr. Harry Emerson Fosdick,*** um bem conhecido ministro da Igreja Riverside da cidade de Nova York, que escreveu uma resenha muito favorável ao livro e apoiou com entusiasmo seus métodos. Seu apoio inicial supôs um grande impulso para a Irmandade e deu credibilidade à forma inovadora de tratar o alcoolismo esboçada no texto básico de A.A.

O Dr. Fosdick, um amigo não alcoólico de A.A., tinha uma fé profunda no processo e nos procedimentos de A.A., e percebeu a grande ajuda que poderia supor para os membros do clero e outros profissionais que lutavam para ajudar e compreender os muitos alcoólicos com quem tinham contato diariamente. Na sua resenha, aparecida poucos meses depois da publicação do livro em 1939, dizia, em parte, *"Este livro extraordinário merece atenção esmerada de toda pessoa interessada no problema do alcoolismo. Sejam as vítimas, amigos das vítimas, médicos, clérigos, psiquiatras ou assistentes sociais... este livro irá lhes dar, melhor que qualquer outro livro conhecido por este escritor, uma perspectiva interna do problema enfrentado pelo alcoólico"*.

Na sua resenha, o Dr. Fosdick defendia o emergente grupo e seu itinerário para a recuperação. *"Este livro nos apresenta a experiência acumulada de cem homens e mulheres que foram vitimas do alcoolismo – muitos deles considerados irremediáveis pelos especialistas, e que ganharam a libertação, recuperaram sua sanidade e o domínio de si próprios. Suas histórias são detalhadas e circunstanciais, de intenso interesse humano. Atualmente, na América estão aumentando os casos da doença do alcoolismo. A bebida ofereceu uma fuga fácil da depressão. Um oficial do exercito inglês na Índia, ao ser repreendido por beber em excesso disse levantando o cálice:* 'Esta é a via mais rápida de sair da Índia'*; da mesma maneira, muitos americanos utilizam as bebidas fortes para fugir*

dos seus problemas até que, para sua grande consternação, descobrem que, embora sejam livres para começar a beber, não são livres para parar...

Este livro não é sensacionalista em nenhum sentido. Distingue-se pelo seu senso comum, sua moderação e a ausência de exagero e fanatismo. É um relato detalhado, sério, tolerante e compreensivo do problema do alcoólico e das técnicas com as quais seus coautores ganharam a liberdade".

Depois de ter manifestado seu forte apoio ao Livro Grande, o Dr. Fosdick também reconheceu que trabalhar com os alcoólicos pode ser um grande desafio para os clérigos e outras pessoas que convivam de perto com os efeitos do alcoolismo. *"Cada ministro religioso que também é um conselheiro pessoal, já teve que lidar com casos de alcoolismo"*, escreveu posteriormente. *"Por muitos anos tive medo de fazê-lo. Quase preferia qualquer outro tipo de anormalidade antes que me enfrentar com um caso de alcoolismo".*

Mas, *"Alcoólicos Anônimos... é uma benção para os clérigos*", escreveu na sua autobiografia *"O viver destes dias"*, publicada em **1956**. *"Como podemos conhecer o alcoólico – sua obsessão compulsiva pela bebida, a escravidão desesperada contra a que luta em vão, uma não cumprida decisão após outra de parar de beber que acaba em mais um fracasso? Quando falamos com um alcoólico, ele sabe que porque nós nunca estivemos onde ele está, não podemos compreender sua situação. Mas quando um ex-alcoólico, que passou pelos mesmos duros sofrimentos e se libertou através dos Doze Passos, fala com um alcoólico, podem-se produzir resultados maravilhosos".*

Bill W. muito frequentemente reconhecia o papel que desempenharam muitos dos defensores iniciais de A.A. e os clérigos, em particular, ajudando a dar forma aos princípios espirituais de Alcoólicos Anônimos e dando-os a conhecer àqueles que os precisavam. Num artigo da revista Grapevine de setembro de **1957**, escreveu o seguinte: *"Com a mais profunda gratidão, reconheço aqui a dívida que A.A. tem com os clérigos; não fosse o que fizeram por nós, A.A. nunca teria nascido; quase todos os princípios que utilizamos chegaram através deles. Apropriamo-nos do seu exemplo, sua fé e, até certo grau, das suas crenças, e os transformamos em nossos. Quase no sentido literal, os AAs lhes devemos nossas vidas, nossas fortunas e a salvação que a cada um de nos lhe correspondeu encontrar".*

Portanto, embora as palavras utilizadas para descrever o Livro Grande em seus primeiros tempos tenham sido *"estranho"* e *"curioso"*, outra palavra, como indicou o Dr. Fosdick teria que ser *"extraordinário"*.

8.6. Clinton Truman Duffy (1898-1982)

***Box 4-5-9*, Abr. Mai. / 2007 (pág. 5-6) => http://www.aa.org/newsletters/es_ES/sp_box459_april-may07.pdf**
Título original: ***"Clinton T. Duffy, el jefe de prisión que reformó 'la Q'"***

Em **1950**, quando vários milhares de membros de Alcoólicos Anônimos se reuniram em Cleveland para a Primeira Convenção Internacional, um dos principais oradores foi Clinton T. Duffy, então diretor da Presidio de San Quintín, na Califórnia. *"O Sr. Duffy viajou viajado mais de 3.200 km para estar conosco em Cleveland"*, escreveu Bill W., cofundador de A.A. *"Logo vimos porquê. Veio porque é um grande ser humano. Novamente os AAs nos perguntamos até que grau nossa reputação chegou a ser superior ao nosso caráter".*

Mas ao Sr. Duffy, já bem conhecido por seus trabalhos inovadores na reforma dos presídios, deveu-lhe parecer que a reputação de A.A. era bem merecida. Embora sempre tivesse presente a segurança do presidio, se dispôs a buscar imediatamente métodos seguros para a reabilitação dos presidiários quando tomou posse como diretor do Presidio de San Quintín em **1940**. Pouco tempo depois de iniciar sua função soube do programa de A.A. e no começo da década de **1940**, introduziu o programa de A.A. em San Quintín, uma prisão conhecida como *"a Q"* no jargão dos condenados. *"Havia graves problemas para solucionar; mas o Sr. Duffy os aceitou e sua fé acabou sendo recompensada"*, disse Bill mais tarde.

Este foi um dos primeiros programas dentro dos muros das prisões – uma grande conquista porque então A.A. tinha apenas seis anos de existência e o livro *Alcoólicos Anônimos* tinha sido publicado dois anos antes. Duffy disse na Convenção de Cleveland que somente os alcoólicos poderiam entender o problema do alcoolismo: *"Eles, e somente eles, conhecem o caminho do retorno porque eles próprios tinham feito a agitada viagem de ida e de volta"*.

O Sr. Duffy também disse que um recluso que tenha participado do programa de Alcoólicos Anônimos no presidio tem uma possibilidade três vazes maior de superar o período de liberdade condicional do que aquele que evitou o programa, de acordo com uma reportagem do *Akron Beacon Journal*. Disse que esses homens raramente transgredem as condições de liberdade ou cometem outro crime. E tampouco eram propensos a perder seu emprego por absenteísmo ou abandono.

O Sr. Duffy tinha participado do lançamento do programa de San Quintín diante do ceticismo dos demais oficiais da prisão. Também permitiu que membros de A.A. de fora viessem participar das reuniões, uma prática muito ousada naquele tempo. Em toda a história de A.A. não se celebrou uma reunião em circunstâncias mais tensas que aquela primeira reunião em San Quintín, lembra Duffy. *"Os membros de fora ficaram assombrados com o ambiente e os presos assombrados pelos visitantes do* 'mundo livre'". O Sr. Duffy fez um discurso de boas-vindas, mas o que relaxou a tensão foi a fala de um membro de A.A. de fora do presídio.

O Sr. Duffy muitas reuniões de A.A. posteriormente quando membros de A.A. visitavam o presidio. Ficava impressionado com as histórias de pessoas de todas as classes e condições, e ouvir suas explicações a respeito da maneira com que A.A. tornou possível recobrar sua dignidade e o respeito dos seus concidadãos como consequência de ter seguido o programa. Também recebia cartas de membros de A.A. oferecendo sua ajuda parta reabilitar um membro de A.A. do presidio. No dia 28 de novembro de **1943**, Bill W. visitou o Grupo de San Quintín como orador convidado porque tinha um forte desejo de ver o progresso daquele projeto sem precedentes.

O Sr. Duffy recebeu relatórios de agentes de liberdade condicional a respeito de antigos presos que tinham recobrado o respeito das suas comunidades com a ajuda dos Grupos de A.A. Disse que a generosidade dos AAs servia como inspiração não apenas para os presos, mas também para os administradores do presidio. *"Sua colaboração entusiasmada nos fez possível ampliar o programa aqui na Califórnia"*. Também disse que o primeiro preso secretário de um Grupo de A.A. ofereceu-se como voluntário para ser transferido ao Presidio de Folsom para organizar ali um Grupo de A.A.

Este programa pioneiro de San Quintín despertou o interesse de muitos presídios de outras partes dos EUA. Em **1952**, a revista Grapevine publicou que havia 78 Grupos de A.A. nos presídios

dos EUA e um na África do Sul. Atualmente (**2007**) cálculos indicam haver aproximadamente 2.500 Grupos deste tipo na América do Norte com a participação de 65.000 reclusos pelo menos.

O Sr. Duffy foi, por natureza e formação, o administrador penitenciário ideal para considerar a possibilidade de que A.A. funcionasse atrás dos muros. Por vezes foi chamado um *"condenado a cadeia perpétua"* e San Quintín porque nasceu ali em **1898**. Seu pai tinha sido guarda e a família morava no recinto da instituição. Casou-se com Gladys Carpenter, seu amor desde criança, que também morava em San Quintín onde seu pai era capitão da guarda. Criado naquele ambiente, o jovem Duffy conheceu muitos reclusos e já na tenra idade começou a se preocupar com o bem-estar dos prisioneiros.

"Na minha infância, San Quintín não era uma prisão modelo", ele diz. *"Havia muitos guardas sádicos com poder demais e oportunidades de agir com sadismo. Havia muitos lugares onde se podia abandonar um homem até apodrecer e muito pouco lazer para evitar que isso acontecesse. Havia amargura demais, ódio demais, desamparo demais, brutalidade demais, sujeira demais, humilhação demais"*.

San Quintín era ainda uma das prisões mais duras do país quando o Sr. Duffy se incorporou no sistema como secretário do diretor do presidio em **1929**. Continuou servindo como secretário de outros diretores, e chegou a ser considerado no sistema penitenciário como administrador competente, capaz de levar os projetos a bom termo, e era muito respeitado tanto pelos reclusos como pelos demais administradores. Em **1937** foi nomeado secretário da Junta de Condenações e Liberdade Condicional.

Enquanto isso, San Quintín tinha-se transformado no que o Sr. Duffy chamou "um paraíso dos sádicos" com guardas que recorriam à tortura e à violência para controlar os prisioneiros recalcitrantes. Preocupado com as noticias que lhe chegavam de San Quintín, o governador da Califórnia, Culbert Olson, despediu todos os membros da junta de diretores de presídios. A nova junta despediu o diretor de San Quintín e nomeou o Sr. Duffy para substitui-lo por um período de experiência de 30 dias.

Com o apoio da junta, o Sr. Duffy imediatamente começou a eliminar tantos males da vida carcerária quantos lhe foi possível, incluindo os guardas cruéis, as masmorras e tudo aquilo que tinha contribuído para converter San Quintín num autentico calvário para os 6.000 prisioneiros. *"Tive muitos objetivos e alcancei a maior parte deles"*, escreveu em **1962**, *"mas a coisa que mais queria, não tinha autoridade para consegui-la... Podia eliminar os instrumentos de tortura, mas não podia eliminar os instrumentos da morte"*.

Conforme Duffy explica no seu livro intitulado *"88 homens e uma mulher"*, publicado em **1962**, seu maior desejo era eliminar a pena de morte. Apesar de ser contra a pena de morte viu-se obrigado a participar de 90 execuções, uma obrigação que o deixava destroçado e perplexo. E de grande importância, devido seu apoio ao programa, o álcool teve algo a ver com os crimes capitais e com outros delitos cometidos pelos homens e mulheres que estavam encarcerados.

O Sr. Duffy serviu como diretor do presidio de San Quintín desde **1940** até **1952**, quando foi promovido à *Adult Authority* (Autoridade Adulta), um posto que lhe deparou oportunidades mais amplas de ajudar na reabilitação dos ex-detentos. Já nessa época, tinha-se convertido numa lenda viva no campo das instituições correcionais e foi o primeiro diretor de San Quintín que podia passear pelo pátio da prisão sem guardas e falar com os detentos. Fez amigos entre os detentos e ficava encantado ao ouvir o sucesso daqueles que cumpriam com as condições da liberdade condicional e se

incorporavam como cidadãos livres, membros de suas comunidades. Um escritor descreveu-o numa revista como *"o chefe de prisão mais competente do mundo, não apenas pelas reformas que iniciou nas penitenciárias, mas também por seu elevado grau de compaixão"*.

Quando depois de 12 anos saiu do posto de diretor do presídio, tinha servido mais tempo nesse posto que qualquer outro diretor de San Quintín. *"Foi um trabalho que me agradou muito num lugar que eu gostava muitíssimo"*, disse e acrescentou que San Quintín foi o único lar que conheceu na sua vida. Disse que ia sentir a falta de seus amigos dos dois lados dos muros e sua participação num programa de formação profissional e tratamento *"que eu estabeleci e que contribuiu para a reabilitação de muitos homens que de outra maneira poderiam passar tida sua vida encarcerados"*. A.A. foi sem dúvida parte integrante do programa do Sr. Duffy em San Quintín. Sua intuição tinha-lhe dito desde o começo que A.A. poderia funcionar nos presídios tão bem quanto no mundo livre. Iria ser especialmente importante para ajudar as pessoas postas em liberdade condicional a evitar as circunstâncias que poderiam evitar a reincidência. Como explicou um administrador de presidio da Califórnia, *"Se podemos manter estas pessoas sóbrias na liberdade condicional, podemos mantê-las fora da prisão"*.

O Sr. Duffy aposentou-se em **1962**, depois de servir dez anos como membro da junta de Autoridade adulta. Depois trabalhou como diretor executivo do Conselho sobre Alcoolismo da Cidade de São Francisco e presidente da Fundação Sétimo Passo, organização que ajuda os ex-detentos a retornar à sociedade. Nos seus últimos anos morou em Walnut Creek, Califórnia, onde morreu depois de uma longa doença em **1982**. Houve reportagens póstumas a seu respeito nos meios de comunicação de todo o país.

8.7. Irmã Inácia *(O Anjo de Alcoólicos Anônimos)* (1889-1966)

***Box 4-5-9*, Out. Nov. / 2006 (pág. 3-4) => http://www.aa.org/newsletters/es_ES/sp_box459_oct-nov06.pdf**
Título original: ***"La Hermana Ignacia: la delicada monja que llegó a ser nuestro gran apoyo"***

Mais de 40 anos depois da sua morte, a Irmã Inácia volta a ser homenageada pelos magníficos serviços que prestou aos alcoólicos de dois hospitais de Ohio. O dia dois de abril de **2006** foi dado o nome ***Caminho da Irmã Inácia*** a um trecho da Rua 22ª próximo ao Hospital de Caridade São Vicente, em Cleveland. E nos dias 9, 10 e 11 de junho, o fim de semana do Dia dos Fundadores em Akron, foi aberta à visitação de centenas de AAs visitantes o novo Centro da Herança da Irmã Inácia na Capela do Hospital Summa St. Thomas.

A pequenina freira mora nas carinhosas lembranças dos milhares de alcoólicos a quem ela ajudou no Hospital St. Thomas entre **1939** e **1952** e no Salão do Rosário do Hospital São Vicente desde **1952** até pouco antes da sua morte em **1966**. Inácia, praticamente uma lenda entre os AAs, trabalhou com o Dr. Bob, cofundador de A.A. para estabelecer no Hospital St. Thomas de Akron o primeiro centro de tratamento para alcoólicos numa instalação religiosa. Logo depois estabeleceu o Salão do Rosário do Hospital de Caridade São Vicente. De acordo com um cálculo estimado, durante 27 anos teve sob seu cuidado mais de 15.000 alcoólicos. O exemplo da Irmã Inácia

e do Dr. Bob sem dúvida preparou o terreno para a aceitação generalizada do alcoolismo como diagnóstico legitimo para o tratamento nos hospitais.

A Irmã Inácia, que costumava ser caracterizada como uma freira *"delicada"*, não parecia ser a candidata com maiores possibilidades para realizar este papel exigente. Mas, atualmente, e possível perceber que a Providência a preparou para esta grandiosa missão de recuperação e guiou os eventos que contribuíram para que fosse bem sucedida.

Nasceu no dia dois de janeiro de **1889** em Shanvilly, Condado de Mayo, Irlanda, e foi batizada com o nome de ***Della Mary Gavin***. A família emigrou a Cleveland, EUA, quando ela tinha sete anos e já era criança precoce e carinhosa; deu indícios de talento musical pouco comum, como pianista e cantora e mais tarde dava aulas na casa dos seus pais. Também se sentiu atraída pela vida religiosa. Em **1914**, juntou-se às Irmãs da Caridade de Santo Agostinho, e nessa comunidade continuou sua educação musical e seu aprendizado.

Com estes antecedentes poderia passar os anos como musicista respeitada na sua diocese, serenamente obediente e procurada para os mais desejáveis trabalhos. Sem dúvida, foi muito bem aceita a querida pelos demais membros da sua comunidade e os estudantes.

Mas viu-se envolvida num conflito que ela não tinha criado. Suas interpretações do canto gregoriano foram criticadas pelo bispo da sua diocese e ela começou a sofrer muito por causa dessas duras críticas. Em **1933** sofreu um grave colapso físico e mental que quase a matou. Seu médico lhe disse que não poderia continuar trabalhando como maestrina de música com tanta pressão e aconselhou-a a levar isso com calma.

Bill W., num ensaio feito depois da morte da Irmã Inácia em **1966** disse que *"com grande alegria, a Irmã Inácia aceitou um posto mais tranquilo e menos distinto. Foi a encarregada das admissões no Hospital St. Thomas de Akron, Ohio – uma instituição administrada pela sua ordem religiosa. Inclusive naqueles dias acreditava-se que aquela tarefa seria demais para ele. Ninguém acreditaria que chegaria aos 77 anos; somente Deus sabia que estava destinada a atender nos anos posteriores 15.000 alcoólicos e suas famílias"*.

Foi seu encontro com o Dr. Bob que transformou a missão da sua vida. No começo de **1939**, ele chegou na sua sala de recepção do Hospital St. Thomas para pedir que fosse admitido um alcoólico chamado Walter B. Emitindo diagnósticos diferentes, o Dr. Bob conseguia que outros alcoólicos fossem admitidos em outros hospitais da cidade, entre eles o Hospital Municipal onde fez Residência e ainda trabalhava. Mas quase tinha esgotado a paciência dos administradores dessas instituições e o Dr. Bob acreditava que o St. Thomas, por ser uma instituição religiosa, poderia ser mais compreensivo e receptivo.

E assim foi. Mas a Irmã Inácia e o Dr. Bob tiveram que se esforçar diligentemente para ganhar a confiança do seu superior e dos administradores do hospital. De acordo com Bill, conseguiram admitir *"de contrabando"* um bêbado trémulo diagnosticado com *"indigestão grave"*. Mas este homem estava tão bêbado que tiveram que encontrar um quarto na área privada, e assim foi instalado na floricultura do hospital. (Um relato bem-humorado diz que o homem, ao acordar, rodeado de tantas flores acreditou estar morto na funerária).

Percebendo que não estavam observando o regulamento ao pé da letra, a Irmã Inácia e o Dr. Bob foram explicar o caso à Superiora do hospital, a Irmã Clementina. *"Para imensa alegria dos dois, ela mostrou-se favorável e de acordo; pouco tempo depois, ousadamente expos o novo projeto ao conselho administrativo do ST. Thomas"* escreve Bill. *"... e tão forte foi seu apoio que, em pouco*

tempo, convidaram o Dr. Bob para fazer parte do corpo médico do St. Thomas, um significativo exemplo de espirito ecumênico.

Logo tiveram um pavilhão reservado para a reabilitação dos alcoólicos – naturalmente sob a supervisão direta da Irmã Inácia. O Dr. Bob apadrinhava os novos casos e lhes facilitava atenções medicas sem nunca cobrar nada a ninguém".

A Irmã Inácia e o Dr. Bob também faziam uso do recém-publicado livro ***Alcoólicos Anônimos,*** para expor a abordagem de A.A. e eram sempre bem-vindos os AAs visitantes. A Irmã Inácia, embora continuasse no seu posto como diretora de admissões do hospital passava tanto tempo quanto lhe fosse possível no pavilhão dos alcoólicos.

O cuidado compassivo do alcoólico era, no parecer de Bill, o principal ingrediente da graça singular da Irmã Inácia. Disse que, *"com essa espécie de magnetismo, atraia até ela inclusive os mais duros e obstinados. Mas nem sempre aguentava as brincadeiras. Quando era necessário sabia dar provas da sua autoridade. Depois, para amortecer o golpe, valia-se do seu maravilhoso senso de humor. Numa ocasião, ao ouvir um bêbado recalcitrante dizer com tom arrogante que nunca voltaria a por os pés num hospital, a Irmã Inácia respondeu-lhe,* 'Bom, esperemos que não. Mas, no caso de que volte, lembre que temos pijamas do seu número. Estarão prontos, à sua espera' ".

A Irmã Inácia acreditava firmemente na abordagem de A.A. e fazia o necessário para que a toda pessoa admitida no pavilhão dos alcoólicos lhe fosse dada a informação e o ânimo necessários para viver uma vida sem álcool. Entrevistava todos pacientes que estavam para receber a alta e os advertia dos perigos do orgulho, a auto piedade, os ressentimentos, a intolerância e da crítica. Dava a todos os homens um livro de inspiração e uma pequena medalha religiosa do Sagrado Coração; a aceitação da medalha simbolizava um acordo entre as partes; o paciente concordava em voltar ao hospital e devolve-la pessoalmente à Irmã Inácia (antes de tomar o primeiro trago), se algum dia lhe parecesse que não gostava da abstinência.

O Dr. Bob e a Irmã Inácia tralharam juntos mais de dez anos no Hospital St. Thomas, até a doença e a morte do Dr. Bob em **1950**. A Ordem da Irmã Inácia transladou-a em **1952** para o Hospital de Caridade São Vicente, em Cleveland. Ali, ela instalou um pavilhão para o tratamento de alcoólicos parecido com o do Hospital St. Thomas. Ademais, deu um jeito para colocar o nome de Rosary Hill Solarium – *Solário do Monte do Rosário* – com as iniciais RHS do Dr. Bob **(N.T.:** *o nome completo do Dr. Bob é Robert Holbrook Smith).*

No começo da década de **1950,** o trabalho duro estava afetando gravemente a sua saúde; foi-se tornando cada vez mais frágil e esteve várias vezes às portas da morte. Durante esses episódios, Bill W. foi visita-la em Cleveland. Destas visitas, Bill diz: *"foi-me permitido sentar ao lado da sua cama. Nestas ocasiões pude vê-la em seus melhores momentos. Sua fé perfeita e sua completa aceitação da vontade de Deus estavam sempre implícitas em tudo que dizia... O temor e a incerteza pareciam ser-lhe totalmente alheios"*.

No seu último ano. A Irmã Inácia morou em Monte Agostinho, a casa principal da sua Ordem em Richfield, Ohio. Pouco depois das nove horas da manhã do dia primeiro de abril de **1966**, seu espirito partiu serenamente deste mundo.

Na missa de réquiem celebrada na Catedral de Cleveland não havia espaço suficiente para mais fieis. "*Não era hora de se lamentar"*, escreveu Bill, "*mas de dar graças a Deus pela sua imensa bondade para com todos nós*". Da mesma maneira que os funerais de muitos AAs foi uma celebração da sua vida e das suas obras compassivas para o bem de milhares de alcoólicos.

Leia também:
"Para a Irmã Inácia", artigo de Bill W. em ***"A Linguagem do Coração",*** pág. 436 – Junaab, código **104**
http://www.barefootsworld.net/aasisterignatia.html

8.8. Padre Edward Dowling (1898-1960)

***Box 4-5-9,* Ago. Set. / 2006 (pág. 1 a 3) => http://www.aa.org/newsletters/es_ES/sp_box459_aug-sept06.pdf**
Título original: ***"El Padre Ed Dowling — amigo y confidente de Bill".***

Embora um dos axiomas de A.A. é que para ajudar um alcoólico é preciso outro alcoólico, um humilde sacerdote católico que nunca teve problemas com a bebida foi um dos fundadores de A.A. em St. Louis, Missouri, conforme conta Bill W. Este sacerdote foi o Padre jesuíta Edward P. Dowling, que também chegaria a ser um dos primeiros clérigos que apoiaram A.A. e fez um esforço pessoal para trazer homens e mulheres para a Irmandade a partir do ano **1940**. O padre Ed, como era conhecido, tornou-se amigo de Bill e também no confidente que o cofundador de A.A. precisava nos anos em que se esforçava para estabelecer a Irmandade e lutar contra seus demônios pessoais.

O que tinham em comum o Padre Ed e Bill W. e os outros alcoólicos que tratava de ajudar? A resposta pode ser: a) *Ele sofreu,* e b) *Tinha paixão por ajudar os outros*. Estes dois fatores guiaram seus anos de maturidade.

Nos seus anos de juventude foi atleta, mas logo se viu afetado por uma artrite grave que lhe produzia grandes dores. Também tinha suas obsessões. Uma delas era que fumava um cigarro atrás de outro, hábito este, que consegui superar (usando os Doze Passos), e outra era que comia com excesso e de maneira obsessiva. Aparte estes problemas, ele compreendia o sofrimento mental e emocional e às vezes duvidava a respeito da sua capacidade para manter a fé. Mais tarde diria, *"tenho a impressão de que se um dia me encontre no céu, será porque fugi do inferno"*.

O Padre Ed sentia-se impulsionado a ajudar outras pessoas de uma maneira prática que produzisse soluções positivas. E foi isto que o trouxe a A.A. imediatamente depois de tomar conhecimento de que estava dando resultados para algumas pessoas na área de Chicago e pensou que talvez pudesse ser útil para as pessoas da sua cidade natal, St. Louis.

Os membros de A.A. provavelmente souberam pela primeira vez uma citação sua na sobrecapa do livro Alcoólicos Anônimos, na nona impressão de primeira edição em abril de **1946**: *"Deus resiste aos orgulhosos e ajuda os humildes. O caminho mais curto para a humildade são as humilhações, das que A.A. tem em abundância"*. Isto não apenas representou um firme princípio espiritual, como também serviu como uma aprovação sólida a A.A., embora não oficial, por parte da Igreja Católica. O padre Ed, que acreditava que os Passos de A.A. eram úteis também para enfrentar outros problemas além do álcool, acrescentou este comentário à sua citação: *"os não alcoólicos deveriam ler as últimas nove palavras do Decimo Segundo Passo* – 'e praticar estes princípios em todas as nossas atividades' ".

Bill sempre marcou o começo de sua amizade numa tarde tempestuosa de novembro de **1940**, quando Lois e ele estavam morando num quarto do antigo Clube da Rua 24 de Manhattan. Lois tinha saído aquela tarde e Bill, que não se encontrava bem e temia estar com uma úlcera, estava sentindo

um pouco da auto piedade e de depressão pela maneira como as coisas estavam caminhando nas suas vidas e em A.A. Não tinham um verdadeiro lar, A.A. avançava com dificuldades com menos de 2.000 membros em todo o país, e suas economias estavam num ponto muito baixo. O Livro Grande tinha sido publicado, mas quase todos exemplares estavam encalhados e a gráfica ainda não tinha sido paga.

Bill tinha acabado de se deitar quando soou a campainha da porta e o vigilante disse-lhe que um vagabundo queria vê-lo. *"Ah meu Deus"* disse Bill, *"mais um? A estas horas da noite? Bom, diga-lhe que suba"*. Bill descreveu seu primeiro encontro desta maneira: *"Ouvi uns passos na escada. Depois o vi entrar no meu quarto, apoiando-se precariamente na sua bengala, levando em suas mãos um chapéu preto amassado, deformado e encharcado pela agua da neve. Sentou-se numa cadeira e, quando abriu o sobretudo, vi no seu pescoço o colarinho de sacerdote. Alisou com a mão uma mecha de cabelos grisalhos e olhou para mim com os olhos mais extraordinários que eu jamais tinha visto"*. O sacerdote se apresentou: *"Sou o Padre Ed Dowling. Um jesuíta, amigo meu e eu ficamos assombrados com a semelhança que há entre os Doze Passos de A.A. e os Exercícios Espirituais de São Inácio"* **(1).**

"Nunca ouvi falar deles", disse Bill, e isso iniciou uma conversa cordial e animada.

"Falamos de um monte de coisas", disse Bill, *"e aos poucos fui recobrando o ânimo até que finalmente percebi que aquele homem irradiava tal graça que iluminava o quarto com uma sensação de presença. Esta sensação impressionou-me intensamente; foi uma experiência emocionante e misteriosa. Em anos posteriores vi muitas vezes este bom amigo, e seja que o tenha encontrado alegre ou triste, sempre produziu em mim essa mesma sensação de graça e de presença de Deus"*.

Assim começou uma amizade íntima que durou até a morte do Padre Ed e **1960**. O padre Ed converteu-se no conselheiro espiritual de Bill e Bill foi para o Padre Ed o ideal de um leigo inspirado que tinha criado algo que o mundo não havia tido até então.

Nunca foi explicado porque o Padre Ed apareceu sem avisar para visitar Bill W. tão tarde da noite ou se tinha vindo a Nova York com o único propósito de se encontrar com Bill. De qualquer maneira, eles se mantiveram em contato durante as duas décadas seguintes através de correspondência, contínuas chamadas telefônicas e visitas pessoais conforme ia amadurecendo seu relacionamento. Diz-se que Bill recorria ao Padre Ed em cada crise que atravessou na sua vida pessoal e em muitos conflitos e decisões que afetavam a Irmandade de Alcoólicos Anônimos. E embora o Padre Ed fosse alguns anos mais novo que Bill, chegou a ser um pai para ele, cujo próprio pai o tinha abandonado com a idade de nove anos.

St. Louis sempre foi o lar do Padre Ed, onde nasceu em **1898**, num bairro de operários de origem alemã, conhecido como Baden, mas os Dowlings não eram alemães como seus vizinhos. Seus avos paternos tinham imigrado da Irlanda em **1847**, durante a escassez de batatas **(2)**. A família prosperou e St. Louis. E seu avô paterno converteu-se nu latifundiário acomodado e membro da Junta de Educação de St. Louis. A mãe de Ed também era irlandesa e tanto ela como seu marido eram muito religiosos. Ed e seus outros quatro irmãos – ele era o mais velho, foram criados sem passar dificuldades.

Ed era de estatura mediana, gordinho, com nariz aplastado que lhe valeu o apelido de *"Puggy"*. Graduou-se numa escola paroquial e depois estudou no St. Mary´s College, de Kansas, onde foi capitão da equipe de beisebol. Também jogava em times semiprofissionais nos verões e foi o suficientemente bom para apresentar-se nos testes dos Boston Red Sox e St. Louis Browns, embora

nenhum dos dois o tenha contratado. Tinha talento como escritor e foi repórter do St. Louis Globe-Democrat em **1917** e **1918**, antes de servir como soldado no exercito dos EUA na Primeira Guerra Mundial. Estudou durante um ano na renomada Escola de jornalismo Medill da Universidade Northwestern, mas, finalmente, em **1919**, ingressou no seminário jesuíta St. Stanislaus, de Florissant, Missouri. Foi ordenado sacerdote em **1931** e pronunciou seus votos como coadjutor espiritual na Companhia de Jesus em **1936**.

Em **1932** foi indicado para Confraria de Nossa Senhora, onde logo se entrosou com o pessoal que publicava seu boletim, o *The Queen's Work*. Dowling foi um escritor prolífico de artigos religiosos e utilizou essa qualidade para divulgar o programa de A.A.

O Padre Ed soube da existência de Alcoólicos Anônimos em **1939** e assistiu a sua primeira reunião de A.A. em março de **1940** em Chicago. Depois ajudou alguns conhecidos seus a ingressar no programa no verão daquele ano. St. Lois já tinha um Grupo de A.A. funcionando. Jack Alexander visitou este Grupo quando estava preparando o artigo sobre A.A. que seria publicado em março de **1941** no *Saturday Evening Post,* e que ajudou a quadruplicar o número de membros da Irmandade em menos de um ano.

Embora alguns clérigos apoiaram A.A. com entusiasmo na década de **1940**, o Padre Ed levou seu apoio ainda mais longe, até o que se poderia chamar um apadrinhamento virtual. Uma das histórias que circularam naquele então, a de Carlos G., um advogado de Sioux City, Iowa, quem, no começo de **1944**, tinha perdido a esperança de recuperação. Foi para St. Louis para morrer, mas, de alguma maneira encontrou-se com o Padre Dowling que imediatamente o mandou para A.A. Já sóbrio, voltou a Sioux City, formou o primeiro Grupo de A.A. ali, e também levou a mensagem às comunidades vizinhas. Numa carta dirigida ao Padre Dowling no dia 5 de fevereiro de **1945**, Carlos sinalou que o dia 24 de fevereiro iria fazer um ano do seu encontro com o Padre Ed e seu começo em A.A. Muitas coisas maravilhosas tinham acontecido desde então, disse Carlos, incluindo haver conhecido outro sacerdote que estava ajudado os AAs de Sioux City. Também recebeu ânimos do Padre Ed, J. Flanagan, o fundador de Boys Town (Cidade dos meninos). Carlos inclusive conheceu Bill W. em Nova York e estava em contato com homens e mulheres de A.A. de várias partes do mundo. "*Foi um ano maravilhoso, o melhor da minha vida*", disse Carlos.

O padre Ed dizia às pessoas que A.A. era uma coisa boa e que deveriam "*vir e tomá-la*", e logo começou a pensar a respeito de como aplicar os Doze Passos de A.A. a outros problemas. Porque não poderia se reunis casais da mesma maneira para poder falar entre eles? Isto o levou a iniciar as conferencias de Canaã em **1942**, um movimento que chegou a se estender por todo pais. Embora o nome Canaã esteja associado a uma história bíblica, significa também que "*os casais não estão sozinhos*". Canaã chegou a ser um movimento de muito sucesso e o Padre Dowling falou nestas conferencias mensais utilizando os Doze Passos, pelo resto da sua vida.

Também ofereceu seu apoio e prestigio a outro movimento chamado Recuperação Inc., que tinha si criado pelo Dr. Abraham Low para pessoas com problemas mentais. Assim como fez com A.A., foi a Chicago para conhecer o programa de Recuperação Inc. e fundou um Grupo dessa sociedade em St. Louis numa das salas de *The Queen's Work*. O padre Ed nunca teve de discutir sua própria humanidade com outras pessoas, e sem dúvida alguma foi isto que lhe valeu o carinho de muitos e o converteu numa pessoa especial em A.A. e na vida de Bill. E se pudesse ser destacado um momento de sua amizade, foi quando A.A. celebrou sua Segunda convenção Internacional em St. Louis em **1955**, um evento que atraiu milhares de pessoas a essa cidade e também marcou a ocasião

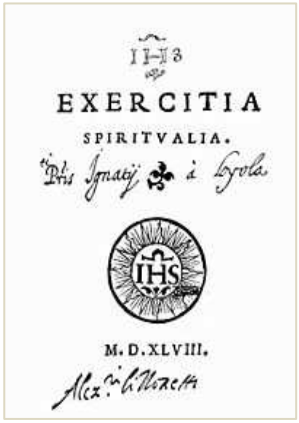
em que Bill deixou seu posto em A.A. e entregou suas funções de serviço à Conferência de Serviços Gerais de A.A. Há quem diga que Bill fez campanha para que a Convenção fosse realizada em St. Louis porque era a cidade do Padre Dowling e naquele momento estava doente e talvez não lhe fosse possível viajar a outo lugar. O Padre Ed falou nessa Convenção e sua fala esta registrada no livro *"A.A. Atinge a Maioridade"* – Junaab, código **101**.

Bill fez sua apresentação dizendo: *"De todas as pessoas que eu conheço, nosso amigo Padre Ed é a única a quem nunca ouvi uma palavra de ressentimento ou uma simples crítica. Para mim foi continuamente um amigo, conselheiro, um grande exemplo e fonte de inspiração até o ponto que eu próprio não alcanço descrever. O Padre Ed está feito da madeira dos santos"*.

Leia também:

"Ao Padre Ed – Que vá com Deus", artigo de Bill W. em ***"A Linguagem do Coração",*** pág. 428 – Junaab, código **104**
http://www.barefootsworld.net/aafreddowling.html

N.T. (1): *Segundo o católico* ***Inácio de Loyola (1491-1556)*** *– fundador da Companhia de Jesus (os jesuítas), por* **Exercícios *Espirituais*** "entende-se qualquer modo de examinar a consciência, meditar, contemplar, orar vocal ou mentalmente e outras atividades espirituais... Porque, assim como passear, caminhar e correr são exercícios corporais também se chamam exercícios espirituais os diferentes modos de a pessoa se preparar e dispor para tirar de si todas as afeições desordenadas e, tendo-as afastado, procurar e encontrar a vontade de Deus, na disposição de sua vida para o bem da mesma pessoa".



1548, 1ª Edição

Partindo deste pressuposto e baseado em sua própria experiência espiritual, Inácio de Loyola escreveu um roteiro a fim de ajudar os outros em seu crescimento espiritual: o livro dos Exercícios Espirituais. Consistem em um modo e um roteiro, totalmente fundamentado na experiência do santo, para ajudar as pessoas a perceber e acolher a íntima ação de Deus em sua vida, e acolhê-la em uma dinâmica de uma participação cada vez mais efetiva na Vida e na Missão de Jesus Cristo.

http://pt.wikipedia.org/wiki/Exerc%C3%ADcios_espirituais_inacianos

Se tiver interesse veja também:

http://www.ocultura.org.br/index.php/Exerc%C3%ADcios_Espirituais_de_Santo_In%C3%A1cio_de_Loyola

N.T. (2): A **Grande fome de 1845–1849 na Irlanda** (em irlandês: ***An Gorta Mór*** ou ***A Grande Fome***) foi um período de fome, doenças e emigração em massa entre **1845** e uma data variável entre **1849** e **1852**, em que a população da Irlanda se reduziu entre 20 e 25 por cento. A fome provocou a morte a cerca de um milhão de pessoas e forçou mais de um milhão a emigrar da ilha. A causa mais próxima da fome foi uma doença provocada pelo fungo *Phytophthora infestans*, que contaminou em larguíssima escala as batatas em toda a Europa durante a década de **1840**. Apesar de a Europa inteira ter sido atingida, um terço de toda a população da Irlanda dependia unicamente de batatas para sobreviver, e o problema foi exacerbado por vários fatores ligados à situação política, social e econômica que ainda são matéria de debate na comunidade acadêmica.

http://pt.wikipedia.org/wiki/Grande_fome_de_1845%E2%80%931849_na_Irlanda

8.9. Jack Alexander (1903-1975)

***Box 4-5-9*, Fev. Mar. / 2008 (pág. 4-5) => http://www.aa.org/newsletters/es_ES/sp_box459_febmar08.pdf**

Título original: ***"Jack Alexander dio a A.A. su primer fuerte empuje"***

No começo de **1941**, Alcoólicos Anônimos tinha uns 2.000 membros, muitos deles em cidades grandes, outros em pequenos povoados e outros em lugares isolados. Um artigo que apareceu em **1939** numa revista nacional atraiu várias centenas de novos membros, e crónicas publicadas em jornais de Cleveland e outras cidades deram resultados positivos. Mas para as pessoas da maior parte da América do Norte, A.A. era desconhecida e os alcoólicos continuavam morrendo sem saber que tinha sido descoberta uma nova mineira de recuperar-se que estava dando bons resultados.

Mas isso tudo estava a ponto de mudar dramaticamente. Em menos de um ano, o número de membros de A.A. tinha triplicado e a Irmandade já estava em vias de se converter numa instituição nacional. O homem responsável por essa mudança rápida foi Jack Alexander, um escritor de 38 anos de idade, que trabalhava para o semanário Saturday Evening Post, uma publicação que tinha tiragem de três milhões de exemplares e naquele então era a principal revista familiar dos EUA. O artigo que escreveu a respeito de A.A., publicado no dia primeiro de março de **1941** com o titulo simples de ***"Alcoólicos Anônimos",*** provocou um grande interesse pela Irmandade, evidenciado por mais de 7.000 pedidos de informação, e chegou a ser o ponto mais elevado da sua ilustre carreira. Aparentemente, como consequência do artigo, outras revistas começaram a publicar reportagens sobre as atividades de A.A. começando assim uma boa onda de publicidade que iria durar anos.

O artigo da Jack Alexander ainda está disponível em forma de folheto editado pelos Serviços Mundiais de A.A. – A.A.W.S., com o título *"O artigo de Jack Alexander a respeito de Alcoólicos Anônimos"* (Junaab, código 228, R$ 2,50). Embora trate de A.A. em **1941**, ainda oferece informação importante sobre o alcoolismo, o começo da Irmandade e o que estava dando tão bom resultado aos bêbados, a quem agora damos o nome de pioneiros. Ademais, o artigo foi elogiado por ser um exemplo admirável de boa organização e um trabalho excelente que pode ser de utilidade aos estudantes de jornalismo. Numa sessão da Convenção Internacional de **1985** em Montreal, Maurice Z., membro de A.A. e renomado escritor e biógrafo, já falecido, disse ter ficado impressionado pelo artigo já em **1941**, muito antes de perceber sua própria necessidade de abraçar o programa.

O que aconteceu para A.A. receber essa boa publicidade? O que serviu de inspiração e quem foi o responsável por apresentar a ideia à redação do Post e conseguir que fosse aprovada e publicada?

O relato da publicação do artigo sobre A.A. em The Saturday Evening Post é uma história que dá calafrios nos membros de A.A. porque muitos a veem como um sinal claro da intervenção de um Poder Superior. Outros a consideram como uma serie de casualidades que acabaram tendo consequências favoráveis para a Irmandade. Seja qual for a causa, a aparição do artigo foi um acontecimento importantíssimo para A.A. num momento crucial.

Tudo começou em fevereiro de **1940**, quando Jim B. um dos pioneiros de A.A. de Nova York, mudou para a Filadélfia, sede de The Saturday Evening Post. Jim iniciou um Grupo de A.A. na cidade e num encontro casual numa livraria, despertou o interesse do Dr. Wiese Hammer quem,

junto com seu colega Dr. C. Dudley Saul, se tornou defensor entusiasta de A.A. O Dr. Hammer era amigo íntimo de Curtis Bok, proprietário de The Saturday Evening Post. Depois de ouvir o Dr. Hammer manifestar seu forte apoio a A.A., Bok sugeriu aos membros da redação que considerassem a possibilidade de publicar um artigo a respeito de A.A. A sugestão chegou à sala de Jack Alexander, o repórter por excelência da revista.

Alexander era um escritor experiente que (de acordo com Bill), tinha concluído uma serie de artigos sobre o crime organizado em Nova Jersey. (Isto deu origem à falsa ideia de que ele houvesse acreditado que A.A. era uma organização de metas duvidosas). Nascido em St. Louis, Missouri, havia trabalhado para vários jornais e The New Yorker antes de se incorporar à redação do Post. Há que atribuir a Alexander o mérito de investigar a fundo uma sociedade que estava lutando pela sobrevivência e que, quando começou suas indagações tinha-lhe impressionado muito pouco. Embora seus superiores o tivessem encarregado do projeto, poderia ter feito um estudo superficial das atividades de A.A. na cidade de Nova York e depois abandoná-lo por ser de pouco interesse. De fato, quatro anos mais tarde, escreveu que ficou bastante cético depois do seu primeiro contato com quatro membros de A.A. que o visitaram no seu apartamento uma tarde. *"Contaram-me histórias horríveis a respeito de suas desventuras com a bebida"*, disse. *"Essas histórias pareceram-me inverossímeis e, quando foram embora, eu tinha uma leve suspeita de que me estavam provocando. Comportaram-se como um grupelho de atores enviado por uma agencia de artistas da Broadway"*.

Entretanto, Alexander, por ser um profissional, não iria abandonar o trabalho motivado apenas por uma entrevista pouco satisfatória. Na manhã seguinte foi-se entrevistar com Bill W. no pequeno escritório de serviços gerais na Rua Versey, ao sul de Manhattan. Os dois simpatizaram desde o começo. Alexander caracterizou Bill como *"um homem perfeitamente encantador, experto em doutrinar o leigo em psicologia, psiquiatria, fisiologia, farmacologia e folclore do alcoolismo. Dedicou a maior parte do tempo a dar-me explicações sobre o que se tratava. Foi uma experiência muito interessante, mas no fim eu ainda estava duvidando e aguardando. Sabia que tinha a oportunidade de redigir uma reportagem de algum interesse, mas, infelizmente, não acreditava na matéria e disse isso claramente a Bill"*.

Chegando neste ponto, Alexander poderia ter adiado o trabalho para uma futura consideração ou tê-lo abandonado. Mas Bill W. estava resolvido a não deixar isso acontecer. Deixou tudo e se dedicou a convencer a Alexander que fosse investigar A.A. em outras cidade, particularmente nos Grupos de Akron e Cleveland. Conforme lembrou Bill posteriormente, *"Trabalhando dia e noite [Jack] passou um mês inteiro conosco. O Dr. Bob, eu e os veteranos dos primeiros Grupos de Akron, Nova York, Cleveland Filadélfia e Chicago, passamos incontáveis horas com ele. Quando finalmente pode sentir A.A. nos seus próprios ossos, pôs-se a escrever o artigo que iria ter um impacto tão profundo nos bêbados e suas famílias em todas as partes do país"*.

Alexander disse que ficou muito impressionado com A.A. nessas cidades. *"Mas o fator decisivo foi a minha experiência em St. Louis, minha cidade natal. Ali vi uns quantos amigos meus que eram membros de A.A., e desapareceram os últimos vestígios de ceticismo. Fazia um tempo que estes amigos eram bêbados incorrigíveis, e agora vi todos eles sóbrios. Não me parecia que isso fosse possível. Mas foi"*.

Agora convertido num firme partidário de A.A., Alexander terminou o artigo e enviou-o a Bill e ao Dr. Bob para eles fazerem seus comentários. Deram apenas umas pequenas sugestões, mas nas cartas trocadas entre Bill e Jack, percebia-se que Bill não queria que aparecesse referencia alguma ao Grupo de Oxford, uma associação de cujos princípios básicos A.A. se tinha apropriado, mas que a partir de **1936** foi perdendo a estima do público em geral. Alexander disse que seus editores haviam-lhe pedido para incluir alguma referencia ao Grupo de Oxford, mas ele acabou por minimizá-la.

Então, o Post fez um pedido que poderia ter posto um fim ao projeto. Os editores queriam que fossem incluídas fotografias no artigo e Bill acreditava que isto seria uma violação do anonimato. Mas quando os editores disseram que sem fotos o artigo não seria publicado, Bill superou suas dúvidas, percebendo que não poderia ser perdida essa oportunidade única. Numa das fotos que acompanham o artigo de Alexander, aparecem Bill e outros sete companheiros na frente do velho clube da Rua 24 de Manhattan, sem indicação de nomes. Na foto principal, também sem identificação vê-se um bêbado que está tentando tomar um trago, segurando a mão com uma toalha para controlar a tremedeira; noutra foto aparece um homem deitado na cama de um hospital rodeado por três visitantes de A.A., e na quarta foto, um homem sendo transportado para o hospital numa maca.

Publicado em março de **1941**, o artigo de Alexander despertou uma reação que quase esgotou os recursos do pequeno escritório da Rua Versey. O Post remeteu a A.A. milhares de cartas que tinham chegado de todas as partes de Norte-américa. Fez-se necessário recrutar voluntários para responder as cartas e outras cartas foram remetidas a membros e Grupos de A.A. nos lugares de origem. Uma vez que A.A. tinha, naquele então, pouca literatura de sua própria publicação, o artigo serviu como material informativo para os membros de A.A.. Em Toledo, Ohio, por exemplo, os membros deram alguns dólares a um recém-chegado chamado Garth e o encarregaram de comprar os exemplares da revista em todas as bancas da cidade (o preço de cada exemplar era cinco centavos). Estes exemplares eram utilizados como parte da literatura para principiantes. Passados nove anos, o Post publicou outro artigo escrito por Jack Alexander com o título *"O melhor amigo do bêbado"*. Embora não tivesse o impacto dramático do primeiro artigo, informava detalhadamente o que tinha acontecido à Irmandade e o que prometia para o futuro, uma promessa que foi cumprida com folga. Nessa época A.A. tinha 96.000 membros e a mensagem estava sendo difundida em outras partes do mundo.

Desde que conheceu a Irmandade, Jack Alexander foi amigo de A.A. pelo resto da sua vida e inclusive serviu como Custódio Classe A – não alcoólico, desde **1951** até **1956**. Diz-se que fez a revisão final do manuscrito de Bill Os doze Passos e as Doze Tradições, publicado em **1953**. Chegou a ser o editor chefe do Post e na homenagem que lhe foi oferecida por ocasião da sua aposentadoria em **1961**, o Post referiu-se ao artigo sobre Alcoólicos Anônimos como sendo o mais famoso que ele tinha publicado na revista. Com problemas de saúde, retirou-se e com sua esposa mudou-se para a Florida onde morreu em 17 de setembro de **1975**.

Bill W. tinha morrido quase cinco anos antes, assim não apareceu nenhum tributo especial como os que Bill escrevia para homenagear outros amigos de A.A. dos primeiros dias. Mas, desde a Grande Reunião nos céus, Bill poderia ter elogiado Jack como o homem que *"marcou um golaço"* para nós e com suas palavras salvou as vidas de milhares de pessoas. Ainda que não houvesse sido publicado o maravilhoso artigo de Jack, A.A. teria sobrevivido e continuaria se desenvolvendo. Mas Jack se apresentou no momento propício com as palavras idóneas na época. Sem a perseverança de Jack e a confiança que tinha em A.A., é possível que muitos tivessem morrido sem conhecer a descoberta e experimentado o sucesso de uma nova forma de recuperação. Bill W. e os demais pioneiros perceberam a dívida que tinham com Jack e nunca deixaram de se sentir agradecidos com o repórter estelar que no começo acreditou que o estavam provocando.

8.10. Bernard B. Smith (1901-1970)

***Box 4-5-9*, Out. Nov. / 2008 (pág. 3 a 5) => http://www.aa.org/newsletters/es_ES/sp_box459_oct-nov08.pdf**
Título original: ***"Bern Smith: Uno de los principales arquitectos de la Conferencia de Servicios Generales".***

Nas últimas horas da tarde de um dia de **1944**, três homens chegara ao escritório de Bernard. B. Smith, um proeminente advogado de Nova York especializado em Direito Societário e Comercial. O objetivo dos três homens era a contratação do advogado para a formação de uma sociedade que seria conhecida como *"Fundação do Alcoólico"*.

Smith, conhecido entre seus amigos como *"Bern"*, não sabia muita coisa a respeito do alcoolismo ou de Alcoólicos Anônimos. Mas, imediatamente ficou impressionado com o cofundador de A.A., Bill W., um dos três visitantes.

Mais tarde, Bern descreveria Bill como *"um homem de aspecto parecido com Lincoln, porém sem barba, alto e esguio, vestido com um terno amassado"*. Intuitivamente, Bern sentiu que gostaria de conhecer a Bill, e convidou-o para jantar essa mesma noite. (Bill aceitou de bom grado e Bern mais tarde pensou que a perspectiva de um bom jantar poderia ser muito atraente para Bill naquela fase de dificuldades na sua vida).

Bern lembrou que durante o jantar, mantendo seu comportamento de advogado, começou a interrogar a Bill a respeito do que poderia ter A.A. para tornar possível a um alcoólico alcançar a sobriedade. *"Nessa noite fiquei sabendo que A.A. tinha uma base espiritual"*, disse. *"Ele me explicou que um alcoólico que deixou de beber pode ajudar outro que ainda bebe. Naquela noite fiquei sabendo que não foi pela ciência nem pelo uso de revigorantes ou tranquilizantes psíquicos que Alcoólicos Anônimos estava conseguindo deter a doença do alcoolismo, mas através de permanentes preceitos de humildade, honestidade, devoção e amor, A.A. começava a ter sucesso onde outros esforços para resolver o problema do alcoolismo tinham fracassado"*.

Isto foi o começo de uma amizade que iria durar até a morte de Bern em **1970**. Ele logo chegaria a Custódio não alcoólico e, posteriormente, presidente da Junta de Serviços Gerais. Também se converteria num forte aliado de Bill, numa Junta que às vezes ficava dividida a respeito de determinados assuntos. Uma de suas contribuições mais importantes foi o apoio que deu a Bill para estabelecer a Conferência de Serviços Gerais. O conhecimento por parte de Bern dos aspectos

legais e práticos contribuiu de tal maneira no planejamento da Conferência, que Bill o chamou de se *"arquiteto"*. Mas Bern manteve-se no segundo plano na maior parte do tempo, e a Irmandade em geral o conhecia apenas pelas referências que Bill fazia a ele nas suas palestras e lembranças.

Bern era natural de Nova York, nascido no Bronx o dia 23 de dezembro de **1901**. Ali foi criado e formou-se na Faculdade de Direito da Universidade de Nova York, antes de iniciar uma bem sucedida carreira de advogado. Morou em Manhattan com sua mulher Sylvia e suas duas filhas.

Os pais de Bern tinham emigrado da Rússia para os EUA, onde seu pai trabalhou na indústria do vestiário. A família estava fadada ao sucesso; Carl, o irmão mais velho de Bern, distinguiu-se como professor de pediatria na Faculdade de Medicina da Universidade de Cornell. Sua irmã, Josephine, graduou-se no Hunter College e chegou a ser professora no ensino primário. Tanto Carl quanto Bern escreveram artigos e livros nas suas respectivas áreas. Os escritos de Carl a respeito das doenças do sangue em crianças tinham elevada consideração, e Bern escreveu sobre comercio internacional, a indústria da construção e a televisão. Em **1957** Bern foi nomeado Comandante Honorário da Ordem do Império Britânico pela rainha Elizabeth (esquerda).

No começo, parecia estranho que Bern sentisse tanta atração por A.A. Não havia alcoolismo na sua família, e ele se descrevia como um bebedor moderado que nuca teve problemas com o álcool. Mas lembrava de um amigo sensível e muito talentoso que tinha morrido por causa do alcoolismo. Este amigo tinha sido contratado para fazer um mural e tinham-se adotado medidas especiais para mantê-lo sóbrio enquanto realizava o trabalho. Porém, antes de concluir o projeto amarrou uma bebedeira mortal. Não conseguiram encontrar nenhum artista com seu talento para substituí-lo e o mural nunca foi concluído. Nas palavras de Bern, o mural ficou como *"um monumento a um artista supremo, e o espaço em branco como o tumulo de um alcoólico"*.

Inclusive durante seu primeiro encontro com Bill, Bern contagiou-se com o que ele via como o milagre de A.A. e o que estava fazendo no mundo, embora a Irmandade, em **1944**, tivesse apenas uns 10.000 membros – mas crescia muito rapidamente. Ele se lembrava de outros amigos alcoólicos aos quais não pôde ajudar, a através de Bill soube porquê seus tímidos esforços tinham fracassado. *"Raríssimas vezes, talvez alguma, um não alcoólico pode ajudar um alcoólico"*, disse numa sessão na Convenção Internacional de A.A. de **1965** em Toronto, Canadá.

"Conforme Bill falava comigo aquela tarde percebi que alguma coisa muito importante estava acontecendo na sociedade humana", disse referindo-se ao seu primeiro encontro com Bill. *"Certamente foi uma das tardes mais estimulantes da minha vida. E tal como me foi pedido, comecei a formalizar a Fundação do Alcoólico como corporação e pouco depois iniciei meus 21 anos como servidor Custódio"*. (Seu período de serviço em A.A. alcançou 26 anos).

Inclusive nessa fase inicial, Bill disse a Bern que desejava estipular que houvesse uma maioria de não alcoólicos na Junta de Custódios e diretores da Fundação. Quando Bern perguntou o porquê esta distinção seria necessária, Bill explicou que os alcoólicos recuperados em A.A. estavam apenas a um trago de voltar ao desastre. Bern incluiu este requisito na Carta de Constituição da Fundação embora se tenha visto obrigado a se referir aos membros alcoólicos como *"ex-alcoólicos"*, um termo não utilizado pelos membros de A.A.

Quando Bern apresentou a solicitação para inscrever a Carta de Constituição em nome da Junta, o secretário do Estado de Nova York encarregado de recebê-la observou que alguns Custódios eram não alcoólicos e outros alcoólicos. Preocupado com essa diferenciação, perguntou a Bern, *"Como você pode distinguir esta diferença do ponto de vista legal?"*. Não foi fácil responder, mas a Bern finalmente lhe ocorreu esta explicação que satisfez os especialistas em leis: *"Sentem todos em volta de uma mesa e ponham um uísque com soda na frente da cada um. Os que não o bebam são os alcoólicos"*. A explicação funcionou e a Junta obteve sua Carta Constitutiva.

O serviço de Bern começou quando Bill se encontrava no processo de desenvolvimento das Tradições, que finalmente seriam aprovadas na Primeira Convenção Internacional de Cleveland, em **1950**. Embora Bill tenha escrito os Doze Passos em 20 ou 30 minutos, a preparação e aprovação das Doze Tradições, iria-se prolongar ao longo de vários anos. Bern se lembrava de não estar totalmente de acordo com Bill a respeito de adotar a Sétima Tradição, que diz que A.A. não deve aceitar contribuições alheias à Irmandade.

"Bill precisava insistir reunião após reunião sobre as razões pelas quais A.A. deveria ser autossuficiente e porquê não deveria aceitar ajuda financeira do mundo não alcoólico", lembrava Bern, ao mesmo tempo que indicava que Bill e Lois viviam então em *"estado de necessidade"*, e a Junta gostaria de ter mais dinheiro para poder ajuda-lo a levar uma vida um pouco mais cômoda. Apesar desse estado de necessidade, Bill persistiu na ideia e essa Tradição, como as outras, finalmente tomou forma. Bern confessou que teve momentos de dúvidas quando, como presidente, tinha que assinar cartas rejeitando milhares de dólares em doações e presentes. Entretanto, Bern diria mais tarde, Bill sabia que uma sociedade com baseada na espiritualidade tal como Alcoólicos Anônimos deveria isolar-se das pressões materialistas que, não fosse por esta Tradição, *"poderiam vulnerar a unidade desta grande Irmandade"*.

Os membros de A.A. costumam acreditar que não há coincidências e que boas coisas acontecerão à Irmandade sob a orientação de Deus. Parece ser algo providencial o fato de Bern estar na Junta de Serviços Gerais em **1951** quando Bill começou a apresentar a ideia de uma Conferência de Serviços Gerais para representas a Irmandade de Alcoólicos Anônimos no seu nível básico. Bill acreditava, e Bern também, que no futuro a Irmandade poder-se-ia dividir se o Escritório de Serviços Gerais e suas funções não estiverem vinculados a um organismo representativo da Irmandade em seu conjunto. Acreditavam que uma Conferência de Serviços Gerais era essencial para a continuidade da Irmandade.

Por diversas razões, houve resistências a esse plano. Alguns membros da junta, assim como membros de A.A. de algumas cidades, se opunham à formação de uma Conferência. Bern acreditava que alguns Custódios se atribuíam o *"direito de servir com exclusividade"* e a Conferência de Serviços Gerais iria retirar-lhes esse direito. Bern percebeu que ganhar cooperação *"resultou ser uma tarefa muito mais difícil do que Bill e eu tínhamos imaginado"*.

"Finalmente, depois de um exaustivo debate e por maioria de apenas um voto, foi aprovada a resolução de realizar uma única Conferência experimental", lembrou Bern em **1970**. Esta Conferência não teve nenhuma autoridade real. Foi seguida de outras três Conferências *"experimentais"* nas que Bern serviu como presidente, até a Convenção Internacional de **1955** em St. Louis, onde, oficialmente, Bill deixou de ser líder de A.A. e a Conferência de Serviços Gerais se converteu numa parte permanente da estrutura de A.A. e numa força importante nas funções de serviço de A.A.

Bern indicou que haviam sido necessárias mais três Conferências *"experimentais"*, além da de **1951**, antes da proposta de torná-la uma parte permanente de A.A. Tanto Bill quanto ele concordavam que as mudanças dentro de A.A. nunca deveriam ser feitas de maneira abrupta, que devemos nos assegurar de estar certos antes de efetuar qualquer mudança. A Bern parecia-lhe que a fortaleza intrínseca da Irmandade era tanta, que sempre ira haver tempo suficiente para mudanças. O mesmo princípio teve continuação anos mais tarde, quando foi mudada a composição de Junta de Serviços Gerais para ter uma maioria de membros alcoólicos. Bern tinha apoiado durante algum tempo essa mudança e, inclusive numa ocasião propôs que se demitissem todos os membros não alcoólicos. Esta proposta de mudança brusca foi rejeitada, embora com o tempo os membros alcoólicos chegassem a ser maioria. **(N.T.:** *Em **1966**, mudou a relação de Custódios alcoólicos e não alcoólicos na Junta de Serviços Gerais: eram 15 membros, sendo oito não alcoólicos e sete alcoólicos e passaram para 21 membros, 14 alcoólicos e sete não alcoólicos dando, assim, aos Custódios alcoólicos a atual maioria de dois terços.).*

Bern prestou um grande serviço à Irmandade, mas sempre deixou claro que ele tinha-se beneficiado de seu programa espiritual. Nas palestras que proferiu nas Convenções Internacionais, falava como não alcoólico, mas também dava mostras de que acreditava no programa de A.A. e alivava seus princípios na sua própria vida. Sua irmã Josephine acredita que A.A. lhe satisfez uma grande necessidade espiritual. Nas suas palestras em assembleias de A.A. dava a impressão de que Bern falava como um membro, não como alguém não alcoólico. Na Convenção Internacional de A.A. em **1970**, em Miami Beach, pronunciou uma das suas melhores palestras. Embora Bill estivesse presente por alguns breves momentos, estava demassiado doente para participar de forma ativa, Bern o substituiu e proferiu uma palestra muito inspiradora sobre a unidade e a continuidade em A.A. Esta foi sua última palestra num evento de A.A.

Embora tivesse um aspecto vigoroso e cheio de energia na Convenção, um mes mais tarde sofreu um ataque cardiaco mortal na sua casa em Nova York. Tinha 68 anos de idade e sua morte repentina provocou grande comoção na sua familia e entre seus amigos.

Bill W. que faleceu em janeiro de **1971**, descreveu a morte de Bern como uma grande perda pessoal *"porque me apoiei nele durante muitos anos. Podia contar sempre com seus sábios conselhos apenas pedindo-os; desde o começo disfrutei de sua calorosa amizade"*. E acrescentou, *"desde esse mesmo começo, Bern Smith compreendeu os principios espirituais em que a Sociedade de Alcoólicos Anônimos se baseia. É muito raro encontrar uma compreesão parecida em pessoas alheias à Irmandade. Mas Bern nunca foi uma pessoa alheia. Nã apenas compreendia a nossa Irmandade, mas também acreditava nela"*.

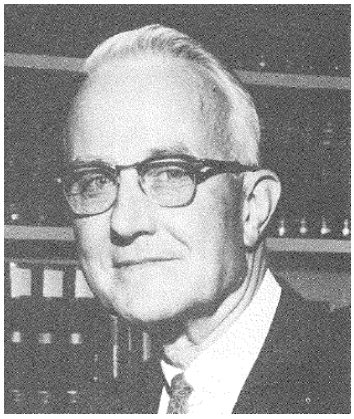
Leia também:
"Bernard B. Smith", artigo de Bill W. em ***"A Linguagem do Coração",*** pág. 446 – Junaab, código **104**

8.11. Dr. John L. Norris *(Dr. Jack)* (1903-1989)

***Box 4-5-9*, Abr. Mai. 1989 (pág. 6-7) => http://www.aa.org/newsletters/es_ES/sp_box459_april-may89.pdf**
Título original: **"In Memoriam - *John L. Norris, M.D. (El Dr. Jack)".***

O trabalho do Dr. Jack Norris estava tão entrelaçado com a história de Alcoólicos Anônimos, Irmandade que dirigia e servia, que é difícil fazer diferenças entre os dois. A convite do cofundador Bill W., o Dr. Jack se tornou Custódio não alcoólico da antiga Fundação do Alcoólico – atual Junta

de Serviços Gerais de Alcoólicos Anônimos, em janeiro de **1951**. Serviu como presidente desde **1961** até **1978**, quando se aposentou, mas continuou como presidente emérito, posto em que continuou trabalhando com dedicação até a sua morte em 13 de janeiro de **1989**. Assim, serviu de maneira extraordinária a Irmandade durante 38 dos 54 anos que A.A. tem de existência (**1989**).



Durante estes 38 anos assistiu a todas as Conferências de Serviços Gerais que foram celebradas; esteve presente em todas as reuniões trimestrais da Junta, exceto quando ficava doente, o que acontecia com bastante frequência; assistiu a todas as Convenções Internacionais; assistiu a todos os Fóruns Regionais e a todas as Reuniões de Serviço Mundial durante os 17 anos que serviu como presidente.

Bob H., antigo diretor geral do Escritório de Serviços Gerais – ESG, no seu discurso de despedida na Conferência de **1977**, disse dele: *"Lembrem-se deste homem com amor. Nunca veremos outro parecido"*. E os AAs do mundo todo o apreciaram enquanto viveu e continuarão a fazê-lo enquanto Alcoólicos Anônimos existir.

John Lawrence Norris nasceu em Dorchester, Massachussets, no dia 24 de setembro de **1903**. Graduou-se em Dartmouth College em **1925** e, três anos mais tarde, na Faculdade de Medicina de Dartmouth. Recebeu seu título de Doutor em Medicina na McGill University em **1931**.

O jovem doutor abriu um consultório particular em New London, New Hampshire. Naquele então, a Companhia Eastman Kodak de Rochester, ofereceu-lhe um emprego como Diretor Assistente de Medicina e ele aceitou. Era um campo novo, onde o Dr. Jack se converteu num líder, servindo mais tarde como Presidente da Academia de Medicina Ocupacional Norte-americana, a Associação de Medicina Industrial e a Academia de Medicina preventiva do Estado de Nova York.

O Dr. Jack confessou que em seus primeiros anos em Rochester, ele era um bom exemplo do médico que *"não podia distinguir o alcoolismo de uma úlcera"*. Isso dizia ao se referir à sua introdução em A.A. em 1941, história esta que gostava de contar. Um diretor da Kodak de nome Bert tinha sido enviado a ele com dores no estômago, os quais o Dr. Norris diagnosticou como sendo uma ulcera. Durante várias semanas o paciente ficou em casa recebendo salário, até que uma enfermeira que o visitava alertou o doutor que a *"úlcera"* era uma fachada para esconder o alcoolismo.

Quando o Dr. Norris pediu a Bert para voltar ao consultório, o empregado admitiu sem rodeios que tinha um problema com a bebida. O doutor tomou uma atitude revolucionária naquele tempo, mas que se converteu na norma dos programas empresariais mais tarde; disse-lhe, *"Junte-se a A.A.* (o Dr. Jack tinha ouvido falar do programa, mas sabia pouco a seu respeito), *procure um trabalho em outro lugar e, quando ache que está pronto, volte aqui"*. Bert fez isso. E uns sete meses mais tarde, reapareceu com a saúde boa dizendo *"Sou libre, libre por fim"*. A Kodak voltou a contratá-lo e deu-lhe um cargo de responsabilidade.

Bert e o Dr. Jack converteram-se numa equipe, usando a mesma magia com outros empregados que apresentavam sintomas de alcoolismo. *"Eu diagnosticava o problema e falava a dura e curta verdade"*, explicou o Dr. Jack. *"Então chamava a Bert para que ele continuasse com o trabalho. Nosso índice de sucesso era muito bom"*. Bert também se tornou *"padrinho AA"* do Dr. Jack e o levava a reuniões, incluindo duas grandes reuniões públicas no final dos anos de 1940 onde

falou Bill W. O Dr. Jack ficou muito bem impressionado. E a Bill também lhe impressionou o doutor, uma vez que já em **1950** lhe telefonou para convidá-lo a servir como Custódio.

Desde aquele tempo, A.A. tornou-se vinte vezes maior – 4.000 Grupos com aproximadamente 100.000 membros em **1951** passou para 80.000 Grupos e 1.500.000 membros em **1989**, e o Dr. John L. Norris teve um papel muito importante neste desenvolvimento. Enquanto servia como membro da Junta, participou de muitas ações de grande responsabilidade. Por exemplo, durante onze anos, sem sucesso, Bill tinha tratado de convencer a Junta para aceitar a mudança da proporção de Custódios alcoólicos e não alcoólicos. Finalmente, depois de uma curta e simples conversa do coordenador – o Dr. Norris, a Conferência de **1966** aceitou a proposta de maioria de Custódios alcoólicos **(N.T.:** *Em **1966**, mudou a relação de Custódios alcoólicos e não alcoólicos na Junta de Serviços Gerais: eram 15 membros, sendo oito não alcoólicos e sete alcoólicos e passaram para 21 membros, 14 alcoólicos e sete não alcoólicos dando, assim, aos Custódios alcoólicos a atual maioria de dois terços.).* O Dr. Norris também concebeu a ideia dos Foruns Regionais, como um meio para aumentar a confiança e melhorar a comunicação entre os membros da Junta e do pessoal do Escritório e os trabalhadores de serviço nas diversas regiões.

Embora o Dr. Norris não tenha cunhado a frase *"preenchendo o vazio"* (entre o tratamento attivo e a vida sóbria em A.A.), escreveu um artigo definitivo a respeito desse tema em 1972. O ESG ainda o distrbui em inglês. Também empreendeu uma campanha com 40 anos de duração para aumentar o conhecimento sobre o alcoolismo e melhorar a compreensão de A.A. entre os médicos e outros profissionais. Sempre incentivou os membros a *"apadrinhar seus doutores"*.

Fora de A.A., o Dr. Norris ganhou reconhecimento mundial como autoridade no alcoolismo. Em **1962**, Nelson Rockefeller nomeou-o Presidente da Junta Conselheira do Governador para o Alcoolismo. Serviu como membro da Junta de Diretores do Conselho Nacional sobre o Alcoolismo, o qual, em **1977**, lhe outorgou sua mais alta honraria, o Premio Chave de Ouro. É possível que o maior presente que o Dr. Norris deu Á Irmandade foi o que nos chegou imediatamente após a morte de Bill W. Em todos os lugares os AAs se perguntavam uns aos outros: *"O que irá acontecer agora? A.A. irá sobreviver sem Bill*?". À presença serena e tranquilizadora do Dr. Jack – e especialmente ao afeto e respeito que os AAs tinham por ele, geralmente foi atribuído o mérito de haver mantido A.A. forte e unida durante esse breve, mas decisivo período. Pouco Tempo depois A.A. entrou numa época sem paralelo de crescimento, saúde robusta e harmonia desacostumada.

No dia 20 de janeiro de **1989** foi celebrado um serviço comemorativo para o Dr. John L Norris na igreja Batista de New London. Entre os presentes na capela estavam Ellie e seus filhos David e Richard e suas famílias, incluindo quatro netos (outro filho, Robert, não pode assistir). Também presentes estavam os membros da Junta de Serviços Gerais e uma multidão de membros de A.A. Em conformidade com o desejo do Dr. Jack, foi um serviço *"ao estilo A.A."* incluindo reflexões e lembranças por parte dos presentes, a Oração da Serenidade, e a Oração preferida do Dr. Jack, a Oração de São Francisco. Através dos séculos, fala da vida deste homem: *"é dando que recebemos"*.

Para saber mais:

1) Em **1996**, foi presenteado o exemplar de nº **15.000.000** do livro *Alcoólicos Anônimos* a ***Ellie Norris,*** viúva do Dr. John L. Norris.

2) Em março de **1978**, o Dr. Norris, então Presidente a Junta de Custódios dos EUA/ Canadá, esteve em Belo Horizonte, MG, para participar do Quinto Conclave Nacional - que a partir de então se chama Convenção Nacional), e da II Conferência de Serviços Gerais.

8.12. Nellie Elizabeth Wing *(Nell Wing)* (1917-2007)

***Box 4-5-9*, Abr. Mai. / 2007 (pág. 7) => http://www.aa.org/newsletters/es_ES/sp_box459_april-may07.pdf**
Título original: ***"Recordando a Nell Wing"***

Nellie Elizabeth Wing com o Prêmio Lasker, dado a Alcoólicos Anônimos em **1951**, um presente de Albert e Mary Lasker, por recomendação de 12.000 médicos da Associação da Saúde Pública dos EUA.

Nell Wing, não alcoólica, primeira arquivista de A.A. e amiga de muitos AAs do mundo inteiro, morreu no dia 14 de fevereiro de **2007** aos 89 anos de idade.

Em **1947**, Nell, recém-licenciada do SPARS – a secção feminina da Guarda Costeira dos EUA - estava a caminho do México para estudar arte. Precisando de um trabalho temporário, passou pero Escritório de Serviços Gerais de A.A. – ESG, e 35 anos mais tarde, em **1982** lá se aposentou.

Nell serviu primeiro como secretária de Bill W. Foi numa época em que as Tradições começavam a emergir, a Junta de Serviços Gerais não existia e a Junta de Custódios de Serviços Gerais estava começando a descobrir seu papel.

Nell descobriu muito rápido a importância da correspondência de Bill e outros materiais. Começou a procurar nas lixeiras e a guardar materiais que viriam ser a base dos Arquivos Históricos do ESG, e seriam indispensáveis para os pesquisadores, escritores e membros de A.A. nos anos vindouros.

Em **1973** foi formado o Comitê dos Arquivos Históricos dos Custódios, e pouco depois Nell apareceu no show de Dick Cavett para falar do tema do alcoolismo. Ela fez uma explanação tão boa do valor espiritual e psicológico das Tradições de A.A. que um membro daquele tempo exclamou, *"Não sendo membro de A.A., capta muito bem o programa"*.

Em **1975**, foram inaugurados oficialmente os Arquivos Históricos de A.A. numa cerimonia presidida por George G., naquele então o coordenador do Comitê de Arquivos Históricos dos Custódios. Lois W., a viúva de Bill, cortou a fita e Nell Wing foi sua arquivista.

Nell conhecia todo mundo e se lembrava de tudo. Era uma mina de informação sobre A.A. A única coisa que era preciso fazer era dizer o nome de um evento e Nell dava toda informação a respeito dele. Sempre otimista, com um belo sorriso encantador, nunca falava algo negativo para ninguém; um antigo membro do pessoal do ESG, George G, disse *"Com Nell os assuntos de A.A. eram uma obra de amor"*.

Em **1992**, foi publicada a história de Nell *"Agradecida por haver estado ali"*.

"Desde o começo", lembrava Nell, *"cativou-me a Irmandade de A.A., especialmente pelo carinho. Não era um carinho pelo próximo no sentido geral, mas um carinho pessoal, um amor do um pelo outro sem pensar em recompensa"*.

http://storiesofrecovery.org/downloader/index.php?historic/NellWing.mp3
http://www.barefootsworld.net/aa-nellwing.html

Para saber mais veja:
"A origem dos Arquivos Históricos de A.A." em:
***Box 4-5-9*, Out. Nov. 2005 (pág. 3 a 5) =>http://www.aa.org/lang/sp/sp_pdfs/sp_box459_oct-nov05.pdf**

8.13. Pastor Professor Joaquim Luglio

'Como vai, Jovem?'

Texto integral transcrito com permissão de *Eloy T.*

Em **1983**, por ocasião da VII Conferência de Serviços Gerais, conheci os três custódios não alcoólicos, recém-eleitos. Entre eles, destacava-se um homem especial – o Pastor Professor Joaquim Luglio.

O Pastor Joaquim era um homem pobre que vivia de um pequeno ordenado como pregador evangélico do púlpito da Igreja Maronita de Valinhos, Estado de São Paulo. Para melhorar sua parca renda, dava aulas particulares de inglês. Mas não paravam aí as suas atividades: como voluntário, sem qualquer remuneração, fazia parte do Conselho de Curadores da Santa Casa de Misericórdia de Valinhos. Desempenhou esse mister por mais de 20 anos e em certa ocasião foi o Curador Provedor daquela Instituição.

E, agora, também sem qualquer remuneração, passou a servir aos Alcoólicos Anônimos, como custódio não alcoólico da Junta de Serviços Gerais, desempenhando a função específica de tesoureiro.

No desempenho de suas funções deslocava-se semanalmente a São Paulo, sede do Escritório de Serviços Gerais, às suas próprias expensas, já que o Escritório não tinha recursos para pagar-lhe a viagem.

Desempenhou essa função por nove anos consecutivos (três mandatos) e durante esse período trabalhamos juntos. Para que se possa aquilatar a capacidade de doação desse homem, devemos lembrar que em **1986** a Irmandade passava por sérios problemas financeiros. Havia muito serviço no escritório e não podíamos pagar mais que uma funcionária. O Pastor Joaquim passou, então, a acumular as funções de tesoureiro com a de funcionário *full-time* (em tempo integral) do escritório, ao lado da única funcionária paga. Passou a deslocar-se de Valinhos a São Paulo diariamente, pagando suas passagens e suas refeições (quando podia fazê-las). Jamais o vimos queixar-se ou solicitar reembolso. Ainda nesse ano aconteceria a Convenção Nacional de João Pessoa-PB, e, para auxiliar na organização, para lá se dirigiu o Pastor Joaquim que passou a dormir em uma cama improvisada (um colchonete estendido ao chão), dentro do Escritório Local do A.A. daquela cidade.

Acompanhei de perto essa jornada. Ficou muito triste quando, vencido o terceiro mandato estatutariamente permitido, teve que se afastar. Mesmo assim, passou a frequentar os Grupos de sua região, fazendo palestras sempre que solicitado. Pastor Joaquim aposentou-se de sua tarefa ministerial por decurso de tempo, auferindo, assim, uma modesta renda mensal. Às vezes me telefonava: *"Ó Jovem* (era assim que tratava a todos), *preciso de uma informação para incluir em minha palestra, podes me ajudar?"* Foi assim sempre o nosso relacionamento.

Há pouco mais de um ano o Pastor Joaquim foi acometido de grave doença (Malde Alzheimer) e necessitou de atenção especial. Foi internado em uma Clinica de Repouso. Sua dedicada esposa, Dona Ruth, não quis deixá-lo só e internou-se juntamente com ele, apesar de sadia. Somadas as aposentadorias de ambos, dava para o pagamento da internação, mas não dava para os remédios. Sua filha e genro, sem vastos recursos, assumiram esses encargos, auxiliados por uns poucos membros da Irmandade (seis ou oito, se tantos) que passaram a contribuir com pequena mensalidade para cobrir as despesas extras.

Em 28 de agosto último (**2012**) faleceu o Pastor Joaquim Luglio. Dois meses antes fomos eu e mais dois companheiros visitá-lo e passamos a tarde com o casal. Já não nos reconheceu. A doença já estava em estado adiantado. Mas saímos consolados por haver dedicado algumas horas a ele. Ele, o abnegado servidor, aquele que soube sempre doar-se aos necessitados.

Que Deus tenha com Ele o Jovem Joaquim Luglio, a quem a Irmandade de Alcoólicos Anônimos muito deve, exemplo de doação ao próximo. Seu nome estará gravado nas páginas da história do A.A. no Brasil como exemplo de doação pessoal e amor ao próximo.

8.14. Tributo a Anne Ripley Smith – *"A mãe de A.A."*

Oak Park, Illinois, 03 de março de **1881**
Akron, Ohio, 01 de junho de **1949**
A.A. Grapevine, junho **1950**
Editorial

De alguma forma, acredito que a amada Anne do Dr. Bob prefira esta homenagem simples, mas agradecida, a uma contendo linguagem extravagante e alardeando frases que somente serviria para ocultar uma vida com um significado profundo.

É de se duvidar que, agora, apenas um ano após sua morte, que o verdadeiro significado da vida de Anne Smith tenha-se realizado. Certamente, o calor de seu amor, o charme da sua personalidade e a força da sua humildade ainda estão muito presentes naqueles de nós que a conhecemos.

Anne Smith era muito mais do que uma graciosa dama. Ela foi uma das quatro pessoas escolhidas por uma entidade mais elevada para realizar um serviço para a humanidade. O quão grandiosa foi sua contribuição, somente o tempo e uma inteligência além do entendimento humano poderão determinar. Junto com o Dr. Bob, Lois e Bill W., Anne Smith entra para a história, não como uma heroína, mas como alguém disposto a aceitar a vontade de Deus e pronto para fazer o que precisava ser feito.

Sua cozinha era seu campo de batalha e, enquanto Anne servia café preto estava sendo travada uma batalha que levou à salvação da minha vida. Foi ela, talvez, quem primeiro compreendeu o milagre que aconteceu entre Bill W. e o Dr. Bob. E, nos anos que se seguiram, foi ela que teve a certeza divina de que o que tinha acontecido em sua casa iria acontecer em outras casas de novo, de novo, e de novo.

Anne compreendeu a simplicidade da fé. Talvez seja por isso que Deus a escolheu para nos ajudar. Talvez por isso Anne nunca tenha pensado em si mesma como *"uma mulher predestinada"* e foi por isso que conduziu seu trabalho em silêncio. Talvez por isso, quando ela dizia a uma esposa em desespero por causa do alcoolismo do marido, "venha, minha querida, você está entre amigos agora – amigos que a compreendem", o medo e a solidão desapareciam. Talvez por isso Anne sempre se sentava no fundo da sala nas reuniões, para que pudesse ver os recém chegados como eles vinham, tímidos e inseguros... E dar-lhes as boas-vindas.

Assim, da maneira mais simples que conhecemos, e falando pelos AAs de todos os lugares, dizemos apenas *"Obrigado, Dr. Bob, por tê-la partilhado conosco"*. Sabemos que ela agora faz parte de um grupo lá no alto, sentada bem atrás, olhando para os recém chegados, ouvindo seus nomes e dando-lhes as boas-vindas.

http://www.barefootsworld.net/aa-annesmith.html

N.T.: Em seu tributo a Anne, Bill W. escreveu: *"...Anne era a esposa do Dr. Bob, cofundador de Alcoólicos Anônimos. Era, literalmente, a mãe de nosso primeiro Grupo, o Número Um de Akron.*

Seu conselho bom e sábio. Uma insistência em antepor o espiritual com relação a tudo o mais, seu apoio constante ao Dr. Bob em todos os seus trabalhos – todas essas eram as virtudes que nutriram a insegura semente que chegaria a se converter em A.A. Somente Deus poderá calcular o valor de semelhante contribuição. Nós podemos dizer somente que era magnífica e inapreciável. Ela foi, no sentido mais amplo da palavra, um dos fundadores de Alcoólicos Anônimos".

Página 415 de ***"A Linguagem do Coração",*** Junaab, código **104.**

8.15. Tributo a Robert H. Smith – *Dr. Bob*

Saint Johnsbury, Vermont 08 de agosto de **1879**
Akron, Ohio, 16 de novembro de **1950**
A.A. Grapevine, janeiro **1951**
Por ***Bill W.***

Depois de serenamente dizer para quem o atendia: *"Creio que chegou a hora"*, o Dr. Bob faleceu em 16 de novembro de **1950** ao meio dia. Assim terminou a enfermidade que o consumia, e no decorrer da qual nos ensinou tão claramente que a grande fé pode superar as graves angustias. Morreu como havia vivido, supremamente consciente de que na casa de seu Pai há muitas moradas.

Todos os que o conheciam sentiram-se inundados de lembranças. Mas quem poderia saber quais eram os pensamentos e sentimentos dos 5.000 doentes dos quais ele se havia ocupado pessoalmente, e aos quais havia dado gratuitamente sua atenção médica? Que poderia recolher as reflexões de seus concidadãos que o haviam visto afundar-se até quase se perder no esquecimento para depois erguer-se deste mundo anônimo renovado? Quem poderia expressar a gratidão das dezenas de milhares de famílias de AAs que haviam ouvido falar tanto dele, sem tê-lo conhecido

pessoalmente? Quais eram as emoções das pessoas mais próximas a ele enquanto refletiam com gratidão sobre o mistério da sua recuperação há quinze anos e de suas vastas consequências? Não se poderá compreender nem a mínima parte desta grande benção. Somente se poderia dizer: *"Que grande milagre, Deus realizou"*.

O Dr. Bob nunca haveria de querer que alguém o considerasse como um santo ou um super homem. Também não teria desejado que o enaltecêssemos ou que chorássemos a sua morte. Quase o podemos ouvir dizer que: *"Parece-me que estão exagerando. Não me devem levar tão a sério. Eu era somente um dos primeiros elos dessa cadeia de circunstâncias providenciais que se chama A.A. Pela graça e por sorte este elo não se rompeu; apesar de meus defeitos e meus fracassos poderiam ter levado a esta desgraçada consequência. Eu era mais um alcoólico que tentava se arrumar – com a graça de Deus. Esqueçam-me, mas vão e façam o mesmo. Liguem solidamente seu próprio elo à nossa cadeia. Com a ajuda de Deus, forjem uma cadeia forte e segura"*. Assim é como o Dr. Bob valorizaria a sí mesmo e nos aconselharia.

Era um sábado do mês de maio de **1935**. Encontrava-me em Akron em função de um desafortunado assunto de negócios que em seguida fracassou, deixando-me em um estado de precária sobriedade. Aquela tarde passei dando voltas de um lado para outro no saguão do Hotel Mayflower de Akron. Ao contemplar o grupo que ia se formando no bar, começou a me invadir um medo de sofrer uma recaída. Era a primeira grande tentação desde que meu amigo de Nova York me havia apresentado, em novembro de 1934, o que chegaria a ser os princípios básicos de A.A. Durante os seis meses seguintes, havia-me sentido totalmente seguro da minha sobriedade. Mas agora não havia esperança; sentia-me sozinho, desesperado. Durante os seis meses anteriores havia estado trabalhando arduamente com outros alcoólicos. Ou melhor dizendo, havia-lhes passado sermões com um tom bastante arrogante. Cheio de uma falsa segurança, tinha a impressão de não poder tropeçar. Mas desta vez, era diferente. Era necessário fazer algo imediatamente.

De uma lista de igrejas colocada em uma das paredes do saguão, selecionei ao acaso o nome de um clérigo. Chamei-o pelo telefone e lhe expliquei a minha necessidade de trabalhar com um alcoólico. Embora não houvesse tido êxito com nenhum deles, percebi repentinamente que este trabalho me havia mantido livre do desejo. O clérigo deu-me uma lista de dez nomes. Ele estava certo de q1ue algum deles me poderia indicar um caso que necessitasse de ajuda. Apressei-me em ir ao meu quarto e comecei a chama-los. Porém meu entusiasmo foi diminuindo rapidamente. Das primeiras nove pessoas que chamei, nenhuma podia, ou queria, sugerir nada que pudesse satisfazer minha urgente necessidade.

St. Johnsbury, Vermont.
Casa onde o Dr. Bob nasceu.

Restava somente um nome na lista – Henrietta Seiberling. Por alguma razão, não conseguia armar-me de suficiente coragem para marcar o número. Porém, depois de dar uma olhada no bar, algo em meu interior me disse: *"É melhor que o faça"*. Para meu grande assombro, uma voz cálida, com sotaque do sul, respondeu-me. Henrietta assegurou-me que me entendia e me perguntou se poderia ir à sua casa imediatamente.

Em virtude de que havia enfrentado outras calamidades e superou-as, ela sem dúvida entendia a minha. Iria desempenhar um papel vital na série de acontecimentos fantásticos que rapidamente

contribuiriam para o nascimento e desenvolvimento da nossa Irmandade. De todos os nomes que o serviçal pastor havia-me dado, ela era a única que havia se interessado o suficiente. Quero expressar aqui a nossa eterna gratidão.

Dr. Bob e Anne

Não demorou em me contar a crítica situação do Dr. Bob e de Anne. Unindo a ação à palavra telefonou para a casa deles. Quando Anne respondeu, Henrietta me descreveu como um alcoólico sóbrio de Nova York que, tinha certeza, poderia ajudar a Bob. Aparentemente, o bom doutor havia esgotado todos os recursos médicos e espirituais para o seu problema. Em seguida Anne disse: *"O que você diz Henrietta, é muito interessante. Mas receio que agora não podemos fazer mais nada. Por ser o Dia das Mães, meu querido Bob acaba de me trazer uma planta muito bonita. A planta está na mesa, mas, infelizmente, Bob está no chão. Podemos nos ver amanhã?"*. Henrietta convidou-os para vir jantar no dia seguinte.

Na tarde seguinte, as cinco em ponto, Anne e o Dr. Bob apresentaram-se na casa de Henrietta. Ela diretamente nos conduziu ao Dr. Bob e a mim, para a biblioteca. O Dr. Bob me disse: *"Encantado em conhecê-lo Bill Mas acontece que não posso ficar muito tempo, somente cinco ou dez minutos, no mais tardar"*. Ri, e lhe disse: *"Parece que tem muita sede, não?"*. Replicou-me: *"Bem, parece que depois de tudo entende bem este assunto de bebida"*. Dessa forma começou uma conversa que durou várias horas.

Desta vez a minha atitude foi muito diferente. Meu medo em me embebedar havia produzido uma mais apropriada humildade. Depois de contar a minha história ao Dr. Bob, expliquei-lhe o quanto precisava dele. Se me permitisse ajuda-lo, talvez pudesse manter-me sóbrio. Assim começou a crescer para a luz a semente que iria dar nascimento a A.A. Porém, como já havia adivinhado a nossa querida Anne, esse primeiro broto era muito fácil, Era melhor que tomássemos algumas medidas práticas. Convidou-me a passar uma temporada em sua casa. Dessa maneira eu poderia vigiar o Dr. Bob e ele a mim. Esta era a chave da questão. Talvez pudéssemos fazer juntos o que não podíamos fazer sozinhos. Além do mais, era possível que pudesse reavivar esse assunto de negócios tão pouco promissor.

Durante os três meses seguintes, vivi com este maravilhoso casal. Acreditei sempre que eles me deram mais do que eu possa ter-lhes dado. A cada manhã havia um período de recolhimento. Depois do longo silêncio, Anne lia uma pequena passagem da Bíblia. Nosso favorito era Tiago. Sentada na sua poltrona num canto da sala, terminava sua leitura dizendo suavemente: *"A fé sem obras, é fé morta"*.

Mas as angústias alcoólicas do Dr. Bob ainda não haviam chegado ao fim. Tinha que assistir à Convenção Médica em Atlantic City. Em vinte anos não havia perdido nenhuma. Esperando inquietamente, Anne e eu passamos cinco dias sem ter notícias dele. Finalmente, a enfermeira de seu consultório e seu marido o encontraram uma manhã bem cedo na estação de trem de Akron em um estado algo confuso e desalinhado – para não dizer mais. Surgiu um terrível dilema. Três dias mais tarde, o Dr. Bob tinha que realizar uma delicada operação cirúrgica. Ninguém poderia substituí-lo. Simplesmente tinha que fazê-la. Mas, como íamos conseguir coloca-lo em condições de realiza-la?

Instalaram-nos em um quarto de duas camas. Começamos pelo rotineiro processo de reduzir gradualmente a ingestão de álcool. Ninguém consegue dormir muito, mas ele cooperou. No dia da operação, às quatro da manhã, Bob olhou-me e disse: *"Vou fazer isto"*. Perguntei-lhe: *"Quer dizer que vai realizar a operação?"*, ele me respondeu: *"Coloquei a operação e a mim nas mãos de Deus. Vou fazer o que for necessário para obter e manter a minha sobriedade"*. Não me disse mais nenhuma palavra. Às nove da manhã, enquanto o ajudávamos a se vestir, ele lamentavelmente estava tremendo. Sentíamo-nos presos pelo pânico. Iria conseguir fazê-lo? Por estar demasiado tenso ou tremendo muito poderia operar mal o bisturi e tirar a vida de seu paciente. Arriscamo-nos. Dei-lhe uma garrafa de cerveja. Este foi o último gole que ele tomou em sua vida. Era o dia 10 de junho de **1935**. O paciente sobreviveu.

Logo apareceu nosso primeiro candidato, enviado por um pastor da vizinhança. Como o recém-chegado via-se ameaçado de perder o juízo, Anne decidiu hospedá-lo a ele e sua família – sua esposa e dois filhos. O novato era um enigma. Quando estava bebendo, tornava-se totalmente louco. Uma tarde, sentada na cozinha, Anne estava olhando-o calmamente enquanto ele brincava com uma faca. Ao sentir seu olhar fixo, ele retirou a mão. Mas não logrou sua sobriedade nesse momento. Sua mulher desesperada foi morar com seus pais e ele desapareceu. Quinze anos mais tarde voltou a aparecer para prestar sua homenagem ao Dr. Bob. Vimo-lo são e felizmente sóbrio em A.A. Em 1935 não estávamos tão acostumados com os milagres como o estamos hoje. Havíamos dado este caso por perdido.

Então, atravessamos uma época de calma à frente do Décimo Segundo Passo. Anne e Henrietta aproveitaram essa época para infundir em Bob e em mim uma muito grata e frutífera espiritualidade. Lois tirou uns dias de descanso do seu penoso trabalho em uma grande loja de Nova York, e veio a Akron para passa férias conosco, o que nos levanto muito o moral. Começamos a assistir as reuniões do Grupo de Oxford realizadas na casa de T. Henry Williams em Akron. A devoção deste bom homem e de sua mulher brilha em nossas lembranças. Seus nomes apareceram inscritos na primeira página do livro como uns dos primeiros e melhores amigos de A.A.

Um dia o Dr. Bob me disse: *"Você não acha que deveríamos começar a trabalhar com alguns bêbados?"*. Telefonou para a enfermeira encarregada das admissões no Hospital Municipal de Akron e explicou-lhe que ele e outro bêbado de Nova York tinham um remédio para o alcoolismo. O vi ruborizar-se e desconsertar-se um pouco. A enfermeira havia comentado: *"Bem doutor, o senhor já se submeteu a esse tratamento?"*.

Contudo, a enfermeira nos enviou um cliente. Disse-nos que era um tipo difícil. Tratava-se de um eminente advogado de Akron, que havia perdido quase tudo. Nos últimos quatro meses, havia estado seis vezes no hospital. Tinha chegado naquele momento; acabava de atropelar uma enfermeira que ele havia confundido com um elefante rosa; *"Servirá para os senhores?"*, perguntou-nos. O Dr. Bob disse-lhe: *"Instale-o em um quarto particular. Quando melhorar o visitaremos"*.

Pouco tempo depois o Dr. Bob e eu encontramo-nos contemplando um quadro que, desde então, dezenas de milhares de nós voltaríamos a contemplar: o de um homem sentado na cama e que ainda não se apercebeu de que se pode recuperar. Explicamos-lhe a natureza da sua doença, e lhe contamos a nossa própria história de bebedores e de recuperação. Porém, o doente, sacudindo a cabeça, nos disse: *"Parece que os rapazes passaram muito mal. Porém nunca estiveram tão mal como eu estou neste momento. Agora é muito tarde para mim. Não me atrevo a sair daqui. Sou também um homem de fé: costumavam ser diácono na minha igreja. Ainda tenho fé em Deus, mas*

parece que Deus não bota fé em mim. O álcool me venceu; não tenho mais solução. Mas voltem a me visitar. Gostaria de falar mais com os senhores".

Em nossa segunda visita, ao entrar no quarto do enfermo, vimos uma mulher sentada ao pé da cama. Estava dizendo: *"O que lhe aconteceu marido? Você tem um aspecto muito diferente. Sinto-me muito aliviada"*. O homem olhou para nós e disse aos gritos: *"Aqui estão, eles me compreendem. Ontem depois que se foram, não conseguia tirar da cabeça o que me haviam dito. Passei a noite sem dormir. Depois me veio a esperança. Se eles conseguiram encontrar sua libertação, eu também posso fazê-lo. Cheguei a estar disposto a ser sincero comigo mesmo, a reparar os danos que causei e a ajudar outros alcoólicos. Quando pensei nisso, senti-me transformado. Sabia que iria ficar bem"*. O homem na cama continuava falando: *"Agora minha querida mulher, traga-me as minhas roupas. Vou me levantar e vamos sair daqui"*. Dito isto, o AA número três levantou-se da cama, para nunca mais voltar a beber. A semente de A.A. havia germinado outra vez, e outro broto surgiu no novo terreno. Embora ainda não o soubéssemos, já estava em flor. Éramos três ali reunidos. E o Grupo Número Um de Akron havia-se tornado realidade.

Nós três trabalhamos com centenas de alcoólicos. Eram muitos os chamados e poucos os escolhidos. O fracasso nos acompanhava diariamente. Entretanto, quando fui embora de Akron, em setembro de **1935**, parece que mais dois ou três doentes tinham-se unido a nós definitivamente.

Os dois anos seguintes de nossa época pioneira constituíram o período de *"voar às cegas"*. Com seu aguçado instinto de médico, o Dr. Bob continuava atendendo e introduzindo a cada novo caso, primeiro no Hospital Municipal de Akron e depois, durante os doze anos seguintes, no Hospital Santo Tomás, onde milhares de enfermos contavam com sua cuidadosa vigilância e o seu toque especial de A.A. Embora não fossem seus correligionários, o pessoal e as irmãs que trabalhavam com ele operavam verdadeiros milagres. Ofereceram-nos um dos mais brilhantes exemplos de amor e de dedicação que os AAs jamais haviam conhecido. Dirigiam-se aos milhares de visitantes e pacientes AAs – aos que realmente o sabem, perguntando-lhes qual era a sua opinião sobre a Irmã Inácia do Santo Tomás. Ou sobre o Dr. Bob. Bem, estou-me antecipando.

Enquanto isso, um pequeno Grupo havia-se formado em Nova York. As reuniões de Akron na casa de T. Henry começaram a atrair alguns visitantes de Cleveland. Nessa conjuntura, passei umas semanas visitando o Dr. Bob. Pusemo-nos a contar quantos dentre as centenas de alcoólicos tinham ficado? Quantos se haviam mantido sóbrios? E, por quanto tempo? Nesse outono de **1937**, o Dr. Bob e eu calculamos que havia uns quarenta casos que tinham um tempo considerável de abstinência – contando o tempo de todos talvez somassem um total de sessenta anos de sobriedade. Brotaram-nos lágrimas de alegria. Tinha passado uma quantidade suficiente de tempo com uma quantidade suficiente de casos que indicava que algo novo – e talvez muito significativo, estava acontecendo. De repente, o céu se desanuviou. Já não voávamos às cegas. Havia-se acendido um farol. Deus havia ensinado aos alcoólicos a transmiti-lo de mão em mão. Não esquecerei nunca esse momento de súbita e humilde compreensão na companhia do Dr. Bob.

Mas essa nova compreensão apresentou-nos um grande problema, víamo-nos tendo que tomar uma decisão de imensa envergadura. Havíamos demorado quase três anos para realizar quarenta recuperações. Porém, apenas nos EUA havia um milhão de alcoólicos. Como íamos comunicar-lhes nossa mensagem? Não seria por acaso necessário, termos trabalhadores assalariados, nossos próprios hospitais e grande quantidade de dinheiro? Sem dúvida teríamos que reeditar um livro de textos.

Seria sensato irmos a passo de tartaruga enquanto nossa mensagem fosse se desvirtuando e talvez milhares de alcoólicos morressem? Que dilema.

A forma como conseguimos nos livrar do profissionalismo, da riqueza e da administração de bens importantes, e como finalmente nos arranjamos para publicar o livro ***Alcoólicos Anônimos,*** por si só, é uma história. Mas nessa época crítica, os conselhos prudentes do Dr. Bob com frequência nos detiveram para que não nos lançássemos em empreendimentos precipitados que poderiam ter retardado nosso desenvolvimento durante anos e inclusive ter-nos arruinado. Também não ´podemos esquecer a dedicação que tiveram o Dr. Bob e Jim S. (que faleceu no verão passado) em sua tarefa para recolher histórias para o livro de A.A.: três de cada cinco destas histórias provinham de Akron. O interesse e a sabedoria do Dr. Bob foram fatores de primordial importância naquela época de graves dúvidas e graves decisões.

Quando nos regozijamos de que Anne e o Dr. Bob tenham vivido suficiente para que chegasse a todas as partes da Terra, aquela luz que se acendeu em Akron; de que se dessem conta de que algum dia milhões de pessoas poderiam passar por debaixo desse arco cada vez mais amplo cuja base eles também haviam ajudado a esculpir. Entretanto, estou seguro de que eles, por serem tão humildes, nunca chegaram a formar uma ideia clara da magnitude do legado que nos deixaram, nem como cumpriram bem sua tarefa. Fizeram tudo que tinham que fazer. O Dr. Bob inclusive teve a oportunidade de ver a Irmandade chegar à sua maioridade, quando, pela última vez, dirigiu a palavra a 7.000 alcoólicos (**N.T.:** *historiadores coincidem em relatar este número como sendo entre três e três mil e quinhentos participantes)* reunidos em Cleveland.

Vi o Dr. Bob no domingo anterior à sua morte. Porém, menos de um mês antes, ele tinha-me ajudado a formular uma proposta para a Conferência de Serviços Gerais de alcoólicos Anônimos, o Terceiro Legado de A.A. Este legado, em forma de folheto, estava na gráfica quando ele se despediu de nós pela última vez na quinta feira seguinte. Por representar seu último gesto e desejo para os AAs, este documento terá para nós um grande e especial significado.

Não tive uma relação parecida com esta com nenhum ser humano. A coisa mais bela que eu posso dizer é que, durante todos os anos, muitas vezes difíceis para nossa Irmandade, ele e eu nunca tivemos uma penosa diferença de opinião. Seu espírito fraternal e a sua capacidade para o amor estavam fora do meu alcance.

Para terminar, permitam-me que lhes ofereça um último e comovedor exemplo de sua simplicidade e humildade. Por muito estranho que pareça, é uma história que fala de um monumento – um monumento que se propôs erguer em sua homenagem. Faz um ano, quando Anne morreu, muitos companheiros acharam apropriado que lhe fosse dedicado um monumento comemorativo. As pessoas insistiam em que fosse feito algo dessa índole. Ao chegarem esses rumores aos ouvidos do Dr. Bob, ele não demorou em se manifestar contrário à ideia de que os AAs erguessem um mausoléu para ele e Anne. Com apenas uma frase convincente, expressou serenamente seu horror aos símbolos em homenagem pessoal. Disse: *"Anne e eu queremos ser enterrados como uma pessoa qualquer"*.

Entretanto, no pavilhão dos alcoólicos do Hospital Santo Tomás, seus amigos colocaram uma placa simples que diz: *"Com gratidão, os amigos do Dr. Bob e Anne Smith, afetuosamente dedicamos esta placa comemorativa para as irmãs e pessoal do Hospital Santo Tomás. Em Akron, o local de nascimento de Alcoólicos Anônimos, o hospital Santo Tomás foi a primeira instituição religiosa a abrir as portas para a nossa Irmandade. Que a carinhosa dedicação daqueles que aqui*

trabalhavam em nossa época pioneira constitua sempre para todos nós um ilustre e maravilhoso exemplo da graça de Deus".

http://www.barefootsworld.net/aa-drbobgv011951.html
http://www.barefootsworld.net/amweeklydrbob1951.html
Também pode ler a partir da página 416 de *"A Linguagem do Coração"*, Junaab, código 104.

A despedida do Dr. Bob

Meus bons amigos em A.A. e de A.A.:

Sinto uma grande vibração ao olhar o vasto mar de rostos como esse, com a sensação de que possivelmente uma pequena coisa que fiz há alguns anos, teve papel infinitamente pequeno para fazer com que fosse possível este encontro.

Também me bem um grande estremecimento quando penso que todos tivemos o mesmo problema. Todos fizemos as mesmas coisas. Todos conseguimos os mesmos resultados em proporção ao nosso zelo, entusiasmo e capacidade de aderir.

Se vocês me perdoam a inclusão de uma nota pessoal neste momento, permitam-me dizer que tenho estado acamado por cinco dos últimos sete meses, e minhas forças não retornaram como eu gostaria, assim por necessidade, minhas observações serão muito breves.

Há duas ou três coisas que irromperam em minha mente sobre as quais seria apropriado colocar um pouco de ênfase. Uma é a simplicidade de nosso programa. Não vamos estragar tudo com complexos freudianos e coisas que são de interesse para a mente científica, mas tem muito pouco a ver com nosso verdadeiro trabalho de A.A. Nossos Doze Passos, quando resumidos até o último, podem ser condensados nas palavras **'amor'** e **'serviço'**. Entendemos o que é o amor, e entendemos o que é o serviço. Então, vamos manter essas duas coisas em mente.

Vamos, também, lembrar de guardar esse membro errante que é a língua, e se temos de usá-la, vamos usá-la com bondade, consideração e tolerância.

E mais uma coisa: Nenhum de nós estaria aqui hoje se alguém não tivesse tomado seu tempo para explicar as coisas a nós, para nos dar uma palmadinha nas costas, para nos levar a uma reunião ou duas, para fazer em nosso benefício numerosas pequenas ações generosas e atenciosas. Por isso não permitam nunca que cheguemos a um grau de complacência tal que nos impeça de estarmos dispostos a estender, ou tentar estender a nossos irmãos menos afortunados, essa ajuda que tem sido tão benéfica para nós.

Muito obrigado.

Dr. Bob

Considerações feitas pelo Dr. Bob na abertura da Primeira Convenção Internacional de Cleveland, em 28 de julho de 1950, perante mais de três mil pessoas. Foi sua última aparição pública.

Dr. Bob nasceu em St. Johnsbury, Vermont, EUA, em oito de agosto de 1879; morreu em Akron, Ohio, EUA, no dia 16 de novembro de 1950, aos 71 anos de idade, em decorrência de um câncer no cólon. Repousa ao lado de sua mulher Anne, morta em 01.06.1949 e tida por Bill W. como a *"mãe de A.A.",* no cemitério Mount Peace em Akron.

8.16. Tributo a Edwin T. Thacher *(Ebby T.)*

Albany, Nova York, 29 de abril de **1896**
Ballston Spa, Nova York, 21 de março de **1966**
***Box 4-5-9*, Natal / 2006 (pág. 5-6)**
http://www.aa.org/newsletters/es_ES/sp_box459_holiday06.pdf
Título original: ***"Ebby T: El hombre que apadrinó a Bill W.".***

Um dia de setembro de **1934**, um homem preocupado de nome Ebby T. encontrava-se na frente de um juiz de Bennington, Vermont, que o estava repreendendo pela bebedeira que o levou à prisão. O juiz estava permitindo que Ebby voltasse para sua casa, mas teria que voltar ao Tribunal na próxima segunda-feira, depois de prometer ao juiz que não beberia durante o fim de semana. Enquanto isso, um novo amigo chamado Rowland H. aprontava-se para se apresentar ao Tribunal e se responsabilizar por Ebby.

O que nem o juiz nem Rowland sabiam era que os demônios dentro de Ebby estavam pedindo a gritos que tomasse um trago enquanto a policia local o levava para a casa de verão da família a 40 km ao norte de Manchester. No porão da casa tinha estocadas garrafas de cerveja e estava impaciente por chegar e bebe-las. Quando a policia foi embora, Ebby correu para o porão para por fim à angustia que o estava consumindo.

Mas ao começar a tirar a tampa da primeira garrafa, um forte sentimento de culpa o deteve. Havia prometido ao juiz que não iria beber e tinha que cumprir a promessa. Depois de uma luta feroz, levou as garrafas para a casa de um vizinho. Isso o tranquilizou e foi sua última tentativa de beber nos próximos dois anos e sete meses.

É possível que esta ação também tenha sido uma das maiores vitorias da história de A.A., porque foi Ebby quem transmitiu ao cofundador de A.A., Bill W., os princípios do Grupo de Oxford e a promessa de sobriedade. Se Ebby tivesse bebido naquele fim de semana, é de duvidar que se fosse apresentar no Tribunal na segunda-feira ou que o juiz lhe daria outra oportunidade. É pouco provável que houvesse mantido a sobriedade que tornou possível fazer uma visita ao totalmente embriagado Bill W. dois messes mais tarde. Apesar dos problemas com a bebida que sobrevieram mais tarde, Ebby foi um herói durante esses meses de crucial importância em que serviu como padrinho de Bill.

Ebby, embora não tenha seu nome mencionado, é protagonista de *"A História de Bill"* que aparece em todas as quatro edições do livro ***Alcoólicos Anônimos*** (Junaab, código **102**, Pág. 31). Bill descreve-o como o velho amigo de colégio que o chamou no final de novembro de 1934, quando Bill se encontrava curtindo uma longa bebedeira na sua casa do Brooklin Heights, Nova York. Ebby

entrou na casa de Bill *"corado e bem disposto"*. Bill conta: *"Ele estava sóbrio. Havia anos que ele não vinha a Nova York naquele estado. Eu estava perplexo. Corriam boatos de que havia sido detido por insanidade alcoólica. Fiquei imaginando como escapara. Sem dúvida ele viria jantar, e eu poderia então beber junto com ele, sem restrições. Sem me preocupar com sua saúde, eu pensava apenas em reviver o clima do passado"*.

Ebby não tinha ido para beber, mas para transmitir a Bill os princípios que tinha aprendido com Rowland H. e outros dois membros do Grupo de Oxford em Vermont. Ebby morava agora na Missão do Calvário no lado leste do sul de Manhattan, havia tomado conhecimento dos problemas que Bill estava passando e estava-lhe levando a mensagem tal como seus companheiros do Grupo de Oxford lhe tinham recomendado que o fizesse para seu próprio benefício. Bill resistiu no começo, mas acabou por aceitar os princípios e tendo a experiência espiritual que lhe atribuiu uma nova missão na vida. A história da recuperação de Bill e de seu trabalho posterior foi contada inúmeras vezes em livros, palestras e a artigos; em alguns relatos foi considerado como um dos americanos mais destacados do Século XX. Mas Bill não o poderia ter feito se não houvesse tido a importantíssima visita de Ebby. E os AAs que estudam a história da Irmandade são unanimes ao afirmar que Ebby foi um maravilhoso e atento padrinho.

Ebby T., cujo nome era Edwin, nasceu em Albany, Nova York, em **1896** e morreu em Ballston Spa, Nova York, em **1966**. Passou um de seus anos de secundarista morando com a família de um ministro religioso de Manchester, Vermont, onde sua família tinha uma casa de veraneio. Provavelmente foi ali que conheceu Bill W. que se criou em East Dorset, 11 km ao norte, e assistiu à escola secundária de Manchester. Ebby costumava lembrar que Bill havia sido um extraordinário lançador da equipe local de beisebol.

É possível que Ebby tomasse vinho nas festas familiares, mas tomou seu primeiro autêntico trago em **1915**, aos 19 anos, quando entrou no bar do Hotel Ten Eyck de Albany e pediu uma cerveja. Mais ou menos com essa idade começou a trabalhar no negócio da família. Quando fechou o negócio em **1922**, embriagava-se com frequência. Depois foi trabalhar numa agencia de corretores de bolsa de Albany. Bill também era um corretor da bolsa de nova York e é possível que tivessem amigos comuns de negócios. (Ebby tinha sabido dos graves problemas que Bill enfrentava ao passar por uma agência de corretagem).

Bill fala na sua própria história da ocasião em que os dois fretaram um avião para arrematar uma farra. Isto aconteceu em janeiro de **1929** quando Bill passou por Albany a caminho de Manchester, Vermont, numa viagem de trem. Ebby havia estado com os pilotos doa aeroporto local e sugeriu que os dois fossem de avião a Manchester, onde iria ser inaugurado um aeroporto. Depois de um voo perigoso atravessando uma região montanhosa, chegaram bêbados e comportaram-se de maneira vergonhosa diante das autoridades locais que estavam ali para a cerimonia de inauguração do aeroporto.

Em **1932**, a família de Ebby estava encantada de saber que ele iria mudar para Vermont, onde sua maneira de beber lhe ocasionou mais problemas e detenções. Estava morando na casa de verão da sua família quando Shep C. e Cebra G., dois membros do Grupo de Oxford, o escolheram como possível candidato para o seu programa. No começo resistiu, mas logo se mostrou disposto depois que mais uma bebedeira o levou diante do Tribunal de Bennington, a sede administrativa do condado. Também conheceu Rowland H. que obteve perante o juiz sua guarda temporária e lhe ofereceu o que atualmente se conhece em A.A. como apadrinhamento.

Depois de algumas semanas, Rowland levou-o a Nova York e ajudou-o a encontrar alojamento na Missão do Calvário. Ebby transmitiu a mensagem do Grupo de Oxford a Bill e mais tarde instalou-se na casa de Bill e Lois quando fechou a Missão do Calvário em **1936**. Em **1937** voltou para Albany, onde se empregou numa fabrica da Ford.

Mais tarde Ebby disse que problemas de trabalho foram a razão que o levou a beber em 1937. Sua vida converteu-se num pesadelo de bebedeiras seguidas de curtos períodos de sobriedade. Teve variados empregos onde tinha sucesso por curtos períodos de tempo. Por exemplo, durante a Segunda Guerra Mundial trabalhou como empregado civil na Marinha de Guerra e foi muito estimado por seus superiores. Ebby morou durante meses com Bill e Lois. Bill tratou de ajuda-lo, mas não obteve bons resultados. Às vezes Ebby perambulava pelas ruas sem ter para onde ir.

Entretanto, os Aas nunca deixaram de ajuda-lo e em **1953** um AA novayorquino, Charlie M., deu-lhe uma passagem para Dallas, Texas, para fazer um tratamento numa clinica dirigida por Searcy W., um membro pioneiro. Teve algumas dificuldades no começo, mas conseguiu a sobriedade no Texas e ali ficou por oito anos. Também conseguiu um emprego fixo e nele ficou por vários anos. O tempo que passou no Texas foi o melhor período da sua vida adulta. As pessoas agradecidas tratavam-no como uma personalidade e faziam esforços especiais para conhecê-lo e ouvi-lo falar. Um casal o convidou para passar um par de meses na sua fazenda de gado próxima de Ozona, Texas, e ficaram encantados com a visita. Quando estava sóbrio, Ebby era um homem amável e simpático a quem resultava muito fácil fazer amizades. Voltou para os arredores de Nova York no final de **1961** e morou durante algum tempo com o seu irmão mais velho, Ken. Enquanto isso era acometido com mais frequência por problemas de saúde e já não conseguia viver de maneira independente.

Bill W. que sempre tinha ajudado Ebby enviando-lhe algum cheque de vez em quando, interveio novamente para aliviar seus problemas durante os últimos anos. Criou um fundo para os cuidados de Ebby e convidou seus amigos a contribuir com esse fundo. No começo de **1964**, Bill encontrou um lar para Ebby numa granja de repouso em Galway, nas proximidades de Saratoga Springs, Nova York. Bill levou Ebby para a granja, de carro, em maio de **1964** e o confiou aos cuidados de Margaret e Mickey Mc P., membros de A.A. que cuidavam de alguns alcoólicos na sua casa construída no Século XIX.

Para Ebby não poderia ter havido lugar melhor para passar seus últimos anos. Ficou muito popular entre os demais residentes que se impressionavam muito com sua capacidade para resolver as difíceis palavras cruzadas do New York Times. Recebia a visita de sua família de Albany, a apenas 40 km ao sul de Galway.

Num dia março de **1966** Ebby não pode descer para tomar o café da manhã. Às presas foi levado ao hospital de Ballston Spa, onde morreu na manhã de 21 desse mês. A causa da morte foi enfisema pulmonar, a mesma doença que levaria à morte a Bill W. menos de cinco anos mais tarde. No dia da sua morte, Ebby tinha dois anos de sobriedade.

Bill e Lois estavam viajando pelo México e voltaram a tempo de assistir o funeral em Albany.

Na morte, Ebby reuniu-se com membros da sua eminente família no Cemitério Rural de Albany. É difícil encontra o túmulo de Ebby nesse cemitério arborizado com seus caminhos íngremes e sinuosos, mas muitos AAs vão lá para visitá-lo.

Estes companheiros agradecidos reconhecem o papel que Ebby desempenhou ao apadrinhar Bill e assim dar inicio ao processo que ajudou milhões de pessoas a conseguir a sobriedade. Da mesma maneira que nas lápides de Bill W. e do Dr. Bob, não há menção a A.A. na de Ebby.

http://www.aa.org/lang/sp/sp_pdfs/sp_box459_holiday06.pdf

Leia também:

"Em memória de Ebby", artigo de Bill W. em ***"A Linguagem do Coração",*** pág. 431 – Junaab, código **104**

8.17. Tributo a William Griffith Wilson, *(Bill W.)*

East Dorset, Vermont 26 de novembro de **1895**

Miami, Florida, 24 de janeiro de **1971**

Edição especial do ***Box 4-5-9,*** Fev. **1971** (pág. 1 a 6)

http://www.aa.org/newsletters/es_ES/sp_box459_january_billmemorial71.pdf

Título original: ***"En memoria de nuestro querido Bill"***

BOX 4-5-9

NEWS AND NOTES FROM THE GENERAL SERVICE OFFICE OF A. A.

Vol. 16 No. 2 — Memorial Issue, January 1971

TO OUR BILL, IN LOVING MEMORY

Bill W. died at 11:30, Sunday, January 24, 1971, at the Miami Heart Institute, Miami Beach, Fla., after a long illness. He had been treated for emphysema since 1968. At death he was 75 years old.

After a private funeral service, burial will be in E. Dorset, Vt., where he was born on November 26, 1895. These arrangements followed Bill's wishes.

A.A. groups around the world will hold memorial meetings February 14, 1971, honoring Bill's work as co-founder of Alcoholics Anonymous, author of basic A.A. books, and chief architect and articulator of the Fellowship's principles.

Last Public Appearance

Bill's last public appearance was at the Spiritual Meeting, July 3, 1970, in Convention Hall, Miami Beach, which closed the 35th Anniversary International Convention —the fifth in A.A. history.

He had gone to Florida anticipating a full speaking schedule, but virus pneumonia necessitated a short hospitalization, and physicians allowed him only the one token convention appearance.

That Sunday morning, the tall, slender and somewhat weary white-haired man was wearing a bright orange-colored jacket as a salute to the A.A.'s of his host state.

As he pulled himself to his feet, a throng of 11,000 men, women, and children jumped to their feet applauding and cheering. Many wept.

BILL'S BIRTHPLACE — E. Dorset, Vt.

Many 24 hours had passed since Bill had gulped from a bottle of gin on the steps of Towns Hospital, New York.

That proved to be his last drink, on Dec. 11, 1934. It followed shortly after Ebby T., an old drinking buddy, had visited Bill in the house on Clinton Street in Brooklyn, New York, where Bill lived, unemployable, seemingly a hopeless drunkard supported by his wife, Lois.

Ebby had stopped drinking after affiliating himself with the Oxford Groups, a religious movement then very popular.

In Towns Hospital, Bill had the transforming spiritual experience which relieved him of a desire to drink, and prompted him to try to persuade other drunkards to give up drinking.

His efforts seemed to meet with no success until May, 1935, when he found himself about to take a drink in the Mayflower Hotel, in Akron, Ohio after a business disappointment.

Suddenly he realized that his futile efforts in New York to sober

(to p. 2)

TO HONOR BILL'S MEMORY

Lois, Bill's widow, wishes to convey her gratitude to the thousands of friends—and even strangers—who sent her messages of sympathy and comfort. Personal acknowledgement of each will be physically impossible.

Both Bill and Lois had requested no flowers. They suggested that A.A. members may wish, instead, to make contributions to a special *in memoriam* fund to be administered by the General Service Board of A.A. for some special A.A. purpose.

Only contributions from A.A. members can be accepted, of course, because of the A.A. Tradition of self-support. Checks should be mailed to "Memorial Fund, P.O. Box 459, New York, New York 10017."

Bill W. morreu no dia 24 de janeiro de **1971** no *Miami Heart Institute,* Miami Beach, Florida, EUA, depois de uma longa doença. Estava em tratamento de enfisema pulmonar desde **1968**. Tinha 75 anos de idade.

De acordo com os próprios desejos de Bill, depois dos serviços funerários privados, queria ser enterrado em East Dorset, Vermont, onde tinha nascido em 26 de novembro de **1895**.

No dia 14 de fevereiro de **1971** os Grupos de A.A. do mundo todo realizaram reuniões em memoria e em honra ao trabalho de Bill, cofundador de Alcoólicos Anônimos, autor de seus livros básicos de A.A. e arquiteto dos princípios da nossa Irmandade.

Última aparição pública

Bill apareceu pela última vez na reunião de encerramento da Convenção Internacional do 35º Aniversário de A.A. no dia cinco de julho de **1970** no Salão de Convenções de Miami Beach.

Nesse domingo, de manhã, um homenzinho magro, de cabelo branco, com aparência cansada e vestindo um paletó de cor laranja fez uma saudação especial aos AAs do Estado anfitrião.

Ao ficar em pé, com muito esforço, uma multidão de 11.000 homens, mulheres e crianças levantou-se para aplaudi-lo alegremente. Muitos choraram.

Tinham-se passado muitas 24 horas desde que Bill tinha tomado parte do conteúdo de uma garrafa de gim na cerca do Hospital Towns em Nova York.

Último gole

Esse foi seu último gole; era o dia 11 de dezembro de **1934**. Aconteceu pouco tempo depois que Ebby T., um velho amigo com quem Bill bebia, o visitou na sua casa, na Rua Clinton no Brooklin, Nova York, onde ele estava sem trabalho, como um bêbado sem esperança, sustentado pela sua mulher Lois. Ebby tinha deixado de beber depois de se afiliar ao Grupo de Oxford, um movimento religioso muito na moda à época. No Hospital Towns, Bill teve a experiência espiritual que lhe retirou o desejo de beber e o preparou para ajudar a persuadir outros bêbados a parar de beber.

Seus esforços não tiveram sucesso até maio de **1935**, quando estava hospedado no Hotel Mayflower, em Akron, Ohio, e já se encontrava na iminência de beber depois de um fracasso no negócio que o tinha levado lá.

De repente percebeu que os esforços que tinha feito em Nova York para que outros bêbados encontrassem a sobriedade tinham sido estéreis; mas, com isso, ele continuava sóbrio já havia quase cinco meses. Desta maneira, em vez de ir ao bar, Bill começou a fazer chamadas telefônicas na tentativa de encontrar um alcoólico a quem pudesse ajudar, porque se tinha convencido de que, mesmo o outro, o ouvindo ou não, iria impedir que ele tomasse aquele trago. Pela primeira vez, foi motivado pela própria sobrevivência.

Como resultado dessas chamadas, na casa de entrada da mansão da família Seiberling, acabou conhecendo Robert. H. Smith – o Dr. Bob, um cirurgião também afligido pelo alcoolismo.

Este encontro dos dois, que mais tarde seriam conhecidos como os cofundadores de Alcoólicos Anônimos, de certa maneira representa a primeira reunião realizada pelo *"primeiro Grupo de A.A."*. Foi o inicio da recuperação do Dr. Bob, que trabalhando na área da medicina, especializou-se no tratamento de alcoólicos nos hospitais em que trabalhou.

Animado pelo Dr. Bob, depois disso, Bill dedicou todo seu tempo a A.A. a qual teve um crescimento contínuo alcançando aproximadamente 475.000 membros que se reúnem em 16.000 Grupos em 90 países (***N.T.: em 1971***).

Em **1937**, os cofundadores contabilizaram aproximadamente 40 pessoas que tinham sido considerados bêbados irrecuperáveis e estavam conseguindo manterem-se sóbrios em dois pequenos grupos sem nome em Akron e Nova York. Então persuadiram estes primeiros membros a escrever a história de suas experiências para que pudessem ser usadas por outros alcoólicos – em outros lugares e em quaisquer tempos.

O resultado foi o livro *"Alcoólicos Anônimos"* (Junaab, código **102**), publicado pela primeira vez em **1939**. Pouco tempo depois, o movimento passou a ser conhecido pelo mesmo nome do livro. Bill escreveu os primeiros onze capítulos do livro e os famosos *"Doze Passos sugeridos como Programa Recuperação"*. Depois descreveu a Recuperação como sendo o *Primeiro Legado* dos primeiros membros para todos nós.

Nos próximos anos multiplicaram-se com rapidez as experiências e os Grupos de A.A. nos EUA e Bill percebeu que outras ideias básicas de A.A. e outros procedimentos, além dos que existiam nos Doze Passos, precisavam ser desenvolvidos.

Assim, em **1945**, escreveu para a revista *Grapevine* os *"Doze Pontos para assegurar o futuro de A.A."* que mais tarde se converteriam nas *"Doze Tradições de A.A."*, aceitas pela Irmandade na Primeira Convenção Internacional, na cidade de Cleveland, Ohio, em **1950**, ano em que morreu o Dr. Bob.

Bill descreve estas Tradições como o Legado da Unidade – o *Segundo Legado*, entregue pelos fundadores da A.A. aos seus futuros membros. Foram tratadas com mais profundidade no livro *"Os Doze Passos e as Doze Tradições"* (Junaab, código **105**), publicado em **1952**.

A propriedade dos livros do movimento e a administração do Escritório Central – Atual Escritório de Serviços Gerais, ESG, em Nova York foi delegada a uma Junta incorporada não comercial. Entre os membros Custódios da Junta (todos voluntários) a maioria era de homens não alcoólicos destacados no setor de negócios e no campo profissional, mas a Junta tinha pouco contato com os membros e os Grupos de A.A.

Para sanar isso, Bill propôs que uma Conferência de Serviços Gerais composta por Delegados eleitos pelos Grupos de A.A. dos EUA e Canadá se reunissem uma vez por ano servindo como uma ponte entre a Irmandade e a Junta.

Na segunda Convenção Internacional (Saint Louis, Missouri, **1955**), a Conferência foi aceita pela Irmandade como sucessora de Bill, do Dr. Bob e dos outros pioneiros de A.A. Através da Conferência, a Junta de Serviços Gerais de A.A. é a responsável administração da Irmandade.

No livro *"A.A. Atinge a Maioridade"* (Junaab, código **101**) publicado em **1956**, Bill descreve este evento numa breve história sobre os primeiros anos de A.A.

Em **1966** a Conferência mudou a relação de alcoólicos e não alcoólicos na Junta de Serviços Gerais, dando lugar a uma Junta composta por 21 Custódios, sendo 14 alcoólicos e sete não alcoólicos. Isto significou para Bill a aceitação do Terceiro Legado pelos membros fundadores e não apenas a responsabilidade de servir aos alcoólicos, mas também a responsabilidade pelo futuro da Irmandade.

No último livro "*Na Opinião de Bill – O modo de vida de A.A."* (Junaab, código 112), publicado em **1967**, Bill retomou as inquietações espirituais que desde **1934** haviam constituído a base da sua própria vida pessoal. Trata-se de um resumo, que pode ser lido diariamente, de uma parte da ajuda que ele deu a outros alcoólicos em milhares de visitas e na correspondência. Provavelmente milhares de AAs guardam as melhores lembranças de Bill como orador nas Conferências Internacionais realizadas a cada cinco anos. Cleveland, **1950**, St. Lois, Missouri **1955**, Long Beach, Califórnia **1960**, Toronto, Canadá **1965** e Miami Beach, Florida **1970**.

Milhares de alcoólicos ficavam fascinados enquanto ele repetia a história do começo de A.A.

Durante a primeira Reunião de Serviço Mundial em **1969,** foi talvez a ocasião em que melhor contou essa história.

Primeira Reunião de Serviço Mundial

Havia 27 Delegados de 15 países entre os 3.500 convidados, quando Bill disse que A.A. tinha começado no consultório do Dr. Carl Jung, um dos criadores da psicanálise e da psiquiatria moderna em Zurique, Suíça, que estava tratando um alcoólico norte-americano chamado Rowland em **1930**. Rowland compartilhou suas experiências com Ebby T., que era amigo

de farras de Bill e que acabou por levar-lhe a mensagem de recuperação quase no final do ano de **1934** no Brooklin, Nova York.

Declinou de honras públicas

Em conformidade com as Tradições, Bill recusou honras conferidas a ele pelo seu trabalho em A.A. Estas honras incluíram um título honorífico de Doutor em Leis, um filme sobre sua vida e um artigo na revista Time com sua fotografia na capa.

Bill nunca perdeu totalmente o sotaque de Vermont, o qual acrescentava certa malícia às histórias que ele contava de si próprio. Durante seus últimos meses de vida, com a saúde muito agravada, contava a quem o visitava na sua casa *"Stepping Stones"*, em Belford Hills, Nova York, a respeito de seus planos de voltar às atividades de negócios em Wall Street.

Em um dia de **1962**, depois de uma semi-aposentadoria na liderança ativa em A.A., aguardando no aeroporto encontrou um velho amigo de negócios. Entre alegres e surpresos reconheceram-se um ao outro. O amigo disse *"Bill, por onde você tem andado?"* Bill sentiu-se um pouco molesto porque o outro não soubesse e disse *"Eu acreditava que todo mundo soubesse que eu era o bêbado número um de A.A.";* decidiu deixar que o homem percebesse que ele tinha sido o fundador e perguntou: *"Você ouviu alguma vez falar de Alcoólicos Anônimos?" "É claro que sim"*, disse o velho amigo *"alegra-me muito que finalmente tenha ingressado em A.A. Gostaria de trabalhar comigo outra vez?"*. E Bill foi trabalhar com ele outra vez.

Com essa atitude sinalizou que ele estava fazendo o que sempre falava para os outros fazerem, isto é, que não dedicassem seu tempo integralmente a A.A.; que voltassem ao exercício das suas profissões, mas mantendo a mente em A.A. Entretanto, ele não tinha feito isso até se encontrar com seu velho amigo de Wall Street.

Bill pronunciou uma palestra no Centro de Estudos sobre o Álcool na Universidade de Yale. Foi um dos primeiros diretores do Conselho Nacional de Alcoolismo. Dirigiu-se à Associação de Psiquiatria Norte-americana e a outras associações de médicos e contribuiu com vários livros não A.A. sobre alcoolismo.

Em **1968** participou do Congresso Nacional sobre Álcool e Alcoolismo em Washington, D.C., e em **1969** depós perante um subcomitê do Senado que estava estudando o problema do alcoolismo.

Bill foi um dos primeiros e mais ardentes incentivadores dos Grupos Familiares Al-Anon. Dizia que eram *"uma das coisas mais importantes que aconteceram desde o começo de A.A."*

Em todas estas atividades sempre teve o cuidado de honrar a Tradição do Anonimato no nível público. Nunca deixou que fosse publicada nenhuma fotografia sua ou que seu sobrenome fosse publicado na rádio, televisão ou jornais escritos. Na década de **1960** interessou-se pela Associação Norte-americana de Esquizofrenia e ajudou a tornar este movimento de saúde, voluntário, reconhecido. Teve o cuidado de esclarecer que fazia este tipo de trabalho como cidadão e não como representante de A.A.

Nunca recebeu salário

Bill nunca recebeu salário por seu trabalho em A.A. Um relatório financeiro seu está guardado nos arquivos do Escritório de Serviços Gerais – ESG, de Nova York, e pode ser visto por qualquer membro de A.A. interessado.

O relatório mostra que Bill recebeu apenas o valor dos direitos autorais pelos seus escritos e estes direitos retornarão à Junta após a morte dos herdeiros de Bill.

A maneira de pensar de A.A. a respeito do alcoolismo tal como resumida por Bill no livro *"Os Doze Passos e as Doze Tradições"* (Junaab, código **105**) produziu uma revolução no tratamento e na compreensão de um dos problemas mais antigos da história da humanidade.

Mas, Bill continuamente desaprovou ideais grandiosos para A.A. dizendo repetidamente: *"Apenas tocamos na superfície"*, fazendo notar que A.A. tocou apenas a um milhão dos vinte milhões de alcoólicos que há aproximadamente no mundo.

Receando dos perigos do egoísmo e do orgulho, Bill repetia frequentemente que o coração da recuperação era o serviço do Decimo Segundo Passo onde a única recompensa é a sobriedade da pessoa que presta o serviço. Começa com uma comunicação muito profunda que Bill costumava chamar *"linguagem do coração"*, uma frase compreendida e apreciada por alcoólicos de todos os lugares do mundo.

Bill trabalhou incansavelmente para fazer de A.A. um movimento espiritual que estivesse por cima e além das pessoas individuais e que sobrevivesse a seus fundadores. Agora chegou o momento de demonstrar que seu trabalho não foi em vão. Uma história muito prezada por Bill serve para lembrar como ele sentia.

Quando se soube que o Dr. Bob sofria de uma doença incurável, alguns membros de A.A. mostraram-lhe os desenhos de um mausoléu muito elaborado o qual se propunham a construir na sua sepultura, *"algo grandioso como corresponde a um fundador"*.

O Dr. Bob, com grande prazer e uma humildade comovente mostrou os planos a Bill dizendo: *"Abençoados sejam; fazem-no por bem, mas por Deus, Bill, deixe que enterrem você e eu exatamente como aos outros sujeitos"*. E assim foi.

Embora Bill se tenha ido, sentiremos sua falta e ficaremos tristes, sabemos que ele gostaria que nós sentíssemos que apenas passou a vivenciar outra experiência. Tudo o que ele fez e significou para nós como AAs irá permanecer para sempre nos corações dos ficamos para trás e nos que estão por vir. Queremos muito a Bill e sabemos que Lois sabe do amor que temos por ela.

Mas, como ele dizia com frequência, *"dentro de A.A. nosso trabalho é mais importante que nossas pessoas. Os recém-chegados em A.A. devem ser saudados e ajudados muito depois que tenhamos ido"*.

Dessa maneira, Bill provavelmente pediria apenas como tributo à sua memória, que estendamos a mão oferecendo ajuda ao próximo bêbado que entre cambaleando esta noite numa reunião de A.A.

Por enquanto, até logo, Bill.

Bem-vindo, recém-chegado.

Bill antes de A.A.

Nascido em East Dorset, Vermont, no dia 26 de novembro de **1895**, Bill foi o único filho homem de Emily e Gilman Barrows Wilson. Recebeu sua primeira educação numa escola de duas

salas em East Dorset e depois em Rutland, Vermont; em **1909** foi estudar no Seminário Burr and Burton em Massachussets e depois na Escola Superior de Arlington, Massachussets.

Casa em East Dorset, Vermont, onde Bill W. nasceu.

Em **1914** começou um curso de Engenharia Elétrica na Universidade de Norwich, Vermont que foi interrompido para ingressar na escola de treinamento de oficiais em Platsburg, Nova York, em maio de **1917**. Como milhares de soldados que foram à Primeira Guerra Mundial, Bill teve sua primeira experiência com o álcool durante o serviço militar. No dia 24 de janeiro de **1918**, casou-se com Lois Burnham na Igreja Suedemborgiana Nova Jerusalém, no Brooklin, Nova York. Depois partiu para a guerra na França com o Batalhão de Artilharia 66 onde serviu como segundo tenente.

Casa de Bill e Lois no Brooklin, Nova York City

Em **1921** começou a trabalhar como investigador de fraudes para a firma de seguros U.S. Fidelity and Guaranty de Nova York, e foi aí que começou sua carreira em Wall Street que floresceu até **1931**.

Poucos eram os que sabiam quando a bebida o deixava fora de controle e ele mesmo tampouco o reconhecia. Isto aconteceu durante os anos da Lei Seca quando a bebida alcoólica era feita em casa ou consumida em bares clandestinos que proliferavam em todas as quadras. Sua maneira de beber logo se tornou um problema muito sério.

Perdeu um emprego excelente, a casa do Brooklin foi confiscada por falta de pagamento, tornou-se um arrimado nos negócios da bolsa. Lois teve que procurar trabalho para o sustento dos dois.

No dia do Armistício, em novembro de **1934** começou sua última relação com a bebida que terminou no dia 11 de dezembro de **1934** quando Bill foi admitido pela última vez no Hospital Towns.

Aqui começa a história de A.A.

Grapevine em memória de Bill

A próxima edição da revista *Grapevine*, da qual Bill era um colaborador assíduo, será dedicada à sua memória. Uma sessão sobre sua biografia estará acompanhada de muitas fotografias.

N.T.: *Você poderá encontrar esta matéria na edição de março/**1971**, no endereço:*

http://da.aagrapevine.org/browsedate.php?dt=1971_3

Em honra à memória de Bill

Lois, a viúva de Bill, deseja comunicar sua gratidão aos milhares de amigos pelas mensagens de simpatia e pesar, uma vez que seria fisicamente impossível agradecer a cada um pessoalmente.

Bill e Lois tinham pedido que não fossem enviadas flores. Entretanto, os membros que desejarem podem fazer contribuições a um fundo especial em memória para ser administrado pela Junta de Serviços Gerais de A.A. destinado a fins especiais.

Para resguardar a Tradição de A.A., apenas serão aceitas contribuições de membros de A.A.

Os cheques podem ser enviados a *"Memorial Fund, P.O. Box 459, Grand Central Station, New York, N.Y. 10017"*.

Muitos enviam seus últimos respeitos

As cartas seguintes são apenas uma amostra dos tributos feitos a Bill recebidos no escritório de Serviços Gerais - ESG, de Nova York. Carta dirigida ao jornal New York Times, no dia 29 de janeiro de **1971**:

"Como médico que trabalhou durante muitos anos com alcoólicos em um dos grandes hospitais da cidade e, agora como administrador de um dos programas nacionais sobre alcoolismo, sinto uma profunda dor pela perda deste homem a quem nunca conheci. Não apenas estão de luto e agradecendo porque Bill tenha vivido os alcoólicos recuperados, mas também nós, os profissionais compartilhamos estes sentimentos e manifestamos nossa gratidão por nos ter mostrado a maneira de aceitar o alcoólico como uma pessoa digna de atenção e capaz de ser ajudada. A Associação de Alcoólicos Anônimos foi a primeira a mostrar que a vida do alcoólico não era uma causa perdida. Enquanto a medicina, a psiquiatria e as entidades sociais demoravam em reconhecer o alcoolismo como uma doença tratável, Alcoólicos Anônimos já tinha começado a acumular recuperações bem-sucedidas".

Dr. Norris E. Chafetz

Diretor, Programa de Alcoolismo...

"... Quão sábio você foi durante todos estes anos... Todos tivemos um raio de esperança, mas o seu foi de instintiva sabedoria – o "tato", *a comunicação entre dois corações cheios de amor, o presente da sensibilidade e a graça da recuperação ajuda a nos ver em você. Você foi o primeiro a fazer-nos ver o quanto queríamos coloca-lo num pedestal, que Deus nunca escolhia homens perfeitos para levar Sua mensagem"*

Um membro de A.A.

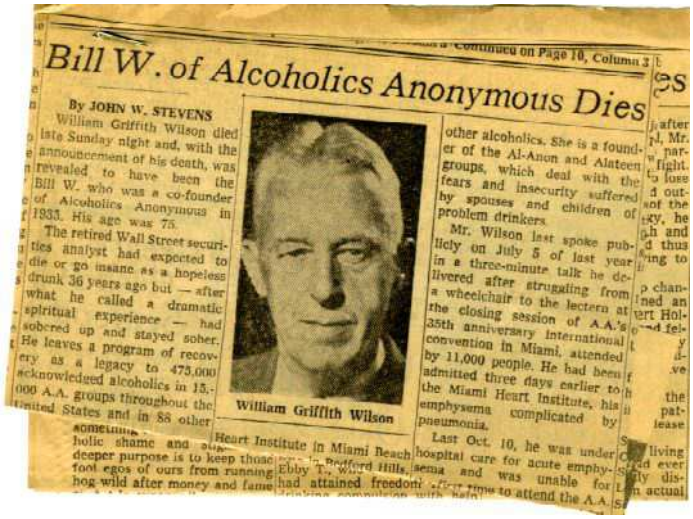
"Sinto que Bill não nos deixou, mas apenas mudou de endereço. Vive conosco e sempre será assim...

Nunca será esquecido".

Um membro de A.A.

N.T.: *O texto a seguir faz parte integrante da mesma edição do* ***Box 4-5-9****; é uma reprodução, com permissão, do artigo do jornal* **New York Times** *publicado na terça feira dia 26 de janeiro de* ***1971***, "Bill W. of Alcoholics Anonymous Dies" *assinado por* ***John W. Stevens.***

Morre Bill W. de Alcoólicos Anônimos



Bill W. of Alcoholics Anonymous Dies

By JOHN W. STEVENS

William Griffith Wilson died late Sunday night and, with the announcement of his death, was revealed to have been the Bill W. who was a co-founder of Alcoholics Anonymous in 1933. His age was 75.

The retired Wall Street securities analyst had expected to die or go insane as a hopeless drunk 36 years ago but — after what he called a dramatic spiritual experience — had sobered up and stayed sober. He leaves a program of recovery as a legacy to 475,000 acknowledged alcoholics in 15,000 A.A. groups throughout the United States and in 88 other

William Griffith Wilson

other alcoholics. She is a founder of the Al-Anon and Alateen groups, which deal with the fears and insecurity suffered by spouses and children of problem drinkers.

Mr. Wilson last spoke publicly on July 5 of last year in a three-minute talk he delivered after struggling from a wheelchair to the lectern at the closing session of A.A.'s 35th anniversary international convention in Miami, attended by 11,000 people. He had been admitted three days earlier to the Miami Heart Institute, his emphysema complicated by pneumonia.

Last Oct. 10, he was under hospital care for acute emphysema and was unable for

Heart Institute in Miami Beach

Ebby T., Bedford Hills,

had attained freedom

William Griffith Wilson morreu na madrugada do domingo e com o anúncio de sua morte, foi revelado que ele era Bill W. o cofundador de Alcoólicos Anônimos em **1935**. Tinha 75 anos.

Ao seu lado estava sua esposa, Lois, que lhe fora leal durante seus anos de *"bêbado decadente"* e que mais tarde trabalhara ao seu lado para ajudar outros alcoólicos. Ela é uma das fundadoras dos Grupos Familiares Al-Anon e Alateen, que lidam com os medos e insegurança sofrida por cônjuges e filhos de bebedores-problema.

Como Bill W., o Sr. Wilson compartilhou o que ele chamou de *"experiência, força e esperança"* em centenas de palestras e escritos, mas – por ter tido a consciência que era *"apenas mais um cara chamado Bill, que não podia lidar com a bebida"* - seguiu o conselho dos companheiros alcoólicos, e recusou um salário por seu trabalho em favor da Irmandade. Ele sustentava-se (e mais tarde também sua esposa) com os direitos autorais dos livros de A.A.

O Sr. Wilson deu permissão para quebrar seu anonimato de A.A. após a sua morte em um comunicado assinado em **1966**. O papel do Dr. Robert Holbrook Smith como o outro fundador da irmandade mundial foi divulgada publicamente quando o cirurgião de Akron, Ohio, morreu de câncer em **1950**, após 15 anos de sobriedade ininterrupta.

Ao criar a doutrina que os membros não devem revelar sua filiação a A.A. a nível público, Bill W. explicou que *"o anonimato não serve apenas para nos proteger da vergonha e do estigma do alcoolismo; seu propósito mais profundo é evitar que nossos egos tolos corram como um animal selvagem atrás de dinheiro e fama, às custas de A.A."*.

Sentimento de inferioridade

O Sr. Wilson evitava a eloquência e eufemismos e impressionava seus ouvintes com a simplicidade e franqueza de sua *"história"* de A.A.

Em sua terra natal, East Dorset, Vermont, onde ele

ANONIMATO

Ao acontecer sua morte, o nome completo de Bill foi levado ao conhecimento do público pela Junta de Serviços Gerais pela primeira vez através da imprensa.

Este pode ter sido um dos segredos melhor guardados durante os tempos modernos – acontecimento extraordinário nestes tempos em que as personalidades e celebridades são tão importantes.

Pessoas bem informadas sabiam desde fazia bastante tempo que o anonimato de Bill não poderia ser mantido a nível público no noticiário da sua morte. Por esta razão, a Junta fez esta exceção à Tradição. Bill e Lois haviam concordado.

Informação exata e fotografias foram dadas pela Junta à imprensa para compor o obituário. Esta atitude pode até ter enfatizado ainda mais a importância do anonimato tradicional dos AAs.

nasceu em 26 de novembro de **1895** e onde frequentou uma escola de ensino fundamental que tinha apenas duas salas, lembrou, *"eu era alto e desajeitado, e me sentia muito mal porque crianças menores me empurravam pra lá e pra cá. Lembro-me de ter ficado deprimido por um ano ou mais, então tive uma determinação feroz de ser vencedor, ser o homem nº 1".*

"Nos anos loucos", ele lembrou, *"Eu estava bebendo para sonhar grandes sonhos de poder e grandiosidade"*. Sua esposa foi ficando cada vez mais preocupada, mas ele assegurou que *"os homens geniais criam seus melhores projetos quando estão bêbados".*

Ajuda do Grupo de Oxford

No final de **1934**, ele foi visitado por um antigo companheiro de bar, Ebby T., que disse ter-se da compulsão de beber com ajuda do grupo *"First Century Christian Fellowship* – Companheirismo Cristão do Primeiro Século *(agora conhecido como Rearmamento Moral)"*, então conhecido como Grupo de Oxford, um movimento fundado na Inglaterra, pelo falecido Dr. Frank N. D. Buchman.

Um mês depois, Bill W. estava cambaleante no Towns Hospital, uma instituição de Manhattan, para o tratamento de alcoolismo e dependência de drogas. O Dr. William Duncan Silkworth, seu amigo, conduziu-o até a cama.

Então, o Sr. Wilson lembrou-se do que Ebby T. tinha dito: *"Você admite sua derrota, você começa a ser honesto com você mesmo... e reza para qualquer Deus que achar que existe, mesmo que seja para fazer uma experiência" Bill* W. acabou gritando: *"Se há um Deus, que se manifeste. Estou pronto para fazer qualquer coisa, qualquer coisa!".*

"De repente", disse ele, *"a sala iluminou-se com uma grande luz branca. Senti um êxtase que não há palavras para descrever. Parecia que um espírito estava soprando e não apenas um vento de ar. Com aquela explosão sobre mim libertei-me".*

Recuperando-se lentamente, e tomado por entusiasmo, o Sr. Wilson imaginou uma reação em cadeia entre bêbados, cada um levando a mensagem de recuperação para o próximo. Enfatizando em primeiro lugar a sua regeneração espiritual, e trabalhando juntamente com os Grupos Oxford, ele lutou durante meses para tornar o *"mundo sóbrio"*, mas não conseguiu muito.

"Olhe Bill", o Dr. Silkworth advertiu, *"você está pregando a esses bebuns. Você está falando sobre os preceitos de Oxford de absoluta honestidade, pureza, altruísmo e amor. Dê-lhes o enfoque médico, enfatize sobre a obsessão que os condena à bebida. Isso, passado de um alcoólico para o outro pode derrubar os duros egos".*

O Sr. Wilson, então, se concentrou na filosofia básica de que o alcoolismo é uma alergia física somada a uma obsessão mental - uma doença física, mental espiritual que, embora incurável, pode ser detida. Muito mais tarde, o conceito de doença do alcoolismo foi aceito por uma comissão da American Medical Association e pela Organização Mundial de Saúde.

Ainda sem beber, seis meses depois de sair do hospital, o Sr. Wilson foi a Akron, Ohio, para representar um comprador de ações. Ele perdeu o negócio, e estava prestes a entrar noutra disputa ao passar pelo bar no saguão do Hotel Mayflower. Em pânico, ele procurou a força interior e lembrou que ele tinha, até agora, ficado sóbrio ao tentar ajudar outros alcoólicos.

Através de canais do Grupo de Oxford, naquela noite, ele foi apresentado ao Dr. Robert Holbrook Smith, um cirurgião e, como ele, natural de Vermont, que em vão procurou curas médicas e ajuda religiosa para sua compulsão por bebida.

Bill W. conversou com o médico sobre seu antigo padrão de consumo e sua possível libertação da compulsão.

"Bill foi o primeiro ser humano vivo com quem eu já tinha falado que, inteligentemente discutiu meu problema a partir de uma experiência real". O Dr. Bob, como ficou conhecido, disse mais tarde. *"Ele falou a minha língua"*.

Os novos amigos concordaram em compartilhar entre si e com outros companheiros alcoólicos suas experiências, forças e esperanças. A sociedade de Alcoólicos Anônimos nasceu em 10 de junho de **1935**, o dia em que o Dr. Bob bebeu seu último gole e abraçou o novo programa.

O Sr. Wilson dizia que o Dr. Smith era *"a rocha sobre a qual A.A. está fundada. Sob seu apadrinhamento, com um pequeno apoio meu, o primeiro grupo de AA no mundo nasceu em Akron, em junho de **1935**"*.

http://www.aa.org/lang/sp/sp_pdfs/sp_box459_january_billmemorial71.pdf

Última mensagem de Bill W.

Meus queridos amigos:

Recentemente um membro de A.A. me enviou uma extraordinária mensagem a qual eu quisera compartilhar com vocês. Disse-me que era uma saudação árabe. Talvez não tenhamos Grupos de A.A. árabes, porém, é uma expressão que explica o que sinto por cada um de vocês. E disse: *'Saúdo-te e dou graças pela tua vida'.*

Meus pensamentos hoje em dia estão cheios de gratidão para com Nossa Irmandade pelo sem-número de bondades que nos têm dado a Graça de Deus.

Se me perguntassem qual dessas bondades era a responsável por nosso crescimento como Irmandade e mais vital para nossa continuidade, eu diria o *'Conceito do Anonimato'.*

O anonimato tem dois atributos essenciais para nossa sobrevivência individual e coletiva: o espiritual e o prático.

Ao nível espiritual o anonimato requer toda disciplina que somos capazes de dar; ao nível prático o anonimato tem dado proteção ao novo membro, nos têm dado o respeito e o apoio do mundo exterior, e nos protege daqueles que possam usar A.A. para fins doentios e egoístas.

Com o passar dos anos A.A. deve e continuará a mudar. Não podemos nem devemos retroceder no tempo. Sem dúvida acredito firmemente que o princípio do anonimato deve permanecer como primordial e permanente medida de segurança.

Enquanto aceitarmos nossa sobriedade em nosso tradicional espírito do anonimato continuaremos a receber as Graças de Deus.

É assim, mais uma vez os saúdo nesse espírito, e dou graças por vossas vidas.

Que Deus bendiga a todos para sempre.

Sempre seu:

Ever Yours Bill

Esta mensagem de despedida foi lida por Lois em novembro de 1970 durante o jantar de aniversário em que Bill completava 75 anos de idade.

Bill W. nasceu em East Dorset, Vermont, EUA, em 16 de novembro de 1895; morreu no dia 24 de janeiro de 1971 – data do 53º aniversário de seu casamento com Lois - horas depois de dar entrada no Instituto do Coração de Miami, Florida, EUA, em decorrência de enfisema pulmonar. Repousa no cemitério de East Dorset.

8.18. Tributo a Lois B. Wilson

Nova York, Nova York, 04 de março de **1891**
Mount Kisco, Nova York, 05 de outubro de **1988**
***Box 4-5-9*, Natal / 1988 (pág. 1 a 4)**
http://www.aa.org/newsletters/es_ES/sp_box459_holiday88.pdf
Título original: ***"In Memoriam: Lois W. 1891-1988".***

Lois Burnham Wilson – querida Lois W. para milhões de membros de A.A. e Al-Anon, e viúva do cofundador de A.A. Bill W., morreu tranquilamente no dia cinco de outubro de **1988**, com a idade de 97 anos.

Um mês antes, com aspecto um tanto delicado, mas com expressão muito viva, sentada numa cadeira no salão da casa que havia compartilhado com Bill, disse a uma visita, *"Sabe, vou chegar aos 100"*. Mas não conseguiu. Duas semanas depois de dizê-lo, ingressou no hospital de Northern Westchester. Padecendo de pneumonia nos últimos dias e não podendo falar, continuou se comunicando através de bilhetinhos escritos.

Cinco dias antes da sua morte, John B., diretor geral do Escritório de Serviços Gerais de A.A. – ESG, foi visita-la no hospital. Expressou-lhe sua gratidão pessoal e a da Irmandade inteira, porque, como disse John, *"os AAs devem suas vidas a você"*. Um ligeiro sorriso passou pelo rosto de Lois e num papel escreveu *"Não a mim, mas a Deus"*. John replicou *"Mas foi sua servidora"*. E Lois escreveu: *"Você também é"*.

Ao receber a noticia da morte de Lois, John disse: *"Ela foi a última dos quatro: o Dr. Bob e Anne, Bill e Lois. Sua morte marca o fim de uma era para Alcoólicos Anônimos"*.

Michael Alexander, não alcoólico, presidente da Junta de Serviços Gerais de Alcoólicos Anônimos, manifestou-se de maneira parecida na carta em que informou à Irmandade a morte de Lois: *"Nos primeiros dias, o futuro inteiro da nossa Irmandade e o de incontáveis alcoólicos pendiam do fio da resolução e capacidade de Bill W. e do Dr. Bob para perseverar nos seus esforços de fincar Alcoólicos Anônimos em terreno firme. Uma multidão de pessoas considera Lois Wilson como a pessoa sem cuja ajuda seu marido não teria podido persistir neste trabalho crucial. Bill costumava classifica-la como* 'uma sócia na participação plena' *nas penas e prazeres daqueles tempos. De fato, muitos AAs acreditam que devem suas vidas a Lois, a Bill, ao Dr. Bob e a Anne"*.

A tarde do sábado seguinte ao falecimento de Lois, umas cinquenta pessoas, parentes e amigos, reuniram-se para um serviço informal, ao estilo Quaker **(1),** no salão de Stepping Stones na frente do fogo crepitante que brilhava na chaminé. Nessa ocasião, Michael Alexander, falou dos muitíssimos talentos e facetas de Lois: foi não apenas a líder e a organizadora de Al-Anon, mas também escritora, poetisa, artista, musicista e oradora muito solicitada e muito afetiva, amante da natureza, dona de casa, anfitriã incansável e esposa devotada de Bill. *"Era uma grande e extraordinária dama e sentiremos muito sua falta"*.

Nessa tarde, outras pessoas compartilharam as lembranças comovedoras, agridoces e divertidas que realçaram o indômito que era seu espirito até o fim da vida, sua mente aguçada, seu

senso de humor, seu ímpeto exuberante. Ralph B., contratado pela antiga Fundação do Alcoólico (atual Junta de Serviços Gerais de A.A.) para escrever alguns dos primeiros folhetos de A.A. e visitante assíduo de Stepping Stones desde os primeiros tempos, disse quer ela era *"a força que mantinha as coisas em marcha enquanto Bill ficava pensando, escrevendo ou visualizando. De vez em quando eu contestava Bill, mas nem sequer pensaria em discutir com Lois"*.

Ron S. narrou a respeito de ter acompanhado Lois a um Rodeio de Motos na Califórnia, onde ela iria aparecer como oradora, havia apenas três anos. Enquanto empurrava a cadeira de rodas através do estacionamento do hotel, ela viu uma motocicleta grande e reluzente e lhe pediu para aproximá-la à moto para poder admirá-la. Então pediu que a fotografasse ao lado da moto. No dia seguinte, ao ser apresentada aos participantes do evento, foi nomeada membro honorária do Grupo de motociclistas em A.A., enquanto o auditório assobiava e aplaudia. *"Encantou lhe"*, disse Ron. Steve S., motorista de taxi em Bedford Hills, conseguiu que os presentes percebessem o essencial, contando em poucas palavras como Bill e Lois tocaram pela primeira vez sua vida quando ele era um bêbado, e como o ajudaram a transformar sua vida, oferecendo-lhe uma carinhosa amizade durante mais de 20 anos de sobriedade.

Lois nunca se deteve. Até as últimas semanas da sua vida, continuou aceitando convites para falar e planejando viagens. Participou dos jantares de abertura da Conferência de Serviços Gerais de A.A. e de Al-Anon, recebeu visitas e Stepping Stones e frequentemente ia almoçar com seus amigos. Fez um resumo da sua própria vida, naquilo que se relacionava com Bill e com A.A. nas seguintes palavras (extraídas do Prólogo de *Lois Remembers* – Lois se lembra):

"A recuperação de Bill foi conseguida apesar de mim. Embora tivesse trabalhado para ele alcança-la, durante toda nossa vida de casados não o tinha feito de forma apropriada. O amor que sentia, por muito verdadeiro que fosse, era também possesivo; e tão grande era meu ego que acreditava que o poderia transformar... Bill era minha vida... Durante os primeiros 17 anos da minha recuperação e da de Bill, não existia nenhuma irmandade para as famílias dos alcoólicos... Portanto, A.A. foi meu primeiro amor. Embora não seja alcoólica, ainda nestes dias sinto-me tão membro de A.A. como de Al-Anon, pelo menos em espirito".

Lois Burnham nasceu no dia quatro de março de **1891**, no Brooklin, Nova York a mais velha de seis irmãos. *"Minha infância foi muito feliz"*, escreveu.

Também tinha lembranças felizes dos verões que ia passar com seus avos na cabana de seus pais ao lado de um lago. Alegremente andava descalça, passeava na sua bicicleta, subia em arvores como um rapazinho mais. Com outras crianças nadava no lago, ou fazia passeios numa canoa, e mais tarde na medida em que ia crescendo, viajava a Manchester para jogar tênis, golfe ou dançar.

Ali conheceu Bill que era amigo do seu irmão Rogers. Bill e sua irmã moravam em Dorset com seus avos, porque seus pais estavam divorciados. No começo, Bill não lhe impressionou muito, já que era quatro anos mais novo que ela e nativo de Vermont, enquanto ela era uma veranista sofisticada. Entretanto, enquanto os dois passavam juntos muitas horas agradáveis, fazendo excursões, passeando de barco, fazendo piqueniques e acima de tudo, falando, seu interesse foi crescendo até que esqueceram as diferenças.

O casal mantinha seu amor através do correio – ela diariamente, ele mais esporadicamente. Bill foi entrando e saindo da Universidade de Norwich, e quando os EUA, declararam a guerra em **1917**, sua classe alistou-se no Exercito Reserva e Bill foi enviado a escola de Treinamento para oficiais. Foi nomeado subtenente em agosto e estacionado em New Bedford, Massachussets. Durante

esse período de dois anos e meio, visitavam-se com tanta frequência como lhes era possível no Brooklin e nos diversos postos onde Bill era destinado.

Pronto correu o boato de que o regimento de Bill iria embarcar para o estrangeiro, e o dia 24 de janeiro de **1918**, Bill e Lois se casaram. Os recém casados foram morar em New Bedford, e quatro meses depois mudaram para Newport, Rode Island. Durante a maior parte do noivado, Bill não bebeu uma única gota de álcool, uma vez que a maneira de beber de seu pai tinha contribuído muito para o divórcio dos seus pais. Mas agora, ocasionalmente bebia nas festas, e quando o fazia, ficava bêbado. Isso não preocupava a Lois porque ela acreditava que podia *"consertá-lo"*.

Durante a guerra, Lois trabalhou no Hospital Walter Reed, de Washington, D.C. Quando Bill voltou depois do Armistício, foram morar no Brooklin. Não tendo nenhum preparo para trabalhar na vida civil, Bill teve dificuldades para se orientar. *"Para poder refletir bem sobre a situação"*, disse Lois, *"fizemos uma longa excursão a pé através do Maine, New Hampshire e Vermont"*, dando inicio, assim, ao que seria um costume em toda sua vida. Bill estudou na Faculdade de Leis do Brooklin durante quatro anos enquanto Lois trabalhava como terapeuta vocacional.

Durante este período e nos anos seguintes, a maneira de beber de Bill piorava. Embora sempre sonhassem com ter filhos, Lois experimentou três gravidezes ectópicas **(N.T.:** *gestação que ocorre fora da cavidade uterina)* seguidas de intervenções cirúrgicas. Durante a última Bill estava bêbado demais par visita-la no hospital. Ao saber que não poderiam ter filhos fizeram um pedido de adoção numa agencia oficial que não teve efeito porque, aparentemente, uma das referencias informava que Bill bebia excessivamente.

Em **1925** houve um intervalo feliz, quando os dois abandonaram seus empregos e compram uma motocicleta com sidecar e foram trotar-mundo durante um ano.

Em **1929**, *"angustiada pela maneira de beber sem trégua de Bill"*, Lois desafogou seu coração num documento desgarrador, mas de uma perspicácia extraordinária. Dizia em parte:

"O que alguém deve pensar depois de tantos fracassos?... Se perdesse meu amor e minha fé, o que aconteceria então? Apenas enxergo o vazio, as rijas, o sarcasmo, o egoísmo... Amo meu marido mais do que possa expressar com palavras, e sei que ele também me ama. É um homem esplêndido, excelente... todos o amam... um líder nato... tão generoso que daria seu último centavo... tem um magnífico senso de humor e um vocabulário extraordinário... um orador convincente... uma memória fora do comum... Os detalhes o aborrecem, por ter uma mente clarividente, com perspectivas mais amplas. Está sempre pedindo a minha ajuda, e estivemos tratando de encontrar, sem parar durante cinco anos, uma solução para o seu problema com a bebida...".

Ao longo dos cinco anos seguintes, Lois teria que recorrer à sua força de espirito, enquanto seu marido ia afundando no desespero do alcoolismo. Ele foi perdendo emprego após emprego até se converter num desempregado. Lois conseguiu um trabalho como atendente numa grande loja de departamentos para poder comprar comida. Bill *"converteu-se num bêbado embrutecido pela bebida e não se atrevia a sair da casa"*, diz Lois. Duas vezes ingressou no Hospital Towns para desintoxicação e duas vezes o levou para viajar pelo campo, em Vermont, para cuidá-lo e ajuda-lo a recuperar a saúde. Nada disso serviu. Finalmente ele quase deixou de comer e bebia as 24 horas do dia.

Num dia no final do outono de **1934**, Bill voltou novamente ao Hospital Towns, e então teve a experiência espiritual que o transformou. Lois escreveu: *"Tão logo o vi no hospital, soube havia*

acontecido alguma coisa esmagadora... Seu ser inteiro expressava a esperança e a alegria... Daquele momento em diante, nunca duvidei que era um homem livre".

Depois de sair do hospital, Bill esforçou-se para tornar sóbrios todos os alcoólicos confinados no hospital, nas missões ou em qualquer lugar onde os encontra-se, sem obter sucesso algum. Lois e ele também começaram a assistir às reuniões do Grupo de Oxford.

Em maio de **1935**, Bill levou a mensagem ao Dr. Bob em Akron. Ao voltar para Nova York começou a ter sucesso no seu trabalho com outros alcoólicos. E começou a leva-los à sua casa na Rua Clinton. *"costumávamos ter até cinco em casa ao mesmo tempo"*, escreveu ele, *"e às vezes todos estavam bêbados ao mesmo tempo"*. Houve brigas e um suicídio – depois que a vítima tinha vendido a roupa e a bagagem de Bill e Lois avaliados em algumas centenas de dólares. Lois voltava para a casa esgotada por causa do seu trabalho na loja e ainda tinha que preparar o jantar para aquele bando de bêbados que nem sequer pagavam a comida.

Naquele então, Bill e Lois ainda assistiam as reuniões do Grupo de Oxford. Um domingo ocorreu um incidente de pouca importância, mas que mais tarde Lois diria que foi a virada da sua vida. Quando Bill disse ao acaso *"temos que nos apresar porque senão chegaremos atrasados à reunião do Grupo"*, Lois pegou seu sapato e atirou-o com toda a força contra Bill gritando *"ao diabo com suas malditas reuniões"*.

Mais tarde, ao analisar sua conduta, percebeu que sempre havia tido muita confiança no sem próprio poder: acreditava que era *"dona do seu destino"*. Agora se sentia ressentida porque os recém-encontrados amigos de Bill no Grupo de Oxford conseguiram, num abrir e fechar dos olhos, o que ela não havia conseguido em 17 anos. Ademais se tinha acostumado a dirigir a casa, como enfermeira, provedora da família, a que tomava todas as decisões; agora, Bill estava levando sua própria vida, passando uma grande parte do tempo com os alcoólicos que começavam a formar o primeiro Grupo de Nova York. Ela escreveu: *"Percebi que as obras boas e bem intencionadas frequentemente falham quando são feitas unicamente através do nosso poder; as únicas coisas verdadeiramente boas são alcançadas quando se descobre o plano de Deus e depois se põe em pratica"*. Destas reflexões nasceu, finalmente, Al-Anon.

Enquanto Alcoólicos Anônimos começava a enraizar-se e se desenvolver – ao abrir um escritório, escrever e publicar o Livro Grande, ao tempo em que os Grupos iam brotando em outras cidades, tanto a vida de Lois quanto a de Bill estavam tomadas por uma atividade febril. *"Foi uma época agitada e fecunda"*, disse Lois. Foi também uma época em que não tinham dinheiro algum. Depois de perder sua casa no Brooklin, viviam literalmente da caridade de seus amigos. Nos anos **1939** e **1940**, mudaram de casa 51 vezes! Em fevereiro de **1940**, enquanto estavam passando pela Grand Central Station, Lois sentou-se repentinamente na escada e desfazendo-se em lágrimas disse soluçando, *"Nunca iremos ter nosso próprio lar?"* Acabaram morando num quarto pequeno no velho local do Clube da Rua 24ª, em Manhattan mobiliado com uma cama emprestada e duas caixas de laranja vazias.

Suas peregrinações terminaram em abril de **1941**, quando lhes foi possível comprar a bela casa em Bedford Hills, Nova York, que mais tarde foi batizada de *"Stepping Stones"*. Com seu telhado de quatro aguas, de telhas marrons, está rodeada de árvores e situada numa colina\de onde se pode ver um vale. Não foi apenas um lar para o resto das suas vidas, mas também a Meca para inúmeros membros de A.A. e de Al-Anon em todos os anos vindouros.

Na década dos anos de **1940**, Bill e Lois fizeram muitas viagens a todas as partes do país e na primavera de **1950**, a oito países de Europa. Lois descobriu que em muitos lugares, as esposas e familiares dos AAs estavam-se reunindo nos seus próprios Grupos, e normalmente ela falava nestas reuniões. Em **1951**, Bill recomendou-lhe que abrisse um escritório de serviços para os Grupos Familiares. No começo ela relutou em fazê-lo porque estava muito entusiasmada cuidando da casa e do jardim de Stepping Stones. Enquanto isso foi considerando essa necessidade e depois de se reunir com outras esposas para expor a ideia, Lois abriu um escritório de serviços com a ajuda de uma amiga, Anne B. Começando com uma lista facilitada pelo Escritório de Serviços Gerais – ESG, contendo os nomes de pessoas e Grupos que tinham se dirigido ao ESG pedindo ajuda, em pouco tempo tinham mais trabalho do que podiam fazer sozinhas. Mudaram seu centro de atividades de Stepping Stones para o Clube da Rua 24ª, onde recrutaram voluntarias para ajuda-las. E assim foi que se formou Al-Anon. Atualmente (**1988**), existem 30.000 Grupos, incluindo os de Alateen, em todas as partes do mundo.

Em **1955**, na Convenção Internacional de St. Louis, Bill deixou suas responsabilidade como líder de A.A. e as entregou aos Grupos que trabalham através da Conferência de Serviços Gerais. Lois fez o primeiro discurso depois da cerimonia da *"maioridade"* de A.A. De fato, Lois assistiu e participou de todas as Convenções Internacionais desde **1950** até **1985**.

No começo de **1970**, Bill caiu ao chão quando estava consertando o telhado da sua casa. Isto marcou o começo da debilitação da sua saúde. Seu enfisema piorou notavelmente. Depois de sua breve apresentação na Convenção Internacional de Miami Beach, em julho daquele ano, passou a requerer cuidados constantes, primeiro de Lois e depois de enfermeiras durante as 24 horas do dia. Bill morreu no dia do 53º aniversário do seu casamento, o dia 24 de janeiro de **1971**. Lois esteve ao seu lado até as últimas horas.

Sua presença na Convenção Internacional do 50ª aniversário de A.A. e na de Al-Anon que coincidiu com esta, em Montreal, Canadá, em julho de **1985**, foi como o ápice simbólico da vida de Lois. Com a idade de 94 anos dirigiu suas palavras a um auditório de mais de 45.000 pessoas que a ouviram num respeitoso silencio. A mesma aparição da sua pequena figura no palco no centro do enorme Estádio Olímpico fez ficar em pé aquela imensa multidão com os rostos banhados pelas lágrimas, para lhe oferecer uma ovação clamorosa que parecia não ter fim.

Desde a morte de Bill, Lois se preocupava com que Stepping Stones continuasse aberta para os membros de A.A. e de Al-Anon depois da sua própria morte. Também desejava utilizar uma parte substancial do dinheiro proveniente do testamento de Bill (principalmente dos direitos autorais dos livros de A.A. que Bill escreveu) para patrocinar a educação a respeito do alcoolismo e a prevenção da doença. Com essa finalidade, criou em **1979** a Fundação Stepping Stones.

Até quase seus 90 anos, Lois insistiu em viver com independência, sem mais ninguém que uma empregada para ajuda-la. Mais tarde, depois de sofrer várias quedas e fraturas, rodeou-se de assistentes e ajudantes que, junto com seus dedicados amigos, lhe fizeram possível viver sus últimos anos com comodidade. A equipe foi encabeçada por Nell Wing, a assistente e secretária de Bill durante 27 anos e companheira de Lois por toda sua vida; também esteve Ann Burnham Smith, prima de Lois e outros íntimos carinhosos.

No dia 20 de outubro de **1988** aconteceu na histórica e bonita Marble College Church de Nova York, um serviço comemorativo para Lois Wilson. Esta grande Igreja estava lotada para o serviço. No seu discurso, o ministro, o Dr. Arthur Calliano, destacou o fato de que tantas pessoas se

apresentassem para assistir as exéquias de uma pessoa de 97 anos de idade – destacou que os presentes simbolizavam a grande família de milhões de pessoas que estavam vivendo uma nova vida graças a Bill e Lois.Ethyl Dumas, dedicada enfermeira de Lois durante mais de quatro anos – e a quem Lois colocou o nome *"Eterna Ethyl"*, lembra: *"Essa dama sempre sabia o que queria"*. Ela conta que na tarde do dia 5 de outubro, Lois escreveu num bilhete: *"... quero dormir"*. *"E foi isso precisamente o que ela fez"* disse Ethyl.

Importante: as citações de Lois foram extraídas de *"Lois Remembers"* © **1979**, pela sede dos Grupos Familiares de Al-Anon, Inc., com permissão.

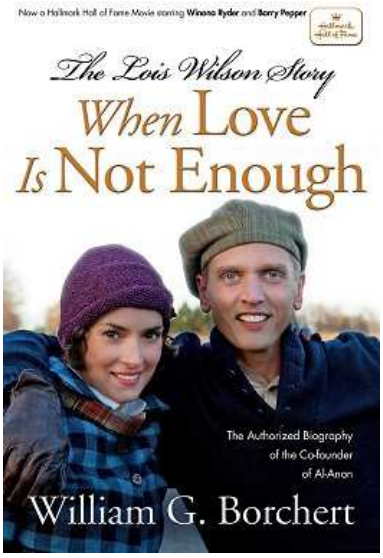
http://www.aa.org/newsletters/es_ES/sp_box459_holiday88.pdf

N.T. (1): O culto dos "*Quakers não programados"* consiste numa *reunião silenciosa*, de mais ou menos uma hora, durante a qual toda pessoa pode ser chamada a oferecer uma mensagem proveniente do Espirito.

Entre os "*Quakers programados"*, também costuma haver *adoração silenciosa*, porem, durante menos tempo, e como parte de um serviço religioso mais ao estilo *Protestante.*

http://es.wikipedia.org/wiki/Sociedad_Religiosa_de_los_Amigos

N.T. (2): *O livro ao lado é uma edição comemorativa para o lançamento pela rede CBS de televisão do filme* ***"When Love Is Not Enough",*** *ou, numa tradução livre,* "Quando o Amor Não é Suficiente". *Escrito, com autorização, por William G. Borchert, o mesmo autor de* "Meu nome é Bill W." *de* ***1989****. O filme, com 95 minutos de duração foi produzido por Terry Gould e dirigido por John Kent Harrison; o casal Lois Burnham e Bill W. é interpretado por Winona Ryder e Barry Pepper (na capa). O filme estreou na CBS no dia 25 de abril de* ***2010*** *e conta a história de Lois Wilson, a mulher do homem que cofundou Alcoólicos Anônimos, a quem ficou impotente por longos e atormentados 17 anos de uso abusivo de bebidas alcoólicas, acreditando que seu amor incondicional poderia levá-lo a alcançar a sobriedade. Mas não podia. Filha de uma família de classe média-alta, esta mulher amorosa e determinada viu seu marido, Bill Wilson, destruir sua carreira, seus relacionamentos e sua saúde, perambulando por dentro e por fora de sanatórios para alcoólicos enquanto se aproximava do ponto de insanidade e da morte. Escavando cada vez mais seu poço de angústia, em mais uma de tantas outras vezes, o viu chegar bêbado e desmaiar no corredor de sua casa, na Rua Clinton, no Brooklin; já não suportando mais, desta vez ela partiu para cima dele e histericamente gritou em desespero:* ***"Você não tem sequer a decência de morrer".***


Now a Hallmark Hall of Fame Movie starring Winona Ryder and Barry Pepper
The Lois Wilson Story
When Love Is Not Enough
The Authorized Biography of the Co-founder of Al-Anon
William G. Borchert

A comovente história por trás dessa dolorosa cena, tantas vezes repetida, e depois de uma experiência espiritual acontecida a Bill W., levou a dois dos mais importantes movimentos do século XX: Alcoólicos Anônimos e os Grupos Familiares Al-Anon.

O livro pode ser adquirido na **hazelden.com** *e na* **amazon.com**

O filme pode ser baixado em:

http://www.baixargratis.tv/filmes/when-love-is-not-enough-the-lois-wilson-story-2010-dvdrip-xvid-aaf.html